

Perdidos

SÉRIE AMORES IMPERFEITOS LIVRO QUATRO

BRUNA PALLAZZO

Perdidos

SÉRIE AMORES IMPERFEITOS LIVRO QUATRO

BRUNA PALLAZZO

Copyright © 2023 por Bruna Pallazzo

Perdidos

1ªedição

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meios eletrônicos ou mecânico sem consentimento e autorização por escrito do autor/editor.

Revisão: Rafaela Horn & Tan Wenjun & Evelyn Fernandes
Leitura Sensível: Evelyn Fernandes & Natália Tilcailo (CRP: 06 145810)
Capa: Lilly Design
Diagramação: April Kroes
Ilustração: Gabriela Gois

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com fatos reais é mera coincidência. Nenhuma parte desse livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes – tangíveis ou intangíveis – sem prévia autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do código penal.

TEXTO REVISADO SEGUNDO O ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA.

Sumário

Sumário
Sinopse
Notas da autora
Avisos
Playlist
Epígrafe
Carta da diretora
Prólogo
Capitulo 1
Capitulo 2
Capitulo 3
Capitulo 4
Capitulo 5
Capitulo 6
Capitulo 7
Capitulo 8
Capitulo 9
Capitulo 10
Capitulo 11
Capitulo 12
Capitulo 13
Capitulo 14
Capitulo 15
Capitulo 16

Capitulo 17
Capitulo 18
Capitulo 19
Capitulo 20
Capitulo 21
Capitulo 22
Capitulo 23
Capitulo 24
Capitulo 25
Capitulo 26
Capitulo 27
Capitulo 28
Capitulo 29
Capitulo 30
Capitulo 31
Capitulo 32
Capitulo 33
Capitulo 34
Capitulo 35
Capitulo 36
Capitulo 37
Capitulo 38
Capitulo 39
Capitulo 40
Capitulo 41
Capitulo 42
Capitulo 43
Capitulo 44
Capitulo 45
Capitulo 46
Capitulo 47

Capitulo 48
Capitulo 49
Capitulo 50
Capitulo 51
Capitulo 52
Capitulo 53
Epílogo
Bônus
Agradecimentos

Sinopse

PERDIDOS

SÉRIE AMORES IMPERFEITOS – LIVRO 4

Eu escondo um segredo.

Um que me prende.

Tira-me o sono.

Ninguém vê que, por baixo da minha coroa, existe um homem amargurado e ferido.

Eu não deixo que as pessoas vejam as minhas dores.

Elas são apenas minhas.

Meu coração se quebrou.

Minha alma se corrompeu.

E tudo o que já fui um dia, morreu junto com aquilo que eu tinha de mais precioso.

Mas então, tem ela.

A garota que não só me provoca reações, mas também sentimentos.

Mágoa.

Rancor.

E ódio.

Muito ódio.

Tanto que, às vezes, parece que vai me sufocar.

Um rei e uma rainha.

Uma guerra fria que já perdura há anos.

Um confronto que sempre desperta o meu pior.

Ela não é minha tábua de salvação.

Ela não é nada para mim.

Mas, mesmo que eu não entenda, às vezes, o ódio que sinto por ela faz o meu coração voltar a bater.

Mesmo que não faça sentido, é nos olhos da minha inimiga que eu encontro tudo aquilo que perdi.

Notas da autora

Perdida. É assim que eu fiquei quando Sebastian me pediu calma e disse que tinha algo para me contar, algo que me escondeu por quase dois anos. Eu chorei. Por desespero. Por medo. Por pena.

Ainda me lembro quando Sebastian apareceu para mim pela primeira vez. Foi em uma cena na qual Matteo estava em um treino e falava com Noah sobre o campeonato. No fundo do vestiário, estava a estrela do time. Cabelos compridos, fones nas orelhas e uma pose metida a besta, que logo de cara eu odiei. A verdade é essa: eu odiei Sebastian Sinclair, e ele não ligou. Me olhou com aquele olhar de dominador que me irrita e sorriu de uma maneira cretina, como se dissesse: *“Vamos jogar, Bru?”.*

Eu não queria. Sou medrosa e tudo que envolvia Sebastian me dava medo. Seu jeito atrevido e sabe tudo, suas respostas ácidas e falta de empatia, sua arrogância e prepotência...

Ele me dava medo. E ódio.

Sebastian me gerava muito, mas muito ódio.

E ele amou isso. Ele me amou logo de cara. Vai parecer loucura, mas acho que já somos íntimos o suficiente para você entender que normal, eu não sou. De alguma forma, eu sinto meus personagens, e tudo o que senti naquele dia foi uma mistura muito louca de ódio e amor.

Era confuso. Era meio desesperador. Eu sabia que não deveria escutá-lo.

Mas, contrariando o meu bom senso, eu aceitei.

Eu quis brincar com ele.

A primeira vez dele comigo foi para dizer que a melhor amiga ruiva não era a mulher certa para ele. Eu já tinha começado Estilhaçados, os enredos estavam prontos. Ele não queria algo tranquilo, ele queria queimar.

Ele queria que fosse arrebatador.

Eu? Eu quis chorar. Sebastian é chato, exigente e tem uma tendência controladora muito perigosa.

Meus personagens não nascem com seus pares, eu que tenho que descobrir quem vai dar certo com quem.

Ninguém dava certo com esse cretino. Sério, ninguém!

Ela não era dele.

Mas ela era difícil.

Ela era quebrada.

Ela tinha um passado difícil.

Ela o odiava.

Ela foi minha maior dor de cabeça por anos. Ela foi a minha pior versão.

Por que não?

Por que não pegar a única pessoa do mundo que ele não queria e fazê-lo cair de quatro por ela? Ele já tinha me irritado o suficiente com essa história da melhor amiga. Sebastian passou Estilhaçados inteiro emburrado, não falava muito e nem queria dar uma única brecha para vocês e eu conhecê-lo.

Se ele é teimoso, eu sou bem mais.

Dessa vez, nem me desesperei.

Tinha coisas que quem mandava era ele, outras, era eu.

Eles seriam um casal. E seriam um casal épico.

Aos poucos, ele foi se abrindo. No fundo, ele sempre confiou em mim, mesmo que não concordasse comigo. “*Como você vai transformar ódio em amor, Bru?”* Era o que ele me perguntava toda vez, e minha resposta era sempre a mesma: “*Onde queima ódio, pode ter um incêndio de amor”.*

Estou entregando a vocês o que eu chamo, carinhosamente, de *meu maior ato de loucura.*

Eles não são apenas uma queimada, são um vulcão que derrete o gelo dos corações mais difíceis.

Eles são, por definição, o poço da imperfeição.

Então, se prepare, pois Sebastian não é um mocinho fácil de amar. Ele irrita, consome e gera muito, mas muito ódio. É quase um dom que ele carrega. Estou dizendo tudo isso porque você, leitor, precisa entender que esse moleque do caralho não tem limites quando o assunto é buscar o que ele quer.

E sua falta de limite também vale para afastar tudo aquilo que ele não quer. Tudo aquilo que ele não gosta.

Entendeu o tamanho do problema que eu meti todos nós, né? Pois é…

Eles são o retrato de tudo aquilo que escondi por muito tempo. Eles são o retrato da minha maior dor, da minha maior perda… Eles são fruto de uma parte minha que eu aprendi a desligar.

Em Estilhaçados, eu te entreguei minha coragem. Em Mascarados, minha verdade. Em Envenenados, meu coração. Agora, eu te entrego... minhas sombras.

Elas não são bonitas. Elas estavam escondidas por uma razão.

Mas todo sol tem sua tempestade.

Tudo que é bonito esconde uma feiura.

Essa é a minha.

E, agora, eu a amo.

Bruna Pallazzo.

Avisos

Perdidos é um livro destinado aos adultos, ou seja, para pessoas com mais de dezoito anos.

Além de conter cenas de sexo explícito, prática de BDSM, linguagem de baixo calão e consumo de drogas lícitas e ilícitas, também tem conteúdos sensíveis, tais como:

Luto; ***suicídio (ideação suicida e tentativa gráfica de suicídio)****; depressão; alienação parental; relação familiar tóxica; bullying; violência física, verbal e psicológica.*

Se você tiver gatilho com algum desses temas, preserve sua saúde mental e não leia este livro. Os assuntos aqui tratados são extremamente sensíveis e sérios. Caso você esteja passando por um momento difícil, procure ajuda. Depressão e outros transtornos mentais, que tem como um dos sintomas a ideação suicida, tem tratamento.

O CVV (Centro de valorização da vida) sempre está pronto para te atender. **Disque 188**.

Cuide-se.

Bruna Pallazzo.

Playlist

OUÇA NO SPOTIFY CLICANDO aqui.




03
03

Para a garota de dezesseis anos que jogou uma rosa no caixão do pai, pensando que tinha perdido tudo.

Você não perdeu.

Você viveu.

Você o honrou.

Seu pai te criou para ser imperfeita e feliz.

Apenas seja.

Epígrafe

Tem histórias
que acabam,
mas não
terminam
nunca.
@falabibiela

Carta da Diretora

Caros alunos,

O tempo nos constrói pouco a pouco, mas a única coisa que realmente importa é o que somos aqui e agora. Neste momento.

Somos feitos de presente.

Somos feitos de momentos.

Sentada aqui, na minha poltrona, sinto uma espécie de aperto no peito por estar me despedindo de uma das minhas melhores turmas. Sim, eles são terríveis. Eles me tiram do sério, me atormentam, mas eu me apeguei a cada um deles.

Ainda me parece loucura imaginar os corredores sem eles. Mais loucura ainda, ver aquelas camisetas serem passadas para outros jogadores.

Porém, como eu disse, somos feitos de momentos. E tudo o que um dia começa, chega ao fim.

Eles precisam crescer. E nós precisamos deixar que novos alunos surjam. Porém, antes de os meus queridos delinquentes irem embora da minha grande gaiola dourada, eu devo algumas coisinhas a um deles.

Sebastian Sinclair, também conhecido como capitão, é sério, centrado e de uma paciência curta. É o último rei a precisar de uma atenção especial desta diretora que vos escreve.

Se vocês me perguntarem por que eu o deixei para o final, a minha resposta será tão sincera quanto as verdades que o próprio joga na cara dos amigos sempre que pode.

Ele é o mais difícil.

Ele é o mais rancoroso.

Ele é o que tem a maior saudade.

Ele é o único que tem um problema o qual eu não consigo resolver.

Como se eu não tivesse problemas o suficiente, uma mocinha muito bocuda e teimosa entrou na minha sala pedindo uma vaga, não apenas na turma de filosofia, como também no time de futebol feminino.

Ela não parecia se encaixar aqui, mas, no momento em que coloquei meus olhos nela, percebi que ela se encaixava perfeitamente *nele*.

Ela era ele.

Ele era ela.

Eles merecem um final feliz.

Porém, como sempre, temos um problema.

Ele a odeia.

Ela não o suporta.

Eles estão sempre em guerra. E nada parece fazê-los dar certo.

Vamos à nossa última batalha.

Se antes seu coração foi quebrado, dessa vez, ele vai queimar.

Boa partida!

E que vença o melhor!

Bruna Pallazzo.
Diretora da Universidade de Crownford
(também conhecida como agente do caos ou destino)

PRÓLOGO



Sebastian Sinclair

16 ANOS

— Você é um cretino!

A menina de pele negra e olhos dissimulados me olhava como se eu fosse a porra de uma mosca irritante.

Eu não suportava pessoas grosseiras, elas simplesmente não me desciam. Aquela pose de quem achava que sabia de tudo, que mandava no mundo, me irritava profundamente.

Era por isso que ela me irritava.

Era por isso que ela me tirava do sério.

Jordan Joy Lewis, ou apenas JJ para os íntimos, era a pessoa mais insuportável, mimada e grosseira que eu já tinha tido o desprazer de conhecer. A pessoa com a qual eu era obrigado a conviver, porque o idiota do meu melhor amigo se apaixonou perdidamente pelo idiota do melhor amigo dela.

Por culpa de Callum e Logan, éramos obrigados a nos suportar, e isso exigia uma paciência de mim que eu não estava

disposto a ter.

Nunca estive.

Eu não era conhecido por ser um cara legal e amistoso no colégio. Todos sabiam que ficar no meu caminho era um problema, menos ela. Jordan não dava a mínima para mim, e precisava confessar que isso me irritava mais do que qualquer outra coisa.

— Jordan, não enche a porra do meu saco! A culpa não é minha que o Callum não quis vir te buscar. Vamos nos atrasar, se você não parar de fazer birra.

Seus olhos foram para os meus com a mesma ousadia de sempre. Era sempre por eles que eu me sentia desafiado.

Nosso jogo sempre começava com uma birra dela. Uma grosseria minha. E aquele olhar.

Aquele maldito olhar dissimulado.

— Cadê o seu poodle? — perguntou, finalmente entrando no meu carro, mas o nariz arrebitado estava ali. Intacto.

— Que poodle? — devolvi, ignorando sua imagem no meu campo de visão.

Uma coisa irritante sobre Jordan — além da personalidade insuportável — era o quanto sua beleza se sobrepunha a de qualquer outra garota naquele colégio. Era como se, para mascarar todos os seus defeitos, Deus tivesse feito a garota perfeita.

O rosto me tirava o fôlego. Pequeno e com traços marcantes. Os olhos eram grandes e se destacavam de uma maneira quase angelical. Sua boca era grossa, bonita e tão gostosa que chegava a me dar vontade de beijá-la. As bochechas eram graciosas, e o nariz empinado só acrescentava em sua beleza.

Ela era linda.

Ela parecia um sonho.

O problema era que Jordan estava mais para a porra de um pesadelo.

— Ah, você sabe... O seu poodle ruivo. Fofinho, amigável e obediente.

A música do meu carro magicamente havia mudado.

Quantas vezes eu já pedi para essa idiota não tocar na merda do meu som? O que custa me obedecer? O que custa me respeitar?

— Para de mexer no meu som! — Inferno de garota. — E para de ofender a Harmony, ela nunca fez nada para você.

Ninguém nunca havia feito nada para ela. Essa infeliz era chata de nascença.

— Não é uma ofensa, ela é realmente fofa e bem bonitinha. Uma pena que tem você como melhor amigo.

— Como você é infantil!

Por que eu não parava aquela droga de carro e deixava a infeliz no meio da rua? Gostaria muito de ver JJ indo para a festa a pé, com aqueles coturnos pretos e pesados arrebentando seus dedos.

Só não faria isso, porque era perigoso e, por mais que eu não a suportasse, não desejava a sua morte ou nada de ruim.

Minha questão com Jordan era pura e simples implicância. Nunca demos certo e provavelmente nunca daríamos.

Era como misturar água e óleo.

Eu havia conhecido a Jordan quando ela foi buscar o Callum no colégio interno, onde estudamos uns anos atrás. Em um primeiro momento, ela me chamou muita atenção. Como eu disse, ela era deslumbrante, e eu tinha certeza que até mesmo Logan havia

percebido a beleza da garota. Mas, JJ era estranha. Ficou me olhando feio e sempre dava um jeito de fazer piadinhas que não eram nada engraçadas com a minha cara, mas eu relevei, afinal, ela era a melhor amiga do namorado do meu melhor amigo. Tínhamos que nos dar bem. Mas não foi possível.

Eu não a suportava! Em muitos momentos, fazia questão de sair do ambiente no qual ela estava. Seu jeito, sua pose, sua falta de educação quando o assunto era eu...

Porque, além de tudo, ainda tinha essa questão: Jordan me tratava diferente. Comigo ela era respondona, implicante e muito, mas muito grosseira. Com o restante das pessoas, ela era tranquila, simpática e até mesmo engraçada.

Nem gostava de pensar muito sobre isso, só me deixava ainda mais puto! Jordan me julgava tanto, que não via que se tornava igual a mim.

Hoje em dia, mantínhamos uma relação na base de pequenas ofensas e sorrisos falsos para tentar fazer nossos melhores amigos felizes. Meu medo era que aquela palhaçada que Logan chamava de namoro durasse muito mais tempo. Enquanto Callum não sumisse, ela não sumiria também.

E como eu gostaria que sumisse.

Não via a hora de isso acontecer.

— Por que está tão putinho? Não enfiou esse pau em ninguém essa semana? Ou foi porque descobriu que essas mãos de alface não irão te levar a lugar algum?

— Quem está um porre hoje é você — rebati, atento ao trânsito, e não a ela.

Não queria reparar na saia minúscula que subia, mostrando mais de suas coxas torneadas, muito menos no piercing no umbigo que estava à mostra, graças à sua blusa curtinha.

Odiava sentir tesão por ela! Como podia um corpo desejar alguém que a própria mente nem mesmo admirava?

— Acho interessante que você é insuportável, mal tem amigos, e a pessoa que é um porre sou eu.

Poderia apostar que as suas sobrancelhas estavam até arqueadas. Conhecia aquela garota como a palma da minha mão. Infelizmente.

— Eu tenho amigos.

— Você tem o Logan. — Arqueou as sobrancelhas, me olhando de cima a baixo, personificando todo o seu nojo por mim.

Porque sim, em muitos momentos Jordan parecia ter nojo de mim, e isso me atingia muito mais do que eu demonstrava. Nunca tinha me sentido dessa forma.

Nunca tinha sido tão rejeitado por alguém como era por ela.

— Gosto de quem vale a pena, JJ.

— Você é ridículo! — resmungou, tal qual uma senhora de noventa anos.

— Você que é ridícula! Em menos de quinze minutos, você me chamou de cretino, tocou no meu som e está com a porra do solado do sapato no meu banco de couro que eu mandei lavar ontem!

Já eu, parecia um menino de cinco anos dando uma birra homérica.

Logan dizia que nós dois trazíamos para a borda os piores defeitos um do outro. E eu precisava concordar com ele.

— Você é insuportável!

Ah, ela não tinha visto nada.

— Tira a porra do pé do meu banco, Jordan! — Cruzei a esquina, torcendo para que não pegássemos mais trânsito.

Eu só precisava entregar aquele carma para o Callum, sã e salva, e seguir meu caminho para o meio das pernas de alguma gostosa.

Porque nada me aliviava mais do que meter em alguém.

Nada.

Nem mesmo o futebol.

— Você não vai tirar os pés do meu banco?!

Mal-educada do caralho.

— Vai fazer o quê? Chorar? Bater a cabeça na parede? Me deixar aqui no meio da rua? — O sorriso perverso que estampava em seus lábios fez meu sangue borbulhar. De ódio.

— Por que você é assim? — Respirei fundo, sabendo que eu não podia gritar com ela.

Nem brigar.

Nem, por acidente, jogá-la para fora do meu carro.

— Porque eu posso! Porque eu quero! Nossa, as respostas são infinitas.

— Você já tem dezesseis anos, JJ. Precisa crescer.

Ainda nem tínhamos chegado à festa, e eu já estava exausto.

O Logan me paga!

Ele que tratasse de me apresentar a sua nova amiga da turma de química naquela noite. Eu precisava de uma bonificação.

Uma daquelas bem generosas.

— Você sempre esquece das coisas que faz, né? Está fazendo o maior drama porque te chamei de cretino, sendo que, para

começo de conversa, eu havia feito apenas uma pergunta, e você foi grosseiro.

— Não fui.

— Eu perguntei? Quando disse que você foi grosseiro, eu parecia em dúvida? — Por que ela sempre roubava meus argumentos? E por que tinha que ser tão bonita? Por que tinha que ter uma boca tão gostosa? Por que tinha que ter um corpo que parecia caber perfeitamente no meu? — Não precisava ter me mandado entrar no carro daquele jeito. Com o seu poodle, você até sai do carro e abre a porta para ela. Por que eu não mereço o mesmo tipo de tratamento?

— Será que é por que ela não é insuportável como você? — Sua resposta à minha pergunta foi dar de ombros. — Quando queremos ser bem tratados, precisamos merecer.

— Ah, me poupe! O mundo não gira em torno do seu umbigo, Sebastian!

— E, por um acaso, gira em torno do seu, Jordan?

— Você que está dizendo que, quando queremos ser bem tratados, precisamos merecer, sendo que sempre me tratou mal — explicou, cruzando os braços e arqueou a sobrancelha de uma forma que só me irritou mais.

— Eu sempre te tratei bem! — Não sabia de onde ela tirava que eu a tratava mal, eu apenas não lambia o chão que ela pisava.

E não tenho paciência alguma para ficar conquistando uma garota que nem ao menos vale a pena. Não vou me humilhar para ela gostar de mim.

Pensando bem, eu nem quero que ela goste de mim. Quero que ela se foda.

— Não vou entrar nesse tópico. Você é teimoso demais.

— Você não gosta de mim. Nunca gostou. — Essa era a mais pura verdade.

Jordan bateu os olhos nos meus e pronto, foi tudo o que precisou para não gostar de mim ou de nada que eu fizesse.

— Eu nunca disse isso — confrontou-me com o olhar tempestuoso. JJ tinha muitas coisas bonitas em seu corpo, mas, sem dúvida nenhuma, eram seus olhos profundamente escuros que mais me chamavam atenção.

Sempre me pegava imaginando, quando batia uma, essa porra desses olhos.

Ela. De joelhos. A boca em volta do meu pau. Olhos em mim.

Porra! Não! Nem fodendo!

Jordan sempre será carta fora do meu baralho. Prefiro ficar sem transar do que enfiar meu pau em uma mulher escrota como ela.

— Vejamos... A primeira vez que nós nos encontramos, você foi grosseira sem necessidade. Em nossa primeira festa, você fez um longo discurso sobre como eu era nojento e depravado, porque ficava com garotas demais e após isso, disse que Logan só tinha um único defeito: ser meu melhor amigo. Não vejo como isso são sinais de que você goste de mim.

— É, você tem razão, eu não gosto de você — afirmou, passando a língua pelos lábios e por um mísero segundo, chamando minha atenção para aquele ponto.

Era uma boca bonita. Carnuda. Definida. Perfeita.

Ela era tão bonita que parecia até ter sido desenhada. E provavelmente foi.

Se Jordan tinha sido feita por alguém, só poderia ter sido pelo próprio capeta em pessoa. Ou, às vezes, ela era como uma sereia, que encantava a todos com sua beleza, só para foder com tudo depois. Ou melhor, ela era como a *Tiana*, tinha uma aparência de princesa, mas, na verdade, era apenas uma plebeia com sonhos demais.

A ambição dela não era um problema. O problema maior estava no que ela fazia com essa ambição, em como era soberba e prepotente.

Diz o moleque que se acha a melhor coisa que já pisou na Terra.

Bem, mas o que eu poderia fazer, se eu realmente era uma pessoa incrível?

Passamos o caminho inteiro em silêncio depois da nossa breve discussão. Nós éramos assim, ou estávamos brigando ou nos ignorando, e para ser honesto, é quando ela me ignorava que eu ficava mais puto. Já tinha visto essa desgraçada do caralho com milhares de pessoas, e ela sempre era comunicativa e até mesmo educada. O que custava ser daquele jeito comigo? Eu nem era uma pessoa ruim.

Então, você quer que ela te trate bem?

Ah, porra, eu quero apenas viver em paz. O que custava? Nada! Nenhum dólar a menos na nossa conta bancária.

No momento em que eu estacionei meu carro, a ingrata pulou para fora sem nem olhar para trás. Nem ao menos um “obrigada” ela disse.

Era por atitudes como essa que eu não conseguia gostar dela.

O jeito dela, a forma como conduzia as coisas da sua vida e, principalmente, a crença que as pessoas tinham de que deviam gostar dela a qualquer custo, mesmo ela não fazendo o mínimo para cativar ninguém.

Não, Jordan não merecia que eu gostasse dela.

E já que ela não conseguia me tratar com o mínimo de educação e respeito, eu também não a trataria dessa forma. Que se fodesse. Não nasci para ser capacho de gente filha da puta, esse papel era do Logan, não meu.

Falando naquele loiro emocionado, entrei na festa, procurando-o. Tudo naquele ambiente parecia estranho. Não era o lugar que tinha algo de errado, era a sensação esquisita de que algo iria acontecer que não me deixava curtir. Foram passando muitos minutos, e percebi que Logan nem Callum estavam por ali, acionando algum alerta interno de que algo muito errado tinha acontecido. Os dois eram viciados em festas e nunca faltavam a nenhuma. A boca da tal menina da sala de química do Logan já tinha conhecido a minha e, ainda assim, eles não chegavam. Eu bebi com outros caras do time e eles ainda não tinham aparecido. Me emputeci porque vi Jordan mais uma vez pegando o *Kicker* reserva, e eles ainda não haviam chegado.

Eles nunca chegaram.

Aquele foi o dia em que Callum tinha escolhido ser parte apenas das nossas lembranças.

Logan havia me pedido para levar Jordan à festa, mas não me deu detalhes do motivo pelo qual ele mesmo não poderia fazer isso. Horas depois, eu entendi.

Ela também.

Naquele dia, não foi um agradecimento de Logan que recebi por mensagem, foi uma mensagem que não só mudou a minha vida, mas também a dele. E principalmente a de Jordan.

Nós perdemos.

Naquele dia, todos nós perdemos.

E, mesmo que nenhum deles soubessem, eu fui o que tive a perda mais desoladora.

Eles enterraram o Callum sete dias depois.

Eu não compareci.

Eu precisei enterrar outra pessoa.



PERDA

Sebastian Sinclair

Eu tive uma filha.

E eu a perdi.

Não houve um dia em que eu não pensasse nela.

Não houve um dia em que meu coração não se quebrasse de saudade dela.

Eu daria qualquer coisa para ter mais um segundo com ela.

Tempo era foda.

Tempo consumia.

Tempo me consumia.

Mas por ela, eu me perco.

Por ela, eu me acho.

Por nós, eu conquisto o mundo.

Tinha que conquistar o mundo para um dia merecer a bênção de ter sido o pai dela. Tinha que conquistar o mundo para fazer jus a

tudo aquilo que perdi quando ela foi arrancada cedo demais dos meus braços.

Foi cedo demais.

Ainda podia escutar os ecos dos meus gritos quando achei seu bichinho de pelúcia flutuando no lago da nossa propriedade naquela noite infernal, que parecia nunca ter fim. Uma noite em que eu daria tudo de mim para não viver mais, porém revivia sempre que dormia.

Lembrava-me de poucas coisas. Para ser sincero, a única coisa da qual me lembrava era de Jordan aos prantos, desesperada depois de receber a notícia de que seu melhor amigo, sua alma gêmea, tinha desistido de viver.

Ela ainda estava chorando no meu ombro quando recebi uma mensagem do meu pai dizendo que minha filha tinha desaparecido em nossa propriedade.

Se não fosse tão trágico, seria cômico que a única coisa da qual eu me lembro da noite que mudou minha vida era o choro de uma pessoa que eu desprezava tanto. Até aquela noite, eu apenas não gostava da JJ. Era apenas uma birrinha entre dois adolescentes imaturos e com egos muito inflados. Hoje em dia, era diferente. Ela não era apenas irritante para mim, era a pior pessoa que eu já tive o desprazer de conhecer.

Inclusive, desprezo era tudo o que eu conseguia sentir por ela.

No passado, deixei que ela chorasse em meu ombro, mas, agora, eu não teria tido a mesma hombridade. Não depois de todo o inferno que ela havia causado na vida do meu melhor amigo. Logan era minha família, e eu jamais conseguiria perdoar alguém que machucou alguém da minha própria família.

Flashs dos seus olhos banhados de lágrimas ainda estavam na minha memória. Assim como sua boca, que gesticulava palavras que, hoje, eu mal conseguia me lembrar. Não consegui prestar atenção em mais nada depois da mensagem do meu pai. Não consegui prestar atenção nem mesmo no Logan. Saí correndo em disparada a uma casa que mais parecia um palácio como um louco.

Foi a pior dor que senti na vida. Quando cheguei lá, não tinha mais casa. Não tinha mais filha. Não tinha mais nada. Naquele dia frio de inverno, eu perdi meu mundo, e nada, nem mesmo o destino, podia trazer meu bebê de volta.

Lembrava-me de chorar nos braços da minha mãe e depois ser consolado pelo meu pai. Lembrava-me de limpar as lágrimas de Logan e aproveitar o momento triste para expulsar as minhas com ele.

Logan dizia que eu o havia salvado, mas foi ele quem me salvou.

Os três me salvaram, ao mesmo tempo que, conviver com eles estava me matando pouco a pouco. Minuto a minuto. A cada batida do meu coração, eu estava morrendo... de saudade dela.

Cada vez que eu via Noah segurar a Emma dele, meu coração queria parar de bater. Cada vez que Logan gargalhava com Thommy, minha mente queria descansar. Cada vez que Matteo fazia planos para o futuro com o amor da sua vida, eu queria me virar e ir embora daquela cidade. Da vida deles.

Mas eu não fui.

Ainda não fui.

Por causa dela.

Tudo que eu fazia era por causa dela. Sempre foi.

Minha filha fez meu mundo ganhar sentido no momento em que abriu os olhos, e eu precisava honrá-la. Era o meu dever como pai. Porque eu sabia que ainda iria encontrá-la. No tempo certo, iríamos ficar juntos pela eternidade, e eu finalmente ficaria em paz.

Porque essa é a verdade sobre o amor de pai. Ele nunca acaba. Nem mesmo depois de anos. Nem mesmo depois de tanta dor. É como se nossos corações renascessem depois de escutar aquele choro dolorido e bonito, e enfim, algo floresce dentro do nosso peito e realizamos que nunca mais vamos ser felizes sem aquela minipessoa, que não sabe absolutamente nada da vida.

Sem minha filha, eu não sou feliz.

Eu não sou feliz.

Não sou há anos.

É interessante como eu consigo fingir que não sinto nada até para aqueles que me conhecem de cor. Mais interessante ainda como eu consigo ser um babaca arrogante mesmo sabendo que, na função mais importante da minha vida, eu falhei.

Não precisa ser um gênio da psicologia para entender por que sou tão protetor com todos aqueles que me cercam. Eu os tenho como filhos. Eu os coloco debaixo da minha asa e os cuido, porque é isso que me tornei quando minha estrelinha chegou ao mundo... um pai.

E eu amava ser pai.

O pai dela.

Que saudade de ser o pai dela.

Aumentei o som do carro, deixando *Like a Stone* ecoar nos alto-falantes, e absorvi a música junto com o vento que tocava meu rosto. A estrada até Campbell era tranquila, ideal para uma viagem

tão longa. Saí de casa bem cedo, o sol ainda não tinha nascido, mas não queria ninguém fazendo perguntas. Eu não poderia falar a verdade mesmo.

Nunca falei.

Chegava a ser cômico que eu, o maior cagador de regra entre os reis, não era só o mais hipócrita, como também o mais omisso. Meus melhores amigos, meus irmãos de alma, não sabiam que eu chorava todos os dias por causa de uma saudade que parecia que não iria passar nunca. Eles não sabiam de tudo que eu já havia feito para tentar fazer essa dor passar. Eles não sabiam o que eu guardava dentro de mim, porque eu nunca quis mostrar.

No dia em que Logan contou sobre o seu passado para Noah e Matteo, eu quis muito abrir a boca e explicar sobre o meu também, mas não consegui.

No fundo, não era por cuidado a eles que eu havia me mantido calado e trancado em minha própria mente, e sim porque reviver meus dias felizes com ela me rasgava a alma. Era como queimar vivo. Não só me sufocava, também ardia. Consumia-me.

E, para falar sobre a morte de alguém, tínhamos que inevitavelmente falar sobre a vida.

E era a vida quem nos fodia.

Os momentos que eu nunca mais teria a oportunidade de vivenciar que me dilaceravam.

Seus sorrisos largos e seus olhos tão encantadoramente azuis que sorriam junto com as bochechas gordinhas, as quais tinham duas covinhas que me faziam sempre sorrir de volta. As mãozinhas que sempre seguraram as minhas antes de dormir e os pedidos de colo que eu nunca mais iria ouvir...

Saber que aquele bebê morreu e nunca mais iria voltar para os meus braços me doía mais do que qualquer interceptação que eu tivesse recebido de algum brutamonte do time rival.

Saber que eu nunca iria ver meu bebê voltando para casa do berçário ou ralar seu joelho pela primeira vez, me doía mais do que qualquer coisa.

Doeu para caralho quando eu perdi o campeonato do ano passado, mas eu sabia que aquela dor iria passar em algum momento. Eu já tinha perdido tanto.

Estava acostumado.

Respirei fundo, limpando as lágrimas e me privando de olhar mais uma vez para sua foto. Não podia mais me torturar desse jeito. O que passou, passou, e eu precisava seguir em frente e fazer o que era certo. Preciso construir meu caminho até finalmente poder encontrá-la novamente. Olho para o céu, sorrindo, imaginando um mundo diferente desse que eu estava vivendo.

Ela merecia mais do que um pai que chorava por memórias que não seriam revividas. Precisava ser o pai que a minha Emma se orgulharia de ter. Ainda precisava ser o pai dela.

Pressionei o acelerador do carro, deixando que ultrapassasse o limite de velocidade e tentei sentir qualquer merda que não fosse a bendita saudade dela.

Nunca iria perdoar meus pais por tudo que eles fizeram comigo e minha filha.

Eles tiraram a única coisa que era importante para mim e agora eu estava submerso nessa teia que eles construíram apenas para me terem em suas mãos. Não havia tido pais como os dos

meus amigos. Sempre fui tratado como um rei, mas eu deveria saber que ser tratado assim teria seu preço.

E teve.

Ela.

Soquei o volante, notando um tipo novo de sentimento nascer no meu peito. Era maior do que a saudade. Era maior até mesmo do que o amor.

Era mágoa.

Eu estava tão magoado com eles que não conseguia nem mais observar os Azzaro reunidos sem sentir inveja. Todo mundo ali tinha conseguido seu final feliz, mas eu seguia vivendo meu maldito pesadelo e, provavelmente, o viveria pelo resto da minha vida.

Teria que sentar-me naquela cadeira da presidência e segurar a mão da minha mãe no enterro do meu pai quando o momento chegasse, porque todos nós sabíamos que estava perto. Teria que gerir uma empresa bilionária, mesmo não tendo o mínimo de preparação para isso. Teria que engolir o meu ego e fazer tudo aquilo que eu sempre disse que não faria.

E a primeira parte era convencer Tyler Blossom a se juntar à nossa equipe na *Golden Rush.*

Havia conhecido Tyler há alguns meses, quando estava procurando por problemas longe de Crownford. Nossa amizade era a mais calma e esquisita, mas eu gostava disso. Estávamos ali um pelo outro, mas não nos falávamos todos os dias. Para ser sincero, não nos falávamos nem mesmo todos os meses, porém ele tinha um lugar especial no meu coração.

Tyler era um garoto incrível, só tinha muitos demônios dentro de si. Sempre me perguntei o que ele tanto escondia em seu

silêncio, mas, para ser sincero, não esperava que me contasse. Ele era aquele tipo de pessoa que costumava sucumbir apenas com pessoas específicas e, por mais próximos que nós fôssemos, eu nunca seria essa pessoa.

Como eu disse, nossa amizade era esquisita, mas funcionava para mim, e eu estava mais do que grato por entregar a ele, de bandeja, uma parte do seu final feliz.

Chegava a ser cômico como eu havia ajudado no final feliz de cada um dos meus amigos. Tive um papel decisivo na história de todos, mas nunca chegava a minha vez de ser o personagem principal.

Queria viver os sorrisos sinceros, os banhos sem lágrimas...

Eu também queria uma família.

Mas eu também estava sozinho no mundo.

Para quem odiava drama, eu andava sendo bem sensível nos últimos tempos. Provavelmente, era o aniversário dela chegando. No mesmo instante, outras lágrimas queimaram meus olhos. No dia sete de outubro, se ela estivesse aqui ao meu lado, o dia seria de sorrisos e diversão. Ela pediria uma festa das princesas, e eu daria porque sempre fui esse tipo de pai. Emma faria uma birra porque o cabelo não ficou bom o suficiente, e eu ficaria bravo e impaciente, chamaria Zoella para me ajudar, e ela salvaria o dia. Liz me ajudaria com os preparativos e Noah, na montagem dos balões. Logan e Isabella estariam vestidos de príncipe e princesa, e o Thommy estaria com sua fantasia de dinossauro, apenas para atormentar sua melhor amiga. Matteo compraria um milhão de presentes para sua sobrinha favorita, porque eu não tinha dúvidas de que a favorita dele seria ela.

Meu emocionado nunca a havia conhecido e sempre chorava pelos cantos porque nunca foi escolhido como favorito por ninguém, mas eu sabia que ele seria a escolha dela.

Minha filha era louca pela Cinderela. Na verdade, ela era louca pelo príncipe dessa história.

Ela também seria apaixonada pelo príncipe da vida real.

Como eu queria que ele a tivesse conhecido.

Como eu queria que no dia sete, ela estivesse soprando a vela e comemorando mais um aniversário comigo.

Mas ela não estaria.

Dia sete não seria um dia de sorrisos.

Dia sete ainda seria um dia de lágrimas. Uma tonelada delas.

Naquele momento, imaginei minha filha sentada sobre um banco, em uma cidade estrelada, ao lado de anjos que cuidavam daquilo que eu tinha de mais precioso e que a estavam guardando para que, no momento certo, nos encontrássemos novamente.

Como eu queria encontrá-la.

No mesmo segundo, escutei uma buzina e me assustei, puxando o volante para o acostamento com rapidez. Minha respiração desregulou e o ar ficou mais difícil de entrar nas narinas. O medo permeou minha corrente sanguínea.

Definitivamente, ainda não era o meu momento.

Eu ainda tinha muito para viver.

— *Por ela, me perco. Por ela, me acho. Por nós, conquisto o mundo* — murmurei baixinho, tentando me acalmar. — Nós vamos conquistar o mundo, estrelinha.



RAINHA

Jordan Joy Lewis

Eu tive um melhor amigo.

E eu o perdi.

Eu tive pais.

E eu também os perdi.

Não houve um dia em que eu não pensasse neles.

Não houve um dia em que meu coração não se quebrasse de saudade deles.

Eu daria qualquer coisa para ter mais um segundo com eles.

Tempo era foda.

Tempo consumia.

Tempo me consumia.

E cada segundo que passava, toda minha estadia na Terra ia ficando mais triste. Mais infeliz.

Um dia, eu disse para o Callum que conquistaria o mundo para nós. Eu daria a vida que ele queria viver, a liberdade que ele

precisava para continuar vivendo.

Não deu tempo.

Eu não tive tempo.

E agora que eu tinha o vislumbre de conquistar a porra do mundo, ele não estava ali, habitando-o.

Ninguém queria morrer.

Ninguém queria deixar de existir.

Ninguém queria desistir.

Pelo menos, foi o que eu vi quando passei minha infância dentro de um hospital.

Era o que eu via nos olhos da minha mãe toda vez que ela saía da sala de quimioterapia. Ou quando se agachava para vomitar. Ou quando chorava baixinho no colo do meu pai porque estava com medo.

Minha mãe morreu querendo muito viver, querendo ver os filhos crescerem... Ela não desistiu nem mesmo quando o médico disse que seu estágio já era terminal.

Ela nunca desistiu.

Então, encontrei meu pai vomitando, agachado no banheiro, do mesmo modo que minha mãe fazia depois das quimios. Não achei que ele estava morrendo. Ele não podia fazer aquilo comigo.

Ele disse que era algo que tinha comido e que tinha feito mal.

Era mentira.

Meu pai mentiu.

Ele passou mal por três dias e, por mais que tentássemos, ele não queria que chamássemos o médico.

Nos olhos dele, eu via o medo. Ele não queria ir ao hospital.

Hospital era sinônimo de morte.

Meu pai não queria morrer.

Ele não podia.

Mesmo assim, encontrei-o morto pela manhã deitado em sua cama.

No meu íntimo, eu sabia que ele não tinha desistido. A fobia que ele desenvolveu o matou, mas apenas porque queria muito se proteger.

Meu pai havia morrido de apendicite, uma doença tratável com uma cirurgia que julgavam ser simples. Ele havia morrido seis meses depois de o meu melhor amigo pular da janela. Um ano depois de enterrarmos minha mãe.

Foi dilacerante.

Sempre flertei com a morte de uma maneira perigosa e, depois daquilo, a minha vida pareceu perder completamente o sentido. Não queria viver meu futuro, eu era uma pessoa que existia apenas para lembrar do passado.

Ao contrário dos meus pais, eu não queria viver. Eu ainda não quero.

Na inocência de uma garota de quinze anos, eu achava que ninguém desistia de verdade. Eram apenas pensamentos que passavam por nossa cabeça, mas que logo se desmanchavam como um castelo de cartas. Era errado. Era feio. Era cruel.

Mas, então, veio Callum.

Ele havia desistido.

Havia pulado da janela e matado não só meu melhor amigo, mas também a metade da minha alma.

Callum me fodeu.

Era o que ele sabia fazer de melhor, não era?

Era. Sempre foi assim.

Não sabia o porquê estava pensando nisso tudo enquanto entrava em Crownford. Talvez, porque estivesse ali, lutando arduamente para não pirar e não desistir de mim mesma.

Não desistindo da vida.

E olha que eu já quis.

Várias vezes.

Eu entendia o Callum. Sabia o porquê ele havia se matado. Eu quis fazer o mesmo inúmeras vezes. Antes até de ver minha mãe definhar ou de o meu amigo se jogar ou até de o meu pai morrer.

Sentir-se sozinho no mundo era uma merda. Não se amar, então, era um inferno.

Perder o amor dos seus pais te fazia querer pular da janela do décimo segundo andar sem pensar duas vezes. Perder o seu próprio fazia você querer fazer o mesmo.

Hoje, eu me prendia nesse mundo por causa de uma única pessoa.

Michael Lewis. Meu irmão.

O mesmo irmão pelo qual eu passei dois anos sem olhar na cara por causa de uma briga que nem lembrava mais o motivo. O mesmo irmão que viu sua paixão de adolescência morrer sem que pudessem viver o amor proibido que embebecia suas veias. O mesmo que, até então, era minha única família.

Se fôssemos parar para pensar, era muito pouco. Não para mim. A vida do meu irmão, agora, era o que mantinha meu coração batendo. Era o suficiente para me manter com os pés grudados no chão.

— Não acredito que estamos mesmo aqui! — meu irmão, como sempre, gritou animado no meu ouvido, me arrancando um sorriso. Porque, hoje em dia, mesmo querendo socar a cara bonita dele, eu sorria.

Mesmo eu não merecendo, ele havia ficado ao meu lado.

Mesmo eu não merecendo, ele havia aberto mão do seu sonho para eu viver o meu.

Tudo o que eu podia sentir por ele era amor, além de uma profunda gratidão. Ninguém cuidaria tão bem de mim quanto Michael, ele era um anjo que meus pais deixaram na Terra para que eu não ficasse perdida.

Na maioria dos dias, eu fingia que isso era o bastante. No restante, eu chorava até dormir porque me sentia em um caminho sem final feliz.

Eu ainda iria acabar fazendo alguma merda.

— Nem eu.

Porém, seguia me questionando *"Que porra eu estou fazendo aqui?",* no momento em que estacionava meu carro em frente ao dormitório da universidade, que a partir de hoje, seria minha casa.

— Cadê a animação? Você está aqui! E, ainda por cima, tem um teto! — ele seguia gritando.

— Você não tem um teto — lembrei-o.

Mike deu de ombros, provavelmente louco para me levar até meu quarto e conferir com seus próprios olhos quem seria minha colega de quarto e se ela era confiável.

Se eu era protetora, Michael era ainda pior. Para todos os efeitos, eu era e sempre seria, sua garotinha.

— Eu tenho um teto, não seja exagerada!

Eu queria estar berrando com ele.

Meu irmão era a pessoa mais teimosa que eu conhecia. Dois anos mais velho e com uma responsabilidade que nunca deveria ter sido dele, ele tinha aquela pose de quem governava o mundo, mas eu sabia que a carcaça era só proteção.

Ele não queria que eu visse o quanto estava apavorado por ter que dormir naquele trailer até que recebesse seu primeiro salário na cafeteria e conseguisse alugar algum quarto decente. Mas eu via, reluzindo em seus olhos, o pavor.

Para o garoto que sempre morreu de medo de dormir sozinho, viver naquele trailer sem ninguém parecia seu próprio pesadelo.

— Não seja teimosa, JJ — suspirou. — Por favor, você não pode dormir neste carro comigo. Você tem que cuidar do seu corpo, sabe disso.

— Você ainda vai para aquela escola de medicina, Mike. — Olhei no fundo dos seus olhos porque queria que ele soubesse que eu não estava brincando com isso. — Eu vou me tornar a melhor jogadora deste país e você vai virar médico.

— Eu sei que vou. — Seu sorriso se abriu, e minha alma descansou.

Amava vê-lo sorrindo. Dava-me esperança que, um dia, eu iria voltar a sorrir também.

— Já mandou mensagem para o Logan? — perguntou, olhando para um *outdoor* enorme com o rosto de nove dos jogadores dos *Kings*.

Os Reis de Crownford. Nomezinho brega e que combinava perfeitamente com eles.

— Não tive coragem de ligar para ele ainda.

Não sabia como falar com alguém que já havia sido tão próximo e, hoje, era nada mais do que um estranho para mim. A culpa corroía e envenenava meu sangue, e meu corpo parecia gelar assim que as memórias inundavam minha mente. Não havia um dia em que eu não me arrependesse das minhas palavras.

Minha culpa só não foi maior do que minha saudade.

Era por ela que eu estava ali.

Tudo era tão intenso que eu não me permitia ficar nesses pensamentos por muito tempo e fugia, buscando uma distração dolorosa, mas, ao mesmo tempo, eficiente. Ao olhar para o *outdoor*, sentia tanto orgulho quanto inveja deles.

Inveja por estarem tão felizes.

Orgulho por eles terem se tornado tudo aquilo que deveriam ser.

Tentava evitar a imagem que mais me perturbava, mas era quase impossível. Sempre havia tido algo que me ligava a ele de alguma forma. Mesmo que eu não quisesse. Mesmo que eu lutasse contra, sempre acabava olhando para aquele que foi capaz de findar uma estaca no meu coração machucado. O garoto que me teve nas mãos e não só conseguiu acabar com os seus restos, mas também com os meus sonhos.

Ele. O capitão. A estrela. O favorito.

O rosto sisudo, os olhos profundamente escuros e os ombros enormes seguiam intactos. Sebastian ainda era um garoto bonito. Queria dizer, agora ele era um homem. Seu rosto sempre foi definido, mas, hoje em dia, era ainda mais. Seu maxilar fazia uma linha perfeita, deixando-o mais irresistível, ou era o que todas as garotas achavam, já que caíam em sua cama aos montes.

Sabia que se olhasse para o lado esquerdo da imagem, iria encontrar meu loiro, o príncipe e o *bad boy* gostoso.

Sabia que se olhasse para o lado direito, iria encontrar o capitão da defesa, Hero Hernandez, com sua pele escura e lábios grossos, que eram exatamente o meu tipo. Em seguida, Parker Jun Gwen e seu sorriso contagiante, Brian O´Connor e suas tatuagens e músculos convidativos, e Dominic Saint e seus olhos verdes que faziam qualquer calcinha molhar.

Mas não olhei.

Segui olhando para ele.

No meu mundo, ele sempre foi o único.

Lembrava-me do dia em que aqueles lábios foram tão cruéis quanto sua beleza.

Lembrava-me de um dia ter confiado naqueles olhos mentirosos.

Lembrava-me de, por um mísero segundo, ter achado que ele poderia ter me protegido com seus braços fortes.

Lembrava-me de tantas coisas, que sentia meus olhos arderem e minha garganta arranhar.

Observando atentamente sua imagem, me embebi das memórias dolorosas que ele me provocava. Precisava delas para me manter atenta contra o seu feitiço.

Às vezes, sapos eram apenas sapos. Não havia mágica que os fizesse se tornar príncipes, muito menos reis.

Reis.

Sebastian Sinclair não tinha o que se precisava para usar uma coroa. Ele jamais teria.

Eu o odiava. Não era não gostar, não era asco, era ódio.

Puro e simples.

Olhar para ele me causava sentimentos tão ruins que eu evitava fazer isso a todo custo. Mas, então, quando ninguém estava realmente olhando, eu o observava e deixava o ódio fluir.

Eu me permitia.

E era nesses pequenos momentos que eu me perdia… Nele.

— Tem certeza de que foi uma boa ideia vir para Crownford? — Meu irmão tocou meu ombro com um semblante preocupado. – Não quero que Sebastian te machuque, Jordan. Você já foi machucada o suficiente por uma vida inteira.

— Eu não vou deixá-lo me machucar — respondi com deboche.

Não havia nenhuma parte minha que ele conseguiria destruir.

Não havia mais o que destruir.

— Se você precisar de alguém que defenda sua honra, já sabe, né? — frisou, mostrando o braço magro e sem músculos para mim, fazendo uma piada.

— Uhum. Você vai lá bater nele.

A imagem me faz querer rir, porque meu irmão não era dado a brigas físicas.

Ele sempre foi muito calmo e paciente e para ser honesta, Mike gostava bem mais de maquiagem do que de academia. Seria uma briga injusta.

— Bater? Garota, você sabe que eu sou mais inteligente do que isso! Mas tenha certeza de que eu o faria se arrepender.

Disso, eu não tinha dúvidas.

— Está tudo bem, eu sei lidar com o Sinclair.

— Você é tão durona, mas sabe... Às vezes, está tudo bem não ser.

Isso me faz sorrir.

Um sorriso falso. Tão falso quanto minha vontade de viver.

— Não estou sendo durona, eu realmente dou conta dele.

Afinal, ninguém enfrentava aquele cretino como eu.

Ninguém conseguia ganhar nenhuma discussão com ele.

Até ele me conhecer.

Até ele me enfrentar.

Mike rolou os olhos, desistindo de arrancar de mim a verdade e se rendendo à minha teimosia.

Estava ali um fato sobre os irmãos Lewis: ambos éramos muito teimosos, mas ninguém ganhava uma batalha quando meu time estava em campo.

Com o tempo, meu irmão aprendeu isso e, hoje, respeitava minhas imposições.

Quando saí daquele carro e entrei na minha nova universidade, minha postura mudou.

Ombros para trás.

Cabeça erguida.

Olhar afiado.

Estava na hora de mostrar para Crownford o porquê a rainha era mais mortal que o rei em um jogo de xadrez.

Vamos jogar, Capitão?



UMA PITADA DE SURTOS, UMA PITADA DE CAOS

Sebastian Sinclair

Sempre fui muito reservado com as minhas coisas. Não gostava de dar detalhes da minha vida para ninguém, muito menos satisfação. Eu sabia que, se contasse para alguém o que eu precisava fazer, todos iriam me encher o saco e tentar me dar uma ajuda a qual eu não queria. Da qual eu nem mesmo precisava.

Nunca foi segredo para mim que meu futuro era apenas um só: a presidência da Sinclair Incorporation. Era a lei natural das coisas. Nossa empresa estava em nossas mãos há quatro gerações, éramos a maior empresa automobilística do mundo. Não tinha para onde correr.

Mas, então, eu nasci com talento e paixão por outra coisa, e o inferno foi instaurado na Terra.

Meu pai sempre foi um bom pai. Sabia ser rigoroso e amoroso nos momentos certos, me dava atenção e tinha paciência para me ajudar nos meus deveres. O problema começou quando ele percebeu que não tinha criado um CEO, e sim um *quarterback.*

Nossa relação piorou e o que antes era bom, se tornou envenenado e tóxico. Quanto mais ele me forçava, mais eu o enfrentava. Quanto mais ele me punia, menos eu me curvava.

Queimamos tanto que nossa relação virou pó.

Decidi ir para Crownford para fazer minha faculdade em paz e, de quebra, ir embora da cidade que me fazia recordar das minhas memórias mais felizes e também as mais traumáticas. Achei que fugindo de lá, fugiria das expectativas dos meus pais e do meu passado.

Esse foi o meu erro.

Meu pai não pararia nunca, ele me faria parar. E, de uma forma que chegava a ser infantil, ele fez com que eu me ajoelhasse perante a ele.

Chegou um momento em que nem mesmo o mais frio dos homens aguentou a pressão em cima das suas decisões.

Eu tomei a minha e perdi.

Eu entrei em um jogo que não tinha como ganhar. Fui ingênuo.

Erro meu.

Tudo começou com uma reunião, um ano e meio atrás. Logan descobriu que o pai estava morrendo e eu, que meu pai era um idiota egoísta. Ainda me lembrava das palavras dele, de como me disse o que eu tinha que fazer e de como eu rapidamente me rendi.

Éramos um grupo comercial que geria outras quatro empresas. Sinclair era dividida entre carros comerciais, carros de luxo, caminhões e nossa equipe automobilística. Minha primeira tarefa era ficar à frente dos negócios do ramo automobilístico pelo simples fato de ela ser o menor braço dentro do grupo e onde eu teria mais oportunidade de aprender noções básicas de gestão.

Havia sido um inferno nos primeiros meses. Eu não sabia o que estava fazendo direito e, por muito pouco, não joguei tudo para o alto e desisti. Mas eu tinha uma missão e nunca falhava, então prossegui.

De todos os pequenos problemas da equipe Sinclair, o mais fatal eram os nossos pilotos, que não estavam à altura da equipe. O problema não era técnico, e sim paixão. E, em qualquer esporte, você é movido pela paixão.

Você tem que dar seu corpo, seu tempo e sua alma para se tornar o melhor, e aqueles dois não eram apaixonados. Não eram obcecados.

Estudei por meses como funcionavam as corridas clandestinas, fui em várias delas até finalmente achar o cara perfeito para o posto.

Tyler Blossom tinha paixão.

Para ser sincero, ele não só tinha paixão, como também era obcecado.

Era ele.

Fui para Campbell em uma das suas corridas e logo percebi que ele era da turma do Noah, acuado e assustado. Não dava para colocar um contrato na frente dele e ir embora. Aproximei-me primeiro pelo trabalho, mas precisava confessar que fiquei porque gostei dele.

Com o pretexto de que queria correr, me aproximei do Ty, trocamos nossos telefones e nunca mais paramos de conversar. Eu ainda não tinha falado para ele sobre o contrato, nem sobre a minha mentira no dia em que nos conhecemos, mas eu não podia.

Tinham muitas explicações que eu ainda não podia dar, mas, se eu pudesse chutar, falaria que Ty não iria se importar com minhas motivações. Ele as entenderia facilmente.

Tyler era um garoto bom. Nossa amizade funcionava bem porque éramos parecidos em muitos aspectos e esse era outro ponto significativo para minha decisão de segurar o contrato que mudaria sua vida. Ele tinha muita merda para consertar em sua própria história, e eu precisava dele cem por cento para viver seu futuro na *Golden Rush,* mas, enfim, tinha chegado o momento.

Depois de lutar muito contra os seus demônios, ele tinha saído da guerra vencedor e o prêmio seria um com o qual ele sempre sonhou.

Tyler tinha mais três irmãos. Skyler, Alexandra e Nathaniel, e agora, nas férias, todos eles ficavam no rancho da família, se divertindo e descansando. Chegava a ser cômico imaginar que eu tinha praticamente cruzado o país para estar ali com eles.

A família era bem amorosa, mas eram tão caóticos e barulhentos quanto os Azzaro. Já fazia alguns minutos que Nathan me explicava sobre os cavalos e fazia algumas piadas sobre como era um milagre que seu irmão tivesse um amigo, já que nunca tinha levado ninguém para casa.

Eles eram uma boa família. Podia ver pela forma como Dylan observava os filhos e como eles sorriam uns para os outros. Aquilo só me deu um aperto ainda maior no peito. Não sabia por que alguns tinham tanta sorte e outros, tanto azar quando o assunto era “pais”.

Tudo bem que Tyler já tinha me dado pistas de que sua infância não tinha sido fácil e que, inclusive, foi salvo e adotado pelo

casal Blossom, mas, ainda assim, a inveja estava ali presente.

Dylan não parecia ser o tipo de pai que faria um filho desistir de um sonho por conta de seus caprichos. Ravenna não parecia ser o tipo de mãe que abaixava a cabeça e deixava o marido fazer da vida de um filho um inferno.

Eles eram como os Azzaro. Inclusive, seria interessante ver essas duas famílias gigantescas reunidas.

Fui tirado dos meus pensamentos quando ouvi a voz de Dylan.

— Olha só... eles chegaram! Filho, seu amigo veio até aqui para ver como você está.

O pai de Tyler era um homem branco, de cabelos claros e um físico que deixaria vários dos meus colegas de time com uma puta inveja. Tinha um sorriso sincero nos lábios e olhava o filho com uma profunda devoção.

Uma devoção que eu sabia exatamente como era.

Levantei-me do banco onde estava sentado e caminhei até meu amigo, que segurava a mão da ruiva — que, com todo respeito do mundo, era uma puta de uma gostosa —, sorrindo para ela.

— Você não atende às minhas ligações, então eu tenho que vir ver como você está. — Dou um soquinho em sua mão, cumprimentando-o.

Tyler era um homem negro, tão alto quanto eu, mas não tinha tanta massa muscular. Ele era definido e claramente fazia atividade física, mas não era um viciado. Não como eu. Ninguém era, no fim das contas.

— A última notícia que eu soube é que a sua namorada sofreu um acidente.

Uma história tão longa que, até hoje, eu não tinha compreendido direito em sua completude. Ty e eu éramos assim, conversamos o suficiente e apenas isso. Ele não era como os outros três patetas, superprotetor e invasivo.

Sabíamos aceitar o limite um do outro muito bem.

— Nossa... Mas isso já faz o quê? Dois meses? — Nathan exclamou atrás de mim. — Por que você ainda é amigo dele? Ai! Skyller!

A loirinha provavelmente tinha dado um tapa no irmão. Não me virei para olhá-los.

— E olha que, dentre os meus amigos, Tyler é o que menos me dá trabalho — falei a verdade.

Aquele ali corria em corridas clandestinas, sumia por meses, já tinha sido preso, não retornava minhas mensagens e ligações, e nem mesmo perguntava se eu estava bem. E, ainda assim, era minha menor dor de cabeça.

— Por Deus... Com quem você anda?! — Nathan indagou, parecendo chocado.

— Posso te contar depois, mas, acredite, acho que você não vai querer saber — ponderei, prendendo o riso.

Quem iria querer saber sobre a história de um emocionado que se apaixonou na primeira foda e jurava que existia uma Cinderela perdida no mundo apenas para ele? Ou sobre um surubeiro que era apaixonado pela sua melhor amiga — e irmã do seu melhor amigo — e que, para completar, tinha um passado traumático? Ou pior, um *bad boy*, que de *bad boy* não tinha porra nenhuma, e vivia fazendo merda e soltava mais fumaça do que uma chaminé?

Ninguém iria querer saber dessas histórias.

Ninguém.

— Ele, com certeza, não vai querer saber — Tyler disse, olhando para o irmão com aquele semblante sério que ele estampava sempre.

— Fale por você, maninho! — Nathan gritou. Esse parecia ser fofoqueiro, iria se dar bem com as irmãs do Matt. — Amo uma história.

— Eu também amo! — Clarke, a namorada de Nathan, disse.

A garota era linda, não pude evitar observar — com o máximo de respeito, é claro. Era safado, não idiota. Ela era dona de um cabelo loiro que emoldurava seu rosto lotado de sardas que mais pareciam estrelas.

Nathan era um cara de sorte.

Assim como todos os outros caras ali.

Percebi rapidamente que não adiantava eu estar em Crownford ou em Campbell. Na casa dos Azzaro ou no Rancho Star, eu seguiria sendo a única pessoa realmente sozinha.

Isso era uma merda.

O tempo se passou, Tyler e Angel contaram a novidade que fez todos da família surtarem, e eu aguentei bem a ansiedade. Parabenizei meu amigo pelo seu final feliz, sorri nos momentos certos e fui educado com todos. Até o momento em que Tyler me chamou para conversarmos a sós.

Mesmo eu tentando esconder o óbvio, provavelmente estava estampado na minha cara como aquilo ali era difícil para mim.

Estar em volta de uma família de verdade estava me sufocando.

Tyler foi comigo sozinho até a área onde os cavalos ficavam para tomar um banho de sol e se sentou ao meu lado em um banco embaixo de uma árvore. Ele logo foi se desculpando por não ter estado presente em minha vida nos últimos meses, mas eu entendia. Ele tinha uma mulher para conquistar, problemas para resolver...

Por mais que Noah dissesse que não, eu sabia ser bem compreensivo quando queria.

— Relaxa, cara! — falei, deixando escapar uma risada. — Não é como se precisássemos nos falar todos os dias para sermos amigos. Você não tem ideia da loucura que está em Crownford.

— Jura?

Assenti.

— Passei praticamente todo o meu semestre tentando não matar o Noah. — E isso fez o Ty sorrir. Ele sabia de algumas histórias do Noah.

— Parece que esse é o que dá mais problema. Afinal, fazer o cara menos dramático que eu já conheci na vida se tornar dramático é para poucos, e o Noah parece fazer isso com facilidade.

— Ele é uma peste! — suspirei. — Mas eu não vim aqui falar sobre esses problemas, vim para outra coisa. Além de ter a certeza de que você e sua mulher estão vivos. — Puxei o celular do bolso da minha calça, sob o olhar atento de Tyler. — Sabia que tem vídeo seu correndo na internet?

A pergunta pareceu surpreendê-lo um pouco.

— Não.

— E você sabe que o destino é um belo filho da puta, né?

— Disso, eu sei.

Ambos sorrimos.

Não importava a cidade, o destino conseguia fazer da vida de qualquer um, o mais puro inferno. Às vezes, eu achava que existia até mais de um e, às vezes, eles faziam seus planos perversos juntos.

— Eu nunca te falei isso, mas a minha família é do ramo automobilístico. O que é meio óbvio, porque o meu sobrenome é Sinclair e a empresa se chama Sinclair.

— Caralho... Está me dizendo que a sua família vende o S080?!

Achei fofo como ele estava embasbacado.

Então, ele realmente não tinha ligado os pontos?

— Pois é... E acredita que esse carro foi feito pelo meu avô para mim quando eu era criança? — O pobre do Tyler parecia em choque diante da minha confissão. Prossegui mesmo assim. — Como você deve saber, a Sinclair tem uma equipe na *Gold Rush* e, para a alegria do meu pai, eu me interessei um pouco mais pelos negócios da família, graças a você — menti.

Não consegui me sentir mal.

Sabia exatamente o porquê eu estava fazendo aquilo.

— A mim? — Sua expressão mostrava o quanto ele estava realmente atordoado. — Por que você não é mais direto?

— Cara, eu sou direto! — Ri, cruzando os braços. — O problema é que você é de outro patamar, mas, voltando ao assunto... Eu achei o piloto principal da nossa equipe uma merda, então, em uma reunião com os diretores da equipe, mostrei um vídeo seu.

Tyler se levantou do banco, ansioso, talvez até um pouco aflito. Falei que ele era do time do Noah, não falei?

— Você o quê?!

— Você não tem noção do quão bom é, né, Ty? — Desbloqueei o celular e fiz questão de mandar o vídeo dele em nossa conversa no aplicativo de mensagens. Ele precisava finalmente notar o seu talento. — Não fui só eu que te achei bom, e a maior prova disso é o contrato que eu acabei de te encaminhar também — falei diretamente e sem rodeios, como ele tanto gostava. — O contrato inicia daqui a doze meses, que é quando finalmente o contrato do piloto que está na minha equipe acaba, mas não pense que esse ano vai ser fácil para você. Estamos falando de treinos duas vezes por dia, ficar sem bebidas, sem se meter em problemas, sem brigas e, primordialmente, sem cadeia. — Estalei os dedos, lembrando-me de mais um ponto. — Ah, e dieta.

— Dieta? — murmurou.

Por que todos eles odiavam tanto a dieta? Era a parte mais fácil da nossa rotina.

— Se você aceitar, será bem-vindo à vida de um atleta.

Voltou a se sentar, ainda meio inerte com todas as informações que joguei em seu colo.

— Posso pensar na minha resposta?

— Você tem uma semana para pensar bem. — Segurei seus ombros e olhei em seus olhos. — Não estou falando isso como o dono da empresa, mas sim como um amigo. Não existe pessoa melhor para fazer isso do que você.

E isso não era mentira. Tyler Blossom era o melhor para aquele cargo, ele merecia mais do que qualquer um. Se ele iria

aceitar ou não, se ele iria agarrar a oportunidade ou não, já não estava mais sob o meu controle.

Apenas o tempo iria dizer.

— Obrigado por essa oportunidade, Sebastian. Eu prometo pensar com cuidado — falou. — Você é um bom amigo e tem um excelente coração... Talvez, esteja na hora de entregá-lo para alguém.

Engoli em seco, retirando devagar a mão do seu ombro.

Todo mundo agora vinha com esse papo.

— Acho que está faltando mão de obra do destino — brinquei. *Não tendo amor à minha vida*, completei em pensamento.

Se eu, que nunca fazia nada de errado, vivia me fodendo, imagina agora, pedindo para esse sádico do caralho me ajudar, o inferno que eu viveria?

— Tenho certeza de que irá encontrar alguém algum dia.

— E aí, tem alguma amiga solteira por aqui?

Ty apenas balançou a cabeça, negando, descrente da minha cretinice.

Mas não foi o que todos eles haviam feito?

Enquanto a certa não aparecia, a gente se divertia com as erradas.

— Você fala dos seus amigos, mas também é péssimo!

— Eu nunca disse que era bom. — Dei de ombros. As pessoas que insistiam em achar que eu era um príncipe.

Príncipe mesmo só tínhamos um, e esse havia sido capturado bem cedo.

Eu estava mais para um sapo.



A cabeleira rosa estava por todo meu torso, assim como as unhas grandes passavam pelo meu braço, me fazendo um carinho que era para me fazer sentir coisas. Porém, não sentia nada.

Onde será que minha ruiva está? Será que aquele idiota do seu marido está cuidando bem dela?

— Você já se apaixonou, Seb? – Becca perguntou, com os olhos mirando o meu peitoral, mas eu sabia que não era em mim em quem ela estava pensando.

Era no seu ex.

Eu já havia ido vezes demais para a cama de uma mulher para saber quando elas não estavam ali comigo, e sim com sua própria imaginação. Esse era o caso da Becca.

— Sim.

Não tinha sorte no amor, mas isso não queria dizer que ele nunca tivesse acontecido comigo.

— E doeu para você esquecer o seu amor?

— Doeu. — Sempre doía matar um amor. — Não é de uma hora para outra, mas ajuda quando você vê o seu amor se casando com outro. Arde, queima, corrói... Até que sara.

Mas passava. Você só tinha que seguir em frente.

Ela se virou na cama e ficou deitada de barriga para cima, olhando para o teto.

Quem teve coragem de quebrar o coração desse neném?

— Não sei como seguir em frente... — Pelo jeito que ela havia gemido para mim, estava indo bem no quesito seguir em frente, mas quem era eu para jogar isso na cara dela? — Eu achei que ficaria para sempre com ele.

— Já pensou em voltar com ele? — perguntei, topando ser o ombro amigo que Rebecca precisava naquele momento.

— Não posso voltar... — suspirou, com os olhos um pouco marejados. — Ele terminou comigo e, bem... — Desviou o olhar de mim outra vez. — Ele mexia com coisas erradas.

Ah, não... Mais uma sem juízo que o destino havia colocado na minha vida? Eu não dava sorte mesmo. Já, já, eu faria amizade com uma ladra ou, sei lá, sequestradora de criancinhas.

— Que coisas?

— Ryder é dono do deserto, o lugar onde Tyler corria. E, você sabe...

Ah, se sabia. Digamos que ele era empresário no ramo de drogas.

— Traficante, Rebecca? Jura?!

Seu pai nunca te ensinou que não pode se envolver com um bad boy desse nível?

Falando em pai, cadê o daquela garota? Alguém tinha que ter uma palavrinha com ele.

— Em minha defesa, ele é muito gostoso. — Abaixou o tom de voz, como se alguém fosse escutar a gente naquele quarto. — E é ruivo.

Bom, eu não podia julgar a garota pela predileção por ruivos. Os cabelos de fogo davam um charme para qualquer um.

Sabe o que dá charme para qualquer um? Tranças no cabelo e uma habilidade inata de te deixar puto.

Por que estava pensando na Jordan? Odiava quando minha cabeça me relembrava de sua existência completamente do nada. E, geralmente, era nesses momentos mais esquisitos, como quando eu estava no pós-sexo com outra mulher.

E o mais esquisito disso tudo era que Rebecca nem, ao menos, lembrava a Jordan.

— Você precisa esquecer esse cara o quanto antes. Antes que se meta em mais problemas.

— Você está parecendo a Alex, minha melhor amiga, falando assim.

Alex, garota esperta.

— Alguém precisa colocar juízo nessa sua cabecinha, não é? — Segurei seu queixo. — Você é uma boa garota. É engraçada e inteligente, tem um futuro pela frente. Não estacione sua vida por causa de um homem que nem deve dar a mínima para você.

— Ele me amava, Seb...

Mas não o suficiente para ficar, neném. Não respondi nada. Ela sabia disso.

Eu era grosseiro, mas nunca sem propósito.

— Alguém já te amou, Seb? — Rebecca cortou o pequeno silêncio que nos abraçou.

— Sim. — Engoli em seco.

Aquela era uma verdade que doía dizer. Já havia tido o coração de muitas mulheres, o problema era que elas nunca tiveram o meu.

A única que eu já quis não era minha e eu não fui homem o suficiente para conquistá-la.

— Você amou e foi amado. É bonito e muito carinhoso. — Soltou uma risadinha quando eu arqueei a sobrancelha. Não tinha nada de carinhoso nos tapas que eu havia dado em sua bunda mais cedo. — Por que ainda está sozinho, capitão?

— Porque, igual ao seu ruivo, não amei o suficiente para lutar pelo meu amor — confessei. — Minha ruiva se casou com outro.

— Nossa...! — Rebecca se perdeu em pensamentos novamente, mas, quando olhou para mim, já estava sorrindo. — Nunca mais vamos transar.

Isso eu já imaginava, na verdade.

— Quero ser sua amiga, Seb. Tem um lugarzinho para mim aí?

Para uma maluquinha com cabelo rosa e coração partido? Como resistir?

— Vai tomar um banho, Becca. — Ela me olhou confusa diante do meu pedido. — Vamos tomar um sorvetinho. Coisas de amigos e tudo mais.

— Isso! — gritou animada, saindo da cama e saltitando para o banheiro.

Fofa.

Seria fácil me apaixonar por ela, uma pena que eu não iria. Aparentemente, meu coração não gostava do óbvio, e sim do trabalhoso. Do impossível.

Meu coração estava acostumado a amar estrelas. Não podia julgá-lo.



LÁGRIMAS

Sebastian Sinclair

Expulsei as lágrimas dos meus olhos com a mesma dor de todos os dias. Com a mesma saudade de todos os dias.

Ela latejava em meu coração, agoniava meu corpo e parecia que nunca mais iria parar.

Eu me sentia acabado.

Completamente sufocado por essa dor que me apavorava.

Como era que a vida havia acontecido daquela forma?

Como eu havia perdido tudo de mais precioso para mim em um espaço tão curto de tempo?

Ainda doía como no primeiro dia.

Ainda corroía como se fosse ontem.

Passei mais tempo ali do que o necessário, mas, quando saí do box, engoli qualquer resquício de dor e voltei a ser um cara forte.

O capitão.

A casa estava uma barulheira infernal. Todos estavam se arrumando para o primeiro dia do último semestre da faculdade, com um detalhe: Logan e Noah agora eram pais de família.

Logan e Noah agora viviam o que eu deveria viver, mas não podia.

Não era simplesmente maravilhoso que ambos morassem debaixo do mesmo teto que eu?

Eu era obrigado a ver Logan fazendo dever com Thomas e Noah dando mamadeira para sua Emma.

Eu era compelido a ser expectador da vida que eu tanto queria, mas não podia viver.

Hoje em dia, não era mais o cara que acordava às cinco da manhã para treinar nem mesmo que apressava todo mundo para chegar pontualmente na apresentação do time. Não era mais o cara que enfrentava os melhores amigos com decência e franqueza, e assumia que olhar para eles doía.

Hoje em dia, eu fugia.

Fugia tanto que a única pessoa naquela casa que andava escutando minha voz era a Emma. Minha fadinha.

A filha do Noah era um sonho. Meu sonho. Mas não era minha.

Ainda me lembrava de entrar naquela maternidade um mês atrás. Podia ser horrível, mas eu quis morrer quando olhei para ela.

Emma Thompson era o retrato de tudo o que eu não tinha mais.

Ela era igualzinha à minha menina.

Que saudade da minha estrelinha!

Enrolei mais um pouco para sair do banho porque aquele não era um bom dia. Não sabia como entrar naquela faculdade de

cabeça erguida. Não era mais o capitão. Pelo menos, no meu coração, eu não era mais, já que a braçadeira ainda está comigo. Ela ainda era minha, só o sonho que havia sido enterrado.

Por que eu tenho que enterrar tudo que eu amo?

Peguei meu celular, mandando uma mensagem de bom dia para Rebecca, conferindo se ela estava bem e aproveitando para checar alguns e-mails da empresa.

Minha barriga estava faminta, mas isso não era o suficiente para me tirar dali.

Escutei alguém batendo à porta e, antes mesmo que dissesse que já iria descer para o nosso tradicional café da manhã, tomei um susto. Ela se abriu em um solavanco, mostrando dois pares de olhos escuros, que, hoje em dia, eram tão felizes que chegavam a me emocionar.

Eles ainda eram minha preocupação diária. Minha maior dor de cabeça. Mas, no fundo, eram meus protegidos. Eu daria tudo por eles. Por qualquer um deles.

— Não vai comer, Seb? — Ultimamente, Noah me olhava preocupado. Ele não perguntava nada porque ainda estava me dando chances para dizer o que realmente estava acontecendo comigo, mas estava louco para fazer isso.

Ele, assim como todos os outros, estava louco para me ajudar. Era eu quem não queria ajuda nenhuma.

— Não se levantou para treinar hoje — Liz constatou, preocupada.

Eles estavam lotados de questionamentos e preocupações.

É gostoso quase morrer de preocupação, não é, pirralhos?

Quantas foram as noites em que eu não preguei os olhos me perguntando onde Noah estava enfiado? Quantas não foram as noites em que eu passei com Elizabeth pendurada no meu telefone, chorando bêbada e magoada por causa daquele mesmo garoto com quem agora dividia uma família?

Tantas, que eu nem conseguia começar a enumerar.

— Não tem mais o porquê acordar, Liz. Não começa. — Olhei para a minha janela e vi Logan e Isabella se despedindo de Thomas lá embaixo. Logo, desviei o olhar, livrando meu cabelo do meu coque, apenas para refazê-lo em seguida.

Às vezes, eu sentia que o destino gostava de me torturar. Quanto mais miserável eu estivesse, mais feliz ele estaria.

— Cara, não faz isso… — Noah entrou no meu quarto, trazendo consigo a sua duplinha.

Eles não iriam desistir dessa tão fácil.

Eles jamais desistiriam de mim.

— Não começa você também, eu estou bem. Já conversamos sobre isso — insisti em tom duro. Isso fez ambos rolarem os olhos de um jeito idêntico.

Noah e Liz tinham aquela coisa entre eles, uma que chegava a ser esquisita. Eu convivia com muitos casais à minha volta E sabia como o amor se parecia. O deles era diferente.

Era como se dividissem a mesma alma.

— Você está sendo teimoso! — Liz cruzou os braços e arqueou as sobrancelhas, fazendo meu coração doer.

Liz sempre fazia meu coração doer.

— Eu sou teimoso. — Sorri.

Sorri sentindo dor.

De todos eles, eu era o pior.

Sempre soube que era.

Matteo era teimoso e passional.

Logan era mentiroso e covarde.

Noah… Ah, o Noah era arteiro e nunca pensava nas consequências dos seus atos.

Mas eles eram bons garotos.

Eu não era. E eu sabia que ninguém percebia isso olhando de fora. As pessoas me achavam metido e arrogante, mas não passava disso. Ninguém notava que eu era, na verdade, dissimulado. Que, a cada palavra que saía da minha boca, tinha mais de duzentas que eu não me permitia falar. Às vezes, eu não me permitia pensar. Ninguém notava como eu sempre ganhava minhas discussões e sempre tinha as coisas do jeito que eu queria e gostava.

— Olha, eu entendo que vocês se preocupam comigo. Eu realmente aprecio isso, mas precisam entender que suas prioridades mudaram e que, hoje em dia, a única pessoa em quem deveriam realmente pensar é na Emma. Inclusive, cadê minha fadinha?

Ambos cerraram os olhos.

Mentir para mentiroso era foda.

Mas nesse jogo, o mestre era eu.

— Seb, que porra você está fazendo da sua vida? — Noah me olhou como se eu fosse uma equação a qual ele não conseguia resolver.

O neném sempre foi ruim de matemática.

— Estou vivendo.

Se fosse para ser sincero, eu estava buscando minha estrelinha.

Vontade de bater na cidade das estrelas e ficar por lá junto com ela.

— Você não é assim... — Liz disse, emburrada.

— Só não sou dramático como vocês. Eu tinha uma chance e eu a perdi. Fim de jogo.

Não me pressionem. Sério, não me obriguem a ser um idiota.

— Cara, você tem mais uma chance. Não para de receber propostas de empresários no seu e-mail! Não foi o fim. — Noah estava a ponto de brigar comigo. Sabia disso porque seu rosto começava a se avermelhar.

— Peita seu pai, Seb! Você é mais do que ele fez de você — Liz complementou o noivo.

Eu poderia fazer milhares de coisas agora. Mas o que era o certo, também não era o seguro para mim. Nunca havia sido.

Eu precisava afastá-los de mim.

— Vocês não tiveram pais dignos de nada. Eu devo honra ao meu pai. Já expliquei isso um milhão de vezes, não vou explicar de novo. Vocês acham mesmo que Matteo conseguiria decepcionar os pais de alguma forma? Eu estou tentando lidar com isso. Tive que desistir do futebol e preciso lidar com isso! — Respirei fundo, culpado pela forma como estava falando com eles, mas continuei. — Não me ajuda em nada vocês me pedindo para lutar por um sonho que não é mais meu.

— Mas ainda é, Seb! — Liz nunca iria me entender.

Ninguém iria.

Eles haviam passado por muito, mas, ainda assim, não tiveram que ver o caixão branco e pequeno da própria filha descer até o fundo de uma vala. Eles não tiveram que ver a terra cobrir o que, um dia, foi o seu mundo.

Então ninguém pode me culpar por me manter fechado dentro da minha própria cabeça. Eu mais do que ninguém sabia como nenéns se machucam em ambientes tóxicos.

Não vou deixar nada acontecer com eles. Com nenhum deles.

— Não é! — Minha voz ficou mais grave. — Não sou um homem de um sonho só. Vou acabar me apaixonando por outra coisa.

— Você amava o futebol! Não se troca um amor desse jeito! — Liz continuou com seu discurso.

— *Vocês* não trocaram. Eu deixei a mulher da minha vida se casar com outro. Sei muito bem como enterrar amores, Liz.

E, enfim, ela entendeu.

Noah também.

Quem tinha sangue frio para levar a mulher por quem foi apaixonado durante grande parte da sua vida até o altar e seguir em frente? Apenas um cara como eu conseguia fazer isso.

E fiz por escolha.

Nunca lutei pela Harmony por escolha.

Deixei que ela se casasse com outro também.

Não éramos certos um para o outro. Por mais que eu soubesse que poderia sim, ganhar o coração dela, não tinha dúvidas de que, em algum momento, ela iria descobrir que eu não era tão perfeito quanto ela achava.

A mulher perfeita para mim tinha que ser a combinação letal de submissa e dominante. Uma mulher que não abaixasse a cabeça para as minhas merdas ao mesmo tempo que soubesse a hora de me obedecer. Uma mulher que precisasse de mim, mas que tivesse a audácia de escolher ir embora quando achasse melhor.

Essa mulher não era Harmony. Ela era doce, submissa ao extremo e dona de uma fé que eu iria arruinar.

Eu não era bom para ela. E ela era pura demais para mim.

Por mais que eu quisesse um anjo, sabia que me daria melhor com um capeta.

— Quem você enterrou? — Meu menino de, agora, olhos felizes perguntou.

— Por que você está sendo tão enxerido? — Porra, eu já falei dos pais deles, já fui grosseiro, já levantei minha voz...

Por que eles não me deixam em paz?!

— Porque eu te amo. Porque você é minha família.

Aquilo fez meus olhos arderem.

Eu era um idiota egoísta do caralho!

— Eu te amo também. Amo vocês dois.

Eles não saíram chorando do meu quarto. Eles nem saíram.

Eles ficaram.

Eles me abraçaram.

E, finalmente, eu contei para um dos meus melhores amigos o segredo que apenas a sua gêmea de alma sabia.

Eu contei sobre a minha Emma Rose.

— Eu tive uma filha, Noah. — Ele congelou ao escutar as minhas palavras. — E eu tive que enterrá-la.

— Uma... filha?

Quando ele se afastou, eu olhei em seus olhos e me preparei para cortar o coração deles junto com o meu.

Por que o livro favorito deles tinha que ter o nome da minha filha? Destino sádico do caralho... Eu falei que esse filho da puta gostava de me foder com coisas como essa. Não bastava Logan adotar seu irmão e se tornar um pai diante dos meus olhos, também tinha que dar a mesma benção para o Noah e, ainda por cima, conseguir a proeza de fazê-lo com que escolhesse o mesmo nome da minha filha.

— O nome dela era Emma.

Liz arregalou os olhos. Eu nunca tinha contado isso para ela, a única coisa que sabia era que minha filha se parecia um pouco com ela.

Com “um pouco”, eu estava sendo legal. Elas eram muito parecidas.

— Nem fodendo! — Noah abriu a boca. — Seb... Puta merda! Por que não disse nada?

— Porque esse nome é realmente bonito. — Não contei o significado que tinha para mim. Ainda doía, ainda queimava o meu coração. — Não era para contar assim.

— Achei que você nunca fosse contar — Liz expôs.

Aquela garota.

Aquela linda garota.

Eu tinha uma conexão com ela. Tudo porque ela evocava sentimentos em mim, tais quais eu só sentia quando Emma estava em meu campo de visão.

Conviver com Liz me machucava e me acalmava na mesma medida.

Havia sido por isso que sempre me senti protetor em relação a ela. E havia sido pelo mesmo motivo que sempre quis meu melhor amigo longe dela.

Se fosse minha filha, eu não teria aprovado o relacionamento dos dois. Não quando ele havia feito tão mal para ela.

Eles sempre tiveram muito amor em seus corações, mas nem sempre foi um amor saudável. Noah e Liz haviam sido tóxicos um para o outro, e um amor como esse envenenava. Jamais deixaria que ela sofresse por um amor assim.

— Só estou contando porque vocês precisam saber que eu estou acostumado a perder aquilo que amo. Que meu coração já vive sem a metade dele há um tempo. Vou ficar bem. Eu fiquei bem.

Para quem vivia sem a filha há mais de seis anos, o que estava passando não era nada.

— Não vai me contar mais nada sobre ela, não é?

Noah me conhecia bem o suficiente para saber que não.

— Ela é muito parecida com a Emma? — Liz murmurou sua dúvida. — A nossa Emma.

Eu ainda tentava entender como isso havia acontecido.

Elas tinham o mesmo nome, a mesma cor dos olhos, o mesmo tom nos cabelos...

Elas até pareciam primas. Mas não eram.

Às vezes, eu achava que Emma Thompson era um presente que o destino havia me dado depois de ter arrancado Emma Rose de mim.

Como se algo fosse amenizar aquela falta...

— Pessoal, não me olhem assim. — Pena era algo que eu nunca consegui suportar. Por isso, nunca havia dito nada para

ninguém. — Eu estou bem.

É o que eu me digo há anos, mesmo chorando quase todos os dias pela manhã.

— Você não está bem... — Noah puxou Liz para os seus braços, e ela foi sem relutância alguma. — Algum dia você esteve bem?

— Não se preocupem comigo, eu sei sobreviver às catástrofes. Cuidem da filha de vocês, cuidem de si mesmos... *Eu vou sobreviver* — reforcei a última frase, tentando esconder que estava me matando aos poucos.

Eu não corria mais às cinco da manhã.

Eu não tomava mais o meu pré-treino.

Eu não compareci à reunião de recepção dos novatos.

Minha braçadeira de capitão agora seria do Matteo.

Como eu iria sobreviver a essa merda?

Por ela, me perco. Por ela, me acho. Por nós, conquisto o mundo.

As coisas que o papai faria por você, estrelinha...

— Se você precisar de alguma coisa, estamos aqui — Liz falou, mas eu já estava dando as costas.

Não respondi.

Porque eu precisava deles.

Mas, infelizmente, o meu problema eles não poderiam resolver.

Ninguém poderia.



ENCONTRO INESPERADO

Jordan Joy Lewis

A Crownford University era uma das maiores faculdades do país, também uma das mais respeitadas, mas eu tinha que ser sincera: o time de futebol de campo dali era fraco. As meninas eram boas, mas estavam longe de ser excelentes e, mesmo assim, eu larguei tudo em Nova Iorque e vim para cá.

Saí da aula de literatura assim como eu entrei. Sozinha. Minha conversa com Elizabeth Voughn não havia me trazido muitas informações de como as coisas estavam por ali, mas, no momento em que ela disse que Logan tinha se casado, eu percebi que nada mais era o mesmo.

Eu não iria encontrar o mesmo Logan. E nem o mesmo Sebastian.

Andei olhando para o campus, tentando entender como as coisas funcionavam por ali. Todo mundo parecia incrivelmente

satisfeito e feliz, mas havia algo fora do lugar. Algo que não se encaixava.

Talvez, fosse eu que não fizesse parte daquilo ali.

Andando sozinha, para algum lugar que eu nem mesma sabia onde era, prendi a língua no céu da boca, tentando fugir das minhas próprias perguntas.

O que caralho eu tinha feito?

No momento em que me vi no centro do campus, encontrei o famoso gramado onde os alunos ficavam jogados em seus intervalos, conversando e passando o tempo. Aquele era o intervalo do almoço, então muitos estavam com suas comidas e amigos almoçando juntos.

Eu não o estava vendo, mas sentia que estava ali. Sempre havia sido assim.

Sempre tive um fio invisível que ligava meu coração ao dele.

Um fio que ele sempre fez questão de cortar.

Preparei-me.

Segurei minha respiração.

Tentei acalmar meu coração para o tiro que tomaríamos e, enfim, olhei para a esquerda, encontrando os cabelos negros presos em um coque e suas costas largas, que preenchiam superbem a camiseta igual à minha; a qual na parte da frente tinha o símbolo do departamento de esportes da Crownford.

O primeiro que me notou foi o *bad boy*, que, para minha surpresa, não se parecia mais com um. As roupas pretas deram lugar a umas mais alternativas, os olhos cansados e tristes se mostravam felizes. Ele até mesmo estava sorrindo. Durou pouco. Logo quando me viu, seu sorriso morreu.

Liz estava ao seu lado e ficou tensa no mesmo segundo. Eu pedi para eles ficarem em silêncio, colocando o dedo indicador na frente da minha boca. Eles ficaram. Achava que não por escolha, mas por choque.

Matteo estava ao lado da namorada e logo percebeu a tensão do amigo, olhando para cima. Ainda me lembrava de como ele havia apoiado o Sebastian, me impedindo de chegar até o Logan quase dois anos atrás. Essa lembrança ainda doía. Eles não tinham ideia de como haviam me fodido naqueles meses.

Fiquei tensa, mas me aproximei devagar e me abaixei mesmo assim.

Todos pararam de falar quando eu cheguei perto da orelha de Sebastian, por trás, sendo inundada por seu cheiro de perfume caro, shampoo de coco e algo único que só sentia quando ele estava no local. Cheguei a ficar levemente tonta, mas disfarcei todos os meus sentimentos com uma cara dissimulada que sempre performei muito bem.

— Oi, cretino.

Suas costas se tensionaram, mas ele não virou seu rosto para mim. Poderia jurar que estava reunindo coragem para me olhar nos olhos.

Ou pedindo a Deus que aquilo fosse uma alucinação.

Já Logan olhou por cima do ombro, arregalando os olhos e abrindo a boca como se estivesse vendo um fantasma.

E estava.

Naquele segundo, apostava que, assim como eu, ele estava lembrando de todo o nosso passado feio e tortuoso.

— O que você está fazendo aqui, sua desgraçada do caralho? — A voz de Sebastian soou grave. Potente. E muito, mas muito brava.

Porém, não deu tempo de eu me importar com o seu *piti*, pois fui puxada para os braços do loiro, que, por causa do meu tamanho de formiga, me levantou sem esforço nenhum. Perto deles e de Callum, eu sempre fiquei ainda menor. Para o futebol, ter um e cinquenta e oito nunca foi um problema. Na verdade, minha altura e peso me ajudavam a ser rápida, o que, como atacante, eu precisava ser, mas, fora do campo, meu corpo não impedia que eu vivesse situações como aquela.

— Não acredito que está aqui! — Logan me apertou como se eu tivesse voltado do céu. — Porra, por que você não me contou que estava aqui? — Ele seguia me apertando.

— Minhas costelas, Logan! — Soltei uma risada estrangulada. Ele me soltou um pouco, mas logo era eu que o estava abraçando novamente. — Não acredito que se casou.

— Tenho tanto para te contar! Puta merda, não sabe como estou feliz em te ver, JJ — falou, me soltando com os olhos marejados.

Ufa. Parecia que o seu coração continuava o mesmo lugar quente de sempre.

Depois de tudo o que eu havia feito com ele, era de se esperar que Logan nunca mais quisesse olhar na minha cara. Mas esse nunca foi o seu estilo.

Sentei-me entre Logan e a namorada de Matteo. Encontrei vários pares de olhos em cima de mim, mas me prendi nos do loiro.

Apenas ele entendia o meu passado.

Apenas ele sabia sobre tudo pelo que eu havia passado.

— Não respondeu o que está fazendo aqui. — Tinha tanta repulsa nas palavras de Sebastian, eu precisei sorrir para não chorar.

Mas, para todos os efeitos, eu não era esse tipo de garota.

Eu não corria. Eu ficava e aguentava.

— Sebastian... — Logan chamou a atenção do amigo, mas óbvio que o capitão não ligou.

— Não. Eu não vou deixar você cair na lábia dessa garota de novo. Não lembra mais de como passava mal quando a via? Não lembra mais do que ela fez?

Sua voz grossa deixava a cena toda ainda mais desconfortável.

— Sebastian, você precisa superar essa merda! — vociferei, peitando o cretino que nunca soube ver além do que estava bem na sua cara.

— Superar?! — Ele cruzou os braços grandes e esboçou um sorriso cruel.

Comigo, ele sempre era cruel.

— Você realmente é um hipócrita de merda! — Foi minha vez de abrir um sorriso perverso. Nunca fui boa em aguentar suas merdas calada. Nunca me curvei a ele, mesmo que, em muitos momentos, eu quisesse. Até porque, convenhamos... Quem não quer? — Desça do trono e não aja como se eu fosse a pior pessoa que já conheceu. Você se olha no espelho todos os dias.

— Está insinuando que eu sou pior do que você?!

— Estou afirmando exatamente isso.

Pelo fogo que queima em seus lindos olhos negros, eu sei que ele está louco para me foder. Ou me matar. Nunca consegui lê-lo com muita precisão.

Sebastian sempre ficou envolto em uma névoa de mistério que me instigava mais do que qualquer outra coisa na vida.

Seus olhos eram como um cofre, mas que nunca foi aberto por ninguém.

— Nem se eu tentasse, conseguiria chegar ao seu nível, sua desgraçada do caralho! Não é à toa que terminou sozinha.

É. Acho que ele quer me matar mesmo.

— Nunca se esqueça que eu conheço você. Essa sua fachada de menina sofrida não colou comigo no passado, e não vai colar agora. Você é um ser humano desprezível e por mais que o Logan a perdoe por tudo que fez a ele no passado, eu não perdoo. Eu te quero longe daqui. Longe de mim e principalmente, dos meus amigos. Se você foder com eles...

Engoli o nó que se formou em minha garganta como se fosse veneno e, dessa vez, olhei para as minhas mãos trêmulas, envergonhada. Não por causa do Sebastian, e sim por causa das memórias da pessoa que eu já fui.

Ele me odeia? Acho que somos dois então...

— Chega! — Logan olhou feio para o amigo, que não recuou em nada, e soltou um suspiro cansado quando percebeu que as coisas não iriam ser fáceis. Nunca haviam sido, não é mesmo? — Esse assunto de novo não.

— Essa garota te destruiu, Logan.

Quando olhei para os outros reis, percebi que eles não discordavam de Seb.

Por que eu vim para cá?

Diziam que o topo era muito solitário, mas nunca diziam que o fundo do poço também era.

— Eu pareço destruído, Seb? — Logan enfrentou Sebastian de um jeito que me espantou.

Ele realmente havia crescido. E isso me orgulhava.

Isso me emocionava.

Mas, ao mesmo tempo, me assustava. Antigamente, Logan nunca seria capaz de peitar Sebastian. Ninguém era. Será que o capitão também não era mais tão invencível quanto era anos atrás?

— Como não pode ver que essa garota é perversa? Ela te acusou de assassinato, Logan!

Foi como receber um soco bem no estômago.

Naquele momento, mais pessoas estavam olhando, e isso me apavorou. Mesmo eu não tendo o menor direito disso. Anos atrás, era eu na posição do Sebastian.

Encolhi-me, prendendo o choro na garganta.

Como eu o odiava.

Se eu pudesse, acabaria com ele.

Mas eu não podia.

Eu não conseguiria…

Porque, ao mesmo tempo que eu o odiava…

Eu também…

Não. Não iria por esse caminho.

— E isso nunca foi e nunca será um assunto seu – Logan rebateu. Mordaz. Com a voz baixinha e vermelho de ódio.

Todo mundo fez silêncio na roda.

Olhei para o gramado, como se ele fosse capaz de me puxar para dentro e me tirar daquela situação de merda. Eu sabia que aquilo ali era uma péssima ideia, só não achava que seria tão ruim.

Aquela fofoca iria rodar pelos corredores da Crownford, e eu, que até o momento só era uma jogadora talentosa que havia sido transferida para lá, agora também precisaria enfrentar um passado do qual nunca me orgulhei e que estava exposto para quem quisesse ouvir.

Meu lugar não é aqui.

Como eu queria voltar para a minha casa. Para a minha vida. Para os meus pais.

Pena que nada disso existia mais.

— JJ... — Logan me chamou, e tive que subir o olhar porque ele já estava de pé. — Levanta a cabeça. Você e eu sabemos que nada do que fez foi por mal. Foi por dor.

E, assim, ele estendeu a mão para mim, me puxando para si e me tirando de perto dos seus amigos.

Quando seus braços passaram pelos meus ombros, eu levantei meu queixo e arrumei minha postura.

Logan Azzaro-Gauthier ainda era a melhor pessoa que eu já havia conhecido.

Pude puxar o ar de volta para os meus pulmões depois que demos alguns passos.

— Então... — Abri um sorriso tão falso quanto o que ele costumava dar uns anos atrás. — Você se casou?

— Quer mesmo falar sobre isso? — Esboçou um sorriso triste, tentando aliviar o clima que não era dos melhores.

Logan era sempre a pessoa que conseguia fazer qualquer ambiente ruim se tornar bom.

— Quero falar sobre qualquer coisa que não seja o nosso passado.

Tudo, menos isso.

— JJ, o que está acontecendo com você? Nunca te vi tão vulnerável.

Nunca estive tão vulnerável antes.

— Estou bem, Logan — murmurei, fugindo dos seus questionamentos. — Eu nunca havia sido uma boa mentirosa, mas sempre dei o meu melhor.

— Tentar se matar duas vezes não é algo que pessoas felizes e que estão bem fazem, Jordan.

Arregalei os meus olhos, sentindo meu coração bater tão forte no peito, que podia jurar que o sentia em minha cabeça.

Não. Ele não podia saber dessas coisas.

Tudo foi um erro.

Os comprimidos. As cartas. O planejamento.

Eu prometi que não seria mais aquela pessoa e não ia mais ser. Foi um juramento que eu fiz.

Um juramento que eu vivia querendo quebrar...

— Quem te contou?

— Michael precisou de ajuda na última vez. — *Óbvio que precisou. Nosso dinheiro já estava nas últimas.* — Eu queria te visitar, mas seu irmão não deixou. Disse que você não ia gostar.

— E não ia mesmo.

Já estava odiando o suficiente o fato de ele ter dado dinheiro para me ajudar.

— O que está acontecendo com você, JJ? — Seu polegar fez um carinho familiar no meu ombro, e foi como voltar a ter quinze anos outra vez e ser praticamente irmã do melhor menino do mundo.

— Eu estive perdida... — Perdida de mim. Do meu coração.

Perdida dentro da minha cabeça que insistia em me dizer que o mundo era um lugar melhor sem mim.

— E se encontrou?

Vi a esperança brotar em seus lindos olhos azuis, fazendo com que brilhassem de uma maneira diferente. Sempre entendi porque Callum o amou tão facilmente, mas nunca consegui entender porque não o amou o suficiente.

Logan era tudo que alguém poderia querer para si. Ele era bom.

Pena que assim como eu, Callum gostava de coisas difíceis.

Éramos típicas pessoas que gostavam do ruim. Do feio... do tóxico.

Não era à toa que éramos suicidas.

Callum e eu éramos tóxicos e autodestrutivos. É por isso que dávamos tão certo.

— Estou aqui para isso, loiro. — Sorri, tentando me segurar em suas esperanças porque, em mim, esse sentimento não existia mais há anos.

Naquele almoço, ele me contou várias coisas sobre ele, e foi como se aquele tempo todo não tivesse passado. Durou menos de meia hora, mas foi o necessário para ter a certeza de que meu amigo ainda estava ali. Ele não tinha ido a lugar algum.

Eu ainda o amava.

Ele ainda me amava.

E, por mais que a dor tivesse nos distanciado, hoje, ela já não nos separava mais. Pelo contrário, ela nos ligava.

Expulsei as lágrimas dos meus olhos com a mesma dor de todos os dias. Com a mesma saudade de todos os dias. Ela latejava meu coração, agoniava meu corpo e parecia que nunca mais iria parar.

Eu me sentia acabada. Completamente sufocada por essa dor que me apavorava.

Como foi que a vida tinha acontecido dessa forma? Como foi que perdi tudo de mais precioso para mim em um espaço tão curto de tempo?

Ainda doía como no primeiro dia.

Ainda corroía como se fosse ontem.

Passei mais tempo ali do que o necessário, mas, quando saí do box, engoli qualquer resquício de dor e voltei a ser a garota forte.

A capitã.

Minhas pernas estavam fatigadas depois do treino daquele dia, e as meninas me olharam meio atravessado por não me conhecerem e por eu ter pegado a braçadeira de capitã de um time que estava longe de ser meu.

As Crownford Lioness nunca haviam ganhado nenhum campeonato nacional, e eu estava ali para mudar isso. Pelo menos,

foi isso que eu disse à diretora da universidade quando bati à porta dela, pedindo uma bolsa integral e uma vaga no time das Lioness.

“O que te faz querer entrar aqui, Senhorita Lewis?”

Eu poderia mentir, mas os seus olhos verdes me convidavam a dizer a verdade.

“Meu coração, Senhora Pallazzo”. Dei um sorriso triste. “O que resta do meu coração está aqui”.

Não foi preciso dizer mais nada. Em três semanas, eu havia recebido uma carta de aceitação e meus olhos não acreditavam quando liam sobre a bolsa de cem por cento que a universidade me oferecia, mesmo eu não tendo notas que se adequassem à tal bolsa.

A diretora havia me dado tudo.

Ela havia me salvado sem nem saber que estava me salvando.

Uma semana depois, foi a vez da Sra. Azzaro ligar para o meu irmão, dizendo que ele havia sido contratado como chefe confeiteiro na Azzaro´s Coffee Shop.

Dois meses atrás, tudo isso parecia minha salvação. Hoje, parecia mais uma parte do meu inferno.

Não me sentia apenas sozinha, eu me sentia uma vilã.

Sequei-me e vesti minha roupa pós-treino, ignorando os olhares das minhas companheiras de time. Meus olhos estavam vermelhos e eu estava tão cansada que não podia passar por mais um único estresse naquele dia, senão, não iria aguentar.

— Dia difícil, capitã? — Uma voz suave me convidou a virar minha cabeça para a esquerda.

— Uma vida difícil, Yamasaki.

Sim, eu já tinha gravado o nome de quase todas as minhas meninas. Era necessário quando precisava comandar o time dentro do campo.

— Todo mundo me chama de Layla... — Ela soltou uma risada sem graça. — Sei como é chegar aqui e não conhecer ninguém, mas você não está sozinha.

Soltei um suspiro cansado e, em seguida, olhei para a pequena Layla, que, além de ter o cabelo pintado de rosa, usava uma jardineira da mesma cor e tênis verde-neon. Uma combinação um tanto quanto engraçada.

— Obrigada, Layla. Mas estou bem, apenas cansada. — Tentei retribuir o sorriso.

Por mais que o Sebastian achasse que eu era sem educação e ignorante com todo mundo, eu não era.

O meu pior lado apenas ele conhecia.

— Sou sua colega de quarto, inclusive. — Sorriu ainda mais. — Sei que estive sumida nas últimas duas semanas, mas hoje, antes do treino, passei por lá e arrumei minhas coisas.

Ah, então era com ela que eu dividiria o meu dormitório. Menos mal, ela parecia ser legal.

— Estava na casa da minha namorada passando as férias por lá — explicou-se, mesmo eu não tendo perguntado nada.

Esbocei mais um sorriso, mas me sentia tão cansada que eu só peguei minha mochila e coloquei nas costas, dei dois tapinhas no ombro da minha colega e saí em disparada para o meu dormitório.

Precisava tanto dormir.

E chorar.

Já estava me cansando de chorar.



PROBLEMAS

Sebastian Sinclair

As crianças estavam dormindo. E eu estava cansado.

Queria chorar.

E Logan parecia preparado para me dar motivos para fazê-lo.

O escritório do Logan foi a escolha dele para que finalmente conversasse comigo e com os meninos. O garoto que nunca segurava a língua na boca havia passado o restante do dia em um profundo e absoluto silêncio.

Eu estava certo.

Ela que estava errada.

Como ele não via isso?

— Eu não fiz nada. — Noah cruzou os braços, fazendo aquele bico que sempre esboçava quando estava metido em problemas. — Por que estamos aqui, se quem fez merda foi o Sebastian?

— Porque eu preciso que todos vocês entendam quem é a JJ para mim. — Logan se encostou em sua cadeira, todo imponente.

Naquele momento, ele parecia muito mais o herdeiro da Gauthier do que o nosso Golden.

— Mas nós sabemos, Logan — Matteo balbuciou.

Bando de arrombado do caralho.

Eles sabiam que eu estava certo.

— Não, vocês não sabem. — Seus punhos se apoiaram sobre a mesa e suas mãos se cruzaram. *Ele está tão puto. E eu estou tão fodido.* — Ela sempre foi minha melhor amiga.

— Ela destruiu você, Logan! — rebati, tão puto quanto ele. Nunca havia tido medo do Logan e não seria agora que começaria a ter.

— Ela estava destruída, Sebastian! – Aumentou seu tom de voz. — Você não a conhece, eu sim. Ela não teve a intenção de me machucar.

Coração bom de merda! Por isso, vivia se fodendo.

— Como alguém berra para todo mundo escutar na escola que você é um assassino, destrói sua reputação, sua saúde mental, e você acha que fez tudo isso para não te machucar? Você não é burro, Logan! — Não recuei. Ele precisava entender a dimensão do que ela havia feito.

— A Jordan estava tão quebrada, Seb...

Respirei fundo.

Odiava quando eles me obrigavam a ser o cara mau.

Odiava!

Tudo culpa daquela filha da puta.

— E ela te quebrou! Você já estava na corda bamba, e ela te fodeu ainda mais! Lembra de quando ela chegou na escola, no meio do refeitório, e berrou para quem quisesse escutar que você era um

assassino? Que você era um monstro? Porque eu me lembro muito bem. — Meu ódio só aumentava enquanto eu lembrava de tudo que ela havia feito para o meu melhor amigo. — Eu me lembro de você chorar apavorado no banheiro do colégio. Tenho gravado na minha mente os gritos angustiados que você dava por culpa daquela desgraçada! Ela estava sofrendo, mas você também estava!

— Você passava mal quando a via, Logan... — Matt murmurou, expondo que também não estava à vontade com aquela amizade.

Com ela.

O problema era ela!

— Não façam isso... — o loiro sussurrou, limpando a lágrima solitária que escapou de um de seus olhos. — Não a julguem.

— Só queremos proteger você, Golden — Noah disse com firmeza, soando como um... pai. Porra, isso ainda era estranho.

— Todo mundo aqui já fez alguma merda

Ah, mas ele não iria me colocar no mesmo patamar daquela mulher. Nem fodendo.

— Ninguém aqui foi tão cruel! Nem mesmo o Noah — rebati. Ácido. Firme.

Cruel.

Eu estava sendo tão cruel com ela.

Mas ela merecia essa porra.

Ela merecia o meu pior.

Sempre mereceu.

— Ela enterrou o melhor amigo... — Isso não era justificativa para o que ela havia feito. Cruzei meus braços para as suas palavras. — Ela estava machucada! — Ele também estava. Foda-

se. — Ela só precisava de alguém para culpar. Ela perdeu o mundo todo dela. — *Você também perdeu! Eu também perdi!* — Não a julgue tanto, Sebastian... Você nunca a conheceu de verdade.

— Eu a conheço de verdade! Ela é egoísta. Mimada, chata, insensível e cruel. — Eu tremia. Estava prestes a chorar.

Porque ela era tudo isso, mas também era a menina alegre e bonita que vivia dando sorrisos para os caras do colégio e me deixando louco. Ela também era a pessoa que me causava coisas que até hoje não sabia denominar. Ela também era parte de um passado que eu fazia questão de enterrar.

Bem no fundo do meu coração, eu sabia que ela era muito mais do que os seus defeitos, e se me permitisse ver suas qualidades... Porra, jamais me permitirei fazer algo como isso.

Jordan tem a capacidade de manipular as pessoas com sorrisos ou lágrimas. Não posso me tornar mais um a cair em sua teia.

— Por que a odeia tanto? Ela nunca fez nada para você!

Ah, ela fez, sim.

Ela era um lobo em pele de cordeiro. Como ele não via isso?

— Porque ela te fez mal. Porque ela quase matou você de verdade.

— Não está sendo justo. — Logan limpou mais uma lágrima de seu olho e me olhou de igual para igual. Era bem agora que ele iria me fazer chorar. *Vai, Golden, mostra o porquê você é meu melhor amigo.* — Eu estou aqui. Não morri. Meu coração não parou, Seb.

Respirei fundo.

Fiquei mudo.

Minha garganta arranhou.

— Mas o dela está parando, você não vê? — Não, eu não via. — Ela está sozinha. Você enterrou a sua neném.— *Noah! Língua solta do cacete.* — Ela enterrou a mãe. Seis meses depois, o melhor amigo. Seis meses depois, o pai. Hospital custa caro, Seb... Sabia que a mãe dela teve câncer por mais de dez anos?

Mas nem fodendo!

— Eles perderam tudo. Jordan não tem nem mais a própria casa.

— Foi você quem a trouxe para cá, não foi? — perguntei, já sabendo a resposta.

— Ela não tem mais ninguém. E jamais aceitaria o meu dinheiro, então eu dei um jeito. — Um sorriso gelado estampou seus lábios. — JJ não aceitaria o meu dinheiro, mas a diretora aceitou de bom grado.

— Você subornou a diretora?! — Matteo estava embasbacado. Já eu, seguia puto.

— Eu descobri que ela estava precisando de mim. — Correção: o irmão da Jordan havia contado para ele. — Como eu disse, dei meu jeito.

— Como você descobriu que ela perdeu os pais? — murmurei, ignorando os olhares pesarosos do trio empático que eu chamava de meus melhores amigos.

— Eu já sabia, a única coisa que eu não sabia era sobre as entradas nos hospitais. — Gelei diante de suas palavras. — Dos remédios, dos desejos sombrios.

— Do que você está falando?

— Eu estou dizendo que aquela garota não tem mais nada a perder, Sebastian. A única coisa que sobrou no mundo dela foi o

irmão, que, neste momento, nem mora mais com ela porque ela mora no dormitório da faculdade. Às vezes, nem ele é suficiente para mantê-la aqui. Eu estou dizendo que não vou desistir da JJ, porque, sim, ela foi cruel, mas eu a amo. Ela ainda é uma grande amiga. Ela fez parte da minha vida no passado e quero que faça parte do meu presente. Eu estou dizendo que ela precisa de ajuda, e eu vou dar a ela. E se você fizer algo contra ela, seu problema será comigo!

Por alguma razão, eu não comprei aquela merda.

Jordan era uma garota foda! Ela nunca abaixou a cabeça para nada nem para ninguém. Ela saía, se divertia e vivia muito bem.

Ela não fazia o tipo de quem tentava se matar.

Não comprei essa merda, mas deixei que Logan prosseguisse.

— Esse assunto se encerra aqui. Não preciso da sua proteção. Ninguém aqui mais precisa. — Enfim, ele me fez chorar. — Por que você não me contou?

Olhei para baixo, temendo encontrar seus olhos azuis, que sabiam mais de mim do que eu gostava de mostrar.

— Não queria que eu me sentisse culpado, não é?

Ele era o poço da culpa. Sabia que iria se sentir mal por não estar ali por mim. Na época, eu sabia que ele não tinha condições de me ajudar e a minha verdade só pioraria tudo.

— Foi no mesmo dia do Callum — murmurei.

— E depois? — falou mais baixo.

— Depois, viemos para cá porque você precisava fugir daquele inferno de cidade. — Enfim, olhei para Matt e Noah. — Depois, eu não queria atrapalhar o final feliz de ninguém.

— Você foi pai? — Lágrimas deslizavam pelas bochechas de Matteo, e isso me sufocava.

— Eu *sou* pai. — Sempre seria o pai dela.

Eu ainda era o pai dela.

O meu coração ainda batia por ela.

— Não quer nos contar quem ela era? — Noah perguntou, envergonhado.

— Não. — Limpei minhas lágrimas, que não seriam mais usadas para chorar pela morte dela.

Eu não podia mais chorar pela morte dela.

— Seb... — Logan me chamou a atenção.

— Não consigo falar dela. — Desfiz meu coque e o refiz, segurando o choro na garganta, sentindo-a dolorida. — Não consigo falar sobre a Emma Rose porque isso me dá vontade de fugir daqui. — Desse mundo. — Então, não. Ela existiu. Ela foi o meu mundo. Ela... — *Se foi.*

Não conseguia mais dizer nada.

Ainda me lembrava de tudo.

Ainda doía como se fosse ontem.

Ainda não podia falar dela.

— Somos seus amigos. — Matt me abraçou de lado e puxou minha cabeça em seu peito. — Não precisa sofrer sozinho, Seb.

Eu tenho, Matt.

— Nós te amamos. E, um dia, se você conseguir falar sobre a Emma Rose, estaremos aqui para te escutar. — Noah segurou minha mão pelo meu lado esquerdo e dessa forma, me senti um pouco acolhido.

Eles eram tão bons...

Eu não era como eles. Nunca fui.

— Foi por ela que desistiu do futebol? – Logan perguntou, me olhando com tanto amor que me sufocava. Nego com a cabeça. – Seu pai a usou para fazer você desistir do futebol?

— Não. — Fui firme. — Meu pai foi incrível quando o assunto foi a Emma. Eu devo a vida dela a ele.

— Então, ele está sim, a usando para te manipular. — Logan cerrou os olhos, preocupado com sua constatação.

Odiava ter que falar sobre isso!

Odiava chorar por conta disso!

— Meu pai fez tudo por mim. Eu tive uma filha com quatorze anos, engravidei uma pessoa que não deveria ser mãe. Nunca. Ele me ajudou, pegou minha filha e a manteve longe dos holofotes e da mídia. Ele foi um bom pai. — Engoli em seco, empertigando a coluna. — Não estou sendo manipulado. Eu tinha uma condição, se eu fosse o melhor, ganharia o direito de seguir o meu sonho. Eu não fui o melhor.

— Você deu o seu melhor! — Matteo rebateu.

— Meu lugar é na empresa. É o meu dever, o meu legado. Não estou infeliz fazendo isso. Eu tentei lutar pelo meu sonho, mas não consegui. Agora é hora de fazer pelo meu pai, tudo o que ele fez por mim.

Eu precisava fazer isso.

— Mas, se ele estiver...

Caralho, como eram insistentes!

Levantei-me e atraí os olhos assustados de todos. Eles já tiveram mais informações do que eu havia dado por uma vida toda. Agora, chega.

— Ele não está me obrigando. Meu pai é chato e queria que eu me sentasse na mesma cadeira que ele se sentou por anos, nada mais do que isso. Não se preocupem, eu não me deixaria manipular desse jeito.

— Então, você entende o seu pai? — Logan perguntou, indignado.

— Sim, eu entendo. Ele me deu uma chance e eu a perdi. Ele ganhou. Fim da história. — Limpei o rosto, tentando me recompor. — Não me pressionem mais, por favor. Não gosto de falar sobre isso, mas agora vocês já sabem, ok?

Não dei chance para respostas ou mais questionamentos, mas sabia que eles haviam entendido.

Tinha certeza de que estavam cheios de perguntas, mas eles sabiam que eu não iria responder nenhuma.

Sabiam que aquele assunto me doía e iriam me preservar.

Dei um sorriso quando saí do escritório.

Eu disse que eu era o pior, não disse?



GUERRA FRIA

Sebastian Sinclair

Meu corpo inteiro doía. Fazia uma semana que meu treinador vinha me massacrando nos treinos como uma espécie de punição pelo meu atual corpo mole. Zion Harlow havia tentado me convencer de todos os jeitos possíveis a não passar a braçadeira de capitão para o Matteo, mas o que ele tinha de insistente, eu tinha de teimoso.

Aquele time não era mais meu, eu não merecia mais ser o capitão deles.

Levantei-me, gemendo e sentindo cada mísero músculo do meu corpo doer, pedindo por mais um tempo de descanso. Mas eu não podia voltar a deitar. Precisava focar na faculdade, tinha trabalhos e algumas matérias que já demandavam minha atenção, além, claro, de milhões de e-mails e reuniões dos quais eu precisava dar conta.

Tomei banho, escovei os dentes e tentei arrumar meus cabelos, deixando que eles secassem ao natural.

Quando saí do meu quarto, minha casa já parecia uma zona de guerra. Brinquedos para todos os lados, roupas para dobrar e guardar em cima do sofá, mamadeiras sujas em cima da mesa de jantar, lápis de cor do Thomas espalhados pelo chão...

Eles eram terríveis.

E os pais não ajudavam.

— Gente, vocês poderiam, pelo menos, guardar esses brinquedos! — Dou um berro, para que eles me escutassem da cozinha.

— Não tivemos tempo. — Liz veio até mim com a pequena Emma no colo, o rosto cansado e o cabelo agora maior, preso em um coque. — Emma está em um salto de desenvolvimento, eu acho. Não para de chorar e está bem enjoadinha.

— Vem aqui, minha fadinha. — Peguei-a no meu colo, e logo ela se acomodou em meus braços. Como podia um serzinho dar tanto trabalho? — Você está deixando os seus pais loucos, amor? — Olhei para Liz, que sorriu docemente para a cena. — Não a escutei chorando essa noite.

— Eu a coloquei no nosso quarto esta semana. — Lá ia ela mimar a menina... — É, eu sei, não é a melhor decisão, mas eu quero dormir. E você não pode ficar cuidando dela para nós todas as noites. Sua vida está uma loucura.

E a pior parte é que eu adorava esse neném. Não por tudo que ela me lembrava, mas simplesmente por ser uma partezinha de duas pessoas que eu amava tanto.

Não confiava que Noah e Liz seriam bons pais, mas eles eram perfeitos mesmo com suas imperfeições. Era lindo ver como eles estavam construindo uma família bonita mesmo com toda a história rodeada de abusos com as suas próprias.

— Mas eu sempre tenho tempo para a minha fadinha. Não é, querida?

A pequena Emma bocejou, mas não fechou os olhos, ficou me observando como sempre fazia quando estava no meu colo.

— Ela é apaixonada por você. — Noah chegou por trás da noiva e beijou seu pescoço.

Agora, eles eram esse tipo de casal. Sempre juntos. Sempre se tocando.

Eles eram perfeitos juntos.

— E eu sou por ela. Não é, amor? — Peguei a chupeta amarela, que estava presa em sua roupinha, e coloquei em sua boca.

— Você fica com ela enquanto nos arrumamos para a faculdade? — Liz me perguntou, praticamente suplicando com um olhar.

— Claro.

Não era como se eu não tivesse prática em comer com um neném no colo.

Emma Rose nunca havia sido muito carente, mas, ainda assim, eu sempre a mantinha no meu colo, mimando-a e fazendo-a se sentir amada. Mesmo não tendo sido um bom pai, eu sempre tentei dar o meu melhor para ela.

Eu não sabia trocar uma fralda direito, e nunca passei uma noite sequer em claro quando ela estava com cólica, mas ainda

assim, eu tentava dar a ela a única coisa que seus cuidadores não conseguiam: Amor.

— Vou fazer um contrato para você, te proibindo de namorar até os trinta, mocinha. — Emma deu um sorriso por trás da chupeta, que eu sabia que era puro reflexo, mas sorri com ela mesmo assim. — Você gosta dessa ideia? Talvez, quarenta seja melhor. Você tem pais bonitos, tenho certeza de que será uma princesa quando crescer.

A cozinha tinha aroma de panquecas e café, me lembrando o quanto eu estava esfomeado. Eu já não seguia minha dieta rigorosa há algumas semanas e meu corpo vinha sentindo isso. Sempre controlei meu ganho de massa magra, assim como meu peso. Tudo comigo era milimetricamente pensado em prol da minha performance em campo.

Hoje em dia, eu malhava nos treinos, mas seguia uma dieta livre de regras e restrições, o que era o mesmo de um crime para um atleta.

Meus pensamentos se paralisaram assim que meus ouvidos captaram uma risada gostosa que fez com que todo meu corpo ficasse em alerta.

Eu me lembro de gostar dessa risada.

Eu me lembro de tentar muito não gostar tanto dela.

— O que você... — Minha frase morreu no meio do caminho quando percebi que Logan e Bella me observavam com os olhos cerrados.

Não queria arrumar confusão com eles, ainda mais por causa dessa menina tão insignificante.

— Bom dia, Seb. — O sorriso da desgraçada era realmente bonito, mas eu sabia que ela só queria me provocar. Jordan sempre amou fazer isso comigo. — Jordan veio tomar café da manhã com a gente. Estou há um ano casada com o Logan, já estava na hora de nos conhecermos melhor.

— Sabia que a tia Jordan me conheceu quando eu era apenas um neném?

Mordi minha língua para não dizer que ela era apaixonada por ele, mas isso não a havia impedido de se afastar de tudo e de todos depois da morte de Callum. Também não contei como ele havia chorado quando ela se afastou.

Está aí uma coisa que eu sempre julguei. Suas tomadas de decisão quando estava de luto me irritavam mais do que qualquer coisa. Jordan ficou tão submersa nas suas próprias dores que parecia que ninguém mais no mundo importava, apenas ela.

Eu fiquei, mesmo querendo morrer. Ela foi embora.

— Sabia, sim, Thommy. — Tentei ser o mais simpático possível.

— Está tudo bem, tio? — Ele me olhou mais atentamente, tentando me entender, e percebi que eu não podia fazer isso.

Não podia ser um idiota na frente das crianças.

— O treino foi muito puxado ontem, príncipe.

— O meu também foi.

O garoto era muito bom no futebol. Os pais ainda não tinham percebido, mas estavam criando um jogador nato. Não tinha dúvidas de que Thomas, um dia, seria *quarterback* de um time profissional da NFL. Eu sempre daria todo o suporte para ele. Se fosse realmente o seu sonho, não hesitaria em apoiá-lo. Seria incrível ter

alguém, que era praticamente da minha família, fazendo algo que eu gostava tanto.

— Está jogando futebol, Thommy? — Jordan perguntou, comendo seu bowl de aveia com frutas vermelhas. Vi que, ao lado, tinha um shake que provavelmente era proteico e bem calórico para aguentar o resto do dia.

Para uma atleta, Jordan tinha um corpo muito pequeno. Ela era definida e tudo mais, porém, muito pequena. Mesmo eu não querendo, isso me preocupou. Em uma entrada mais forte, ela poderia se machucar ou até mesmo se lesionar.

Nossos corpos não serviam apenas para o ataque, mas também para a proteção.

Ela deveria aumentar a ingestão de proteína e melhorar seu treino de força. Não que isso fosse da minha conta, claro.

— Sim. — O garotinho que já estava com dez anos, mas ainda tinha alma de criança. Limpou os lábios que estavam sujos de leite. — Eu sou da mesma posição do tio Seb. Falando nisso... — Thommy estalou os dedos, se lembrando de algo. — Agora que você é da minha família também, precisa escolher uma atividade para fazer comigo. Todos os meus tios têm uma.

— Já sou da sua família? — Ela pareceu emocionada e pela primeira vez, meu coração sossegou o ódio e se concentrou nela.

Ela sempre foi descolada. Seus lábios estavam pintados de vinho, que contrastavam com sua pele marrom-escura e os cabelos trançados estavam presos em um coque cheio no alto da cabeça, mas pequenas tranças caíam para fora dele, dando uma aparência bagunçada, mas, ao mesmo tempo, moderna.

Ela era toda moderna.

As grandes argolas douradas nas orelhas provavam isso, assim como suas roupas largas. Ela vestia um moletom verde da sua antiga fraternidade e sua calça era daquelas que não definiam o corpo, mas que ficavam bonitas mesmo assim.

A garota era linda. Tão linda que nunca ficava sozinha quando estávamos em uma festa. Era estranho como eu me lembrava disso. Lembrava-me de cada vez que a tinha visto beijando alguém. Ou, às vezes, “vários alguéns”.

Jordan não era uma menina quieta, muito menos recatada. Ela dominava tudo e todos quando estava em algum lugar. Tinha quem queria e como queria, na hora que queria. Nunca foi excluída. Muito pelo contrário, ela era da turma dos populares.

Sempre tive que dividir meu reinado com ela.

Por que você está querendo roubar a minha coroa de novo, JJ?

— Sim, ué. — Thomas deu de ombros. — Todo mundo que é família dos meus pais é da minha também. Não é, mãe?

— Exatamente — Bella respondeu ao filho, mas foi para mim que olhou, dando um aviso para que eu não fizesse nenhuma gracinha.

Não era surpresa alguma que Logan já tivesse aberto a boca para contar tudo sobre o nosso passado para a esposa. Até o entendia. Bons casamentos são baseados na verdade. Mas o que me fodia era o coração fraco de Isabella, que não podia ver um órfão que já queria adotar.

Jordan não sabia ainda, mas tinha ganhado uma melhor amiga.

A mais leal.

A mais parceira.

A mais mimada também.

O problema era que Isabella a havia adotado, mas ela não conhecia a desgraçada como eu.

Jordan não confiava nas pessoas facilmente. Ela odiava todo mundo, até que eles se provassem confiáveis e boas pessoas. Eles falavam que eu julgava demais todo mundo, mas JJ sempre foi péssima nesse quesito também.

Callum sempre dizia que éramos farinha do mesmo saco, e ele não estava errado.

— As terças e quintas dele já são minhas, as segundas são do Matteo e as quartas são do Noah. Só sobraram as sextas – respondi, pegando uma panqueca. Estava tentando evitar olhar para minha oponente, mas eu a conhecia bem o suficiente para saber que ela estava revirando os olhos para mim.

— Que tal suas sextas serem comigo? — Jordan sugeriu animada, escondendo a vontade que eu sabia que ela estava de me bater.

— Isso! — Ele gritou, e isso assustou a pequena Emma em meu colo.

Por ali, agora, éramos rodeados por gritos, choros, bagunça e um caos que nunca tinha fim.

— Não sei se me impressiono mais com a sua desenvoltura com um bebê ou com as panquecas no seu prato.

Viram? Eu estava quieto.

Ela começou, e eu seria obrigado a terminar.

— Jordan... — Foi Logan quem chamou a atenção dela.

— Não sei se me impressiono mais com a sua cara de pau de estar aqui ou com você achando que sabe algo sobre mim — retruquei.

— Sebastian... — Agora foi a vez da Isabella de tentar me controlar.

— Qual é o seu problema?!

Queria berrar que era ela. Aquela idiota era o meu problema.

Ela estava na minha casa, com os meus amigos e pegando um tempo com o filho do meu melhor amigo.

E, por mais que o Golden dissesse que não precisava mais da minha proteção, eu sabia que precisava, sim.

Eu era prático. Cético e direto.

Jordan Lewis era uma bomba relógio entrando em nossas vidas e, quando ela explodisse, iria acabar com o nosso lindo castelo de cartas.

— Sou eu que tenho que arrumar os corações partidos que você abandona. Não se esqueça disso, nem por um minuto. — Não recuei, enfrentando aquela desgraçada mais uma vez.

— Por que... estão brigando? — Thomas parecia assustado, e Emma já estava choramingando em meu colo.

Por ali, nunca brigávamos na frente dele. Para aquela criança, o mundo era cor-de-rosa e lotado de jujubas e chocolate.

Bella e Logan se entreolharam, cúmplices, em uma conversa silenciosa que só os dois entendiam. Não duvidava que ela estava dizendo para o marido que iria arrancar minha língua com a faca cega que tinha na nossa cozinha.

— Eles estão brincando. — Isabella estava vermelha de ódio, mas manteve o tom de voz passivo.

— Não parece que estão não, mamãe... — Thomas retrucou.

— Estamos, querido — Jordan reforçou. *Vai, desgraçada... Explica para ele sobre nossa brincadeirinha.* — É nosso jeitinho de brincar um com o outro.

— Ah! Então, vocês se gostam?

Se você soubesse, príncipe...

— Nos adoramos — eu afirmei, sorrindo e balançando mais a minha fadinha, que já tinha parado de chorar.

— Isso. Somos grandes amigos — ela confirmou a mentira.

E olha que nem de mentira eu gosto...

Comemos o resto da nossa refeição focados apenas nas crianças, mas, vez ou outra, eu a peguei olhando para mim. Seu olhar mortal me dizia que ela sentia tudo o que eu sentia. Que ela me odiava tanto quanto eu a odiava. Que ela queria me vencer naquela guerra e que não iria medir esforços para isso.

Jordan iria me foder. E algo me dizia que, diferentemente do passado, ela iria conseguir.



ARMADURA

Jordan Joy Lewis

“Joy,

No momento em que pegar esta carta nas mãos, provavelmente estará tão brava e magoada comigo, que irá querer rasgá-la em pedacinhos. Não a rasgue. Você vai se arrepender, e eu não estarei aí para te consolar.

Falando em não estar mais aí, preciso ser honesto e dizer que, neste momento, estou me corroendo de culpa por te deixar sozinha. Sempre foi você por mim e eu por você. Sei que, no instante em que eu fizer o que tanto quero, você estará sozinha em um mundo que nunca deu conta de nós dois.

Estou sendo profundamente egoísta.

Estou te abandonando.

Eu sei. Eu prometi e sonhei seus sonhos com você. Eu sempre estive ali, mas, agora, não consigo mais fazer isso. Estou fazendo a única coisa da qual você jamais me perdoaria.

Não dê desculpas por mim, eu sei muito bem que estou te quebrando de uma forma irreparável. Porém, bem lá no fundo, eu também sei que não me importo. Tudo que penso é em mim e na minha dor.

Não preciso do seu perdão, JJ.

Vê? Esse é o ponto. Eu não preciso mais de nada. Não consigo mais sonhar, não consigo mais ficar feliz, não consigo mais viver.

Eu não quero mais viver.

Para o Logan, eu disse palavras bonitas, mas, para você, eu preciso ser cruelmente sincero. Ainda somos melhores amigos, ainda te devo milhares de coisas, e a principal delas, é a verdade.

Não é culpa sua. Não se permita pensar nisso.

Estou fazendo isso por mim, e nada que você falasse ou fizesse, iria mudar o que eu quero.

Você não iria me mudar, muito menos me salvar. Não pense nisso nem por um minuto. Você sempre foi uma boa amiga. A melhor que eu poderia ter.

Eu estou sendo o filho da puta egoísta, não você.

Como seu melhor amigo, preciso dizer que você precisa de ajuda. Um dia, poderá ser você a querer abrir a janela e se jogar. Sua mãe morreu, não você. Eu morri, não você. Não permita que a dor da nossa perda corroa seu coração a

ponto de não se importar mais com nada. Principalmente, não permita que o amor que sente por nós ultrapasse o que sente por si mesma.

Eu quero que você viva. Ganhe seu espaço em alguma universidade, mesmo com essas notas de merda que você tem, pare de beber em dia de semana e pelo amor de Deus, você é uma atleta, pare de usar drogas. Cuide do seu corpo. Cuide de você.

Lute por você, Jordan!

Seu talento é tudo o que você precisa para chegar aonde quer.

Seu talento e ele.

Pare de ser teimosa e, pelo menos uma vez, me escute.

Seu coração é lindo e você é a pessoa mais foda que eu já conheci. Seu jeito de amar nos deixa perto do paraíso. Abra seu coração para ele, conte a verdade que tanto esconde. Não seja tonta. Eu sei, você está revirando os olhos agora, dizendo pela milésima vez que ele não te ama. Pois faça com que ele te ame. Você é amável pra caralho!

Ele vai te amar. Não vê? Ele está esperando por você, mesmo que não saiba que é com você que se casará um dia. Ele será o pai do Eric (*Se você ousar colocar Callum no nome dessa criança, teremos um problema seríssimo. Deixe a criança ter o nome que sempre foi dela.*). *E, quando o Logan encontrar a pessoa que será a mãe ou o pai da Alice, deixe-o viver esse amor. Não tenha ciúmes. Não faça bico. Não dê birra. Logan merece encontrar o amor da vida dele. E você sabe que não sou eu.*

Você sabe que eu não sou um bom namorado. Bons namorados não traem, não enganam, não mascaram.
Sabe quem vai ser um bom namorado? O seu cara.
Ele vai ser o melhor.
Ele vai te ajudar a treinar, vai cuidar de você, vai te amar tão profundamente que, em algum momento, vocês nem vão se lembrar de que, um dia, o coração de vocês foi quebrado.
Ele é o seu cara.
Você sabe disso desde o momento em que foi me buscar naquele colégio e seus olhos bateram com o dele. Sabe disso desde o momento em que chorou escondida no banheiro porque o via beijar qualquer uma que não fosse você.
Sabe disso desde o momento em que o odiou.
Encontre com ele, fale dos seus sentimentos. Quando você tiver a coragem de se mostrar para ele, não tenho dúvidas de que tudo dará certo. Aquele garoto foi feito para amar você.
Sabe como eu sei? Porque, mesmo ele não percebendo, se preocupa com você. Porque ele sempre está atento a você, porque ele é você de cueca e com um pau imenso.
Pare de ser covarde e vá em busca da sua felicidade. E, por mais que você vá odiar o que vou te falar agora, entenda: a sua felicidade é ele.
Ele e o futebol.
Você sempre disse que o amor da sua vida sou eu, mas está errada (você geralmente está).

Não sou, JJ. Eu não sou o amor de ninguém, e é por isso que preciso me despedir de você.

Eu não me amo mais, e é por isso que vou pular da janela.

Entende agora? Meu coração vai parar porque ele já não tem mais serventia alguma.

O seu tem.

Encontre o seu coração. Deixe que ele bata por aquele que sempre o dominou como ninguém.

Nós dois sabemos a quem ele sempre pertenceu, né?

Seja feliz, minha alegria em forma de gente.

Eu sempre vou amar você.

Callum.

Reli a carta pela primeira vez em meses.

Chorei de saudade daquele infeliz depois de jurar para mim mesma que iria parar de fazer isso.

Mesmo ele tentando me explicar, eu não consigo entender. Mesmo já tendo tanto tempo, eu ainda não aceito.

Callum morreu porque quis. Ele escolheu isso.

Por que você fez isso comigo?

— Você precisa parar de ler essa merda — Mike disse, entrando no meu quarto. Era sexta-feira, o nosso dia juntos.

Mike vinha trabalhando muito para conseguir juntar dinheiro e se mudar do nosso carro. Havíamos combinado de almoçar toda sexta-feira juntos e sairmos à noite para nos divertirmos um pouco.

— Eu sei.

Mas, em dias ruins, eu não conseguia parar de remoer cada palavra que ele escreveu ali. Cada lição, cada ordem. Ele sabia que

eu odiava ser mandada, mas o tinha feito mesmo assim.

— Dia ruim? — Mike perguntou, me abraçando por trás e se deparando com a letra do único homem que ele amou de verdade.

Callum havia deixado quatro cartas. Uma para o Logan, uma para a mãe, uma para mim e uma para o Mike.

A mais bonita foi para aquele que tinha o seu coração mesmo que ninguém soubesse disso.

— Acho que sim — murmurei, dobrando o papel amassado e meio amarelado.

Estava tentando colocar minha armadura que sempre me caiu bem. Não podia me deixar sucumbir.

Não podia deixar que minha dor me cegasse como fez por tantos anos.

Ainda era muito difícil.

Ainda existia dias que ficar era tão difícil, que ir embora se tornava um pensamento que me causava um certo alívio.

— O que aconteceu? Brigou com o Sebastian? — Mike sabia que eu já tinha conversado com Logan e, consequentemente, com o Sebastian.

Foi um alívio para ele quando soube que nosso loirinho tinha dado seu coração para alguém que realmente o merecia. Agora, o Seb... Bom, vindo desse, o Mike ainda não tinha motivo algum para ser grato ou estar aliviado.

— Quando eu não estou brigando com ele?

Nosso problema era o ego.

Ele me respondia mal, eu não deixava barato.

Ele me enfrentava, eu fazia questão de perturbá-lo mais.

Era um jogo perigoso o qual ninguém queria perder. E, por mais que eu fosse uma pessoa tranquila em todas as minhas relações, ele sempre tirou o pior de mim.

Sebastian era uma pessoa difícil. Em um primeiro momento, ele parecia ser normal, mais bonito do que poderia ser permitido. Sério, fechado, observador... Mas, aos poucos, ele ia se mostrando para quem conseguia ver.

Ele se achava o dono do mundo. Sempre era dono da razão e, se as coisas não aconteciam do jeito que queria, ele simplesmente não fazia. Seu silêncio em muitos momentos era lotado de julgamentos, e nada, nem ninguém, era mais importante do que ele mesmo.

Sebastian era uma pessoa profundamente egoísta e era apenas por isso que ele tinha o poder de me arrebentar.

— Não consigo entender o porquê de vocês dois terem que se dar tão mal. — Mike começou a observar meu mural de fotos, que ficava em cima da minha cama. Sabia qual foto ele estava olhando. — Não seria mais fácil se você contasse a verdade dos seus sentimentos para ele?

— Sabe que ele nunca me entenderia, além do mais, Sebastian não é capaz de desejar alguém que ele despreze tanto. Já tivemos essa conversa.

— Só queria que você tivesse um senso de preservação melhor. Ele te faz mal, mas você ainda o quer. Ele não gosta de você e ao invés de tentar melhorar as coisas, você só as piora.

Meu irmão queria ir por aquele caminho mesmo?

— Eu? Jura?

— Sabe que sempre implicou com o garoto e ele respondia a isso. — Seu olhar seguia naquela bendita foto, provocando uma raiva que sempre sentia quando acreditava estar sendo julgada.

— Por que você está olhando tanto para essa foto?! — Puxei seu braço, fazendo-o olhar para mim. — Eu sempre *reagi* a ele, não o contrário!

— Sempre quis deixá-lo louco. Te conheço. É isso o que faz quando se sente rejeitada. Foi o que fez comigo por anos.

Suas palavras me fizeram respirar fundo, tentando não brigar com o meu irmão. Algumas pessoas tinham relações serenas com os seus irmãos, já Mike e eu éramos muito mais do que isso. Brigávamos e nos amávamos com toda a nossa intensidade.

Éramos muito diferentes, e pensávamos também de uma forma diferente. Enquanto ele era mais racional, eu era mais sentimental. Enquanto eu era mais sociável, ele era mais tímido, mas no final de tudo, ele era minha família e eu era grata por tudo que ele foi capaz de abrir mão por mim.

Eu morreria por Mike, e sei que ele faria o mesmo por mim.

— Vocês são tão bons, né? Nunca mereceram as merdas que receberam de mim! — Minha voz saiu mais ácida do que eu gostaria.

— Não é isso, só estou dizendo que...

— Eu sei o que está dizendo, e não concordo. — Eu nunca mereci toda a raiva que o Sebastian descontou em mim. — Você nunca ficou do lado dele, o que está acontecendo agora?

— Não estou do lado dele, estou do seu. Às vezes, um passo amigável é a melhor coisa para desarmar o seu oponente.

Nunca tinha ouvido tanta besteira em uma frase antes.

— Não quero desarmar o meu oponente.

— Ah, não? — Mike abriu um sorriso lotado de ironia enquanto seus olhos me analisavam com cautela. — Então, o que você quer, irmãzinha?

Ele.

Eu quero derrotar aquele cretino. E o meu prêmio seria aquele coração gelado que nunca se apega a ninguém.

— Não vamos entrar nesse papo novamente. — Peguei minha bolsa preta em cima da cama, que combinava perfeitamente com as minhas botas pesadas, e puxei-o para sairmos do meu quarto. — Estou louca para saber sobre a cafeteria.

Mudei de assunto, porque sempre que conversamos sobre Sebastian, as coisas ficavam um pouco intensas demais.

Meu irmão não queria que eu me aproximasse dele.

Ele tinha medo que a toxicidade da minha relação com Sebastian consumisse o que restou da minha mente ao longo dos anos.

— Vou te contar tudo! Acredita que o Logan virou um dos sócios do café?

Eu sabia. Ele já tinha me contado.

Meu menino de coração bondoso, dessa vez, não havia mascarado nada da sua vida para mim. Ele estava tão feliz, e eu estava tão orgulhosa dele.

— Acredito. — Sorri, puxando a porta para fechá-la.

O vislumbre de uma das fotos me chamou a atenção.

Aquela sempre me chamava a atenção.

Nós quatro.

Callum gargalhando e Logan beijando o ombro dele. Sebastian estava com o braço ao redor do meu pescoço e falava alguma coisa no meu ouvido, que estava me deixando puta, claro.

Eu me lembrava daquele dia. Foi quando ele descobriu que a Harmony estava namorando com o Josh, hoje, seu marido. Ele passou a noite choramingando, bêbado, no meu ombro.

Naquele dia, pensei que tinha conquistado a amizade dele.

Eu tive esperanças.

E como sempre, no outro dia, ele as massacrou, sendo um filho da puta grosseiro, apenas porque eu tinha ficado com o seu colega de time.

Ainda me lembro das palavras dele perfeitamente: *Não quero você metida com os garotos do meu time. Nenhum deles serve para você, caralho!*

E quem ele pensava que era para ordenar coisas como aquela? Quem era ele para querer me afastar dos garotos daquele jeito?

Por que eu coloquei essa foto aí? Que tipo de masoquista eu sou?

— Quem está olhando a foto agora? — Mike suspirou pesadamente. — Não foi uma boa ideia se mudar para cá. Eu te conheço, você não está nada bem.

— Estou ótima. Confie em mim, poxa. Acho que estou meio caidinha porque ando com saudade de você. — E *da minha família.* Como eu estava com saudade da minha família.

— Eu também estou com saudade de você. Por que não vai me ver? Podíamos passar o fim de semana no trailer. — Um trailer. Um maldito trailer. Se, algum dia em nosso passado, alguém nos

avisasse que aquele era o tipo de futuro que viveríamos, iríamos dar risada. Era impossível que os herdeiros Lewis vivessem tão mal.

Mas era possível sim. Era a nossa realidade agora.

— Porque não.

Porque iria me doer não poder ficar lá. Iria me doer ver como meu irmão estava vivendo, apenas para que eu pudesse viver um maldito sonho.

— Sabe que estou fazendo tudo isso porque quero, não é, irmã?

Senti seus braços me contornando e me puxando até ele.

— Não, está fazendo isso porque me ama — murmurei contra o seu peito.

— Sim. Te amo mais do que qualquer coisa no mundo.

E era por isso que eu não podia sucumbir.

Não podia ser egoísta como o Callum.



DIVERSÃO

Sebastian Sinclair

O Hamilton’s estava completamente lotado, o ar abafado por conta do calor nos deixava suados, mas precisava confessar que sempre amei esse lugar. Por mais que eu não bebesse como o Noah, sempre me diverti pra caralho.

Existiam dois momentos em que meu coração sossegava e parava de doer.

Quando eu estava em campo e quando eu estava me divertindo em alguma festa. Ou ali, rodeado dos meus amigos. Era sempre nesses momentos que eu conseguia respirar.

Para a minha total surpresa, minha foda preferida estava em Crownford e eu não via a hora de ter seus cabelos roxos presos pelos meus punhos enquanto surrava aquela bunda gostosa e redonda com o meu chicote. Athena era a melhor amiga do Noah. Uma boa garota, divertida, interessante e tão engraçada que, às vezes, eu torcia para me apaixonar por ela.

Mas, assim como a garota de cabelos rosa, ela não conseguia conquistar o meu coração.

Ele não queria mais ninguém.

Esse inferno só quer a minha estrelinha.

— Ainda não acredito que você é pai, Noah! — Athena falou toda alegre, se aconchegando nos meus braços. — Canceriana. A pequena Emma nasceu com um signo bom. Deveríamos fazer o mapa astral dela.

— Sabe também o que devíamos fazer? — Liz indagou, bebendo sua Coca-cola. — Te contratar como nossa babá! Acredita que ela conseguiu fazer a Emma dormir a noite passada inteira, Seb?

Bem que eu tinha notado que eles estavam descansados demais.

— E por que não contratam? — Athena perguntou, falando sério.

— É verdade, pessoal. Por que não contratam? — Nossa, seria um sonho ter aquela garota por ali.

A quantidade de tempo que me economizaria tentando achar alguém que gostava das mesmas coisas do que eu na cama seria um alívio.

— Pensei que estava trabalhando para aquele ator famoso e não tinha vaga para mais ninguém.

Ah, então o meu garoto já tinha feito tal proposta para ela? Tão bom garoto!

— Resolvi sair. — O sorriso dela se abriu mais. — Amanhã podemos conversar sobre meus valores e horários.

— Meu Deus, nem acredito que você vai realmente conseguir fazer isso por nós! Ela fica com a minha tia, mas confesso que preciso de alguém que me ajude no período da noite e quando eu estiver estudando à tarde — Liz comentou. Ela estava tendo que se virar em duas para dar conta de uma criança e da faculdade.

Mas ela estava se empenhando tanto. Era tão boa cuidando da pequena Emma.

Passei a gravidez da Liz inteira com o coração na boca, temendo por eles e por essa criança, mas ninguém estava mais pronto para aquele papel do que eles. Bom para a pequena Emma, que iria crescer em um ambiente muito diferente de muitas outras crianças.

Foi diferente para minha Emma. Por mais que eu amasse minha filha, eu não sabia o que estava fazendo na maior parte do tempo. Ela era uma prioridade, mas, ao mesmo tempo, eu era um adolescente festeiro e cheio de atividades durante o dia.

Às vezes, tinha que me lembrar de que, naquela época, eu não era realmente o seu pai, e sim o seu irmão. Ou pelo menos, foi assim que minha estrelinha havia sido registrada.

— Meu Deus, nunca vi isso aqui tão cheio! — Zoe chegou, segurando dois *drinks* cor-de-rosa nas mãos e acompanhada de um Matteo puto.

Ele sempre odiou multidões. E andava cada vez mais sem paciência para as festas, mas, pela Zoe, ele ia. Por ela, ele faria qualquer coisa.

Zoe entregou a bebida para Liz, sob meus olhos atentos.

Não gostava de vê-la bebendo, e aquela desobediente sabia disso.

— É só um *drink*, não precisa olhar assim — Liz falou para mim, segurando um sorriso.

Ela gostava que eu cuidasse dela.

Ela gostava que eu fosse a família dela.

— Eu tenho até dó de quando você tiver uma filha! — Zoella disse, rasgando meu coração silenciosamente no processo. — Imagina como vai manter a menina em uma redoma?

Eu não a mantive, e olha o que me aconteceu?

Bebi um gole do meu whisky sob o olhar atento de Matteo, Noah e Liz.

Eles queriam ver se eu estava bem, mas eu não demonstrei nada. Na verdade, fiquei grato por Matteo não ter aberto o bico para a namorada. Não queria que o assunto rodasse mais do que já havia rodado. Além disso, não queria que Zoe ficasse triste por mim. Ela, assim como todos eles, mereciam viver em uma bolha cor-de-rosa cercada de felicidade.

Todos falavam coisas nas quais eu não prestava atenção porque minha mente estava lá, nas estrelas. Imaginei o que ela estaria fazendo naquele momento se estivesse ali. Provavelmente, estaria numa festa do pijama junto com Thommy e Charlie, brincando até depois do horário de dormir. Será que ela me esperaria acordada? Será que ela teria um joelho ralado porque teria brincado de lutinha com os meninos e levado a melhor?

Caralho... Como eu queria que ela estivesse aqui.

Meus pensamentos se interromperam na mesma hora que uma imagem, que não me agradava em nada, se formou em minha mente. Disse isso porque não queria crer que aquilo estivesse realmente acontecendo e fosse somente fruto da minha imaginação.

Jordan saiu do banheiro com um sorriso largo e uma aparência que eu não queria reconhecer, mas reconhecia.

Hero saiu atrás dela, e eu percebi que não sabia dizer quem estava mais feliz e relaxado.

Ela estava fodendo com ele?

Ela mal havia chegado e estava fodendo com um colega de time?

Com uma faculdade daquele tamanho, ela jura que precisa se envolver com alguém que convive tanto comigo?

Ela sabe como isso me irrita.

Ela sabe e justamente por isso continua fazendo.

Respirei fundo, tirando minhas mãos de Athena apenas para me acalmar um pouco enquanto eu refazia meu coque na cabeça.

Eu não vou surtar. Eu não surtar. Não vou.

Jordan era sorrateira e nunca fazia nada sem estar pensando muito bem no assunto. Isso valia para os homens que eventualmente estariam no meio das suas pernas. Ela me olhou assim que chegou à bancada do bar, estava com os outros integrantes do time. Ela já os tinha em sua teia.

Eles já a adoravam. Todos simplesmente a adoravam todas as vezes.

Ela sorriu, e eu desviei o olhar.

Ela beijou o Hero, e meu coração acelerou.

Era desprezo. Eu a desprezava.

Se a despreza tanto, por que a deseja? Se a despreza tanto, por que se importa?

Eu não me importava. Eu não estava enfeitiçado por sua calça preta larga e sua blusa do time. Eu não gostava de como ela usava

o boné da universidade virado para trás. E nem estava observando seu corpo e imaginando como seria se fosse eu naquele banheiro com ela.

Eu não estava.

Eu nunca me deixava ir por aquele caminho tortuoso e irritante.

Como se o próprio capeta enviasse sua representante, Isabella apareceu do meu lado e me cutucou, para, logo em seguida, ser abraçada por Logan.

— Você prometeu, Seb. — Ela foi sucinta, mas eu a entendi perfeitamente.

— Ainda com essa birra? — Logan brincou. — Não temos mais dezesseis anos, pelo amor de Deus. Não vai me dizer que tem ciúmes dos seus caras com ela.

— Ele sente ciúmes?! — Liz praticamente berrou.

Já Matteo, Noah e Zoe só soltaram uma risadinha, como se tivesse algo de engraçado acontecendo ali. Poderia jurar que até Athena estava sorrindo.

— Não é ciúmes dela.

— Ele é um idiota — Logan comentou.

— Eu só não quero o meu pessoal se envolvendo com ela. — Odiava. Sempre odiei.

— E posso saber por quê? — Zoe perguntou, erguendo as sobrancelhas.

— Porque ele é um idiota.

Ah, Logan! Não enche!

— Porque eu não gosto dela. — Todos me olharam como se eu fosse realmente um idiota. — Vão me dizer que iriam achar legal alguém que vocês não gostam chegando perto do seu pessoal?

Ninguém me respondeu.

Ah, que se foda também! Eu me entendo.

— Você tem ciúmes dela... — Zoe parecia encantada ao constatar. — Pensei que nem dela, você gostasse.

— Eu já disse…

Porra, por que eles estavam me irritando tanto?!

— Vai me dizer que não foderia com ela? — Foi a vez de Athena querer me tirar do sério. O sorrisinho provocativo no rosto.

— Não foderia com ela nem mesmo se eu fosse obrigado. Preferiria até morrer a ter que suportar aquela mulher com o corpo colado ao meu. Não fodo pessoas que eu desprezo — falei, olhando para ela, que me devolveu o olhar. Provavelmente, entendendo perfeitamente o que eu estava dizendo.

Como se soubesse exatamente como revidar minhas palavras, sem dizer nada, ela abraçou o Hero e o beijou de uma forma apaixonada no meio de todo mundo.

Minha respiração chegou a descompassar.

Era ódio. Tinha que ser de ódio.

Ignorei tudo. Meus sentimentos, minhas necessidades e, principalmente, o meu desejo. Foquei nos meus amigos para evitar pensar em coisas das quais eu não gostava.

Ficamos ali por algum tempo. Rindo, nos divertindo. Todos pareciam tão plenos que chegava a me assustar. Nem parecia que cada um deles tinha vivido o seu próprio inferno algum tempo atrás. Observando-os agora, me perguntava: quando eu teria isso também? E o mais importante de tudo: com quem eu teria tudo isso um dia?

Eu queria os sorrisos cúmplices, a parceria, a intimidade...

Será que, um dia, eu teria alguém nos meus braços que quisesse mais do que só a boceta?

Será que, um dia, alguém estaria nos meus braços e iria realmente me amar?

Sexo casual era ótimo. Eu adorava e fazia sempre que podia. Mas, às vezes, sentia falta de mais.

Eu queria mais.

Não era a Harmony.

Não era a Athena.

Não era a Megan.

Não era a Ellie.

Quem seria a garota que iria me arrancar daquele marasmo?

Onde você está?

Pela segunda vez naquela noite, fui retirado dos meus pensamentos por ela. Dessa vez, estranhei o sentimento diferente que me gerou ao flagrar Jordan sendo agarrada por um idiota. Raiva fervilhou dentro de mim.

Vi quando ele a beijou.

E quando ela o afastou assustada.

Também vi quando ela desferiu um soco no rosto dele e, sem que ela esperasse, ele foi para cima dela.

Não pensei em nada quando afastei Athena de mim, me levantei de supetão e fui atrás dela. Tirei o desgraçado de cima da garota, segurando-o pelo pescoço. Eu não o conhecia, mas tinha certeza de que ele sabia muito bem quem eu era porque arregalou os olhos e se encolheu, pedindo para eu soltá-lo. Coisa que eu, obviamente, não fiz.

Estalei um soco em seu rosto e o joguei no chão, escutando o burburinho que se acumulava à minha volta, mas fiquei tão cego de ódio, que não pensei muito quando montei em cima dele e o soquei mais. Com tanta vontade, que apenas hesitei quando senti mãos me segurando, pedindo para eu parar.

Mas eu não parei. Não estava escutando. Estava socando o filho da puta que ousou tocar em uma pessoa na qual ele não deveria.

Fui tirado à força de cima do moleque por um brutamontes incrivelmente muito maior do que eu e, quando ele me desferiu um soco no estômago, Matteo o socou. Implacável, bem no nariz.

Pelo estalo, poderia jurar que o príncipe filho da mãe quebrou o nariz do cara.

Como eu amava aquele garoto.

Logan e Noah estavam brigando com outras pessoas.

A confusão estava tão generalizada, que me dava vontade de rir de incredulidade. Até mesmo as garotas estavam discutindo com outras pessoas no meio do Hamilton´s.

Isabella escutou uma garota falando algo para um cara, mas ela era rápida. Rápida e encapetada. Sem ninguém esperar, a diaba abriu os portais do inferno e jogou uma garrafa em direção ao cara. Não pegou nele, mas foi o bastante para assustar a todos.

— Você poderia ter me matado, garota! — o cara berrou para Isabella, como se não tivesse medo de morrer.

O problema dele não era o marido dela. O problema dele era o irmão da capeta.

Se eu pudesse apostar, diria que viria a seguir o segundo nariz quebrado da noite.

O barulho foi tão alto que fez com que JJ, que estava atrás de mim, vibrasse.

— Acaba com esse filho da puta, príncipe! — ela berrou nas minhas costas.

— Ei! Eu que te defendi, sua ingrata! — Não tinha ouvido nem um grito dela torcendo por mim.

E que porra era aquela de chamar o Matteo de príncipe? Esse apelido era dela para mim no passado. E ele seguiria sendo para mim no presente.

Por que eu me importo com essas merdas? Mas que caralho!

— Jura, Sebastian? — Ela arqueou as sobrancelhas, mas parecia risonha.

Ela parecia feliz. E eu sabia bem o motivo.

Ela havia descoberto que tinha amigos. Amigos de verdade. Amigos que iriam defendê-la de qualquer merda que acontecesse com ela. Sabia bem como o sentimento de realizar isso era bom, ainda me lembrava de quando havia entendido que tinha todos eles do meu lado.

E mesmo assim agora estou os afastando.

— Cuidado! — ela gritou, mas eu fui rápido e chutei o joelho do outro cara, que partiu para cima de mim.

Como um idiota daquele tinha tantos amigos?

Segundos depois, eles finalmente estavam todos no chão, e eu conferi minhas mãos para ver o estrago. Nenhum osso parecia ter quebrado, mas elas estavam vermelhas e com alguns hematomas.

O bar ficou em um silêncio constrangedor. Ninguém parecia querer se mexer, ninguém parecia conseguir respirar.

Olhei para os meus amigos, torcendo para todo mundo estar bem. Matteo estava com o cabelo despenteado, mas nada demais. Noah estava com um olho avermelhado e o canto da boca cortado e sua mulher me olhava como se me mandasse à merda. Mas, ei, a culpa não havia sido minha, o cara merecia mesmo uma surra. Logan e Isabella estavam rindo como sempre porque, de todos, o loiro foi o que mais havia sido atingido. Ele sempre foi bom em muitas coisas, mas brigar nunca foi muito o seu forte.

— Não precisava ter me defendido — JJ disse, séria, segurando minhas mãos, como se aquilo fizesse parte do nosso dia a dia. — Olha como você deixou suas mãos...

O contato, mesmo que mínimo, fez com que coisas se remexessem dentro de mim, e me recordassem que Jordan era perigosa para mim, por um motivo muito simples: Ela sempre fez com que coisas mortas se revivessem dentro do meu coração.

Seu cheiro característico de Chanel nº 5, inundava meu sistema, me fazendo perder completamente o controle que eu tanto lutei para ter durante os anos.

Porra, até essa merda de perfume que ela usa é o mesmo de anos atrás? E por que eu me lembro disso? Eu nem mesmo gostava dela.

Não era racional.

Era diferente.

Era intenso e abrasivo.

Era uma mistura tóxica de sentimentos que eu nunca conseguia denominar. Ora queria fodê-la, ora... queria que ela simplesmente sumisse das minhas vistas.

Odiava como ela me fazia sentir, mas odiava ainda mais por saber que se eu deixasse, tudo isso poderia me consumir.

— Você sabe muito bem que eu não preciso mais delas — rebati duro, recolhendo minhas mãos rapidamente.

— O caralho que não precisa! — Sem que eu esperasse, meu coração acelerou. Como eu era capaz de desejar aquela garota? Eu não deveria. Eu a odiava. Precisava ficar me lembrando disso constantemente. — Meu Deus, Seb... O seu treinador vai te matar.

— JJ... — disse em tom de alerta, mas como sempre ela não ligou.

Ela nunca ligava.

— Quando chegar em casa, cuide disso. Já basta ter fodido o seu melhor amigo, não posso foder sua carreira também.

Era melhor ela ter me dado um tapa.

Como eu queria poder culpá-la pelo meu fracasso...

— Eu desisti — murmurei. Mas ela fingiu que não escutou. — Não preciso mais das minhas mãos porque não vou ser mais um jogador profissional. Não se faça de sonsa, sei que já sabia disso.

— Eu não queria acreditar, na verdade. — *E lá vamos nós...* A JJ boazinha tinha ido para a casa do caralho. — Você não pode fazer isso.

Ah, não. Ela também não.

Como se tivesse sido enviado por um anjo, escutei a voz de John vindo da porta do bar.

— Todos com a mão na cabeça! – Puta. Que. Pariu. O John. — Vocês estão presos!

Estávamos presos e fodidos.

Porra, aquilo não poderia ficar pior.



10 ERROS

Jordan Joy Lewis

“Como eles ficam mais gostosos quando estão brigando”.

Uma frase tão simples, mas foi com ela que eu entendi o porquê de Isabella ser a garota perfeita para o Logan. E, de uma forma muito bizarra, ela era a amiga perfeita para mim.

Eu era intensa, e esse sempre foi o meu pior defeito. Callum dizia que eu sentia demais e deixava que esses sentimentos tomassem conta do meu bom senso. Isso não era mentira.

Ainda não era.

Sorri para Isabella.

Eu havia deixado que ela segurasse a minha mão.

Eu havia deixado que ela gritasse com alguém por mim.

Eu havia deixado.

Eu nunca deixava.

Tinha coisas na vida que nós não escolhíamos, e confiar nela não foi uma escolha, foi um sentimento que despertou em mim. O

mesmo quando eu decidi me aproximar do garoto que estava batendo em outro no colégio.

Nunca fui aberta, nem mesmo antes. Eu era desconfiada demais para isso, mas, às vezes, meu coração falhava. Às vezes, ele se apaixonava por quem não deveria e, às vezes, ele acertava.

Acreditava que ele havia acertado quando se abriu para ela.

Foi do nada. Foi sem explicação.

— Vocês deveriam ter visto como estavam gloriosos socando a cara daqueles filhos da puta! — Bella não estava falando, estava gritando de euforia.

— Eu não estava socando ninguém, diabinha — Logan falou, limpando o lábio inferior ainda manchado de sangue.

O coitado nunca havia sido bom de briga, esse sempre foi o Sebastian, mas pensando bem, o melhor ali para aquele tipo de coisa era Matteo, o garoto mal tinha sofrido um arranhão.

Mesmo tentando arduamente lutar contra, meu olhar encontrou com o dele pelo retrovisor do carro. Era sempre como sentir uma colisão, que remexia com cada músculo do meu corpo, me causando uma espécie esquisita de frenesi. Meus lábios se separaram sem controle, e uma respiração longa e estrangulada escorria de mim, fazendo com que Sebastian percebesse meu estado.

Com o maxilar trincado, e os dentes segurando o lábio inferior, eu sabia que ele estava muito bravo com tudo que tinha acontecido. Seb não era conhecido por se meter em confusões públicas como aquela, mas não parecia ser só aquilo que o deixava tão bravo. Era mais do que isso.

Por que está bravo, capitão?

— Detalhes... Detalhes... — Bella gesticulou com as mãos no ar, sem dar muita importância. Mas eu ainda estava com o meu olhar nele. — Eu não acredito que realmente fomos presos.

— Não fomos presos, apenas autuados por perturbação pública. Ou sei lá como chama essa lei. — Logan se virou para mim, me tirando da troca de olhares estranha com Sebastian. — Onde caralhos estava aquele paspalho do Hero, que eu não vi? Não era com ele que você estava essa noite?

Sebastian empertigou a coluna.

Ele ainda se incomodava com aquele tipo de bobagem?

Gostei disso. Gostei muito disso.

Vamos jogar, capitão?

— Ele não podia socar o cara, Logan. Um homem negro batendo em um cara branco dentro de um bar majoritariamente branco? Ele tem amor à própria vida. Quem você acha que ligou para a polícia?

— Mas o John jamais... — Bella começou, mas logo eu a cortei.

— É diferente. Não cobre dele algo que não é justo. Era um policial que jamais cometeria uma atitude racista que foi até o local? Sim, mas não tinha como saber. Não o culpo, eu não teria ido para cima de alguém, se fosse o contrário. — Escorei-me no banco e voltei meus olhos para ele. *Sempre para ele, né?* — E, além disso, ele é um atleta. Não podemos usar nosso material de trabalho para fazer coisas insanas, como foder com o rosto de alguém.

Sebastian arqueou as sobrancelhas, sentindo as minhas palavras no seu cerne.

Se ele achava que poderia desistir do futebol por causa de um único erro, estava muito enganado.

Eu não iria deixar que ele fizesse aquilo com o próprio futuro.

Um carro passou do outro lado da pista, iluminando o nosso veículo por um breve momento, me mostrando os hematomas que já estavam ficando roxos em seus dedos.

Mas que merda, Seb!

— JJ, não começa... — Logan me deu um aviso, mas eu não parei.

Ele não podia desistir.

Nós nunca desistíamos.

— Você não tinha nada que ter me ajudado, Sebastian! Eu já tinha dado conta sozinha. Que história é essa de você desistir? — Cruzei os braços e foi a minha vez de arquear as sobrancelhas, irritada com aquela história mesmo não tendo nada a ver com ela. — Você nunca foi um desistente.

Isso era verdade. Ele nunca havia sido.

— JJ... — Logan tentou mais uma vez.

Mas eu não dei atenção a ele.

— Você não pode fazer esse tipo de coisa, é a sua carreira! Suas mãos são a porra de um milagre. Você tem um dom, não desperdice por alguém que você nem ao menos gosta, porra! Onde estava com a cabeça? — Ele continuou sem me responder, mas o aperto no volante ficou ainda mais forte. *Vamos, Seb... Jogue comigo.* — Lembra quando era eu com o copo de tequila na boca e você brigava comigo por causa do meu treino? O que aconteceu com esse cara?

— Ando querendo saber também! — Isabella se remexeu no banco, olhando para o arrombado que agora deu para se tornar um covarde. — Acredita que ele nem malha mais de manhã?

Eu havia mesmo notado que ele nunca aparecia na academia do complexo esportivo da universidade e, quando tomei o café da manhã na casa deles, sua refeição foram quatro panquecas lotadas de manteiga. Sua comida preferida, inclusive.

Atletas não comiam aquele tipo de coisa. Atletas são regrados e focados. Cuidamos do nosso corpo como se fôssemos cristais, inclusive era Sebastian que me enchia o saco quando eu não comia meus vegetais no almoço, ou tomava algum refrigerante.

Ele sempre foi muito mais focado do que eu. Essa inclusive era uma das coisas que eu mais admirava nele.

— Ei, vocês duas, vamos parar? — O loiro cantarolou, como se soubesse exatamente o que o melhor amigo estava pensando.

Eu também sabia. Mas não tinha medo de morrer mesmo, então, que se fodesse.

— Para o cara que me enchia a porra do saco para levar os treinos e a dieta a sério, você está sendo muito hipócrita. — Seu olhar foi diretamente para o retrovisor ao assimilar minhas palavras, encontrando o meu. *Isso, Seb. Bom garoto.* — Seu antigo eu morreria de desgosto ao saber que você virou esse cara.

— Sua antiga você morreria de vergonha ao te ver transando no banheiro com um cara. Lembra como você vivia me enchendo o saco por ser mulherengo?

Ah, ele já havia sido bem melhor em brigar comigo.

— O que foi, capitão? Ficou com vontade de entrar lá e me comer contra a parede como Hero fez? — Arqueei uma das

sobrancelhas, e isso pareceu atingi-lo em cheio. — Não que eu fosse deixar, prefiro morrer a ter você entre as minhas pernas.

Sebastian bufou pesadamente, e suas mãos chegavam a estar com as juntas brancas de tanto que ele apertava o coitado do volante.

Esperei que ele rebatesse como um adolescente, mas não o fez. Ficou calado. Refletindo.

Sebastian sempre disse que eu era dissimulada, e nisso sempre teve a total razão. Eu era. Muito. Inclusive, era tão dissimulada que passei anos escondendo minha paixão por esse homem, utilizando do ódio que sentia por ele para sobrepor tudo.

— Logan, sinto muito, mas vamos ter que nos separar. — Bella segurou no ombro do marido de forma dramática. — Ela é minha alma gêmea!

— Eu já esperava por isso, diaba... — Logan suspirou em derrota. — A minha sorte é que você realmente é hétero, porque não tenho dúvidas de que essa aí é a sua parceira de alma.

— Não enfiaria o meu pau em você nem se fosse a última mulher do mundo — rebateu em um tom frio quando eu já achava que estava segura do seu ataque.

Não estava mentindo. Ele nunca mentia.

Sebastian Sinclair não tinha a menor vontade de me foder.

Um golpe no meu ego, mas eu sustentei a pancada com um sorriso malicioso no rosto. Ele tinha consciência de que estava mexendo com alguém que não sabia perder tanto quanto ele, não sabia?

Agora ele me machucou.

Agora serei obrigada a machucá-lo também.

— Bella, o que você acha de um cara que desiste do seu maior sonho, por que ele cometeu um mísero erro? — Aquilo ali era um teste para ela também. Ou ela estava comigo ou com ele. — O que você acha de um homem que desistiu do seu maior sonho porque não sustentou o peso de não ser perfeito?

Me escolhe, Bella? Por favor?

— Eu acho que ele é fraco.

Demoníaca. Do jeitinho que eu gostava.

É… Realmente, ela era o meu número.

— Você tem toda razão. — Sorri para ela, que me devolveu um olhar lotado de cumplicidade. — Sabe, Sebastian, você é fraco. Você é um desistente. Deveria se envergonhar por isso. Deveria sentir muita vergonha por roubar o lugar de algum garoto esforçado do seu time, porque ao contrário de você, tem pessoas que realmente querem fazer isso. Tem pessoas que realmente sonham com isso. Que lutam por isso!

Minhas palavras foram faladas com tanto ódio que senti que minha língua queimava dentro da boca. Pelos olhos opacos, e a mordida que deu em sua bochecha, eu sabia que tinha pegado muito pesado com ele.

Não foi justo.

Foi cruel.

Eu tinha sido muito cruel...

— E você é uma ingrata do caralho! — rugiu, batendo no volante logo depois de parar o carro de súbito na frente da casa deles. — Eu briguei por você! Te defendi daqueles idiotas, porra!

— Porque você quis! — berrei de volta. — Você não deveria ter me ajudado!

— Por que veio para cá, caralho?! — Ele se virou para mim. Havia tanto ódio em seus olhos que, por dentro, eu quis chorar. Mas continuei o enfrentando com minha feição dura. Eu o tinha levado até o limite, e agora era a vez dele de jogar. Era a vez dele de me machucar — Eu odeio você! Odeio ter conhecido você. Você é o ser humano mais desprezível que fui obrigado a aturar, mas, hoje em dia, eu não sou mais! Eu não quero nunca mais ter que olhar na sua cara!

Gargalhei em absoluto pânico, querendo recuar, mas tendo seus gritos ecoando na minha mente, e fazendo meu coração pulsar em raiva.

Ele me odeia enquanto eu me mudei para essa cidade para conquistá-lo.

Ele me odeia enquanto eu passei anos o amando.

Ele me odeia ao ponto de ter me abandonado naquela noite gelada de Nova Iorque depois que eu havia perdido meu melhor amigo.

Ele me odeia... Que ele se fodesse!

— Você vai ter que me ver, Seb. — Cheguei mais próximo dele, ignorando Bella e Logan, que nos olhavam boquiabertos. — Porque eu estarei na televisão. Eu serei tudo aquilo que você nunca conseguiu ser, porque é fraco.

Ele respirou fundo e, por um único segundo, eu senti seu hálito na minha face.

Não recuei nem um único milímetro.

Não conseguiria nem mesmo se eu quisesse.

— Jordan... — Seus olhos se fixaram nos meus, ainda mais perto, e meu coração parecia querer parar. — Como eu gostaria que

você sumisse.

— O quê? — murmurei.

Não... Não fala isso...

Não fala, por favor!

— Eu não suporto ter você por perto. Eu odeio que me olhe. Odeio que se dirija a qualquer um dos meus amigos ou a mim, e sabe por quê? — Engoli em seco diante de suas palavras pesadas. *Você não está mentindo, não é, Seb?* — Você é má. Você é perversa. Você tem essa pose de menina legal e descolada, mas não passa de uma filha da puta que só faz do mundo um lugar ainda pior.

— Sebastian! — Logan saiu do transe. Seus olhos estavam chocados, e eu tinha certeza de que Isabella parou de respirar por um segundo.

Não deu tempo de pensar em nada.

Não deu tempo de falar nada.

Ele saiu do carro.

E, finalmente, eu me permiti chorar.

— Ei... nada daquilo é verdade. O mundo é um lugar mais bonito com você por aqui. — Bella me abraçou. — Não escuta aquele idiota.

O problema não era só as palavras dele.

O problema foi que eu concordei com cada uma delas.



CONSEQUÊNCIAS

Sebastian Sinclair

Que porra eu havia acabado de dizer?

As palavras ainda ecoavam na minha cabeça. O remorso já estava borbulhando no meu estômago. Eu queria vomitar. E chorar.

Eu havia sido fraco. Dessa vez, eu havia sido exatamente o que ela me disse que eu era.

Jordan sempre soube evocar o pior de mim, mas para aquilo eu não tinha desculpas. Eu competia com ela, até mesmo no nível de dor que nos infligíamos.

Ela queria me causar mal, eu queria que ela se fodesse.

Ela queria me pressionar, eu iria até as últimas consequências com ela.

Ela havia me provocado, e eu nem me segurava mais para reagir.

Eu nunca havia sido bom, mas me dosava. Sabia me controlar.

Menos com ela. Nunca com ela.

Entrei em casa, louco para ir para o meu quarto e chorar tudo o que eu precisava, mas uma coisa me parou.

Na verdade, não uma coisa. Uma cena.

Caralho, esse dia não podia apenas acabar?

— Fico feliz que tenha se juntado a nós, Seb. — Grace estava sentada no sofá da minha casa ao lado de Giovanni.

Matteo, Zoe, Noah e Liz já estavam sentados de frente para eles no outro sofá, com caras que me diziam que nós estávamos fodidos.

Porra!

— Onde está a minha filha e o marido dela? — Giovanni me perguntou, sério.

É, realmente estávamos fodidos mesmo.

Que ótima ideia me tornar melhor amigo do cara que tinha pais tão acolhedores quanto Matteo Azzaro.

Eu não queria mais uma família, a minha era mais do que suficiente.

— Estamos aqui. — Bella entrou em casa e por um descuido, eu olhei para trás.

Jordan estava encolhida nos braços de Logan, com os olhos avermelhados. Ela estava chorando. Eu nunca a tinha feito chorar antes. Ela sempre aguentou meus ataques grosseiros, assim como eu sempre aguentei o pior dela.

Éramos bons nisso. Éramos bons em aguentar.

Não éramos?

Mas que grande merda!

Segurando o meu olhar, Isabella, que nunca abaixava a cabeça para ninguém, disse baixinho, só para que eu escutasse.

— Se você ousar fazê-la chorar novamente, eu acabo com você. Foda-se que você está frustrado, foda-se que está sofrendo, foda-se que ela pareça ser uma vaca com você. Se eu souber que essa garota tentou se matar porque decidiu te dar ouvidos, eu acabo com você, Sebastian.

Não deu tempo para que eu respondesse, porque minha vista logo depois ficou completamente embaçada. A dor no meu rosto foi a única coisa que eu pude sentir.

— Logan! — Jordan berrou, assustada, mas ele parecia transtornado.

Segurei-me no aparador lateral quando minhas costas bateram na parede no momento em que meu colarinho foi segurado e um Logan muito puto me encarou todo vermelho de ódio, ainda machucado pela briga de mais cedo.

Ele era ruim de briga, mas aquele soco em especial tinha doido pra porra. Não que eu fosse revidar, jamais bateria nele. Além do mais, eu mereci.

— Eu avisei, não avisei?! Qual foi a parte de não se meter com ela, você não entendeu?! — Fui prensado ainda mais na parede. Logan transbordava raiva. — Ela já tentou se matar duas vezes, Sebastian! Duas, porra! Você acha que ela aguenta essas suas birras? Caralho, ela está doente, e olha a merda que você acabou de dizer!

Como eu fui tão burro? Se anos atrás o gatilho do Logan foi escutar que era culpado pela morte do Callum, hoje ele morria de medo de perder alguém da mesma forma novamente.

Foi por isso que ele quis que Jordan viesse para Crownford. Ele precisava cuidar dela. Ele precisava que ela quisesse viver.

— O que ele disse?! — Giovanni perguntou, tenso, ao se levantar.

— Fala! — o loiro berrou na minha cara. — Conta para todo mundo o tipo de pessoa que você se tornou!

Eu não conseguia falar.

Foi pesado demais. Foi injusto demais. Foi cruel demais.

Porra, como eu havia tido coragem de falar aquilo?

— Logan, para com isso... — JJ pediu aos prantos. — Por favor, eu o provoquei.

— Você a está ouvindo?! Ela se culpa por você ser um idiota! — Sentia nos meus ossos, diante de suas palavras, que eu tinha acabado de fazer um dano na minha amizade com Logan. — Ele disse que o mundo estaria melhor sem pessoas como ela. Que queria que ela sumisse. Sendo que ela luta todos os dias contra o desejo de sumir! — Notei a respiração de todo mundo naquela sala ficar presa na garganta. — Eu amo você, porra, mas odeio a pessoa que se tornou. Odeio a pessoa que virou depois que desistiu do seu maior sonho.

E, assim, me dando um último empurrão, ele me soltou e seus olhos começaram a marejar.

Lágrimas quentes já escorriam pelos meus olhos e meu coração parecia querer parar. Eu estava com vergonha de mim. Assim como ele, eu também não gostava mais da pessoa que eu estava sendo.

Amargo. Solitário. E ingrato.

— Não fale nada que vai se arrepender depois. — Noah tinha se aproximado e colocou a mão no ombro do amigo, tentando precaver qualquer culpa que Logan pudesse sentir nos próximos dias.

Todo mundo sabia como aquele garoto tinha o péssimo hábito de se culpar.

— Ele precisa entender quem está se tornando. — Logan se virou novamente para mim. — Não fala mais com a gente, está vivendo naquele quarto o dia inteiro como se nós não fôssemos nada para você! Porra, somos seus irmãos, e você nem consegue mais nos olhar nos olhos.

— Seb, o que você não está nos contando? — Matteo perguntou, angustiado, ao se aproximar também. — Por que está tão fechado?

— Eu sempre fui assim!

Eu nunca havia conseguido dividir as minhas coisas com ninguém.

— Não... Você sempre foi incrível, Seb — murmurou Matteo. — Meu melhor amigo não falaria para alguém se matar.

Eu não disse para ela se matar.

Eu pedi para que ela sumisse.

Duas vezes... Porra, ela tentou se matar duas vezes, e eu disse para ela que o mundo era melhor sem ela.

Olha que grande imbecil eu me tornei.

— Eu o provoquei, gente... Eu disse que ele me veria na televisão, realizando meu maior sonho, enquanto ele não viveria o dele porque é fraco. Eu provoquei dor nele, e ele só fez o mesmo comigo.

Aquilo era tão errado. Tão tóxico e corrosivo que chegou a me assustar.

Os meninos tinham razão, eu jamais iria tão longe. Eu não era cruel daquele jeito.

Eu não era um assassino.

Porque era isso que eu iria me tornar, caso aquela menina tentasse se matar novamente.

O tempo não a havia mudado. Por motivos que eu desconhecia, aquela desgraçada se preocupava comigo e sabia que eu competia de igual para igual com ela.

Se ela ganhasse um campeonato, eu tinha que ganhar dois.

Se ela fizesse três gols, eu tinha que ser o maior pontuador em campo.

Nós sempre nos empurrávamos para sermos os melhores. De um jeito danoso, mas viciante.

Ela quis me pressionar para que eu competisse com ela.

Ela ainda era a mesma, mesmo não sendo.

Seus olhos dissimulados bateram nos meus, lotados de lágrimas, que só me fizeram entrar mais em pânico.

Ela nunca chorava daquele jeito.

Jordan nunca derrubava uma única lágrima em nossas brigas.

— Não busque desculpas para mim. Não preciso disso, JJ. Eu não... não deveria ter falado aquilo para você. Eu nem mesmo penso aquilo.

Para ser sincero, poucas coisas que eu falo para você são verdade.

Às vezes, eu lutava muito para ser quem eu era. Quem eu havia sido construído para ser.

— Não me vitimize. Para com isso! — disse exasperada, limpando as lágrimas, tentando recuperar a armadura que sempre vestia.

— Está na hora de aceitar a derrota, JJ. — Ela arregalou os olhos diante das minhas palavras. — Eu perdi, está tudo bem. Te peço perdão pelo que eu falei. Você merece viver, tem um sonho lindo pela frente, e eu o verei pela televisão.

Ela tinha vencido.

Eu tinha perdido.

Estava sempre perdendo... Mas que porra!

— Não quero ver você perto dela. — Logan foi taxativo, e eu nem o rebati.

Não que eu fosse obedecê-lo.

Não queria que Jordan se fosse.

E agora mais do que nunca, eu estava com medo de ela estar à beira de fazer isso.

Ninguém havia me chamado para ir à praia naquele domingo. Minha porta estava fechada e assim continuou por todo o dia. Era interessante como as coisas aconteciam de uma forma tão repentina.

Havia saído daquela delegacia, rindo com Logan, depois que ele tentou subornar John para, logo em seguida, receber um murro dele.

Nenhum de nós já tinha levantado a mão um para o outro, jamais tínhamos deixado nossas discussões chegarem nesse patamar. Estava me deixando angustiado pensar que meus melhores amigos, meus irmãos, a família que eu tinha escolhido para mim, estivessem desistindo de mim.

Porra, o que estava acontecendo comigo?

Eu precisava me organizar. Precisava voltar ao meu normal, e não descontar nas pessoas a minha frustração. Ninguém havia feito nada para mim. Eles não mereciam isso, não era justo.

Foi só naquela discussão, que entendi que meus amigos estavam sofrendo. Nossa amizade não era como todas as outras, onde eu ligava e mandava mensagens a cada três meses.

Nossa relação era mais próxima e mais familiar, e eu estava os afastando a troco de uma superproteção que, olhando agora, vejo ser desnecessária.

Eles sabem se cuidar muito bem, quem anda não conseguindo fazer isso, sou eu.

Eu nunca tinha deixado que Jordan me atingisse tão fortemente. E isso não podia voltar a acontecer.

O que mais me tirava o sono era quais seriam seus passos agora. Ela se afetou mesmo pelo que eu falei? Ela sentiu de uma forma profunda minhas palavras, mas, também, quem não sentiria? Com ódio ou não, éramos pessoas. Porra, ela chorou pela morte do amigo no meu colo...

Não era irônico que eu fiz com ela algo tão pior do que ela havia feito com o Logan?

Eu me tornei alguém digno de vergonha.

Não era à toa que fui deixado sozinho em casa naquele dia.

Eles estavam certos. Eu faria o mesmo.

Eu fiz o mesmo com a Jordan por todos esses anos.

Eles estavam cansados.

Olhei para foto da minha filha na tela do meu celular e passei meus dedos na sua pequena bochecha. Compreendi que, fazendo esse tipo de coisa, eu não seria um bom pai para ela também.

Eu precisava melhorar.

Iria melhorar.

E ali, naquele momento, eu decidi que iria cuidar da Jordan porque não poderia deixá-la acreditar nas palavras de alguém tão fodido como eu.

Ela não poderia querer ir embora desse mundo porque eu havia perdido a minha cabeça.

Ela merecia mais.

E ela teria mais.

Agora, nós iríamos voltar a jogar. Mas seria dentro das minhas regras, não das dela.



VERDADE

Jordan Joy Lewis

— Ainda não acredito que vocês foram presos! — Mike se deitou na minha cama, ignorando com quem eu tinha ficado no fim de semana. — JJ, você não pode perder sua bolsa.

Não que ficar com Hero Hernandez fosse um problema, não era. Era que tínhamos prometido que aquele ano seria sobre o nosso futuro, sem distrações.

Homens não seriam nossa prioridade.

— Eles não prestaram queixa contra mim. Tudo deu certo. — Joguei-me ao lado dele, observando meu quarto.

O dormitório era bem padrão, como o de qualquer universidade de elite dos Estados Unidos. Paredes bege-claras, camas com cabeceira de madeira e um armário para cada um dos estudantes que dividiam o quarto.

A decoração ficava por nossa conta, e achava que chegava a ser cômico como eu era diferente de Layla, minha companheira de

quarto e de time. Ela amava cores. Rosa, verde, roxo e azul estavam por todo o seu espaço, enquanto o meu era apenas decorado com preto.

Nunca fui uma pessoa muito animada com a vida, isso era um fato. Na adolescência, eu era a menina descolada do colégio. Coturnos e roupas pretas sempre acompanhavam muito bem o meu batom vermelho e delineado nos olhos.

Na noite anterior, no bar, observando os novos amigos de Logan, percebi que eles eram tudo o que eu condenaria quando era mais nova. Os Reis e as Rainhas de Crownford eram o típico grupo de bons garotos que eu sempre amei pegar no pé.

Zoe era uma patricinha com tudo que tinha direito: cabelos loiros, olhos azuis, roupas de marca e cor-de-rosa, e claro, com um sorriso cativante que deixava qualquer um apaixonado por ela. E seu namorado, Matteo, era tudo o que um príncipe deveria ser. Ele sempre estava atento e cuidando dela como se fosse um cristal. Eles eram os únicos que pareciam não gostar da comoção que faziam no campus e nos lugares em que iam.

Logan e Bella eram a própria definição da realeza. Donos de uma sintonia única, eles pareciam comandar o lugar com uma imponência digna de um tapete vermelho. O garoto de cabelos loiros e olhos de diamante, hoje, era um homem que continha seu lado engraçado apenas para aqueles que o conheciam intimamente. Isabella, assim como o marido, era o poço do carisma e descia do salto apenas para tacar uma garrafa em algum marmanjo que ousasse bater em seu marido. Eles sabiam quem eram. Sabiam que todos os olhos estavam neles, mas não ligavam para isso. Estavam acostumados.

Noah era o típico garoto bonito que, provavelmente, era desejado por metade daquela faculdade. O que tinha de bonito — sério, o garoto era realmente um pecado —, também tinha de fiel. Nenhuma outra mulher parecia existir para ele, que não sua própria rainha. Liz era a mais carismática deles, a que liberava sorrisos para quem falasse com ela e sempre estava sendo cordial e gentil. Eles eram o casal fofo, que parecia ter saído de um desses romances que muitos amavam.

E, então, tinha *ele*.

Mas, naquele dia, eu não iria me permitir pensar nele.

— JJ… — *Lá vinha ele...* Toda vez que precisava me contar alguma merda, meu irmão vinha com esse jeitinho carente para cima de mim. — Conheci um cara.

Ah, então era por isso que ele ignorou a minha escorregada no nosso combinado. Ele havia escorregado também.

— E a regra de não se envolver com ninguém até entrar na faculdade? — Arqueei uma das sobrancelhas.

— Médico.

— E a regra de não se envolver com alguém estando tão vulnerável?

— 34 anos.

— E a regra do amor da sua vida ser da sua idade?

— Um e oitenta e quatro de altura.

— Não tem regra sobre isso, mas eu posso criar uma.

— E me chamou para um encontro na quarta-feira, depois do plantão dele. — Meu irmão parecia realmente animado, e isso, por si só, me causou um aperto no peito.

Só eu sabia como aquele garoto tinha sofrido quando Callum se foi.

Eles foram uma história de amor que simplesmente não deu certo.

Eles foram uma tragédia.

Uma coisa era certa: os irmãos Lewis não tinham sorte no amor. Nem na vida, aparentemente.

— Não quero que quebre o seu coração novamente.

O que eu tinha de covarde, ele tinha de corajoso, e isso, muitas vezes, era um problema.

Michael tentou muito encontrar um amor. Hoje, com vinte e quatro anos, meu irmão já tinha namorado algumas vezes, mas sempre acabava ou levando um pé na bunda ou tendo que dar um pé na bunda do cara.

Ele sempre achava que tinha encontrado o príncipe dos seus sonhos, mas todos, geralmente, eram sapos.

Bom, estava melhor do que eu, que me apaixonei por um sapo logo de cara.

— Ele não parece ser um cara que quebra o coração das pessoas.

— Eles nunca têm cara de idiota, Mike. Sabe disso — murmurei, relembrando da noite anterior.

O que levava um homem a querer agarrar uma mulher que, para início de conversa, nunca nem tinha dado liberdade para isso? Aquilo nunca tinha acontecido comigo antes, mas precisava confessar que, depois que a adrenalina passou, eu me sentia estranha diante do ocorrido.

Não gostei de me sentir pequena na mão de alguém.

Odiei me sentir impotente perante a outro ser humano.

— Você não parece bem hoje, JJ. — Mike me puxou para o seu peito e me abraçou. Eu me sentia tão acolhida com ele.

Meu irmão, hoje em dia, era a única pessoa que eu tinha certeza de que estaria ali por mim, independentemente de qualquer coisa.

Ele nunca desistiu de mim. Nem mesmo quando eu mereci.

— Não estou bem hoje — sussurrei.

"Você tem essa pose de menina legal e descolada, mas não passa de uma filha da puta, que só faz do mundo um lugar ainda pior."

Era doloroso ter consciência da verdade.

Enquanto o meu coração batia por ele, o dele... se corroía de ódio por mim.

— Quer falar sobre isso?

Meu irmão sabia que eu não iria falar, mas tentou mesmo assim. Ele era mesmo um bom irmão.

— Não — fui sucinta.

Nunca fui boa em expressar meus sentimentos com palavras, eu era melhor em guardá-los e fingir que eles nunca estiveram ali. Queimando o meu coração.

— Não entendo o porquê ele te odeia tanto.

— Não foi o que você disse semana passada, que eu o provoco? — Por que eu tinha que ser tão maldosa com ele?

Eu sabia o que estava fazendo, e fiz mesmo assim.

Eu sabia que o estava machucando e fiz mesmo assim...

Que tipo de amor era esse que me causava tanto rancor ou raiva?

O tipo de amor não correspondido. Aquele que dilacera o coração e quebra sua alma no meio.

A verdade, mesquinha e infantil, era que por mais que eu negasse, no fundo, eu o odiava por me provocar tanta dor.

O asco que ele tinha me doía. Sempre me doeu demais.

— Você é uma vaca com ele, mas isso não tira o fato de ele ser um escroto com você.

E, como se o destino me mandasse um resgate daquela conversa que iria acabar me fazendo chorar, alguém bateu à minha porta.

— Está esperando alguém?

— Deve ser o Logan. — Minha resposta fez o Mike ficar tenso. — Para com isso, o Logan não sabe sobre você e o Callum. E outra, ele já é casado.

Mike tinha que superar o seu passado. Eles eram adolescentes. Ninguém sabia muita coisa da vida. Bem, olhando hoje, continuamos sem saber o que caralho fazemos por aqui.

Abri a porta sem me importar com o moletom velho que estava usando. Logan já tinha me visto usando coisa bem pior.

— Ele é. — Isabella abriu um sorriso bonito quando mostrou o café que estava nas suas mãos. — Cheguei e trouxe dois cafés comigo.

— Oi, Bella — disse, surpresa e um pouco tensa pelo que ela havia acabado de escutar.

Aquelas portas realmente eram finas, não era à toa que vivia escutando as merdas da galera que morava ao meu lado.

— Logan foi com o Thommy e os meninos à praia, mas eu decidi vir aqui te ver. Fiquei sabendo que não estava bem — disse,

entrando no quarto sem nem ser convidada.

— Meu Deus, preto? — Bella observou o lugar atenta. — Somos realmente almas gêmeas!

— Por causa do preto? — perguntei, fechando a porta com um pouco de força.

Está aí um encontro que eu não achei que veria tão cedo.

Michael e Isabella.

O amor da vida de Callum, com o amor da vida do cara que achava que era o amor da vida de Callum.

— Obviamente! Você e eu somos iguais, só falta você descobrir isso.

Aquela garota era realmente engraçada. E enxerida.

— Então, você é o Michael? Não acredito que fez meu pobre marido de trouxa. — No jeito como ela sorriu, deu para notar que estava brincando.

— Pode me chamar de Mike, e eu não o fiz de trouxa, apenas me apaixonei por quem não deveria — meu irmão rebateu, tentando manter a calma por ter tido sua verdade revelada.

— O Logan sabe?

Foi impossível conter a risada.

— Lógico que não, garota! Seu marido nunca conseguiu ver malícia em nada – Mike explicou, rindo de nervoso.

— Não se arrepende? — Ela parou no meio do meu quarto, observando meu mural de fotos.

Fiquei tensa do mesmo jeito que ficava quando Callum estava prestes a descobrir um segredo meu. Porque eu tinha a sensação de que Bella iria acabar aquele dia me dando uma bela lição de moral.

— Nunca me arrependeria de ter ficado com o amor da minha vida. Pelo menos, por um tempo. — Ela seguiu olhando as fotos, dando pequenos sorrisos quando encontrava alguma que tinha o nosso loiro sorrindo ou fazendo alguma gracinha.

Logan na adolescência era o garoto mais animado e engraçado que eu já tinha conhecido. Era o mais romântico também.

— Que mel esse garoto tinha, para todo mundo achar que ele era a coisa mais maravilhosa do mundo? — Então, cerrou os olhos quando se fixou em uma foto de nós quatro.

Mais precisamente, olhou para Sebastian e eu. Abraçados.

O jeito que eu olhava para ele...

O jeito que eu o adorava...

Era tão cômico, porque ele nunca percebeu. Chegava a ser trágico.

— Callum era um bom garoto, só era um pouco confuso — Mike defendeu o dono do seu coração. — Ele era sarcástico e muito sincero.

— Não tão sincero assim, né?

Isso fez a gente rir novamente.

— Ele não queria magoar o Logan, mas também não queria mais estar em um relacionamento com ele. Callum sempre foi mais livre, e o Logan...

— Sempre foi mais emocionado. Estou ligada nessa parte. — Bella continuou olhando para a foto de nós quatro. — Eu ia adorar esse garoto. Tenho certeza de que seríamos todos ótimos amigos.

— É, eu também — murmurei.

Que saudade dele.

Que saudade da minha risada quando eu estava com ele.

Essa era uma das piores coisas para mim. Eu tinha uma saudade que nunca conseguiria matar. Por isso que, às vezes, eu queria...

Não. Hoje não quero pensar em nada disso.

— Acha que o Logan ficaria bravo comigo? — meu irmão perguntou, um pouco sem graça.

— O Logan? — Bella abriu um sorriso. — Acho que você já sabe a resposta, Mike.

— Ele nunca me culparia por ter tido algum tempo com ele, antes de sua morte, não é?

Logan sempre foi um anjo, nunca cultivou mágoa de ninguém. Tudo o que aquele coração cultivava era um remorso sem fim.

— Jamais. Logan é grato por tudo que viveu com o Callum, sem contar que ele já passou dessa fase. Meu Golden amou muito o menino de vocês, e eu respeito a história deles, mas acho que todos nós entendemos que ele faz parte do passado. Eu sou o presente e o futuro. Entendem?

— Muito. — Mike engoliu em seco. Provavelmente, com o mesmo desconforto que eu. Odiava perceber que o Callum era parte do nosso passado, nunca mais seria parte do nosso futuro. — Ele sempre disse que Logan se casaria com uma pessoa incrível. Espero que você seja.

— Acho que sou sim. Bem incrível e tudo mais. — Isabella olhou para mim, respirou fundo e então sorriu. *Vai, Golden fêmea, me arromba.* — Sou tão incrível que sei reconhecer um olhar apaixonado a quilômetros de distância. Há quanto tempo é apaixonada pelo Sebastian?

— O quê?! — fiz-me de sonsa. Nem a pau que eu iria falar sobre isso com ela.

— Ah, nem vem com essa pra cima de mim... Olha isso aqui! Você tem uma foto com aquele idiota no seu mural de fotos.

E apontou para a bendita. Eu devia tirar isso daí, mas quem disse que meu coração deixava? Esse teimoso era igual ao dono.

— Só coloquei aí porque o Callum e o Logan estão nela.

— Tem duzentas fotos nesse mural, e o Callum e o Logan estão na maioria delas. Aposto meu rabo gostoso que você é apaixonada pelo Seb há anos! — Cruzou os braços, me encarando, não me permitindo fugir da sua pergunta.

Tinha que ser tão enxerida? Não custava nada ser um pouco mais boazinha.

— Não sou, não! — fiz birra, deixando minha adolescente interior tomar o posto, e seguir essa conversa de agora em diante.

— Ah, mas você é, sim! — Isabella retrucou, impassível. — É por isso que pega tanto no pé dele?

— Eu não sou apaixonada por ele! Odeio aquele garoto!

Eu realmente o odiava.

Tirando todas as suas partes que eu amava, eu realmente o odiava.

— Meu Deus, o Logan é tão idiota! Era por isso que o Callum falava que você e o Sebastian eram perfeitos um para o outro... Você se apaixonou à primeira vista?

— O Callum o quê?! — berrei, de olhos arregalados. — Que menino idiota... Eu pedi para ele não falar nada! Não acredito nisso!

— Ah, lá... Então você admite que é apaixonada pelo capitão? — Bella se jogou na cama, se sentando ao lado do meu irmão.

Ambos estavam se divertindo. Idiotas.

— Eu não disse isso. — Cruzei meus braços.

— Tão bonitinha querendo mentir para mim... Logo para mim, que fui apaixonada pelo meu melhor amigo por dois anos.

Ah, que saco!

Suspirei, me rendendo a verdade humilhante que eu carregava há tantos anos.

— Eu sou ridícula, eu sei. — Joguei-me no meio deles, na cama. — Mas, em minha defesa... — Respirei fundo. — Ok, não tem defesa.

— Me conta como isso aconteceu? — Bella disse, me puxando para os seus braços, aconchegando-me.

Bom. Abraços eram sempre bons.

— Ah, a história é bem sem graça... — Tentei começar a explicar o inexplicável.

— Não é, não. A história dela é linda.

— Continuando... — Olhei para as minhas próprias mãos, fugindo de qualquer olhar que poderia me julgar. Eu realmente tinha muita vergonha desse assunto. — Eu era amiga do Callum desde a infância, então quando ele foi para aquele colégio interno, meu mundo praticamente ruiu. Éramos jovens, confusos, e toda aquela coisa que você deve entender bem. Enfim, ele se apaixonou pelo Logan e vivia me mandando fotos dos dois. Até que um dia, eu vi uma foto com ele.

— Meu Deus.

— Lembro até hoje de como me senti olhando aquele idiota de moletom branco e calça escura... Os cabelos eram bem mais curtos,

e ele não era tão musculoso, mas me lembro de pensar que ele era o cara mais lindo que eu já tinha visto. Eu o quis no mesmo instante.

O problema foi que ele nunca me quis de volta.

— E quando as coisas começaram a dar errado?

— Sempre foi um amor platônico. — Coisa de adolescente, né? — Então é óbvio que quando eu fui realmente conhecê-lo naquele dia, as coisas não foram bem como minha imaginação achou que seriam. Eu estava nervosa, não consegui olhar para ele como uma menina apaixonada, e sim como alguém que o estava desdenhando. Não foi por mal, era vergonha.

— E ele entendeu que você não gostava dele? Típico! O Sebastian sempre acha que sabe tudo sobre as pessoas. — Pela resposta de Isabella, dava para perceber que esse lado do capitão ela não gostava nadinha.

— Exatamente. Enfim, ele achou que eu não gostei dele e me tratou com certa arrogância desde o primeiro momento. E... Sei lá, eu achava divertido pegar no pé dele, mas, depois, comecei a notar que ele realmente não gostava de mim e isso foi me dando mais raiva. Fui tentando esquecer o idiota porque cá entre nós, claramente, não daríamos certo. Então, ele ficava com uma menina em uma noite, eu ficava com um cara... Ele brigava comigo, eu brigava de volta...

A verdade era que eu sempre tentava tirar reações dele, mesmo que fosse algo ruim.

— E como isso virou realmente ódio? No dia em que disse para todos que o Logan era um assassino?

Odiava aquela parte da minha história. Inclusive, raramente me lembrava dela. Doía demais.

A pessoa que eu fui naquele ano era completamente diferente da pessoa que eu me tornei e era hoje em dia.

Sebastian tinha razão. Eu já fui má e muito perversa, mas eu não era mais. Ele não via?

— Não, foi antes... — Havia sido depois da merda que ele fez comigo.

— Ele te magoou, não é?

— Não, Bella... Ele só não sentia o mesmo por mim, só não se importava comigo e com as minhas merdas. — Senti minha garganta arder. Eu não iria chorar mais por ele. Não mais. — Dizem que o contrário do amor é o ódio, então, já que eu não podia amá-lo...

Nunca consegui esquecê-lo ou ser indiferente. E olha que eu tentei.

— Você escolheu odiá-lo — ela murmurou.

— Nunca consegui arrancar esse sentimento do meu coração. E depois do que aconteceu com o Callum... Depois que eu me declarei para ele aos prantos, ele virou para mim e disse que sentia muito e que eu ia ficar bem. E foi embora. Naquele momento, eu entendi que não podia mais alimentar essa merda. — Não me orgulhava dessa parte. — Ele tomou um ódio absurdo de mim pelo que eu fiz com o Logan, e então viramos essa coisa horrível que somos hoje. E eu sei que vocês estão com ódio dele, mas não o culpe por tudo. Eu realmente o provoco demais.

— Como assim? Você se declarou para ele? — Ignorou boa parte da minha fala, e focou naquilo que ela queria saber.

— Uhum... — Confirmei com a cabeça. — Eu me declarei e contei coisas que eu não contava para ninguém.

Eu ainda me lembrava de cada momento daquele dia horrível.

Estávamos sentados no meio-fio. Logan não parava de chorar em frente ao prédio do Callum, e eu estava mortificada — por falta de palavra melhor — porque não conseguia acreditar no que ele tinha feito.

Não conseguia acreditar que ele tinha sido tão cruel. Comigo, com ele mesmo, com o Logan

— Minha mãe morreu — contei para o Sebastian algo que eu nem me permitia pensar tanto. — Minha mãe morreu há seis meses, meu pai mal sai da cama porque está completamente deprimido, Mike e eu não nos falamos... E ele se jogou da janela. — Comecei a chorar, mas Sebastian continuou ali, olhando para o nada. Tenso. — Ele me deixou aqui sozinha, Seb... Não acredito que ele fez isso comigo.

Sem que eu esperasse, pegou o seu celular na mão e, aparentemente, viu algo ali, que fez com que ele ficasse mais tenso do que antes, e se levantasse para ir embora.

— Não vai... Por favor! — Humilhei-me. Que se fodesse, eu não tinha mais ninguém! — Fica comigo, Seb... Não me deixa, por favor?

Sem falar nada, ele me puxou, beijando minha testa, mas foi embora mesmo assim.

— Seb! — gritei. Estava tão frio. Nova Iorque estava toda coberta de neve, e eu estava apenas com um moletom fino. Porra, me esquenta, Sebastian! – Eu te amo! Sabe, eu sempre te amei...

Por que eu havia falado aquilo?

Burra!

Burra!

Burra!

— Você vai ficar bem, JJ. Eu sinto muito.

— Eu... Ok. — Foi o que eu consegui responder.

Não tinha mesmo mais nada o que dizer.

Sebastian não tinha culpa por não me amar, ele só... não me amava.

E bom, acho que agora, eu não queria mais amá-lo também.

— Meu Deus, ele é um idiota! Mas por que você não tenta conquistá-lo, já que o ama nessa intensidade?

Ela poderia ser a duplinha do Callum, eu tinha certeza.

— Ele nunca gostou de mim, do meu jeito... Sempre colocou defeito em tudo o que eu fazia.

— Isso é verdade, ele sempre foi um cuzão com a Jordan — Mike me defendeu.

— E você ainda gosta dele? — Bella arqueou as sobrancelhas, nada feliz com aquela situação. — Cadê o seu amor-próprio?

— Meu problema é ele, gata... Apenas ele. — Mentira. Eu nunca gostei muito de mim mesma.

Sempre me achei insuficiente.

— Por favor, me diz que você não mudou de cidade por causa desse escroto!

Falei que ela ia me arrombar.

— O que você acha, Bella? — meu irmão foi irônico. — Essa daí come bosta por esse otário até hoje!

Também não precisava me expor desse jeito. Em minha defesa, eu tinha mais chance de ser feliz aqui, ao lado de Logan e Mike do que em Nova Iorque, que eu vivia bebendo em cima do jazigo do meu melhor amigo em alguns finais de semana... e de

quebra, tinha o homem que eu amava também. O mesmo que eu odiava.

— Ah, mas esses dias de otária acabam hoje! — Ela bateu na minha perna, decidida. — Você vai começar a lidar melhor com essa situação.

— Ah, eu vou? — murmurei, nem um pouco animada.

E por um acaso, ela era uma fada madrinha, e ia transformar essa história inteira em um conto de fadas?

— Vai! Acredita em mim. E a primeira coisa será a terapia. Vive querendo cortar os pulsos e pular de janelas que eu andei sabendo, então vamos juntar o útil ao agradável. Terapia!

— Mas eu...

Eu odiava terapia.

— Ai, não começa! É só terapia. Dói menos do que viver em meio a esses problemas que vivem rondando a sua cabeça — Isabella argumentou, mandona, me arrancando um sorriso. — Eu também faço, tenho problemas com a minha ansiedade.

— Tudo bem, Bella... Eu vou fazer. Mas tem que ser com uma mulher e, pelo amor de Deus, com alguém que converse comigo. Aqueles psicólogos que só ficam olhando para a minha cara com uma cara de tacho e não falam nada, eu não quero. — Me rendi tão fácil, que acho que cheguei a assustar Isabella.

— Negócio fechado. — Essa garota era a típica garota que conseguia tudo o que queria. Eu já gostava tanto dela. — Então, querem café?

E, simples assim, eu me senti um pouco mais acolhida naquela cidade.

Simples assim, Isabella Azzaro me fez confessar um dos meus maiores pecados.



PERDÃO

Sebastian Sinclair

Passei a noite pesquisando sobre ideação depressiva e sintomas depressivos. Tudo que eu consegui entender foi que essa merda acontecia a mais gente do que deveria. Callum foi um, e existem inúmeras histórias com os finais como o dele no mundo. Não era uma brincadeira. Não era para chamar atenção. Quanto mais entendia sobre aquilo, mas me culpei por ter julgado Jordan quando Logan me contou o que ela estava passando.

Porque ele contou. Ele disse naquele dia em seu escritório que ela estava sofrendo, mas eu não dei ouvidos.

Ela não podia mais ficar sozinha. Percebi que muitos pacientes com depressão têm uma rotina cercada de pessoas, justamente para que não fizessem nada contra si mesmos. O tratamento é assim por um tempo. Eu, com a minha arrogância, deixei Jordan sozinha por dias, andando por essa faculdade, fazendo o que tinha que fazer, absolutamente sozinha.

Eu não podia mudar o passado, mas o presente, eu conseguia. Então decidi que iria treinar com ela sempre. Conhecia seus horários. Sabia das suas preferências.

Estava doendo em mim ter que fazer isso. Eu amava isso aqui. Nunca treinei pelo físico ou pela saúde, tudo era sobre e para o futebol.

Meus passos eram regrados para um caminho único. Não tinha um plano B, não tinha outra opção. Eu amava aquilo.

Eu amava tanto, que estar aqui, agora, me doía.

Porque era assim que funcionavam os amores não correspondidos. Eles doíam porque não podiam ser vividos.

Nunca achei que seria tão doloroso deixar o futebol para trás, mas, talvez fosse essa a questão. Meu amor estava deixando a despedida dolorida. Cada passo que eu dava dentro do treinamento, cada exercício que eu fazia na academia ou cada tática que eu discutia com meu treinador, era como se meu coração se repartisse em milhões de pedaços.

Estava doendo pra caralho.

Às vezes, eu acreditava que chorava no banho por saudade de um amor que nunca mais seria capaz de viver. Sabia bem como era viver dia após dia sem uma parte de mim e estava tendo que fazer isso novamente.

Perder minha filha havia me destruído.

Ver o caixão.

Deixar uma tulipa rosa em seu túmulo.

Encaixotar suas roupas.

Agarrar-me ao seu bichinho de pelúcia preferido.

Tudo isso havia me destruído.

Encaixotar meu sonho estava me destruindo também.

Deus, estava tão confuso e desorientado que os dias se passavam, e eu nem mesmo conseguia me lembrar o que havia feito. A verdade era que tentava não estar por ali. Queria viver aquele ano o mais rápido possível, para que ele simplesmente acabasse. Não queria pensar no que eu estava deixando para trás.

Não queria pensar em nada.

Então, por que está aqui?

Dessa vez, seria por ela.

Não pela Emma Rose. Dessa vez, seria pela JJ.

Ainda repassava a frase que havia proferido na minha cabeça tantas vezes, mas ela nunca deixava de ser cruel.

Eu fui estúpido, só queria machucá-la como ela estava me machucando.

Porque ela estava.

A cada vez que me pressionava, insistindo para que eu voltasse para uma vida que não era mais minha. JJ não sabia, mas estava sendo tão cruel comigo quanto fui com ela.

— Uau... A que devo a honra, capitão? — Sempre odiei suas ironias, mas dessa vez não revidei.

Jordan ainda não sabia, mas a partir de hoje, essa guerra estava acabada. Se ela quisesse guerrear, seria sozinha.

— Voltei a treinar. Por você— murmurei, aumentando o ritmo da corrida.

— Por mim?

Pelo canto do olho, vi que ela estava sorrindo.

— É, por você.

Vou ficar de olho em você, garota.

Anos convivendo com Logan me deram a prática de reconhecer um sorriso mentiroso, e JJ mentia tanto que, às vezes, até esquecia que estava mentindo.

— Como você está? — Parei minha esteira, olhando para os meus pés.

— Hum?! — perguntou, se fazendo de sonsa.

Ela adorava fazer isso, e nossa, como era difícil lidar com ela às vezes, mas eu estou calmo.

Eu sou um cara frio. Ela só não sabe disso ainda.

— Como você ficou, depois que eu fui um imbecil completo? — Arranquei coragem do fundo da minha alma e virei para ela, com a minha respiração ofegante. — Não mente para mim. Eu sei quando está mentindo.

— Por que está me perguntando isso? — JJ estava confusa, mas eu realmente precisava saber.

— Eu quero saber. Eu preciso...

— Por que se importa com isso? Queria que eu sumisse no final de semana e agora já está aqui, querendo que eu me abra para você? Isso não faz nem sentido. Se foi o Logan que te mandou aqui...

Cortei sua frase, sem paciência para o seu show.

Como eu queria calar a boca dela com um beijo. Seus lábios carnudos e generosos estavam me convidando a parar aquele falatório idiota, e fazer alguma coisa de útil com eles.

Eu profanaria esses lábios de uma maneira tão gostosa, que duvidava que Jordan esqueceria.

Que merda estou pensando?

— Porque eu me importo com você! — gritei, já irritado por causa dela, e pelo tesão doido que me dava. *Porque eu nunca conseguia ser frio com ela? Que merda.* — Porque eu não quero que morra. Porque eu quero que conquiste a porra do mundo, sua teimosa do cacete! Eu nem mesmo falei com Logan ainda depois de sábado.

Finalmente, seus olhos bateram nos meus. Eles queimavam... Porra, acho que eles me hipnotizavam por completo.

— Uma merda — sussurrou tão baixinho, que mal consegui escutar. — Eu ando... me sentindo uma merda. Por que não falou mais com Logan?

— Você tentou novamente?

Ela se encolheu um pouco, mas sorriu fraco outra vez.

— Me responde primeiro. Você realmente não falou mais com o Logan? — Tinha culpa em sua voz.

— Ele estava com raiva, e eu não consigo dar as resposta que ele quer ouvir, então temos que dar um tempo até ficar tudo normal. Somos ainda melhores amigos, mas nem sempre conversar é a melhor saída. Ainda mais quando sentíamos raiva um do outro.

— Podíamos usar esse seu conselho, acho que melhoraria nosso relacionamento. — Essa maldita ironia.

Se ela fosse minha... Não. Nem pensar! Até porque não tem uma gota de submissão nessa garota.

— Poderíamos. Agora sua vez. Me responde. Tentou se matar outra vez? Está com esses pensamentos?

— Sebastian, me poupe! Você me odeia! Me deixa em paz.

Ah, eu odiava! Odiava pra caralho!

Odiava tanto que, às vezes, até esquecia que a desejava. Que a observava. Que até mesmo sonhava com aquela infeliz do caralho.

Odiava tanto que, muitas vezes, me impedi de cometer loucuras por causa dela.

— E nem por isso eu quero que você morra, porra! Você estava me machucando, ok?! — confessei minha pequena verdade. — No carro, você estava acabando comigo.

E eu já estou tão fodido, JJ.

Tão, mas tão fodido...

— E, então você quis me machucar de volta?! — indagou, me enfrentando. — Isso é fodido pra caralho, Sebastian!

— Eu sei! — Eu não era daquele jeito. Eu não era aquele tipo de pessoa. — Eu... Eu não sou fraco, JJ.

— Novamente, por que você se importa com o que eu penso? Com o que eu falo? Se sabe que não é, por que se importa?!

Odiava demonstrar minha fraqueza para ela. Odiava me sentir vulnerável enquanto estava sob seus olhos.

Esse era um puta de um exemplo do porquê eu não gostava daquela garota.

Ela me machucava.

Ela sempre havia me machucado.

E, pior, ela não se importava.

— Escutou a parte que você estava me machucando, Jordan?! — Minha melancolia deu vez à irritação.

— Você disse que eu deveria morrer! Você não disse com todas as letras, mas foi o que deixou implícito, então não venha se

colocar em uma posição de vítima aqui. Eu jamais falaria aquilo para você!

Respirei fundo, desfiz meu coque e o refiz no alto da cabeça.

Eu queria chorar. Queria sentar na porra do meu carro e chorar como no dia em que eu enterrei minha estrelinha. Queria chorar como no dia em que meu pai disse que não havia mais a possibilidade de o futebol existir na minha vida.

Não aguento mais essa merda!

— Você tem razão, JJ. Desculpa. Eu não deveria ter falado aquilo para você. Só para deixar claro, eu me importo com a sua vida e não quero que você faça nada contra si mesma. Você tem muito para viver.

Dei as costas antes que eu chorasse na frente dela e fugi.

Fugi desesperado para um lugar só meu, onde eu podia chorar uma dor que só eu era capaz de entender.

Nunca havia sido sozinho, mas, hoje em dia, me sentia assim.

Queria poder colocar minha dor para fora. Queria poder sentar com meus amigos e contar o que meu pai havia me pedido. Queria contar o que eu havia feito no passado. Queria poder dizer que estava infeliz. Queria poder dizer que estava perdido.

Estou perdido! Será que ninguém vê?

Eles viam. Eu sabia que eles me enxergavam com facilidade, o problema era eu.

Sempre eu.

Eu não deixava que ninguém se aproximasse, nem mesmo me ajudasse. Não podia deixar.

Corri como um menino para o meu carro, louco para desabar. Estava cansado e nem mesmo desistir, eu podia. Ninguém sabia

como eu queria desaparecer e nem isso, sequer, eu podia fazer.

Por ela, me perco.

Por ela, me acho.

Por nós, conquisto o mundo.

Está tão difícil, filha. Não estou aguentando mais isso aqui. Queria que você estivesse aqui. Por que você não pode estar aqui? Eu não precisaria mais do futebol, nem mesmo de ninguém... Eu só queria você, mas nem isso posso ter.

Não estava conseguindo mais brigar comigo mesmo e já chorava enquanto abria o meu carro. Quando sentei no banco, escorei-me no volante e desabei em uma dor que não podia ser medida. Dessa vez, não era por causa da estrelinha, mas sim pelo que eu tinha que fazer para honrar sua vida.

Nunca havia sido tão difícil ser o pai de alguém.

Eu nunca amei muitas coisas, meu coração sempre foi casa de poucos.

Eu amava o futebol, amava os treinos, amava as dietas.

Era muito mais do que um esporte para mim, era o resto da minha vida. E eu estava desistindo de uma parte minha, para que merecesse minha estrela.

Estava desistindo, para que, um dia, eu fosse perdoado por tudo aquilo que havia deixado de fazer por ela.

Chorei.

Chorei tanto que sentia minha garganta arder.

Chorei tanto que não percebi que tinha mais uma pessoa no carro.

Chorei tanto que não me importei quando fui colocado em um colo pequeno demais para que eu coubesse.

Chorei quando lábios, que eu não conhecia, beijaram minha têmpora e sussurraram que eu não estava sozinho.

Fazia anos que eu não me sentia assim.

Acompanhado.

Chorei.

Não me escondi.

Fazia anos que eu não chorava na frente de alguém e com alguém.

Sabia que era ela que estava comigo.

Sabia que era ela que me agarrava como se eu fosse escapar a qualquer momento.

Sabia que era ela que me segurava para que eu desabasse.

Minha inimiga.

A pior pessoa que eu já havia conhecido.

Era a mesma que chorava comigo e que não deixava mais que eu me sentisse sozinho.

Ela me acolheu de um jeito que, com o tempo, a dor que eu sentia foi passando. A angústia, que antes parecia me sufocar, foi se aliviando.

Mas ela não me soltou.

E nem eu a soltei.

Eu parei de chorar, e ela limpou as minhas lágrimas.

Eu me ajeitei em seu colo, e ela infiltrou seus dedos em meus cabelos.

Eu arrumei coragem para olhá-la, e ela os encontrou com a mesma coragem.

Ela estava linda; sempre foi uma garota deslumbrante. Os olhos, que sempre foram dissimulados, agora estavam

avermelhados. E o sorriso malicioso, agora estava escondido. Gostava de quando ela sorria, achava que era a única coisa que ela fazia e que não me irritava.

Por que ela te irrita tanto, papai?

Eu não sabia, filha. Nunca entendi. Mas, ao mesmo tempo que me irritava, também provocava meu coração de uma forma diferente.

Ela me fazia queimar.

Ela me fazia sentir vivo.

— Eu te magoei? — murmurou, enchendo os olhos de lágrimas. — Desculpa, eu só realmente... Não gosto desse assunto.

Se tinha uma pessoa que sabia o que aquele esporte significava para mim, essa pessoa era ela.

JJ era apaixonada pelo futebol como eu.

Ela respirava tudo aquilo como eu.

Será que ela conseguiria me entender?

— Não desista do seu sonho porque está sentindo dor agora. A dor fica menor com os anos, JJ. Ela passa. Mas sabe, pelo menos, você os teve por um tempo. Pelo menos, você agora tem o futebol. — Meus olhos se encheram novamente. — Nem isso eu tenho.

– Por que está desistindo do futebol assim? Você não parece feliz com isso.

– Eu preciso...

— Não precisa... — Seus dedos fizeram um carinho no meu couro cabeludo, me arrepiando inteiro.

Porra, agora eu não queria beijá-la para que sua boca se calasse, eu queria beijá-la porque queria conforto. Isso nem fazia

muito sentido.

— Preciso.

Eu devia isso ao meu pai.

— Mas por quê, Seb? — Sua mão não saiu de mim, e eu não tirei meus olhos dela.

Meu pobre coração acelerou.

— Eu preciso salvar a minha princesa, JJ.

No momento que eu proferi aquelas palavras, tive vontade de recolhê-las.

— A Harmony? — sussurrou sua dúvida.

— Não. — Fazia tanto tempo que nem pensava na minha ruiva. *O que anda aprontando, ruiva?* — Eu... Eu tive uma filha.

— Filha... — Sua respiração pareceu descompassar um pouco ao assimilar aquela palavra.

— Eu tinha quatorze anos quando ela nasceu. Dezesseis quando ela se foi. — Lágrimas caíram pelo rosto dela e pelo meu. — Meu pai diz que eu a matei, mas não fui eu, JJ... Eu só cometi o erro de ter um neném quando ainda não estava preparado.

— Por isso que me odeia tanto? Por que eu fiz com o Logan, o que seu pai fez com você? — Sim. Era exatamente por causa disso.

Então, mais lágrimas nos inundaram.

— Ela morreu no mesmo dia que o Callum. — Jordan soluçou quando finalmente falei. Alto. Aquilo estava doendo tanto nela quanto em mim. — Recebi a mensagem quando estava do seu lado.

Ela estava sempre ali, ao meu lado. Lembrava-me vagamente de ela falar alguma coisa, mas que, para ser sincero, não lembrava

de uma única palavra. Tudo porque só tinha olhos para as palavras do meu pai.

Emma Rose sumiu. Venha para casa.

— Ela foi encontrada no lago da nossa casa dois dias depois daquela fatídica noite. Eu costumava deixá-la brincar no lago congelado, porque ela amava o gelo e o frio. Ela estava me procurando e...

E eu não estava lá.

Às vezes, me pegava pensando que, se eu estivesse lá, nada daquilo teria acontecido.

Tinha certeza de que eu poderia ter salvado o meu bebê.

— Você estava comigo.

Sim, eu estava com ela. Levando-a para uma festa à qual eu não queria ir. Mantendo as aparências para que ninguém descobrisse que eu tinha uma princesa em casa.

Ninguém podia saber do que eu havia sido capaz de fazer.

Era um escândalo com o qual ninguém queria lidar.

Eu mesmo não conseguiria.

— Perdão, Seb...

— Ele disse que a culpa foi minha. Eu deveria ter ficado em casa. Eu era o pai dela, era minha responsabilidade.

Era o mesmo que ela pensava sobre o Logan, que ele não deveria ter deixado Callum sair da casa dele naquele dia. Ele era o namorado do garoto, era responsabilidade dele.

— Ela estava sozinha?

— Não, mas a governanta estava dormindo. Ninguém a ouviu.

Mas eu era o pai dela, eu deveria ter estado lá.

Se eu estivesse dormindo em seu quarto, como eu sempre fazia, nunca a teria perdido.

— Eu sinto muito pela sua perda, Seb.

— E eu sinto muito pelas suas, JJ.

Depois de um tempo em silêncio, Jordan colocou sua outra mão em cima da minha e a apertou.

Ela estava me apoiando. Do jeito que dava, do jeitinho que conseguia.

— Eu te entendo. Se eu tivesse no seu lugar, também buscaria o meu perdão.

— E não está? Sua sorte é que ter uma vida e conquistar seus sonhos é a única dívida que tem com os donos do seu coração.

Ela sorriu, e a dor que eu sentia parou, pelo menos, um pouquinho.

— Eles nunca iriam me perdoar se eu desistisse de mim e do meu futuro.

— Não tente desistir, ok? Viva o seu sonho. — Pisquei para ela e notei que ela sorriu ainda mais.

— Isabella marcou terapia e médico para mim. Eu vou ficar bem, príncipe. Não se preocupe, eu não acreditei nas suas palavras.

— Não minta, você não precisa aliviar para mim. Você não só acreditou nas minhas palavras, como concordou. Perdão, princesa.

— Está perdoado.

O mais louco foi notar que, pelos seus olhos risonhos, ela estava falando a verdade.

Ela me perdoava. Ela me entendia.

— Perdão por ter te machucado também. — A mão no meu cabelo continuava ali, assim como nossos dedos entrelaçados.

Não liguei e também não me mexi.

O ódio que eu sentia por ela perdeu o sentido naquele instante. Acho até que ele não fazia mais sentido há anos. Jordan tinha errado com Logan, assim como eu tinha errado com ela.

Nosso jogo perigoso acabava aqui. Acabava agora.

— Está perdoada.

Mas uma coisa eu não notei naquele dia.

Ela não me contou sobre os pensamentos sombrios.

Ela não me contou se estava bem.

Ela não me disse nada... E eram as palavras guardadas que iriam nos tirar desse caminho rochoso e complexo que estávamos caminhando. Agora, estávamos novamente perdidos.



DESISTÊNCIA

ALERTA DE GATILHO: TENTATIVA DE SUICÍDIO GRÁFICA

Jordan Joy Lewis

Duas semanas depois.

Os escombros da guerra ainda estavam ali, empilhados no meu coração. Não tinha mais por que odiá-lo e, definitivamente, não tinha por que amá-lo.

A realidade era que, depois do nosso momento dentro do carro, passamos a nos ignorar. Eu ainda tomava café da manhã às sextas com o Logan e a Bella, ele ainda ia para a academia todos os dias de manhã e fazia algumas séries comigo, mas, se antes eu tinha a irritação dele, agora eu não tinha nada. Mentira, eu tinha os seus olhares curiosos e preocupados a cada passo que eu dava para longe dele.

Sebastian estava se sentindo culpado, e eu não poderia dizer que ele não tinha motivo para se sentir assim.

Escutar sua afirmação estava mexendo com a minha cabeça, me fazendo questionar coisas que eu sempre questionei.

E se…?

Eu não podia pensar nisso agora. Hoje não.

Voltei a imaginar meu capitão e seus cabelos escuros. Voltei a relembrar do seu sorriso e do jeito que cuidava de todos à sua volta sem que eles percebessem que estavam sendo cuidados. Ele era uma boa pessoa, mesmo que, às vezes, não parecesse ser.

Ele mal conversava com os amigos dentro de casa, o máximo de atenção quem recebia era Thomas e Emma, mas, fora isso, sempre parecia um fantasma de um cara do passado. Era angustiante. E o pior era que, depois da briga entre Logan e ele, as coisas só ficaram mais estranhas.

Culpa era o que eu sentia também. Eles nunca brigavam, mas foi só eu chegar, para que, aparentemente, até mesmo os amigos, Sebastian tivesse perdido.

Seb estava triste e, ao contrário da maioria que buscava apoio naqueles que amava para ficar bem, ele se isolava. Como eu estava fazendo naquela bela manhã de agosto.

Eu tinha perdido minha família, ele tinha perdido o mundo todo.

Uma filha.

Eu quase podia imaginar como ela era.

Cabelos negros, olhos grandes, boca avermelhada.

Na minha imaginação, ela era a cara do Sebastian. Todinha ele.

Meu Deus, por um breve momento, eu imaginei o que poderia fazer para devolver aquela menininha para o colo dele. Essa era uma questão vergonhosa. Eu daria tudo por ele.

Eu faria tudo por ele.

Não deveria, ele nunca mereceu. Mas, ainda assim, eu faria. Sem pensar duas vezes.

Infelizmente, eu nunca daria conta de devolver aquela menininha para ele. Ele a havia perdido para a única coisa que não tínhamos como resolver.

Para a morte, não havia solução.

Como o mundo podia ser tão cruel assim? Como um pai enterrava um filho?

Isso não deveria ser normal.

Uma pontada violenta pinçou o meu coração.

Era saudade.

Por mais que fosse natural que filhos enterrassem seus pais, eu não conseguia aceitar que tinha enterrado os meus. Era tão doloroso que me dava vontade de morrer.

Eu havia tido bons pais. Minha mãe era uma organizadora de eventos renomada, que sempre criou meu irmão e eu em uma rigorosa disciplina. Eu a amava até mesmo quando a odiava. Futebol era uma coisa nossa. Ela tinha sido jogadora quando mais nova, mas não era talentosa o suficiente para jogar profissionalmente. Se aposentou assim que se formou na faculdade.

Meu pai era advogado empresarial. Temido, fazia da vida de muitos um inferno porque, quando ele chegava, todos sabiam que alguma fusão ou aquisição milionária estava acontecendo. Ele era tão rigoroso quanto minha mãe e sabia ser bem perfeccionista quando queria. Era um bom pai. Ia em todos os meus jogos e, às vezes, ia até mesmo nos treinos noturnos. Ele era o meu maior fã, mas, em certas situações, era o meu maior *hater* também.

Eles eram incríveis fora de casa, mas dentro, eram perfeitos. Eu os achava perfeitos. A lotada de defeitos sempre fui eu.

Eles eram tudo, eram incríveis.

Eu os queria de volta.

Minha colega de quarto não tinha dormido por ali, mas isso já estava virando rotina. Para ser sincera, eu mal me encontrava com ela, apenas nos treinos. Ela e a namorada praticamente moravam juntas. Era um alívio.

Eu gostava daqueles momentos de absoluta solidão porque eram naqueles momentos em que eu tinha a liberdade de deixar meus pensamentos mais sombrios fluírem. Não tinha um tapinha do meu irmão nas costas, um conselho da Isabella... Nem mesmo um sorriso do Logan ou um olhar preocupado do Sebastian.

Ali, sozinha, eu podia só chorar.

Chorar e me isolar em uma dor que ninguém entendia a proporção. Nem mesmo eu.

Eu via como Michael conduziu a vida após o falecimento dos nossos pais e do Callum. Porra, meu irmão era um mestre em manusear a própria dor. Ele seguia em frente, vivia. Já estava no estágio de lembrar das nossas memórias com um sorriso no rosto.

Eu não.

Fazia seis anos, e eu ainda seguia ali. Parada. Dolorida. Arrebentada.

Como o Seb suporta isso? Como?

Logan não entendia porque o melhor amigo estava tão desolado. Ninguém nunca tinha visto o Sebastian daquela maneira.

Eu entendia.

Ele havia perdido tudo, estava sem forças.

Eu também estou.

Encolhi-me na minha cama, deixando as lágrimas caírem por meu rosto e sentindo cada partícula de escombro rasgar meu coração.

Aquele era o dia do aniversário da minha mãe.

24 de agosto.

Sempre comemorávamos o aniversário dela, porque a Sra. Lewis amava sua vida. Ela decorava a casa inteira com tulipas brancas, suas favoritas, e esperava ansiosamente pelo dia em que todos nós a mimávamos.

Sempre era um dos melhores dias do ano.

Que saudade da minha mãe...

Saudade da risada dela... Até mesmo das broncas.

Queria poder ter a oportunidade de dormir com seus cachos em meus dedos, escutando a batida do seu coração. Queria poder chorar no seu colo mais uma vez. Queria poder contar que o cara que eu amava não me amava de volta, e isso me machucava.

Por que eu amo pessoas que estão mortas? Por que eu amo pessoas que não me amam de volta?

Qual era a porra do meu problema?!

Eu nunca me permitia chorar por causa dos meus pais. De todas as minhas dores, perdê-los foi a que mais me matou. Na verdade, era o que me fazia querer morrer.

Era mais fácil sofrer pelo Sebastian. Ou até mesmo pelo Callum.

Não éramos uma família perfeita. Muito pelo contrário, meu irmão e eu vivíamos brigando por atenção. Meu pai vivia comprando

sapatos e deixava minha mãe louca, e ela não ficava atrás porque era viciada em trabalho e vivia magoando meu pai.

Não éramos perfeitos, mas, ainda assim, éramos família. Éramos perfeitos um para o outro, e apenas isso importava.

Saudades de ter um colo para o qual correr, um conselho sábio de alguém que queria apenas o meu bem, uma bronca de quem eu sabia que torcia por mim, mesmo quando eu não estava merecendo.

Em momentos como aquele, nada era tão dolorido quanto a minha saudade.

Ela me sugava para um lugar torturante. Era como se eu entrasse em um abismo que me deixava sem ar. Era como ter milhares de agulhas entrando em minha pele.

Era demais.

Eu odiava sentir aquilo.

Havia tentado me matar duas vezes, mas já pensei tanto nisso que nem podia contar nos dedos da mão.

Quero minha mãe.

Era estranho como os dias ruins te consumiam do nada. Ontem eu estava rindo com o Logan e a Bella enquanto eles me contavam sobre o seu casamento em Vegas.

Eu estava bem.

Eu estava alegre.

Mas hoje não é ontem.

Hoje eu não queria mais estar ali.

Acaba com isso, Jordan.

Seria tão fácil...

Era quarta-feira, meu treino seria só às dezoito horas. Eu só seria encontrada após isso.

Meu irmão e Isabella estavam no trabalho. Logan, na aula. Ninguém sentiria minha falta até lá.

Seria rápido, indolor.

Eu ficaria em paz. Em um lugar sem dor.

Desiste, JJ. Acaba com isso. Acaba com esse martírio.

Em dias como hoje, minha consciência não gritava que eu destruiria o Michael com aquilo, que o Logan sentiria minha falta, que a Bella provavelmente se perguntaria o que ela havia feito de errado e que o Sebastian se remoeria em culpa e remorso.

Em dias como hoje, eu não me importava com eles. Eu só queria que minha dor parasse.

Queria que meu coração parasse.

Eu havia lutado. Eu havia tentado. Eu não havia desistido.

Mas cansava, sabe?

Viver cansava.

Eu estava cansada. Tão cansada…

Não queria mais sentir nada.

Não queria mais me sentir triste.

Não queria mais sentir saudade.

Estava cansada.

Eu desisto.

Finalmente, eu estava desistindo.

Peguei um frasco embaixo do meu colchão. Estava tonta e não tinha parado de chorar, mas sabia exatamente onde escondia meu bote salva-vidas.

Alguns comprimidos, e tudo isso sumiria.

Sem cartas.

Sem despedidas.

Sem dor.

Porra! Esbocei um sorriso desesperado. Como eu queria que essa porra parasse.

E os seus sonhos, JJ?

Não os queria mais. Não queria mais porra nenhuma.

Engoli um punhado, com minhas mãos tremendo, e bebi água por cima.

Só mais alguns e tudo estará acabado.

Não faça isso! Olha quanta vida você tem para viver ainda!

Que vida? Não queria mais aquela vida!

Não queria mais!

Eu queria ser feliz.

E eu não era mais feliz.

Eu era vazia, oca.

Eu era uma farsa.

Não quero mais! Não quero!

Engoli mais algumas pílulas. Nem sabia quantas mais. Muitas.

As lágrimas me inundavam mais.

Sempre me desesperava naquela parte.

Eu sempre parava.

Não naquele dia.

Naquele dia, eu me lembrava de cada beijo que minha mãe havia me dado.

Cada abraço e promessa que meu pai havia me feito.

Cada risada que eu havia dado com o Callum.

Eu estava destruindo meu coração com as memórias e meu corpo com as pílulas.

Eu estava me arrebentando sem nenhuma piedade.

Não existia final feliz para pessoas tão tristes como eu. Eu não queria mais um final feliz.

Eu queria isso.

Queria o desastre, a tragédia. Queria que o meu final fosse como a minha vida. Inundada de tristeza.

Virei o resto das pílulas.

Engoli com lágrimas e saliva dessa vez.

Quando me deitei na cama, chorei mais.

Era humilhante. O que eu estava fazendo comigo era humilhante.

Não consegui sobreviver à minha própria cabeça.

Não fui capaz de me amar.

Eu entendia o Callum. Tinha que se odiar muito para querer desistir.

E eu me odiava.

Odiava.

Culpa entrou pelos meus poros, me corroendo inteira. Achava que era ela que estava ajudando a me matar.

Não sabia quanto tempo fiquei ali.

Perdi a noção de tudo.

Fiquei zonza.

Minha respiração ficou mais difícil.

Não corri.

Não gritei por ajuda.

Fiquei ali, deitada.

Eu e minhas lágrimas.

Tum. Tum. Tum.

Um som me chamou atenção, mas eu não sabia de onde vinha. Parecia ser de dentro de mim, mas não tinha certeza.

Tum. Tum. Tum.

Pareciam ser as últimas batidas do meu pobre coração. Aparentemente, ele ainda existia.

Por pouco tempo.

Estava acabando.

Eu estava acabando.

Tum. Tum. Tum.

Bum.

Ofeguei assustada, mas já sem forças para me mover.

— Não! Não! Não!

Fui puxada por alguém. Não sabia se estava sonhando ou se aquilo era real, mas sorri mesmo assim. Era ele.

Com quem você vai ficar no fim das contas, Seb?

— Quantas pílulas você tomou?!

Ele estava chorando.

Eu estava indo.

De uma maneira egoísta, pensei que não tinha lugar melhor para morrer, do que nos braços dele.

Queria ir assim.

Queria ir agora.

— Abre esse olho! Não acredito que fez isso! Você não pode fazer isso com você mesma, princesa!

Sinto tapas na minha cara, mas já não consigo abrir os olhos.

Sinto lágrimas que não são minhas, caindo em minha boca.

— Não foi culpa sua...

Não foi culpa de ninguém.

Só minha.
Tudo foi culpa minha.
Finalmente, tudo ficou escuro.
Finalmente, eu não estava sentindo mais dor alguma.



DOM

Sebastian Sinclair

Tudo parecia um pesadelo.

No momento em que eu coloquei meus pés na academia naquela manhã, senti que seria um dia ruim. Fiz todos os meus exercícios sozinho e preocupado porque Jordan não apareceu. E ela sempre aparecia. Semana passada, inclusive, ela veio mesmo doente, gripada e um pouco febril. Eu sempre fui muito centrado, mas ela era mais do que eu.

JJ era obcecada, uma atleta de alta performance que treinava em busca de ser a melhor.

Tomei banho, fui para a minha aula, e meus pensamentos ainda estavam nela. No primeiro intervalo, Liz me contou que ela não estava na aula. Jordan não faltava às aulas. Pelo menos, não mais. Ela era bolsista, uma nota baixa seria o fim da linha para ela.

Eu senti que tinha dado alguma merda muito grande. Liguei para o Logan querendo notícias que provavelmente ele deveria ter,

mas ele não tinha. O loiro estava no dentista com Thommy e fazendo coisas de pai. Quando eu contei que JJ não apareceu em nenhum lugar, senti a voz dele embargar.

24 de agosto.

Era uma data ruim.

Quando desliguei o telefone e saí correndo para o dormitório dela, eu já sabia.

Como eu disse, eu sentia que ela tinha feito alguma merda.

Bati inúmeras vezes naquela porta, até que finalmente chutei-a, entrando desesperado no quarto e querendo ver com meus próprios olhos a merda que ela tinha feito.

E ela fez.

O frasco do remédio ainda estava jogado no chão, e ela estava encolhida na cama. Nem parecia a mesma garota que me tirava a paciência e vivia fazendo merda por aí.

Ela estava tão pequena. Tão indefesa.

Em um impulso, eu saí de lá com ela nos braços e coloquei-a no meu carro junto ao Matteo e Zoe, que me encontraram no caminho. O percurso todo foi tenso. Todos nós estávamos desesperados. Zoe não tirava a mão do pulso dela, e Matteo tentava me acalmar, mas sem sucesso.

Foi Oliver Harlow, o pai de Zoe, que nos encontrou na entrada da emergência. Foi Matteo quem me segurou com toda força do mundo para que eu não entrasse na sala de trauma junto com eles.

Ela iria morrer.

Ela iria morrer, e isso estava me fodendo.

Controlei meus impulsos. Bebi um gole de algo amargo que me deram. Provavelmente, era calmamente, mas nada me

acalmaria.

Logan chegou junto à Isabella. Noah, com a Liz. Depois de muito tempo, foi a vez de Michael, Giovanni e Grace.

Todos desolados. Todos desesperados.

Precisei contar a história de como eu a havia encontrado inúmeras vezes, mas eles não entendiam como ela pôde fazer aquilo. Ela já estava indo à terapia, já tomava remédios, tinha até tomado café da manhã com o irmão naquele dia.

Todo mundo achava que, naquele ano, ela estava bem. Era o ano em que se tornaria profissional, que tudo em sua vida iria melhorar, mas ela, ainda assim, queria desistir de tudo.

Fui eu quem fez isso. Eu sou o culpado. Realmente fodi com tudo! Olha o que meu ódio me transformou.

Oliver e Zachary, pai e irmão de Zoe, chegaram à sala de espera com o rosto aliviado e só então, eu pude voltar a respirar. Mesmo o ar estando quente quando chegava aos meus pulmões porque, mesmo vivo, eu parecia estar vivendo em um inferno que não tinha fim.

— Ela está bem?! — Michael perguntou, ansioso.

— Sim, ela está. — Zach segurou Michael pelos ombros, trazendo sua atenção apenas para ele. — Sua irmã está viva, bem e já está em um quarto na internação.

— O que ela tomou? — Era Logan. Mas nem mesmo parecia ele.

Logan estava bravo. Muito bravo. E, como eu o conhecia bem pra caralho, sabia que ele estava bravo consigo mesmo. Estava se culpando por não ter estado com ela quando precisou.

Eu o entendia. Estava me sentindo uma merda também.

— Não sabemos ao certo, mas parecia um coquetel de vários remédios diferentes. Ela sabia o que estava fazendo — Oliver explicou, olhando para Michael, que, para todos os efeitos, era a única família de Jordan naquele hospital.

— Ela tem depressão. — Michael respirou pesadamente. — Ela tem essa merda há anos e parece que nunca vai melhorar.

— Ela está fazendo acompanhamento psiquiátrico? — Zach perguntou para Michael com uma intimidade que não me passou despercebido.

— Ela não faz direito... Às vezes, toma os remédios, às vezes, não toma. Fazer terapia foi sempre um problema, mas, dessa vez, ela estava indo.

Jordan é foda.

Será que estava indo à terapia mesmo ou mentindo sobre essa merda?

— Ela já foi atendida em outros hospitais da nossa rede, o histórico dela é bem extenso. Já pensou em interná-la, Michael?

Aquela pergunta me fez reagir.

— Não iremos interná-la! — bradei.

Não podíamos fazer isso com ela, porra!

— Sebastian... — Giovanni colocou a mão no meu ombro, mas eu me esquivei.

— Não! Isso está fora de questão!

— E quem você pensa que é para escolher algo aqui?! Você não sabe o que é melhor para minha irmã, Sebastian! Você não sabe nada sobre ela! — Michael se impôs, mas eu não cedi.

— E você sabe?! — Olhei em seus olhos, não permitindo que ele ignorasse minhas palavras. — Ela é uma atleta! Sem o futebol,

ela...

Ela não seria nada.

Ninguém entendia qual era o peso da nossa carreira para pessoas como nós.

Como ela.

Eu não estava mais nesse time de pessoas.

— Essa é a terceira vez que ela tenta suicídio, Sebastian — Logan explicou. — Uma hora, ela vai conseguir.

— O Michael mesmo disse que ela nunca fez o tratamento direito. Ela precisa fazer. Tomar os remédios no mesmo horário, fazer terapia e manter uma rotina saudável. — Respirei fundo, tentando buscar as palavras certas para vencer aquela discussão. — Ela merece mais uma chance. Se vocês a internarem agora, sabem que nenhum time vai querer contratá-la. É o nosso último ano, a última chance.

— E como você acha que vamos conseguir fazê-la realizar o tratamento direito? Minha irmã mente. Ela faz esses joguinhos estúpidos e nunca diz exatamente o que pensa. Não confio nela.

— Ela vai fazer. — Eu tinha certeza de que ela iria fazer.

— Você não entendeu. Ela não aderiu ao tratamento, Sebastian. — Isabella cruzou os braços, segurando as lágrimas. — Jordan precisa de um tratamento intensivo, onde não tenha como mentir, nem mesmo fugir.

— Sem o futebol, ela vai mesmo querer morrer! Vocês não entendem. — Levantei-me ansioso. Aquela conversa não estava indo a lugar algum.

— Quem não está entendendo é você! — Michael aumentou o tom de voz. — Para quem disse que o mundo era melhor sem ela,

você está muito preocupado. O que foi? Está com peso na consciência?

Escutei todos prendendo a própria respiração, porque sabiam que aquele não era um bom momento para Michael tocar naquela ferida. Eu não estava bem, não estava controlado.

— Mike... Agora não. — Zachary tentou acalmá-lo, mas não foi o suficiente.

Peraí, Mike e Zachary eram amigos? Ou… Bom, não era da minha conta.

— O quê? Vocês não lembram o que ele falou para minha irmã uma semana atrás? Você é um escroto do caralho. Sai daqui! Como ousa ainda estar aqui, hein, seu bosta?! — Mike já não falava mais, e sim gritava.

— Não — rebati. — Não vou sair daqui, e você não vai internar a sua irmã.

Mesmo estando inundado por uma culpa dilacerante e sabendo que ele tinha razão, eu não conseguiria sair. Meu senso de responsabilidade não me permitiria sair dali.

Ele e minhas memórias.

Literatura estrangeira.

Nem sabia porque tinha pegado aquela bosta. Nem de livros, eu gostava. Ler, para mim, era tedioso. Mas era a única matéria que casava com os meus treinos às quartas, e eu pensei “por que não?”.

Minha resposta para o Sebastian do passado estava no demônio sentado a três fileiras de mim.

Como aquela garota me irritava.

— “Olhos de cigana, oblíquos e dissimulados. Eu não sabia o que era oblíquo, mas dissimulado, eu sabia” — o professor recitou.

— Alguém sabe de qual autor é essa citação?

No mesmo momento, meu inferno particular virou-se para mim. Com aqueles olhos.

Olhos de ressaca.

Ah, como eu te entendo, Dom Casmurro.

— Machado de Assis — alguém respondeu.

Mas eu não tirei os meus olhos dela.

Não conseguia.

Nunca havia conseguido, não é?

O sorriso que ela deu foi dissimulado como ela.

O gosto amargo na minha boca era como uma ressaca pesada, que eu só torcia para passar logo.

Aquela merda tinha que passar.

Nunca passou. Aquele fio condutor que me ligava a ela sempre estava ali. Pelo ódio ou por qualquer outra coisa, eu sempre parecia ligado à Jordan e, agora, tudo estava ainda pior. Naquela última semana, enquanto eu observava seus passos, tinha percebido que ainda me lembrava de muitas coisas referentes a ela. Coisas que afundei no fundo da minha mente.

Ela sempre gostou daqueles cafés gelados lotados de chantilly e sempre andava com uma pose altiva, mas se soltava e se transformava em uma garota carinhosa com as pessoas que gostava. Ela escutava rock pesado ou rap em seus fones de ouvido, e amava ver jogos de futebol. Ela era do tipo que conversava com a televisão. Adorava ser o centro das atenções em campo, mas odiava ser fora dele. E adorava preto, mas secretamente sua cor favorita sempre foi verde.

Era a mesma que a minha.

Nós nunca tínhamos trocado nem uma ideia. Eu nem mesmo a suportava. E, mesmo assim, sabia tantas coisas sobre ela que parecia até que eu a adorava.

— Você não sabe o que é melhor para ela! — ele berrou na minha cara.

Michael era do meu tamanho, mas bem mais magro do que eu. Um soco, e ele estaria no chão. Mas eu realmente não era esse tipo de cara. Ele estava sofrendo e assustado, precisava também de um colo para chorar. Sua única família parecia estar seguindo o mesmo caminho daqueles que já tinham partido.

Por dentro, eu estava me corroendo em culpa, mas aguentei bem a barra. Não foi a primeira vez que tive que escutar que era culpado pela morte de alguém.

— Eu sei — murmurei, frio e segurando minha onda do melhor jeito que eu sabia. — Eu sei o que é melhor para ela. E, ao contrário de você, que só pensa em mantê-la viva de uma forma egoísta porque não quer perder mais ninguém, eu estou pensando no que é melhor para ela. Sua irmã respira o futebol, a existência dela foi moldada para o futebol. Se você acha que ela está na merda agora, que perdeu uma grande parte da própria família, imagina se ela perder a única coisa que a faz sorrir. Me diz, como você acha que sua irmã vai ficar?

Lágrimas saltavam dos olhos de Mike, mas eu não cedi. Ele tinha que entender que colocá-la em uma clínica naquele momento era a pior decisão.

— Você não é a família dela — disse, limpando suas bochechas com raiva.

— Mas ele tem razão, Mike... — E, pela primeira vez desde que eu a tinha conhecido, Isabella ficou do meu lado em algo. — Sua irmã não vai aguentar mais essa.

— Ela já não está aguentando. Essa doença do caralho já está tomando a minha irmãzinha de mim! — Mike tentava conter o choro, mas não conseguia, o que levou Zach a passar o braço em sua cintura e se colocar ao seu lado.

É, realmente tinha algo rolando ali.

— É uma decisão que vocês precisam tomar com a equipe de psiquiatria, mas meu conselho, como médico, é sempre pensar no bem-estar físico e psicológico da paciente. E ela claramente não está bem.

Mas, por incrível que parecesse, ela iria ficar pior em uma clínica.

Não queria que a Jordan ficasse apenas bem, queria que ela vivesse. Fosse feliz.

Era isso o que todos nós merecíamos. Não uma vida medíocre, apenas sobrevivendo.

— Nós podemos cuidar dela, Mike. Ela pode se mudar para a nossa casa, onde nunca vai ficar sozinha e enfim, vai poder ter uma supervisão que, nessa fase mais aguda do transtorno, é importante — Isabella disse com calma para o novo amigo, mas isso só o fez chorar mais.

— Está dizendo que eu não sei cuidar dela direito sozinho?!

Precisei respirar fundo para não me descontrolar mais com ele.

— Você também perdeu muito, Mike. Aquela também era a sua família — Logan disse palavras doces que eram capazes de confortar qualquer um. — Você está se saindo bem, mas, agora,

pode ter ajuda de mais gente. O transtorno dela é algo sério. Por aqui, somos todos família e vamos ajudar vocês com tudo.

— Somos um bom grupo. — Bella sorriu fraco entre as lágrimas. — Vocês não estão mais sozinhos. Nenhum dos dois.

— Como vamos fazer isso? — Michael se encolheu, frustrado. — Pessoal, já faz anos. Sabem quantas vezes ela já disse que seria a última? Todas as vezes que ela acorda em um hospital.

— E quantas vezes ela fez o tratamento corretamente? — Zach perguntou, olhando-o com cautela. — Digo por mim, Mike. Se eu ficasse sem a medicina... Porra, nem sei o que eu faria.

Mike engoliu em seco. Agitado.

— Só não quero perder a minha irmã.

— Eu vou levá-la para minha casa. Tem um quarto vago, agora que o Noah mora no porão com a Liz e a Emma. Talvez, eu possa tirar uma licença, levá-la a bons médicos e… — Logan tentou falar, mas foi cortado.

— Nós não temos dinheiro. — Mike se sentou na cadeira, cansado, se desenrolando do abraço de Zach. — O dinheiro, que conseguimos com a venda da casa, foi quase inteiro para pagar o resto das dívidas do meu pai.

— Que dívidas? — Logan perguntou, atento.

Fiquei tão atento quanto ele.

— Lógico que ela não te contou. Ela odeia tocar nesse assunto. — Aparentemente, eu tinha razão quando dizia que aqueles olhos eram dissimulados. Ela inteira era. — Minha mãe passou muitos anos doente, teve câncer por uma década. Tudo era muito caro e, mesmo ele sendo um bom advogado, ainda assim, era uma loucura.

— Vocês venderam até a casa? — Bella questionou, tentando entender a história daqueles dois. — Onde está morando agora, Mike?

— Você tinha me dito que morava em um apartamento no centro da cidade. — Giovanni cerrou os olhos para o seu funcionário.

— Eu menti, tá legal?! — Afundou-se na cadeira, envergonhado, parecendo querer sumir dali.

Michael e Jordan eram muito parecidos na aparência, tirando pela estatura, que ela mais parecia um gnomo, e ele não. De resto, eram muito parecidos. Eram uma mistura perfeita do pai e da mãe.

Mentirosos, desconfiados e muito, mas muito complicados.

— Não respondeu, Mike. Onde caralho está morando?! — O Golden agora estava mais para um Pitbull.

— Em um trailer — murmurou. — Era o que dava para ter, por enquanto. E, agora, tenho que pagar mais esse hospital, que sabe-se lá Deus quanto vai custar.

Não sabia por que, mas meus olhos foram rapidamente para Zach, que me olhou com a mesma energia que eu.

Aqueles dois… Queria esganá-los por não terem pedido ajuda.

— Não vai pagar nada — Zach frisou com uma tranquilidade quase plástica, de tão falsa.

— Eu não posso...

— Você vai. — Enquanto ele retrucava, Logan, Bella, Giovanni e Grace sussurravam alguma coisa entre si. — Você vai aceitar porque não está em posição para ser teimoso.

— Ela vai morar comigo — afirmei, trazendo a atenção de todos para mim. E seria naquele momento em que brigaríamos de

verdade no meio do hospital. — Eu vou cuidar dela.

— Ficou louco?! — Logan praticamente berrou.

Não era um bom momento para aquilo, mas que se fodesse. Eu precisava fazer alguma coisa. Ela era minha responsabilidade.

— *Eu* vou cuidar dela. Não vai ser Isabella, nem você, nem o Michael.

Ninguém entendia Jordan como eu. E ninguém a tinha influenciado tanto a fazer alguma merda como eu.

Era eu que tinha que cuidar dela. Era eu que poderia fazer isso.

— Por que quer cuidar dela? Nunca se importou com ela antes — Mike instigou, desconfiado.

— Porque eu quero.

Eu era o melhor para ela.

— Não é hora para você bancar o homem cuidadoso! Todo mundo sabe que você é um idiota quando quer. — Isabella nem ligou para o olhar emputecido que eu deferi a ela. — Além do mais, ela vai ficar na nossa casa.

— Ela vai ficar *comigo*. No meu quarto, sob as minhas vistas. A Jordan agora é...

Minha?

Ela era um problema meu. Era um problema que eu ajudei a causar.

— Não vou permitir isso, Sebastian! — Logan me peitou.

Ok, eu tinha sido bonzinho. Eu o deixei ficar puto, o deixei me ignorar, o deixei até me afastar da Jordan por duas semanas.

Aquilo acabaria ali.

Aquilo acabaria agora.

As coisas seriam do meu jeito. Elas sempre foram. Elas sempre seriam.

— Não preciso da permissão de ninguém. É assim que vai ser. Quando ela sair daqui, é comigo que ela vai ficar. — Minhas palavras pareciam ter deixado todos em choque, mas eu estava cagando.

Não iria confiar o bem-estar e o tratamento dela nas mãos de ninguém. Se quisesse que tudo saísse como eu queria, o controle deveria estar comigo.

Jordan iria dançar de acordo com a minha música.

— Doutores, a paciente está pronta para receber visitas. — Uma enfermeira tirou todos do transe.

— Essa conversa não acabou — Logan murmurou em minha direção.

Ainda não aprendeu que comigo não se compete?

Não foi à toa que eu havia sido o escolhido para ser o capitão daquele time. Não foi à toa que eu havia participado do final feliz de cada um dos meus amigos. Eu sabia liderar. A palavra final era sempre minha. E nem mesmo Isabella Azzaro conseguia competir comigo quando o assunto era controle.



SEGUNDA CHANCE

Jordan Joy Lewis

Já tinha passado por aquilo antes, sabia como funcionava cada passo daquele processo.

Eu acordava tendo a noção de que tinha feito merda mais uma vez, que tinha magoado cada pessoa que ousou me amar... mais uma vez. Minha boca sempre ficava seca e meu corpo sempre ficava lotado de culpa.

Eu sempre iria dizer que era a última vez, mesmo sabendo que não seria. Porque não era. Eu lutava arduamente contra uma doença que estava em mim, que era eu. Não tinha como fugir de mim, nem mesmo fazer tudo isso passar.

A realidade era que eu já tinha entendido que aquela era a minha vida. Um eterno ciclo de mentiras e autodestruição, que vinha muito antes de toda a desgraça da morte acontecer comigo. Eu era uma pessoa doente. Minha cabeça nunca funcionou muito bem, e

isso nunca iria mudar. Por mais que eu tentasse, por mais que eu lutasse. Eu era assim.

Aproveitei os poucos minutos que tinha sozinha antes que meu quarto fosse inundado por todos aqueles que eu havia machucado nas últimas horas e tentei me acalmar. Se eu me lembrava bem, seria naquele momento que eu passaria pela pior parte. Tudo bem que, antes, eu tinha que lidar apenas com a desolação do meu irmão, mas achava que sabia como aquilo ainda funcionava. Não fazia nem oito meses da última vez que eu tinha estado em uma situação como aquela.

Não sabia muito bem o que esperar, além do óbvio. Não sabia nem o que dizer, além do que eu sempre dizia.

Acordei como em todas as outras vezes, zonza e um pouco chocada por ter realmente feito aquilo comigo. Daquela vez, foram bons médicos e enfermeiras que me atenderam. Fui muito respeitada e nada oprimida dentro daquela sala fria e mórbida.

Tomei um leve susto quando ouvi o barulho da porta do quarto se abrir. Era o meu irmão. Ou poderia também ser um fantasma dele. Seus olhos estavam vermelhos e sua aparência estava cansada, assim como ele provavelmente estava.

Não falamos nada. Por um momento, ele só me observou. Minha garganta travou com uma sensação ruim. Eu não deveria fazê-lo passar por aquilo novamente, Michael já tinha passado por tanto.

Nunca fui uma boa irmã para ele. Muito pelo contrário, sempre fui péssima. Sempre que as coisas não funcionavam do jeito que eu queria, sobrava para ele. Brigávamos por tudo, mas ele sempre aguentou.

Acreditava que ele estava cansado de aguentar.

— Sempre achei a história do nosso nome uma tremenda piada sem graça. Sério, quem coloca o nome em homenagem ao Michael Jordan nos filhos, me diz? — Sua indagação me deixou ainda mais aflita. Ele sempre chorava quando me encontrava no hospital. Michael não estava chorando naquele momento, ele estava sorrindo enquanto me olhava. E isso me deixou apavorada. — Ele dizia que o jogador famoso era símbolo de força e determinação. Era isso o que ele queria que nós fôssemos, sabe? Fortes.

Engoli em seco. Sempre lembrando do nosso pai... Aquilo me causou uma pontada dolorida na pele.

Eu não gostava de pensar nele. Não gostava de pensar porque eu o amava mais do que qualquer coisa no mundo.

Ele era tudo.

Nunca imaginei que teria que viver sem ele.

— Nós não somos. — Michael sorriu, agora deixando que lágrimas escorressem por seu rosto. — Eu não sou, JJ. — Sua voz era um sussurro. — Estou cansado de tentar ser forte e estou cansado dessa vida de merda que nós levamos. Não era uma vida de merda antes, mas agora está ficando cada vez mais difícil.

— Mike... — Tentei me levantar, mas ele deu um passo para trás. Afastou-se.

Sempre falavam sobre como quem tinha depressão sofria, mas poucos diziam sobre como sofriam aqueles que conviviam com pessoas depressivas. Meu irmão era o retrato de como, às vezes, era difícil.

Me amar era difícil. Eu sabia.

— Eu quero rir, Jordan. Acha que eu não queria estar no seu lugar e fazer faculdade? Eu desisti dos meus sonhos por você! Eu vivo por você! E olha onde estamos. Nem dinheiro para pagar um maldito hospital nós temos, porra! Eu cansei. — Ele parecia realmente cansado. — E, Deus, como dói falar isso para você, mas eu cansei, ok? Eu amo você, mas não consigo ser compreensivo neste momento, porque você não quer melhorar. Aposto que, mais uma vez, parou de tomar os seus remédios e parou de ir à terapia por pura teimosia. — Michael limpou o rosto com raiva e caminhou até a janela, ignorando minhas próprias lágrimas. — Não sei mais como te ajudar, essa é a verdade. Não sei mais como ser aquilo que você precisa porque isso está me matando também. Eu desisti do meu emprego em Nova Iorque para vir para cá porque era o que você queria. Você me prometeu que iria melhorar aqui.

— Não é tão simples assim, Mike. Você sabe — murmurei magoada, porque ele sabia disso.

Ele nunca tinha sido tão bruto em suas palavras comigo antes, mas era isso o que a dor fazia com as pessoas. Eu, mais do que ninguém, sabia disso.

Ela nos sugava, fazia com que virássemos alguém que nem mesmo reconhecíamos.

— Eu sei. O pior de tudo é que eu sei que essa maldita doença não é culpa sua. — Ele me culpava por eu não conseguir lidar com ela, me culpava por querer matar a pessoa que ele mais amava no mundo. Ele me amava e me odiava ao mesmo tempo, porque ele queria proteger a sua irmãzinha de alguém que só fazia mal a ela mesma. — Mas você não querer lidar com ela é culpa sua.

Sua fala foi seca. Bruta. Cruel.

— Eu lido com ela, Michael! Eu lido todos os dias quando acordo, quando me levanto. Eu lido com ela quando tiro forças do fundo da minha alma para lutar por um sonho que é difícil pra caralho! Se você está cansado, imagina eu? Como será que eu estou?! — rebati tão cruel quanto ele.

— É... Como será que *você* está? — Ele virou para mim, rindo sem humor algum. — Você. Tudo sempre é sobre você!

— Você não está sendo justo.

— Você também não! — Seus olhos se encheram mais e lágrimas caíram em cascata de seus olhos. — Você está tentando tirar o que restou da minha família de mim, Jordan! Entende como isso é cruel? Eu não tenho mais nada. Não tenho mais ninguém, nem mesmo aqui nesta cidade eu tenho. E você... — Ele soluçou. — Você está querendo destruir a única pessoa que eu tenho no mundo.

— Desculpa, Mike. — Lágrimas quentes e grossas escorreram dos meus olhos, chegando até o meu colo. Eu estava uma confusão de culpa, raiva e dor. Ainda estava doendo pra caralho. — Não quero te fazer sofrer.

— Eu sei. — Ele limpou as lágrimas, mas não adiantou nada, porque elas continuavam a cair. — Pior que eu sei, mas essa maldita dor faz você pensar só nela. Já tivemos essa conversa mais de uma vez, e eu sei bem o que você está tentando matar dentro de si, mas, ainda assim, não consigo te desculpar. É assustador pra caralho pensar em viver em um mundo onde você não exista mais.

Aquilo me quebrou em tantos pedaços que parecia que iria me desmanchar.

Não conseguia me imaginar na situação dele. Ele perdeu um amor, a mãe, o pai, a carreira... O que o Michael tinha, afinal de contas?

Eu. Ele só tinha a mim.

E, ao mesmo tempo, ele não tinha, porque eu estava sempre escorrendo por entre os seus dedos. Estava sendo cruel com ele. Essa era a verdade.

Era uma situação de merda.

— Você deveria se internar, JJ. — Suas palavras me apavoraram. — Seria o melhor para você, e sabemos disso muito bem. Você precisa aprender a lidar com sua mente e com suas dores, que sempre te fazem querer desistir de estar por aqui.

Eu não podia perder meses dentro de uma clínica. Isso faria com que todos os times que se interessavam por mim perdessem o interesse instantaneamente. E por que eu me importava com isso, afinal? Eu não me importava nem comigo mesma.

— Prefiro você viva a qualquer outra coisa.

— Sem minha carreira, eu não sou nada.

Sem minha carreira, eu não tenho por que viver.

— Você tem sua carreira agora, e olha onde está. Olha o que está fazendo com você mesma.

— Michael, não! Eu não posso perder meses da minha vida em uma clínica!

— Você quer morrer, Jordan. Não entendeu isso ainda, caralho?! Se você morrer, sua preciosa carreira também não existirá mais!

Sim, mas, então, eu não estaria ali para sofrer por aquela perda. Era isso o que ele não entendia.

Ninguém entendia!

— Eu não vou.

Michael se virou novamente, passando a mão pelo rosto, bravo. Sua paciência comigo já tinha ido para o espaço.

— Eu amo você, Jordan. Mas, Deus, como eu odeio amar você nesses momentos. — Ele respirou fundo, buscando algum resquício de paciência. — Eu quero que você seja feliz. Quero que viva sua melhor vida e goste de vivê-la. Quero que tenha o filho que sempre quis ter, que se case com o homem que sempre quis casar. O problema é que não sei mais como te ajudar a se livrar desse buraco que a vida te enfiou. Eu simplesmente não sei. E o pior de tudo é me sentir fraco por não dar conta disso. Eu sou o mais velho, o mais forte, e não sei mais o que fazer para te ajudar...

— Eu te amo também, Mike.

Amo de verdade. Mas eu não me amo.

Nem um pouquinho.

E esse era exatamente o nosso problema.

— O Logan está aí fora com a Isabella — ele suspirou antes de se virar para mim mais uma vez. — Sebastian também está aí.

— Eu não quero falar com eles.

Não queria ter que enfrentar mais ninguém naquele dia.

— Mas você vai.

— Por que está sendo tão maldoso comigo hoje, Mike? Você não é assim!

— Porque ser permissivo com você não está te levando a lugar algum. Porque deixar com que você vá a terapia e tome seus remédios só quando você quer está te deixando pior. Você perdeu seus pais com dezesseis anos. Era uma menina ainda e para ser

sincero, você *ainda* é uma menina. Não sabe o que é melhor para si mesma. Eu sei. Fui relapso, mas isso acaba agora.

— Não! Michael, você sempre foi ótimo comigo.

Ele só tinha dezoito anos quando perdemos o nosso mundo, não era justo que se culpasse assim.

— Não fui. Se essa merda tivesse sido tratada quando éramos mais novos, talvez, você não estivesse tão fodida. Mas eu cedi de um jeito que nossos pais nunca teriam cedido. — Sim, porque eles eram meus pais, não ele. — Nossa mãe teria te obrigado a tomar, pelo menos, a medicação de maneira correta.

Ele estava delirando. Nossos pais nem perceberam que eu era depressiva no passado. Eu era uma máquina muito bem orquestrada para dar certo, e Mike sabia disso. Ele só estava sentindo dor e não estava conseguindo pensar direito.

— Às vezes, essa merda não ajuda em nada.

— Não seja idiota, Jordan! Lógico que ajuda! Os remédios e a terapia são o tratamento que você tem disponível para essa merda, mas nem isso você faz. E o pior, eu deixo. — O Michael bravo se parecia muito com o nosso pai, e foi meio estranho me sentir confortada por essa lembrança. — Isso acaba aqui, Jordan. Você precisa aprender que não fazemos só o que gostamos. A vida também é sobre enfrentar as nossas merdas.

— Eu não gosto dos remédios, Mike.

— Neste momento, eu não gosto de você, mas estou aqui, não estou? Temos que lidar com as coisas das quais não gostamos. Isso é a vida, bem-vinda.

Eu conseguia ver no fundo dos seus olhos castanho-escuros que ele estava desesperado.

Aquela era uma tentativa desesperada de me salvar.

Era a última tentativa dele. Porque ambos sabíamos que, uma hora, eu iria conseguir o que queria.

— O Logan vai entrar primeiro. Você pode ter três visitas por dia, e vai passar vinte e quatro horas aqui. Isabella vai vir amanhã na sua alta, ok? — ele falou de um jeito quase robótico. Exausto.

— Quem vai ser o terceiro? — murmurei, perdida naquela nova versão do meu irmão.

— Quem você acha? — Puxou a porta, sorrindo com o canto da boca. — Seu príncipe encantado.

Sebastian.

Porra. Ainda me lembrava de flashs em que estava em seu colo, mas precisava confessar que não sabia se aquilo havia sido uma alucinação ou se havia sido real.

— Mike? — chamei, trazendo-o de volta para dentro do quarto. — Quem me achou dessa vez?

— Foi ele, JJ. — Então, não havia sido um sonho. — Nada mais justo, já que foi ele quem te colocou aí.

— Sabe que a culpa não é dele, não sabe?

Porra, não era culpa dele!

— O que eu sei é que ele te falou algo que não deveria, e agora você está aí. — Meu irmão, enfim, se foi, não me dando nem margem para respondê-lo.

Mas que bela merda!

Parecia que tudo que já era ruim, podia, sim, piorar.

Logan demorou alguns minutos para entrar. Não sabia o que esperar dele, não sabia se ele era do tipo que ficava com raiva

quando estava com dor ou se era compreensivo. Não sabia de nada.

Quando ele finalmente entrou no quarto, eu senti meu coração ir para a boca. Eu já tinha visto aquele garoto desolado, mas nada me preparou para aquilo.

Nada.

Ele era o retrato do mais puro pavor.

— Me desculpa — foi o que consegui dizer, antes de cair em um choro tão pavoroso quanto seu semblante.

Era difícil.

Toda aquela merda era tão difícil.

Logan, com toda sua amorosidade, me abraçou e me deixou chorar em seu colo. Doeu quando senti suas lágrimas em mim. Só não doeu mais do que a culpa que eu senti quando entendi como estava evocando memórias ruins nele.

— Me desculpa — sussurrei novamente.

Me desculpa.

Me desculpa.

Me desculpa.

Me desculpa.

Me desculpa.

Me desculpa.

Me desculpa.

Foi o que eu murmurei inúmeras vezes.

Ele não me respondeu, mas também não me soltou. Só ficou ali, sendo minha morada por aqueles minutos preciosos.

Não tínhamos o que dizer, não tínhamos mais o que explicar um para o outro.

Ele me entendia.

Ele entendia o Callum também.

Logan era esse tipo de pessoa. Compreensivo ao extremo e que só queria ver todos à sua volta bem e felizes. Ele lutava por isso a todo custo. E ele iria lutar por mim. Eu sabia disso porque, quando ele segurou meu rosto e olhou em meus olhos, tudo o que vi ali foi determinação.

Ele não queria que eu virasse estatística.

— Eu não consegui salvá-lo, mas vou salvar você, Jordan — disse, se afundando em lágrimas, me deixando sem fôlego.

— *Eu* que tenho que me salvar

Mike já havia tentado me salvar tantas vezes. Ninguém podia me tirar daquele buraco.

— Ninguém sai dessas merdas sozinho. Eu conheço várias pessoas que já estiveram em um buraco fundo e escuro, mas saíram de lá com ajuda. Porque é assim que funciona a vida. Às vezes, temos que aceitar ajuda. Somos a sua ajuda.

— Não quero me internar, Logan... Não faz isso comigo. — Chorei mais porque só a ideia de ser colocada em um lugar contra a minha vontade me causava pânico.

— Não vou, mas você tem que se tratar, JJ. E direito dessa vez.

— Eu já tentei de tudo. Nada que eu faço faz esse vazio acabar dentro de mim — confessei, envergonhada da minha fraqueza.

— Não tentou de tudo. Isso que você tem é uma doença séria, precisa lidar com isso com seriedade. O Callum não lidou.

Eu sabia.

Depressão matava. Essa era uma verdade que eu, muitas vezes, me recusava a ver.

Ela matava e, no momento em que fazia aquilo, você achava que era o melhor para si mesmo.

Eu ainda achava que era o melhor para mim.

— Eu te amo, Logan. Desculpa por te fazer passar por isso de novo... — Abracei-o novamente.

— Você é como uma irmã para mim. Sabe disso, não sabe?

Como ele tinha conseguido me perdoar? Eu ainda não consegui.

— Sinto saudade dele.

E, às vezes, parecia que só eu ainda sentia.

Para todos, o Callum era só uma memória. Para mim, ainda era saudade.

— Eu sei — disse, me abraçando mais forte.

— Sentir saudade dele me dói demais.

— Eu sei.

Meu choro ficou mais descontrolado.

— Por que ele tinha que me deixar? — Não sabia mais se estava falando do Callum ou do meu pai. Provavelmente, dos dois.

Minha mãe tinha escolhido viver, mesmo o corpo dela não querendo. Mas ambos escolheram morrer.

Callum quando se jogou. Meu pai quando escolheu não ir ao médico.

Eles não lutaram. Nem por eles nem por mim.

E essa merda me fodia mais do que qualquer coisa. Em dias tão sombrios, eu acreditava fielmente que meu pai não tinha lutado por mim.

Ele deveria ter lutado!

— E por que você quer me deixar, JJ? — A pergunta dele ecoou na minha cabeça.

Por quê? Por que eu queria foder com tudo daquele jeito?

Eu sabia como era. Sabia como doía.

No que a dor tinha me transformado?

Eu quase não me reconhecia mais.

— Eu te amo, JJ. Você faz parte da minha família. Mas está na hora de aceitar que você tem um problema, e não é no esporte que vai encontrar sua solução. Eu quero você viva, mas também quero você feliz. Quero você livre desses fantasmas que vivem te prendendo a um passado que não existe mais.

— Eu quero me lembrar deles.

— Você não se lembra deles. Neste momento, você só se lembra da dor que eles te causaram. Não é justo com você, nem com eles. Seus pais não iriam querer isso para você. Callum, muito menos. — Suas palavras me chocaram por serem tão reais. O loiro parecia que me lia com facilidade. — Ele te amava e queria que você fosse feliz.

— Não consigo fazer isso...

— Ser feliz?

— Sim.

Nem me lembrava mais de como era isso.

Logan chorou. Ele também não sabia como me fazer feliz.

— Eu só consegui ser feliz quando me perdoei e aceitei o meu passado.

— Como você fez isso? — sussurrei.

Lembrei de quando encontrei meu pai no quarto. Morto.

Não quero pensar nisso agora. Não consigo. Não consigo lidar com mais essa culpa neste momento.

— Tendo coragem de enfrentar as verdades sobre o meu passado. E terapia. *Muita* terapia.

Soltamos uma risada fraca, mas logo voltamos a chorar.

— Me desculpa por ser tão fraca.

— Não há o que desculpar. Você não é fraca. Você é forte pra caralho, só está perdida.

Estava mesmo. Perdida em mim. Perdida na minha dor.

— Você vai ficar bem. Tudo isso ainda vai ser só um capítulo difícil da sua história. Virão memórias bonitas, você só precisa estar viva para vivê-las.

— Eu vou tentar.

Eu devia aquilo a todos eles. Principalmente, ao meu irmão.

Depois de ficar por quase meia hora com Logan, finalmente ele foi embora. Com a ida dele, o quarto ficou tão solitário quanto meu coração. Sentia-me tão mal naquele vazio horrível que parecia que eu iria realmente morrer.

O difícil do silêncio era ficar com meus próprios pensamentos.

Pareceu uma eternidade até que o homem, que me salvou de mim mesma, abriu a porta.

Eu esperava muitas coisas de Sebastian. Esperava que ele gritasse e brigasse comigo. Esperava que ele se curvasse e perguntasse qual era a porra do meu problema. Esperava até que ele fosse embora. Esperava qualquer merda, menos o seu choro.

Parecia tão dolorido quanto o choro que vi dentro daquele carro semanas atrás.

Meu Deus, Sebastian está chorando por mim?

Meu primeiro impulso foi pensar que sim, mas, então, me lembrei de quando ele havia dito que o mundo estaria melhor sem mim e entendi que, na verdade, ele apenas não queria se sentir culpado por tudo o que eu havia feito.

Precisava focar nisso.

Não podia me iludir. Não precisava de mais esse problema.

Sebastian ficou ali, encostado na porta, até que, enfim, teve coragem de me olhar. E, quando o fez, olhou diretamente nos meus olhos. Senti-me pequena quando fez isso. Senti-me... Eu nem sabia.

Ele parecia tão imponente, vestindo uma simples camiseta branca e uma calça jeans. O cabelo estava molhado e solto, uma coisa rara porque ele sempre mantinha os cabelos longos presos. Ele estava lindo.

Ficava lindo até mesmo quando estava triste.

Não sabia o que falar, então fiquei quieta. Deixei que ele coordenasse qualquer que fosse o rumo daquela conversa.

Ficamos tanto tempo ali, que até mesmo pareceu estranho, mas não sentia mais o silêncio, tudo porque não estava pensando em mim. Estava pensando nele. Em cada momento, tentava desvendar suas emoções, mas não conseguia perceber nada além do óbvio.

Seu maxilar trincou quando olhou para os meus braços e viu agulhas neles. Era apenas soro. Tive vontade de dizer, mas não disse.

Nunca tinha ficado tanto tempo com os olhos dele em mim.

Ele parecia olhar minha alma.

Ele não se assustou, não foi embora. Ele só... ficou ali.

Em uma cama de hospital, depois de foder com a minha vida, completamente perdida e assustada, Sebastian me olhou pela primeira vez.

Foi a primeira vez que eu percebi que era mais do que a garota chata que ele tinha que aguentar.

Agora, eu era...

O que eu sou para você agora, Seb?

— O mundo não ficaria melhor sem você. — Suas palavras fizeram algumas lágrimas, que eu estava arduamente tentando controlar, caírem pelo meu rosto. — Eu disse isso, mas queria apenas que você sentisse dor.

— Não foi por isso que eu fiz isso.

Não tinha sido.

— Não interessa. Você fez. Eu falei. Tudo isso aconteceu.

— Não é culpa sua.

— Nem sua.

Encostei minha cabeça no travesseiro e chorei ainda mais. Porque era.

Toda aquela merda era culpa minha!

Sem que eu esperasse, Sebastian se sentou ao meu lado, na cama do hospital, e praticamente me colocou em seu colo.

— O que você está fazendo? — Tentei me desvencilhar, mas ele não deixou.

Ele não me soltou.

Ele não me soltou...

— Não vou sair daqui. — Sua mão foi até o meu maxilar e me segurou ali, me puxando para que eu olhasse em seus olhos. Não havia disputa ali. Achava que, se tivesse, eu perderia porque me

perdi completamente nos olhos castanhos dele. — O mundo é uma merda sem você, Jordan. Existem pessoas que te amam. Existe um esporte que depende de você. O mundo é melhor com você nele.

— Não fale isso por pena.

Tentei me desvencilhar novamente, mas ele só me segurou ali.

— Cala a boca e me escuta. — Carinhoso como um coice de mula. — Você é muito mais do que essa dor que anda carregando. Você é mais do que aqueles que perdeu.

— Como sabe disso?

— Porque eu sei como é querer desistir de um mundo que não faz mais sentido porque as pessoas que amamos estão enterradas. Eu sei. — Ele sabia. — Mas elas se foram, e nós não precisamos ir com elas. Elas foram nosso passado, Jordan. Cabe a nós vivermos o futuro.

— Não sei como fazer isso... Todos ficam me dizendo que eu deveria ser feliz, mas eu não sei mais fazer isso.

— Uma parte sua morreu. Esse pedaço seu sempre será triste. A menina que perdeu os pais, a menina que perdeu o melhor amigo. Essa sempre será sua parte triste. Mas você tem mais do que isso. Você também é a irmã, a amiga, a jogadora... Você é mais do que foi para eles.

— Foi assim que conseguiu sobreviver? Sendo mais do que o pai da sua filha?

Ele engoliu em seco, mas não tirou as mãos de mim. Nem os olhos.

Anos apaixonada por aquele homem e acreditava que nunca tinha visto os olhos dele tão de perto.

Eram lindos.

— Sim.

— E como está sendo?

— Tem dias piores do que outros, mas eu estou tentando. Estou aqui, não estou?

Graças a Deus, está.

— O mundo é melhor com você nele, Seb — falei, sem pena.

Era a mais pura verdade.

Ele sorriu.

Sebastian nunca tinha sorrido para mim. Era ainda mais lindo.

Deus, como era lindo.

Suspirei quando suas mãos e olhos saíram do meu contato.

— Vou te levar para morar comigo.

O quê?!

— O quê?!

— Você me escutou bem.

Certo... Sebastian tinha enlouquecido.

— Você enlouqueceu?! — perguntei, confusa.

A arqueada de sobrancelha dele me fez sorrir porque, bem, quem estava no hospital depois de querer ir dessa para uma melhor era eu, e não ele.

— Idiota.

— Ambos sabemos que você está certa. — Ele parou de sorrir e se levantou, cruzando os braços e olhando para mim. — Mas estou falando sério. Você vai morar comigo, vou cuidar de você.

— Você nem gosta de mim, Sebastian. Sério, o que rolou com você? Pirou? — indaguei, meio embasbacada.

Ele não podia estar falando sério.

— O que rolou comigo? Vejamos... — Ele passou a mão no queixo de uma forma dramática, parecendo um tanto pensativo. — Encontrei uma menina, que eu costumava odiar, desacordada depois de ela ter tomado milhares de pílulas. Eu quase a perdi em meus braços. E tudo isso porque fui capaz de ser tão cruel com ela, já que sou um tremendo idiota.

Minha garganta se fechou em um bolo dolorido.

— Você quase morreu nos meus braços, JJ!

— Eu não...

— Te conheço há anos. Você faz parte da minha história e, por mais que seja um pé no saco do caralho, eu nunca quis que você morresse. Nunca!

— Como você se importa com alguém que nem gosta?!

— Eu chorei nos seus braços.

— E me ignorou por dias — rebati, tentando achar desculpas para isso.

Eu não podia morar com ele.

Isso iria foder meu coração estúpido e apaixonado.

— Não estou em um bom momento, JJ. Sabe disso.

— Não vai cuidar de mim. Não está dando conta nem de si mesmo.

Eu precisava de cuidados de qualquer um, menos dele. Se ele ousasse cuidar de mim, eu estaria fadada a nunca mais esquecê-lo. E eu queria esquecê-lo.

Mentirosa. Você veio para Crownford para ter uma chance com ele.

Sim, mas eu não queria mais essa história para mim.

Não queria que ele me amasse por pena.

Sebastian não queria cuidar de mim porque gostava de mim, e sim porque estava sentindo pena e um senso de responsabilidade comigo depois de ter sido um escroto.

— Vou dar conta de mim e de você. Não é uma pergunta, Jordan.

— Eu não vou.

— Vai. Vai dormir sob os meus olhos, tomar os remédios que eu te der e ir ao terapeuta segurando a minha mão. Você vai.

— Definitivamente, você pirou — murmurei, estarrecida.

Eu não iria dormir com ele nem fodendo!

— Pirei. Eu pirei quando vi o que você é capaz de fazer consigo mesma. — Sua mão voltou para o meu maxilar, e ele me puxou para encontrar seus olhos novamente. — É assim que vai ser.

— Vai à merda. — Mas não saí de seu toque.

— Já estamos na merda, *princesa.*

Como ele era insuportável!

— Odeio esse apelido, pode ir parando.

— Odeio o que você fez com você mesma.

Antes de me soltar, seu polegar acariciou minha bochecha suavemente, e meu coração quase parou.

Não se iluda! Isso é pena.

— Não vou dormir com você. Vou para a casa do meu irmão. Ou para a do Logan. — Cruzei meus braços, ignorando a carranca dele.

— O Logan mora comigo, gênia. E o seu irmão mora em um trailer. Além do mais, aqueles dois idiotas não conseguiriam te enfrentar nem mesmo se quisessem. Você é um problema com o

qual só eu sei lidar. Sempre foi e sempre será assim. E, também, Logan e Bella agora têm o Thommy. Eles precisam se concentrar nele. E o seu irmão está tão exausto e desesperado, que sei que não vai dar conta de tudo que precisa ser feito. Eu sou o seu cara. Me deixa ser seu cara, ok?

O que mais me irritava era que ele estava certo.

O que mais me irritava era saber que, mesmo estando puto naquele momento, meu irmão não iria conseguir manter suas palavras por muito tempo. Ele, provavelmente, iria se sentir culpado e iria aceitar qualquer que fossem os meus argumentos da vez para não ir à terapia.

O coração dele era bom.

O do Logan era ainda pior.

Era o coração do Sebastian que era ruim. Seria ele que não iria se importar com minhas lamúrias ou birras. E, ainda, era ele que não tinha mais ninguém com quem se preocupar.

— Eu odeio você.

Joguei minha cabeça no travesseiro em derrota, mas sorri quando escutei as próximas palavras de Sebastian.

— Eu consigo lidar com o seu ódio, princesa. O que eu não consigo lidar é com o seu caixão.



REALIDADE

Sebastian Sinclair

O cheiro de grama molhada adentrou minhas narinas, trazendo aquela adrenalina que sempre me alegrou pra caralho.

Nada me fazia sentir tão vivo quanto estar nos gramados. Era como se eu tivesse injetado em minhas veias algum tipo de droga que me deixava em um estado quase eufórico. O problema era que nem mesmo esse sentimento me fazia realizar os exercícios corretamente.

Tudo estava uma merda porque minha cabeça estava uma merda.

Eu estava desfocado.

Para mim, sempre havia tido um motivo para passar pelas dores, pelas ânsias de vômito, pelas restrições alimentares. Eu fazia qualquer coisa para ser o melhor. Agora eu não tinha mais a mesma motivação.

E o que vinha deixando tudo ainda mais catastrófico era que, se o capitão do time não estava bem, o time em si também não ficava.

Matteo nunca tinha estado tão lento. Logan, nunca tão desleixado. Os chutes de Noah estavam uma vergonha.

O nosso ataque sempre havia sido conhecido como a melhor parte do nosso time, mas então era, de longe, o nosso maior problema. Com duas semanas para o campeonato, era de se esperar que estivéssemos melhores.

Se no semestre passado tínhamos passado vergonha não entrando nem nos *playoffs*, naquele ano, poderia ser que passássemos por isso novamente.

Éramos os campeões e, agora, porra! Agora éramos um time tão medíocre que me dava vergonha.

De mim.

Eu estava com vergonha de mim.

E pelo olhar que Zion lançava para o gramado, ele também sentia o mesmo.

Zion Harlow era o melhor treinador com quem já tinha trabalhado. Ele sabia muito bem como organizar um time e tirar o melhor de cada um. Mas não havia treinador que conseguisse trabalhar com um time tão desmotivado como o nosso.

— Se o olhar dele pudesse nos matar, estaríamos todos mortos — Brian O´Connor disse, fazendo uma piadinha e tentando aliviar o clima que andava pesado por ali.

Brian era um bom garoto. Cada vez que o encontrava, ele estava com mais tatuagens em seus braços e mais problemas em sua vida amorosa, já que vivia entrando em relacionamentos que

não davam em nada mais do que corações partidos. Óbvio que não era o dele que se quebrava. Nunca era. Mas eu tinha que dar o braço a torcer, pois ele vinha melhorando sua técnica com o passar do tempo. Estava entrando em sua terceira temporada, mas só havia tido a oportunidade de entrar em campo cinco vezes, quando precisei me poupar para algum jogo mais importante.

Ele não tinha o que era preciso para ser um *quarterback* titular, muito menos profissional.

Brian também não tinha nenhuma paixão pelo seu curso de economia, o negócio dele era música. O garoto tocava baixo como ninguém e quando estava em cima do palco, simplesmente parecia virar outra pessoa. Meu reserva era um cara carismático, conquistava a todos por onde passava. Sempre estava com um sorriso no rosto e nada parecia abalá-lo. Quando estava tocando, entretanto, isso mudava. Brian tocava com raiva, com ódio. Era meio chocante.

— Nosso treino está uma merda — murmurei, pegando uma garrafa de água do chão e jogando em cima da minha cabeça.

— Você está uma merda, capitão — ele falou a verdade, mas isso não fez com que eu perdesse a pose altiva que sempre tive.

— Eu sei.

— Desistiu mesmo? — perguntou, um tanto ansioso. Provavelmente, queria saber se teria que se comprometer mais com o time naquele semestre.

— Sim. — Não menti. Não tinha o porquê mentir.

— Ele está vindo. — De repente, sua voz pareceu assustada e isso me chamou atenção.

Meus olhos saíram dos meus pés e se depararam primeiro com uma sombra, depois com Zion.

Já o tinha visto puto milhares de vezes, inclusive, sentido a sua fúria quando descobriu que sua atual esposa passou pela minha cama. Mas nada me preparou para aquele olhar em seu rosto.

Era desgosto.

— Larga a bola. — Sua voz estava gelada.

— Treinador…

— Larga a porra da bola e sai do meu gramado! — O tom aumentou, e eu senti minha garganta secar.

Caralho, eu não era um homem pequeno, mas naquele momento, me sentia como um.

— Você não está falando sério, não é? — Tentei sorrir, mesmo nervoso, mas ele seguiu impassível.

— Eu pareço estar brincando, Sinclair? — Não. Realmente, não parecia. — Entrega essa braçadeira que você não tem mais o porquê usá-la, e sai do gramado. Não é isso o que quer? Desistir?

— Ainda tenho mais um ano aqui.

— Não tem. Não precisa. — Ele se impôs ainda mais para mim, sua postura rígida. — Esse time só servia para você como um trampolim para ir para a NFL, não é? Pois bem, agora que já desistiu e nós não somos mais nada para você, dá o fora daqui.

— Zion, isso não é verdade.

Era, mas ele não precisava saber disso.

— Se você acha que eu sou trouxa como seus amigos, está muito enganado. Você é um feto. *Eu* ajudei a criar você. *Eu* treinei você para ser quem é hoje. *Eu* te conheço. Estou igual a um idiota tentando fazer você não entregar sua braçadeira para o Matteo, mas

quer saber, eu não me importo mais. Acha que não sei que hoje odeia tudo isso aqui?! — Foi como receber uma surra apenas com as suas palavras. — Não preciso de você aqui com esse corpo mole. Você está atrapalhando o meu time e, já que não quer persistir apenas para fazer um bom campeonato, dê o fora daqui! Porque essa é a minha carreira, o meu time, e eu não vou deixar você foder com tudo, só porque não sabe perder.

— Você não sabe do que está falando.

Eu sabia perder, só não sabia perder os meus sonhos.

— O que eu sei é que no meu time, com essa postura, você não fica.

— Não está sendo um dia bom, treinador. A Jordan…

Ele nem mesmo me deixou terminar de falar.

— Estou pouco me fodendo para a sua namoradinha. — Zion estava vermelho de ódio. Já eu, fiquei vermelho de vergonha. Ela não era nada minha. — Ou você assume o seu posto dentro do meu time e volta a ser o meu capitão, ou dá o fora!

— Não quero essa braçadeira — Matteo falou atrás de mim, baixinho, só para eu escutar.

E, pela primeira vez em semanas, eu assumi que genuinamente não queria dá-la para ele. E Zion tinha mesmo razão. Eu perdi a NFL, mas ainda era o *quarterback* dos Kings. Ainda era o capitão.

Até dezembro, eu ainda seria.

— Você fica ou você vai? — sua pergunta me fez engolir em seco.

Todos me olhavam. E eu não recuei minha postura nem um milésimo.

— Fico.

Não me expliquei, não precisava. Eu sabia o porquê estava fazendo aquilo.

Queria me despedir daquele sonho que eu nunca iria viver. E, para ser honesto, já estava cansado de bancar o bebê chorão apenas porque minha vida não seria como eu tinha idealizado.

Que se fodesse.

Eu precisava sobreviver a tudo aquilo. Precisava colocar minha cabeça no lugar, porque tudo o que tinha acontecido não iria mudar. Eu não iria mudar.

As coisas eram o que eram, e estava na hora de lidar com aquilo de um jeito mais decente. Estava na hora de me tornar um adulto.

Zion apitou alto e bateu palmas antes de proferir a tortura pela qual iria nos fazer passar durante as próximas duas horas.

— Treino de velocidade, senhores. Vamos colocar esses corpos para voltar à forma que eu deixei na temporada passada.

Todos eles gemeram.

Mas eu sorri.

Precisava daquela dor. Precisava me empenhar naquilo. Precisava de qualquer coisa que não me fizesse pensar nas coisas que eu não teria pelo resto da minha vida.



— Posso falar com você? — Logan perguntou, após abrir a porta do meu quarto enquanto eu arrumava meu guarda-roupa.

Arrumava não, limpava, para que Jordan colocasse as coisas dela ali.

— Claro, golden.

Estava com tanta saudade dele. Estava com saudade de todos e até mesmo de mim. Porra, queria minha vida de volta.

— Está fazendo o quê? — Franziu o cenho, atento a tudo o que eu fazia.

— Jordan vem hoje para cá.

E, pelo seu olhar, ele já havia compreendido o meu pensamento.

— Vocês não são bons um para o outro, ainda não entendeu isso? — Meu golden estava mais manso hoje.

Hoje ele queria conversar, não brigar.

Ótimo, porque eu já estava cansado de brigar.

— Ela precisa de mim, Logan — murmurei. — Eu a ajudei a estar na posição em que ela está hoje. Preciso fazer isso.

— Você não precisa cuidar da Jordan, precisa cuidar de si mesmo. Já notou como você está um caco?

— Ela precisa disso. Eu também preciso.

Eu que não dormia direito há dois dias preocupado com ela.

Precisava de uma boa noite de sono, sabendo que ela não iria tentar nenhuma merda contra si mesma.

— Você tem certeza de que isso é uma boa ideia? — Logan questionou, meio desconfiado. — Você é um ogro, não sei se consegue ser o que ela precisa agora.

— Eu sou exatamente o que ela precisa agora. — Ele não concordava com as minhas palavras, mas pelo menos, não estava gritando comigo. Ótimo. — Eu sou bom com horários e sou organizado. Não caio no papo furado da Jordan e, além do mais, não tenho que me preocupar com nada, senão ela. Você tem um filho e uma empresa, cara. Pense racionalmente sobre isso. Eu sou o melhor para isso.

— Você tem noção mesmo de onde está se enfiando, não é?

— Para ser sincero, não tenho. — Engoli em seco. — Eu nunca gostei dela, mas às vezes…

E minhas palavras morreram no meio do caminho.

— O quê, Seb? Sente mais do que desprezo por ela? — O golden parecia até querer abanar o rabinho, de tão ansioso que ficou pela minha insinuação.

— Ela sempre me fez sentir demais, e isso me irritava. Hoje em dia, me instiga. Não sei que porra é essa, mas essa semana foi como ser inundado por umas memórias que fiz questão de esquecer.

— Você nunca gostou de como ela te tratava diferente. Sempre foi acostumado a ter todos curvados a você, e ela não fazia isso. Ela te enfrentava.

— Eu era infantil — pontuei. — Depois do que ela fez com você, eu decidi que tudo o que sentiria por ela seria desprezo e ódio. Mas agora…

— Agora, está tirando a venda do ódio e se deparando com a garota que ela realmente é. Não tem mais motivos para cultivar nada de ruim em relação a ela. Está com medo de sentir demais?

Eu estava evitando pensar sobre o assunto, mas, sempre acabava voltando para aquela explosão de coisas que ela me fazia sentir.

— Medo foi o que eu senti quando a achei naquele quarto. Um filme se passou na minha cabeça, e eu juro que lembrei como foi olhá-la pela primeira vez. Ela parecia uma deusa, e eu posso jurar que senti mais em apenas um olhar do que anos de conversas com outras garotas.

— Mas então, ela te tratou meio mal, e você decidiu ignorar tudo aquilo.

— Já sentiu que sua história sempre se entrelaçava com a de outra pessoa, mesmo você não querendo? Ela sempre cruza o meu caminho e, toda vez que faz isso, parece que está querendo me levar com ela. É quase como um maldito furacão.

Os olhos azulados de Logan tentavam me desvendar. Fazia meses que eu não conversava com ele de uma maneira tão honesta, como naquele momento.

— Por que nunca falou sobre isso antes, Seb?

— Porque eu não gosto de pensar sobre isso. — Nunca gostei de pensar na Jordan.

Ela não era a mulher certa para mim.

Ela era arrogante, prepotente e sinceramente, uma chata.

Mas tinha algo nela que me deixava completamente louco.

Às vezes, tinha medo de ficar louco por ela.

— Ela te faz sentir? — Balancei a cabeça, confirmando. — E você não gosta disso?

— Não é que eu não goste, mas apenas nunca me permiti sentir nada.

— E agora, sem o ódio, tudo o que você consegue fazer é sentir.

Por que ele estava sorrindo? Eu estava falando bem sério.

— Eu preciso cuidar dela. É mais do que por sentir culpa, eu só preciso fazer isso por ela. De alguma forma deturpada, eu sou a melhor pessoa para isso. Todos vocês são ótimos, mas ela precisa de alguém que a priorize. E eu vou priorizá-la porque, de qualquer forma, o mundo desaparece quando ela está por perto.

— Seb…

Não! Não era o momento de ele jogar algumas verdades na minha cara.

— Vai dar tudo certo, e ela vai ficar bem.

— E você? Vai ficar bem?

Engoli em seco com sua pergunta.

— Eu sempre fico.

— Como? Eu não sei o que eu faria se perdesse o Thommy.

— Eu aprendi a viver com a falta, só entendi que há vida sem ela — menti.

Porque nenhum pai conseguia viver com a falta.

Os braços vazios eram sempre um lembrete de que você não estava completo.

Eu respirava.

Eu sobrevivia.

Até o ano passado, eu fazia isso perfeitamente bem.

— Não consigo mensurar como deve ser difícil, Seb. — Logan engoliu em seco. — Nunca tive oportunidade de falar, mas sinto muito por sua perda, muito mesmo. Você não faz ideia de como eu

queria ser capaz de dá-la de volta a você. Nenhum pai deveria ficar sem o seu filho.

Pisquei algumas vezes, tentando respirar fundo para não chorar. Não queria chorar.

— Obrigado, golden.

Ele faria de tudo para me devolvê-la, se pudesse. Eu sabia que faria.

Como eu queria que ele conseguisse, mas ele não consegue. Infelizmente.

– Me perdoa por ter brigado com você, estava em pânico naquele dia.

– Eu sei. Eu te perdoo. Eu sempre vou te perdoar. – Sempre seria o perdão que Logan precisava.

— Um dia você vai falar sobre ela para a gente? — Logan perguntou, com aqueles olhos pidões e por incrível que parecesse, naquele dia, eu estava com uma vontade enorme de falar sobre ela com ele.

Estava morrendo de saudade dela. Falar ajudaria.

Às vezes, eu chamava pela Liz apenas para falar sobre a minha estrelinha e de como ela era.

Às vezes, eu mesmo falava com ela, mas havia parado um pouco de fazer isso porque estava doloroso demais.

— Ela era linda. — Os olhos dele brilharam. — Era a minha cara.

— Você tem alguma foto dela? — perguntou, animado.

Peguei o meu celular no bolso e mostrei a imagem de proteção de tela. Nunca tinha colocado uma foto dela tão exposta, mas agora, não tinha mais por que escondê-la.

Mostrei para o meu amigo a parte mais preciosa de mim. Eu estava com Emma Rose em meus braços, e sorríamos um para o outro. Os cabelos negros dela eram lisos e iam até as bochechas, e os olhos azuis sorridentes pareciam tão cristalinos como o mar.

Ela era perfeita.

— Ela era a neném mais sorridente que eu já conheci — soei como um pai orgulhoso.

— Meu Deus, Sebastian. Ela era linda — murmurou emocionado. — E, realmente, era a sua cara.

— Ela amaria você.

Sorri involuntariamente, lembrando de como ela ficava quietinha vendo filmes de princesas da Disney. Era a única hora em que a menina ficava quieta. Fora isso, ela era uma pequena terrorista. Quebrava tudo o que via pela frente e era muito, mas muito birrenta. Se as coisas não saíssem como queria, chorava ainda mais do que a Emma do Noah. Bem mais.

Minha fadinha era um anjo comparada à minha estrelinha.

— Como é falar sobre ela? Ajuda? — o loiro indagou baixinho.

— Sim... Faz parecer real.

Porque ela era tão minha que, às vezes, parecia ser apenas fruto da minha imaginação.

— Como eu nunca fiquei sabendo que você tinha uma filha? Nós éramos amigos quando ela faleceu.

— A Emma foi criada como minha irmã, mas era quase um fantasma dentro da minha casa. Meus pais a escondiam para que ela não fosse vítima de fofocas. A ideia era apresentá-la para a sociedade quando completasse quatro anos.

Falar aquelas palavras estava me matando por dentro.

Todo aquele assunto era demais.

— Queria tê-la conhecido...

— Como eu queria que todos vocês a tivessem conhecido. — Respirei fundo, desfazendo o meu coque e refazendo. — Se eu pudesse, voltaria no tempo e faria tudo diferente. Mas não posso. — Minha garganta chegava a arranhar de tanto que eu segurava o choro naquele momento. — Agora eu posso consertar as coisas com a JJ. Não posso trazer o meu bebê de volta, mas posso salvar a Jordan dela mesma.

— Você sabe que não se salva ninguém de si mesmo, não sabe?

— Ela só precisa das coisas certas. Tenho certeza de que Jordan vai ficar bem. Se tem uma coisa que eu aprendi, é que para tudo na vida há jeito.

A única coisa para a qual não tínhamos solução era para a morte, e Jordan estava muito viva.

Mesmo não querendo, ela estava.

— Se prepara — Logan falou, sorrindo. — Porque eu vou te abraçar.

Aquilo me fez rir e me sentir confortado.

Estava com saudade dos abraços dele também. Estava com saudade dele.

Meus amigos eram a minha família, meu porto seguro. Eles eram… tudo. E por mais que eu tivesse imposto um espaço naquele tempo, eu nunca deixei de amá-los profundamente. Eu só funcionava de um jeito diferente.

Logan me abraçou e, quando eu olhei para ele, já me sentia melhor.

— Me perdoa? — pedi, segurando em seus ombros.

— Claro. Somos o perdão um do outro, lembra?

É, eu me lembrava.

— Sinto falta de passar um tempo com vocês. Sabe, só os garotos.

— Eu estava pensando nisso. Deveríamos voltar a fazer a quarta do poker, apenas nós quatro.

Nos últimos tempos, Matteo sempre era da Zoella, Logan era da Bella e do Thommy e Noah, da Liz e da Emma.

Eu amava as garotas, amava as crianças, mas sentia falta do meu grupo. Do nosso tempo, das nossas bobagens.

Sentia falta de nós quatro.

— Vamos falar com os meninos. — É, eu realmente me sentia melhor depois daquela conversa. — Obrigado por tudo, Logan. Você me salvou mais vezes do que imaginava.

— Somos irmãos, Seb. Eu sempre vou escolher estar do seu lado. É isso o que as famílias fazem.

Ele tinha razão.

Era isso o que as famílias faziam. As boas, as que não eram como a minha.



NOVA RODADA

Jordan Joy Lewis

Como se vive depois de uma tentativa de suicídio?

Era o que muitos perguntavam.

Não sabia como era para os outros, mas para mim, era como sair de uma grande ressaca. Estava igual a antes, porém, mais envergonhada porque, no fim das contas, era assim que minhas tentativas me deixavam.

Envergonhada.

— Desculpa pelo jeito que falei com você no hospital — Meu irmão murmurou, tão envergonhado quanto eu.

Éramos parecidos nesse ponto. Ambos falávamos merda quando estávamos com dor.

— Você não mentiu, Mike. Não precisa pedir desculpas. — Peguei em sua perna enquanto ele dirigia até minha nova casa, tentando mostrar que eu estava ali. Que ainda éramos inseparáveis. Que, mesmo sufocada, meu coração ainda batia.

Eu nem podia acreditar que estava realmente fazendo aquilo.

— Mas não era o momento, e nós dois sabemos disso.

Sim, ele tinha razão. Mas, ainda assim, não achava que eu tinha que perdoá-lo por expressar seus sentimentos. Ele tinha o direito de estar magoado comigo, e eu estaria mais furiosa se estivesse no lugar dele.

— Está tudo bem, sério. Eu te amo e, para ser sincera, acho que você não me magoou nem um terço do que eu magoei você, então... — Dei de ombros.

— Tem certeza de que não quer ir morar comigo? Vai ser apertado, mas eu dou conta de cuidar de você muito bem. Não acho que seja o momento de o Sebastian entrar na sua vida.

— Pensei que já tivesse concordado com tudo isso.

Olhei para o meu irmão que estava com um semblante cansado. Eu estava preocupada com ele, Mike não era assim. Aquele não era o normal dele.

Por isso, eu tinha que ficar com Sebastian. Mike precisava viver um pouco. Fazia seis anos que ele vivia em prol de mim, e cansava. Realmente cansava.

— Não concordei com nada. Quem quis isso foi você e ele, mas ninguém acha que é uma boa ideia. Vocês dois não fazem bem um para o outro, JJ.

— Ele vai ser o melhor para cuidar de mim. Acredite, eu não queria isso também.

Eu tinha pensado muito durante a noite anterior, enquanto revivia os últimos acontecimentos na minha cabeça.

Sebastian era o único que tinha disponibilidade e tempo para me oferecer o que eu precisava. Eu demandava muito, e isso era

um fato. Conhecia o procedimento depois de merdas como aquela. Banhos com a porta aberta, refeições e médicos acompanhada, e claro, remédios sendo dados praticamente na boca.

Com um trabalho tão pesado quanto o que fazia, meu irmão não tinha tempo para fazer nada disso, além, claro, que eu gostaria que ele vivesse um pouco fora da minha bolha depressiva.

E eu também tinha percebido os olhares que Michael trocou com o dr. Zachary Harlow. Ele não me disse muito, mas sabia que, com o tempo, iria me contar exatamente o que já aconteceu entre os dois. A verdade era que Zach parecia fascinado por ele, e isso me deu um acalento no coração. Meu irmão merecia um amor, uma família... Merecia bem mais da vida do que recebeu nos últimos anos.

Para ser sincera, ele também precisava de um descanso. E era isso o que eu estava oferecendo a ele ao engolir meu orgulho e ficar com o Sebastian.

Estava dando-lhe paz.

— Eu te amo, JJ. — Ele entrelaçou nossos dedos das mãos. — Você sempre será o meu bebê. Espero que saiba disso.

— Eu sei. Eu te amo também. — Apertei seus dedos com os meus. — Somos nós contra o mundo, certo?

— Sempre nós, minha neném.

Ficamos em silêncio, sendo preenchidos apenas pela voz de Rihanna, que saía do alto-falante do rádio. Ele parecia perdido em pensamentos, e eu seguia a mesma linha.

Estava tensa.

Meus sentimentos estavam uma bagunça, mas era o medo que mais me dominava. Estava com medo de me machucar mais,

porque era isso que aconteceria no final das contas. Dormir e acordar ao lado de Sebastian Sinclair todos os dias? Tê-lo cuidando de mim iria me desgraçar.

Que merda! Olha onde eu fui capaz de me enfiar...

Às vezes, parecia que eu fazia questão de piorar minha vida, como uma masoquista do cacete. A única parte boa disso tudo era que iria morar com Logan, Bella e o filho deles, Thommy. De resto, tudo seria a porra de um martírio.

Chegamos à casa dos meninos, e rapidamente, meu irmão saiu do carro para abrir o porta-malas. Peguei minhas malas e recebi um abraço caloroso dele. Logo me virei e, sem que eu esperasse, lá estava ele, em toda sua glória.

Sem camisa.

De calça jeans baixa.

O abdômen dele era todo definido e tinha aquele V enorme, que descia até o lugar que eu nunca iria conhecer, mas que sempre habitava os meus sonhos.

Nossa, ele era lindo.

Ele era mais que lindo, era... Sei lá. Sebastian parece um Deus.

— Jamais irei te julgar por ter se apaixonado por ele, puta merda. Olha esse homem! — Mike falou baixinho ao meu lado, observando o gostoso do meu... Sei lá o que ele era meu.

— Como eu queria brincar naquele abdômen —sussurrei, limpando o cantinho dos lábios, porque não tinha como não babar por ele.

— E os braços? Olha as veias! Por Deus... — Mike chegou a limpar a garganta.

— Isso não é obra de Deus.

Um objeto de tortura daquele era moldado pelo coisa ruim, certeza.

Sebastian parou à nossa frente e, só pelo sorriso convencido que esboçou, eu já sabia que ele iria falar merda.

Ele não perderia a oportunidade de me irritar.

— Eu sou uma delícia, mas não sou para o bico de nenhum dos dois. — E tirou a mala das mãos do meu irmão, que seguia babando sem nenhuma vergonha.

— Quem dera, se fosse para o meu — meu irmão murmurou.

Vou socar o Michael!

Revirei os olhos e bufei, pegando a minha segunda mala e tentando ignorar a beleza daquele homem idiota.

— Até parece que você não sabe que é uma delícia — retruquei.

— Então, admite que eu sou gostoso?!

Dei as costas para os dois, mas tinha certeza de que Seb estava sorrindo.

Cretino!

— Sério que você precisa de um elogio meu para amaciar esse ego? — Passei por ele, entrando na minha nova casa, e tomei um susto quando vi a quantidade de brinquedos espalhados pelo lugar.

Parecia que tinha passado um furacão por ali.

— Você sempre disse que eu era nojento. Acho novidade você dizer que sou gostoso.

— O que caralho aconteceu aqui?! — Joguei minha mala para o lado e comecei a juntar todas as mamadeiras que estavam

esparramadas pela sala de estar e de jantar.

Precisava ignorar a visão que tinha do Sebastian.

Precisava ignorar o Sebastian como um todo.

Um cachorro enorme passou por mim, com uma pelúcia na boca, e logo em seguida, um gato.

Meu Senhor, além de tudo eles tinham animais? Já não bastava as crianças?

— Casa com criança. Acostume-se — respondeu gritando, porque já estava subindo as escadas para colocar minhas malas em seu quarto.

Porra, vamos fazer isso mesmo?!

Desviei minha atenção e fui até a cozinha com as mamadeiras de Emma nas mãos.

— Você está fodida — meu irmão murmurou, parando ao meu lado, enquanto eu passava uma água nos utensílios para colocá-los no lava-louças.

— Jura? Eu nem tinha notado.

— JJ, como você vai fazer para esconder os seus sentimentos?

Evitei os olhos de Mike porque não queria fazer daquele momento mais dramático do que já era.

— Que sentimentos, Mike? — devolvi, me fazendo de sonsa.

Até porque, ultimamente, tudo o que eu conseguia sentir era um vazio descomunal. Eu não conseguia me amar, quem diria amar o Sebastian.

Que papinho furado, Jordan! Nem você acredita nisso.

— Não o beije — meu irmão praticamente ordenou.

— Michael, ele não me beijaria nem se eu fosse a última pessoa na Terra! Não entendeu ainda? Sebastian não sente nada por mim. Nem tesão nem nada.

Mamadeira de vidro? Aquilo existia de verdade?

E, por Deus, uma criança precisava mesmo ter aquele tanto de chupeta?

— Se ficar com ele, você vai tomar no cu! Sério, não faça isso — continuou falando, como se eu não tivesse respondido.

— Não vou ficar com sua irmã, Mike. Fique despreocupado, essa história não é um romance.

Isso mesmo, Sebastian... Machuque o meu coração.

O que era um rasgo para quem já estava toda fodida, não é mesmo?

Michael arqueou as sobrancelhas e soltou uma risada irônica, como se zombasse de Sebastian.

— Eu te conheço, pirralho. Você é confiável, o seu pau não. E minha irmã é gostosa e vai dormir com você. Muita coisa pode acontecer.

— Não sinto tesão por ela. Jordan sabe disso.

Respirei fundo.

Como doía.

— Não vai rolar nada, Michael. Sério. Está tudo sob controle. — Notei que algo na minha fala chamou a atenção de Sebastian, mas ele não comentou nada.

Continuei limpando as mamadeiras e o resto das coisas que estavam na pia, tudo para não lidar com o que estava rolando à minha volta.

Devia estar parecendo uma doida, mas não era como se eu me sentisse diferente disso no dia a dia.

— Preciso ir. — Michael me deu um beijo na testa. — Qualquer coisa, estou no celular. Sério, não hesite em ligar. E eu venho jantar com você toda noite.

— Mike, não precisa...

Coloquei uma mamadeira no escorredor, querendo pedir para que ele me levasse embora. Mas eu não podia ser tão egoísta assim, já chega daquilo tudo.

Que porra!

— Preciso. Vamos manter essa rotina a partir de agora. — Ele se virou para Sebastian. — Se você magoar a minha irmã, teremos um problema muito sério. É para cuidar bem dela. É para ser um príncipe, ok?

— Vou ser o melhor para ela.

Eu havia me apaixonado por ele sendo o pior, imagina sendo o melhor?

Será que eu tinha sido Judas na vida passada? Era a única explicação plausível.

— Juízo, crianças. E não faltem ao treino amanhã — ele foi saindo, mas falando ao mesmo tempo. — E não se esqueçam de se alimentarem. Os remédios estão na mochila vermelha dela, não esqueça, Sebastian. — E percebi que parou pouco antes de chegar à porta. — Esqueci de dizer que ela está proibida de ficar perto de qualquer coisa cortante, então, tire tudo do banheiro de vocês.

A parte em que eles me tratavam como um bebê era sempre a pior.

— Estou ciente, Mike. Pode ir trabalhar. — Sebastian sorriu, mas eu mesma queria chorar.

Meu irmão gritou um “adeus”, e eu escutei a porta da casa se fechar.

Naquele dia, nem eu nem o Seb iríamos à faculdade porque tínhamos muito o que conversar, além claro, de arrumar minhas coisas por ali. Eu não conseguia olhá-lo, então continuei minha tarefa de arrumar as coisas.

Ele se escorou na bancada da cozinha e ficou ali, me observando, enquanto eu limpava tudo e colocava as louças sujas na lavadora. Demorou um tempo até que meu coração se acalmasse e eu voltasse a ser eu mesma.

Mas ele permanecia ali, em silêncio.

Observando-me.

Quando me virei e dei de cara com seu rosto bonito, soltei um suspiro exasperado.

— Vai, fala o que você está pensando.

— Não estou fazendo nada. — Ele se defendeu, e eu vi sua barriga se contrair.

Aquilo era tortura.

— Está pensando. O que está pensando? — era uma pergunta estranha, mas fiz mesmo assim. Nunca tive dedos com ele e não seria agora que eu teria.

— Estava só te dando um tempo para se acalmar. — Ele observou a pia limpa, mas logo seus olhos voltaram para os meus. — Não sabia que se acalmava limpando coisas.

— Você não sabe muito sobre mim. — E isso era meio humilhante, já que eu sabia muitas coisas sobre ele.

— Você que parece não saber nada sobre mim — disse, contrariando meus pensamentos, e soltou um suspiro audível. Ele chegou mais perto de mim, transformando minha barriga em um território lotado de borboletas. — Já tomou café da manhã?

— Tomei antes de receber alta.

Por que ele estava chegando mais perto? E por que eu fiquei tão nervosa?

Se controla, JJ, ele é só um… Sei lá, cuidador?

— Interessante — balbuciou.

— O quê? — Afastei-me dele, indo até a bancada e pegando um copo.

Precisava de água. E de um novo coração, onde ele não habitasse mais.

— Você fica nervosa quando eu chego perto.

Ah, não fode! Ele tinha passado anos sem descobrir meus sentimentos e iria começar a desconfiar logo naquele momento? Não mesmo!

Simplesmente não.

— Eu acabei de sair de um hospital, estou nervosa.

— Hum. — Ele não comprou minha desculpa, mas não comentou nada. — Bom, vamos ter algumas regras de agora em diante.

— Você é insuportável! — gemi, frustrada, e virei-me para pegar a porra da água.

— O quê? Eu nem disse nada!

— Você é insuportável sem fazer nada em especial. Quais são as regras? Vai, chato, fala.

Precisava de água para ver se me acalmava. E por que ele não colocava a porra da camiseta? Sério, não custava nada!

— Quem está sendo irritante não sou eu. Mas tudo bem, vamos lá. — Ele pareceu chegar mais perto de mim, e eu sabia disso pelo cheiro de homem rico que ia ficando cada vez mais forte. Por que ele tinha que ficar chegando mais perto? Que martírio. — Primeiro, banho de porta aberta. A Isabella vai ficar com você nesse momento por motivos óbvios. Segundo, você tem horário para tomar remédio duas vezes por dia. Não tem birra, não tem choro. Você vai tomar, e ponto-final. — Nada de novo sob a luz do sol. — Eu preciso melhorar minha corrida e você precisa de serotonina nesse cérebro, então vamos acordar cedo todo dia para correr.

— Eu dou um pau em você na corrida, sabe disso.

Ele ignorou o meu comentário.

— Isso quer dizer que às dez da noite estaremos na cama. Nada de bebidas alcoólicas, nada de festas, nada de bares. Suas sessões de terapia são nas segundas, e você já vai retomar às sessões com a terapeuta semana que vem.

— Cinco da tarde? — perguntei.

— Sim. Às quatro e meia saímos da faculdade e vamos direto para a sua psicóloga.

— Mais alguma coisa, *Vossa Majestade*? — Cerrei os olhos quando ele engoliu em seco.

— Apenas isso, *princesa.*

Idiota.

— Então, vamos arrumar as minhas coisas?

Ele apenas acenou com a cabeça e foi em direção às escadas, subindo para o quarto dele.

Por mais que ele tentasse manter aquela fachada de capitão, eu o conhecia bem o suficiente para saber que estava nervoso pra caralho com a responsabilidade que tinha assumido.

Estávamos fodidos por motivos diferentes, mas igualmente fodidos.



ESTRANHAMENTO

Sebastian Sinclair

Tinha sido um dia do caralho.

Passamos a manhã organizando as roupas de Jordan no armário ao lado do meu e depois passamos a tarde tentando organizar suas coisas pela casa, já que agora, ali também seria a casa dela e ela precisava se sentir assim.

Passamos a maior parte do dia em completo silêncio porque não surgiu nenhum assunto para conversarmos. Era uma monotonia do cacete. Percebi que não sabia fazer outra coisa que não fosse brigar com a Jordan, mas eu estava me mantendo aberto às conversas, mesmo que isso não fosse o que transmitisse para ela.

Quando todo mundo chegou, eu fui correndo ficar com as crianças, enquanto JJ ficou mais próxima de Logan e Bella.

Ela estava me evitando, e o nervosismo que achei ser por causa do ambiente novo, na verdade, era apenas por minha causa.

Eu a deixava desconfortável, e isso estava me incomodando mais do que eu conseguia expressar.

Foram naqueles pequenos momentos em que ela se abria para todos, que eu notava que ficava incomodado com isso. Sempre fiquei.

Ela me tratava diferente. Com todos, era sempre solícita e adorável, mas comigo, parecia mais um cão de briga do que qualquer outra coisa. Era estranho para cacete, se fosse parar para pensar.

Em um primeiro momento, pensei estar vendo um vislumbre de atração ali, mas logo descartei isso da minha cabeça. JJ me odiava de verdade, e não tinha espaço para atração no ódio. Eu mesmo era incapaz de querer foder alguém que desprezava. Não havia como cultivar qualquer sentimento bom acerca de outra pessoa, querendo tão mal a ela.

Você é louco para foder a garota. Para de se enganar.

De qualquer forma, tudo aquilo estava estranho.

Além de toda atenção que tive que dar à Jordan naquele dia, eu tinha recebido ligações da minha mãe, às quais não fiz questão de atender, mas era algo que estava na minha cabeça. Queria muito saber o que estava rolando por lá, mas naquele momento, eu não queria mais preocupações.

Não era como se eu devesse mais alguma coisa para eles agora.

Eu tinha desistido de tudo, estava sendo o filho perfeito.

Nunca tive uma relação próxima com os meus pais. Eu fui feito para um fim, então atenção e carinho nunca foram parte da minha criação, mas ainda assim, eles não eram horríveis. Sempre achei

que assim como a maioria das casas, eu tinha pais ausentes. Então foi fácil me mudar para Crownford e fazer uma ligação para eles por mês. Era fácil voltar para casa apenas para o Natal.

Mas já fazia oito meses que eu não os atendia nem respondia suas mensagens, e o pior é que eu não sentia nada ao fazer isso. Eu nem mesmo sentia saudade.

Saudade do quê? Eu nem tinha porque sentir isso.

Entrei no meu quarto, suspirando ao vê-lo tão diferente do habitual. Eu não era o poço da organização como o Noah, mas tinha minhas manias, e era estranho ver coisas jogadas pelo cômodo que não eram minhas.

Eu nunca tinha dividido meu quarto com alguém, nem mesmo com o Logan. Para todos os efeitos, eu era filho único e quando me mudei para Crownford, tinha dinheiro o suficiente para ter um apartamento onde um quarto e um banheiro eram só meus.

Jordan não tinha muitas coisas, mas ainda assim, as poucas que tinha estavam espalhadas por ali. Seus sapatos, que não cabiam todos nos armários, estavam empilhados ao lado da porta e seu painel de fotos, agora estava em cima da sua mesa de cabeceira.

Muitas fotos que estavam ali, inclusive, fui eu que tirei. Mal me lembrava delas, mas foi interessante revê-las.

Naquela época, eu ainda era um pai que escondia sua filha e passava a maior parte do tempo vivendo uma enorme mentira.

Eu não sabia o que estava fazendo. Cuidar de Emma Rose sempre foi algo que me guiei muito mais por amor do que por qualquer outra coisa. Não sabia quando ela estava com fome, nem mesmo como trocar sua fralda direito — isso tudo, eu aprendi

depois que ela se foi, vendo vídeos na internet e lendo livros. Tornei-me um obcecado por melhorar tudo aquilo em que não era bom no passado. Eu apenas a amava imensamente, de um jeito que nunca seria capaz de amar outra pessoa.

Emma Rose era o meu mundo. Ela era tudo.

Fui para o banheiro, ignorando meus sentimentos e tentando pensar em tudo que precisava organizar por aqui.

A nossa casa estava basicamente ok, mas agora tinha uma nova rotina. Jordan exigia coisas de mim que eu conseguia dar conta até com facilidade, mas a real era que estava desacostumado a fazer. Por exemplo, treinar duas vezes por dia, dieta e acordar cedo.

Tudo isso exigia do meu mental e também do meu físico, mas no fim das contas, iria ser bom para ambos.

A chamada de atenção que Zion tinha me dado foi boa para me acordar e me fazer perceber como eu estava sendo um covarde. Dar as costas para quem já te ofereceu tantas oportunidades era ser idiota, mesmo que essas oportunidades parecessem insignificantes para mim hoje em dia.

Precisava dar meu máximo por aquele time. Precisava consertar a cagada que tinha feito na temporada passada e sair da faculdade me consagrando como o maior *quarterback* que os Kings já tiveram.

Isso, o meu pai não podia me tirar.

Tirei minha roupa, jogando no cesto, e logo entrei no banho.

A água quente relaxava os meus músculos e esvaziava a minha cabeça. Apenas o barulho da água penetrou os meus ouvidos, e isso me fez visualizar algo que há dias eu não tinha.

Sexo.

Eu era um cara muito ligado à sexualidade. Trepar, para mim, era como beber água. Era uma necessidade básica que, vez ou outra, eu precisava saciar.

Demorei anos para entender como ela funcionava para mim. Foi uma parada estranha que, até hoje, eu não sabia muito bem como tinha florescido na minha mente, mas a real era que sempre gostei do controle. Minha primeira namorada do Ensino Médio era chegada a coisas mais brutas. Um tapa, imobilização das mãos... O básico. Mas, na minha cabeça, eu sempre precisava de mais do que aquilo.

Senti-me culpado por anos quando fechava os olhos e imaginava minhas mãos surrando a bunda de alguma mulher aleatória. Ou então, infligindo dor com algum dos meus cintos.

Eu não gostava só da submissão, gostava de provocar dor. De punir. Esse era o meu esquema.

Meu gozo era muito mais potente quando eu ouvia o soluço do choro.

Sentia-me sujo, imoral. E, para ser honesto, um doente.

A primeira sessão que vi ao vivo foi tão emocionante quanto qualquer processo de descoberta. Eu me encontrei ali, me vi ali, e percebi que não estava sozinho nessa.

Demorou até eu fazer minha primeira cena. Ao contrário do que pensavam, o BDSM exigia muito estudo e muita dedicação. Eu tinha medo de machucar alguém, assim como tinha medo de me machucar. Depois de passar cinco meses indo todas às terças em um clube de BDSM em Crownford, finalmente me senti apto a

dominar uma mulher. Ainda me lembrava da sensação sublime quando chicoteei a bunda dela pela primeira vez.

Nunca tinha gozado tanto e tão forte.

Foi como atingir o nirvana.

Hoje não tinha mais uma submissa fixa. A minha última foi a Ellie, mas ela decidiu parar e bem, hoje em dia, éramos mais amigos do que qualquer coisa. Ou éramos no passado, até ela começar a namorar com o ruivo e se afastar de mim.

Outros *Dom´s* diziam que se encaixar perfeitamente com uma submissa era tão raro como amar verdadeiramente alguém. Na verdade, no BDSM, quando se tinha sentimento, era ainda mais delicioso porque a entrega e a confiança eram infinitamente diferentes.

Eu ainda fazia sexo baunilha, não tinha problemas com isso. Não era dependente do BDSM para foder, mas precisava confessar que preferia quando encontrava uma submissa que estava disposta a se entregar para mim.

Já fazia três semanas que eu não trepava. Mesmo Athena trabalhando em casa todos os dias, eu não sentia meu pau reagir mais a ela. Era constrangedor que, ultimamente, eu não sentisse mais tesão por quase ninguém.

Não sentia mais vontade de trepar sem sentir nada. Não queria mais só meter em alguém e depois me virar e ir embora. Eu queria abraçar a pessoa, dormir com ela, acordar no outro dia e poder falar com ela.

Achava que era isso o que faltava na minha vida: sentimentos.

Então, já que eu não sentia vontade o suficiente para transar com nenhuma mulher, optava por bater uma no banho. Era tão vazio

quanto.

Fechei meus olhos, lembrando da textura do meu chicote em minhas mãos enquanto eu deferia algumas vezes um golpe na bunda redonda, gostosa... e negra. Não parei de me tocar nem mesmo quando quem me olhava com lágrimas nos olhos dissimulados não era uma mulher qualquer, e sim Jordan.

Não era a primeira vez que aquilo acontecia. E, provavelmente, não seria a última. Não pensei muito e segui rumo a uma fantasia que guardava a sete chaves até de mim mesmo.

Era sempre uma delícia quando me imaginava com ela. Era sempre quando eu gozava mais forte.

Fiz um carinho em sua bunda antes de surrá-la mais uma vez.

Ela nunca pedia para parar porque sentia prazer na dor, em ser castigada por ter me desobedecido. Eu conseguia pensar em vários motivos para que ela tivesse terminado daquela maneira, mas um veio mais forte.

Se ela fosse minha, não teria permissão para achar que o mundo estava melhor sem ela. Que eu estaria melhor sem ela.

Na minha cabeça, essa Jordan era a submissa perfeita. Ela aguentava a punição e agradecia no final.

E eu, finalmente, entrei nela devagar. Não para punir, nunca para isso. Dessa vez, foi para que ela sentisse prazer. Para que se sentisse bem.

Ela estava de quatro no meu colchão, e eu estava metendo nela com movimentos curtos, aproveitando para aproximar minha mão no seu clitóris e massageá-lo com calma e paciência.

Sexo prazeroso não precisava ser agressivo, precisava ser atento.

Por isso, fiquei atento à respiração dela, às tranças que caíam todas para a frente, à bunda que não ficava mais parada, como eu havia mandado previamente, vindo de encontro a mim.

A boceta dela era uma delícia. Os gemidos, então... Na minha cabeça, Jordan gemia como uma puta, e isso me fazia ficar louco.

O orgasmo veio como uma avalanche, roubando meu sentido de tempo e de espaço. Quando vi, estava gozando por toda minha mão, ainda com os olhos fechados, ainda preso na cena em que Jordan não era ela, mas ao mesmo tempo, era.

Fazia muito tempo que eu tinha desistido de frear minhas fantasias. Desejo não se explicava e a forma de desejar também não.

“Não sinto tesão por ela. Jordan sabe disso.”

Era uma mentira tão descarada, que eu não sabia como não tinha deixado transparecer.

Eu sentia tesão por ela, sempre senti. Não tinha uma única pessoa que gostasse de mulher e que não sentisse desejo pela JJ.

Quando eu estava com ela, evitava pensar em foder aquela bunda pequena e malhada. Esforçava-me para não ficar de pau duro quando observava sua boca volumosa falar alguma bosta. Era um tormento não me permitir querer arrancar suas roupas quando não me dava atenção igual dava para as outras pessoas.

Não! Eu não podia me permitir ir por esse caminho. Tinha que ser prático e responsável. Jordan era uma pessoa a qual eu estava ajudando agora porque era a minha obrigação. Eu a tinha ajudado a estar naquela posição e era o mínimo que podia fazer por ela.

Mas eu jamais entraria em qualquer relação com ela. Nem mesmo por uma noite.

Primeiro, que não tinha nem uma única célula submissa naquela garota. Segundo, que mesmo não desprezando-a mais, ainda não conseguia gostar dela. Na maior parte do tempo, ela me irritava.

Não daríamos certo. Simples assim.

Ou, pelo menos, era o que eu tentava me convencer, como fazia quando ainda era um adolescente lotado de hormônios.

Terminei de me lavar e aproveitei para escovar meus dentes antes de me deitar. Saí do banheiro mais relaxado e assoviando uma música qualquer que Jordan passou o dia escutando, alguma coisa que envolvia uma tal de Doja Cat ou seja lá como era o nome da cantora.

Porém, meu assovio foi morrendo aos poucos quando encontrei o par de olhos castanhos que estava imaginando há poucos minutos me olhando de verdade, arregalados.

Eu ainda tinha pequenas gotas de água escorrendo pelo meu corpo, assim como meu pau ainda estava a meio mastro.

Mas que porra!

Precisei fazer um esforço monumental para que meu pau me obedecesse e não ficasse duro para ela. Ela me olhando daquele jeito me gerava coisas.

Essa era a merda. Quando ela não me dava atenção, eu ficava puto. Mas, quando ela me dava… Bem, daí, eu me concentrava para não ficar duro.

— Achei que ainda estava com a Bella e o Logan — murmurei, sentindo minhas bochechas esquentarem.

Porra, eu raramente ficava com vergonha, mas era impossível não estar.

Ela não conseguiu me responder nem mesmo tirar os olhos de mim, e meu coração acelerou com a visão.

Os olhos bonitos foram vagarosamente passando pelo meu corpo. Eu os sentia em todo lugar, na barriga, nos braços, no pescoço, no meu pau.

Jordan engoliu em seco.

Limpei a garganta antes de continuar falando, porque precisava de algum impulso para conseguir formar as palavras corretamente.

Está vendo? É disso que eu estou falando! Ela me faz sentir demais!

Era ódio demais.

Era rancor demais.

Era inveja demais.

Era admiração demais.

Era… Porra, era tudo demais!

— Eu vou só pegar uma roupa e já volto para lá. — Apontei para o banheiro e corri para fazer exatamente o que falei.

Sempre usava apenas cueca, mas peguei um conjunto de moletom para dormir com ela. Pelo que vi, era o que ela vestia por baixo da camiseta enorme que estava usando.

Os olhos dela ainda pairavam em mim quando fechei a porta do banheiro.

Mas uma coisa me deixou inquieto. Não era o olhar dela, e sim sua falta de palavras?

A garota que sempre tinha algo a dizer, tinha ficado magicamente sem palavras? Isso queria dizer que eu a constrangi ou ela estava atraída?

Jordan ficava nervosa quando eu chegava perto dela.

Jordan ficou sem palavras quando me viu de toalha.

— Ah, sua desgraçada do caralho — murmurei baixinho, apenas para mim, sorrindo. — Será que eu faço você sentir as coisas demais também?



LÓGICA

Sebastian Sinclair

Eu não era burro.

Não era.

Sempre fui um dos melhores alunos da minha turma e sempre consegui perceber quando uma garota estava se apaixonando por mim, para conseguir dar o fora antes que desse mais merda.

Eu era atento, percebia os detalhes. Notava as nuances das coisas. Mas ali, às cinco da manhã, enquanto observava Jordan dormir, tinha algumas peças que não se encaixavam na minha cabeça.

Aquela garota não fazia sentido algum.

Quando voltei para o quarto, depois de me trocar no banheiro, ela já estava fingindo que estava dormindo.

Sim, fingindo. Porque era aquilo que ela estava fazendo, sem sombra de dúvidas. Por mim, tudo bem. Se ela queria fingir as

coisas, eu estava bem com isso. O problema maior era como eu iria lidar com tudo que estava na minha cabeça.

Quando coloquei a cabeça no travesseiro, capotei, mas agora, acordando com seu cheiro doce e observando seu corpo perto do meu, percebi que tinha muitas coisas ali, as quais eu não havia notado antes.

Não nela, necessariamente, mas sobre ela.

E se, na verdade, o jeito que ela se reprimia quando estava comigo fosse vergonha, e não grosseria? E se eu tivesse entendido tudo errado por todos aqueles anos?

Não podia ser, certo?

Até porque, no fim das contas, isso não mudava nada. Eu, ainda assim, não iria querer beijar aquela garota no final do dia. Quer dizer, querer, eu queria, admitia. O que eu não queria era fazer isso.

Logan iria me matar, Isabella, então. Sério, ela iria me matar de verdade e não teria o menor remorso em fazer isso.

Meu Deus, por que eu estou pensando nisso? Às vezes, ela nem sente nada por mim. Ela pode ser apenas meio tímida.

Mas ela não era tímida com ninguém. Porra, e se ela quisesse me beijar também?

Não! Eu não vou pensar nisso!

Eu não podia pensar nisso... Caralho, isso está me deixando louco.

Levantei da cama, tentando não pensar em mais asneiras como essa. Escovei meus dentes rapidamente e, antes de sair do quarto, dei mais uma olhada na garota que eu aprendi a odiar por anos, sentindo uma fisgada no peito.

Ela parecia tão serena dormindo. O rosto bonito e relaxado, assim como a respiração. Ela parecia estar dormindo bem.

Deus, ela era linda dormindo.

É isso. Eu enlouqueci.

Fechei a porta com calma e fui até a cozinha, tentando não pensar em nada que envolvesse a JJ, o que não estava dando certo porque a casa tinha coisas que eram dela por toda a parte.

Fotos. Troféus. Quadros... Ela estava por todo o lugar, e isso estava começando a me agoniar.

Por que eu estava daquele jeito? Nem tinha acontecido nada demais. Eu não sonhei com ela e, na verdade, mal falei com ela.

Qual é? Ela ficou com vergonha de mim! Obviamente, tinha atração pelo meu corpo, mas até aí, quem não tinha? E eu tinha atração por ela, mas sempre tive. E sempre controlei isso muito bem. Tudo bem que, quando eu apenas a desprezava, era bem mais fácil, mas iria dar um jeito.

Entrei na cozinha, dando de cara com Liz dando mamadeira para minha pequena fadinha e Bella preparando panquecas.

Porra, já era terça-feira? Dia das meninas na cozinha. Já disse que Isabella não sabia cozinhar? Que aquelas panquecas ficavam uma merda? Porque ela era uma bosta na cozinha e queimava todas as malditas panquecas.

— Não vai queimá-las hoje, filhote do capeta — provoquei Isabella, mas me mantive à distância. A esposa de Logan não batia bem. Para ela dar com aquela espátula na minha cabeça, seria em dois tempos.

Passei perto da Liz, dei um beijo na testa dela e fiz um carinho na neném mais fofinha do mundo. Quer dizer, depois da Emma

Rose. Minha filha era a pessoa mais linda que tinha pisado na Terra.

— E quem disse que você vai comê-las? Voltou a treinar, idiota. Pode voltar à dieta também.

E ela tinha razão, mas eu não era de dar o braço a torcer.

— E se eu quiser comer? — Insinuei um breve movimento de pegar as que estavam no prato ao lado dela, mas levei um tapão na nuca.

Viu? Ela é doida!

— Mandei pegar nas panquecas? Tira essas patas daí, seu imundo.

— Meu Deus, vocês parecem duas crianças. — Liz soltou uma risada. — A pobre da Emma está ruim de exemplos maduros dentro desta casa.

— Não fode, Liz! Sua filha está bem de exemplos, tirando o Sebastian. — Isabella abriu um sorriso perverso enquanto virava uma das panquecas na frigideira.

— Olha a boca — murmurei. — Viu, Liz? *Ela* é um péssimo exemplo.

— Porque ficar com uma mulher a cada noite é um puta de um exemplo, não é, Seb? — Isabella rebateu.

Idiota.

— Não é uma por noite, é uma por semana. Cadê o respeito? — As duas mulheres me olharam como se eu fosse um idiota, mas ignorei. — Além do mais, a fadinha só vai namorar quando eu estiver morto.

— Não pira. — Liz revirou os olhos, tirando a mamadeira da filha e me entregando-a para fazê-la arrotar.

Como era gostoso ficar com ela no colo. Nada era tão bom quanto ficar com um neném no colo.

Quer dizer, fazer um neném era bem mais gostoso, porém detalhes.

— Piro, sim. — Ajeitei Emma no meu colo, deixando a cabecinha dela no meu ombro, e comecei a dar leves tapinhas nas suas costas. — Acha que eu vou deixar algum macho escroto tocar na minha fadinha?

— O que é macho escroto? — Thommy perguntou, entrando na cozinha.

O que aquele garoto estava fazendo acordado tão cedo? Geralmente, era um suplício fazê-lo acordar.

— Vai, tio Seb! Explica. — Isabella me olhou com aquele olhar assassino, e Liz só riu enquanto arrumava a máquina de café.

— Ahm... É um homem que não presta, Thommy. Mas é uma palavra feia, você não pode falar essas coisas — expliquei, mas a criança pareceu me achar um idiota.

— Tenho dez anos já — disse, como se explicasse algo.

— E ainda é criança. — Isabella foi rápida para retrucar o filho. — Já tivemos essa conversa.

— Eu sei. Namoro só depois dos quinze. Estou sabendo, mamãe — murmurou, chateado. — Thabata agora é só minha amiga. Juro, juradinho...

Mentiroso. Esse moleque é a porra de um projeto de Noah Thompson, uma versão piorada e ainda por cima, mais dissimulada.

E sobre a garota... Nunca gostava quando ela vinha aqui em casa. Era tão dolorido ver aquela menina de cabelos negros e olhos azuis por aqui. Eu ficava pensando em coisas.

Coisas que eu não deveria pensar mais, porque agora já estava atolado em merda o suficiente.

Ela não era minha estrelinha.

Minha estrelinha não estava aqui.

O foco agora era na JJ. Tinha que ser nela.

— Thommas, antes de comer suas panquecas, pode arrumar os brinquedos na sala — Isabella ordenou.

Ah, então tinha sido por isso que o coitado foi acordado tão cedo. Não quis arrumar os brinquedos na noite anterior.

Logan e Isabella estavam dando limites a ele? Meu Deus, isso era como ver um milagre diante dos meus olhos.

— Mas, mamãe… — Thommas fez manha, porém Isabella se manteve firme.

Ela era uma boa mãe.

Liz também era.

Elas eram tudo o que deveriam ser. Sorte de os meninos terem escolhido mães tão boas para seus filhos. Eu não tive a mesma sorte.

— Sem “mas”. Brinquedos, meu filho. Foi o nosso combinado. — Ela lançou aquele olhar que deixaria qualquer filho se cagando, e ele logo foi juntar seus brinquedos na sala.

No mesmo momento, Emma soltou um arroto e já começou a fechar os olhinhos, pronta para dormir novamente. Liz tentou pegá-la do meu colo, mas me esquivei. Queria mantê-la ali por mais um momento. Naquele dia, por incrível que parecesse, não era na minha Emma Rose em quem estava pensando.

Estava apenas curtindo o momento.

Ficamos em silêncio, e eu segui observando as meninas conversando, felizes, e fazendo o que precisava ser feito pela manhã na cozinha.

Era estranho observá-las e sentir um pouco de inveja.

Não delas, mas deles.

O que porra eu tinha feito de errado para não ter aquilo também?

Você realmente quer uma lista? Que tal começar com a sua inabilidade de ver o que está na frente do seu nariz?

Minha consciência sempre tentava me alertar que não estava vendo algo, mas o que eu estava perdendo, porra?

— Como foi a primeira noite com a Jordan? — Bella perguntou.

— Ela dormiu a noite inteira, mal se mexeu. — Ambas me olharam de um jeito estranho depois da minha resposta, e eu fiquei meio perdido. — O quê?

— E você não dormiu? — Liz perguntou, prendendo o riso.

— Dormi. — Dei de ombros, e ambas arquearam as sobrancelhas. — O quê? Eu precisei verificá-la algumas vezes.

— Está para nascer alguém mais burro — Isabella murmurou para Liz, que concordou.

— Ei, não sou burro — defendi-me. — Por que está dizendo isso?

Ambas bufaram.

Porra, por que não falavam logo?!

— Sebastian, às vezes, eu fico preocupada com você. — Liz fez carinho na bochecha da filha.

Aquilo me lembrava de algo.

Dela.

Mas que porra!

Não queria perguntar, mas achava que precisava colocar aquilo para fora. Vai que elas colocassem juízo na minha cabeça?

— Vocês acham que estou ficando louco por achar que a JJ sente atração por mim? — Pronto, perguntei de uma vez.

As garotas se olharam, mas logo se voltaram para mim. Parecia que em cinco segundos, decidiram algo do qual eu não fazia ideia do que fosse.

— Por que acha isso? — Liz pareceu mais interessada do que Isabella.

— Não sei, ela parece ficar nervosa comigo. E também fica meio envergonhada. — Passei as pontas dos dedos pelas bochechas gordinhas de Emma, que, mesmo estando quietinha, ainda não tinha dormido.

— Sebastian, quem não sente atração por você? — Isabella revirou os olhos de uma forma dramática, quase entediada.

— Pois é, foi o que eu tentei dizer a mim mesmo ontem, mas isso não sai da minha cabeça.

Pelo visto, eu soltei o que pareceu ser uma piada muito boa, porque elas gargalharam. Na minha cara.

Achava que até Emma estava sorrindo.

— Por que eu fui falar algo?! — Era realmente um idiota.

— Ela não sai da sua cabeça? — foi Liz quem perguntou, com um sorrisinho bem descarado no rosto.

— O que está tentando me dizer? — Cerrei os olhos, me sentindo em um dos livros de mistério que Noah tanto gostava.

— Que você se importa se ela quer você. — Isabella cruzou os braços. — Que você não para de pensar nela, de observá-la.

Eu ainda devia parecer confuso, porque ambas me olhavam com o mais profundo desgosto.

— Você nunca foi indiferente a ela, Seb. Mesmo a odiando, ainda assim, tinha sentimentos pela JJ. Eles só não eram positivos, mas sempre existiram.

Senti meu rosto esquentar porque, às vezes, eles eram positivos, eu só não gostava de pensar sobre eles.

— Além do mais, você não a odeia mais, certo? — Bella ponderou. — Ela também não te odeia mais. Não tem mais nada que segure ambos de se sentirem atraídos um pelo outro.

Eu já me sentia atraído quando não suportava nem escutar a voz dela. Imagina agora? Estou tão, mas tão fodido.

— Está tudo bem vocês se sentirem atraídos um pelo outro. — A Liz era tão boazinha e compreensiva, por que a Isabella não podia ser também?

— Bem, não está — Bella murmurou. — Mas não é o fim do mundo também.

— Não vou ficar com a Jordan, não sou bom com relacionamentos. Sem contar que ela não precisa de um namorado agora.

Ela precisava ficar bem, e só.

Um tapão veio certeiro. Na testa, dessa vez. Emma, no entanto, nem se mexeu no meu colo.

— Ai, porra!

Que mão pesada do caralho! Espera, a Liz realmente tinha me dado um tapa? Cadê o respeito?

— Larga a mão dele, Liz! Isso aí é uma causa perdida.

Cretina. Igualzinha à Jordan.

— Não vai rolar nada entre nós — frisei outra vez.

Elas bufaram. Sério, bufaram. Estavam duvidando de mim?

— Tá, ok. Ela é bem fofa dormindo, e quando estava com vergonha, me fez sentir umas coisas estranhas, mas não é para mim! Ela está fragilizada e não está bem o suficiente para nada que envolva paixão, encontros ou sei lá.

— Seb. — Liz tirou a neném do meu colo e a aconchegou em seu próprio. — Acredite, de uma garota que já se fodeu muito para entender sobre amor e essas coisas, não tente entender o que está sentindo, só se permita. A vida não é lógica, os sentimentos também não.

— Eu só não quero que ela se machuque — murmurei, meio envergonhado.

Nem sabia por que estava me sentindo assim.

— Então, não a machuque, Seb. — Isabella, dessa vez, não pareceu estar me zoando. — Já parou para pensar que, talvez, o que ela precisa mesmo é descobrir que existe muita vida ainda para ser vivida? Não vou me opor a nada que deixe a Jordan melhor, mas, caso você não ache que consiga lidar com ela, então não confunda a cabeça dela. Não seja um escroto.

Era um pedido. Um pedido que eu iria cumprir.



TÓXICO

Jordan Joy Lewis

Oxigênio preencheu meus pulmões, que arderam pela dificuldade ao fazer esse trabalho. Minhas pernas pinicavam uma ardência dolorida, assim como meus dedos dos pés sofriam com os toques que eu fazia na bola.

Tudo doía, mas ao mesmo tempo, não.

Sentia tudo para enfim, não sentir nada.

Não pensava, eu apenas fazia.

Não me martirizava, eu só vivia.

Eu vivia o futebol, respirava por aquilo ali.

Minha relação com o futebol era tóxica, eu sabia que era. Não existia sem ele. Eu virava um nada sem as minhas chuteiras, sentia vontade de viver apenas quando estava ali.

Ser dependente de algo nunca era bom. Não era bom para mim, mas mesmo assim, assumia que era.

Nada me deixava tão feliz quanto bater na bola com o peito do meu pé e observá-la quase em câmera lenta passar pelas mãos da

goleira, que nada conseguia fazer.

Gol.

Era para isso que eu existia.

Para fazer gols.

Era só para isso que eu servia.

— Puta merda, Lewis! — Layla, minha ex-companheira de quarto, estava ofegante quando bateu no meu ombro, sorrindo. — Você é do caralho!

Eu era. Sem arrogância, era um fato. Eu beirava à perfeição.

— Graças a Deus, não tenho mais que correr atrás de você, JJ — uma das nossas zagueiras disse, sentando-se no meio do campo.

Elas nem sonhavam com o que tinha acontecido comigo na semana passada. Gostava de como cada um dos Reis e Rainhas de Crownford se mantinham fiéis a mim, sem nem mesmo que eu pedisse.

Nem mesmo minha técnica sabia do que tinha acontecido. Para todos, eu apenas tive um desmaio causado por fraqueza.

Todos me protegeram. Protegeram minha carreira.

— Precisamos ganhar essa merda de campeonato — sibilei, sentando-me também.

Eu estava no terceiro ano do meu curso, há dois anos inteiros competindo na liga da faculdade. Tinha sido campeã nos últimos dois anos, e era isso o que eu iria continuar sendo. Não era uma questão de ego, sequer de desejo, era a minha obrigação.

— As Lioness não ganham nada há décadas. — Lily, a lateral direita titular, parou ao nosso lado, cruzando os braços. — Precisa abaixar suas expectativas, Lewis.

— Não. — Encontrei seu olhar com o meu. — Vocês que precisam aumentar as de vocês. Vamos ser campeãs.

— Gata, você sabe que a maioria de nós é ordinária, não sabe? — Layla riu para as amigas, como se eu estivesse louca.

Estava. Eu era insana.

Elas ainda não tinham visto nada.

— Vocês são preguiçosas. — Minha língua deslizou as verdades antes mesmo que eu conseguisse parar. — No treino são desleixadas e fazem tudo de qualquer jeito. Mas todas têm talento.

— Não posso ficar cansada demais, Lewis — nossa goleira implicou com o que eu disse. — Estudar para faculdade de medicina é difícil pra caralho.

— O Azzaro estuda e joga perfeitamente. Já o viu em campo?

E sabe por que ele jogava daquele jeito? Porque tinha um capitão foda e um treinador linha dura. Ambos faziam todos os jogadores daquele time aspirar pela vitória. Era a mesma coisa que eu tinha que fazer ali com elas.

Nossa treinadora estava conversando com o seu assistente, mas reparei que estava de olho em nós. O resto do time estava espalhado pelo campo, esperando que ela finalmente desse o apito final e deixasse todas irem.

Éramos em trinta e seis jogadoras no time, porém só onze eram titulares. E eu precisava fazer com que essas onze mudassem aquela mentalidade de bosta o quanto antes. Nosso primeiro jogo seria dali duas semanas, e eu não pretendia perdê-lo.

— Acho que vocês precisam entender que, a partir do momento em que escolheram seguir o caminho do esporte, as coisas serão difíceis. Existem dores, existe uma rotina que a maioria

das pessoas não consegue lidar. É muita coisa, mas já imaginaram como seria gostoso terminar a faculdade ou ter uma jornada aqui, onde fizeram desse time ordinário, um dos maiores que este país já viu? — Todas me olharam como se eu fosse um *alien*, mas estavam comprando a ideia. — No ano passado, mesmo desleixadas, vocês terminaram em quarto no campeonato. Imaginem o que fariam, caso levassem a sério?

Ninguém me respondeu. Porque seria do caralho, e elas sabiam disso. Ninguém que estava em um esporte competitivo era tranquilo com derrotas. Todo mundo que estava ali queria ganhar. Elas só precisavam da motivação certa.

A treinadora apitou, gritando que o treino havia acabado. E era, geralmente, no mesmo momento em que meu mundo se tornava nublado outra vez.

Voltar para o mundo real era uma merda.

No campo, eu me sentia uma deusa. Fora dele, um nada.

Quando me levantei do chão para ir até os vestiários, meu olhar bateu no homem que, agora dormia ao meu lado, fazia o meu pré-treino, me dava meus remédios e, de quebra, me deixava com o coração acelerado.

Sebastian não estava no celular ou estudando alguma coisa, estava olhando diretamente para mim.

Há quanto tempo ele estava ali?

Fui até ele, tentando não pensar muito sobre o que ele viu até então no meu treino. Eu jogava bem, o problema não era esse. Mas sabe quantas vezes eu imaginei aquele homem vendo um treino meu? Ou, quem sabe, um jogo?

Ele nunca tinha aparecido. Nunca.

Sebastian estar ali era algo totalmente novo e até meio estranho.

— Veio ver como alguém habilidoso joga, cretino? — brinquei, só para tirá-lo do sério.

— Você até que joga bem.

Antes que eu me desse conta, ele estava me entregando uma garrafa, onde provavelmente tinha o meu pós-treino. Uma mistura de coisas que me ajudavam a repor as energias depois de um treino com tanto desgaste muscular e calórico quanto o meu.

— Não vai me dizer que vai cuidar de mim até aqui, vai, Seb? — indaguei, e em seguida, tomei um gole do líquido amargo e meio adocicado.

Ruim. Como aquilo era ruim!

— Eu vou cuidar de você a todo momento. Já conversamos sobre isso.

Aquele estava sendo um dia estranho.

Acordei e Sebastian estava lá, com aquela cara bonita, me esperando para tomar o café da manhã. Depois, foi ele quem me deu os meus remédios e também quem deu instruções para Isabella de como ela deveria ficar comigo no banho por um tempo.

Ele era um bom cuidador. Ou, pelo menos, estava sendo desde quando passei a morar com ele.

Uma semana desde que tudo tinha acontecido.

Uma semana e parecia já ter se passado uma vida inteira.

— Já recebeu alguma proposta para um time profissional? — murmurou sua pergunta, olhando diretamente em meus olhos.

Ele estava lindo com o moletom branco da faculdade e os cabelos presos, todo concentrado em mim.

Senti algo se remexer em meu corpo, algo que me desconcertou.

Eu não podia deixar esse tipo de coisa me consumir. Simplesmente não dava. Além de tudo, agora eu dependia dele para muitas coisas. Tinha medo do que o Sebastian poderia fazer, caso descobrisse sobre os meus sentimentos.

Não suportaria mais alguma piadinha ou rejeição. Não naquele momento.

— Recebi antes mesmo de sair do Ensino Médio. — A boca dele abriu e fechou algumas vezes diante da minha confissão, meio desconcertado. Não por eu ter recebido a proposta, mas sim por eu estar ali, e não lá, fazendo o que fazia de melhor. — Mike não contou?

— Sobre o quê?

— Eu precisei atrasar o meu curso. Demorei um ano para entrar na faculdade de fato porque eu, basicamente, pirei e precisei ser internada. Fiquei seis meses em uma clínica.

Não que tivesse adiantado muita coisa, convenhamos. Tivemos que vender nossa casa por isso. Além de tudo, eu ainda ajudei a acabar com as economias da nossa família, que já estava completamente fodida.

— Ele deve ter falado com os médicos, mas não comigo — murmurou, meio puto. — Sinto muito por isso, JJ.

— É, eu também. Inclusive, ele disse que você se preocupou com a minha carreira no hospital, e eu ainda não te agradeci. Obrigada por tudo, Seb. Sério, não tenho nem palavras para tudo o que está fazendo por mim. Você não tinha essa obrigação.

— Eu meio que tinha. — Os olhos escuros pareciam tempestivos agora.

Sebastian olhou diretamente para o meu peito, que subia e descia de uma maneira mais pesada.

Não era cansaço, era ele. Era sempre ele.

— Preciso me trocar, ainda tenho um trabalho de literatura para terminar hoje. — Virei a garrafa, terminando tudo o que tinha ali dentro, apenas para sair dali logo.

Ele estava me observando demais, notando coisas demais.

Sebastian era sonso, mas não era burro. Se eu continuasse me permitindo esboçar aquelas reações, teríamos problemas.

— Estou pensando — ele ponderou, enquanto pegava a garrafa da minha mão. Foi rápido, mas nossos dedos se tocaram.

Senti uma vontade idiota de fazer isso mais uma vez, mas não iria. Eu me odiava, mas não a ponto de correr atrás de um homem que não me queria.

— O quanto você já mentiu para mim, Jordan? — Sua pergunta me fez abrir um sorriso bem cretino.

— Nunca. — Sebastian cerrou os olhos, não comprando a minha mentira. — Não é como se você tivesse me perguntando algo, não é?

Eu sorria, mas ele permanecia ali, sério.

Não deixei que aquela conversa fosse para caminhos tortuosos e saí dali o mais depressa possível.

Quando saí do vestiário, ele ainda estava ali. Porém, nosso silêncio habitual também estava.



— Tem certeza que não quer ficar no antigo quarto do Noah? Eu posso dormir lá com você — Bella me sugeriu pela milésima vez, mas não consegui nem pensar em aceitar.

Isabella era mãe, esposa e CEO de uma empresa. Ela mal tinha tempo para lavar os próprios cabelos, quem dirá de cuidar de uma recém-amiga.

Não.

Isso já era demais.

Enquanto eu mexia no macarrão que fazíamos para o jantar, ela lavava a louça, tentando arrancar de mim qualquer sentimento ruim que morasse no meu peito.

Isabella era uma pessoa boa. Podia ver pelo jeito que ela cuidava de todos e sempre estava ligada no que acontecia ao redor. Ela parecia muito com Logan nesse sentido.

Ambos eram preocupados demais.

— Estou bem ali. Você precisa cuidar do Thommy, Bella. Já falamos sobre isso. — Desliguei o fogo, tampando a panela, e me preparei para mais uma rodada de Sebastian na minha vida.

Logo ele desceria para jantar, e nossa, como era bom me manter distante um pouco do seu olhar. O problema não estava nele. Para minha surpresa, ele estava sendo ótimo. O problema maior estava em mim, e nas minhas calcinhas.

— Como está sendo dormir com ele? — sua pergunta foi lotada de risadinhas.

— Nunca acordei em cima dele, então, acho que estamos bem.

— Eu não conseguia ver, mas hoje em dia, noto que ele sente alguma coisa por você. — Ah não, ela também não.

Eu sempre disse que não viraria uma menina iludida, e não vou virar.

— Ele não sente nada, para de ser doida — respondi, aproveitando para guardar as louças que já tinham sido lavadas.

Limpeza me acalmava, mesmo sendo uma coisa meio contraditória, já que eu era o poço da desorganização.

– Você também é sonsa, né? Como pode duas pessoas serem tão iguais. — Eu? Igual a ele? Lógico que não.

— Você gosta de mim, e nem gosta dele. Como explica isso então, gênia?

— Simples, você não me irrita como ele. Sebastian é controlador demais, rabugento demais, nesse aspecto vocês são diferentes. Mas em relação a relacionamentos, vocês são muito parecidos sim. — Bella se escorou na pia da cozinha, cruzando os braços, enquanto me observava guardar as panelas.

— Está me chamando de rodada? Porque aquele menino é um puto. Já viu a quantidade de gente que ele pegou? — questionei, sentindo meu pobre coração pesar.

Tinha que me apaixonar justamente por um galinha? Me diz? Não podia ser um menino mais bonzinho e calmo tipo o Noah?

Pelo que eu entendi, só teve uma garota na vida dele, e hoje ele era noivo dela. Se bem que não ia fazer a menor diferença, porque Sebastian nunca me escolheria.

— Não, estou te chamando de burra mesmo. Você se nega a ver o óbvio, se visse, essa história poderia ser muito mais curta. — Uhum. Tá bom.

Fomos retiradas do nosso papo quando um Logan muito animado entrou na nossa cozinha, todo suado, segurando a coleira do cachorro que eu podia jurar que sorria como ele.

— Max arrumou uma namoradinha enquanto corríamos juntos. — Esse coitado não conhecia a mulher dele?

Até eu já havia entendido que Isabella era o poço do ciúmes com os seus meninos.

— Não vai ter namorada coisa nenhuma. Max ainda é um bebê – resmungou. — Além do mais, essa namoradinha tinha algum humano como dono?

— Ele já tem quase dois anos, diabinha. Se o coitado não cruzar, teremos que castrá-lo. — O loiro piscou para mim, como se estivesse me mostrando como arrancava as coisas que queria da esposa. — E respondendo essa outra pergunta, os donos são um casal de idiosos, mas mesmo que não fosse, você sabe que não teria problemas porque esse pau é condicionado a foder apenas uma pessoa no mundo. Você.

Nossa. Super romântico.

— Hm... Tão bem adestrado, meu pirralho. — A diabinha do Logan abriu um pequeno sorriso satisfeito, mas logo ele se fechou. — Max não vai castrar, ele apenas não está na idade para esse tipo de coisa. Além do mais, se ele tiver filhos, eu vou querer ficar com pelo menos um deles, e nessa casa não cabe mais ninguém — rebateu, mostrando que sempre tem o marido na palma de sua mão.

— Mais tarde conversamos sobre isso. — Tradução: Mais tarde ele vai fazê-la gozar até as pernas dela tremerem, e daí ele vai tocar no assunto novamente. — E você, está bem?

— Uhum. Tudo ótimo, só estranhando um pouco os novos professores, mas nada demais. — Crownford era ótimo, e se eu pudesse escolher um lugar no mundo para morar, seria aqui.

Uma pena que a minha profissão não me possibilitava esse tipo de escolha.

— Sebastian está te tratando bem? — Meu Deus, mas quem eles achavam que Seb era?

Um monstro? Ele errou, mas eu sei que eu também errei.

Isso andava me incomodando demais. Todo mundo estava se preocupando tanto comigo que esquecia um pouco dele. Não queria que isso acontecesse.

Sebastian não era um vilão, mas também não era um herói. Ele era apenas um garoto perdido dentro de suas próprias escolhas, que não sabia lidar com seus próprios sentimentos.

— Ele é ótimo, Logan. Está lembrando dos meus remédios, e até mesmo no meu treino, ele está indo. Sebastian é um cara legal, você sabe disso. Se ele não fosse, não seria seu amigo há tantos anos. — O casal de Goldens sorriu cúmplices, mas não disseram nada.

Max — O verdadeiro golden dessa casa — latiu, chamando atenção, e logo foi solto da coleira, vindo até mim e me dando aquelas lambidinhas que eu amava.

— Olha, acho que cachorros gostam de você, amiga — Bella brincou — Acho que o Sebastian vai ser capaz de gostar também.

Eu gargalhei em resposta.

Essa garota era louca, mas porra, eu a adorava!



O jantar tinha sido tranquilo e, como sempre, ficar com Logan, Bella e meu irmão me tirou um pouco da minha própria mente. Era interessante ver como as coisas andavam funcionando entre todos nós.

Meu irmão e eu ainda não tínhamos tido uma conversa sincera sobre o que aconteceu no hospital, mas também não me sentia pronta para isso ainda.

Não quero lidar com aquilo agora, mal andava conseguindo lidar comigo mesma.

Escorei-me na cabeceira da cama enquanto rolava o aplicativo de fotos no meu celular, repassando algumas imagens antigas. A saudade não andava me consumindo tanto nos últimos dias, o que era estranho. Cada vez que me pegava pensando menos no meu passado, fazia questão de voltar para ele rapidamente.

Sinto que se matasse a minha dor, estaria matando todos eles no meu coração.

Se Callum estivesse ali, ele estaria tão puto comigo, tão decepcionado.

“O papel de ser o amigo depressivo é meu, você é a alegria em forma de gente”.

Mas eu não era. Nunca tinha sido.

Eu era feita dos sentimentos mais desoladores e abrasadores que existiam. Não sabia ser feliz. Às vezes, me perguntava como isso seria. Qual gosto teria? Mal me lembrava da última vez que eu tinha sorrido de verdade sem que estivesse de chuteiras e com uma bola no pé.

Estou tão cansada dessa porra.

Não queria ser feliz por poucas horas no dia, queria viver uma vida feliz e realizada, só não sabia como.

— Para de pensar em merda.

Sebastian saiu do banho, dessa vez já com a calça de moletom, mas sem camiseta. O cabelo estava molhado e derrubava algumas gotas de água em seu peito, o que fazia… Nossa. Como podia ser tão gostoso?

— Eu realmente deveria parar de pensar merda.

Como podia alguém gostar de coisas que faziam tão mal a ela?

Sebastian, para alguns, podia ser sinônimo de “homem dos sonhos”, mas era porque não viam como ele era perigoso. O homem tinha um corpo esculpido pelos deuses e um rosto simétrico que o deixava com aquela aura máscula. Tudo nele gritava poder.

Poder e dominação.

Ele se deitou ao meu lado e, sem que percebesse o que estava fazendo, me cobriu até os ombros, porque percebeu que eu sentia frio à noite, e me deu meu comprimido na boca, que engoli sem água mesmo, por costume.

Meu corpo reagiu, ficando mais quente, sem precisar que ele encostasse em mim.

O comprimido foi deixado com certa distância da minha boca, assim como o cobertor colocado de forma quase etérea, mas isso não importava porque, assim como no dia anterior, eu me sentia queimando por dentro.

Seb pegou o tablet em sua mesa de cabeceira e, assim, me deu uma visão incrível das suas costas, que me fez sentir uma parte muito específica minha molhar.

Ele era o tipo de pessoa que exalava sexo e coisas nefastas. O jeito que agia, que falava, que andava... Tudo era sobre sexo.

Não era à toa que tinha qualquer uma em sua cama.

Conviver, mas não poder ter aquele homem era tão cruel.

Na próxima vez que meu irmão dissesse que eu não me importava com ele, eu iria lembrá-lo da decisão de ter ido morar com o Sebastian. Ter feito isso foi uma puta prova de amor a ele e de ódio a mim.

Ele passou alguns minutos lendo algumas coisas no aparelho, concentrado e um pouco preocupado, fazendo minha língua coçar para perguntar o que estava acontecendo.

— Por que está bravo?

— Não estou bravo — sua resposta foi tão seca quanto o deserto do Saara.

— Está fazendo aquela cara de quando está bravo. — Sabia disso porque era sempre a feição que tinha quando eu fazia alguma merda.

— Não estou bravo — repetiu, arqueando as sobrancelhas, como se me alertasse para não irritá-lo.

Mas eu precisava irritá-lo porque desejá-lo não era mais uma opção.

— Anda, me conta. — Virei-me na cama e fiquei olhando para ele enquanto me cobria mais.

Seu olhar desceu até o meu, e eu percebi quando ele sorriu com o cantinho da boca de uma forma fofa.

— Não vou te contar nada, vai dormir — disse, ainda me observando com atenção.

Tirei meu braço debaixo do cobertor e, acidentalmente, meus dedos rasparam na sua barriga, fazendo uma coisa que ele não gostava: cócegas.

Sabia desse detalhe porque já o tinha visto brigando com Logan quando eram mais novos por conta disso.

— Vai, conta aí! Agora, somos amiguinhos. — Dei três cutucões de leve em sua costela, apenas para levá-lo até o limite.

— Jordan… — Era um aviso, mas eu ignorei.

— Por favor, vamos! Abre esse coração gelado para mim. O que está te afligindo? — Mais dois cutucões que, dessa vez, geraram alguma coisa nele, porque seu corpo reagiu.

— Para com isso, sério. — Mas ele não parecia nada sério.

Continuei, mas agora, estava fazendo realmente cosquinhas nele.

— Vamos lá, Seb!

Ele se contorceu, mas não sorriu.

— Eu vou me vingar, e você não vai gostar.

Duvido.

— Quero ver você tentar.

Eu já estava quase toda para fora da coberta, fazendo cosquinhas nele, que reprimia tudo, se concentrando em mim.

O calor voltou.

Puta merda.

— 1… — Eu não iria parar. — 2… — Não tinha medo nem da morte, iria ter medo do Sebastian? — Eu avisei, sua arrombada.

— Ei. Para a sua informação, eu sou bem apertada.

Quando dei por mim, estava me contorcendo na cama e gargalhando enquanto aquele cretino filho da puta me fazia cosquinhas.

Suas mãos estavam em todo lugar, seu cheiro me consumia de um jeito gostoso e eu só pensava que no meu rosto, daquela vez, tinha lágrimas, mas não eram de tristeza.

Não me sentia triste agora, não me sentia triste com ele.

Minhas mãos tentaram acertar seus braços e suas costas, mas logo foram imobilizadas por ele. Meu sorriso morreu assim que entendi como estávamos.

Sebastian estava em cima de mim, segurando minhas duas mãos com apenas uma dele, já que tinha se sentado em cima do meu quadril com as pernas abertas, para que as minhas pernas ficassem imobilizadas também.

Naquele momento, eu era dele.

E me sentia tão bem.

— Você é doidinha para dar para mim, não é?

Retirava o que eu tinha dito. Que moleque idiota!

— Ai, cala a boca! — Tentei me desvencilhar dele, mas ele não deixou.

— Não negou.

Mas que caralho!

— Você é gostoso, Sebastian. Qualquer uma quer dar para você.

Aquele idiota nem sabia como era uma rejeição.

— Não é todo mundo, não. — Sua mão livre desceu para a minha cintura, me arrepiando. — Quem diria que você teria tesão em mim.

A voz dele não era brincalhona, era séria. Era predatória.

— Eu tenho tesão em você, mas jamais faria algo a respeito disso.

Sua mão grande subiu para o meu pescoço, me dominando.

Ele não gostou da minha resposta.

— Sabe qual é o seu problema, sua desgraçada do caralho? — Nem respondi. Meu coração batia tão rápido que parecia que iria explodir o peito. Que tesão do cacete! — Educação.

— Sou muito educada.

Menos com ele. E Sebastian lá merecia a minha educação?

— E gostosa. — O polegar dele foi até a minha boca, contornando meus lábios, que pareciam agradá-lo, me dominando mais no processo. — E linda. — Ofeguei quando a ponta do seu dedo tocou a pontinha da minha língua. — E talentosa pra caralho. — Contornou a minha mandíbula, como se ele tentasse decorar minha face do seu jeito.

Fiquei tão imersa nele, que deixei de me importar com a nossa proximidade e como aquilo tudo era louco. Só foquei nele.

— Só te falta modos.

Engoli em seco com suas palavras e tons tão duros.

Ele me achava linda?

Ofeguei, sentindo minha respiração desregulada. Seus olhos ainda estavam por todo lugar, mas se fixaram na minha boca. Era

quente, fazia minha boceta se apertar, dolorida. Queria implorar por um beijo, queria tanto que chegava a doer.

Mas não pedi. Não podia pedir nada a ele.

Se Sebastian tivesse mais poder sobre mim, ele poderia me quebrar de uma maneira irreparável, e eu não podia fazer isso comigo. Por mais que eu quisesse muito que ele me destruísse, no fundo, sabia que não podia deixar isso acontecer.

Sentir saudade da minha família já me consumia o suficiente, não sabia como eu lidaria com a saudade dele. Lidar com a falta de alguém que você nunca teve era imensamente mais fácil do que lidar com a falta de alguém com quem você compartilhava memórias.

Hoje eu sofria por não ter nada, mas podia ser que, se eu deixasse, um dia, eu sofresse por ter tido tudo.

— Vamos dormir antes que eu faça uma merda — murmurou, saindo de cima de mim e me deixando com um sentimento muito parecido com o de abandono.

Eu ainda estava ofegante e completamente desnorteada quando ele apagou a luz e se deitou depois de me cobrir.

Foi como encontrar a luz no fim do túnel, mas perdê-la de vista em poucos segundos.

Ele ainda era ele.

Eu ainda era eu.

E, justamente por isso, ele nunca iria me amar.

Já estava doendo. Ele só tinha me dado migalhas, e já estava fazendo meu coração doer.

— Você provoca muitas coisas em mim, JJ — sussurrou, virando-se para mim e me tirando dos meus pensamentos.

— O quê? — perguntei baixinho para ele.

Era como se estivéssemos dividindo um segredo sujo.

— Não sei. — Engoliu seco. — Estou nervoso, meio ansioso.

— Agitado? — Soltei no ar, tentando entendê-lo. Uma fagulha de esperança se acendeu em meu peito.

Esperança para pessoas como eu era algo tóxico. Não podia acreditar no que ele estava me dizendo, ele nunca seria capaz de me amar. Nunca.

— Sim. — Meu coração parecia que iria sair pela boca. — Acho que fazia meses que eu não me sentia tão bem quanto agora com você.

— Seb... O que está tentando me dizer?

Porra. Porra. Porra!

— Que eu sinto coisas estranhas quando eu estou com você e que você não está sozinha. Eu sinto vontade de te foder tanto quanto você tem vontade de me dar. E eu não deveria, mas está foda.

Cheguei a cruzar minhas pernas para controlar minha boceta que, àquela altura, já estava se derretendo em tesão.

— Não entendi. — Fiz-me de sonsa. Era quase uma especialidade.

— Você entendeu, que eu te conheço. Não vou repetir.

— Você... Me quer? — perguntei, só para ter certeza de que eu não estava alucinando.

— Tanto quanto você me quer, pelo que pude perceber.

Por que ele estava fazendo aquilo?

E seria tão pior do que da última vez...

Eu estava de frente a um precipício.

A altura me fascinava.

A adrenalina me consumia.

Olhei para o que podia me matar com uma curiosidade preocupante.

— Os Azzaro dizem que todo mundo tem um amor, basta que nós o encontremos. — Senti minha barriga gelar diante das suas palavras. Não eram borboletas, era medo. — Seria muito louco se você fosse o meu. A minha inimiga, a pessoa que conhece o meu pior. Você sempre esteve ali, ao mesmo tempo que sempre tentava, a todo custo, fingir que não existia. Sempre me irritei com a quantidade de coisas que você me fazia sentir e, hoje me pergunto se não entendi tudo errado. Se, na verdade, um amor verdadeiro não é calmo porra nenhuma. Às vezes, ele é uma tormenta, um furacão que arrasa com tudo. — Seus dedos tocaram os meus por debaixo da coberta e, quando eu vi, estávamos de mãos dadas. E é uma delícia, era um sonho. — Não estou conseguindo repelir essa tormenta, JJ.

Esse era o problema.

Eu nunca tive medo de altura.

Nem mesmo de morrer.

E foi sorrindo que eu pulei do penhasco.

— Não precisa repelir, eu sempre lidei bem com destruições, Seb.

Estava flutuando rumo ao fim inevitável.

Porque ele viria... E iria doer.

Iria doer.

Iria me arrebentar.

Mas, enquanto o fim não chegasse, eu iria despencar sorrindo.

— Esse é justamente o nosso problema. Você sempre lidou com destruições, e está na hora de lidar com coisas bonitas e suaves. — Ele ainda estava sério. — Não posso te destruir, eu tenho que te salvar, JJ. — Tomei um susto quando ele me puxou para ele e me deu um beijo na testa. — Vamos dormir, você precisa descansar. Boa noite, princesa.

O Sebastian.

O Sebastian me deu um beijo na testa.

Estava tão perplexa que não consegui dizer nada, apenas me virei para o outro lado e tentei dormir, fechando meus olhos.

Eu já havia encontrado o meu amor e pela primeira vez em anos, uma esperança quente se derreteu em meu corpo, porque senti que ele estava me encontrando também. E, mesmo sabendo que não éramos certos um para o outro, eu me permiti cometer mais aquela loucura.

Nunca gostei de coisas que me faziam bem, não seria agora que isso mudaria.



INSANIDADE

Sebastian Sinclair

Que porra tinha dado em mim?!

Era a única coisa na qual eu conseguia pensar quando abri meus olhos naquela manhã.

Será que tinha sido a risada dela que me deixou tão idiota? Ou o semblante inocente com aqueles olhos dissimulados debaixo da coberta que me atordoaram?

Não tinha como aquilo estar acontecendo comigo.

Não era possível.

Para completar, ali estava eu, acordando com uma garota, com o peso de um grilo falante, sobre o meu peito e, em vez de me sentir desconfortável com isso, como sempre me senti porque odiava dormir de conchinha ou abraçado com alguém, eu me sentia bem.

Eu acordei me sentindo bem.

Havia passado anos ignorando completamente a tormenta que ela provocava em meu peito para, no fim das contas, sucumbir ao

som de uma simples gargalhada.

Os cabelos trançados de Jordan estavam por todo o meu torso, assim como seu corpo estava sobre o meu, mas eu não me mexi. Ela era tão pequena, que ficava ainda menor no meu colo. E isso me dava uma sensação abrasadora de completude.

O que porra eu estou pensando? Olha essa merda! Nunca fui dado a ter esse tipo de pensamento antes.

Jordan ainda dormia em um sono profundo, enquanto eu ia entendendo a dimensão da merda na qual eu estava me enfiando.

Não era só a beleza dela, não era só tesão. Era mais. Bem mais.

Era… paixão?

Não podia ser.

Era tesão.

Era o comum.

Tinha que ser o comum.

Eu ia me foder se não fosse o comum.

Eu me sentia atraído pela Jordan, e ela não mexia apenas com o meu corpo, mas com partes minhas que eu havia enterrado há tantos anos que eu achava que nem existiam mais.

Não pode ser.

Eu não posso fazer isso.

Eu nem tenho motivos para me apaixonar por ela.

Ainda estava tentando entender os meus pensamentos quando fui retirado deles abruptamente pela menina que, praticamente, tentou voar do meu abraço. Mas eu não deixei, óbvio.

Eu a tinha mandado sair dali? Não tinha.

— Desculpa — foi a primeira coisa que ela disse.

Revirei os olhos em resposta aos seus movimentos meio tempestuosos.

Ela estava com vergonha e tudo bem, eu entendia isso. Não tínhamos intimidade para estarmos daquele jeito, mas eu precisava entender algumas coisas. Principalmente, entender coisas relacionadas a ela.

Estar com ela estava aliviando uma dor que eu sentia há anos. Nada tinha sido capaz de amenizar isso. Nada, nem ninguém.

Mas então, ela estava amenizando.

Ela estava me completando.

Isso é tão fodido, mas eu não consigo parar.

— Fica aqui — pedi, abraçando-a mais forte e beijando seus cabelos.

— Sebastian? — soou quase como uma pergunta.

— Hum?

O que será que ela passa no cabelo? É cheiroso. Parece com coco e maresia. Definitivamente, envolve algo com praia.

— Que porra você tomou? Está se drogando? Bebendo? Pirou de vez?

Recebi um tapão daquela infeliz que não sabia nem mesmo aproveitar o acalento do meu abraço.

— Estou te abraçando. Não vai te custar nada ser um pouquinho mais amorosa.

Já disse como ela cabe direitinho nos meus braços?

— Sebastian…

Porra, ela não sabe ficar quieta? Parece uma lombriga se mexendo em cima de mim.

— Hum?

Será que esse cheiro sempre esteve aqui, e eu que nunca percebi? Ela é bem cheirosinha.

— Me solta! — Agora tinha parecido com os sinos do inferno tocando. Ela era cheirosa, mas a voz de taquara rachada era chata pra caralho. — Agora, porra!

Mas o que ela não percebia, é que eu já tinha afrouxado meu abraço, quem estava ainda no meu colo era ela.

Ela gostava de estar aqui também. Só acho que, assim como eu, ela não poderia gostar.

— Ah, garota! Eu lá tenho medo de berro e xingamento?

Espera aí, ela tinha me mordido?!

Ela não tinha feito isso. Não era possível.

Bem no meu antebraço esquerdo. Que filha da puta!

— Controle-se, estressadinha. — Segurei-a ainda mais forte. Doeu de verdade aquela mordida. — Esqueceram de dar o seu calmante no hospital?

— Vai tomar no cu, Sebastian.

Estou tomando no cu. Ela não percebe como estou sendo arrombado agora por toda essa avalanche de sentimentos tempestivos? Ela não percebe que eu estou começando a pirar por causa dela, sem conseguir controlar mais porra nenhuma?

Quando ela menos esperava, uma das minhas mãos foi até seus punhos, segurando-os em suas costas, e outra, em suas tranças, na parte da nuca, segurando-as de modo que seu pescoço ficava completamente à minha mercê. Não hesitei na hora de fincar meus dentes bem de leve em um ponto abaixo da sua orelha direita.

Foi instantâneo. Ela parou. Ela gemeu. E eu acreditava que o meu mundo tinha parado naquele mesmo instante, tudo porque meu

coração acelerou.

Ele pulsou como se nunca tivesse parado, como se nunca tivesse morrido.

Ela suspirou.

Eu também.

Ela se aninhou em mim.

E eu… Me senti bem.

Bem, não. Eu me senti vivo.

Não pode ser.

— Seu coração está acelerado — constatou, já mansa.

Por debaixo de toda aquela atitude, tinha uma boa garota. Eu sabia que tinha. Estava vendo-a agora mesmo.

— Está — concordei. — Nós estamos entrando em problemas, não estamos?

O que eu estava sentindo era algo grandioso, violento, visceral.

Era de tirar o fôlego.

Era perigoso.

— Estamos... — sussurrou, mas não se mexeu.

— E não vamos parar, não é?

— Não, Seb. Nós vamos jogar. Não é isso o que sabemos fazer de melhor?

É, sabíamos fazer isso como ninguém.

O que eu estava sentindo naquele instante, por alguma razão que desconhecia, me levou até o dia em que vi minha neném pela primeira vez.

Eu tinha caído de quatro por ela. Era um momento triste, tinha passado meses sem amá-la. Na verdade, passei meses odiando a

ideia de ela existir. Não era certo, não era o momento, não era para ter acontecido.

Mas então, ela nasceu. Tão triste, como tudo o que envolveu a vida dela. Acreditava que ela chorava de saudade. Ou talvez, chorasse de angústia. Podia até chorar por se sentir sozinha e assustada.

O choro dela fez meu coração ruim e egoísta vibrar. Senti-me vivo no momento em que entendi que a amaria pelo resto da minha vida. Ela era a minha família.

De alguma forma muito estranha, JJ me dava a sensação de família. De casa.

Era abrasador e reconfortante ao mesmo tempo.

Era como uma lareira queimando na noite de Natal, em uma casa bonita e arrumada.

Em um estalo, percebi que não queria perder aquilo ali também. Não sabia o que fazer, nem mesmo como explorar aquilo, mas de alguma forma, eu precisava porque queria viver aquela tormenta de emoções que estava se construindo dentro de mim.

O que não era nada, naquele momento, parecia ser tudo.

Era como olhar para a claridade depois de estar cego por anos.

Era como conseguir respirar depois de ficar submerso por um longo tempo.

Eu nunca salvava ninguém, mal me importava com as pessoas. Mas ela, eu sentia que precisava salvar. Salvando-a, era como salvar a mim mesmo.

Não podia quebrar o coração de uma garota que nem tinha mais o colo da mãe para chorar. Ou o melhor amigo para desabafar.

Ou o pai para protegê-la.

Eu não podia ser um cuzão com ela.

Ok, eu não deveria ter sido um cuzão com nenhuma das garotas que se apaixonaram por mim antes, porém eu nunca tinha dado esperanças a elas. Nunca fui romântico ou carinhoso, nunca disse que meu coração acelerava quando elas me tocavam. Elas não me deram a sensação de casa, era mais como férias. Divertido no começo, mas logo ficava entediante.

Meus próximos passos deveriam ser cirúrgicos. Estava ali para cuidar da Jordan, não para machucá-la.

E era exatamente isso o que eu iria fazer.

Não iria me precipitar, não iria brincar com ela. Eu iria tentar ser o melhor, porque ela merecia o melhor. Mas com cuidado, com calma e, principalmente, com certeza do que eu estava fazendo.

Estava brincando com algo perigoso. Era como estar subindo a porra de uma montanha, mas atrás de mim, tinha um precipício tão alto quanto assustador.

Eu não iria pular, iria subir.

Eu iria pelo lado seguro.



— Quem é vivo sempre aparece! A que devo a honra da sua ligação, capitão?

Existiam quatro pessoas no mundo que me conheciam absolutamente de cor.

Logan.

Matteo.

Noah.

E ela, a minha ruiva.

Harmony Fallon Healy, a pessoa que eu já quis muito que fosse minha futura esposa e mãe dos meus filhos, mas que nunca chegou nem perto de me amar, como eu a amei.

Não que eu a amasse também.

Eu nunca senti tal sentimento grandioso por nenhuma mulher.

Acho que inclusive, se tivesse amado, eu teria parado aquele casamento. Mas não parei, eu só deixei que ela se fosse.

— Acho que tenho um problema — murmurei, desviando do meu grupinho, que estava almoçando todo junto no gramado na faculdade.

Jordan não podia escutar aquela conversa.

— *Me deixa adivinhar...* — soou pensativa, mas de uma forma dramática. — *Seu problema se chama Jordan Lewis. É linda, sempre te deixou louco, e agora está vivendo sob o seu teto.*

— Como você... — Claro que ela sabia. — Redes sociais.

Jordan adorava aqueles negócios.

— *Está espertinho hoje. O que aconteceu?*

Como era atrevida.

Antes isso fazia o meu pau pulsar. Agora eu só sorrio.

Meu pau pulsa quando eu olho apenas uma pessoa sorrir.

Ela era realmente de tirar o fôlego.

Queria foder a Jordan. Não a dos meus sonhos, mas aquela ali, que sorria de forma maliciosa, que me tirava do sério, que estava sob os meus cuidados. Eu a queria embaixo do meu corpo,

suando e pedindo por mais. Eu a queria gemendo o meu nome enquanto me enterrasse nela profundamente.

Eu a queria.

E o mais preocupante era que eu achava que nunca quis tanto alguém antes.

— *Você está babando por ela agora mesmo, não está?* — indagou, soltando uma risadinha, o que me puxou para a conversa novamente.

— Não sei o que está acontecendo comigo, ruiva. — A saliva desceu rasgando na minha garganta. — Não posso quebrá-la, Jordan é sensível.

Será que aquilo era só tesão?

Não era. Tesão era o que eu sempre senti por todas as mulheres que passaram pela minha cama. Aquilo ali era diferente, chegava a ser dolorido.

Meu desejo ia além de meter nela. Eu sentia necessidade de possuí-la, de tê-la, de cuidar dela.

Que porra você está fazendo comigo, Jordan?

— *Quantas vezes você se preocupou com o coração de alguma garota, além do seu próprio?*

Nunca. Eu nunca tinha me importado com nenhuma delas.

— *Sabe por que eu nunca dei nenhuma abertura para você me conquistar, capitão?* — Eu sempre soube que ela era ciente dos meus sentimentos, eles apenas não eram algo sobre o qual falávamos. — *Você nunca me quis, mas sim buscou uma ideia. Eu era tudo o que você deveria querer, contudo também era aquilo que nunca te deu desejo o suficiente para te fazer lutar por mim.*

A verdade doía, mas não essa. Essa me acalmava.

Era verdade.

Eu queria a líder de torcida. A boa menina. A quieta e submissa, Harmony, que nunca me faria passar vergonha ou me deixaria tão louco a ponto de surtar a qualquer momento.

Ela seria perfeita para mim e para o meu império.

— *Você não parou o meu casamento.*

— Não sou esse tipo de cara. — Não era o tipo de cara que pararia casamentos por paixões lotadas de expectativas de pais tão perfeccionistas como os meus.

— *O que você faria se ela ficasse com outro cara?* — Só o pensamento me fez bufar. — *O que você faria para não vê-la sofrer mais, Seb?*

— Tudo. Eu faria tudo. — Senti nos meus ossos a coragem de dar o mundo para ela. Não era o que eu estava tentando fazer agora, no fim das contas? — O que eu faço com tudo isso que estou sentindo?

O que eu faço agora que a quero?

Eu estava encarando a porra do precipício no momento, com muita vontade de pular.

Eu não era o cara dos sonhos de ninguém, era o cara com quem elas ficavam antes de encontrar com o cara dos sonhos. Eu era o erro, o coração partido, e por mais que eu não quisesse esse posto, estava confortável com ele.

Eu iria desgraçar o que restou do coração da Jordan e iria me arrebentar no processo.

Estava a observando comer quando ela pareceu sentir o meu olhar e me encarou de volta. Isso que era foda. O jeito que ela sorriu me mostrou que ela já tinha pulado, e eu só precisava segui-la.

— *Pegue a garota, capitão, e não a deixe se perder.*

Ainda estava enfrentando os seus olhos bonitos quando vislumbrei a verdade à qual nunca quis enfrentar.

Eu era um homem imperfeito que nunca coube no coração de ninguém. Agora sabia que só me encaixava nela. Acreditava que tinha sido feito para ser dela.

Já me sentia perdido...

Nela.

Na sua boca.

Nos seus olhos.

Na sua respiração.

No seu cheiro.

Estava perdido nela.

E foi assim que eu pulei do precipício.

E foi delicioso.



PEDIDO

Jordan Joy Lewis

Sebastian tinha se jogado.

Sabia disso porque agora, além de demonstrar todo o cuidado comigo, ele também estava carinhoso, o que chegava a beirar a insanidade.

No dia anterior, eu estava escovando os dentes, e ele me deu um beijo na bochecha. Simples assim, como se não fosse nada demais. Sebastian carinhoso não era algo tão estranho, o problema maior era o Sebastian carinhoso comigo.

Comigo!

Dava para acreditar em uma loucura dessa?

Pouco mais de uma semana dormindo e acordando do meu lado, e aquele ser das profundezas parecia completamente diferente do que já tinha sido comigo. Agora não eram só os meus remédios e o meu pré-treino que ele me entregava, mas sim a refeição

completa, inclusive, era o que eu estava observando-o fazer agora, tentando entender o que passava na cabeça dele.

Todos os sinais mostravam que Sebastian estava se apaixonando por mim. Tipo, impossível, certo? Então deveria ser alguma confusão daquela mente deturpada.

Ele colocou um scoop de whey na mistura de panquecas enquanto sussurrava uma música qualquer, sem camisa e com os cabelos uma bagunça, o que me agradava bastante. Era lindo vê-lo assim e, como sempre, deixei que eu me perdesse nele por um breve momento.

Era delicioso viver na ilusão, fazia com que a vida parecesse um pouco melhor.

— O que está pensando? — murmurou o cretino, irritantemente feliz naquela manhã.

— Tentando entender o que está acontecendo entre nós.

Seu sorriso só me mostrou que a paciência dele estava boa, o que era um milagre. Pensando bem, fazia dias que eu não via o Sebastian resmungar, nem mesmo reclamar de nada. Realmente, esse garoto estava estranho.

— Até que você é legalzinha.

Revirei os olhos. Por que ele tinha que ser tão idiota?

— Parei… Parei— ele falou, rindo. — Não tem muito o que entender, eu acho. Sinto coisas por você. Atração e…

— Até aí, nada de novo. Você sente atração por qualquer pessoa do gênero feminino — retruquei, cortando sua linha de pensamento e batendo a ponta dos dedos na bancada de pedra da cozinha.

Cadê todo mundo dessa casa? Está uma paz esquisita aqui.

— Não é verdade — rebateu, colocando um pouco da massa da panqueca na frigideira. — Nunca me senti atraído pelas namoradas dos meus amigos.

Arqueei as sobrancelhas, porque eu tinha fontes seguras que me afirmaram que ele já até havia feito um ménage com Logan e Isabella. Aquele puto do caralho.

— Ok, eu nunca me senti atraído pela Zoella e pela Liz.

— Você é nojento.

Sempre foi.

Não sabia onde eu estava com a cabeça quando achei que aquele homem poderia ser o meu homem dos sonhos. Ele nem mesmo conseguia manter o pau dentro das calças.

— Vai começar com isso? — Foi a vez dele de arquear as sobrancelhas. — Sou sexualmente ativo desde que nos conhecemos.

— Ah, eu sei bem. — Tinha memórias de cada vez que ele apareceu com alguma garota na minha frente. — E não deixa de ser um puto por isso. Isabella já me contou que você ficou com metade daquele campus, e eu te vi com a babá da Emma na noite do Hamilton´s.

Eu não era uma pessoa muito ciumenta, mas também não era de ferro. Pensar na quantidade de boceta que ele já tinha comido me subia uma raiva que eu mal conseguia explicar.

Odiava me sentir assim.

Odiava.

— Você vive pegando gente, JJ. Está pirando com isso agora por quê?

Porque eu te amo, inferno! É por isso.

— Porque eu sou doida, não sabia, não? Eu tento pular de lugares, tomar pílulas e outras milhares de coisas que eu não deveria fazer. — Por exemplo, querer que você beijasse minha boca com essa mesma boca que já tinha passado pela metade do campus.

— Não faça piada com isso. E para de dizer que é louca, você não é — bradou, virando a panqueca, já puto. — E outra, não precisa ter ciúmes, eu não vou ficar com mais ninguém.

O quê?!

— O quê?! — praticamente berrei.

— Fala baixo, porque são cinco e meia da manhã e ninguém acordou ainda. — Ah, então, as crianças tinham dado um sossego? Era uma manhã de milagres mesmo. — Não vou ficar com mais ninguém.

— Por... — cheguei a gaguejar. — Por quê?

— Porque eu só vou ficar com você — explicou, como se não fosse nada, como se fosse óbvio.

E a sua resposta nem expressava dúvida, era uma afirmação.

Ele estava só fazendo o favor de me contar.

Como podia alguém no mundo ser tão pau no cu quanto ele?

— E como você pode ter tanta certeza disso? — questionei bem atrevida, do jeitinho que ele odiava.

— Vai me dizer que não acorda todos os dias e logo toma um banho porque não quer dar para mim? — insinuou, colocando as panquecas no prato, e logo veio até mim, ficando atrás do meu corpo. — Nega que acorda toda melada para mim, JJ. Quero escutar da sua boca que você não tem vontade de que eu meta nessa boceta até tê-la cheia com a minha porra.

Caralho...

Como alguém podia ser tão babaca e tão gostoso?

Não consegui nem negar, porque minha boceta se contraiu e meu corpo inteiro se arrepiou, sentindo seu hálito no meu pescoço. Não podia dizer que o infeliz era lento. Aparentemente, aquele idiota era bem resolvido. Não sabia quando tudo tinha mudado na sua cabeça, mas parece que Sebastian estava decidido a entrar na minha calcinha, eu só tinha que deixar. Simples assim.

Simples? O que tinha de simples naquilo ali? Nada!

Não tinha nada de simples naquilo.

Ele iria querer minha boceta, e eu iria querer que ele ficasse com o coração de brinde. Mas eu conseguiria dizer não?

Arfei. Abri e fechei a boca. Fiz qualquer merda, menos negar o que ele tinha acabado de dizer.

Por que eu tinha dito que ele não precisava repelir aquela porra de tormenta algumas noites atrás? Eu não tinha amor pela minha própria vida, realmente.

— Eu sei, princesa. — Tirou minhas tranças dos meus ombros e as segurou com a mesma delicadeza de um cavalo. — Sua boceta está dolorida neste momento, pedindo por algo que eu até poderia dar.

Uma mordida no pescoço e eu soltei um gemido constrangedor, o que só o fez rir.

— Mas não vai receber — completou.

— Sebastian. — Soltei outro gemido.

— Pede, princesa. — Lambeu-me até chegar na minha orelha e mordeu o lóbulo com uma calma que eu até estranhei. — Pede que eu te dou.

Sabe qual era o problema do Sebastian? Ele, às vezes, esquecia que eu era eu.

Eu podia até cair daquele penhasco sorrindo, mas eu iria levá-lo junto. Afinal, eu era doida, não burra.

— Sebastian... — Peguei sua mão livre e a trouxe para a minha boceta, que estava coberta só pelo shortinho do meu pijama. — Está sentindo como estou úmida? — Ele grunhiu em concordância, enfiando o rosto no meu pescoço. — Sabe quando terá isso aqui para você? — Deus, meus bicos dos seios quase furavam o tecido fino da minha blusa enquanto ele massageava minha boceta despretensiosamente. — No dia em que aceitar uma consequência minha.

Antigamente, em nossas festas, sempre jogávamos verdade ou consequência. Eu sempre pedia consequência a ele, e ele sempre me pedia verdade.

Era uma coisa nossa, um jeito de implicarmos um com o outro.

Inclusive, foi em um desses jogos que eu descobri que ele era apaixonado pela Harmony. E também foi em um desses jogos que tomei minha primeira suspensão na escola.

Não tinha sido uma boa ideia ligar para a diretora do colégio no meio da noite.

Bons tempos.

— Minha mão chega a coçar para bater nessa sua bunda magrela, Jordan — confessou, puto.

— Verdade ou consequência, *príncipe*?

Como eu odiava esse apelido, mas eu não podia fazer nada se ele que tinha começado com essa merda.

Nunca entendi o porquê, mas um belo dia na escola esse idiota começou a me chamar de princesa, toda vez que se dirigia a mim. De maneira irônica, é claro. E eu só entrei na onda.

— Ainda se lembra dessa merda? — devolve, abaixando a mão até minha coxa. E, nossa, a palma dele quase a cobriu por inteira.

— Ainda me lembro de tudo.

Cadê a garota durona?

Ela está com tesão. Me deixa, Callum!

— Então pode voltar para a sua vidinha de puto. Sem consequência, sem negócio fechado. — E, quando eu achava que ele iria me mostrar uma carranca, fui agraciada com um sorriso, depois que ele me virou no banco e entrou no meio das minhas pernas. — Então, verdade ou consequência?

— Consequência — sussurrou, colocando uma das minhas tranças atrás da minha orelha. — Sempre consequência.

Aquela fala era minha. Ele ainda se lembrava.

— Te desafio a me levar a um encontro. Mas não qualquer encontro que já tenha levado alguém, precisa ser inesquecível.

Suas mãos subiram até minha cintura, me arrepiando.

— Primeira coisa, eu nunca levei nenhuma garota a um encontro. Eu transo casualmente e apenas casualmente. Segunda coisa, eu não precisava ser desafiado para fazer isso por você. Quero te levar a um encontro, só achei cedo demais para pedir. E, por fim… — Seu rosto ficou mais próximo do meu, e nossa, achava que eu nunca tinha ficado tão perto do Sebastian antes —, qualquer coisa comigo será inesquecível, *princesa*.

Até engoli em seco.

Eu estava tão mole naquele momento que poderia me desfazer nos braços dele.

— Achou que isso iria me parar?

Para ser sincera, sim.

— Nunca leva ninguém a encontros. Achei que eu…

Seu polegar circulou minha boca, me fazendo parar de falar.

Ele gostava mesmo da minha boca.

— Para de se comparar com os outros. Você é única.

Papinho furado. Mas que eu estava caindo como uma tonta mesmo assim.

— Te pego na sexta, depois do treino. Vai com uma roupa leve e faça uma mala. Separe um vestido de festa.

Qual era o problema dele com aqueles pedidos?

Mala?

Vestido?

Sebastian era tão megalomaníaco que iria causar naquele encontro. Como eu poderia esperar algo diferente?

— Isso não foi um pedido, querido. — Cerrei meus olhos, cruzando os braços.

— Seja boazinha. Estou te levando para um encontro, querida — encerrou o assunto, se afastando de mim para pegar o café.

— Gostei que me chamou de querida, bem melhor do que princesa ou desgraçada — confessei, dando uma garfada nas panquecas que estavam deliciosas.

— Bom saber — murmurou, comendo também, mas sem tirar os olhos de mim. — Jordan?

— Hm? — Encarei o sapo, sentindo uma euforia bizarra por dentro.

Meu Deus, aquilo estava mesmo rolando?

— De qual flor você gosta?

Eu sorri parecendo uma idiota diante de suas palavras e as borboletas no meu estômago fizeram até cócegas.

— Gosto disso. — Ele apontou para o meu rosto. — É um tesão te ver brava, mas sorrindo... Porra, é lindo.

Minha adolescente interna teve vontade de dar gritinhos. Puta merda!

— Obrigada. — Limpei minha garganta. — Ahm, eu gosto de tulipas.

— Tulipas? — Seb sorriu ainda mais.

— Brancas. Sempre foram minhas favoritas. Meu pai dava para minha mãe e enfim, sempre gostei.

— São minhas favoritas também — murmurou, meio envergonhado.

— Gosto quando fica com vergonha — confessei, sentindo aquela vontade de ligar para o meu melhor amigo e berrar na orelha dele que isso ali estava realmente acontecendo. *Porra, Callum, você precisava estar aqui!* — É bem fofo.

— Quantas coisas gosta em mim, JJ? — A pergunta me fez encolher no lugar. — Porque eu gosto de ver você treinando. Nunca vi alguém tão focada quanto você. E adoro ver você com o Thomas. Não sabia que gostava de crianças.

— Ser mãe é o meu maior sonho. — Engoli a panqueca em seco.

Porque eu queria mesmo ser mãe.

Mãe de um filho dele, ainda por cima.

Eu sou uma idiota, por Deus.

— Sério? Pensei que era o futebol.

— Eu sempre tenho esse sonho, onde um menininho pula em cima de mim em uma cama, me chamando de mamãe... E desde então, eu o quero. — Dei de ombros, excluindo a parte que o menininho tinha os cabelos negros e compridos, iguaizinhos aos do Seb. — Futebol é a minha profissão, mas eu quero muito ter a felicidade de segurar aquela criança nos braços.

Os olhos dele ficaram tristes, e logo eu me toquei que ele já teve uma felicidade como aquela. Senti-me uma idiota completa no mesmo segundo.

— Desculpa, Seb, eu não queria... Eu tinha mesmo que estragar tudo.

— Está tudo bem, JJ. Eu ainda quero ter filhos. Quero muito. — Sua feição ficou mais aliviada. — Ficar olhando para você me dá umas vontades de dizer umas coisas tão estranhas.

— Tipo o quê?

— Onde você esteve esse tempo todo? — suspirou, ainda me observando. — Você parece tão perfeita para mim, que chega a me assustar.

Eu sempre estive ali, só ele que nunca tinha sido capaz de me ver.

— Perfeita? Sebastian, eu sou tudo, menos perfeita.

— Por isso eu disse que é perfeita para mim. — Seus olhos sugaram os meus, e nossa, o que eu vi ali me arrebatou. — Acho que você vai ser o meu carma, querida.

Soltei uma risadinha.

Achei que eu já era.

— Você vai ter o poder de quebrar o meu coração e o mais louco de tudo isso, é que eu vou deixar. — Isso simplesmente matou o meu sorriso. — Você ainda vai quebrar o meu coração.

— Acho que *você* vai quebrar o meu. O cretino aqui é você — rebati.

— Eu sei, mas a desgraçada é você.

Ele não sabia de nada.

Sebastian já tinha o meu coração e o tinha quebrado tantas vezes sem nem fazer ideia disso.



— Meu Deus, eu não consigo decorar os nomes das irmãs do Matteo — sussurrei no ouvido do Seb, meio atordoada com toda aquela gritaria.

Eles pareciam querer falar um em cima do outro, e eu não entendia nada, mas pareciam que estavam discutindo algo sobre o Natal, sendo que ainda estávamos no meio de agosto.

— Stella é a mais velha. Ela está sentada do lado do marido, o loiro, que se chama Harry.

Certo, então era ela que se sentava ao lado da mãe do Matteo. Não era a que estava do lado do suco, que era justamente o que eu queria que alguém pegasse para mim.

— Antonella vem depois. O marido dela é o grandão, que se chama John. Ambas têm bebês, o Henry da Stella e a Kate da Antonella.

Eles já eram uma multidão e ainda faziam filhos.

Entendi. Os Azzaro queriam ajudar a lotar ainda mais o mundo.

— Depois vem a Donatella e a Isabella. Sempre que quiser ver a diferença entre as duas, pede para que conversem com você. A que xingar como um caminhoneiro é a Donatella.

— Ou a que estiver beijando o gostoso do seu treinador, com todo respeito a ela. Meu Deus, que homem lindo!

Sebastian segurou na minha coxa e a pressionou, exibindo uma carranca que me fez sorrir.

— Ciúmes?

— Ele é casado. Além do mais, achei que tínhamos combinado que não sairíamos mais com outras pessoas.

— Correção: você disse que não ia mais sair com ninguém, eu não disse nada.

— Ah, então, você vai?

E eu lá era doida?

— Não sei. O que vai fazer comigo se eu beijar alguém na sua frente? — Sorri com toda malícia que havia no meu ser.

Sua mão me apertou ainda mais.

Mão pesada da porra.

— Vou querer te beijar até você entender que não vai encontrar em ninguém o que encontra em mim. — Seu rosto estava até vermelho enquanto ele grunhiu baixinho a sua resposta.

— Tão possessivo assim? — Uma risada irônica escapou dos meus lábios. — Não achei que ligasse para monogamia.

Se bem que eu me lembrava de ele nunca ter ligado para isso antes mesmo. Cansei de ver as garotas caírem na cama dele e,

logo em seguida, saírem com outro cara.

— Eu não ligo. Todas as garotas que quiseram ficar apenas comigo foi por escolha.

— Menos eu? Até nisso, você tem que me tratar diferente? — murmurei baixinho, desafiando-o ainda mais.

— Você é diferente. Sempre foi. Sempre será diferente das outras para mim.

— E por que isso, Seb?

— Já falei. Você me faz sentir demais.

Como era gostoso, minha Nossa Senhora...

— Estão escutando, crianças? — Grace grita por cima de todas as outras vozes da mesa. — São os anjos proclamando um milagre!

Os olhares se voltaram para nós. Quem estava na minha frente eram Noah e Liz, que me olharam como se eu fosse uma espécie de protagonista daqueles livros que vivia vendo-os ler na faculdade.

— Falando em milagre, eu vi que vocês dois estão correndo de manhã, mas o Seb nunca gostou de correr ao ar livre. Se quiser, eu corro com você, JJ — Matteo comentou com um sorriso travesso nos lábios.

— Eu não me importo de correr com ela. Estamos ótimos fazendo isso, não é, querida?

Ele ficava tão bonitinho me chamando de querida.

— Meu Deus — Noah murmurou.

— Eu também escutei — Logan completou o amigo, meio desconcertado.

— Eu vivi para ver uma coisa dessa! — Donatella comentou com o Zion.

Já Isabella caiu na gargalhada junto com Zoella e Matteo, me fazendo rir também.

— Vocês todos são ridículos — Sebastian sibilou.

— Só a título de curiosidade... — foi John quem disse agora. — A mulher que eu chamei de querida, hoje em dia, tem aliança no dedo e o meu sobrenome nos seus documentos.

— É, estou sabendo. Mas, em minha defesa, a Jordan disse que gosta.

Como é desleal esse moleque!

— Eu disse que era melhor do que princesa ou desgraçada. Até porque, qualquer coisa é melhor do que isso.

— Eu gosto de princesa — contrapôs, olhando para mim e ignorando todos que estavam à mesa.

— Eu ainda prefiro querida.

— Então, eu vou te chamar de querida quando for boazinha.

Com as costas dos seus dedos, Sebastian tocou o meu rosto, fazendo um carinho que chegava a me causar suspiros.

Estávamos em público, porra.

Vergonhoso.

Quando eu vi, todos estavam passando notas de cinquenta dólares para as mãos da Sra. Azzarro.

— Eu disse para não duvidarem de mim, não disse?! — Prendi o riso, observando a mulher que piscava para mim em cumplicidade ao contar o dinheiro. — Cuide bem dela, Sebastian. Mostre que, pelo menos algumas coisas, eu consegui te ensinar.

— Vou te dar mais orgulho do que o Matteo, pode deixar.

— Sonha, Sebastian! Pode ir sonhando — Matteo rebateu, cruzando os braços.

— Você é um projeto de príncipe, eu sou o verdadeiro!

Ele? Um príncipe? Era uma piada, certo? Provavelmente sim, porque todo mundo riu, menos o próprio iludido.

Sabia bem por quem eu havia me apaixonado. Sebastian podia ser muitas coisas, mas príncipe ele nunca foi.

E nunca seria.



PARA SEMPRE

Sebastian Sinclair

Meus amigos eram enxeridos. Sempre foram. E eu precisava confessar que, ao contrário deles, eu nunca fiquei em cima de ninguém para que me contassem suas coisas privadas. Mas eles não eram eu.

Eles eram protetores e preocupados. E era por isso que eu teria que abrir a minha boca e explicar direitinho a história por detrás do “querida” e todo o resto.

— Vou levar a Jordan a um encontro. — E seria memorável. — E eu já sei que está todo mundo querendo entender o que está acontecendo, então prestem atenção porque eu não vou repetir.

Olhei para os lados, para verificar se tinha alguém olhando para a gente na biblioteca e, quando vi que ninguém estava bisbilhotando, fui em frente.

— Sinto coisas por ela. — Na verdade, eu tinha teorias que sempre fui meio apaixonado por ela, mas deixei isso de fora. —

Coisas que eu não estou conseguindo controlar depois que tudo aconteceu, principalmente, porque me deparei com o medo de perdê-la de vez. E isso foi algo que tirou muitas coisas da minha visão. Eu a quero. Eu vou ficar com ela. E, antes que falem que eu preciso tomar cuidado porque ela está em uma fase difícil, saibam que eu já sei. Estou consciente de que estou cometendo uma insanidade, mas eu só…

Aquilo estava mais difícil do que eu previ.

— Não consegue parar. Eu sei como é, Seb. Já estive no seu lugar, lembra? — Matt me perguntou, compreensivo.

Como me esquecer dos meses em que ele tinha passado como um cachorrinho atrás da Zoe, tentando fazê-la confiar nele?

Nossas histórias eram diferentes. Eu sentia que JJ já confiava em mim, o problema maior era eu.

Nunca tinha sentido essas coisas e não conseguia nem comparar com qualquer coisa que eu tivesse vivido.

— Não podia ter esperado mais um pouco? — Noah questionou, receoso. — Ela acabou de sair do hospital e, sei lá, você pode ser bem confuso às vezes.

Era como se ele lesse os meus pensamentos.

— Ele não vai magoá-la — Logan afirmou. — Sebastian é um ogro, mas tem sentimentos e sempre foi responsável com eles. Não acho que isso seja um erro.

— Jura?

Aquilo era novo.

— Ela já viu você em nuances que a maioria das mulheres não vê. Ela te conhece por inteiro, entende? Não tem como isso dar errado.

Aquilo me lembrou da minha mãe.

Ela sempre me dizia que um amor para ser eterno, nós precisávamos nos apaixonar por todas as fases e facetas dos nossos companheiros. Foi assim que ela conseguiu ficar a vida inteira com o meu pai. E foi exatamente isso que destruiu a nossa família.

— Eles se odiavam, Logan! — Noah balbuciou, contrariado.

— Eles eram imaturos demais para entender algumas coisas. E depois, o Sebastian tomou uma dor que nem era dele. — O nosso golden estava tão mais maduro. Hoje em dia, ele parecia muito mais adulto do que qualquer um de nós. — Eu os conheço. Vai dar certo. Jordan vai ser o grande amor da vida do Sebastian, ele só precisa dar uma chance para ela.

— Estou dando. Falo sério quando digo que estou entrando de cabeça nisso.

Porque eu era assim. Quando eu queria, eu fazia, corria atrás. E, naquele momento, eu queria a Jordan.

— É disso que eu estou falando! — Matteo deu um tapa no meu ombro, orgulhoso.

Como aquele garoto queria que eu me apaixonasse. Na verdade, Matt queria que todos nós encontrássemos um amor, e falava abertamente sobre isso. Passei anos dizendo que não queria um, mas agora queria.

Às vezes, desconfiava que sempre o tive debaixo do meu nariz, apenas fui burro o bastante para não notar.

— Já sabe para onde vai levar a Jordan na sexta? — Matteo perguntou depois de um tempo, tirando todos nós dos nossos estudos.

— Claro que sei.

— E não vai nos dizer a sua escolha, projetinho de príncipe encantado? — Logan arqueou as sobrancelhas loiras para mim, desacreditado que eu conseguisse fazer algo legal para uma mulher.

Não que tivesse motivos para isso, já que eu sempre fui meio ruim no quesito relacionamentos.

Em minha defesa, não dá para ser perfeito em tudo.

— Mais do que ninguém aqui, você sabe como eu sou bom. Relaxa, vai dar tudo certo. Eu já tenho tudo organizado na minha cabeça. Inclusive, vou precisar do seu avião.

— Você o quê?! — Noah indagou, boquiaberto.

— Como é metido — Matteo debochou. — Vai levá-la para onde? Conta logo antes que eu morra de curiosidade.

— Meu avião? — Fui confrontado por um olhar glacial que, vez ou outra, aparecia nos olhos do meu melhor amigo. — Sebastian, você não vai foder no meu avião!

— Disse a pessoa que fode a irmã do melhor amigo.

— Não lembra — Matteo suspirou, frustrado. — Não me lembra desses detalhes.

— Gente, jura que vocês estão apoiando toda essa loucura?! — Noah nos cortou.

Ué, não era ele que vivia cometendo loucuras? Só porque agora tinha chegado a minha vez, ele iria virar um chato?

— Noah, eu não fiz nada de errado.

— Ainda. Você não fez nada de errado ainda. — Noah respirou fundo, buscando paciência para tentar me dissuadir daquela ideia.

Uma coisa que era impossível. — Ela não é como qualquer outra garota com quem você fez merda, Sebastian.

— Eu sei disso, estou ciente de toda merda com que ela convive.

Sabia tanto, que era eu quem estava cuidando dos remédios, dos médicos, das consultas, dos horários.

Tudo era eu. Por escolha, por desejo, por dívida. Mas, ainda assim, era eu.

— Não sabe merda nenhuma! Duas semanas dormindo com ela na sua cama, e você jura para mim que subitamente quer levá-la a um encontro? Que quer namorá-la? Entende como isso é uma insanidade?

— Insanidade é você me acusar de não querer o bem da Jordan.

— Então, é isso? Vai ficar com ela por pena?!

Aquela versão defensora dos fracos e oprimidos do Noah me irritava tanto, puta merda.

— Não fode, Noah! Acha mesmo que eu ficaria com alguém por pena? Já me viu levando alguém em um encontro? — rebati com grosseria.

— Nunca vi você falando que o mundo estaria melhor sem alguém. Não fique putinho, você sabe que eu tenho razão.

Uma porra que ele tinha razão.

Tudo bem, seria a última vez que eu falava sobre o assunto.

— Também é a primeira, mas, enfim — completou o seu protegido, porém ignorei.

— Eu cometi um erro! Ele foi irremediável e levou Jordan a fazer o que fez. Ela nega, mas eu sei que ajudou e muito em tudo o

que aconteceu. Me ofereci para cuidar dela por culpa? Sim. Eu a chamei para sair comigo por culpa? Não. Meu tesão por ela não envolve pena, envolve um pau que acorda duro para um caralho e um desejo que nem eu consigo explicar.

— É só sexo que você quer? — Logan pergunta, demonstrando certa preocupação diante da minha resposta.

— Eu posso foder quando e com quem eu quiser, e você sabe disso. — Porra, mas que moleques chatos! Estavam parecendo comigo uns meses atrás. — Já disse, eu sinto muitas coisas quando eu estou com ela, mas não sei exatamente o que é. Acho que estou me apaixonando, mas não sou como vocês, ok? Não sou aberto, nem bom com sentimentos. Estou dando o meu melhor aqui!

— Gente, falem mais baixo. Já, já, vamos ser expulsos da biblioteca — Matteo pediu, tentando nos controlar.

— Você que começou com essa porra! — Revirei os olhos, sem mais uma gota de paciência para toda aquela merda. — Eu não quero só comer a Jordan. Se fosse por isso, eu trepava com qualquer uma. Mas não quero qualquer uma, eu a quero. Quero passar um tempo com ela, quero conhecer cada maldita coisa que ela escondeu de mim por esses anos e de quebra, entender o que porra acontece comigo quando estou com ela.

— Está apaixonado por ela. — Logan subitamente leu os meus pensamentos. — Você está mesmo. E tenho teorias de que sempre soube que sentia por ela muito mais do que se permitia sentir, é por isso que está caindo de cabeça desse jeito. Porque, no fundo, sempre desejou fazer o que está fazendo agora.

Ele tinha virado psicólogo e ninguém me avisou?

Odiava falar de sentimentos. Simplesmente odiava, mas não iria conseguir escapar daquela conversa. Eu realmente precisava do avião.

— Passei anos sentindo uma dor tão visceral que me atormentava o sono. Passei anos sentindo que meu futuro era tão ruim quanto uma parte do meu passado. Mas poucos dias com ela foram capazes de aliviar tudo. A risada dela faz meu coração vibrar, os pedidos dela fazem com que eu anseie em realizar. Eu não me apaixonei ainda, mas vou, porque no fundo do meu coração, sinto que fui feito para ela, e que ela foi feita para mim. Se tem alguém no mundo que pode me fazer amar verdadeiramente, é ela.

— Trago notícias! — Matteo segura a risada. — Sebastian está de quatro pela Jordan.

Os três caem na risada, e eu mostro o dedo do meio para todos.

— Vão se foder.

— A gente já se fodeu, mas vai ser uma delícia ver você se fodendo. — Noah piadista era uma versão tão irritante quanto a melancólica.

— E não é uma delícia que ele seja o mais burro de nós quatro?! — Logan entrou na onda. — Como pode alguém ser tão sonso?

— Eu achava que você era burro, mas ele ganha de lavada — Matt zoou.

— Você não viu que a sua melhor amiga era apaixonada por você, Logan, e eu é que sou burro?!

— Você a conhece há anos, seu animal! Como não percebeu que a Jordan sempre foi a garota certa para você? — o golden

rebateu, me vencendo com um argumento imbatível.

— Em minha defesa, ela era insuportável. Como eu ia saber que, por debaixo de todo aquele mau humor e falta de educação, tinha alguém incrível?

— A Liz soube. E olha que ela tinha quatorze anos — zombou o neném, que agora já não era mais tão neném assim.

— Ah, não fode. — Virei-me para o loiro novamente. — Então, vai me emprestar o avião ou não?

— Se você fizer aquela garota chorar, eu capo o seu pau, Sebastian.

E eu sabia que não era brincadeira.

— Não vou fazer. — Todos os três estavam fazendo uma carinha de descrença, apenas para me irritar mais. Como eram idiotas. — Qual é, eu sou um cara legal.

— Você terminava com as meninas assim que elas se declaravam — Matteo relembrou.

— E você sempre odiou grude ou qualquer coisa assim — Noah pontuou.

— Além do mais, você sempre, em todas as vezes que se envolveu com alguém, saiu ileso, mas a garota não podia falar a mesma coisa — Logan finalizou.

Caralho, eles estavam querendo me foder naquela manhã.

— Primeiramente, eu sempre deixei claro quais eram as minhas intenções com elas. — Levantei um dedo, pontuando. — Segundo, eu nunca, repito, *nunca* quis que alguém se apaixonasse por mim. — Levantei o segundo dedo. — Terceiro, quem são vocês para relembrarem das bostas que eu fiz? Ou já esqueceram que, na

história de cada um, quem colocou juízo na cabeça de vocês fui eu? Se esqueceram, eu posso relembrar.

Poderia relembrar como eu convenci o Matteo a voltar para o quarto onde sua namorada estava desacordada depois de uma briga. Eu salvei a vida de ambos naquele dia porque, ao contrário do Logan, Matteo jamais iria conseguir sobreviver com tamanha culpa na consciência.

Poderia relembrar também da comida de rabo que eu dei no Logan quando ele começou com a palhaçada de querer afastar a Isabella, ignorando-a e fazendo a garota chorar pelos cantos, com tamanha falta de responsabilidade afetiva.

Ou poderia também relembrar das inúmeras brigas que eu tive com aquele ex-*bad boy* quando ele ignorava a Liz e fazia uma quantidade de merda que se eu for listar todas, ficaria até o dia seguinte.

Eles estavam preocupados em eu ser ruim, mas esqueceram que, quando se tratava de sentimentos, eu era o que mais tinha responsabilidade.

Sim, muitas garotas já tinham sofrido por minha causa, mas eu nunca fui cruel ou idiota com nenhuma delas. Ninguém tinha culpa por sentir.

Eu tinha sido cruel com uma única pessoa e iria me arrepender de ter sido pelo resto da minha vida.

— Não é preciso — Noah foi o primeiro a responder.

— Não, obrigado. — Matteo desviou o olhar.

— Valeu, mas eu passo — Logan finalizou, bufando.

— Ótimo. — Abri um sorriso vencedor. — Deixe o avião preparado para às nove da manhã.

— Preciso saber sobre o lugar para avisar ao piloto. — Enfim, Logan parecia orgulhoso.

E ele tinha que estar mesmo, porque eu seria foda pra caralho para a Jordan.

— Paris. Vou levá-la para Paris. Mais precisamente, para ver o time do PSG jogar.

Eu podia até ser o pior deles para algumas coisas, mas para outras, era o melhor. Aquele era o time que ela mais gostava de analisar as jogadas e achava que ela iria pirar quando os visse jogando ao vivo.

— Jordan tem razão — Logan suspirou. — Você é um cretino!

Não tinha defesa quanto aquilo.



Ela dançava com a bola nos pés.

Jordan driblava com facilidade a zaga do time reserva das Lioness e conseguia até tirar a goleira do seu campo de visão para fazer um gol. Era o quinto dela no treino daquela tarde. E era a quinta vez que eu via aquela linda garota gargalhar com suas parceiras de time, me fazendo sorrir junto a ela.

Ela parecia feliz ali.

Ela parecia querer viver.

Era engraçado como eu sempre achei que conviver com alguém com depressão seria enfrentar horas a fio de choro e uma inabilidade de fazer coisas simples do dia a dia. Acreditava que

podia até ter pessoas que viviam assim, mas Jordan não. Ela se levantava de manhã para fazer o treino aeróbico, comia, ia às aulas, sorria, conversava, vivia. O problema era os pensamentos dela. Era quase imperceptível, mas eu percebia o quanto ela remoía as coisas dentro da própria cabeça. O quanto, às vezes, estar presente com as pessoas a irritava e o quanto de energia ela gastava, às vezes, apenas para sair de casa.

Ela fazia tudo, mas o grande ponto era que ela fazia, não querendo fazer. Até mesmo comer, tinha dias que pareciam ser uma guerra que JJ travava consigo mesma.

Por isso, vê-la jogando futebol era tão prazeroso. Ali, não tinha guerra. Ali, não tinha mentira. Era só ela fazendo o que gostava e sendo a melhor que conseguia ser.

Gostava de vê-la daquele jeito.

Queria vê-la sorrir daquela maneira sempre.

A treinadora apitou, dando uma pausa no treino para uma água e, quando pensei que ia se sentar com as novas colegas, ela veio até mim, correndo com um sorriso enorme de orgulho no rosto.

— Você viu como aquele último gol foi perfeito?! — Ofereci minha mão para que ela desse um soquinho.

— Você está perfeita! Está tão rápida, que acho difícil alguma defesa conseguir te parar.

Ela bateu na minha mão e logo jogou um pouco de água da garrafinha, que estava nos meus pés, nas costas.

Jordan estava suada, completamente sem maquiagem, e nunca tinha estado tão gostosa, na minha opinião.

Nada a deixava tão perfeita quanto a alegria. Absolutamente nada.

— Meu problema maior não será as finalizações, e sim armar as jogadas. Preciso que Layla melhore um pouco a velocidade para conseguir me acompanhar.

Eu me achava exigente com o pessoal do meu time, mas ninguém era tão perfeccionista e exigente quanto JJ.

— Acho difícil alguém conseguir te acompanhar, mas não custa nada tentar.

Jordan estava em um nível muito superior ao de qualquer uma em campo. Não foi à toa que ela tinha sido considerada a melhor jogadora da liga universitária atual.

— Falando em velocidade, você está parecendo uma tartaruga em campo. Cuidado, capitão! Já, já, você perde sua posição para o Brian — provocou, querendo me irritar. Mas naquele dia, ela não iria conseguir.

— Anda vendo os meus treinos, marrentinha? — Esbocei um sorriso de canto, percebendo o quanto eu mexia com ela. — Nunca te vi na arquibancada, onde você se esconde?

— Eu não me escondo, apenas não quero tirar sua concentração porque, você sabe, sou muito linda, gostosa e talentosa. Vai querer ficar me olhando em vez de fazer o seu trabalho.

— Depois eu que sou o convencido — Tomei a garrafinha da mão dela, precisando de um pouco de água.

A visão daquela garota me observando me dava um tesão do caralho.

Gostava que ela se importasse com isso. Gostava bem mais do que deveria.

— Foi você que disse que eu sou essas coisas. Não lembra? — A boca carnuda se abriu em um movimento parecido com o meu, e eu cheguei a sentir o meu pau pulsar.

Tenho planos para essa boca... Muitos, mas muitos planos.

— Lembro, e não retiro nada do que eu disse. Você é mesmo linda, gostosa e talentosa pra caralho. Além de outras coisas mais.

Também gostava de como ela sempre falava o que pensava e gostava ainda mais de como ela era chata para se vestir. Sempre me importei com atrasos, mas precisava confessar que, toda manhã, eu ficava parecendo um idiota a observando escolher uma simples roupa para ir à faculdade.

— Gosta das minhas roupas?

O tecido suado da blusa do time estava preso em seu corpo, me dando um vislumbre de como ela era verdadeiramente. Jordan era magra e bem pequena. Seus seios eram pequenos, assim como sua cintura e seu quadril, mas era completamente proporcional à sua estrutura óssea.

Jordan era uma coisinha pequena, irritante e muito, mas muito respondona. Mas nossa, como eu queria ver meu pau entrando nela.

— Gosto delas, mas vou amar mais ainda tirá-las de você.

A garota chegou a engasgar com as minhas palavras.

— Você é muito direto. Caralho, Seb. — Ela estava sorrindo, e eu também.

— A atacante é você, mas parece que nem sempre, não é?

— Nossa, cantada com futebol é péssimo. — Sorriu ainda mais. — Como consegue pegar tanta mulher? Você é terrível!

— Me diz você. O que eu faço para você querer me foder?

Seu semblante envergonhado só me deixava com mais tesão.

— Não vou te responder isso.

— Covarde. — Bati a ponta do meu indicador em seu nariz arrebitado.

— Eu tenho bom senso. Acha mesmo que vou alimentar o seu ego?

— Já falei que você é linda e nem mesmo um mero elogio, eu recebi de você. — Cruzei os braços, observando-a.

— Você sabe que é gostoso.

— Larga de ser cagona! Me diz o que você acha de mim. E quero elogios, hein?

A revirada de olhos com um risinho nervoso no fim foi o jeitinho dela de me dizer que havia perdido aquela discussão.

— Como você é irritante!

— E gostoso. Não se esqueça disso.

— Eu odeio você — sibilou, olhando para os lados e querendo ver se alguém mais iria escutar o que tinha para me dizer.

— E vai se apaixonar por mim mesmo assim, não é, coisinha cruel?

— Devo ter matado alguém na minha vida passada. Só isso que explica esse meu carma.

Não tinha dúvidas de que eu era o carma dela e ela, o meu.

— Não estou escutando o elogio. — Ah, iríamos jogar, então? Já sabia como poderia ganhar isso. — Verdade ou consequência?

— Verdade, mas se você fizer algum tipo de brincadeira com o que eu vou te falar, juro por Deus que arranco seu pau fora no meio da noite.

Nervosinha. Eu iria adorar fazê-la chorar enquanto goza.

— Juro pela minha filha que eu não vou usar isso contra você. Não sou tão cretino assim. — Ela mordeu o interior da bochecha, e eu sinto algo se torcer dentro de mim. Porra, como queria beijar aquela boca. — Me diz, o que gosta em mim, JJ?

— Ainda me lembro da primeira vez que eu te vi. — Minha cabeça chegou a tombar para o lado, tentando entender o que ela estava dizendo. — Callum me mostrou uma foto sua com o Logan, e me lembro de pensar que você era o menino mais lindo que eu já tinha colocado os meus olhos.

Minha respiração chegou a ficar mais pesada por conta de suas palavras.

Porra.

Porra.

Porra.

— Eu gosto de várias coisas em você, mas a minha preferida é quando você cuida de alguém. Acho que todos os seus amigos e, inclusive eu, nos sentimos seguros ao seu lado. E isso é bom, sabe? — Ela estava iluminada enquanto proferia as palavras que abalaram o meu mundo.

Minha boca abriu e fechou várias vezes, mas nada saiu dela. Fiquei mudo e minha pressão parecia até querer abaixar.

Foi a coisa mais bonita que alguém já tinha me dito.

— Seb? Você está bem? — A garota dos meus sonhos mais sórdidos perguntou docemente.

Ninguém nunca falou aquelas coisas para mim. Nunca, nem quando estavam apaixonadas.

— Você está corando? — murmurou provocativa.

— Talvez? — Cocei a nuca, tentando aliviar um pouco da vergonha que eu sentia por estar sentindo tanto com tão pouco.

— Não sabe receber elogios, capitão? Foi você quem pediu.

O problema não tinha sido o elogio, não era isso.

O problema estava nas palavras que ela tinha usado, o jeito com que ela falou. Ela.

O problema foi como eu me senti ao ser elogiado daquele jeito por ela.

— Jura que me achou o menino mais lindo no qual já colocou os olhos?

— Você precisa trabalhar esse seu ego, sério.

— Não é isso, JJ. É que às vezes que eu escutei essas palavras, foram das garotas que hoje namoram os meus melhores amigos.

Garotas que usavam uma aliança no dedo, fosse de namoro, noivado ou casamento.

Garotas que falavam dos amores de suas vidas.

Foi como colocar os óculos e enxergar um mundo completamente diferente.

Ela até podia não saber ainda, mas eu seria o cara que daria o sobrenome a ela, o cara do final feliz dela. E porra, ela seria a mulher do meu.

— Ah... — Foi a vez dela de ficar sem graça. Ficamos alguns segundos sem saber o que dizer um para o outro, até que a treinadora dela a chamou para seguir o treinamento.

— Vai lá. Eu... Vou ficar aqui. — Nossa. Péssimo.

Genuinamente horrível.

— Ok. — A melhor parte é que não era a melhor.



TERAPIA

Jordan Joy Lewis

Eu nunca sabia o que dizer quando ia à terapia.

Já tinha contado para a psicóloga que eu pensava em me matar, sobre o Callum e os meus pais, sobre o Sebastian e sobre o fato de que meu irmão e eu não conversávamos direito há semanas.

Já tinha falado sobre tudo, mas eu sentia que, ao mesmo tempo, não tinha falado sobre nada.

A grande verdade era que eu não via como aquilo ali iria me ajudar. Ficava falando, falando, falando e sei lá... Nada acontecia, só me magoava com memórias as quais eu não queria recordar.

— Acho que não quero mais fazer terapia — confessei à terapeuta que já me atendia há algumas semanas.

Dra. Roselyn Green era uma pessoa amável, negra como eu, dona de um sorriso lindo e tinha me feito ficar muito confortável nos primeiros dias, mas admitia que nem os sorrisos mais lindos do mundo me fariam confiar em algo tão vago quanto a terapia.

O que tinha na minha fala que me faria melhorar? Eu falava sobre o que eu sentia, o que eu pensava. E isso não ajudava em nada.

— Por quê?

Por quê?

Ela sempre repetia essa pergunta como uma criança de cinco anos. Eu odiava me explicar.

— Não vejo como falar do meu passado vai me ajudar a melhorar em alguma coisa.

— Nunca te pedi para falar do seu passado. — Aconchegou-se em sua poltrona confortável e azul. Ela parecia estar muito tranquila.

Quase tranquila demais para o meu gosto.

— Mas não é para isso que eu venho aqui? Para fazer o meupassado parar de doer e, enfim, eu parar de querer morrer? — questionei, aumentando um pouco o meu tom de voz.

— É apenas o seu passado que te faz querer morrer?

Sua pergunta tirou um pouco mais a minha paciência.

— *Apenas*? Acho que já te contei sobre tudo o que aconteceu comigo.

— O que está sentindo agora, Jordan? — perguntou, sem mostrar um pingo do sentimento que eu sentia.

Estou com raiva. Fervendo de raiva.

— Você desmereceu o meu passado como se ele não fosse nada.

— E ele é tudo? — *SIM!* — Quem você é sem toda a saudade que sente? Quem você é sem toda a dor que sente? Quem você era antes de muitas pessoas que amava morrer?

— Quem eu era? — a pergunta fez lágrimas queimarem em meus olhos, tornando minha visão embaçada.

— Sim, Jordan... Quem você era. Quem você é. Acho que são questões importantes a se pensar porque, pelo que entendi, você mesma acha que todas as respostas estão em ficar relembrando daqueles que já se foram, mas não sei se você precisa lembrar. Acho que o problema está em quem você esqueceu.

— Suponho que seja eu. — Sorri fraco, sentindo minhas bochechas se banharem com as primeiras lágrimas.

— Quando um ente querido nosso morre, nosso primeiro movimento é acharmos que morremos junto com eles e, até certo ponto, isso está correto. Morreu a nossa versão para aquela pessoa. A filha Jordan morreu, a melhor amiga do Callum morreu. Mas você era mais do que uma filha ou uma melhor amiga. Você era você e, de acordo com você mesma, antes disso tudo acontecer, você já tinha uma ideação suicida bem presente. Então, eu te pergunto: quem é você sem toda a tragédia? Se tirarmos a tragédia, o que sobra?

Era uma pergunta tão certeira que me fazia ficar paralisada, observando a psicóloga enquanto, em minha cabeça, ecoava a pergunta que ela tinha acabado de me fazer.

O que sobrou?

O que sobrou de mim sem toda a dor que me permeava?

Sobrou um amontoado de dor, um sobre o qual eu não costumava pensar muito. Ela sempre foi inesquecível para mim, assim como todo o resto de mim.

— Eu sempre fui meio triste — murmurei, limpando minhas bochechas. — Engraçado porque eu sempre fui muito popular na

escola, mas sei lá, nunca senti que tinha alguém. Minhas notas sempre foram uma merda, além disso, eu sempre fui uma péssima filha. Respondona, ingrata. E, nossa, como era difícil me educar! Sempre tive muito ciúmes do meu irmão com meus pais porque, ao contrário de mim, ele sempre foi perfeito. Notas brilhantes, alto, estiloso... Ele era tudo. — Sorri de forma irônica entre as lágrimas. — Então, respondendo à sua pergunta. Se tirar a saudade de mim, sobra a culpa. Muita, mas muita culpa.

— Culpa de quê?

— De nunca ter sido boa o suficiente para nada. — Um soluço escapou pelos meus lábios. — De ter perdido os meus pais e eles nunca terem me visto ser alguém melhor do que a adolescente que eu fui. Eles mereciam bem mais do que eu dei a eles. O Callum merecia mais. Ele precisava ter sido salvo, e eu não consegui salvá-lo. — Eu deveria ter sido melhor. Porra, eu tinha que ser melhor hoje em dia. — Não fui o suficiente para ser uma boa filha nem uma boa amiga e, agora, estão todos mortos...

— Me parece que, para o futebol, você é o suficiente.

É. Para o futebol, eu era.

— Sou depressiva, doutora Green. Conhece algum jogador depressivo ou que tentou se matar três vezes? Acha que vou ter uma carreira longa com esse meu histórico médico? Sou uma bomba relógio que ninguém quer ter por perto! Nem eu mesma gosto de me ter por perto em certos momentos.

— Seus amigos parecem gostar bastante de você. Inclusive, aquele moço, que sempre vem com você às sessões, parece gostar muito de você.

— É pena. Ele disse com todas as letras, um tempo atrás, que o mundo estaria melhor sem mim. — Isso pareceu assustá-la. — Eu fui muito escrota com ele também. Hoje em dia, ele ajuda a cuidar de mim porque o meu irmão está cansado e também nunca teve muito pulso. Acho também que ele está tentando limpar a merda que fez.

— Ele te falou isso?

— E precisa falar? — Deus, como doía assumir essas coisas para alguém. — Ele nunca olhou para mim e agora até mesmo flerta comigo! O que mudou para eu ser alguém por quem ele se interessa?

— Talvez, agora ele veja coisas que, antes, ele não via, mas isso você só vai saber se perguntar a ele.

— Eu amo aquele garoto há anos, doutora Green. Eu o conheço mais do que ele conhece a si mesmo. Sei como ele funciona. É culpa, remorso. É qualquer merda, menos amor.

— Acho difícil.

— Acha difícil?! — Sorri sem humor. — O que você quer dizer com isso?

— Você nem ao menos se conhece. Como tem tanta certeza de que o conhece? — 2x0 para a Dra. Green, e contando. — É impossível ter tanta certeza sobre os sentimentos das pessoas, Jordan. Sabe, quando eu te escuto, fico relembrando de uma vez que um professor da faculdade nos ensinou sobre as polaridades humanas. Sempre nos mostramos de alguma forma e o completo oposto disso fica nas sombras, esquecido. Conhecemos seu lado triste, mas fico me perguntando o que guarda nas suas sombras.

Fiquei em silêncio, remoendo suas palavras, repassando cada uma delas e tentando entender o que ela queria com aquilo.

Nenhum terapeuta tinha sido tão direto comigo antes.

Nenhum deles tinha sido tão... sincero?

— Sabe, Jordan, eu tenho um profundo respeito pelos seus sentimentos e pela sua dor. Acho que viveu mais perdas do que alguém pode aguentar em uma única vida, mas enquanto você não perceber que a vida é bem mais do que um amontoado de dor, continuará escolhendo morrer. — Sua voz era suave, já suas palavras eram tão potentes quanto uma bazuca.

Escolhendo morrer.

Sempre era uma escolha. Era a última escolha.

A única que eu via em momentos de muita dor.

— Eu sempre quero morrer quando acho que a dor nunca mais vai passar.

— E isso faz muito sentido, por isso precisamos descobrir quem é você para além da dor, para que enfim, você enxergue a vida de uma maneira mais ampla. A vida é sobre o que se tem, não sobre o que nos falta — ela falou com tanta propriedade que meu coração resolveu acreditar em suas palavras.

Não era só sobre falta.

— Mas eu não tenho nada, doutora Green. — Meu choro voltou mais forte dessa vez, mais desesperado. Eu era feita apenas de perdas.

— Olhe em volta, Jordan. Observe. Você realmente não tem nada?

— Nunca é o suficiente para me manter aqui. — Minhas mãos foram para o meu rosto, e eu me curvei até os meus joelhos,

sentindo um tipo diferente de desespero. Nada parecia ser bom o bastante para me manter ali.

— Seu irmão não é bom o suficiente? Seus amigos, o futebol, nada é bom o suficiente? — questionou, e isso me fez olhar em seus olhos, inflamada com um sentimento tão agressivo quanto abrasivo.

— Eu não sou o suficiente, caralho! Eu, não eles! Não entende? O problema está em mim! Sabe o que eu penso de verdade? Que meu irmão estaria bem melhor se eu estivesse morta. Sem mim, ele estaria na faculdade de medicina, provavelmente namorando com um cara que o amaria mais do que tudo. E sobre os amigos, que amigos? Logan me ama, mas vive perfeitamente bem sem mim, e Isabella mal me conhece. E o Sebastian? É quase uma piada de mau gosto! Eu não faço a menor diferença na vida dele. Minha existência não faz a mínima diferença para nada, nem para ninguém, então para que continuar aqui? Me diz!

— Por você, Jordan. Porque gosta de você o suficiente para não querer assassinar a sua existência.

A verdade era sempre tão mais cruel do que as pequenas mentiras que contávamos a nós mesmos.

Ali, a Dra. Green estava expondo a verdade mais dolorida que eu já tinha ouvido. A verdade que, nos dias bons, eu fingia que não existia.

Eu era uma assassina de mim mesma.

Não era pela morte deles que eu queria morrer e não era pela vida de ninguém. Eu que escolhia viver. Era sobre mim. Era sempre sobre a minha dor, a minha inutilidade, o meu vazio e os meus pensamentos que faziam com que eu me sentisse uma merda.

— E como eu faço isso?! — Arfei, sentindo uma dor terrível em todos os pontos do meu corpo. — Como eu faço para parar de querer me matar?!

— Você chegou exatamente no ponto que eu queria chegar. — Claro que eu tinha chegado. — Você teria coragem de matar qualquer pessoa, JJ?

— Claro que não! — respondi, sem nem hesitar.

— Por quê?

Cara, como eu odiava esses porquês.

— Sei lá, porque sou humana? Porque não se tira a vida de alguém? Porque eu tenho empatia e compaixão pelas pessoas? Porque eu amo algumas dessas pessoas? Os motivos são infinitos.

— Ótimo. Então agora, você precisa descobrir como ser humana consigo mesma, como vai ter compaixão e empatia por si mesma e, primordialmente, como você vai se amar.

— E como eu faço isso? — Porque podia parecer óbvio, mas não era.

Para mim, encontrar essas coisas era como encontrar uma agulha no palheiro.

— A primeira coisa que você vai ter que fazer é se conhecer. Não temos empatia pelas pessoas de graça, não nos apaixonamos do nada. Preciso que olhe para si mesma, para além daquilo que acha que já conhece de si.

— Está me dizendo que eu preciso me apaixonar por mim mesma?

— Não, diria que precisa disso tudo para que surja uma mínima compaixão por si mesma, mas seria bom se você começasse a amar você mesma como ama os outros. — Quando

olhei nos olhos dela, achei que ela via o pânico que estava me invadindo. Porque eu me odiava e não via possibilidade de um amor surgir do mais absoluto ódio. — Onde queima o ódio, pode ter um incêndio de amor, Jordan. Lembra das sombras que eu te falei? Você hoje está no polo do ódio, então precisamos encontrar o que está escondido nas sombras. Aquilo que, hoje em dia, você não consegue sentir, nem mesmo mostrar por si mesma.

Fiquei ali, parada, quieta, assimilando tudo que ela havia me dito, como se tivesse me aberto uma porta completamente nova. Como se eu tivesse sido retirada de um casulo e agora, o mundo não estava mais em preto e branco.

“Onde queima o ódio, pode ter um incêndio de amor, Jordan”.

Se eu tinha conseguido esconder o meu amor através do ódio, o que será que escondi de mim mesma, além disso?

Precisava encontrar respostas.

Precisava encontrar saídas que não fossem mais morrer ou desistir de mim.

A Dra. Green tinha razão, eu precisava me apaixonar por mim mesma. Ou, na verdade, descobrir onde eu tinha enfiado o amor que sentia por mim mesma.

A cafeteria dos Azzaro era um estabelecimento convidativo. Não muito grande, nem pequeno, o tamanho era ideal para que você se sentisse na sala da casa da sua avó ou algo parecido. O

cheiro de café e canela estava por todo o lugar e a luz do sol entrava por duas grandes janelas, que ficavam na frente, ao lado da porta, deixando tudo ainda mais aconchegante.

Era um bom lugar.

Quem estava no caixa era o Sr. Giovanni Azzaro, pai de Matteo e ao lado dele, entregando os pedidos, estava a mãe dele, a Sra. Grace Azzaro. Eles formavam um casal maravilhoso, digno de tapete vermelho. Não era à toa que não tiveram um único filho que não se parecia com deuses.

Todas as vezes que tive a oportunidade de passar um tempo com todos daquela família, percebia o quanto eram unidos. Os Azzaro exalavam amor por onde passavam e, pelo que havia entendido, os meninos faziam parte da família agora. Ou, pelo menos, era o que parecia quando a Sra. Azzaro, enquanto eu lavava a louça, quis esclarecer quando disse que era muito protetora com os seus filhos e que Sebastian era como um filho para ela, então se eu o machucasse, teria um problema pessoal com ela.

Meu sorriso naquele dia foi tão cretino quanto o próprio Sebastian.

Todo mundo tinha um certo medo de que pudéssemos nos machucar e era óbvio que isso iria acontecer, mas não era eu a pessoa avessa aos relacionamentos, nem era eu que só tinha me apaixonado por uma única pessoa na vida.

Ok, eu tinha me apaixonado apenas uma vez na vida, mas tinha sido por ele.

Eu não era o problema, era ele.

Quem iria sair daquela história toda estrupiada seria eu.

— Oi, senhor Azzaro. — Sorri para o senhor bonitão. — Meu irmão está por aí?

— Sim, está no descanso. Pode entrar por esse corredor, na terceira porta à esquerda. — Apontou-me o lugar que parecia ter algumas portas. — Sebastian está te tratando bem, *bambina*?

— *Mi tratta come una principessa* [1]— respondi com um sotaque perfeito, graças aos três anos de italiano. Uma das milhares de coisas que minha mãe já tinha me obrigado a fazer.

Fui criada como qualquer pessoa de classe alta de Nova Iorque. Escola boas e atividades extracurriculares que me ajudariam a ser bem-sucedida.

— Ah! Sabe falar italiano fluentemente? — a Sra. Azzaro perguntou, de uma maneira simpática.

— Sim, senhora. Italiano, francês e espanhol.

Todas as línguas tinham sido escolhidas graças ao futebol. Eram línguas que eu precisaria falar quando fosse para algum time da Europa.

— Achei mesmo que eu tinha escutado a voz da minha irmãzinha. — Mike estava escorado na entrada do corredor, com uma roupa típica de chefe confeiteiro.

Se alguns anos atrás, alguém me contasse que meu irmão metido a besta iria estar usando aqueles trajes e cheirando a glacê, eu iria dar uma sonora gargalhada.

Mike sempre se interessou pela cozinha, mas nunca o suficiente para que se tornasse a sua profissão. Os cursos que ele fazia eram apenas por *hobby*, mas que, hoje eram responsáveis por colocar comida em sua mesa e um teto sobre sua cabeça.

— Vim te atentar um pouco — eu disse, abraçando-o. Ou, pelo menos, tentando, já que ele era muito mais alto do que eu.

— E, então, quantas vezes já conseguiu tirar o Sebastian do sério? — Sua voz estava risonha, mas eu notei que ele estava um pouco tenso em me ver.

Michael era e sempre foi muito bonzinho. Provavelmente, falar tudo o que ele tinha me falado naquele dia foi um grito de socorro. Ou de cansaço. Ou, ambos.

Ele estava se sentindo envergonhado e culpado, e por isso, estava dando um certo espaço para mim, mas eu não o queria longe. Meu irmão era minha única família, e eu não o culpava por tudo o que ele havia dito a mim. Ele me amava, eu sabia disso. E tudo o que eu andava fazendo com que Mike passasse era muito mais do que ele conseguia aguentar.

— Só hoje foram umas duas, mas dizem que é assim que se conquista alguém — brinquei, tentando aliviar a tensão que ele sentia.

— Então, realmente é sério? Vocês dois estão saindo? — Meu irmão passou o braço atrás das minhas costas e me levou até sua sala de descanso, não me deixando nem me despedir dos seus chefes.

Ele estava preocupado. E curioso.

— Em minha defesa, eu também não entendi o que aconteceu com o Sebastian.

— Ele deve estar percebendo que você é bem mais legal do que parece. Acho que não posso culpá-lo, eu sou seu irmão e demorei dezessete anos para descobrir isso — zoou com a minha cara, como um bom irmão mais velho.

— Vocês que são idiotas e a culpa é minha?! — Sentei-me em um grande sofá preto de couro que estava no canto da sala bem organizada, mas simples.

— Querida, precisa admitir que, às vezes, você realmente consegue tirar as pessoas do sério.

Bom, eventualmente, eu podia mesmo ser bem irritante, mas apenas com quem merecia.

— Em minha defesa, vocês merecem.

Escorei minha cabeça na mão enquanto observava bem o rosto do meu irmão. Ele estava curioso, mas, ao mesmo tempo, estava feliz, já que se eu estava ali, era porque tudo estava bem comigo.

— Ele me chamou para um encontro.

— E você aceitou?

— Talvez eu que tenha feito ele me pedir, para início de conversa. — O sorriso que nós dois esboçamos foi maquiavélico. — Ele quer me comer, mas antes disso, eu posso dar um pouco de trabalho a ele.

— Era o que a mamãe sempre nos dizia: se um homem quer rir, ele precisa primeiro fazer rir.

— Exato.

— Está nervosa? — Seus dedos se enroscaram em uma mecha das minhas tranças e permanecem ali, brincando.

— Até que não. Vai ser só sexo, Mike. O Sebastian, às vezes, fala coisas estranhas, como eu ser a pessoa dele. Mas é um encantamento apenas porque ele me salvou, sabe? Essa merda vai passar rapidinho.

Só até ele descobrir que eu não era a garota dos sonhos dele. Nunca fui. Nunca seria.

Pelo menos, era o que eu andava me dizendo nos últimos dias. Por mais que eu quisesse que ele se apaixonasse por mim, não conseguia acreditar que isso realmente aconteceria.

— Posso ser sincero? — E quando ele não era? — Se o Sebastian estivesse procurando apenas por sexo, não iria te chamar para sair. Ele iria para o Hamilton's, conheceria alguém bem disposta a abrir as pernas para ele e pronto. Você é incrível, irmã. Confie nisso.

— Esse é exatamente o ponto que eu preciso aprender. Confiar em mim mesma e, de quebra, me amar. Aparentemente, o amor-próprio resolve a maioria dos problemas humanos.

— Ih, de onde está vindo todo esse sarcasmo?

— Como você faz para gostar de si mesmo? — Respirei fundo, buscando o ar que sentia faltar em meus pulmões. Estava nervosa pra caralho depois daquela sessão de terapia. — Para você, sempre foi muito fácil e, para mim, sempre foi tão difícil.

— Quem disse que sempre foi fácil?

— Você sempre foi autoconfiante.

— Sendo gay e negro? JJ, eu sempre tentei ser autoconfiante, mas, às vezes, foi difícil. Eu só escolhi que merecia mais do que ficar triste por coisas que estavam além do que eu merecia — explicou-me, ainda fazendo um carinho no meu cabelo.

— Aí é que está, eu nunca tive isso. Nunca achei que eu merecia mais — confessei, olhando nos olhos do meu irmão.

— Seu problema sempre foi se cobrar demais. Você sempre quis ser a melhor, a mais bonita, a mais descolada, a primeira. É

perfeccionista demais, e tudo, absolutamente tudo, para você sempre foi uma competição. É como se não soubesse viver sem que esteja em um campeonato. — Seus dedos acariciaram minha bochecha, me fazendo encher os olhos de lágrimas. — E o seu pior defeito é querer desistir das coisas nas quais não é a primeira colocada.

— Está me dizendo que eu sou mimada?

— Estou dizendo que nossos pais sempre te colocaram em um pedestal do qual você nunca soube sair. Principalmente, o nosso pai. Ele sempre te endeusou, JJ.

— Você sempre foi o melhor filho, Mike.

— Eu era o melhor na escola, mas você era a filhinha do papai. A que jogava futebol de uma maneira brilhante, a menina que ele sempre quis ter, a garota que o fazia sair no meio de uma reunião para que fosse até a diretoria do colégio... Ele te achava a coisa mais extraordinária da Terra, e não sei se você notou, mas foi quando ele faleceu que você ficou tão dilacerada. Vocês eram tudo um para o outro e, além disso, você sempre o copiou em tudo.

— Quer dizer que eu não sei viver sem o nosso pai?

— O fato é que você sempre foi a garotinha do papai e sempre precisou dele e do amor dele para conseguir viver em um mundo que tentava te engolir a cada segundo. Jordan, você tinha dezesseis anos quando ele morreu. Dezesseis. Era uma menina ainda. É normal que precisasse do papai naquela época, é normal que ainda precisasse ser a primeira colocada em algum lugar. Eu era o primeiro da nossa mãe, e você era a primeira dele. Sempre foi assim.

— Então, o que faz você querer continuar vivendo?

Por que eu era daquele jeito? Nunca tinha conhecido alguém como eu.

— Pergunta difícil, irmãzinha. Mas sei que você deletou muita coisa do nosso pai da sua cabeça e nas vezes que fala dele é sempre de maneira superficial. — Porque doía. A morte dele era a que mais me doía. — Ele era muito rígido com você, mais do que a mamãe. Queria que você fosse a melhor e se não fosse, ele ficava emburrado e te tratava mal. Lembra?

Lembrei. Naquele momento, eu estava lembrando de muitas coisas.

— Nosso pai te amava muito. Ele me amava também, mas ser o número um para ele era uma questão de honra. Ele queria que os filhos fossem vencedores como ele.

Eu fiquei perdida quando o nosso pai faleceu, completamente à mercê de uma vida a qual não sabia viver. A verdade era que eu tinha passado a infância e a adolescência tentando agradar aquele homem e, quando ele se foi, eu perdi completamente o meu propósito de vida.

— É difícil gostar de si mesmo quando precisa ser tão perfeita — meu irmão murmurou, me dando algumas das respostas que eu precisava.

— Você fez um bom trabalho, Mike. Sabe disso, não é?

— Se eu tivesse feito, você não estaria tão fodida quanto agora. Sou um bom irmão, mas não fui um bom pai para você. — Senti algumas lágrimas deslizarem pelas minhas bochechas. — Você precisava de um pai, JJ. E, hoje em dia, acho que um pai diferente até mesmo do nosso. Você precisava de alguém que te amasse e te colocasse em primeiro, mesmo com suas imperfeições.

Não consegui refutá-lo, eu precisava mesmo.

— Desculpa por ter me alterado no hospital.

— Mike, eu te amo. Está tudo bem você não ser perfeito sempre. Eu te machuquei.

Machucar-me, o machucava. Eu entendia isso agora.

— Eu te amo, Jordan... Te amo mais do que qualquer coisa.

Eu o abracei, sentindo que, em seu colo, podia me quebrar mais um pouquinho. E foi o que eu fiz. Eu me quebrei porque, depois de muitos anos, pude sentir saudade do meu pai.



ACHADO

Sebastian Sinclair

Era o início do fim.

Um fim que eu decidi que não seria trágico nem triste. Seria uma despedida respeitosa do meu maior sonho, sem rancor ou mágoa. Queria me lembrar dos anos que havia jogado com carinho.

Aquele foi por muito tempo o meu maior sonho, minha maior e única paixão. Porém, tinha sonhos que nós não vivíamos, e o futebol americano era um desses sonhos para mim.

Como em todos os jogos, coloquei meus fones de ouvido e deixei que o rock pesado reverberasse pelo meu corpo e que meus músculos relaxassem antes que eu os levasse até o limite.

Eu precisava ganhar aquele jogo.

Não, isso era pouco. Eu precisava ganhar aquela porra de campeonato, precisava da taça, da conquista. Precisava enterrar meu sonho sabendo que eu era o melhor, que eu tinha saído por escolha, não por falta de talento.

Eu precisava disso.

Calcei minhas chuteiras, focado em repassar todas as qualidades e as falhas da defesa do time adversário. Todo mundo parecia concentrado naquele dia. Nada de piadinhas, nada de conversa fiada, estávamos focados, e eu sabia bem o porquê.

Para sete de nós, aquele seria o último ano, a última chance de sentir o gosto de ser um jogador de futebol americano.

Matteo.

Logan.

Noah.

Hero.

Dominic.

Kyle.

Para todos esses, seria um adeus à vida universitária e um enorme olá à vida adulta depois da formatura. Para ser honesto, não sabia quem estava mais fodido.

Bati meu pé no chão, sentindo as chuteiras me apertarem um pouco e tirei os fones de ouvido. Estava na hora de ser o capitão, uma das coisas que eu mais gostava de ser na vida.

— Hoje nós temos que ganhar. Não um “se”, não um “talvez”. Nós vamos ganhar! O semestre passado foi uma catástrofe, mas temos que provar que a camisa que nós vestimos precisa ser respeitada. Somos um time a ser respeitado —falei em voz alta, olhando para cada um dos meus jogadores.

— Cara, como eu amo esse lado dele — Logan murmurou baixinho para Matteo. — Por você, eu faço qualquer coisa, capitão!

— Vamos optar pelas jogadas tradicionais. Matteo, sua corrida está boa, então vamos utilizar isso. Logan e Kyle, conto com vocês

para passar pela defesa deles. — Eles bateram um *high five* com uma cara séria. Era isso, todo mundo queria ganhar. — Não me façam passar vergonha, senhores. Tenho uma garota na arquibancada para impressionar.

Gritos e zoações ecoaram por todo o vestiário, me roubando um sorriso de canto de boca, mas foi só o Matteo chegar bem perto da minha orelha que ele morreu.

— Quem é o emocionado agora, capitão?!

Que moleque idiota.

— Continua sendo você, Matt.

— Mais tarde a gente conversa sobre isso. — Ele bateu no meu ombro e logo saiu rumo ao campo.

Foi o que todos nós fizemos.

Eu sempre ficava por último. Era uma coisa minha, me ajudava a me acalmar antes do caos.

Todos eles foram saindo, de pouco em pouco, até que apenas eu fiquei.

Meu treinador e eu. Meu mentor. O cara que mais confiou em mim quando o assunto era futebol americano.

— Pronto? — Zion murmurou ao meu lado.

— Sempre.

— Você sempre será o meu moleque de ouro, Sinclair. — Sua mão foi para o meu cabelo, bagunçando tudo, mas foi o meu coração que ficou balançado.

Porra, não devia ser tão dificil daquele jeito.

E assim, ele saiu dali, me deixando entrar em campo por último.

Era uma delícia a sensação de passar pelo túnel e ter a torcida gritando. A energia do jogo sempre foi uma das coisas mais viciantes que eu já tinha sentido.

— Ei, capitão! — alguém berrou por cima de todas as vozes.

Alguém não, era ela.

Quando olhei para o lado, lá estava ela, com a camiseta com o número do Logan no corpo e seu coque bagunçado de sempre.

Linda pra caralho.

— Podia ter vestido a minha camiseta! Até usamos o mesmo número — berrei, chegando mais perto das arquibancadas.

— Quero, pelo menos, cinco *touchdowns* — gritou, ignorando minha provocação.

— Sabe que quem tem que finalizar as jogadas é o Logan, não sabe?

Ela rolou os olhos para mim, mas logo estendeu a mão, para que eu desse um soquinho.

— Boa sorte, cretino.

— Não preciso de sorte. Você está aqui, vai ser meu amuleto hoje.

Porra, eu conseguia ser mais brega do que o Matteo.

Ela soltou uma risadinha envergonhada, mas não conseguiu me responder nada. Após sorrir para ela, fui rumo ao centro do campo, colocando meu capacete.

Estava na hora de ser o melhor.

Estava na hora de relembrar a todos por que Zion me considerava a porra do seu menino de ouro.



— Foi o melhor jogo que eu já vi na vida — foi o que Zoella berrou aos quatro cantos, no meio da fraternidade dos garotos do nosso time, em comemoração à nossa estreia no campeonato. — Sério, não riam de mim, mas vocês foram mesmo incríveis.

— *Você* é incrível, meu anjo. — Matteo beijou sua namorada, segurando-a pela cintura de uma forma que eu amaria segurar Jordan também.

Queria sentir seu corpo na palma das minhas mãos. Poderia apostar que aquela boca se encaixaria perfeitamente na minha.

Eu andava pirando na boca dela.

— Sabe quem foi incrível? O maior pontuador do jogo. — Bella beijou o marido, com um sorriso no rosto de quem iria agradá-lo muito naquela noite.

— Todos os pontos que eu fiz, foram para você, diabinha — disse.

Como era um rendido de merda!

— O melhor *kicker* do jogo também foi perfeito. — Noah beijou a Liz na frente de todo mundo, e eu quase infartei.

Precisam ficar se beijando na frente de todo mundo?

Por que eles estavam tão grudentos naquela noite? Era para me mostrar as coisas que eu não tinha? Bom, estava funcionando.

— Ela já tem até uma filha com ele, tipo… Você não precisa mais sentir ciúmes dos dois. — Jordan riu, bebendo um gole do seu refrigerante.

— Disse o ser mais ciumento da Terra — rebati, a puxando para perto de mim pela cintura.

E foi uma delícia. Tirava-me um pouco o fôlego, mas devolvia-me a vontade de viver.

Tê-la em meus braços me fazia querer coisas que há muito tempo eu nem mesmo me permitia sonhar.

— Não sou ciumenta.

— Você é pra caralho.

— Não sou!

Como podia alguém ser tão teimosa?

— Então, você estaria tranquila comigo ficando com alguém?

— Não sou ciumenta, mas também não sou trouxa. — Aqueles olhos dissimulados me consumiram no mesmo momento. — Vai me dizer que vai achar gostoso se eu beijar o Hero?

— Você não seria louca.

— Não me tenta — murmurou, olhando para a minha boca.

— Podemos dizer algo sobre o Sebastian cadelando a Jordan? — Isabella, a própria enviada do demônio, indagou, apenas para me irritar.

— Ele não fica uma gracinha quando está com ela?! — O golden da diaba foi quem acompanhou.

— Para o Sebastian ser uma gracinha, ele precisa de muito mais do que uma pegada na cintura, pirralho.

E por que ela estava me olhando como se pudesse me matar?

— Para quem sempre foi um pau no cu, ele está indo bem — Logan me defendeu, como sempre.

Claro, me defendeu do jeito dele, né? Ele não iria confiar em mim com a Jordan tão rapidamente. Eu ainda precisaria provar

muitas coisas.

— Fazendo o mínimo? — Zoella, a traidora, continuou.

Qual é? Todas elas iriam pegar no meu pé agora? Tudo bem que eu sempre julguei os rendidos do caralho dos namorados delas, mas também não era para tanto.

— Eu sou ótimo.

Elas não eram minhas amigas também?!

— Ótimo sou eu! Você é, no máximo, bom — Noah brincou.

Porque sim, era uma brincadeira. Ele sempre foi o pior partido de todos nós.

— Se eu sou bom, você é o que mesmo?! — rebati, levando um beliscão da Jordan. — Ai, porra!

— Seja bonzinho com seus amigos! — murmurou, e eu quase obedeci.

Quase.

Aquela desgraçada ainda não tinha entendido que eu não recebia ordens?

— Sonha, princesa — murmurei contra o seu ouvido, arrepiando seu corpo inteiro.

— JJ, não se derreta assim por causa desse idiota — Isabella bradou para Jordan, que mostrou o dedo do meio para a amiga.

Ou cunhada. Dependia do referencial, já que ela e o Logan mais pareciam irmãos.

— Já escutou a voz dele sussurrada contra o ouvido? Não tem como permanecer normal — JJ argumentou, se aconchegando mais contra mim.

— É tão estranho ver o Seb com alguém — Zoe murmurou com a Liz, enquanto os três patetas, que eu chamava de melhores

amigos, me olhavam como se eu tivesse uma doença contagiosa. — Tipo, ele sempre esteve com alguém, mas agora é diferente. Ele está rendido.

Agora elas iriam ficar esfregando isso na minha cara? E os patetas dos meus amigos iriam ficar apenas rindo? Eu ajudei aqueles canalhas, e olha como eu estava sendo tratado.

— Ele fica tão rendido que chega a ser estranho — foi o que Liz comentou.

— Liz... — resmunguei. — Achei que você estivesse do meu lado.

— Estou do seu lado — devolveu, enquanto todos riam. De mim! — Mas não sou burra, Seb.

— Burro, só o Sebastian...

O noivo da tratante era mesmo um idiota. Onde que eu estava com a minha cabeça quando caí de amores por ele? Foram os olhos tristes, eu não tinha dúvidas.

Já havia notado que eu tinha uma predileção irritante por gostar de pessoas com uma pitada de tristeza na alma. Combinava perfeitamente comigo.

— Eu odeio vocês! — grunhi, segurando a cintura de Jordan com mais firmeza.

Eles eram absolutamente terríveis, uma pena que eram a minha família. Uma família que eu tinha construído para mim mesmo.

— Cadê a marra, JJ? Está muito caidinha nos braços dele! — Logan brincou com a amiga.

— Já viu o tamanho desses braços? Não tem como manter a postura.

Se a Isabella já era sem-noção, com alguém que compartilhava sua loucura, então, ficava ainda pior.

— Ah, então você gosta dos meus braços? — Pareceu a coisa errada para se falar, já que todas as meninas começaram a rir.

— Puta merda, ele é o pior para flertar. — Zoe gargalhou.

— O pior! — Liz estava escorada no ombro do noivo, rindo.

Elas eram ridículas.

Todas elas!

— Você está fodida na minha mão — murmurei no ouvido de Jordan, fazendo seu sorriso morrer enquanto a levava para a pista de dança da fraternidade.

Havia pessoas em todos os lugares, a música estava estrondosa combinada às luzes estroboscópicas, mas eu já estava cansado de todo aquele falatório.

Era a minha hora de mostrar certas coisas para a JJ, não de falar.

— Eu não danço, Seb — ela tentou dizer, mas eu não liguei. Coloquei-a na minha frente e puxei suas costas contra o meu peitoral, sorrindo contra suas tranças.

Quem é o ruim agora?

Foi o que me perguntei mentalmente quando dei as costas para os idiotas dos meus amigos e comecei a conduzir Jordan em uma dança só nossa. No começo, ela estava nervosa e pouco se movia, mas eu sabia o que estava fazendo.

Não era da boca para fora, eu sabia mesmo.

Com os dedos em sua cintura, calmamente a puxei para se colar inteiramente em mim. O ritmo da música diminuía e assim, encaixei meu joelho no meio de suas pernas. Ela rebolava contra

ele ao meu comando, e era fabuloso senti-la, pouco a pouco, entregando o controle a mim.

Jordan não se rendia com facilidade, mas com confiança, ela cedia.

Minha boca passava do seu pescoço à sua orelha, até que um suspiro foi roubado da sua boca. Estávamos queimando ao mesmo tempo em que pareciamos apenas estar dançando.

Ela era muito boa.

Gostosa de jeito, de cheiro, de alma.

Ela era inteiramente gostosa.

E eu estava louco por isso.

Pelas suas tranças, pela sua boca e pelo seu jeito de se entregar a mim.

Era real.

O jeito que meu coração se entregava ao dela era bem real.

Com muita calma, fui virando Jordan e dançando com ela, até que olhasse para mim. Aquele olhar era um perigo para qualquer homem. Agora eu entendia por que ele sempre me incomodou tanto.

O olhar dela me dominava, fazia-me um mero servo em seus desejos, mesmo que isso não me agradasse em nada.

Com ela, me agradava.

Com ela, era algo que eu queria fazer de bom grado.

Seu cheiro entrava nas minhas narinas, me deixando completamente louco. Seu suor passava pelas minhas mãos, me relembrando da possibilidade de tê-la à minha mercê. A boca dela estava ali, me esperando, me convidando. Seria apenas um passo,

e minhas mãos estariam em seus cabelos, assim como minha boca estaria na dela.

Seria tão fácil. Tão simples.

Ela iria me dar tudo o que eu queria.

Eu cairia de amores por ela no primeiro beijo. Sabia disso, me conhecia. Mas Jordan era difícil.

Jordan gostava do difícil.

Ela merece mais.

E teria mais do que isso.

Um beijo qualquer em um lugar qualquer.

Um beijo que qualquer um poderia dar a ela.

Não queria ser um qualquer, queria ser único, queria ser memorável.

Seus olhos dissimulados me puxavam em uma onda de luxúria tão profunda que me fez arfar. Eles faziam com que eu me perdesse dentro de alguém que estava conquistando o meu coração sem nem, ao menos, merecer.

Jordan não me amava.

Ela brincava, testava, excitava.

Mas Jordan não amava. Nem a mim, nem a si mesma.

Eu iria me foder. Iria me estilhaçar, me mascarar, me envenenar.

Mas eu iria fazer tudo isso porque estava perdido… nela.

Porra, eu estava completamente perdido nela.

— Não vou te beijar hoje. — JJ arregalou os olhos diante das minhas palavras e me olhou confusa. — Quando eu te beijar, será único. Será memorável. Quando eu te beijar, não será comparado a nada que alguém chegou perto de fazer com você.

— Não consegue fazer ser único hoje? — Arfou quando eu segurei em sua nuca, puxando-a mais para mim.

— Hoje será ordinário. Qualquer um pode te beijar gostoso em uma festa — murmurei contra sua boca. — Quando eu te beijar, será para te foder com a língua. Será para te mostrar a confusão que você está fazendo dentro de mim.

— Não pode ser hoje?

— Não.

— Por quê? — murmurou manhosa, quase fechando os olhos.

— Porque quando eu fizer isso, não vou conseguir mais parar. Porque quando minha língua entrar na sua boca, será para fazer você ser minha, e você ainda não está pronta para isso.

Eu precisava ter certeza de que aquela mulher estava apaixonada por mim quando eu a tivesse em meus braços.

— Nunca vou ser de ninguém, capitão.

Aquilo me fez dar um belo sorriso malicioso.

— Você vai ser minha. — Segurei seu maxilar e a fiz olhar para mim. — Seu corpo já é meu antes mesmo que eu o tome para mim. Mas eu quero o seu coração, os seus sorrisos e, principalmente, a sua alma. Eu quero tudo. Porque no momento em que eu te foder, não terá uma única célula no seu corpo que não será minha.

Ela me olhou completamente bêbada de algo que eu ainda não sabia o que era, mas era quase palpável.

Não era só tesão nem encantamento. Nem mesmo algo apenas visceral.

Era maior.

Era vermelho. Quente. Brutal.

Estávamos perdidos um no outro.

E eu ainda não sabia se isso seria um problema ou a solução de todos eles.



DESINTOXICADO

Noah Thompson

Das melhores coisas da vida até as piores, eu as tinha vivido.

Perdi uma família, construí a minha própria. Perdi um amor e o recuperei. Saí de uma absoluta solidão, conquistando amigos que hoje, mais se pareciam meus irmãos. Mas nada, absolutamente nada, me preparou para o pedido que Sebastian havia me feito naquela manhã.

“Vamos à floricultura comigo? Preciso comprar tulipas para o meu encontro”.

Ninguém podia me julgar por ter engasgado com um pedaço de pão ao escutar essas benditas palavras. Em que momento Jordan conseguiu fazer a proeza de tornar Sebastian um príncipe?

Aquele homem nunca foi romântico. Encontro? Só se fosse em alguma festa ou no Hamilton´s. Eu tinha visto com meus próprios olhos Sebastian sair da fase antirrelacionamentos e entrar na fase “não consigo me apaixonar por ninguém” para agora, vê-lo mergulhar na fase de romântico incorrigível.

E o pior era que ele nem parecia estar surtando por causa disso. Era como se ele estivesse superconfortável enquanto olhava para todas as tulipas do arranjo no meio da floricultura, concentrado e completamente rendido.

Inclusive, era essa a palavra que definia o Seb naquele momento: rendido.

— Eles já se pegaram e ninguém me contou? — Logan murmurou, ficando entre mim e Matteo.

— Lógico que já, é o Sebastian — Matteo respondeu, convicto.

— Eu acho que não, ela não me parece alguém que vai cair na cama dele assim tão rápido. Jordan é orgulhosa — contrapus.

— Vocês sabem que eu estou conseguindo escutar tudo que estão dizendo, né? — O capitão nem mesmo olhou em nossa direção, continuando vidrado nas flores.

— Então responde: já rolou alguma coisa entre vocês?

Matteo ainda não tinha aprendido que o Sebastian nunca contava as coisas dele para a gente? Se eu era fechado, ele era tipo um cofre.

— Para que você quer saber, Matt?

— Não é óbvio? Porque somos amigos e tudo o que diz respeito à sua vida é do meu interesse.

O jeitinho protetor de Matteo veio à tona. Ele era louco para se meter na história do Sebastian, era a gente que não deixava.

A verdade era que andávamos muito preocupados com aquela história. Não me parecia que era hora deles se envolverem. Jordan estava em tratamento para um transtorno mental sério e Sebastian, bem, ele era o Sebastian. O cara que nunca tinha tido muito tato com mulher alguma, além de ser bem babaca quando queria.

A própria Jordan sabia disso.

Era uma história perigosa. Uma história que tinha uma porcentagem alta de acabar com um fim desolador.

— Só estamos curiosos — Matt resmungou, fazendo um bico que o deixava com cara de cachorro que caiu da mudança.

Bom, ele podia até estar curioso, mas Logan e eu estávamos preocupados.

Preocupados pra caralho.

— Não levei a garota a um encontro ainda, por que vocês acham que eu já transei com ela?

Ué, mas não era ele o bonzão? O comedor? O cara que traçava todas as garotas? Que pudor era aquele? Nunca foi de ter essas coisas.

— E precisa de encontro para transar com alguém desde quando? — Logan prendeu o riso, mas eu bem que percebi que ele estava se escondendo atrás do Matteo.

Vai que Sebastian decidisse dar um tapão com aquela porra de mão pesada? Ninguém queria isso. Jordan era insana de encarar a mão daquele menino. Eu não teria a mesma coragem.

— Quando quer levar a garota a sério, precisa de encontros.

Nossa, mas ele tinha noventa e sete anos?

— Esqueceram de me avisar isso, porque eu mesmo não levei a encontro algum. — E foi Matteo deu um tapa na testa do golden. — Ai, porra! Eu não tenho culpa que sua irmã seja apressada.

— Não fala mal da minha irmã.

— São fatos, Matt. Minha diabinha nunca teve esses pudores.

Elizabeth também não tinha tido, mas eu era mais inteligente do que o Logan e não comentei nada. Não queria levar um tapa

também.

— Eu levei a Zoe a um encontro — Matteo expôs, tentando mudar de assunto.

— O *drive-in* não conta. — Seb apontou para um arranjo bonito de rosas e tulipas brancas, mostrando sua escolha para a florista.

— Lógico que conta — rebateu o emocionado.

— Matteo, a própria Zoe disse milhares de vezes que aquilo não era um encontro.

Não era simplesmente maravilhoso que aquele idiota tivesse argumento para tudo? Precisava ter uma boa memória assim? Bom, como eu tinha amor à minha vida e ao meu pescoço, ficaria bem caladinho porque senão, já, já, seria eu que tomaria no cu por ter falado algo que não devia.

— Foi um encontro, sim. Pode parar de querer ser o príncipe deste quarteto, esse posto é meu. — Parecia até uma criança birrenta falando.

— Sebastian pode até tentar, mas você sempre será o nosso príncipe, cunhadinho. — O abraço que o golden deu no Matteo chegou a ser digno de um Oscar, de tão dramático.

As pessoas que nos viam de longe deviam pensar que éramos todos loucos. Não que elas estivessem erradas, elas não estavam.

— A grande verdade, meus queridos, é que eu sou o melhor de nós quatro, e vocês terão que engolir esse fato o quanto antes.

Como era cretino e filha da puta.

Com aquela, ele me forçou a falar.

— Meu braço está lotado de tatuagens para a Elizabeth, Sebastian. Não surta, ainda tem que comer muito peito de frango e

batata doce para chegar no meu dedo mindinho. — Um sorriso de canto se abriu em meus lábios.

— Primeiro de tudo, você estava bêbado quando tatuou essas coisas, ou seja, nem sabia o que estava fazendo.

— Vai querer mesmo peitar a minha lista? Eu fiz uma casa na árvore, encontro em uma livraria, pedido de casamento. Nossa, a lista é imensa.

— Não é uma gracinha ver o quanto ele cresceu?! — O golden agora passou o braço pelos meus ombros.

— Eu pedi a Zoella em namoro em uma praia deserta. Com um anel. — Matt entrou na brincadeira, apenas para tirar Sebastian do sério. — E tem aquela coisa de não ter feito bullying com a mulher da minha vida por anos, né.

— Não fiz bullying, eu apenas não gostava dela — disse com o dedo em riste.

— “Não gostava” é um eufemismo, né? Até ontem você ficava até vermelho de raiva quando ela chegava no ressinto.

Matteo estava querendo ir para o céu na base do soco naquele dia, eu estava sentindo.

— Não vamos lembrar de coisas que me deixam vermelho de ódio — Logan pediu, mas pelo sorrisinho cretino, ele ia mandar uma que ia deixar alguém vermelho de ódio. — Eu ganho de todos você porque dei um ménage para minha mulher. Nada é melhor do que isso.

— Nossa, cala boca — Matteo falou exasperado.

— Eu prefiro morrer a dividir minha mulher. — Meu Deus, Sebastian tinha sido abduzido?

— Sebastian está apaixonado — Logan cantarolou. — Sebastian está apaixonado e ninguém pode negar.

Meu Deus, é esse o homem que vai cuidar dos nossos negócios?

— Como vocês são chatos! O que eu fiz para merecer isso? — Sebastian olhou para o céu, passando a mão pelo rosto e perdendo o pouco de paciência que tinha.

— Eu tenho uma lista enorme. — Logan deu risada, se divertindo assim como nós.

— Sou ótimo com vocês. Sempre fui.

O argumento dele me fez gargalhar.

Sebastian era bom para lembrar dos momentos em que foi nosso paizão, mas horrível para lembrar quando tinha sido um pau no cu.

— Lembra quando você não queria que eu ficasse com a Zoe? Tinha medo de ela quebrar o meu coração e te fazer perder o seu precioso campeonato.

Bons tempos.

— Não estava errado, Matt. Você sempre foi iludido.

— Não é o Matt que está comprando flores para a garota que nem ao menos, beijou. — Logan deu de ombros.

A gente encheria o saco dele por aquilo até o fim dos tempos.

— Logan, como você é insuportável. A garota é sua amiga, queria que eu a tratasse como? — Sebastian rolou os olhos. — Sejam bonzinhos e parem de me zoar.

— Mas é tão legal te tirar do sério. — Logan fez até beicinho. — Mas está certo, a JJ merece o melhor.

— E, aparentemente, o melhor para a Jordan é o Sebastian. Olha que bosta!

Eu estava dizendo. O Matteo estava mesmo querendo conhecer Deus. Só isso explicaria.

— Isso porque é meu amigo, imagina se fosse meu inimigo...

Prendi o riso porque já sabia o que viria a seguir.

— Se fôssemos seus inimigos, daí, você iria se apaixonar por cada um de nós. — Logan fez a piadinha, arrancando uma risada de todos nós.

Como eu amava aqueles garotos. Como eu iria sentir falta de momentos como aquele depois da formatura. Mas, como tudo na vida, as coisas passavam.

Matteo precisava se tornar médico em Stanford, Logan precisava se mudar para Nova Iorque e assumir de vez as empresas da sua família e eu, bem, tinha que fazer da Azzaro's Coffee Shop um empreendimento de sucesso.

Iríamos cada um para um canto do país, mas eu sabia que uma coisa jamais iria mudar: nosso companheirismo e amor uns pelos outros.

Éramos família e família era para sempre.

A nossa sempre seria.

Elizabeth Voughn

Emma não parava de observar atentamente a reunião de mulheres em busca de um único vestido para um encontro com um cara que nunca iríamos imaginar que era dado àquelas coisas.

Zoella parecia em êxtase enquanto mostrava o décimo quinto vestido para Jordan, que não gostava de absolutamente nada.

— Não vou vestir um troço colado no meu corpo cheio de paetês, pode esquecer!

Era engraçado o jeito que ela se encaixava tão bem no nosso grupinho, como se tivesse estado ali com a gente desde sempre.

Jordan ainda não sabia do passado de todas nós, mas no momento certo, iria saber e entender que todo mundo ali teve suas dores e situações difíceis com as quais teve que lidar.

Ela iria passar por tudo aquilo e sairia bem no fim das contas. Éramos todos sobreviventes da nossa própria mente, e eu tinha certeza de que ela seria também.

— Você ficaria linda de rosa!

Zoe tentava convencer a nova amiga, mas eu achava que ela não teria o prazer de ver aquela ali usando rosa.

Isabella já tinha usado algo rosa para agradá-la, eu então, nem se fala, mas JJ era teimosa e não me parecia usar algo só para agradar alguém.

— Amor, *você* fica linda de rosa. Mas, para mim, é um não — explicou para a criança interior que ainda morava na Zoella e dava as caras de vez em quando.

— Só experimenta! Se ficar ruim, você pode ir com a sua calça jeans e o cropped preto. — Enrugou o nariz arrebitado, tentando esconder o quanto odiava aquela ideia.

Nunca tinha visto alguém implicar tanto com roupas pretas quanto a Zoella. A garota sempre achava que as pessoas ficavam melhores com roupas coloridas.

— Você sempre consegue tudo o que quer, projetinho de Barbie? — Jordan pegou o vestido da mão de Zoella e foi rumo ao

banheiro. — Só para vocês saberem, eu ainda acho uma loucura essa ideia de ter amigas.

— Não é divertido? Eu não tinha antes de conhecer o Matteo.

Pensando bem, eu também só tive uma amiga por causa do meu primo.

Meu Deus.

— Como funciona? Caso não dê certo com o Sebastian, eu perco também as amigas? — berrou, após fechar a porta do banheiro.

Graças a Deus que é otimista, imagina se visse só o pior das coisas?, pensei ironicamente.

— Claro que não! — Bella também gritou para que ela ouvisse. — Amigas, amigas, meninos à parte. Até porque, é mais fácil eu me desfazer daquele encosto que é o Sebastian, do que de você.

— Relaxa, JJ. Vocês vão dar certo.

O Sebastian nem começaria aquela história se não tivesse a certeza de que daria certo. Não tinha perguntado nada para o meu amigo sobre o assunto. Se ele quisesse me contar, teria contado, mas eu tinha teorias sólidas de que ele já estava apaixonado, apenas não havia se dado conta. Minha preocupação maior era a saúde mental de Jordan e dele.

Noah e eu pensamos a mesma coisa, ainda não era o momento para eles ficarem juntos. Ela mora com ele, depende dele para muitas coisas. E Sebastian nunca tinha lutado por nenhuma mulher antes.

Jordan estava bem, mas teriam dias em que ela não estaria. Teriam dias em que ela não iria querer nem mesmo olhar para cara dele.

Não tinha tanta certeza se o Sebastian conseguiria lidar com isso. Não sabia se ele conseguiria lidar com o pior da Jordan.

— Eu não teria tanta fé. — *Acho que você não tem muita fé em mais nada, JJ.* — Então, o que acham?

Bom, o jeito que ficamos quando ela abriu a porta do banheiro explicava muito bem o que tínhamos achado.

Ela estava linda. Não, perfeita era uma palavra melhor.

O vestido ficou um pouco mais comprido nela do que na Zoe, mas ainda assim, ficou esplêndido.

— Meu Deus, JJ — murmurou Bella ao meu lado.

Até mesmo Emma soltou um gritinho.

— Você não vai usar aquela calça jeans nem por cima do meu cadáver, Jordan! — Zoe saiu da cama de Sebastian e foi direto agarrar os ombros da amiga. — Olha você. Olha essa perfeição!

— Vocês não estão exagerando?

— Sério, eu também não sou a maior fã de rosa, mas isso aqui — Isabella argumentou. — Você está linda, amiga. Vai ser a mulher mais incrível que ele teve nas mãos.

— Não vou passar vergonha? Eu nunca uso brilho, pessoal.

E lá estava a realidade, Jordan era insegura.

Realmente éramos perfeitas para ela porque cada uma de nós também teve que lidar com as suas próprias inseguranças.

— Olha para você. — Zoe virou JJ, deixando-a de frente para o espelho da porta do guarda-roupa. — Está parecendo uma princesa, amiga.

— Confie na gente, você está deslumbrante. — Bella se acomodou do outro lado de Jordan que, pelo que vi em seu reflexo, estava sorrindo.

— Meu Deus... — Ela estava prestes a ter um leve surto. — Eu vou a um encontro com o Sebastian.

— Uhum — Isabella concordou.

— Com o Sebastian! Vocês têm noção disso?

Prendi o riso com o seu choque.

— Não é incrível?! — Zoe devolveu, animada.

— Sete anos apaixonada por ele... — ela suspirou. — Sete malditos anos, e eu, finalmente, vou a um encontro com ele.

— Que essa trepada valha a pena. Porque, como demorou, puta que pariu. — A coitada da minha filha iria aprender a xingar antes mesmo de falar mamãe com uma tia tão boca suja quanto a Isabella. — Pelo menos, é o Sebastian. O pau é bem gostosinho, amiga.

A olhada que Jordan deu para Isabella fez todo mundo rir.

— Muito cedo para esse tipo de comentário?

E não era que tínhamos achado alguém mais ciumenta do que a própria Isabella? O carma, quando vinha, era sempre uma delícia.

— Vamos deixar esse assunto para o campo das coisas que jamais devemos comentar — murmurou Jordan, voltando para o banheiro, mas ainda com um sorriso no rosto.

— Ciumentinha ela, né? — Bella comentou, também sorrindo. — Adoro essa garota.

É, eu também a adorava. E, por mais que o Sebastian fosse quase como um irmão para mim, eu não iria ficar do lado dele, caso ele quebrasse o coração dela.

Ela não merecia.

Jordan merecia um amor calmo e tranquilo, merecia uma família. E o meu medo era que o meu amigo ainda não estivesse

pronto para dar isso a ela.



CAMINHO

Jordan Joy Lewis

Ele me buscou na porta do quarto.

Ele me deu flores.

Ele beijou minha testa.

Ele me levou para um aeroporto.

Ele me entregou um moletom e disse que tinha uma cama no fundo do avião para nós.

Sebastian Sinclair estava simplesmente me levando para Paris em nosso primeiro encontro. E eu... estava sem palavras.

— Está tão quietinha, querida. O que está pensando? — Seb me puxou para mais perto dele, me fazendo deitar em seu peito.

— Vamos faltar ao treino de segunda? — perguntei, tentando não dizer a coisa errada no momento errado.

Tinha segurado aquele amor em meu coração por anos, não era possível que, logo agora, eu iria dar com a língua nos dentes.

— Vamos faltar por uma semana.

Oi? Ele estava completamente pirado!

— Não posso faltar em tantos treinos, Sebastian.

— Quando foi a última vez que você descansou? Que teve férias?

Desde quando eu não tinha mais os meus pais?

Se eu não estava na faculdade, estava trabalhando para ter um pouco mais de dinheiro no fim do mês. Simples assim.

— Seb, eu preciso conseguir o meu contrato no final do ano.

Não podia perder aquilo também. Simplesmente não dava.

— Você está de atestado por sete dias graças a uma virose — foi o seu argumento. — Qual jogador não fica sete dias de molho por causa de uma virose? Todo mundo. Inclusive, eu também estou agora.

— Você é inacreditável.

— Não fazia sentido você estar dormindo na minha cama, pegar algo contagioso, e eu não pegar também.

Fazia um pouco de sentido sim, mas quem era eu para contestá-lo?

— Então está me levando a um encontro que irá durar uma semana?

— Estou te levando a um encontro e às férias. Viu como eu sou maravilhoso? — disse o metido.

— Você é, Seb. — Bocejei, sentindo meus olhos pesarem de tão cansados. — Você é perfeito.

Para mim.

Para o meu futuro.

Porra, ele era perfeito.

Mas ainda existia aquela vozinha no fundo da minha mente dizendo que ele nunca seria meu. Uma hora toda aquela loucura iria acabar e quem iria sair arrasada seria eu.

Mas, por enquanto, eu cairia sorrindo.

Até que eu chegasse ao chão, iria fingir que não iria me estrepar.

Eu tinha acordado em Paris. Simples assim.

Essa era uma coisa da qual eu havia esquecido: ser rico deixava tudo muito mais fácil. As viagens, os descansos, a tranquilidade de saber que você tinha dinheiro, caso adoecesse... Sim, tudo era muito mais fácil.

Quando meu pai faleceu, foi um choque, mas foi ainda pior ao saber que estávamos atolados em dívidas e que Michael e eu estávamos em uma nova realidade. Então, era como voltar um pouco para o passado, para uma vida na qual eu não tinha preocupações com contas, nem mesmo com dívidas. Uma vida na qual eu não tinha que trabalhar tanto e, mesmo me sentindo muito mal por muito tempo, ainda era uma menina mais tranquila.

A cidade estava como eu me lembrava e o clima típico de setembro estava presente. O céu estava aberto e, por mais que estivesse ventando, o sol fazia com que precisássemos usar poucas roupas para nos cobrir.

Era uma cidade bonita. Sempre foi.

— Gostaria de se mudar para cá um dia? — Seb me perguntou, tirando-me dos meus pensamentos.

— Não acharia uma má ideia ser comprada por um time daqui, mas às vezes, acho que é um pouco solitário.

— Nossas carreiras são um pouco solitárias. — Seu semblante mudou, mas durou pouco tempo. Ele estava tentando se convencer de que não persistir no seu sonho era uma boa ideia. — A *sua* carreira é solitária, a minha é...

— Um porre! A sua carreira vai ser um porre. — Ainda não conseguia acreditar muito bem naquela história. — Não acredito que realmente não vai mais lutar pela sua carreira.

— Já tivemos essa conversa.

— Não tivemos, não. Você sempre me enrola e não diz direito o que aconteceu.

— Já disse que o meu pai me deu uma chance...

— E blá blá blá, você perdeu a chance. Estou sabendo. Pau no cu do seu pai! É a sua vida, não a dele. Confie em mim quando eu digo que, quando eles se vão, ficamos absolutamente sozinhos, então não deveria se privar de algo por causa de ninguém.

Provavelmente, eu estava sendo uma vaca, mas era a verdade.

O pai dele estava interferindo em algo que não deveria ser uma escolha dele. Meu pai não era perfeito, mas sobre isso, eu jamais poderia reclamar. Minha obrigação era apenas ter um diploma. Disso, ele não abria mão, mas o resto era problema meu.

Eu podia ser qualquer coisa, desde que fosse a primeira.

— Você fala como se fosse fácil. Não é, Jordan. Foi a escolha mais difícil que eu fiz na minha vida.

Espera um minuto aí...

— Escolha? Não teve nada a ver com uma escolha. Ele foi cruel, mas você não está preparado para essa conversa —

retruquei, observando as pessoas animadas, indo em direção ao estádio do Paris Saint-Germain.

— Ei, ele é o meu pai, seu futuro sogro. — Como jogava baixo aquele garoto. — Eu vou ser feliz sem o futebol americano, JJ.

— Eu não seria. — Tinha absoluta certeza disso. — Mal aguentei a perda dos meus pais e do meu melhor amigo. Não sei o que seria de mim sem o futebol.

— Eu pensava assim até ter que enfrentar a realidade de que vou ter que respirar sem estar em campo.

Senti um arrepio pelo meu corpo quando ele entrelaçou seus dedos nos meus pela primeira vez.

Como aquilo era gostoso, como eu tinha sonhado com um momento como aquele.

— Está fazendo isso para eu ficar desconcertada e fechar a boca? — Observei nossas mãos unidas e precisava dizer que era algo bonito de se ver.

Eu era toda pequena e ele era todo grande. Eu era escura, ele era claro. Minhas unhas eram curtas, mas estavam pintadas de preto, e as dele estavam um pouco comidas e malfeitas.

Gostava disso.

Gostava de como nosso time se encaixava.

— Estou fazendo isso porque queria saber como é caminhar enquanto seguro sua mão.

Levantei minha cabeça para encontrar seus olhos escuros em mim.

Eles estavam brilhando.

Sebastian estava se apaixonando por mim.

Sabia disso porque era o jeito que ele já tinha olhado para a garota que sempre teve tudo que eu queria, mas não tive.

— O que está pensando, querida? Por que ficou brava de repente?

Aparentemente, não era só eu que o conhecia muito bem. Ele me conhecia muito bem também.

— Sou realmente muito ciumenta. — O cretino sorriu diante da minha confissão. — Não é para rir, Seb!

— Está com ciúmes de quê, sua criaturinha complicada?

— Também não vou dizer, vai ficar me zoando.

Odiava quando ele soltava aquela risada irônica para cima de mim.

Não tinha culpa de que ele era um puto e já tinha beijado metade da faculdade e se apaixonado pela outra metade. Ai, como odiava isso... Por que eu não tinha me apaixonado por um garoto que quisesse esperar encontrar a garota certa para, enfim, beijá-la?

— Tudo bem, então vamos brincar de adivinhação — brincou ainda mais com a minha cara. — Você já me viu apaixonado e está comparando agora mesmo as coisas que eu faço com você e o que eu fazia com a Harmony.

— Vai à merda, Sebastian — disse, soltando a mão dele só de birra.

Sebastian já me olhou puto.

— Primeira coisa, para de ser tão respondona, porque eu não gosto. — E era exatamente por isso que eu iria continuar sendo assim. Adorava vê-lo irritado. — Segunda coisa, a Harmony já é passado. E me dá essa mão aqui, que eu não mandei soltar.

E eu lá iria obedecer aquele cretino mulherengo do caralho?

Minha mão ficou bem quietinha no meu bolso do casaco.

— Que bom que a Harmony já é passado, né? Agora me sinto muito mais aliviada.

— Odeio quando você é irônica.

Não era perfeito? A gente mal tinha começado e ele já odiava um monte de coisas em mim.

— Eu costumo te provocar muito ódio mesmo, é o nosso normal.

— Jordan. — Fui literalmente puxada, quase na entrada do estádio. Assustei-me quando suas mãos foram para o meu rosto e me seguraram, olhando bem nos meus olhos. Cara, como eu queria que ele me beijasse. — Escute bem o que eu vou te dizer porque vou dizer apenas uma única vez.

Me beija?

Nossa, o que custa me beijar aqui? Com raiva? Vai ser memorável, estamos na frente de um estádio!

Porra, só me beija!

— Eu era um adolescente quando fiquei obcecado pela ideia de ficar com a *cheerleader* mais gostosa da escola. — Ai, doeu! Precisava ser tão sincero? — Eu queria viver o que vários amigos meus viviam. A Harmony era minha amiga, mas eu nunca fui cego. Ela era dócil, inteligente e muito, mas muito boazinha. Seríamos o casal perfeito.

— Até que a Miss Perfeitinha arrumou um *bad boy* para se casar. Eu sei da história, também estava lá.

Eu também fazia parte daquela história, mesmo que ninguém me desse a mínima.

— E eu não quis lutar por ela.

— E você ia fazer o quê, Sebastian?

Tentei me desvencilhar dele, mas ele não deixou.

— Olhe para nós dois. Estamos viajando e já estamos brigando, porra!

— Quer paz? Compra um coelho! — Foi a brincadeira certa a se fazer, porque Sebastian soltou uma risadinha gostosa, meio descrente.

— Está vendo? É por isso que eu quero você. E é por isso que eu não quis a Harmony. — Seus olhos ainda estavam nos meus. Eu sentia que poderia suspirar a qualquer momento, mesmo tentando muito não fazer isso. — Você é sincera e, ao mesmo tempo, briguenta. Você me irrita na maior parte do tempo, e eu passo o dia querendo estapear essa bunda minúscula por tanto ódio que você me faz passar. Eu não quero o fácil, Jordan. Hoje eu vejo que nunca quis. Eu quero algo que me faça desejar parar um casamento.

— Pararia um casamento por mim?

Duvidava muito. Quer dizer, eu duvidava que alguém quisesse se casar comigo, para início de conversa. Às vezes, eu conseguia ser mesmo insuportável.

— Estamos em Paris, no meio do semestre, Jordan. O que você acha?

— Acho que você está caidinho por mim — brinquei.

Porque tudo aquilo não passava de uma brincadeira. Eu custava a acreditar que aquilo estava realmente acontecendo comigo.

— E você por mim, marrentinha. — *Isso... Agora, me beija. Está tão perto!* — Quer me beijar, princesa?

— Não sou sua princesa — rebati, doidinha para que ele me beijasse mesmo. Sentia sua respiração pesada bater contra a minha boca.

— Viu? É por isso que você não ganha as coisas que quer. — E o beijo que ele me deu dessa vez foi na pontinha do meu nariz. Frustrante! — Só vou te beijar quando aceitar que você é minha princesa.

— Depois a irritante sou eu — debochei, me sentindo meio estranha sem ter as suas mãos em mim depois que ele se afastou.

Eu as queria de volta.

Está caindo no papinho furado dele?

Estou, mamãe. E, se estiver achando ruim, desce aqui para puxar meu pé à noite.

— E quem mais seria? — disse, voltando a me puxar para o estádio. — Estou te levando para a porra do jogo que você quer ver e ainda preciso explicar que é com você que eu quero ficar?

— Duvido que você gostaria de conhecer minha paixonite de adolescente — joguei verde. Vai saber o que aquele homem já tinha notado sobre mim?

— Você nunca se apaixonou, Jordan. Antes nem tinha paciência para ir a um encontro.

Porque eu sempre fui apaixonada por você, sua anta!

— E eu era uma pessoa mais feliz. Olha só agora. Estou aqui, em um encontro que eu mesma pedi e com um cara que nem me suporta. Devo ter sido uma ditadora na vida passada.

— Eu fui o quê, então? Um terrorista? Porque, se eu não te suporto, você tem apenas ranço de mim — disse, pegando na

minha mão novamente, e só para irritá-lo, tentei arrancar minha mão da sua.

Eu queria que você me beijasse. Só isso.

Não era pedir muito.

— Está me irritando, Jordan. Sossega.

E eu iria, juro. Só precisava testar uma coisa antes.

— E, para a sua informação, eu já me apaixonei, sim.

A cabeça do homem virou tão rápido em minha direção que chegou a estalar o pescoço.

Quem era a ciumenta agora?

— Por quem? — sua voz estava grossa, brava.

— Se você não sabe, por que eu deveria contar?

Que sabor era vê-lo ficar com ciuminho!

Tudo bem que era dele mesmo, mas ainda assim, era delicioso.

— Era da escola?

— Era do time de futebol americano — não menti.

— Do meu time? Porra, JJ! Quem era o filho da puta?

— Era gostoso. — Soltei minha mão da dele, e me virei para ele, andando de costas.

Um pouco perigoso, mas eu sempre fui boa em coordenação motora.

— Nomes, Jordan?! — Ele estava tão bravo, e eu estava amando.

— Os ombros dele davam uns três do meu. E o pau acompanhava a proporção.

Ou, pelo menos, era o que todo mundo comentava.

Para que ter vinte centímetros de pau? Aquele filho da puta iria me arrombar!

— Ainda não escutei o nome dele, sua desgraçada.

Tão burrinho aquele garoto.

— Eu ia te contar, mas... Só porque me chamou assim, não vou mais — disse, e saí andando na frente dele, meio correndo.

Mas nem morta que eu iria contar que tinha sido apaixonada por ele praticamente a vida toda.

— Jordan! — ele berrou, mas não parei de andar. — Porra, na hora que eu te pegar no quarto...

Ele não continuou, só foi atrás de mim, puto de ciúmes e provavelmente com as mãos coçando para dar na minha bunda minúscula.

Como seria receber um tapão daquele homem?

Fiquei molhada só de pensar nessa possibilidade.



QUEDA

Sebastian Sinclair

Ela era linda.

Linda dormindo.

Linda com a blusa do seu time do coração.

Linda até mesmo quando estava com ciúmes besta.

E o que mais me fodia era não gostar dela apenas porque era linda, mas sim porque ela gritava com o juiz no jogo. Era porque ela sentava no meio-fio da calçada para comer um crepe junto comigo, porque ela sabia me irritar como ninguém e porque ela me colocava sentado esperando por cinquenta minutos enquanto se arrumava para ir jantar comigo.

Era gostar dela porque ela me encarava como se eu fosse um Deus, porque, mesmo ela querendo muito me beijar, era orgulhosa o suficiente para não dar o braço a torcer. Era gostar dela porque ela sabia ser marrenta e doce, dependendo do seu humor, porque ela

entendia minha paixão por esportes e porque nosso assunto simplesmente não acabava.

Eu gostava dela.

Dela inteira.

Das tranças no cabelo até a birra porque não queria me dar a mão para atravessar a rua.

Porra, eu gostava tanto dela que não conseguia nem me lembrar como, um dia, fui capaz de odiá-la.

— Sabe do que eu não gosto em Paris? — perguntou, apoiando os talheres de uma forma educada no prato.

Pois, ao contrário do que eu imaginava, ela era bem-educada. Só não era comigo.

Depois de assistirmos ao PSG ganhar o jogo, voltamos para o hotel para descansar e tentar nos adequar ao *jatleg*, mas eu tinha planos para JJ naquela noite. Ela queria um encontro e teria um.

Já tinha ido à Paris milhares de vezes, conhecia bem a cidade, então já tinha escolhido o restaurante perfeito para um encontro perfeito.

— Das pessoas?

— Do tamanho dos pratos! Por que tem que ser tudo tão pequeno?

Ri em escárnio.

— Porque a única coisa grande que vai entrar na sua boca hoje é o meu pau.

A coitada até engasgou com o vinho que estava tomando.

— Porra, Sebastian.

— Estou brincando. Sem pau para você. Vamos fazer a regra dos três encontros.

Seus olhos queimaram em mim de uma maneira assassina.

— Acho engraçado que esse pau passou em todo mundo de bom grado, aí quando chega na minha vez, você fica de cu doce.

— Você que ficou toda nervosinha quando eu falei do meu pau.

Era por causa dele, que eu estava imaginando o que ela estava usando debaixo daquele vestidinho rosa indecente.

Porra, nunca a imaginei vestindo algo assim, mas gostava bastante do que via. Ela soltou as pontas das tranças, deixando metade do cabelo solto em um rabo de cavalo alto. O pescoço dela estava à mostra e foi algo que me chamou atenção quase que instantaneamente, com imagens do meu pau entrando em sua boceta enquanto minha mão segurava o seu pescoço.

— Lógico que fiquei nervosinha. Dizem que ele é tão grande quanto o seu ego.

— Nem todo boato que rola naquela universidade é mentira. — Dou uma piscadinha, que a fez rolar os olhos para mim.

— Como você é idiota.

— Sou, mas é o pau do idiota aqui que você está doidinha para chupar. — Eu até merecia um tapa, mas recebi um sorriso.

Ela entendia meu senso de humor, igual eu entendia os ciúmes dela.

— Não é como se você não estivesse louco para conhecer minha calcinha.

O olhar dissimulado agora deu lugar a um malicioso.

Que mulher gostosa, pelo amor de Deus.

— Não nego, estou louco mesmo para conhecer sua calcinha. Sua boca, sua língua, seus gemidos. — Ela arfou. *Isso, se entrega*

para mim, princesa. — Porra, estou absolutamente ansioso para conhecer sua boceta.

— Como eu posso ficar excitada por um homem tão ruim como você?

— É o meu charme, querida — falei piscando meu olho esquerdo, apenas para jogar um charme.

Não era só Logan Gauthier que conseguia ser engraçadinho.

— Agora me chamando de querida... Como é um arrombadinho.

Peguei em sua mão pequena e entrelacei nossos dedos sobre a mesa.

— Jordan — chamei sua atenção, e finalmente ela olhou para onde eu gostava. Para os meus olhos. — Nunca estive em um encontro antes, mas espero que tenha feito tudo certo. Nunca fui muito bom para você, mas agora, eu quero ser.

— Saímos do papo sujo para o romântico em questão de segundos, mas tudo bem. — Seu polegar fez um carinho na minha mão, e ela me segurou com mais firmeza. — Foi como eu imaginei que seria. Agora eu sei mais coisas sobre você. Por exemplo, que você adora rock antigo e gosta de comer ostras, o que eu pessoalmente acho nojento. Sei também que ama jogar poker e que até participou de um clube de leituras apenas para agradar a Liz. — Enquanto ela estava falando, eu só pensava que queria beijar a sua boca. Queria tanto que meu pau chegava a doer. — Foi perfeito.

— *Está sendo*, porque ainda não acabou.

Jogo, jantar... Agora estava na hora de transformar o que já era bom em memorável.

Eu disse que seria um príncipe quando encontrasse a garota certa. E era isso o que seria para ela.

Além do mais, ela me fez aceitar uma das suas consequências.

Ela não queria jogar? Pois, então. Estávamos jogando.

— Você é maluco.

Eu não era.

Mas estava ficando.

Estava ficando louco por ela.

— Eu sempre amei a Torre Eiffel — Jordan disse, olhando a grande torre iluminada, o que a fazia parecer ainda mais linda. — Meu pai nos trouxe à Paris pela primeira vez quando eu tinha onze anos. Foi uma das viagens mais divertidas que já fizemos.

— Do que mais sente falta deles? — fiz a pergunta dolorosa.

Já estava na hora de ela mostrar um pouco mais dela para mim e eu mostrar um pouco mais de mim para ela.

— Depende do dia. Agora, estou sentindo falta de poder ligar para os meus pais e contar sobre o conto de fadas moderno que eu estou vivendo.

Ela sorriu e foi lindo.

Trágico, doloroso, mas ainda assim, perfeito. Como ela inteira.

— Minha mãe amaria você, e meu pai iria fingir que não, mas no fundo, iria me entregar a você de bom grado.

Seus olhos ficaram avermelhados. Quando a saudade apertava mais do que era suportável, precisava vazar por meio de lágrimas. Sabia bem como isso era.

— Callum sempre disse que você seria perfeito para mim. Ele estaria tão animado, mas, ao mesmo tempo, iria querer que eu

bancasse a difícil, então também ficaria no meu pé. É engraçado como sinto falta deles até mesmo quando estou feliz.

— Você os ama e a saudade é o efeito colateral de um coração que ama, querida.

— Já pensei muito sobre isso. Às vezes, queria amar menos todos eles, apenas para doer menos.

Eu a puxei para os meus braços, sentindo como ela se encaixava completamente em mim. Eu era enorme perto dela, mas ainda éramos o encaixe perfeito de um quebra-cabeça imperfeito.

— Não mudaria uma única coisa que vivi com a minha filha, apenas para não sofrer tanto. — Segurei em seu rosto, sentindo que estava segurando meu mundo inteiro com as mãos. — Os momentos que ela gargalhava ainda reverbera em mim, e não me deixam mais fraco, eles me fazem...

— Querer viver?

— Sim.

Dei um beijo em uma de suas pálpebras, lembrando de quantas vezes minha mãe já havia beijado a minha daquele jeito.

Ela dizia que, quando beijávamos os olhos de alguém, amaríamos aquela pessoa para todo o sempre.

Naquele momento, eu estava desejando muito o “para sempre” com aquela mulher.

Logo eu, que nunca tinha desejado viver isso com ninguém.

— Ainda é difícil, mas espero que, um dia, eu consiga lidar com as minhas perdas, assim como você lida com a sua.

Aquela frase dela pegou bem no meu âmago. Foi como me dar um murro bem no estômago.

Ela não podia acreditar naquelas coisas.

Se eu quisesse um “para sempre” com a Jordan, teria que ser do jeito certo. Sem enganá-la, sem mentir para ela, sem iludi-la.

Sem fazer com ela, o mesmo que eu fiz com todos à minha volta.

Eu poderia me foder fazendo isso, poderia perder a única coisa que queria mais do que quero a Jordan, mas iria fazer mesmo assim. Não queria que nosso beijo tivesse gosto de mentiras. Queria que tivesse gosto de paixão, de para sempre, de amor.

Não podia simplificar o complicado. Sabia que ela poderia dar as costas para mim naquele instante e desistir de tudo, mas ainda assim, era o melhor a se fazer.

Não iria viver tendo um fantasma me assombrando.

É agora.

Tem que ser neste momento.

— Eu preciso te contar uma coisa, porém preciso que me prometa que não vai contar isso para ninguém. Porque, se você contar, eu vou perdê-la de verdade. — Jordan me olhava confusa, mas me deixou falar. — Eu sou pai.

— Eu sei, Seb. Você já me contou isso.

— Não, Jordan. Eu não fui pai, eu *sou* pai. Minha filha está viva. — Senti um arrepio estranho de medo, mas tentei não demonstrar nada.

Aquela frase parecia tão estranha quando saiu dos meus lábios que parecia até que eu estava delirando.

Minha filha estava viva. Ela só não estava mais comigo.

A boca dela abriu e fechou, contudo nenhum som saiu. Jordan parecia em choque, mas ficou ali, parada nos meus braços. Ela queria uma explicação, e eu estava louco para dar.

— Tudo o que te contei sobre a morte dela foi verdade para mim até o ano passado. Eu realmente pensei que ela estava morta por todo esse tempo, sofri por anos.

— Como? Onde? Meu Deus... Seb, por que você está mentindo para os seus amigos?

— Porque eu preciso. Apenas por isso. — Respirei fundo para conseguir contar como tinha passado de um cara com uma família como qualquer outra, para um cara com uma família tão ruim que eu mal conseguia reconhecer. — Eu sempre quis ser jogador. Era o meu destino, minha escolha, mas era lógico que, para o meu pai, não seria tão fácil assim. Ele queria um herdeiro, precisava de um.

— Puta merda...

— Eu não pude registrar a minha filha. Meu pai não deixou, seria um escândalo. O herdeiro de quatorze anos da empresa Sinclair engravidando Sabrina Dallas, de quinze anos, filha do diretor comercial da empresa? Era uma catástrofe. Pior ainda quando se tratava de uma gravidez indesejada pelo pai e pela mãe da criança. — Foi horrível tudo o que nós tínhamos feito. — Sabrina só não abortou a minha filha porque, no dia em que ela foi fazer isso, sua mãe a pegou passando mal e a levou para o hospital.

— Sabrina Dallas? A presidente do conselho estudantil do colégio?

É, aquela Sabrina. A mesma que precisou até sair do seu colégio onde estudava, para que ninguém ficasse perguntando do sumiço dela por um ano.

Sabrina ficou muito puta quando teve que mudar para o mesmo colégio que eu, mas nós fingíamos que nunca tínhamos nos conhecido. E tenho certeza que hoje em dia ainda seria assim.

Eu ainda era um passado que ela não queria lembrar, e nem eu queria que ela lembrasse.

— Os pais dela eram católicos fervorosos e não a deixaram abortar. A solução que eles deram para nós foi a adoção. — Engoli em seco porque vou odiar ter que contar toda essa merda para ela. — Eu odiava ir ao ultrassom com ela, tinha nojo de ver a barriga. Eu simplesmente não queria aquele bebê. Era para ser apenas uma foda, uma tão insignificante que eu nem mesmo me recordo direito.

Perdi a virgindade cedo, com treze anos, e desde então, eu era bem ativo. Adolescentes ricos e sem limites costumavam fazer muita merda. E eu era um deles.

— Eu não a queria, mas mesmo assim, quando escutei o choro dela, me apaixonei. Eu vi seu rosto, cortei o cordão umbilical, fiz tudo o que um pai deveria fazer porque o meu próprio me obrigou. — Meu pai não era um pai ruim. Ou, pelo menos, até aquele momento, ele nunca tinha sido. — E quando chegou a vez de dá-la para outras pessoas, eu não consegui.

Ainda me lembrava de segurá-la em meus braços e tudo o que eu conhecia sobre o mundo e sobre o amor simplesmente mudou.

Eu não sabia o que fazer com ela, não sabia como ser o pai de alguém.

Mas eu quis ser o pai dela.

— Eu implorei ao meu pai para ficar com ela. Literalmente, eu fiquei de joelhos para ele e implorei aos prantos para ele me deixar ficar com ela, quando ele cedeu, pensei que viveria o meu “felizes para sempre”. Só tinha um problema, a Sabrina me fez prometer que nunca seria procurada e que eu iria cuidar da criança sozinho. — Eu nunca precisei fazer isso, já que, no fim das contas, não teria

que ser pai dela. Eu teria que ser o irmão. Emma Rose Sinclair foi registrada — Eu amava tanto aquele nome, ainda me lembro de escolher por causa da minha série favorita, Friends. —, mas não fui eu que assinei os papéis, foi o meu próprio pai. Ele deixou que eu ficasse com ela, mas ela seria minha irmã. Ele era o pai. Eu cedi porque, afinal, eu era uma criança. Não tinha o que fazer. Eu aceitaria qualquer migalha que ele me oferecesse.

"Ela virou um segredo sujo da família Sinclair. Seu quarto não era na mansão, e sim na casa da governanta. Ela não saía conosco, não viajava e nem mesmo ia nas festas com a gente. Emma era um ser quase invisível, porque meus pais tinham muito medo de serem descobertos. Ou era isso o que eu pensava, até que meu pai disse que todo aquele inferno o qual eu vivi foi, na verdade, por causa de um plano. Ele precisava sumir com a menina, e foi isso o que ele fez.

Ele montou um cenário, no qual a minha filha se afogou no lago da nossa casa por um descuido da governanta, o que culminaria na demissão dela. Era perfeito. Foi perfeito. Ele entregou o meu bebê para a governanta criar, enquanto eu crescia sem ela. Me deixou perder a infância praticamente inteira da minha filha, chorar por ela, e tudo porque precisava de um herdeiro."

— Sebastian, eles não fizeram isso com você... Meu Deus, eles são seus pais — balbuciou, tão desolada quanto eu.

— Eles são meus pais, mas precisavam de *mim*. Meu pai precisa de um sucessor à sua altura para comandar seu precioso império. Nada é maior do que o amor dele por aquela empresa. Nada. Então ele bolou o plano perfeito. Emma. Ela era o plano perfeito. No momento em que eu o peitasse, dizendo que não ia

assumir minha cadeira na empresa, ele mostraria a única coisa que me faria desistir do meu maior sonho.

— Sua filha.

— Minha filha. — Minha linda garotinha, que hoje já tinha sete anos, e que eu não fazia ideia se estava bem ou não. Se sabia que eu era o pai dela, ou não.

Eu nunca iria perdoá-lo. Nunca.

— Onde ela está? Porra, ele tem que te entregar a menina. Você já desistiu de tudo!

Ela estava puta. Mas quem não estaria?

Jordan entendia como doía uma morte; ela daria tudo para ter alguém que amava de volta.

— Ele só vai me entregá-la quando eu assinar o contrato no qual diz que eu sou o novo CEO da Sinclair INC. — Um “merda” sussurrado escapou da sua linda boca diante da minha fala. — Falta pouco. Daqui alguns meses, ele me entrega a minha menina.

— E por que mentiu, Seb? Logan tem dinheiro. Eles podiam fazer alguma coisa, você não sabe onde ela está?

— Justamente por isso não posso falar com eles. Principalmente por causa do Logan. Meu pai é um homem poderoso, e mesmo que eu nunca acreditasse que fosse um homem cruel, ele foi capaz de fazer isso comigo. Quando ele me ordenou que não contasse nada para ninguém, porque se ficasse sabendo que eu, ou qualquer um dos meus a procurasse, sofreríamos as consequências. — Pensar sobre isso me subia um gosto ruim na boca.

Não era burro, muito menos teimoso quando envolvia minha filha. Mas eu tinha que ser esperto e frio nessa situação. Correr para

os braços dos meninos só pioraria tudo.

— Mas o que ele pode fazer com os meninos?

— Meu pai conhece o diretor de Stanford. Não duvido nada que ele faça uma ligação pedindo um favor ao amigo, e acabando com a chance do Matteo de estudar lá. — Dei um exemplo. — Ele também sabe a história do pai do Logan. Imagina se ele solta na mídia que o pai do Logan batia na esposa por anos? Imagina se ele solta na mídia que o sócio da Azzaro Coffee usava drogas quando era menor de idade? Tem muita coisa em jogo.

— Tenho certeza que todo mundo passaria pelo inferno por você e por Emma Rose — murmurou meio apavorada. — Eu passaria.

— Ele faria tudo isso depois de sumir com a menina. Conheço meu pai, e ele não estava mentindo quando me disse que eu sofreria as consequências caso não fizesse o que ele estava mandando.

Eu ponderei muito sobre essa situação. Foi por isso que entendi que a melhor coisa que eu poderia fazer era seguir o jogo dele. Me render.

Suas mãos foram até o meu rosto e me acariciaram, aliviando um pouco a angústia que eu sentia no peito.

— Você passou por tanto, querido... Eu também desistiria de tudo para salvar alguém que eu amo.

— Não queria beijar você sem que soubesse exatamente onde está se metendo.

Ela se aproximou mais de mim, e meu coração quase parou. Eu estava com medo. Muito, mas muito medo.

Não estava com medo de me apaixonar até o momento.

Mas, meu Deus, olha o que eu tinha contado a ela.

Olha a magnitude da confiança que eu tinha naquela garota.

Ela me fazia cometer loucuras.

Ela me fazia pular de penhascos e sorrir com a queda.

Ela me fazia dizer verdades que poderiam me foder.

Aquela linda garota tinha um poder sobre mim que chegava a me assustar.

Estava com medo de todas as loucuras que eu seria capaz de cometer por ela.

— Obrigada por ter me contado, Seb — disse tão docemente, que decidi dizer mais uma verdade para ela.

— Eles mudaram o nome da minha garotinha quando a entregaram para a governanta. — A mesma que eles demitiram após acusá-la de ter sido negligente com a menina. Ou, pelo menos, foi o que eu pensava que era a verdade. Mas, na verdade, ela se tornou mãe da minha filha e, hoje em dia, ganhava uma mesada gorda todos os meses para cuidar dela. Para criá-la. — Ela se chama Aimée. É tudo o que eu sei dela.

— Eles não falaram ou mostraram mais nada dela para você?

— Apenas uma foto de quando ela tinha três anos. Meu pai não quer que eu a reconheça de forma alguma. — Ela estava tão lindinha de franjinha e vestido de banana.

É uma imagem que eu sempre vou me lembrar.

— Ele é um filho da puta.

— Ele é. E, se ele souber que eu disse tudo a você, estarei fodido.

— Não vou dizer nada a ninguém.

E eu acreditava nela, não teria falado nada se não acreditasse.

Que medo dessa porra!

— Estou com um medo do caralho de me apaixonar por você, querida.

Os olhos dela brilharam.

Ela estava pensando. Estava buscando palavras que eu achava que, dessa vez, iriam realmente me abalar.

— Não precisa ter medo, Seb — sussurrou, chegando mais pertinho de mim. Nossas respirações estavam tão próximas que até pareciam se transformar em uma só. — Eu sou apaixonada por você há anos.

Sua verdade me abalou.

Tirou-me completamente o chão.

Eu cheguei a ficar zonzo.

E feliz.

Estava eufórico de tão feliz.

— Eu me apaixonei vendo uma foto sua. É bobo, eu sei, mas é a verdade. — Ela sorriu envergonhada. — Uma verdade por outra. — E deu de ombros, tentando diminuir o que estava me dizendo.

No entanto, não diminuiu um centímetro do que estava sentindo.

Porra, era ela!

Ela era a minha pessoa.

Minha dupla.

Minha mulher.

Era ela.

— Estou completamente apaixonado por você.

E, porra, era uma das melhores coisas que eu já tinha sentido na vida.

Bem ali, naquele momento, eu via que não era só mais medo que sentia, era desejo, era paixão. Era tudo. Estava louco por ela.

— Está preparada, princesa? — murmurei contra os seus lábios gostosos.

— Para o quê, Seb?

— Para beijar o amor da sua vida.

— Estive pronta desde o momento em que te vi pela primeira vez.

Era tudo o que ela precisava me dizer para que, enfim, eu tomasse seus lábios.

Minha mão foi para a sua nuca, trazendo-a para mim, assim como meus lábios sentiram seu gosto pela primeira vez. Era paradisíaco, calmo, de longe, o melhor beijo que eu já tinha dado em alguém.

Senti sua língua pedindo passagem e dei, percebendo-a me assaltar da maneira mais gostosa que poderia fazer. Eu estava entrando em uma tempestade de sentimentos que me jogavam em um redemoinho tortuoso e prazeroso, que me viciava instantaneamente.

Sua mão me levou ainda mais para ela, e deixei que Jordan aproveitasse o controle por mais um tempo. Ela o merecia.

Ela tinha esperado.

Ela tinha se mantido firme.

Ela, provavelmente, tinha sofrido.

Ela precisava me ter por um tempo.

Deixei que aproveitasse de mim pelo tempo que quisesse, até que desci minha mão esquerda para a sua cintura e a direita para as suas tranças da nuca, encaixando-a perfeitamente em mim. Meu

joelho ficou entre as suas pernas e o beijo, que antes era romântico, passou a ser lotado de luxúria.

Era a minha vez de comandar.

Era a minha vez de mostrar a ela como eu me sentia.

O beijo ficou mais voraz e faminto. Jordan me acompanhou quando amoleceu em meus braços, deixando que eu a conduzisse para onde eu quisesse. Nem o vento fresco de Paris era capaz de esfriar o calor dos nossos corpos.

Era épico. Era sensacional.

Eu tomava tudo dela com a minha língua, com as minhas mãos, com o meu controle. Tomava tudo.

Ela era minha.

Eu ainda não tinha metido nela, mas já tinha certeza de que aquela garota sempre foi e sempre seria minha.

Finalizei o beijo, sentindo meu pau doer de tão duro que estava, mas ignorei tudo isso quando mirei em seus malditos olhos bonitos.

Eles me enfrentavam de uma maneira diferente. Eles brilhavam, e me conduziam a um sentimento tão arrebatador quanto feroz.

Estávamos completamente ligados um no outro.

— Não quebre meu coração, JJ.

— Não vou — murmurou, ofegante. — Não quebre o meu também, porque hoje foi a primeira vez que eu o senti bater sem doer tanto como antes.



SURPRESA

Jordan Joy Lewis

Parecia um sonho.

O jeito que ele me devorava, fechando a porta do quarto de hotel com o pé. O jeito que ele me levantou e me prendeu contra o seu corpo, como se eu não pesasse nada. O jeito que ele passava as mãos pelas minhas coxas, bunda, cintura, cabelo.

Nossa, era perfeito.

Era tão perfeito que eu sentia minha pele se arrepiar inteira apenas com poucos toques. Porém, era sua língua dentro da minha boca, me devorando, que fazia minha calcinha ficar encharcada.

Minhas costas bateram na parede, e fui prensada sem delicadeza nenhuma por um homem que agora, parecia ter bem mais do que o dobro do meu tamanho. Suas mãos estavam por todos os lugares, e minha respiração ficava cada vez mais difícil por causa do beijo que não cessava nunca.

Era como um incêndio que me queimava de dentro para fora, fazendo tudo ficar ainda mais intenso.

Sebastian era um homem no sentido mais perverso da palavra. Ele não pedia, ele tomava. E era isso o que estava fazendo comigo naquele momento. Tomando-me por inteira.

Ele puxou meu lábio inferior com os dentes, ao mesmo tempo que puxava meu vestido para cima lentamente, me deixando ofegante outra vez. Levantei os braços, ainda no colo do Sebastian, para que ele tirasse a peça emprestada, que cobria meu corpo.

Esperei sentir vergonha. Esperei vir uma sensação estranha porque estava praticamente nua e muito colada ao homem que idealizei por anos.

Mas nada disso veio.

Arfei quando os olhos escuros e calorosos de Sebastian passaram por mim, observando cada parte do meu corpo. Ele observou atentamente meus seios pequenos, arredondados e firmes. Ele lambeu os lábios quando notou meu abdômen, que não chegava a ter gominhos como o dele, mas também era definido. Ele apertou minhas coxas torneadas e abriu um sorriso tão sacana, que fez minha barriga gelar de antecipação.

Sebastian ainda estava com a camisa social branca e a calça preta no corpo. E isso parecia dar a ele mais um tipo de poder.

Sentia-me tão dele, que chegava a ser estranho.

Não era apenas pelas roupas ou pelos toques. Não era também pelo fato de estar prensada na parede, ficando pequena em relação ao seu corpo. Tentava entender o que tinha nele que o fazia tão diferente de todos que já tinham me tocado, mas ainda não entendia. Só sentia.

— Você estava maravilhosa com esse vestido, mas sem ele… — Seus dedos longos passaram pela minha barriga que se contraiu, até chegar ao bico do meu seio. E, minha nossa, com apenas um toque singelo e calmo, eu me contorci. — Está de tirar o fôlego, querida.

Da minha boca saía apenas minha respiração, que não voltava ao normal nunca. Nem meu condicionamento físico de atleta me fazia suportar as coisas que ele me provocava.

O quarto estava claro, então eu conseguia ver tudo o que precisava, e naquele momento, foi no rosto de Sebastian que me prendi. Em seus lábios grossos, que agora estava cintilando, graças aos nossos beijos. Em seus olhos, que me sugavam para uma órbita completamente viciante. Em sua testa, que acumulava um pouco de suor, graças à tensão do momento.

Porra, eu sentia vontade de me contorcer cada vez que ele rodeava meu mamilo com o polegar. Meu corpo chegava a doer de prazer.

Ele nem tinha feito nada, e eu já estava pingando, sentindo minha boceta palpitar e doer pela falta de algo que ela nunca teve.

— Vamos cuidar disso — disse, sorrindo enquanto me tirou da parede e, ainda no seu colo, me levou para a nossa cama. — Você parece estar tão faminta pelo meu pau, que está me deixando louco.

— Te olhar me dá vontade de gozar — comentei em um sussurro direcionado ao seu ouvido, sentindo sua nuca se arrepiar.

— Vou te fazer gozar hoje de uma maneira única. — Sua mão me puxou pela nuca, para que eu olhasse em seus olhos. — Vou te estragar para qualquer outro homem.

— Você me estragou desde o momento em que eu te olhei — balbuciei, para logo em seguida, ser jogada na cama, sentada com as pernas abertas para ele.

— E você está me estragando agora, querida. — Com os braços cruzados, ele me observava. Calmo, concentrado. — Me deixa ver essa boceta.

Não era um pedido.

Sebastian não parecia ser um cara que pedia por nada. Ele apenas mandava.

— Você ainda está vestido. — Eu o lembrei, tentando buscar algum controle, mas já o tinha perdido inteiramente no momento em que ele me beijou.

— Quer que eu tire minha roupa? — Sebastian não se mexeu, e eu parecia não respirar. — Então faz o que eu mandei e me mostra a boceta que eu vou meter a noite toda.

Obedeci no mesmo segundo.

Essa parte que me incomodava. Eu queria obedecer aquele filho da puta.

Ele sempre soube me comandar como ninguém.

Abri mais as pernas e deixei que ele observasse minha boceta que ainda estava tampada por uma renda transparente.

Ele pareceu gostar, pareceu desejá-la.

E, porra, isso me fez desejá-lo ainda mais.

Com apenas um aceno de cabeça, eu entendi o que tinha que fazer. Sebastian não falava, apenas olhava. Sebastian não gritava, arqueava a sobrancelha.

Sebastian não precisava pedir, eu sabia ver os seus sinais silenciosos como ninguém.

— Eu nunca pratiquei…

Ele interrompeu a minha fala no meio enquanto eu tirava o fiapo de tecido da calcinha que cobria minha boceta.

Porque era isso o que ele queria. Sebastian me queria inteiramente nua enquanto ele pensava no que fazer comigo.

— Não estamos em uma sessão de BDSM, princesa. — Ah, isso explicava muita coisa. — Você pode me dizer o que quer, do que gosta. Podemos fazer várias coisas, mas não estou dominando você.

— Eu me sinto dominada — disse, jogando a calcinha nele, que pegou o tecido no ar e o tocou minuciosamente com os dedos, sorrindo.

— Gosta de ser dominada? — A sua voz saiu rouca e sua calça estava com um volume bem maior do que antes. Ele inspirou a renda profundamente. — Porra, até seu cheiro é gostoso, Jordan.

— Nunca me senti assim antes — murmurei. Eu sentia que, se ele me pedisse para fazer qualquer coisa, eu faria.

E eu iria gostar.

O mais louco era que eu nunca tinha imaginado que seria esse tipo de garota. Sempre que me peguei pesquisando sobre BDSM por causa dele, achava que não conseguiria lidar com alguém me ordenando coisas.

Eu nunca quis ser de ninguém.

Até agora. Até estar na cama com ele.

Nunca me senti tão calma e em paz quanto naquele momento.

— Interessante. — A calcinha foi jogada no chão e, de repente, minhas pernas foram abertas e minha boceta se abriu. Estava tão exposta que foi impossível não me sentir envergonhada. — Sua

boceta está brilhando de tão ensopada, e eu nem toquei em você direito.

— E você ainda segue com todas as suas roupas.

Ele sorriu.

O cretino sorriu para mim.

— Vou te comer assim — falou, me deitando e pairando seu corpo sobre o meu. — Adoro o seu cheiro.

— Pode soltar, pelo menos, os seus cabelos? — pedi, e ele me observava sem dizer uma única palavra. — Por favor? Gosto deles soltos.

— Gosto de quando você me pede as coisas desse jeito. — E finalmente deixou os cabelos negros e médios caírem por todos os lados.

Sempre amei os fios maiores. Sempre imaginei como seria segurá-los enquanto ele me fodia com a boca.

Sem esperar nem mais um segundo, sua boca reivindicou a minha, tomando posse daquilo que sempre foi dele. Nossas línguas duelavam, e viramos uma massa pulsante de sons e gemidos.

Sebastian afastou sua boca da minha, mas não do meu corpo, já que foi descendo e arrastando sua língua pelo meu corpo, conhecendo meu gosto em todos os lugares e me deixando completamente tonta. Quando chegou ao umbigo, ele deixou ali uma mordida leve, que me ajudou a ficar ainda mais ligada.

Era um tesão ver seus olhos buscarem meu rosto cada vez que ele me lambia, chupava e mordia. Ele gostava de ver o efeito que causava em mim, e eu gostava de mostrar.

Dando pequenos beijos, ele foi chegando à minha pélvis. Me causando um tipo novo de prazer.

Sua língua passava em partes do meu corpo que eu nunca imaginei que seriam tão erógenas. Mas eram. E nossa, eu não pude conter o gemido que saiu da minha boca. Joguei minha cabeça para trás, apenas me entregando aquele momento, que eu rezava que durasse para sempre.

Sebastian primeiro desceu para a parte interna das minhas coxas, mordendo e lambendo até que deu apenas uma lambida suave nos meus pequenos lábios, que me fez estremecer inteira.

— Seb, me chupa... Por favor.

Queria gozar!

Queria tanto gozar na língua dele, e lambuzar todo aquele rosto bonito com a minha excitação.

— Fica caladinha, fica, querida. — Com os dedos, ele abriu meus grandes lábios, expondo minha boceta ainda mais. — Vou te fazer gozar com a minha língua, depois, com os meu meus dedos e, só depois, com o meu pau.

Mais uma lambida, que só me fez sentir o gostinho do paraíso sem aproveitá-lo de fato.

— Esse é o problema de foder com homens que são péssimos de cama, eles te acostumam mal. — Mais uma chupada. — Sexo bom é sexo com tempo, com paciência, que deixa suas pernas tremendo depois de gozar tanto, mas tanto, que seu corpo se entrega à exaustão.

Quando eu ia dizer alguma coisa, fui interceptada por uma de suas mãos cobrindo minha boca, enquanto sua língua começou a pincelar minha boceta calmamente. Cheguei a descolar minhas costas da cama quando sua língua circulou meu clitóris de um jeito que fez todo o meu corpo se contorcer.

Minhas mãos foram para o lençol, porque eu precisava segurar algo. Já sentia meu corpo flutuar. E era bom.

Bom, não. Era quase mágico.

A língua dele me pincelava de baixo para cima, pegando todos os pontos certos. Meu corpo inteiro pulsava e minhas pernas queriam se fechar, mas Sebastian não deixava ao me segurar com a outra mão, me fazendo permanecer completamente aberta.

Seus lábios se fecharam no meu clitóris, fazendo meus olhos se revirarem por causa do prazer severo que todo o meu corpo sentia.

Seu gemido rouco e grave reverberou por todo o meu corpo e só ajudou a potencializar tudo o que eu sentia. Era arrebatador de uma maneira quase irreal.

Eu sentia todas as partes do meu corpo vibrando e minha cabeça estava tão limpa de pensamentos, que nada passava por mim. Eu só sabia sentir, e gemer.

Meus músculos estavam tensos e o suor já brotava em meu corpo até que, depois de circular meu clitóris mais uma vez, ele novamente o chupou. Com firmeza, mas cuidado ao mesmo tempo.

— Quero escutar você gemendo para mim — disse, soltando sua mão que estava em minha boca. — Goza, querida. Goza pra mim.

Eu estava tão perto, mas tão perto, que sentia minhas pernas tremerem em expectativa a todo o prazer que eu experimentaria.

Mais uma lambida.

Mais uma chupada.

E eu me derreti.

Virei um amontoado de gemidos e de espasmos sem nenhum controle. Minhas mãos foram para o cabelo de Seb e, segurava sua cabeça bem ali, entre minhas pernas, o que permitia que eu me esfregasse nele, como meu corpo pedia.

Era intenso, mas eu não queria que parasse.

Era doloroso, mas eu queria que fosse ainda pior.

Não sabia por quanto tempo eu tinha gozado, mas parecia ter sido por vários minutos, porque só consegui abrir os olhos,quando Seb foi dando lambidas curtas, limpando todo o resquício do meu orgasmo da minha boceta, e me fazendo sentir uma paz que eu não sentia há anos.

Então era isso que as pessoas chamavam de ser bem fodida?

— Quase gozei só de olhar você gozando. — Sebastian deitou ao meu lado, com o joelho entre as minhas pernas e a cabeça no meu ombro. — Olha para mim e me deixa ver o estado que eu te deixei.

Quando nossos olhos se encontraram, foi como encontrar o nirvana. Era uma delícia ver o caos que eu o deixava.

Ele parecia completamente entregue.

— O que eu fiz para você me querer tanto assim?

Sorri ao sentir seu beijo no meu ombro.

— Acho que nunca vou saber exatamente, mas tenho para mim que somos feitos um para o outro, eu só precisava enxergar isso de alguma forma. — Sua boca foi até a minha, e meu tesão se reacendeu quando percebi que meu gosto estava ali. Porra, queria isso sempre. — Eu sempre cumpro com a minha palavra, princesa.

E foi assim que eu comecei a sentir seus dedos brincando com a minha boceta, que ainda estava sensível, de uma forma nada delicada. Com movimentos circulares, ele começou a me acariciar e, em seguida, passou seu outro braço por trás da minha nuca, me abraçando por completo.

— Agora, você vai gozar olhando para mim, ok?

E, como se fosse mágica, eu permaneci olhando para os seus lindos olhos castanhos. Até mesmo quando ele desceu os lábios para o meu seio e seus dedos, da mão livre, começaram a brincar com o outro.

Começou a ser bem mais intenso do que o oral e bem mais rápido também. Meu corpo parecia conhecer o caminho do orgasmo e, assim que ele foi ligado, percebi que tudo seria ainda mais devastador.

O dedo médio de Sebastian começou a brincar com a abertura da minha boceta. Ao mesmo tempo em que ele circulou meu mamilo com a língua, sem me penetrar, ele apenas estava atiçando minha boceta, que a essa altura já estava toda melada novamente.

Porra, como ele fazia aquilo? Sebastian parecia tão forte, mas tudo o que fazia comigo era com um cuidado sem igual.

Era intenso, dolorido e calmo. Tudo ao mesmo tempo. Eram tantos movimentos coordenados que acabavam se tornando demais.

Seu polegar começou um intenso trabalho no meu clitóris enquanto meus seios permaneciam sob seu ataque, e quando seu indicador tentou entrar na minha boceta, eu senti os espasmos chegando.

Era demais.

Tudo era demais.

Meus olhos se fecharam e minhas unhas fincaram nas costas daquele que era realmente o meu homem.

— Mandei olhar para mim, Jordan. Abra seus olhos. Agora.

Firme. Seco. Rude.

Eu abri, nem mesmo tentei lutar contra. Obedeci e gozei. No mesmo segundo.

Foi tão arrebatador quanto da primeira vez, mas agora, mais agonizante porque meus olhos queriam se fechar, mas não podiam. Não tinham sido liberados para isso.

Gritei. Arranhei. Entreguei-me.

E nossa, quando tudo acabou, eu parecia mais perdida do que nunca.

Perdida nele. Nos olhos dele, no prazer que ele tinha me dado, na submissão que ele tinha me proporcionado.

— Boa garota. — A voz rouca alcançou meus ouvidos e, mesmo que eu não gostasse, admiti para mim mesma que adorei ser a boa garota dele.

Queria que ele ficasse saciado de mim sempre que desejasse.

Seus lábios dominaram minha boca novamente, e eu me entreguei sem nenhum tipo de reserva. Minha mente estava em branco, nada me atormentava, nada me atingia. Eu nem chegava a estar eufórica, paz era tudo o que eu sentia.

Sebastian finalizou o beijo e logo saiu da cama, abrindo os botões da camisa que usava. Meus olhos pesados queriam se fechar, mas eu não queria me entregar ao sono ainda. Queria observar todas as nuances do corpo daquele homem.

Do meu homem.

Foi o que ele tinha dito para mim, que era meu.

Porra, ele era. Naquele momento, ele era meu.

O peitoral marcado, seguido de uma barriga muito bem definida e musculosa, e o V enorme que seguia até o fim do seu quadril, fazia dele o cara mais gostoso que eu já tinha visto na vida.

Sebastian tinha a beleza de um Deus. Ele era perfeito de uma maneira completamente diferente. Era másculo, quase brutal.

Sebastian era novo, mas tinha um jeito de homem que sempre me agradou demais.

— Gosto de como você me olha. — Seu cinto foi aberto, e eu engoli seco.

— Como eu te olho? — balbuciei, atenta à sua calça deslizando até o meio de suas pernas torneadas, que fizeram minha saliva sumir da minha boca.

Não tinha condições de um homem ser tão gostoso daquele jeito.

— Como se eu fosse o homem mais lindo que você já viu.

— Mas você é, Seb — minha fala fez nossos olhos se conectarem. — Você é o homem mais lindo no qual eu já coloquei meus olhos.

Foi a vez dele de engolir em seco. A arrogância que ele sempre mostrava sumiu naquele momento. Ele não parecia assustad Sebastian está sentindo. E eu achava que ele ainda não sabia muito bem o que fazer com tudo o que sentia por mim.

Sei como é. Eu também não sei.

Seb pegou de sua carteira, que estava na mesa de cabeceira da cama, uma camisinha e a jogou sobre os lençóis. O pacotinho

dourado me chamou a atenção apenas por alguns segundos, porque, logo ele estava tirando a cueca e roubou minha atenção toda para si novamente.

Quando a cueca se foi, seu pau saltou para fora, e eu cheguei a arfar com a visão.

Ele era grande e tinha veias que o faziam parecer ainda maior.

— Isso não vai caber nem mesmo se você quiser.

Como ele conseguia comer tanta gente com um pau daquele tamanho? Não bastava ter me arrombado por tantos anos sendo um cuzão, Sebastian iria me arrombar sendo bom para mim também.

— Vai caber. Você foi feita para mim, lembra? E o meu pau foi feito para essa boceta — afirmou, desenrolando a camisinha pelo seu comprimento.

Que jeitinho cretino de me acalmar. E não era que me sentia mais calma?

Mas durou poucos segundos. Até que ele abriu minhas pernas e se encaixou bem ali. A cabeça do seu pau forçou a entrada, roubando meu ar. Era uma pressão que me agonizava, mas ele entrou mais um pouco, e eu cheguei a fincar minhas unhas em seus bíceps.

Eu estava ensopada, esse não era o problema. Mas doía, ardia, meus olhos lacrimejavam. E eu odiava aquilo. Odiava como aquilo doía. Odiava ainda mais porque, com ele, eu estava com muita coragem para ir até o fim.

— JJ — sua voz saiu estrangulada. — Você está chorando?

— Dói para caramba. — Minha confissão o fez recuar. Segurei mais forte em seus braços. — Não! Continua. Com você, eu quero continuar.

— Você… Você… Jordan Joy Lewis, você não ia me contar que é virgem?

— Tira esse sorriso pretensioso do rosto — Ele não me obedeceu, a sombra de seus lábios curvados para cima ainda se fazia presente. — Eu travo, ok? Quando chega na hora de ir para os finalmentes, dói tanto que eu desisto.

— Você é virgem.

Por que ele parecia tão feliz com aquilo?

— Você está feliz com isso? — Rolei os olhos. — Claro que está. Depois eu que sou ciumenta.

— Não gosto de dividir nada que é meu.

— O que é bem injusto, não acha?!

Um dedo dele rodeou meu clitóris e, logo desceu para a abertura da minha boceta. Ele iria me preparar para recebê-lo.

Sebastian não tinha se assustado, tinha gostado. Já conheci alguns que não quiseram tirar a virgindade de uma garota virgem. Mas não ele. Ele queria. Ele queria tanto que chegava a estar feliz. Ele era realmente o meu cara, e isso fez meu coração bater forte no peito. Isso fez com que eu me sentisse viva.

— Você não vai me dividir com ninguém.

Um dedo entrou em mim, e eu soltei um gemido estrangulado. Era dor. Estava doendo pra caralho porque agora, eu estava mais nervosa.

— Ei, olha para mim. — Eu olhei. — Relaxa. Sou eu, ok? Não vou te machucar.

— Sempre dói muito — murmurei chorosa, mas ele não parou de meter o dedo em mim com leveza.

— Eu imagino, você é muito apertada. Mas vou ser delicado.

O pior era que eu acreditava nele.

Seu dedo se mexia com a delicadeza que ele disse que iria usar. Um entra e sai tranquilo, curto, que logo foi me tirando da zona de dor e me jogando para a zona de prazer.

Quando meus gemidos passaram de agoniados para prazerosos, Sebastian começou a entrar com um segundo dedo.

Ardência.

Dor.

Agonia.

Lágrimas.

Era tudo que eu me resumia.

Sua mão livre foi até o meu maxilar e, segurando meu queixo, ele me fez olhar para baixo.

— Observe como eu entro em você, querida.

Era uma visão bonita.

A mão dele no meio das minhas pernas, seu pau apontando para o umbigo, o suor de sua pele. Quando eu vi, já estava mais relaxada, e isso fez a dor diminuir consideravelmente.

— Isso. Perfeito. Você está sendo perfeita. — Seus dedos continuavam a me atormentar. — Vou te ensinar como a dor pode ser prazerosa, se você quiser.

— Não sei se isso daria certo.

— Eu sei. — Sebastian tirou os dedos do meu canal, mas continuou tocando meu clitóris enquanto se encaixava no meio das minhas pernas. — Não vou te explicar, vou te mostrar. Quer?

Acenei com a cabeça e, quando dei por mim, lá estava ele outra vez, voltando a meter em mim.

Seu pau entrou em mim com calma. Primeiro, foi a cabeça gorda e avermelhada, para em seguida, ele ir se aprofundando. Era delicado e lento. Senti seus lábios na minha testa, e isso me confortou ainda mais.

A dor voltou com tudo, o que me fez puxar seu rosto até o meu e o beijar. Dessa vez, minha cabeça virou uma confusão de sentimentos e sensações, que nublaram um pouco a dor. Tinha dedos no meu clitóris, meu canal estava sendo tomado, mas a língua dele brincava com a minha de uma forma luxuriosa.

Era muito.

Era tanto que eu sentia o ar faltar nos meus pulmões.

Como um mestre, ele foi me tomando. Com paciência, com jeito e, principalmente, com fome.

Senti lágrimas escorrerem pelo meu rosto quando ele passou por uma parte mais fechada e dolorida da minha boceta.

— Eu sei, querida. — Sebastian secou minhas lágrimas com a boca, beijando-as. — Você foi ótima. E vai ficar tão gostoso.

Suas palavras de afirmação fizeram uma combustão de sentimentos dentro de mim. Porra, eu ainda estava ardida lá embaixo, mas senti um tipo novo de prazer.

Minha boceta chegou a pulsar.

Eu queria mais. Queria sentir tudo aquilo de novo.

— Já entrou tudo? — murmurei contra os seus lábios.

— Sim, meu amor.

Meu amor.

Meu.

Amor.

Meu coração parou.

O mundo todo parou.

Era o paraíso.

— Você é minha. — Sebastian se mexia em movimentos curtos enquanto passava os dedos pelas minhas tranças. Era bom, dolorido e perfeito.

Com ele, era perfeito.

Eu o sentia entrar e sair de mim, e isso causava um tipo de arrepio estranho pelo meu corpo. Meus músculos estavam todos tensionados, mas eu estava completamente hipnotizada pela visão dele em cima de mim.

Os cabelos longos caindo por cima do seu rosto, a correntinha delicada em seu pescoço, que logo começou a balançar mais rápido e tocar meu rosto. Uma de suas mãos segurou minha coxa e a puxou um pouco mais para cima em seu quadril, chegando até minha bunda, onde apertou com gosto com sua mão pesada.

— Como você é gostosa. Puta que pariu, Jordan. — Suas metidas curtas continuaram, mas a voz do Sebastian já não era mais tão controlada quanto antes.

Não consegui responder nada porque estava ocupada gemendo para ele.

Mergulhei minha mão em seus cabelos e o puxei para um beijo gostoso. Nosso beijo, dessa vez, foi voraz. Nossa línguas se enroscavam em um descontrole que eu nunca havia vivido antes. Quanto mais nos beijávamos, mais ele metia em mim.

As estocadas foram ficando mais fortes e mais intensas, e meu corpo foi sentindo mais. Era uma mistura interessante de dor e prazer que me levava para sensações estranhas.

Minha boceta pulsava em volta do seu pau e, por mais que eu estivesse lutando contra, um orgasmo estava se construindo no meu corpo inteiro. Era tão intenso que eu não conseguia mais acompanhar o nosso beijo.

— Não se segura.

Comecei a me mexer embaixo dele, me movimentando sempre contra o seu pau enquanto ele estocava e massageava meu clitóris.

Era mesmo gostoso e, com o passar dos minutos, foi ficando cada vez melhor.

Porra.

Ele me comia enquanto tomava meus lábios, fodendo minha boca e boceta ao mesmo tempo.

Não tinha um lugar onde ele não estivesse.

Cabelos.

Lábios.

Coxa.

Boceta.

Tudo estava marcado por ele, fosse pelos seus dentes, pelo seu suor ou pelos seus toques.

— Está sentindo como nos encaixamos perfeitamente? — Sua pélvis começou a bater contra a minha com mais intensidade. — Nunca vou ter o suficiente de você, sua desgraçada. Você está me fodendo por completo.

Minhas pernas estavam tremendo e meu corpo começou a se contorcer, dolorido e agoniado pela enxurrada de prazer que estava sendo jogada nas minhas correntes sanguíneas.

— Porra, sua boceta está me sugando. — E seguiu metendo sem parar.

Senti aquela dorzinha gostosa que precedia um orgasmo. Era uma descarga de adrenalina que precedia o trauma.

Porque era isso o que seria. Um trauma.

Eu sempre fui apaixonada por ele, mas sabia que agora, eu teria o Sebastian marcado em mim.

— Quero escutar — ele pediu. — Diz o que sente por mim. Por favor, querida.

Por favor.

Sebastian pedindo por favor era um acontecimento.

— Só se disser primeiro — balbuciei, indo para o penhasco.

E eu caí.

Desfiz-me em milhões de pedacinhos.

— Porra. Eu estou fodido! — Sebastian começou a meter tão forte, que fez meu orgasmo parecer infinito.

Eu me segurei em sua nuca, que tinha certeza que estaria completamente arranhada na manhã seguinte.

Minha boceta estava ardida, mas era tão gostoso.

Eu caí.

Caí.

Caí.

Até que flutuei.

— Olha para mim, Jordan. — Eu olhei, completamente embebida de prazer. — Está vendo esse sangue?

Eu o observei sair de mim, com a camisinha cheia de manchas de sangue.

— Eu te fiz minha, querida. — Eu não conseguia dizer nada, estava completamente atordoada. — Posso gozar em você?

— Onde você quiser…

O meu corpo já nem parecia só meu.

Ele era nosso.

— Vou marcar seu rosto. Quero ver como vai ficar com esses lábios perfeitos sujos com a minha porra.

E foi assim que ele fez.

Sebastian tirou a camisinha e começou a bater uma punheta, ajoelhado sobre o meu abdômen, com os joelhos um de cada lado. Suspendi o meu tronco, apoiando-me nos cotovelos. Eu pensei que ele estava olhando para o meu corpo para gozar, mas não estava.

Ele olhava para os meus olhos.

Já tinha notado que ele gostava mesmo deles.

Quando seu pau começou a ter alguns espasmos, eu abri a boca. E foi demais para ele. Sebastian gozou.

Gozou olhando para mim.

Sua porra sujou minha bochecha e língua ao mesmo tempo. Quando fechei a boca, senti o gosto amargo que fiz questão de engolir.

Engoliria até mais se ele tivesse me dado.

— Te fiz meu, querido — consegui falar em um fio de voz.

— Você fez. — Ele segurou meu rosto entre as mãos e beijou minha testa. — Sou inteiramente seu.

E quando eu achei que ele iria me deixar descansar, fui pega no colo e levada para o banheiro.

Estava suada.

Estava usada.

Estava fodida.

Mas eu precisava ser honesta quando dizia que nunca tinha estado tão satisfeita na vida como naquele momento. Eu já tinha

imaginado aquela experiência mil vezes, mas nunca tinha imaginado algo tão perfeito.

Ele fez ser incrível.

Ele era incrível.



SATÉLITE

Sebastian Sinclair

Tê-la em meus braços era uma das coisas mais gostosas que eu já tinha experimentado.

Jordan estava deitada com as costas inteiras coladas em meu peito na banheira com água quente e espuma, que eu fiz questão de preparar depois de ter tirado sua virgindade.

Porra, eu realmente estava gostando tanto disso?

Sim. Eu estava.

Gostei de saber que tinha uma única partezinha dela que era apenas minha. Não apenas por posse, mas também por entender que ela se sentia de uma forma comigo, que não sentia com mais ninguém.

Admitia, fazia com que eu me sentisse um pouco mais seguro.

Nunca liguei sexo com amor, mas sim com confiança. De alguma forma, você precisava ter um pouco de confiança quando

transava com alguém. Era algo íntimo. E mesmo eu sendo mulherengo, eu entendia isso.

Ela confiava em mim o bastante para conseguir passar pela dor de ter seu hímen rompido.

Isso era algo. Era importante.

— Está muito dolorida? — perguntei, e, em seguida, dei um beijinho em seu pescoço.

— Estou mais ardida do que dolorida — confessou, entrelaçando nossos dedos e me fazendo juntar seu corpo ainda mais no meu.

O seu calor era um acalento a mais, e transformava o momento em algo ainda mais íntimo.

— Ainda não acredito que não ia me contar que era virgem. Eu podia ter te machucado, princesa.

Eu gostava de machucar com consentimento e de propósito, não ao contrário.

— Não queria que você desistisse.

A resposta dela me deu vontade de rir. Ela acha mesmo que uma virgindade iria me impedir de meter nela?

— Eu jamais desistiria por causa disso, pelo amor de Deus.

— Já tiveram caras que desistiram. — Sua resposta fez meu estômago revirar um pouco, me lembrando que ela era virgem apenas daquela etapa do sexo. Jordan já tinha ficado com muitos caras por aí, e eu nem precisava perguntar, porque tinha minhas teorias do que ela fazia com eles.

Nossa, esse meu lado ciumento era um saco, nem eu estava aguentando.

— Que caras? — balbuciei, tentando conter minha irritação.

— Sou virgem, mas você bem sabe que eu não sou santa. Já tive minha parcela de divertimento por aí — brincou, expondo apenas a verdade que fazia meu ego doer.

— *Era* virgem — rebati, divertido e abri um sorriso convencido. — Rompi esse lacre há poucos minutos.

— Como você é metido, Sebastian! Aliás, como você pega tanta mulher sendo tão babaca?

— Vai me dizer que não sabe? — provoquei, fazendo-a se virar para mim. — Sou uma delícia, querida.

—Esse *querida* me faz querer abrir as pernas para você com uma facilidade assustadora, e olha que eu nem estou em condições agora. — Soltei uma gargalhada diante do seu comentário, levando um tapinha no ombro por isso. — Estou falando sério, Sebastian.

— Você é muito agressiva. — Segurei seu pulso, colocando sua mão sobre o meu peitoral, que ela tanto pediu para ver enquanto eu a fodia. — Então quer dizer que toda vez que eu estiver com vontade de comer você, é só eu falar um querida bem falado e pronto? Bom saber...

— Um querida bem usado e um tanquinho à mostra, não tem como resistir.

Só agora que ela tinha entendido isso?

— Eu sou realmente bem irresistível. Acho que já entendemos isso a esse ponto. — Jordan revirou os olhos para mim, mas se manteve me encarando. — Menti?

— Como eu odeio pensar nas pessoas que já caíram nesse seu papinho furado. A pior parte de gostar de você é lidar com essa porra de ciúmes. Que coisa insuportável.

— Você se importa muito com isso, não é?

— Vai me dizer que se eu fosse rodada, você também não se importaria?

— Eu não me importaria, mas não iria querer saber de nada pelo que já passou. Eu te vi saindo do banheiro do Hamilton's com o Hero, mas daqui pra frente, vou fingir que isso nunca aconteceu. Não me interessa. Meu foco é em você e no que vamos fazer de agora em diante.

— Mas é ciumento.

— Sou ciumento, mas não sou inseguro. O seu passado é só seu. O meu é só meu. Eles não dizem a respeito do que vamos ser a partir de agora. Sim, eu transei com muita gente. Você também já ficou com muita gente, mas está tudo bem, eu só não quero ver ninguém do seu passado te rondando e, genuinamente, não quero conhecer a pessoa que tomou seu coração antes de mim.

Jordan me cortou ao soltar uma gargalhada profundamente rouca, atingindo diretamente no meu pau.

— O que foi agora, sua pequena palhaça?

— Você é uma mula mesmo! — Depois eu que era grosso. — Era você, burro. O menino por quem eu era apaixonada na adolescência era você.

— Ah... Agora tudo fez muito sentido mesmo. — Dei um leve aperto em sua bunda. — E eu achando que você me destratava porque não gostava de mim, mas, na verdade, era tudo tesão encubado.

— Eu fiquei nervosa quando te conheci e você achou que era porque eu não gostava de você. Para você ver como é um tonto.

— Engatou na ofensa agora, né? Mas não se esqueça que foi você que ficou anos me tratando mal quando, na verdade, era

apaixonada por mim.

Seu rostinho bonito se fechou em uma carranca na hora.

— Quem disse que eu fui apaixonada por você esse tempo todo? Posso ter te esquecido e meus sentimentos estão retornando agora.

Eu podia até ser tonto, mas também não era para tanto.

— Você disse que era apaixonada por mim há anos, isso pressupõe que é e sempre foi apaixonada por mim. Desde o momento em que me viu pela primeira vez em uma foto.

Porra, como eu amei saber disso.

Ela não entendia como era gostoso saber que, de alguma forma, eu sempre fui destinado a ela. Apenas fui teimoso demais para perceber.

— Odeio você — murmurou, ainda com a carranca que eu adorava.

— Não fique puta, é bonitinho. Gosto que tenhamos um passado, além de toda a briga infantil e o rancor. — Puxei-a pelo pescoço até minha boca colar na dela, dando um selinho em seus lábios.

— Ah, você gosta do fato de que eu sempre fui uma boba apaixonada pelo *quarterback* mulherengo da escola enquanto ele vivia me tratando mal pelos corredores? Jura mesmo?

— Não. Eu gosto mais da parte onde o *quarterback* mulherengo nota a capitã do time de futebol feminino e cai de quatro por ela, enfim, correspondendo-a. Admita, é fofo. — Eu achava, pelo menos.

Gostava que ela ficasse sem jeito comigo e gostava ainda mais que tudo na nossa história não tivesse passado de um mal-

entendido, mas que, no fundo, sempre foi para acontecer.

Eu precisava crescer. Ela também. Contudo, no fim, ela estaria ali. E eu estaria com ela.

No fim de tudo, estaríamos juntos.

— Você tem muita certeza de que vamos dar certo — Jordan comentou, se aconchegando em meu peitoral e fazendo um carinho nos meus braços, que fez meu pau e meu coração pulsarem ao mesmo tempo.

Meu tesão ainda não tinha acabado, mas prometi para mim mesmo que não iria comê-la naquela noite novamente. Minha garota precisava de um tempo, estava dolorida e cansada.

— Não beijaria você se eu não tivesse.

— Não acha muito rápido? — questionou baixinho, tão calma e entregue que nem parecia que, há poucos segundos, estava querendo estrangular o meu pescoço.

— Acho que para certas coisas não existe tempo. Sentimentos nascem de uma forma inexplicável e, quando acontecem, não temos controle nenhum sobre eles. Noah se apaixonou pela Liz assim que a viu, igual a você comigo. Já o Logan se apaixonou aos poucos pela Isabella. À medida que ele ia a conhecendo, ia se encantando mais. E o Matteo… — Ah, o que dizer do Matteo? — Se apaixonou de uma forma tão rápida que nem ele sabe como foi. Eu vi todos os meus amigos encontrarem os amores de suas vidas e, para ser honesto, estava pronto para me entregar a alguém. Não tem o porquê fugir de algo desse jeito.

Talvez eu já tenha fugido demais dos meus sentimentos. Nunca vou saber com certeza o que eu sentia por Jordan por esse

tempo todo, mas não tenho dúvidas que, para o bem ou para o mal, sempre foi algo forte.

— Eu, mais do que ninguém, sei que sentimentos nascem muitas vezes sem explicação. Mas você sempre foi tão racional. Eu sempre esperei que demoraria mais para se entregar a alguém — disse de um jeito que me soou quase inseguro.

Eu sempre conheci a versão durona da Jordan, mas percebendo-a mais de perto, sabia que ela escondia muitas coisas dentro de si. Aquela garota gostava de ser cuidada, mesmo que nunca pedisse ajuda de ninguém. Ela não gostava dela mesma, mesmo que parecesse muito confiante, era alguém que se sentia muito sozinha no mundo, mesmo que sempre estivesse rodeada de pessoas.

Jordan era complexa e escondia muito de si dentro dela mesma.

— Não acha que seja racional que eu tome uma decisão do jeito que estou tomando? — Comecei a fazer carinho nos seus ombros, deixando-a ainda mais mole em meus braços.

— Para ser honesta, não acho. Quem, em sã consciência, se apaixonaria por alguém tão complicado como eu?

Ah, então aquele era o problema?

— Zoella já tentou se matar — confessei. — E o Matteo ficou ao lado dela em seu pior momento. Liz se apaixonou por um menino estranho e fechado. E, depois de alguns anos, foi a vez dele de ficar ao lado de uma garota quebrada e desconfiada. Isabella conheceu todas as fases do Logan, da mais mentirosa até a mais verdadeira, e ele se apaixonou por ela e por seus problemas, mesmo quando ninguém achou que iria. Estou tentando te dizer que, quando vejo

amor nas pessoas, vejo que elas aceitam o feio e o bonito. O saudável e o adoecido. Justamente pelo seu pior não me assustar, que sei que sou o cara certo para você, e a recíproca é verdadeira.

— Acha que eu suporto o seu pior? Eu nem conheço o seu pior, Seb.

— Conhece sim. Chorei com você naquele carro, lembra? E, além disso, não tem uma pessoa no mundo que tenha sofrido tanto com a minha grosseria e crueldade como você. Infelizmente, você conhece o meu pior. Não me orgulho por isso, mas conhece.

— Realmente já pensou em tudo isso, né?

A água continuava quente, e ela continuava largada nos meus braços, fazendo meu coração bater descompassado.

Ele parecia que nunca mais iria se acalmar.

— Sou calculista com as coisas. Já que sempre gosta de falar da Harmony, aqui vai uma verdade: nunca fui atrás dela porque sabia que não seríamos bons um para o outro. — Jordan pareceu desconfortável de repente, mas eu precisava expressar a realidade para ela. — Sempre soube que eu precisava de alguém que soubesse me dizer não, que tivesse limites bem delimitados e, principalmente, não ficasse com um cara apenas para me provocar.

— Então, pode encerrar nossa história agora, porque eu fiquei com *vários* só para ver se você ficava com ciúmes.

Soltei uma risada anasalada.

— E quem disse que eu não tinha ciúmes?

Afinal, todas aquelas birras eram de ciúmes. Nunca gostei de ver nenhum deles tocando nela e então, entendia a razão.

— E tinha? — devolveu, boquiaberta.

— Sempre briguei com todos para ninguém ficar com você…

— Porque odiava que seus amigos ficassem comigo. Não gostava de mim, era lógico que não queria ninguém envolvido comigo.

— Ciúmes.

Um maldito sentimento corrosivo e humilhante que eu nunca senti por ninguém. Nem mesmo pela Harmony.

— Jura?

— Eu não minto, JJ. — Ela deu aquela arqueada de sobrancelha para mim, como se dissesse *"não mente pouco, filho da puta." Ok.* — Normalmente, eu não minto. Só faço isso caso seja extremamente necessário.

— Posso te fazer uma pergunta? — Acenei com a cabeça, querendo que ela prosseguisse. — Quando começou a pensar em mim como mulher e não como sua inimiga?

— Eu sempre tive tesão em você.

— Ah…

Ela ficava tão lindinha quando estava com vergonha.

Adorava deixá-la envergonhada.

— Você é, de longe, a mulher mais linda que eu já vi.

— Você já me comeu, não precisa ficar me iludindo.

Tão negativa, porra. Precisávamos trabalhar nisso.

— Não falaria isso se não fosse verdade. Você é linda. E todo mundo sabe disso. Você mesma sabe disso. Qualquer pessoa que goste de mulher gostaria de te comer. — E isso me dava nos nervos. — Eu queria muito te comer, mas nunca faria isso te desprezando tanto.

— Já eu não teria limites. Daria para você mesmo te achando um escroto.

— Quem vê, pensa que não era doidinha por mim.

— Sou uma apaixonada consciente, amor! — *Amor*. Porra, amei esse apelido. Queria escutá-lo sempre da boca dela. — Se tem alguém que sabe ser um escroto, é você. Esse, inclusive, sempre foi meu ódio. Como eu fui capaz de me apaixonar por alguém que me tratava tão mal?

— No fundo, você sabia que existia algo de bom em mim.

Ela sorriu, fazendo seus olhos se iluminarem de um jeito lindo.

— Sempre gostei de como você era protetor com aqueles que amava.

E acho que você estava doidinha para ser protegida por mim.

O pensamento me lembrou do horário. Não podia deixar JJ perder o ritmo em seu tratamento.

— E eu gostava de como você nunca aceitou as minhas merdas.

Olhando agora, eu sempre gostei de muitas coisas nela.

Éramos idênticos em muitas coisas. Brigamos por anos porque ela estava defendendo o melhor amigo dela, e eu o meu. Éramos de times diferentes no jogo do passado, mas no momento, estávamos vestindo a mesma camisa, e eu sentia que estávamos construindo um time imbatível.

— Vamos sair desta banheira, mocinha. Você tem que tomar seus remédios e ir para cama. — Remexi-me, tirando suas tranças do meu peito e enfrentando aquele bico que ela andava fazendo para tomá-los. — Nem começa.

— Eles me deixam nauseada.

— Te deixam viva também, então acho que compensa os efeitos colaterais.

Dessa vez, ela não iria parar de tomar aquelas merdas nem por cima do meu cadáver.

— Grosso — murmurou, emburradinha, mas não liguei.

Saí da banheira, me secando, e logo em seguida, amarrando uma toalha na minha cintura. Meu pau já estava mais tranquilo depois de toda aquela conversa, então não tinha como a garota teimosa tirar mais a minha concentração.

— Grosso é o meu pau, eu sou apenas realista — rebati, arrancando uma risada dos seus lábios bonitos.

— Idiota! — devolveu, se levantando da banheira e expondo aquele corpo incrível, o que me deixou um pouco tonto. Um dia, eu iria me acostumar, certo? É, acho que não. — É disso que estou falando. Você é muito idiota, um cretino de marca maior. Meu pai iria te odiar.

— Ele iria fazer o trabalho dele direitinho, não tenho dúvidas.

Eu tinha urticária quando apenas pensava na minha menina namorando.

Deus que me livre!

— Não me diga que será aquele tipo de pai insuportável que não deixa a sua garota fazer nada. — Enquanto ela saia da banheira, aproveitei para pegar a toalha e enrolá-la em Jordan, ajudando-a a se secar também.

— Sejamos honestos, eu tenho cara de ser um pai legal?

— Você não é legal. Nunca. Com ninguém.

Ingrata. Eu estava sendo bem legal com ela enquanto secava aquele corpo delicioso sem nem pedir para ela se curvar sobre a bancada do banheiro para comer aquele cu e fazê-la perder a virgindade dele naquela noite também.

Viu? Eu era um lorde.

— Não sou muito adepto a ver um moleque indecente tocando na minha filha. Não gosto de ver nem o Noah beijando a Liz, imagine alguém com a Aimée?

Era tão estranho falar sobre ela com alguém.

Falar no presente.

Falar fazendo planos para ela.

Que sensação do caralho.

— Vou levar essa garota para dar uns beijos na boca quando chegar a hora certa. Se eu puder, pago até a limusine para que ela dê uns amassos com o namoradinho do Ensino Médio.

Depois o cretino era eu.

— Por favor, seja boazinha. Não me provoque um infarto antes dos quarenta — supliquei, passando a toalha em suas costas. O mais incrível era que ela deixou que eu a secasse inteira.

Jordan deixava de bom grado que eu cuidasse dela e isso era mais prazeroso para mim do que gozar em seu rosto.

— Aimée e eu seremos o seu pior pesadelo. Pode anotar o que estou te dizendo — falou, risonha. Ela amava mesmo brincar com a minha cara.

E sabe, eu até que estava gostando desse cenário.

Eu. Ela. Minha filha... Uma família.

— Quero tanto que você a conheça. — murmurei, arrepiando sua pele com minha voz rouca.

— Vou conhecê-la, Seb. — Um suspiro escapou dos seus lábios quando meus lábios tocaram seu pescoço. — Um dia ainda vou conhecer sua saudade.

— Queria que as suas pudessem estar aqui conosco também, JJ — confessei em um sussurro.

— Não me chame mais de JJ. — Seu pedido me fez dar mais um beijo em seu pescoço. — Sou sua princesa, sua desgraçada, sua querida. Posso até ser seu amor um dia, mas JJ eu sou apenas para os outros, ok?

— Ok, querida.

Tão fofa quando estava carente.

Gostava dela.

Gostava de várias versões dela.

Que porra! Os meninos estavam realmente certos. Transar com alguém que gostávamos mudava muitas coisas. E os meus sentimentos pareciam bem mais intensos naquele momento.

Depois de escovarmos os dentes, e eu finalmente entregar os comprimidos que o psiquiatra havia passado para Jordan, deitamos colados um no outro.

Ela parecia serena.

Eu estava feliz.

E o mais louco era que não conseguia mais me lembrar de um único momento em que eu não gostasse daquela garota.

Era como se ela tivesse estado sempre ali.

Era como se a vida tivesse sido um borrão sem ela.

Na verdade, era como se todo o meu passado tivesse sido moldado para que eu coubesse perfeitamente dentro do caminho dela.

Só precisei de uma única vez dentro da Jordan para ter a certeza de que ela era a garota certa para mim.



MEMÓRIAS

Jordan Joy Lewis

Acordei tarde, como sempre fazia aos sábados, escutando a música alta vindo da sala do nosso apartamento.

Minha mãe sempre amou cozinhar escutando rock pesado e tomando um bom vinho. A casa inteira estava cheirando a frango frito, que era o único prato que a coitada sabia fazer bem.

Minha mãe era muito boa em organizar eventos e as nossas vidas, mas cozinhar não era o seu forte. Nem mesmo o meu. Michael era quem salvava os nossos jantares.

Sorri, entrando no banheiro para limpar meu rosto e escovar os dentes antes de descer para ajudá-la.

Aquele era um dia bom. Um dia em que tínhamos acordado felizes porque finalmente tivemos boas notícias sobre o tratamento da minha mãe. Um dos seus tumores tinha diminuído de tamanho e era, até que enfim, um passo rumo a algo bom.

Na maioria das vezes, pairávamos sob esse medo onde acordaríamos um dia e ela não estaria mais ali.

Não me lembrava de uma vida onde minha mãe não estivesse doente. Fazia uma década que ela travava uma batalha árdua contra um câncer que tinha começado no ovário, mas no momento, já atingia seu intestino e seus pulmões.

Troquei de roupa, colocando algo leve, e desci as escadas, encontrando uma imagem que me fez sorrir. Meu irmão e minha mãe estavam cantando animados na cozinha enquanto fritavam frangos e faziam purê de batata. Olhei para os lados, tentando encontrar meu pai, mas, aparentemente, ele não estava em casa.

O luxuoso apartamento duplex onde vivíamos parecia estar até mais claro naquele dia. Provavelmente, eram as curtinas abertas que causaram esse efeito.

— Bom dia, dorminhoca. — Mamãe sorriu para mim e meu coração se esquentou por vê-la.

Um dia, quando ela se fosse, eu sabia que sentiria falta daquele sorriso.

Mesmo evitando o pensamento de que mamãe estava indo, ele sempre atingia a minha mente. Porque essa era a verdade. Minha mãe, mesmo tendo melhorado um pouco com os tratamentos, teve seus médicos sendo taxativos ao dizerem que ela tinha apenas 5% de chances de sobreviver àquela doença.

Para muitos, ela era considerada um milagre por viver por tantos anos com aquela doença de merda.

— Bom dia, mamãe. Cadê o meu pai? — Beijei sua bochecha, e logo em seguida, abracei meu irmão.

Aquele era um dia em que não brigaríamos. Nossos pais estavam bem, nós estávamos bem... Simples assim.

— Saiu para comprar alguns remédios — respondeu, virando alguns frangos na frigideira. — Dormiu que horas?

— Umas quatro da manhã. Estava ao telefone com o Callum.

— Claro que estava — Meu irmão murmurou. — Escutei as risadas.

Michael nem conseguia mais segurar os sentimentos dele, que quase vazavam pelos seus poros.

— Callum tem um namorado, Mike. Não me dê o desgosto de ser amante de alguém.

— Mãe! — ele berrou, ofendido.

— Nada de "mãe" para cima de mim, eu te conheço! — brincou, apontando a escumadeira para ele.

— Está ficando muito na cara que você é apaixonado por ele. Sabe que, se o Logan descobrir, acaba com você, não é? — insinuei de brincadeira, querendo ver o circo pegar fogo.

— Logan Gauthier... Ainda não acredito que se apaixonou pelo namorado de um dos herdeiros mais poderosos dos Estados Unidos — mamãe resmungou. — Aquele garoto, daqui uns anos, terá tanto poder que poderá ter o mundo aos seus pés.

— Não vou roubar o namorado de ninguém. — Pelo sorriso do meu irmão, sabia que ele estava mentindo. — Mas, se o Callum me quiser, não irei negar.

— Mamãe, seu filhinho vai se meter em problemas — provoquei.

— Disse a garota que é apaixonada pelo herdeiro da Sinclair! Herdeiro esse, que nem sabe que você existe, já que nunca te viu.

Precisava ficar me relembrando disso?

— Ainda obcecada por esse menino, minha filha?

— Já viu umas fotos dele? Ele é um gostoso! Não me culpe por querer dar para ele.

Em nossa família, a sinceridade sempre imperava. Mesmo que, às vezes, nos colocasse em problemas.

— Minha garotinha não vai dar para ninguém. Isso são modos de falar, minha filha? — Papai indagou, entrando em casa. Ele não segurava uma sacola de remédios, e sim empurrava uma caixa de televisão de setenta e duas polegadas.

Aquele homem não batia bem.

— Não acredito que comprou uma televisão em vez de remédios, meu bem! — Mamãe não estava brava, apenas desacreditada.

— Em minha defesa, eu comprei seus remédios, mas quando dei por mim, estava na loja escolhendo uma televisão. Uma loucura.

Viram? Doidinho.

E como eu o amava.

— E para que essa televisão, senhor Lewis?

— Churrasqueira, meu garoto! Vamos assistir aos jogos agora de uma maneira ainda melhor.

Aquilo me arrancou uma risada.

Aqueles dias bons eram sempre um respiro entre uma lágrima e outra. Tinha medo do que viraríamos depois que mamãe se fosse. Ela era nossa cola, mas algo, um dia, teria que nos unir sem que ela estivesse aqui.

Não tínhamos nos unido. Muito pelo contrário, tínhamos ficado muito distantes depois que ela se foi. Era como se não

aguentássemos olhar um para o rosto do outro.

Observando em silêncio o Arco do Triunfo e de mãos dadas com Sebastian, percebi que nunca falava muito sobre a minha família. Pensava muito sobre eles, chorava muito por eles, mas nunca falava sobre eles.

Senti uma enorme vontade de dizer algo. Talvez, fosse porque queria que Sebastian conhecesse um pouco mais da minha família. Queria que ele me conhecesse por completo.

— Meu pai era viciado em compras. — Seus olhos saíram do monumento histórico que ele já devia ter visto milhões de vezes e pousam em mim. — Tipo, sério. Era um problema. Minha mãe vivia brigando com ele por conta do valor do cartão de crédito, mas era engraçado, sabe? Eles discutindo e tudo mais.

— Posso entender a mente do homem. Às vezes, não tinha nada melhor do que uma roupinha para nos fazer felizes.

Ah, é. Seb também tinha tal falha de caráter.

— Ele iria amar sair com você para comprar coisas, mas a praia dele não era roupa de grife, e sim artigos eletrônicos. Meu antigo apartamento era todo automatizado.

Gostava tanto daquele apartamento.

— JJ, como ficaram sem dinheiro? — sua pergunta faz minha expressão esmorecer. — Perdão, não deveria ter perguntado isso.

Então, era daquele jeito que ele era com o restante do mundo? Calmo e educado? Muito melhor do que a versão pela qual eu havia me apaixonado.

— Está tudo bem. Você pode perguntar o que quiser, não tenho o porquê esconder. — Dei de ombros. — Meus pais tinham um bom dinheiro, mas vieram de baixo, lutaram muito para ter o que

tinham. Porém, o tratamento da minha mãe exigia muito dinheiro, e as coisas saíram do controle no último ano de vida dela. O câncer estava bem mais agressivo, e eles acharam um tratamento meio novo no mercado, mas ele era caro. Gastamos todas as nossas economias com isso. O dinheiro da nossa faculdade, tudo... Contudo, não deu certo. — Respirei fundo para continuar, e Sebastian apertou minha mão, tentando me dar forças para que eu conseguisse contar tudo sem chorar. — Ela faleceu e, quando isso aconteceu, meu pai parou de trabalhar. Então, obviamente, as coisas ficaram ainda piores.

— Como entrou na faculdade?

— Eu tinha a bolsa de atleta, mas ela cobria apenas metade dos meus gastos. Foi então que o meu irmão vendeu o nosso imóvel, logo depois da morte do meu pai — murmurei. — E vivemos com esse dinheiro até o ano passado. As dívidas foram quitadas e até que estamos indo bem. Nunca passamos fome nem nada do tipo, apenas não sou mais a filhinha do doutor Lewis, que tinha tudo o que queria e quando queria.

— Tenho certeza de que conquistará tudo novamente.

Percebi que ele não tinha nenhuma dúvida em relação a aquilo. Sebastian confiava em mim e no meu talento.

— Preciso colocar o Michael na faculdade. Tem que dar certo, não tenho espaço para mais nada além disso.

Sebastian desistiu do futebol pela filha.

Eu precisava seguir pelo meu irmão.

Éramos duas pessoas que colocavam nossas famílias como prioridade para tudo, e eu gostava disso. Gostava desse encaixe.

Porra, ele estava me fazendo acreditar direitinho naquele jogo.

— Não falo com os meus pais há oito meses e não sinto saudade deles. — Não parecia que ele estava mentindo naquele momento.

— Eles foram horríveis.

— Não há amor no mundo que faça eu conseguir olhar para eles novamente. Nem as memórias que eu tenho agora são bonitas. Tudo foi reduzido a pó depois do que eles fizeram.

Sebastian era rancoroso, mas eu não poderia dizer que, naquela ocasião, ele estava errado em ser. Eu faria o mesmo.

— Quando assina o contrato para ser CEO?

— Em junho, depois da formatura.

Junho.

O mesmo mês em que eu assinaria o meu contrato com um time profissional.

Era meio impossível não pensar no futuro. Sebastian iria para Nova Iorque se transformar em um homem de negócios, já eu, estaria por aí, em qualquer lugar que me quisessem.

Tudo isso tinha tantas chances de dar errado.

— Verdade ou consequência? — perguntou-me, observando que minha cabeça tinha ido para longe.

— Consequência. Sempre consequência.

— Me beija, querida. — Seu rosto chegou mais perto do meu, me roubando o fôlego. — Te desafio a me beijar como se eu fosse o homem dos seus sonhos.

Tão breguinha, mas tão gostoso.

— Isso é fácil, capitão. — Era fácil fazer as coisas quando elas eram verdadeiras.

Beijei seus lábios com devoção, mostrando para ele que para mim, nunca houve ninguém além dele.

Meu coração sempre foi dele para fazer o que quisesse. Nunca teria forças para parar o Sebastian e, por mais que isso me assustasse, não poderia fazer nada a não ser me entregar, mesmo sabendo que não deveria.



DOMINAÇÃO

Sebastian Sinclair

Meus amigos eram a minha base. Mesmo que eu não fosse a pessoa mais aberta do mundo, eles eram e sempre seriam as pessoas que sabiam da minha vida antes de qualquer um.

Ok, eu não tinha contado sobre a minha filha, mas apenas porque não podia. Eu os conhecia como ninguém, meus amigos, além de intrometidos, eram extremamente protetores, então era lógico que eles não se aguentariam e fariam alguma coisa a respeito do meu pai.

Além disso, tinha Grace e Giovanni Azzaro, que amavam solucionar problemas que não eram deles.

Não tinha dúvidas de que todos fariam alguma bosta, e eu não estava a fim de virar a cara para eles também, caso me fizessem perder minha filha de vez.

Tinha acatado o aviso do meu pai, feito o melhor que eu poderia fazer e não tinha dúvidas de que todos eles entenderiam

minhas mentiras. Elas haviam sido o melhor para todos.

Observando Jordan encostada na janela do quarto enquanto conversava por ligação de vídeo com Mike e Isabella, pensei novamente em como tinha dado poder a ela tão facilmente. Ela tinha uma informação capaz de foder com o meu mundo, já que perder minha filha pela segunda vez não era algo ao qual eu estava disposto a fazer.

Foi um baque quando eu descobri que ela estava viva. Passei anos tendo a noção que ela estava enterrada no jazigo da família Sinclair, junto aos meus avós. Eu chorei em cima daquele túmulo por anos. Eu bebi e fodi, tentando esquecer meu passado por anos. Eu me culpei por anos.

E tudo foi apenas porque meu pai não conseguia aceitar as minhas decisões e escolhas.

Quão cruel precisava ser um pai para bolar uma coisa dessa para o próprio filho?

Uma coisa que eu jamais iria fazer era perdoá-lo. Nunca conseguiria olhar para os olhos do meu pai novamente, e o mesmo valia para a minha mãe. Minha mãe era do tipo de mulher que aceitava e acatava tudo que o marido fazia ou falava dentro de casa. Mas ela deveria ter me protegido, deveria ter ficado do meu lado. Ao fazer a escolha de ser conveniente com meu pai, ela me provou que não era digna de ser minha mãe.

Não queria mais ser filho deles e não iria mais ser.

Podia até ser o herdeiro, mas filho, não era mais.

Minha filha se foi quando tinha apenas dois anos. Ela sabia falar poucas palavras e corria até os meus braços como se eu fosse seu mundo.

Eu era o mundo dela, e ela era o meu.

Mesmo com pouca idade, mesmo eu não sendo um bom pai, ela me amava tanto quanto eu a amava, e meus pais sabiam disso. Eles não tiveram o mínimo de empatia, e eu não teria por eles.

Era um cara vingativo e rancoroso, e tentava sempre guardar tais sentimentos difíceis no fundo da minha mente, mas era impossível não ser quando tinham mexido com a minha filha.

Não iria aceitar isso.

Nunca.

Todos os seus aniversários que eu perdi, todos os choros que eu não pude consolar, seu primeiro dia na escola, suas apresentações no colégio. E o pior de tudo foi que no seu primeiro ano de vida, eu fui enviado para aquele colégio interno de merda, o que me fez ter perdido mais coisas do que gostaria de assumir. Eu perdi coisas que nunca mais poderia viver.

Emma Rose nem tinha mais o mesmo nome que eu tinha dado a ela, e isso fodia a minha mente cada vez que pensava nisso.

Ela iria fazer oito anos. Meu bebê já nem era mais um bebê e o pior era saber que eu nem mesmo iria reconhecê-la, caso o visse em algum lugar. Um bebê era muito diferente de uma criança.

Quando a raiva tentava tomar meu corpo, eu pensava que ela, pelo menos, estava viva, que aquele caixão tinha sido enterrado sem nada. Mas eu jamais seria capaz de esquecer da dor que senti quando o caixão pequeno foi para aquela vala fria e solitária.

Minha filha podia até estar viva, mas ainda tentava me esquecer da dor que senti quando percebi que ela não estaria mais em meus braços.

— Papá… — balbuciou, risonha, levantando os braços para mim no momento em que eu entrei no seu quartinho todo decorado com o tema das princesas, que tanto combinava com ela.

— Dormiu bem, filha? — Seu gritinho animado quando me via era sempre o que me mantinha são naquela vida complicada. — Titio Logan está com o titio Callum hoje, então o papai é todinho seu.

Ela me abraçou, demonstrando um carinho que eu não merecia, mas que aquecia cada célula do meu corpo.

— Perdido em pensamentos, capitão? — Jordan abraçou minha cintura, me tirando das minhas próprias emoções.

— Pensando na minha filha — murmurei, com a voz falhando. — Será que ela sabe que eu existo? Porque ela foi embora tão pequena, então é óbvio que não se lembra de mim.

Aimée não se lembrava que tinha um papai que a amava mais do que amava a si mesmo.

— Seu pai não te deu detalhes? — Sua sobrancelha franziu, demonstrando que aquele assunto também a preocupava.

— Não. Só sei que ela está em uma cidade que é conhecida como a cidade das estrelas.

Além de tudo, aquele sádico do caralho, ainda por cima, era poético.

— Acho que já ouvi falar. É na Rússia, né?

— Isso.

Do outro lado do mundo.

— Tudo vai ficar bem. Você a terá nos seus braços e ela nunca mais vai sair daqui. — Seus braços não saíram da minha volta.

— Você se incomoda em me dividir com a minha filha? — fui direto, como sempre.

Aquele dilema estava em minha mente há algum tempo. Jordan tinha que aceitar Aimée antes até de me aceitar.

Éramos um combo.

— Que pergunta é essa, pelo amor de Deus?! — Já estava puta.

Eu tenho pavio curto, mas JJ não chegava nem a ter um pavio.

— Tem pessoas que não querem se envolver com alguém que tenha filhos — expliquei usando meu tom calmo e paciente.

Uma raridade se tratando de mim.

— Não sou desse tipo de pessoa, isso não será um problema. Ela é uma parte sua e sempre será sua prioridade. Sempre. Não existe uma competição. Além disso, vamos com calma, Seb. Não estamos nem namorando, estamos nos pegando. Pode ser que, no final das contas, isso nem dê em nada.

Eu já não tinha paciência e a Jordan fazia com que eu perdesse o pouco que tinha.

Mania irritante de não me levar a sério.

— Vai me dizer que isso aqui é uma brincadeira para você? — minha voz já saiu mais rouca.

— Só estou dizendo que faz quatro dias que você beijou a minha boca. Sim, estamos transando todos os dias e dormindo juntos todos os dias, mas um relacionamento é feito de bem mais do que sexo.

Era oficial. Ela tinha mesmo me irritado.

— Acha que eu realmente estou só te comendo? — perguntei, puto. O que custa ver que estou completamente na dela?

— É, primordialmente, o que estamos fazendo. Trepando.

— Trepar é o que eu fazia com a Ellie ou com a Athena — fui honesto com ela. — Com você, estou me abrindo, me expondo. Se quiser só trepar, você tenha, pelo menos, a decência de me avisar. É isso o que você quer?

— Não. — Ela arfou quando eu peguei mais firme em sua cintura. — É que... nunca imaginei que você seria tão fácil assim. Você nunca se abriu para ninguém.

— Nunca senti nada que me fizesse querer isso. Mas você faz, ok? Não é só sexo!

A raiva fez com que meus lábios fossem aos dela com voracidade e aquele meu lado, que adorava tomar o controle dela, falou mais alto.

Minha boca devorou a dela e nossas línguas se entrelaçaram, liberando uma sensação gostosa que correu diretamente até o meu pau, que se endureceu rapidamente. Seu corpo arquejou quando minhas mãos grandes e calejadas levantaram sua blusa e caminharam até seus peitos pequenos e deliciosos.

Os mamilos duros se encontraram com meus dedos e o gemidinho que Jordan soltou em minha boca fez quase todos os fios que prendiam meu autocontrole se soltarem, e minha mãos seguraram seus peitos com mais pressão do que andavam fazendo naqueles dias.

Brinquei com os bicos, torcendo-os, enquanto minha língua brincava com a sua, não dando espaço para que ela fizesse nada além do que se entregar para mim.

Sempre que abria as pernas, Jordan se entregava. Completamente. Ela ainda sentia dor quando meu pau afundava em

sua boceta, mas durava até que seus músculos relaxassem. Depois, tudo o que ela sentia era um prazer descomunal. Ou, pelo menos, era o que parecia, já que seus gemidos sempre eram altos e descontrolados.

— Caramba, Seb — ofegou em contra meus lábios. — Calma…

Suas mãos seguraram as minhas e eu parei imediatamente, temendo tê-la assustado por causa da minha intensidade em querer dominá-la.

— Desculpa, eu… — Minha respiração estava descompassada, mas eu não conseguia me desconectar dela.

— Está tudo bem, eu só queria te fazer um pedido. — Meus olhos se abriram para encontrar os seus, e meu pau parecia que iria explodir caso eu não desse um pouco de alívio a ele nos próximos segundos. — Me domina? Só hoje? Sei que não sei de nada e tudo mais, mas queria saber como é. Queria conhecer tudo que você guarda nas suas sombras.

Porra, eu poderia gozar só com aquele pedido.

— Você sabe alguma coisa sobre BDSM? — perguntei, já pensando em todas as informações que eu teria que dar para ela.

Eram duas da tarde de uma quarta-feira, e olha o que iríamos fazer.

Como ela ousava pensar que eu não iria querer algo a mais com ela? Não seria doido de deixar Jordan escapar. Ela era perfeita para mim.

Safada. Leal. Dedicada.

Ela era perfeita.

— Faço pesquisas há anos. Sei sobre a palavra de segurança e sei que temos que estar sempre conscientes nas sessões e que, por mais que o controle esteja nas mãos do Dom, é o submisso que estabelece a maior parte dos limites. — Porra, ela fazia pesquisas sobre o assunto? — É uma prática bem conhecida hoje em dia, mas confesso que nunca tive coragem de fazer algo a respeito disso. Se conta de alguma coisa, sempre que leio contos eróticos, procuro algum que tenha um dominador.

— Você lê contos eróticos, princesa?

— Gosto mais do que ver pornô — confessou, dando de ombros, mas com uma pitada de vergonha. — Me conta um pouco das coisas que você gosta. Sei que existem vários tipos de fetiches e, enfim, cada pessoa é uma.

Sentei na beirada da cama e a puxei para o meu colo, de lado.

— Primeiro, me conta o que mais gosta de ler? — Porra, uma cena dela lendo enquanto eu toco em sua boceta passou pela minha mente e fez meu pau pulsar.

— Eu perguntei primeiro. — Sorriu, empinando aquele nariz bonitinho para mim.

— Gosto de quando me obedece sem que eu tenha que pedir duas vezes. — Arqueei a sobrancelha, fazendo-a abrir os lábios e sorrir ainda mais.

— E mesmo eu sendo eu, você, ainda assim, tem tesão em mim?

— Um dominador sabe que, para que alguém se renda a ele, primeiro, ele precisa merecer a confiança do submisso. Não posso pedir nada de você se, no passado, tudo o que te mostrei foram coisas que fizeram você não confiar em mim.

Ela suspirou, e porra, meu pau babou dentro da minha cueca.

— Gosto de quando a submissa é punida. — Eu iria casar com aquela garota. — Sabe, quando ela faz uma merda e, mesmo pedindo desculpas, o Dominador diz que precisa puni-la e bate até que ela chore? Mas, no fim das contas, o alívio é imediato.

— Você gosta de spanking[1], então? — Minha mãos já estavam tocando as pontas das sua tranças, como se ali estivessem os últimos fios do meu autocontrole. — Bom, porque eu adoro usar o meu cinto nas sessões.

Jordan engoliu em seco de uma forma que eu cheguei a escutar.

— E, além disso, eu gosto sempre daquelas cenas em que a mulher é obediente.

Aquilo foi uma surpresa interessante.

Jordan gostava da submissão e obediência. Ela gostava de agradar e entregar todo o controle do seu corpo a alguém.

Aquela era sua fantasia mais íntima. Uma que eu teria muito prazer em realizar.

— Você não está dizendo tudo isso para me agradar, não é? — perguntei, apenas para desencargo de consciência.

Tudo que envolvia práticas de fetiches precisava de muito diálogo e confiança, e era por isso que eu sempre era cem por cento sincero e direto nas minhas perguntas.

— Pelo que entendi, eu já te agrado dando minha boceta para você toda noite. Estou pedindo para que você me domine porque sempre foi algo que me excitou e sei que é algo que você curte bastante — respondeu sem joguinhos dessa vez.

— Você sabe de alguma coisa que não gosta de jeito nenhum? Preciso saber dos seus limites antes de qualquer coisa.

Eu estava tentando controlar minha ansiedade como se fosse um garoto de quinze anos que tinha acabado de perder a virgindade e pensava em sexo vinte quatro horas por dia.

— Não me sinto confortável com nada que envolva sangue. Ou anal.

Eu também não gostava de sangue. Mas, porra, anal era tão gostoso. Enfim, isso seria um papo para outro momento.

— Tenho regras, JJ. — Levantei-me, tirando-a do meu colo e afastei-me dela. Queria observar com calma o seu corpo.

Ela estava com o cabelo todo para cima no seu coque habitual, um shortinho curto preto de academia e uma camiseta grande, branca e sem a porra do sutiã.

— Não gosto quando me chama de JJ — murmurou, injuriada.

— Quando merecer, eu te chamo como gosta — rebati, duro, cruzando meus braços.

— Ah…

Eu não costumava ser bonzinho em nenhuma área da minha vida e como dominador, não era diferente. Inclusive, quanto mais minha submissa chorava, mais prazer eu tinha.

— Primeira coisa, em uma sessão, você pode falar apenas se eu permitir. — Seus olhos brilharam. — Minhas punições sempre envolvem alguma dor e gosto ainda mais de fazer você chorar de soluçar.

— Por que não estou surpresa?

Aquilo me arrancou uma risada, me fazendo desmanchar um pouco a pose.

— Tenho limites, assim como você. Não faço nada que envolva cortes ou machucados que tirem sangue, não faço *golden shower*[2] e não faço *age play**[3]**.*

Eram práticas que não me davam tesão algum.

— Por mim, tudo bem — sua voz saiu falhada e aveludada de um jeito diferente. Jordan juntou suas pernas uma na outra, mostrando que estava nervosa e ansiosa.

— Nas minhas sessões, eu gosto sempre que a submissa mantenha o cabelo solto. — Porque gostava de puxá-los. — E fique apenas de calcinha, ajoelhada e de cabeça baixa para mim. Você só vai me olhar se eu deixar, só vai me tocar se eu deixar, só vai me pedir alguma coisa se eu deixar. E sempre vai se direcionar a mim me chamando de mestre.

Jordan mordeu seus lábios, ansiosa.

— E se eu tiver alguma pergunta? — Suas mãos pareciam meio trêmulas, e eu podia notar que ela estava ansiosa pra caralho.

Era como se ela quisesse tanto experimentar aquilo, que não pudesse conter suas próprias emoções.

— Você sempre pode dar dois tapinhas em qualquer parte do meu corpo, que eu te deixarei falar, mas você pode me perguntar tudo o que quiser agora, o que acha? — sugeri, rouco e louco para ela arrancar a roupa e mantê-la de joelhos para mim.

— Você vai parar se eu pedir?

Ah, aquela era o dela?

— É só você dizer sua palavra de segurança, que eu paro. E sem punições quanto a isso. É só você dizer, que eu paro.

— Estou nervosa — sua voz transmitiu exatamente tal sentimento. — Tenho medo da dor.

Gostava que estivesse sendo sincera. Gostava muito. Um relacionamento sempre precisava se basear na confiança mútua e isso, no BDSM, era levado à risca. Precisávamos de confiança e diálogos muito bem estabelecidos para as coisas darem certo.

— É normal sentir medo da dor porque seu corpo pensa nisso como algo ruim. Ele quer te proteger dela, mas quando você experimentar, vai notar que a dor também potencializa o prazer. É isso o que vou fazer com você. Fazer você gozar como nunca.

Medo não queria dizer que ela não queria, e sim que sua cabeça estava dizendo para ela não ir por aquele caminho. Era algo normal. Desejo e medo eram sentimentos que nublavam um e o outro, o que diferenciava era a escolha de fazer algo ou não, e saber que queria saciar essa escolha, mesmo que parecesse errado.

— Confio em você, *mestre* — ela disse a última palavra de um jeito como se quisesse testá-la, e meu corpo sentiu o baque, se arrepiando inteiro.

— Qual será sua palavra de segurança? — minha voz saiu com certo esforço, já que eu estava com tanto tesão que sentia que poderia gozar se tocasse no meu pau.

— *Touchdown* — sua voz saiu em um murmúrio.

— Boa escolha.

Aquela palavra não faria apenas meu corpo parar, como também meu pau murchar.

Odiava o jeito como tinha perdido o campeonato no ano passado. Tudo bem que eu fiz de propósito, mas ainda assim, não gostava de pensar no assunto.

— Tire suas roupas e se ajoelhe no tapete. A partir de agora, seu corpo, sua mente e até mesmo suas palavras são minhas. Entendido?

— Sim, mestre.

A respiração dela ainda estava pesada, mas aos poucos, Jordan tirou sua camiseta, expondo seus seios pequenos, que eram redondos e cabiam inteiros na minha boca.

Os mamilos escuros estavam tão excitados que pareciam implorar pela minha atenção, mas contive meu próprio desejo porque, primeiro, eu daria uma boa dose de dor a ela para em seguida, comer sua boceta com tanta força que não restaria outra opção, a não ser se entregar a um gozo intenso.

Seu short saiu em seguida, e quando ela desceu a calcinha junto, minha mão já coçou para puni-la.

Eu tinha dito para manter a porra da calcinha.

Tão boa, mas tão indisciplinada.

O cabelo caiu em suas costas, e assim, que ela se ajoelhou e abaixou seu rosto, colocando suas mãos em cima das coxas, eu senti que poderia entrar no papel que mais me sentia eu mesmo.

O de dominador.

Tirei minha camiseta, observando o local atentamente. O quarto onde estávamos no hotel era espaçoso e tinha uma sala com um sofá e um tapete em frente à cama. Ao lado desse pequeno espaço, havia uma mesa para fazermos algumas refeições.

E, naquela tarde, para a minha alegria, a minha refeição seria lágrimas de uma insolente.

A calça jeans ainda pesava no meu corpo, mas eu não estava pronto para tirá-la. Não queria deixar meu pau exposto ainda para

ela.

Jordan teria tudo, assim que merecesse.

— Acho que fui bem claro quando eu disse que era para ficar com a calcinha, *princesa*. — A última palavra saiu mais como uma afronta.

Meus dedos puxaram seu queixo, e ela me olhou de um jeito que era capaz de me deixar de joelhos por ela, se assim quisesse.

Jordan não percebia ainda, mas eu estava aprendendo a dominar o seu corpo assim como ela estava aprendendo a dominar o meu coração.

— Desculpe, mestre. — E parecia realmente com receio diante do seu erro, mas se esqueceu que eu também não a havia mandado falar.

— Não pedi para você falar nada ainda. Fique quieta — minha voz severa fez suas pernas se fecharem com força, como se precisasse se aliviar, mas não tivesse como. — Não se mova. Não fale. Se puder, não pense também.

Afastei-me e não fiz questão de explicar que estava indo pegar meu cinto para bater naquela bunda magrela apenas para deixá-la ainda mais ansiosa para o que viria a seguir. Quanto menos ela soubesse, mais ela ficaria com seu corpo atento às coisas. Mais seus sentidos estariam ligados.

E era exatamente isso o que eu queria.

Jordan iria experimentar um prazer descomunal, um prazer livre de certo e errado. Era desejo puro. O tipo mais doce e potente que eu já tinha experimentado.

Peguei meu cinto preto e contive a euforia que aquilo me causou.

Estava louco para surrar aquela garota e escutar seus gemidos de prazer enquanto fazia isso.

Quando cheguei perto dela novamente, ajoelhei em sua frente, mostrando o cinto e sorrindo de um jeito malicioso quando seus olhos se arregalaram.

— Dê oi para o seu novo amigo.

Ela parecia querer me mandar à merda, mas quando arquei minhas sobrancelhas, seu suspiro foi de angústia. Jordan não queria me desapontar, mas seria difícil para ela, controlar o seu próprio ímpeto.

— Oi. — Era humilhante, mas era eficiente.

Levantei-me, mas não me afastei sem passar a mão em sua cabeça e trazer seu rosto até minha perna.

— Gosto de quando se comporta. Gosto muito disso. — E apenas com poucas palavras, ela conseguiu respirar com mais leveza. — Está tudo bem ficar ansiosa, querida. Você está se saindo muito bem. Quer me dizer alguma coisa?

Seu olhar colidiu com o meu, me roubando um pouco o foco, mas quando negou com a cabeça, decidi que estava na hora de seguir com o que ambos queríamos.

Sem dizer nada, coloquei meu cinto enrolado em seu pescoço de um jeito que apertava, mas ainda assim, a deixava respirar. E quando me levantei, observando minha mão segurar o cinto à medida que seu lindo pescoço estava envolto por aquele couro, senti que poderia comer aquela mulher por horas.

— Como se sente, querida? — minha pergunta altiva fez com que ela olhasse para mim. Notei ali um fogo que chegou a me assustar.

— Sua… — ofegou, mas logo tentou se controlar. Esse era o problema da JJ, ela queria se controlar demais. E agora, ali comigo, ela não precisava mais controlar nada. Seu único trabalho era se doar para mim. — É um pouco assustador, mas é bom.

Precisei fechar meus olhos com força para não abrir meu zíper no mesmo instante e meter nela sem hesitar em cima daquele tapete.

— Quero que ande de quatro até a mesa e fique deitada com essa bunda bem exposta para mim, ok?

— Ok — respondeu rapidamente, afoita.

— Sempre termine suas sentenças me chamando de mestre, Jordan. É assim que eu gosto de ser chamado. Sempre.

— Perdão, *mestre*.

Seu olhar lamurioso me dizia que ela estava arrependida por errar.

Jordan gostava de acertar sempre e de ser uma boa garota. Agora isso seria explorado como nunca, e eu tinha certeza de que ela iria gostar.

Meu trabalho ali era assumir o controle e deixar que suas necessidades mais profundas fossem colocadas para fora. No fim das contas, o meu prazer estava não só em controlá-la, mas também em suprir suas fantasias.

Jordan engatinhou até a mesa do nosso quarto e ao chegar lá, se deitou no mármore gelado, deixando que a sobra do cinto caísse ao seu lado, junto aos cabelos. Seu rosto estava coberto por uma tensão necessária, mas quando cruzamos nossos olhares, percebi que estava ansiosa para saber o que aconteceria com ela.

A visão do seu corpo exposto para mim mexeu com partes do meu corpo que nunca tive consciência que existiam. Era um misto de paixão, necessidade e tesão que estava fazendo com que tudo o que já era excitante, se transformasse em uma espécie de paraíso.

Chegando perto dela como um gato encurralando um pequeno e indefeso ratinho — porque era isso o que ela seria dentro no nosso universo, meu pequeno e indefeso ratinho —, percebi que a palma da minha mão cabia inteiramente em uma das bandas de sua bunda.

Porra, como eu queria ver as marcas que eu conseguiria deixar nela.

— Empina mais para mim — mandei e sua obediência foi colocada à prova por um breve momento. Para a minha surpresa, ela obedeceu no mesmo segundo.

Aquilo me fez sorrir. Isso. Era exatamente assim que eu gostava.

Coloquei seus cabelos de lado e enrolei a parte solta do cinto no meu pulso. Alisei sua bunda, sentindo a textura de sua pele com meus dedos. Precisava buscar calma e paciência para levarmos nós dois para o lugar que tanto queríamos.

O trabalho dela era se doar inteiramente a mim e o meu era cuidar bem de nós dois.

— Saiba que está recebendo essa punição porque não me obedeceu, minha princesa — disse em seu ouvido, e seu corpo pequeno se contraiu em um arrepio. — Lembre-se da sua palavra de segurança. Me diga qual é.

— *Touchdown*, mestre.

Perfeita, porra!

Sem que esperasse, estalei um tapa em sua bunda que fez seus olhos se arregalarem e suas pupilas pareceram saltar ainda mais. Provavelmente, ela estava sendo banhada por um misto de prazer e dor que ainda não havia experimentado. Era algo novo, assustador e que provocava nossos sentidos mais primitivos de autopreservação.

Ela queria correr, mas não conseguia, pois o prazer em seguida a fazia ficar.

Minha mão ardeu, meu pau pulsou e não consegui conter um gemido que escorreu pelos meus lábios sem controle.

— Como você está, princesa? — perguntei, verificando algo que eu não poderia analisar apenas observando o seu corpo.

Mesmo percebendo pelo seu corpo que ela estava gostando, sua mente precisava ter minha atenção também; e eu só conseguia acessá-la se JJ conversasse comigo.

— Quero mais — pediu, se esquecendo da palavrinha mágica mais uma vez.

Estalei mais um tapa seco em sua bunda, mais forte dessa vez, no mesmo lugar em que eu havia batido antes apenas porque assim, arderia mais.

E, porra, como era bom saber que ela estava à minha mercê.

Submissos aprendiam por orientações, mas também necessitavam de punição para se educarem corretamente.

— Quero mais o quê? — Deferi mais um tapão em sua bunda, que nem chegava a se mexer. Ela era pequena, mas era tão musculosa quanto eu. — Sempre diga *por favor* quando for pedir algo para mim e nunca se esqueça de dizer a palavra *mestre.* Não vou dizer de novo.

Outro tapa, e esse que fez com que suas unhas tentassem arranhar o mármore da mesa.

— Não se esqueça de que, aqui, eu sou seu mestre, não sou seu namorado.

— Não é meu namorado também, mestre. — Ela um dia aprenderia a não ser engraçadinha nesses momentos.

Mais um tapa ardido em sua bunda, e meu cinto a enforcou apenas um pouco.

Minha resposta não foi brincalhona, foi mais como um lembrete.

— Você é minha, não me provoque. Peça desculpas. Agora!

E, assim, espanquei sua bunda mais uma vez.

Jordan arqueou as costas, tentando aliviar um pouco a dor, mas ela não conseguiria ir para nenhum lugar, que não a palma da minha mão.

— Perdão, mestre — sua voz estava bem mais mansa e mais manhosa do que eu já jamais havia escutado e gostei ainda mais disso.

Porra, era um tesão vê-la tão entregue a mim.

Quanto mais tapas eu dava em sua bunda, mais meu pau babava e latejava. E quanto mais eu chegava perto do limite, mais Jordan segurava seu choro.

Foram oito tapas. Todos no mesmo lugar.

Ela aguentou todos. E segurou todas as suas lágrimas também.

Seus olhos estavam vermelhos e seu corpo estava inteiro suado, mas levei isso como um desafio.

— Por que está prendendo o choro, sua cachorra?! — perguntei puto, querendo vê-la se contorcer em uma dor tão profunda para enfim, dar a ela o prazer que havia feito por merecer.

— Não quero que pense que sou fraca, mestre. Se eu chorar apenas com tapas, ficará com dó de fazer algo além disso depois.

Puxei sua cabeça pelo cinto, fazendo-a arquear as costas e olhar para mim por cima dos ombros.

— Nunca esconda suas lágrimas de mim. Vou te achar fraca se não conseguir expor suas emoções quando elas vierem, não ao contrário.

Jordan só concordou com a cabeça, e logo a coloquei na posição novamente, ficando atrás dela.

Abri sua perna, encaixando meu joelho no meio delas, e um breve contato já fez minha calça sair com uma mancha de excitação que escorria por sua boceta. Isso me deixou completamente fora de mim.

Porra, eu não parecia a estar controlando, e sim que ela estava me controlando no fim das contas.

Era uma coisa confusa pra caralho.

— Sua boceta está implorando pelo meu cacete, querida.

E Deus me perdoasse, mas era exatamente isso o que daria a ela.

Não havia preliminar melhor do que uma dor do caralho para em seguida, um alívio vindo direto do inferno.

Dominá-la era ainda melhor do que nos meus sonhos.

Tirei uma camisinha do meu bolso antes de abaixar a porra da calça com cueca e tudo, deixando meu pau saltar para fora. A

vontade de meter nela sem camisinha era grande, mas eu não era um escroto. Ainda era cedo para esse tipo de intimidade.

Ao colocar o preservativo, observei atentamente as reações do corpo de Jordan.

Tudo no BDSM era a respeito da entrega e do prazer. Isso valia tanto para o dominador quanto para submissa. Era um respiro de libertação do seu próprio desejo e, por mais que tivesse dor envolvida, ainda assim, era sempre gozar liberto das suas próprias regras.

Ela parecia bem mais tranquila do que antes e, pelo jeito que respirava, percebi que estava ofegante apenas por causa do tesão filho da puta que estava sentindo.

Ela estava para explodir, e eu também.

Com meu pau tocando sua bunda, desci meus lábios em suas costas, provando o gosto de sua pele mesclada com seu suor, tomando um pouco de tempo e tentando esfriar um pouco mais minha cabeça antes de entrar em sua boceta.

Jordan sentia dor na penetração e por mais que eu gostasse de vê-la agoniada em dor, esse não era meu objetivo quando eu a penetrava.

Meu pau deslizou por sua bunda, chegando em sua boceta melada, me fazendo segurar meu cinto com um pouco mais de força e chegar bem pertinho da sua orelha.

— Você está bem, princesa? — perguntei mais uma vez, pois não queria que ela chegasse ao limite. Ainda que seu corpo parecesse relaxado, eu não podia ter certeza do que se passava em sua mente.

— Minha boceta está doendo, mestre. Preciso que entre em mim — respondeu, manhosa.

Porra, meu pau chegou a deslizar até sua abertura.

Conseguia sentir até mesmo o cheiro de sua excitação, e isso era apenas um detalhe a mais que arrancava minha razão.

— Vou comer você. Não se preocupe, vai passar — minha voz fez com que ela arfasse em expectativa e me levasse junto a ela em uma espiral de prazer intensa sem nenhum incentivo específico.

Ambos estávamos com um desejo do caralho.

E assim, eu comecei a entrar nela. Sua boceta, como sempre, tentou se fechar com a dor que a penetração provocava, e uma tática que percebi que a fazia se abrir um pouco mais para mim, era tocar em seu clitóris. E foi isso o que eu fiz.

Cada vez que meu pau tomava espaço dentro de sua boceta, meus dedos massageavam seu clitóris, fazendo-a começar com aqueles gemidinhos lamuriosos que tanto me tiravam o juízo.

Meu pau estava sendo estrangulado, fazendo meu coração querer saltar pela boca, cada vez que eu metia nela.

— Que tesão do caralho, Jordan. — Minha cabeça caiu para trás enquanto meus pulmões pareciam sofrer em busca de ar.

Não iria durar muito. Quando senti sua passagem relaxar, comecei a me movimentar, estocando de maneira curta e controlada para não machucá-la. Meus dedos não paravam de tocar seu clitóris e meu cinto continuava enrolado em meu outro pulso.

Tomei coragem para observar a união dos nossos corpos. Uma má escolha porque, ao me deparar com a visão da camisinha completamente melada por causa da boceta dela, eu tive vontade de me descontrolar por completo.

Minha pegada ficou mais dura, assim como seus gemidos ficaram mais altos, e tudo o que eu sabia sobre sexo e dominação, pouco a pouco, foi parecendo uma gota em meio a um oceano de possibilidades.

Nunca tinha sido daquele jeito.

Nunca.

— Está gostando de ser minha cachorra? — indaguei, sem parar de meter.

— Sim, mestre — Arfou quando entrei um pouco mais fundo e saí rapidamente. — Mestre…

— Diga, minha querida.

Minha voz estava tão ofegante, mas achava que o baque maior estava no meu coração, que parecia mais frenético do que nunca.

— Não para. Por favor, mestre… Está tão gostoso — disse, deixando algumas lágrimas escorrer por sua face.

Porra, sim! Era exatamente isso o que eu queria que ela sentisse. Um prazer tão forte que jorrasse por sua boceta, seus poros e até mesmo pelos olhos.

Com as estocadas violentas, meu pau, que antes já parecia estar no limite, agora dava espasmos, também dolorido pelo esforço gigantesco que eu fazia para não gozar.

Puxei-a pelo cinto, fazendo com que tomasse um susto, mas grudasse suas costas no meu peito. Nossos suores se misturando no processo.

A vontade que tinha de Jordan era tanta que eu queria me fundir a ela. Queria que não tivesse uma parte do seu corpo que não fosse conectada a mim.

— Você me dá um tesão que chega a ser quase insuportável de sentir. — Meu pau chegava a doer de tanta necessidade de gozar. — Quero que me faça gozar assim — Conduzi seu quadril, fazendo-a se movimentar em mim —, rebolando no meu cacete.

E assim ela fez. Gemendo como uma cadela, Jordan começou a rebolar, ainda segurando no tampo da mesa. Larguei meu cinto e comecei a segurar em seu quadril, dando a estabilidade que ela precisava para que enfim, nossos corpos tomassem o controle.

Meus lábios foram até seu pescoço, sugando-o. Suas unhas foram até meus braços como garras, me arranhando, o que só me deu margem para meter ainda mais forte.

Descontrole.

Essa era a palavra que definia o que estávamos vivendo naquele momento.

Eu, que sempre era calculista na hora de uma trepada, não conseguia pensar em nada que não fosse o cheiro dela, a boceta dela… Ela.

Eu só pensava nela.

Não tinha um próximo passo, eu era movido pelos seus sons. E cada vez que ela gritava mais, mais eu metia.

Perdi a noção de tempo e de espaço. Quando deitei seu tronco novamente na mesa, comecei a estocar com força em sua boceta, sendo agraciado pelos gemidos mais fortes que ouvi alguém dar para mim.

Estalei mais um tapa em sua bunda dolorida e em seguida, peguei seus braços, os imobilizando em suas costas. Foi tudo o que precisou para sentir sua boceta palpitar em volta do meu pau.

Tirei meu pau quase completamente para então, meter novamente, sendo tomado por uma avalanche de sensações que me faziam querer devorá-la.

Não queria apenas os gemidos ou os orgasmos dela, eu queria a porra do seu coração e até mesmo da alma. Eu queria meter tão profundamente naquela boceta gulosa do caralho, que ninguém nunca mais seria o suficiente para a minha desgraçada.

Porque era isso o que ela era. Minha.

Só minha.

Não havia mais nada ao nosso redor, e eu estava ficando completamente vidrado nela, até que fui puxado para a realidade ao sentir meu corpo inteiro pinicar e minha visão ficar toda embaçada. Um orgasmo forte e avassalador se formava bem embaixo do meu umbigo, e foi assustador perceber que eu não conseguiria contê-lo.

— Estou quase, princesa — grunhi, já fora de mim. — Você é tão boa. Porra, Jordan, você é perfeita! Goza comigo. Goza pra mim. Quero que goze como a puta que eu sei que você é.

Deixei uma de minhas mãos segurando seus punhos em suas costas, mas a outra foi direto para o seu clitóris, provocando-a tanto que Jordan não teve para onde correr.

Esporrei na camisinha ao mesmo tempo em que ela gritava e esperneava, sem controle algum do seu corpo. Sua boceta palpitava em volta do meu pau, sugando-o de uma maneira quase torturante, mas não parei. Não conseguia. Meti até que nós dois estivéssemos tão cansados que mal parávamos em pé.

Quando soltei seus braços e a trouxe para mim, roubei um beijo apaixonado dos seus lábios, me permitindo contemplar um pouco daquela mulher.

Ela estava gozada, suada e totalmente usada. Mas percebi que, para mim, ainda tinha sido muito pouco.

Eu queria muito mais.

Eu queria que ela usasse a minha coleira e mostrasse para o mundo a quem ela pertencia.

— Como está se sentindo? — murmurei contra seus lábios.

— Estou flutuando... Minha cabeça nunca pareceu tão calma quanto agora, mestre.

Perfeito.

Porque a minha também parecia estar em paz naquele momento.

— Não precisa mais me chamar de mestre. Agora eu sou apenas o seu Seb.

Seu Seb.

Porra, era daquele jeito que todos se sentiam quando pertenciam a alguém, então?

Gostava daquilo.

Gostava muito daquilo.

— Eu…

Jordan interrompeu a própria fala no meio, não deixando que sentimentos tão fortes viessem à tona.

— Vem, vamos tomar banho. Agora vou cuidar direitinho de você.



PRIORIDADE

Jordan Joy Lewis

Minha bunda ardeu quando sentei dentro daquela banheira quente. O cheiro inebriante e cítrico fez com que cada músculo cansado do meu corpo se relaxasse instantaneamente.

Minha cabeça parecia bem mais aérea e não tinha um pingo de ansiedade correndo em minhas veias. Eu não estava preocupada com o que iria acontecer depois daquele momento ou nem dali alguns dias. Só o presente existia.

E ele.

Era interessante o que acontecia com a nossa cabeça quando ela se desligava do controle que nos sufocava dia após dia. Mais interessante ainda era quando você dava deliberadamente tal controle nas mãos de alguém em quem você confiava.

Eu sempre fui muito dona do meu próprio nariz e nunca gostei que ninguém tomasse conta de mim. Minha mãe sempre falava que

eu tinha sido uma criança difícil de lidar porque não acatava ordens e odiava fazer o que os outros estavam pedindo.

Naquele dia, entretanto, eu gostei de fazer o que ele estava pedindo. Para ser honesta, gostei que ele tomou conta da minha mente e do meu corpo sem que eu precisasse comandar nada.

Foi um descanso muito bem-vindo.

— Deita no meu peito, querida. Preciso fazer um carinho em você. — A voz de Sebastian estava profundamente rouca, e ele nunca me pareceu tão vulnerável.

Minha cabeça tocou seu peitoral e eu aproveitei para escutar as batidas do seu coração, que faziam com que o meu próprio se acelerasse.

Mal podia acreditar que aquilo estava realmente acontecendo comigo. Minha adolescente interior estava pirando no momento, era tudo que ela sempre quis.

Era louco pensar nisso. E, como em um estalo, minha mente trabalhou rapidamente.

Estava vivendo coisas que eu desejava quando todos ainda estavam ali.

Estava vivendo… sem eles.

Estava realizando coisas… sem eles.

Pela primeira vez em um tempo, não pensei nisso como uma coisa ruim, mas com uma animação diferente. Um misto de ansiedade e empolgação que gerava um arrepio em meu corpo inteiro.

Tudo era diferente sem eles, mas, ao mesmo tempo, eu não parecia desgostar desse diferente.

— Às vezes, eu acho que estou sonhando. E vou acordar, e você não vai estar mais aqui.

Meu medo do futuro atacou novamente, me provando que o alívio momentâneo era nada mais do que isso. Um alívio, não uma cura.

— Tenho medo de que tudo seja demais para você e, um dia, você também vá embora.

Seu pensamento me assustou. Nunca tinha visto o Sebastian como alguém inseguro ou que tivesse qualquer tipo de medo.

Observando seu maxilar sisudo de perto, percebi que havia muitas facetas dele que eu tinha idealizado demais. Para mim, Sebastian sempre foi alguém que chegava a ser intocável. Era a imagem que ele mantinha para as pessoas que eram de fora: bravo, distante, metido. Essas eram as características que ele gostava de passar. Meu capitão se aproximava apenas daqueles de quem gostava e queria por perto, não fazia o tipo que gostava de agradar e nem se importava muito com isso.

Secretamente, sempre adorei isso, mas agora, via que ele era mais do que uma postura firme e fria. Ele tinha medos, desejos e, principalmente, dores.

Dores difíceis de serem digeridas, mas ainda assim, eram dores importantes.

Eram importantes para mim também e sempre seriam.

— Nunca iria embora.

Sebastian merecia alguém que ficasse, e eu seria essa pessoa.

— Uma filha, um cara que gosta de chicotes e cintos... É muito, se formos parar para pensar.

Mas eu gostava daquele muito.

— Gosto dos chicotes e dos cintos. Sobre a filha, se é importante para você, vai ser importante para mim também, Seb. — Minhas unhas passavam pelos seus braços enquanto ele jogava água nos meus ombros. — Olha, tudo isso é muito louco, eu sei, mas você não sabe o quanto eu daria para estar no seu lugar. Ter algum deles de volta, não consigo nem imaginar como é a sensação. Você pode ter isso, pode matar a saudade da sua estrelinha e, porra, isso é incrível.

— Daria qualquer coisa para matar a saudade que você tem dos seus pais. — Seus dedos circularam minha boca, mas logo saíram dali. — Queria te fazer feliz de novo. Você era uma menina feliz, apesar de tudo.

— Seb, eu não era feliz. Não sei quando comecei a ser triste, mas aconteceu muito tempo antes de a minha mãe falecer.

Acho que sempre fui um pouco triste, porque vivi por anos na iminência de perdê-la.

— Ainda assim, queria muito que você fosse feliz pra caralho. Queria te fazer tão feliz a ponto de você não querer mais desistir de si mesma. — Ele era ingênuo. Eu também era até uns anos atrás, nunca achei que Callum seria capaz de fazer o que fez. — Você é importante para mim.

Jamais passou pela minha cabeça que Sebastian poderia ser um cara tão carinhoso e já tinha percebido que ele gostava de toques e de cuidado.

Será que ele gostava de ser cuidado?

Será que ele gostava de ser visto?

— Não menti quando disse que estava com medo, eu realmente estou. Nunca me senti assim. É meio apavorante porque tudo está tão rápido e, ao mesmo tempo, parece tão certo, que eu simplesmente não consigo parar. Cada vez que eu te beijo, quero mais, cada vez que eu te toco, perco a noção de onde estou. Ficar perto de você me faz um bem que, há anos, eu não sentia. E isso me dá vontade de, sei lá…

Sempre tão honesto. Era algo que simplesmente fazia parte dele.

— De correr. Gostar de alguém é dar poder a essa pessoa, e eu não sou a pessoa mais confiável do mundo — completei seu pensamento, mas minha fala pareceu deixá-lo meio desconfortável.
— Está tudo bem, ainda estamos tentando entender o que tudo isso significa. Você não precisa sempre estar um passo à frente. Só tem vinte e dois anos, ainda está aprendendo como a vida funciona.

— Depois que tive minha filha, eu precisei amadurecer mais rápido, então acho que sim, estou sempre tentando racionalizar tudo e tentando entender as coisas do melhor jeito possível. — Seus dedos subiram até minha nuca e seus lábios acariciaram minha têmpora antes de selar bem ali um beijo suave.

No sexo, Sebastian era intenso, sádico e voraz.

Depois, ele era o oposto. Era suave, carinhoso e delicado.

Era como ter o melhor dos dois mundos em apenas uma única pessoa.

— Gostei dessa parte — murmurei, me aconchegando mais nele. — O carinho, o cuidado... Gosto muito disso, Seb.

— É gostoso, né? Para mim, sempre é a melhor parte depois de uma sessão.

— Sim. — Virei-me sutilmente de lado e meus lábios viajaram até seu peito, beijando bem no lugar onde seu coração batia desenfreadamente. — O que você gosta depois de uma sessão? Gosta de ser cuidado também? Gosta de um carinho?

— Geralmente, gosto só de dar cuidados, mas estou gostando de sentir seus carinhos em mim. Acho que gosto de ser cuidado por *você*.

Um sorriso se abriu em meus lábios.

Deus, é bom que ele não esteja me iludindo porque, se ele estiver, eu estou caindo como um pato.

— Suas mãos doem depois de uma sessão? — perguntei, pegando uma de suas mãos gigantes e analisando a vermelhidão. O vergão que o cinto provocou em sua pele bronzeada.

Ele segurava com muita força aquele cinto.

— Doem, mas acho que não chega à dor que você sente pelos seus machucados.

Bom, minha bunda ardia, mas não era nada que roubasse alguma das minhas lágrimas. Era bem gostosinho, na verdade.

— Está só ardendo. — Dei de ombros. — Como cuida dessa vermelhidão?

— Amanhã ela está melhor. Na verdade, gosto de deixar assim. Me lembra exatamente do que eu já fiz.

Foi difícil segurar a carranca, mas segurei. Não tinha direito de ter ciúmes das coisas que ele havia feito quando estava solteiro, eu mesma já havia feito tantas coisas que ele nunca iria nem sonhar que tinha chegado a fazer.

Onde eu tinha aprendido a fazer boquete? Não interessava.

Onde eu tinha aprendido que dava para gozar só roçando o pau por cima da boceta? Para que comentar sobre isso?

Havíamos vivido sem estarmos juntos, e estava tudo bem.

Ou, pelo menos, era o que eu dizia a mim mesma quando esses sentimentos complexos me atravessavam.

— Você é bem difícil de ler, mas acho que, com o tempo, eu ando aprendendo os seus sinais. — Além de tudo, agora ele iria conseguir ver o que se passava dentro da minha cabeça? Tinha até medo. — Quando sente algo que não deveria, fica calada, provavelmente tentando se convencer de que não pode sentir aquilo naquele momento. Prefiro que seja honesta e fale comigo antes que se prive de alguma coisa.

— Não acho que devemos falar sobre tudo que pensamos.

Ninguém falava sobre tudo que pensava.

— Em uma relação com dominação e submissão, tudo o que fazemos é baseado em diálogo e confiança. Preciso conhecer você inteiramente para saber seus limites, e precisamos ter certo tipo de confiança para que eu te diga sobre meus sentimentos e para que você fale sobre os seus. Sem punições ou julgamentos. É mais do que tapas e dor, JJ. É sobre a liberdade de ser quem é, sem pressão.

— Você sempre julga muito, não consigo imaginar como é falar algo para você e não ser julgada por isso. — A sinceridade escapou da minha boca sem que eu conseguisse segurar.

— Discordo a respeito disso. Não julgo as coisas, apenas sou realista e objetivo, o que, para muitos, soa como insensível. Mas, se formos parar para pensar, eu sou um cara cuidadoso. Jamais levantei a voz para nenhum dos meus amigos e todas as vezes que

puxei a orelha de algum deles, foi por saber que era o que eles precisavam naquele momento.

— Você não cansa?

— De cuidar deles? — pergunto, enrugando um pouco a testa.

— Não. Digo, pode ser isso também, mas você parece sempre estar observando todo mundo para ver o que precisam. Me parece bem cansativo.

Pelo menos, era quando eu precisava orbitar em volta do Callum.

— Hoje em dia, não é mais tão cansativo porque todos eles já ajeitaram a própria vida, mas, antigamente, era bem cansativo. Matteo sempre me preocupou, pois era muito iludido e parecia viver em um mundo cor-de-rosa onde nada dava errado.

Eu conseguia imaginar exatamente como ele era.

— Ele ainda parece viver em um mundo cor-de-rosa onde nada dá errado — brinquei, mas era a verdade.

Quem teria algum problema com uma família daquela? Melhor, quem teria problema com uma família e ponto-final?

— Acredite em mim, ele passou poucas e boas nos últimos tempos. Matteo amadureceu muito desde que eu o conheci. Zoella teve uma vida muito difícil e, por isso, acabou desenvolvendo um transtorno alimentar bem grave, que a deixou no hospital no primeiro semestre dela em Crownford. Foi bem difícil para ele, mas confesso que acredito que foi bom. Ela encontrou nele alguém que sabe lutar para permanecer na vida dela, e ele encontrou a Cinderela que tanto queria.

— Acha que os dois vão dar certo? — perguntei, passando meus braços pelo seu ombro, permitindo que meus seios se

aconchegassem em seu peitoral.

— Não tenho dúvidas de que aqueles dois vão casar e colocar várias crianças no mundo. Nada faz mais sentido do que Zoella e Matteo juntos.

— Logan e Isabella, sem dúvida nenhuma, também foram feitos um para o outro. Ela é tudo o que ele sempre quis.

Callum iria pirar em ver que o nosso menino, no fim das contas, achou quem ele tanto queria.

— Sim, mas acho que, além disso, sempre me senti muito protetor acerca do Logan. Eu o conheci ainda na nossa adolescência, passei por muitas coisas ao lado dele. Acho que o Logan nunca percebeu, mas eu sempre o protegia de tudo e de todos.

— Você não queria nem deixar que eu me aproximasse dele novamente. — Havia tentado por meses entregar a carta para o loiro e Sebastian entrou no meio em todas elas.

— Você causava gatilhos nele. Era uma merda vê-lo passando tão mal daquele jeito. Sem contar que eu nunca engoli aquela cena que fez no meio do refeitório da escola. Era o meu dever proteger o Logan e, assim, eu o fiz.

Dava para ver que ele não se sentia mal por ter me afastado de Logan na época. Sebastian era um cara que se doava muito para os outros porque era o seu jeito de amar.

Agora, eu achava isso bonito. O que antes eu achava ser escroto, hoje via que nada mais era do que amor.

Tinha gente que amava falando, outras pessoas amavam fazendo.

Ele era do tipo que fazia.

— Noah sempre foi o que me deu mais trabalho. Usava drogas, sumia. Mas o interessante era que ele nunca notou que eu cuidava dele. Eu que tirava suas roupas vomitadas quando ele bebia demais em alguma festa, eu que sempre comprei seus malditos cigarros quando acabavam. Ele era tão desatento que nem percebia que eles magicamente apareciam novamente em seus bolsos, mas por mim, tudo bem, sabe? Ele me ajuda muito, é sempre o que mais me escuta.

É isso. Eu amo esse homem!

— Escuta seus conselhos? — Apostava que não tinha ouvido muito bem quando ele mandou que ficasse longe da Liz, levando em conta que, hoje, eles têm uma filha juntos.

— Meu sonho era que ele escutasse, mas na verdade, ele escuta apenas meus desabafos mesmo.

Foi impossível conter uma risadinha.

— Vocês são bem unidos, acho isso lindo.

Eu sentia saudades de pertencer a algo tão íntimo e unido daquele jeito.

— Somos irmãos. Não nos damos bem sempre, eles me irritam na maior parte do tempo, mas eu amo aqueles caras. Inclusive, lutei muito para esse grupo ficar unido. Logan era bem avesso às pessoas e Noah, então, parecia um bichinho assustado quando o conheci. Mas sempre quis que eles fossem minha família.

— Por que eles? — minha pergunta fez com que ele olhasse para os meus olhos e passasse um tempo ali, parecendo buscar respostas para uma pergunta que, para mim, soaria simples.

— Eu sou assim. Às vezes, bato o olho em algumas pessoas e sei que elas são para mim.

Tradução: ele batia o olho nas pessoas e as queria para ele. Era raro quando acontecia, mas, quando acontecia, não havia Deus no mundo que fizesse aquele homem não ter o que desejava.

— Aconteceu apenas com eles? — perguntei tão baixinho que pensei que ele nem iria me escutar.

Seu abraço se tornou mais apertado e meu coração parecia que iria sair pela boca.

Por que eu gosto tanto de me humilhar?

Tá, eu já sabia. Era masoquista. Já tinha entendido essa parte.

— Não. — Seus lábios encontraram minha testa e, logo depois, ele puxou meu maxilar e me olhou nos olhos. — Aconteceu com você, entretanto, diferentemente deles, eu demorei anos para perceber. Não tento cuidar de todos, mas sempre tentei cuidar de você. Ficava puto quando bebia antes de um jogo e mais puto ainda quando tirava notas baixas. Eu me importava. Eu sempre me importei, querida.

É.

Eu o amava.



DECISÃO

Sebastian Sinclair

Eu gargalhava tanto com aquela garota que minha barriga chegava a doer.

Nem me lembrava da última vez que tinha rido tanto.

Como ela era foda.

Que tipo de garota fazia amizade com um pombo no meio da rua e começava a ser seguida por ele? Poderia ser um cachorrinho, mas um pombo? Não era possível.

— Para de rir. Ele gostou de mim, o coitadinho!

Tinha gostado das migalhas do crepe que ela mal comeu ao ficar jogando para ele.

— É um pombo, Jordan.

A porra de um pombo!

— É um bichinho, coitado. Também merece um pouco de atenção.

Ela era a pessoa mais esquisita que eu já havia conhecido. E eu adorava isso.

Princesas gostavam de bichos e ninguém nunca disse que precisavam ser cachorros ou gatos. Jordan mesmo gostava de sapos e pombos.

— E foi assim que você se apaixonou loucamente por mim — brinquei, arrancando dela uma risada genuína.

Era sempre assim quando eu a via sorrindo: meu coração se acelerava, um frio se instalava na minha barriga e o mundo parecia deixar de existir.

Eu só tinha olhos para ela.

— O que eu posso dizer? Sempre preferi sapos a cachorros.

— Até porque, quem gosta de ser minha cachorrinha é você, não ao contrário — provoquei, esperando receber seu olhar raivoso, e ele veio logo em seguida.

— Como pode alguém ser tão bizarro quanto você?! Sebastian, ninguém te disse que tem coisas que a gente não fala?

O crepe que estava na mão dela, agora não passava de migalhas e, pelo bico irritado que estava fazendo, se ele ainda estivesse inteiro, seu fim seria naquele exato momento.

Não tinha dúvidas de que ela jogaria um crepe na minha cara sem pensar duas vezes.

Aliás, o que antes eu não gostava, hoje, aprendi a valorizar.

Jordan não era uma menina irritadiça nem mesmo brigona. Assim como eu, ela era centrada e falava muito o que pensava aos outros. Mas, quando eu a provocava, ela reagia. Funcionava como se eu tivesse uma chave para o seu autocontrole, e ela tivesse para o meu.

— Você pega pilha muito fácil.

— É você que faz esse tipo de coisa comigo! Eu sou uma pessoa calma normalmente.

— Está me dizendo que eu tiro o pior de você? — Coloquei mais um pouquinho de lenha na fogueira.

— É exatamente o que eu estou te dizendo — confirmou, antes de ser puxada para os meus braços.

Ela veio com tanta facilidade que nem parecia que estava irritadinha comigo.

— Você me deixa louco também.

Ela conseguia me deixar puto e com tesão ao mesmo tempo em que conseguia me acalmar e me deixar em paz comigo mesmo. Era uma sensação muito estranha.

Era única.

Precisei de pouco mais de um mês para entender que o que eu vivia com a minha princesa era algo que não iria encontrar com mais ninguém. Se eu pudesse chutar, diria que tínhamos sido feitos para ficarmos juntos.

Nunca havia sentido uma sensação tão boa de completude como quando estava com ela.

— Obrigada por todos esses dias, capitão. Vou lembrar de tudo isso para sempre.

Contudo, aquela parte dela me irritava.

Jordan era desconfiada e nunca acreditava em final feliz, principalmente o seu. Mas quem era eu para julgar? Tudo na vida dela tinha acabado com cenas tristes e desesperadas, então ela estava pronta para aquilo acabar também.

Mas não iria.

Eu não iria deixar.

— Me responda uma coisa — ponderei, colocando uma mecha de sua trança, que havia caído do seu coque, atrás de sua orelha. — O que você acha que vai acontecer agora?

— Como assim?

Ela amava se fazer de sonsa, mas esquecia que eu a conhecia mais do que imaginava.

— O que você acha que eu sinto por você? Seja honesta — soou quase como um comando.

Era um comando.

Mentira não era algo que eu tolerava. Nunca.

— Seb, não precisamos falar sobre isso. — Seus olhos saíram dos meus, mas eu não me dei por vencido e a segurei pela nuca. — Não gosto de falar sobre sentimentos.

— Eu também odeio, nem consigo expressá-los direito, é justamente por isso que tenho que saber o que você acha que está acontecendo comigo.

— Não podemos só viver e ver onde isso vai dar?

Até poderíamos, mas éramos complicados demais, passionais demais… Iria dar merda.

E tudo o que eu não queria era que desse merda.

— Por favor, estou te pedindo para se abrir, pelo menos, um pouco. É importante para mim, ok? — Eu estava pedindo, e devia ser por isso que o clima da cidade chegou até a fechar, já que nunca fazia questão de pedir por nada.

Eu tomava. Pegava. Conquistava.

Se estava pedindo, era porque nada disso tinha dado certo antes.

— Ok — Jordan recuperou o fôlego depois de tê-lo perdido momentaneamente. — Eu acho que você gosta de mim, mas com o tempo, vai se cansar. Isso aqui é um sonho, é quase que um pagamento de dívida depois de anos me fazendo mal. Você gosta de cuidar de mim, mas não vai gostar para sempre. E, para ser honesta, eu não consigo acreditar que está apaixonado por mim. Não tem o porquê você estar apaixonado por mim, eu sou tão…

E suas palavras morreram quando eu beijei os lábios dela.

Odiava quando ela falava mal de si mesma, não suportava que ela não gostasse de algo que eu adorava tanto.

Meus lábios mergulharam nos dela, causando uma vendaval de sentimentos no meu corpo e me levando a um estado de euforia.

Poderia cometer loucuras por causa dela.

Eu iria cometer loucuras por causa dela.

Encerrei o beijo, puxando seus lábios cheios com os meus dentes, para em seguida, encostar nossas testas, tentando recuperar nossos fôlegos.

Era foda tudo que ela me fazia sentir com tão pouco.

— Namora comigo — murmurei, segurando sua cabeça entre minhas mãos e encarando seus olhos bonitos, dos quais eu tanto gostava. — Seja minha. Me deixa te mostrar o quanto eu gosto de você. Me deixa te mostrar que somos reais.

— Sebastian, você não acha que está tudo muito rápido? — questionou baixinho, em uma mistura de medo e vergonha.

— Acho. Mas não quero perder tempo, já perdi demais.

Quantos beijos eu havia perdido? Quantas fodas eu havia perdido? Quantos choros, quantas manhãs juntos, quantos treinos, quantos jogos? Não queria perder mais nada.

— Está falando sério? — Um brilho diferente se apossou dos seus olhos e sua língua molhou seu lábio inferior, me mostrando que ela estava genuinamente desacreditada.

Como eu vou fazer você acreditar em mim, querida?

— Estou louco por você e sou um cara correto com algumas coisas. Te levei a alguns encontros, te beijei, te fodi, te conheci de verdade. Fiz tudo como mandava o figurino e não vou parar agora. Você não é só mais uma trepada. Eu te quero para mim. E não quero essa confusão de coisas ou algo sem compromisso nenhum, quero certezas. Para ser honesto, eu quero tudo.

Matteo iria me zoar até o fim dos tempos, mas quem era eu para julgar? Enchi tanto o saco dele por levar as coisas com rapidez com a Zoe, que olha para mim agora... Achava que tinha batido o recorde de todos eles.

— Namoro?

Porra, certo, eu estava começando a ficar preocupado.

— Você não quer?

Seria bem engraçado se, na primeira vez que eu pedisse alguém em namoro, a resposta fosse um sonoro não.

— Eu tenho medo de você quebrar o meu coração. — Ah, então era isso? — Tenho muito medo de perder você, Seb.

— Você já perdeu tanto e ainda está aqui. Sei que tem medo de me perder, mas tenho certeza de que, para quem perdeu tudo, me perder não seria nada.

— Você não entende o jeito que eu amo você... — E ali estavam as três palavrinhas que fizeram meu coração quase sair pela minha boca. — Eu fui para Crownford por sua causa. Eu

sonhava com você, assistia aos seus jogos. Eu posso ser uma novidade para você, mas para mim, você sempre foi *alguém*.

— Porra, Jordan.

— Estou te falando isso porque é a verdade. Ficar com você, construir memórias com você... Eu até consigo lidar, mas não vou conseguir ser apenas um momento quando você está me dando mais esperanças do que isso. Porque um namoro vai me dar esperanças de futuro. E eu não tenho esperanças há um bom tempo. Será como dar água para alguém que está morrendo de sede.

Suas palavras fizeram minha garganta secar. Não por eu não ter gostado, mas por entender a dimensão do que estávamos vivendo.

— Ai, que ódio. Eu tinha me prometido que não ia falar nada dessas coisas para você. Ainda não é o momento.

— Ei, olha para mim. — Ela me olhou, trazendo consigo aquela tsunami de sentimentos, que eu estava aprendendo a lidar. — Você pode me amar e, se quer saber, não existe ninguém melhor no mundo para cuidar do seu coração como eu. — O lábio inferior de Jordan tremeu, e notei como engoliu em seco minhas palavras. — Eu vou cuidar de você inteiramente, vou honrar todo e qualquer sentimento que você tenha por mim, e não é por pena, querida. É...

Eu não iria falar que a amava assim. Não queria que ela pensasse que eu havia falado apenas porque ela falou. Era algo sério, importante, e seria no momento certo.

— Eu quero isso. Eu quero você. Foda-se que foi rápido e que você não está cem por cento. Foda-se que meu passado está batendo à minha porta a cada momento que eu ando. Simplesmente

foda-se, porque eu quero você! Eu quero você mais do que já quis qualquer coisa na minha vida e, mesmo que você não me queira neste momento, não vou me dar por vencido. Vou te mostrar que eu sou o seu futuro, Jordan.

Porque eu realmente era.

Era comigo que ela teria filhos.

Era comigo que ela iria se casar.

Era comigo que ela iria olhar para trás e se orgulhar de ter continuado a viver.

— Você soa como um homem apaixonado, Seb — brincou, um pouco sem graça, tentando aliviar a tensão do momento.

— Eu estou completamente apaixonado por você! — Minha pegada foi para sua nuca enquanto minha outra mão segurou seu quadril, puxando-a para mim. — O que você não entende é que esse sentimento é tão louco. É tão único, que eu estou cometendo loucuras por você. Eu te contei sobre a Aimée. Nem os meninos sabem a verdade sobre ela, mas eu te contei. Eu dividi com você a melhor e a pior coisa da minha vida. Se não confia nos meus sentimentos, confie, pelo menos, nas minhas ações.

Ela pensou.

Ela esperou.

Ela roubou o meu fôlego.

Para enfim, abrir o seu sorriso mais lindo e deixar que algumas poucas lágrimas caíssem por suas bochechas.

— Eu aceito ser sua namorada. — Soltei o ar que eu nem sabia que estava prendendo diante de suas palavras. — Seja gentil comigo, Seb. Promete que não vai me quebrar?

— Prometo. — Beijei seus lábios, sorrindo também. — Você é a minha princesa, e eu não vou te causar nenhum mal.

Ficamos ali, nos beijando no meio da rua e sorrindo como dois idiotas.

Como eu iria contar as novidades para os meus amigos, ainda não sabia, mas precisava confessar que estava ansioso.

No fim das contas, eles estavam certos. Existia mesmo um amor feito para todos nós, bastava que a gente procurasse.

O meu amor estava debaixo do meu nariz, eu só era teimoso demais para notar.

Quando finalmente me senti pronto para levar aquela garota de volta para o nosso hotel e fazer com ela tudo o que eu queria, me virei para seguir andando pela pequena ponte, a qual estávamos atravessando, mas foi um movimento meio incalculado, pois acabei esbarrando em alguém.

— Ai! — A vozinha infantil já me preparou para o que eu iria ver.

Era uma criança.

Uma menina.

Tomei coragem para olhar para baixo e encontrar uma cabeleira negra, tentando não demonstrar como pequenas garotinhas sempre faziam meu coração doer.

— Você está bem? — Jordan perguntou em um francês perfeito, indo ajudar a pequena garota a levantar do chão.

A franja quase chegava a tapar os olhos, mas quando ela subiu seu olhar para mim, foi como tomar uma surra.

As íris turquesa fizeram minhas palavras sumirem da boca.

Eu conhecia olhos assim.

Tinha os visto na minha mãe, na minha avó… e na minha filha.

Pisquei várias vezes, tentando voltar para o mundo real.

Aquela não era a minha filha. Minha menina estava na Rússia, não na França.

Não era ela.

Era só uma brincadeirinha do destino e da minha mente traiçoeira.

Certo?

Era uma brincadeira de mau gosto apenas para torturar ainda mais o meu coração.

— Sim, estou bem. E eu falo inglês. — A garotinha se levantou, arrumando a jardineira que usava, e fez o mesmo com o laço rosa nos cabelos.

— Onde estão os seus pais? — perguntei de supetão, fazendo as duas garotas olharem para mim.

Jordan sacou na hora o porquê eu estava estranho. Não tinha como ficar normal, era impossível.

— Eu vim aqui falar com vocês por causa disso.

Eu iria infartar. Estava sentindo.

A voz dela era doce e tinha um sotaque muito diferente, fazendo com que eu só me agitasse mais.

— Está perdida? — JJ tentou me ajudar, fazendo as perguntas por mim, porque eu mesmo não me sentia capaz de formular nada.

Estava tenso. Estava com medo.

Talvez, eu estivesse enlouquecendo.

Não podia ser.

— Sim…

Era isso. Eu iria entregar aquela menina para os pais e parar de ver coisas onde não havia nada.

Ela não era a minha filha.

Não era!

— É uma história bem legal. — Soltou uma risadinha, que fez duas covinhas aparecerem em suas bochechas.

Porra, eu conhecia aquelas covinhas!

Não podia ser.

— Eu achava que você era mais baixinho, na verdade — a menina sussurrou pensativa, mas eu consegui ouvir muito bem. Jordan arregalou os olhos e pareceu perder a fala também. — Mas isso explica por que eu sempre sou a maior da minha turma.

— Meu Deus. — Jordan me olhou, em transe, mas eu simplesmente não conseguia dizer nada. — Onde os seus pais estão?

— O seu nome é Sebastian Clove Sinclair? — Eu odiava esse nome do meio, mas, enfim... Confirmei com a cabeça, sentindo minha vista ficar embaçada aos poucos. — Ah! Então, acho que eu não estou mais perdida. Te achei, papai!

Pisquei mais algumas vezes, mas sem que eu conseguisse controlar, minha vista foi escurecendo rapidamente e, antes que eu conseguisse me apoiar em algum lugar, tudo sumiu.



SONHO

Sebastian Sinclair

Abri os olhos, ainda meio atordoado e tentando entender onde eu estava.

O quarto claro e com móveis refinados e provençais já eram meus conhecidos. Afinal, eu tinha fodido Jordan em cada sofá, mesa ou tapete do cômodo.

Para a minha completa decepção, tudo aquilo havia sido um sonho. A cama estava como eu deixei, e tudo parecia igual a antes. Malas largadas perto do banheiro, carregadores na tomada.

Cadê a Jordan?

— Nunca mais me dê um susto desses, seu cuzão do caralho! — Matteo apareceu no meu campo de visão, me dando um susto que quase me matou. — Juro, Sebastian, eu pensei que você tinha morrido.

— Caralho, você quer me matar?! Que porra está fazendo aqui? — indaguei, mas tomei um susto ainda maior quando Noah

Thompson entrou no meu quarto.

O que esses sem-noção estão fazendo aqui?

— Se acalma, Matt. Está deixando o Sebastian mais agitado. — Noah sorriu para mim, tentando me passar alguma firmeza, mas para ser honesto, eu não estava entendendo nada.

Foi a vez de Logan entrar no quarto, arrumando a camisa social branca que usava e chegando a me impressionar com sua pose de CEO fodão. De todos nós, ele era o que mais parecia ter amadurecido nos últimos meses.

Tudo bem que também era o mais imbecil de todos nós, então fazia certo sentido.

— Acordou, Bela Adormecida?

— O que vocês estão fazendo aqui? — questionei, sentando na cama. Eu estava usando as mesmas roupas que eu usava no meu sonho. — Puta que pariu...

— Quem deveria estar xingando aqui somos nós. — O loiro me lançou um olhar zombeteiro, como quem dizia "*te peguei, seu merdinha."* — Não era você que não gostava de mentira?

— Porra…

Eles estavam muito quietos, tinham aceitado tudo muito fácil, sem perguntas, sem encheção de saco. Eu deveria saber que nada que envolvia meus amigos era tão simples.

Não precisava ser um gênio para entender que, no fim das contas, eles se meteram na minha vida — mais uma vez — e fizeram alguma merda para que eu vivesse as consequências depois.

— É, que porra! — Logan abriu um sorriso cínico e deu dois tapinhas na minha cara. — Seu presente de Natal está lá na sala. E

não seja ingrato, porque eu até coloquei um lacinho nela. Não desmaie mais e, pelo amor de Deus, não seja um cuzão com a sua filha. Ela estava louca para te reencontrar.

Então, não tinha sido um sonho.

Ela estava ali.

Acreditava que eu fosse vomitar a qualquer momento.

Ou surtar.

O que aqueles insanos tinham feito pelas minhas costas?

— Ela sabe quem eu sou? — Minha boca estava seca e o mundo nem parecia mais fazer sentido.

Meu Deus...

Ela estava realmente ali.

— Sabe, Seb — Noah murmurou, emocionado. — Ela sabe tudo sobre você.

— Ela sabia tudo sobre todos nós. — Matteo abriu um sorriso gigante, o que já me provava que ele tinha conhecido minha estrelinha e descoberto que ela amava príncipes encantados. *Porra, será que ela gosta de príncipes encantados ainda?* — Nós que não sabíamos nada sobre ela.

Ele parecia quase magoado com aquilo, mas eu não podia contar. Tive medo de que eles fizessem algo. Mas, aparentemente, eles fizeram mesmo assim.

Quem era mais idiota: eu, por não ter confiado neles ou eles, por se meterem onde não eram chamados?

— Vocês que acharam a minha menina?

— Quem mais você acha que iria até o inferno por você? — Logan cruzou os braços, e, pelo que vi, ele estava se achando o

melhor dos homens. — Eu prometi que seríamos melhores amigos e a família um do outro. E, quando disse isso, era sério, Sebastian.

— Co-como vocês a acharam?

— Dinheiro abre portas, meu querido. Depois que você ver sua filha, eu te conto como eu sou um melhor amigo incrível e que você deveria me deixar ser o padrinho dela.

Eu sempre soube que aquele golden do caralho era sem limites, mas, aparentemente, tinha esquecido desse detalhe.

— Nem vem! Ela disse no avião vindo para cá, que *eu* era o favorito. — Matt fez bico, arrancando uma risada de Noah. — Você não vai deixá-lo ser o padrinho, né? Ele só tem mais dinheiro do que eu, mas juro que participei do plano inteiro.

— Havia um plano?

Eu nem tinha palavras.

— Eu não participei direito, até porque, eles não quiseram me contar, pois tudo aconteceu na época em que Liz estava grávida.

Eles estavam mentindo para mim há meses.

Que dissimulados do caralho! Nem iria me sentir mal por ter mentido para eles por tanto tempo, já que tinham feito o mesmo comigo.

— Pego seus passes há anos, Sebastian. Sei quando erra de propósito — Matteo explicou cautelosamente, como se eu fosse um menino de cinco anos. — Percebemos que você forçou aquele erro, e isso foi o pontapé para começar a investigar que porra estava acontecendo com você.

Eles tinham me investigado?

— Sabem que isso é invasão de privacidade, né? — Além de ser um crime.

Porra, eu vou infartar!

— Você estava sofrendo, e eu sabia que tinha dedo do seu pai nessa história. Não vou me desculpar por isso, ainda mais por você ser fechado demais. Precisei averiguar o que estava rolando e, no final das contas, eu estava certo. Seu pai, assim como o meu, era um egoísta de merda e estava jogando com a sua cabeça.

— Ela realmente estava na Rússia?

— Sim. — E não me deu mais explicações. — Seb, vai ver a sua menina. Ela estava eufórica quando a busquei.

— Ela realmente está aqui? — balbuciei, perdido dentro do meu próprio coração.

— Está ali na sala com a Jordan — Noah respondeu. — Não quer reencontrar a sua filha?

Minha filha…

Minha menina…

Eu só queria que tudo aquilo acabasse. As idas ao médico e ter que lidar com o temperamento de Sabrina.

Eu nunca quis aquele bebê. Tínhamos decidido tirar, mas os pais escrotos dela se meteram e tudo o que já era ruim, tinha ficado ainda pior.

Do canto da sala, observei o médico e os pais da garota que, até então, não significava nada para mim, pedirem para que ela fizesse mais um pouco de força, mesmo que ela não tivesse mais força para fazer nada.

Foram trinta e nove minutos até que, finalmente, um chorinho sentido e magoado ecoou pelo quarto, fazendo meu coração saltar de uma forma muito estranha.

Foi único.

E fez algumas lágrimas caírem pelo meu rosto sem minha permissão.

— Eu não a quero! — Sabrina berrou, chorando muito. — Tirem-na daqui!

Se, para mim, aquela história inteira dava pesadelos, para Sabrina, tinha dado muito mais. Para ela, tinha dado traumas que eu tinha certeza de que iriam transformá-la para sempre.

Sabrina não gostava de estar grávida e gostava menos ainda da ideia de ser mãe naquela idade. Ela tinha tanta vergonha que mal saía de casa e tinha cansado de vê-la brigar com a própria barriga cada vez que uma estria nova nascia em sua pele.

Nunca iria entender o porquê os pais dela haviam obrigado a única filha a passar por algo como aquilo.

Eu nunca faria algo como aquilo com a minha filha.

Minha filha…

Nunca tinha pensado naquela criança como minha. Ela sempre foi do casal que escolhemos para dá-la depois do seu nascimento.

Mas, no fim das contas, ela era a minha filha.

Uma filha que eu não quis, que eu não estava pronto para ter e que nem era minha. Mas seu chorinho me convidou a ir até ali. E meu coração, que antes parecia impaciente, agora se mostrava mais calmo.

Cheguei perto do bercinho onde ela estava sendo examinada e, com cuidado, arrumei meu coque de uma forma nervosa. Tudo o que vi, me inundou com o sentimento mais forte e visceral que eu já havia sentido.

A garotinha era tão pequena, que devia ter o tamanho do antebraço da enfermeira, e chorava tanto que chegava a estar roxa.

Ela parecia tão triste, tão sozinha. Mas não foi isso que fez meu coração chegar a querer parar, foi quando sua pequena mãozinha se ergueu e segurou meu dedo mindinho.

Meu coração não parou, mas meu mundo sim.

Tudo desapareceu.

Só existia ela e eu.

Quando seus olhos se conectaram nos meus, eu soube que a amaria para todo o sempre. Quando fiz carinho em sua bochechinha, pedindo para que ela parasse de chorar, eu soube que não conseguiria dá-la para ninguém.

Ela era minha.

Minha filha…

— Eu não sei o que dizer — falei baixinho para Noah, quase como um pedido de socorro. — Repassei esse momento na minha cabeça milhares de vezes, mas agora que isso está realmente acontecendo, eu não sei como viver isso.

— Ela te ama, Seb... Só converse com ela. — Logan apertou o meu ombro. — Seja o pai dela, é apenas o que ela precisa.

— Nunca soube direito como fazer isso — confessei o meu maior pecado.

— Só a ame e a abrace como se nunca mais fosse soltá-la. Mate a saudade que vocês dois sentem — Noah me aconselhou com uma calma que eu sabia que era mentirosa.

Eu estou morrendo de saudade. Sabia que era ela que me fazia ficar parado no lugar, mas, tirando a coragem do fundo da minha alma, me levantei e caminhei calmamente até a sala. E o que eu vi me fez chorar.

Ela estava olhando para a Jordan enquanto falava alguma coisa que eu não conseguia escutar direito, porque estava zonzo demais. Os cabelos agora batiam no final das suas costas e tinha uma franjinha desarrumada, que eu nunca imaginei que ela teria. As bochechas estavam avermelhadas, fazendo seus olhos parecerem ainda mais azuis.

Ela era tão linda. Parecia uma miragem, um sonho.

Meu sonho…

Ela sempre foi o meu maior sonho, e eu desistiria de tudo de novo apenas para tê-la comigo.

— Mas amigos não se beijam! — Aimée explicou para Jordan, que soltou uma risada meio desacreditada.

— Você é igualzinha ao seu pai — Esperava que aquele comentário significasse uma coisa boa, mesmo sabendo que, provavelmente, não fosse. — Somos amigos que se beijam. Existe esse tipo de coisa.

— Não existe, não — rebati, chegando na sala ao mesmo tempo em que tentava recuperar meu autocontrole. — Somos namorados..., *filha.*

A última palavra chamou a atenção das minhas garotas.

— Estava mentindo para mim? — A pequena cerrou os olhos para Jordan, igualzinho como eu fazia quando alguém me contrariava.

— Não sabia que seu pai iria se lembrar que tinha me pedido em namoro minutos antes de você chegar.

Já sabia o que Jordan estava fazendo e não iria deixar acontecer.

Havia acabado de achar uma, não iria perder a outra.

— Me lembro de tudo, querida. Tudo sob controle. — Parei bem em frente a elas, que estavam sentadas no sofá. E, nossa, ainda parecia um sonho. — Meu Deus, você é real.

— Acho que sim. — Ela deu de ombros, me olhando como se eu fosse uma espécie de Deus. Com seus olhos levemente avermelhados. — Posso... te abraçar?

Sabe o que mais me fodia?

Ela ainda parecia ser uma garotinha triste. Uma garotinha que nunca havia tido um papai para colocá-la para dormir e contar suas histórias favoritas, que nunca havia tido um café da manhã na cama no dia do seu aniversário, que nunca tinha sido amada de verdade por aqueles que deveriam sempre tê-la amado.

— Vem aqui.

Abri meus braços para receber minha filha depois de seis anos. E, nossa, no momento em que ela pulou no meu colo, foi como se eu tivesse colocado a parte que faltava no meu coração.

Ela chorou, e eu me desmontei.

Nunca mais iria deixar aquela garotinha se perder de mim. Nunca mais.

Porque eu podia ter perdido seis anos, mas tinha o resto da vida dela e iria fazer questão de me redimir.

Agora ela tinha um papai que iria colocá-la na cama e contar toda as histórias que ela amava, um papai que iria fazer o que ela quisesse no dia do seu aniversário, um papai que já a amava tanto e com tanta devoção, que ela nunca mais iria se sentir sozinha.

— Senti tanta saudade de você, papai. — Ela choramingou.

— Eu morri de saudades de você, meu amor. — Cada dia tinha sido uma tortura longe dela. Peguei seu rostinho e aproveitei para

limpar suas lágrimas. — Nunca mais vou sair do seu lado. É uma promessa.

— Você sempre cumpre suas promessas? — perguntou-me com a descrença de uma criança que já tinha vivido demais.

Eu havia errado muito com ela, mas tudo o que vivemos no passado não aconteceria mais. Eu seria o melhor pai que conseguisse, e ela seria tudo para mim

— Sempre cumpro.

E ela me abraçou de novo, parecendo não querer soltar, assim como eu.

Jordan observava a cena com as bochechas molhadas, segurando um choro que parecia querer tomar conta de tudo. Dava para ver a felicidade dela em me ver feliz.

Queria que ela sentisse aquilo também. Queria que ela matasse suas saudades.

Mas achava que algumas histórias não tinham vilões que faziam planos cruéis para terem o que queriam. Algumas histórias eram feitas apenas por catástrofes e tragédias causadas por um destino cruel e desumano.

O que a Jordan tinha vivido foi desumano.

Mesmo que as saudades dela não passassem como a minha, eu tentaria fazer com que ela não se sentisse mais sozinha no mundo.

Queria ser o seu melhor amigo e a sua família.

Eu tinha achado a minha filha, mas queria que Jordan achasse a si mesma.

Queria que, assim como eu, ela achasse o que tinha perdido.



DESMASCARADOS

Logan Azzaro-Gauthier

Movimentei minhas mãos, tentando aliviar um pouco as dores que meus punhos sentiam depois de ter sido obrigado a pegar um homem de mais de um e oitenta de altura e sei lá quantos quilos de músculos do chão, e arduamente levá-lo até o meu carro, que estava a cerca de três quarteirões daquela maldita ponte.

Tudo bem que a ideia de simplesmente mostrar a filha que estava sumida há seis anos para Sebastian, assim do nada, não foi das mais inteligentes, mas de qualquer maneira, eu não merecia ter passado por tamanho suplício.

— Eu tinha planos para os meus punhos esta semana e não se tratava de levantar o Sebastian. Estava mais para comer minha esposa contra a parede do meu escritório — comentei despretensiosamente, apenas para irritar o coitado do meu cunhado.

— Cala a boca! — Matteo me olhou bravo, mas logo revirou os olhos, notando que eu só queria encher o saco. — Não sei o que eu

fiz para merecer você, Logan.

— Nem vem com essa para cima de mim. Foi você que encheu meu saco para ser meu amigo. — Olhei para o pai do ano à minha esquerda e precisei atazanar a vida dele um pouco também. — Quero dizer, Sebastian também ajudou nessa empreitada.

— Eu estava sob efeito de drogas — justificou, arrumando aquele coque terrível que ele insistia em usar. — Estou esperando explicações muito bem detalhadas de como você achou minha filha e como a trouxe para mim. Inclusive, de quem foi a ideia genial de colocá-la na minha frente sem o mínimo de preparação?

— Não fui eu — Noah, o cagão, fez questão de se defender.

— Noah não fez nada, porque o poupamos o tempo todo. Ele já estava lidando com muita coisa.

Um passado difícil, uma namorada com presente arrasador e depois, uma filha. Noah precisava de um tempo para respirar, então tínhamos dado isso a ele.

Viram? Nós éramos ótimos.

— Matteo, até você está envolvido nesse rolo? — Sebastian perguntou para o príncipe do nosso grupo, que logo engoliu em seco.

— Foi ele que começou com tudo isso — dedurei sem um pingo de peso na consciência. — Mas eu culpo você por ser tão sonso. Errar um passe daquele em um jogo decisivo? Quem não percebeu que tinha algo de estranho, não te conhecia de verdade.

— Ei, pessoas erram — Noah contrapôs.

— Você estava com a cabeça cheia na época, então vou passar um pano. Mas, sério, Seb, você nunca erra passes como

aquele. Nunca — Matteo argumentou. — Eu saí do campo já falando com o Logan que algo estava errado.

— E estava mesmo. Depois daquela ceninha que você fez quebrando todos os seus troféus e dizendo que havia feito uma promessa ao seu pai, tudo ficou ainda mais claro para a gente — ajudei Matteo a elucidar a situação.

Sebastian se achava muito espertalhão, mas o que ele nunca tinha conseguido entender foi que, no fim das contas, éramos tão espertos quanto ele.

— Calma, me conta isso direito — pediu o cabeludo, sentando-se à mesa do restaurante do hotel e fazendo com que todos nós fizéssemos a mesma coisa.

— Você quer a resposta rápida ou a longa?

A rápida não envolvia crimes. Mas eu não podia dizer o mesmo sobre a longa.

— Quero tudo. Quero detalhes. E preciso saber se eu corro o risco de perder minha filha de novo, Logan — suplicou, já começando a ficar bravo.

— Você, com uns quarenta anos, vai estar lotado de rugas. Nunca vi perder a paciência tão fácil. — O olhar irritado que me lançou só me mostrou que ele já estava mesmo perdendo a paciência comigo. — Na verdade, é uma história muito engraçada porque envolve muitas fases.

— Tudo começou com aquele jogo horroroso e, logo depois daquilo, você começou com uns sumiços estranhos, que demoramos um pouco para entender o motivo, mas quando te escutei ligando para uma das secretárias da Sinclair, eu entendi. — Matteo, entretanto, parecia um pouco mais nervoso do que antes.

— Você odiava a ideia de estar naquela empresa e nunca precisou do dinheiro do seu pai porque sabia que um *quarterback* do seu nível ficaria milionário em poucos anos. Então, era óbvio, para mim, que tinha algo de errado.

Sebastian mexeu naquela porra de coque mais uma vez diante da minha resposta.

Caralho, o que custa largar aquele cabelo um pouco? Ele mexia tanto naquela merda que acho que nem percebia quando estava fazendo isso.

— Logan surgiu com a ideia de contratar um investigador, mas eu fui contra a princípio. Você odeia que invadam sua privacidade, me parecia errado.

Errado, mas foi eficiente.

— Em minha defesa, eu comecei a ficar desesperado com a ideia de você estar sendo chantageado pelo seu pai.

— Então, vocês dois contrataram um investigador? — Seb estava meio embasbacado. — Meu pai tinha razão em ter medo de você, golden.

— Ele pediu para você não contar a verdade para mim?

— Sim. Disse que você faria de tudo para tirar minha filha dele, que te conhecia. — Um sorriso se abriu nos lábios do Sebastian, e eu fiz questão de curtir, pois duraria pouco. — Onde vocês arrumaram um investigador?

— Algo que envolve *deep web* e coisas com as quais eu não quero me envolver mais. De qualquer forma, paguei cem milhões para um moleque de vinte e dois anos que, aparentemente, é um gênio no que diz respeito a hackear e invadir coisas.

— A gente também tem vinte e dois anos, Logan — Matteo me lembrou, se ofendendo por ter chamado o moleque de moleque.

Ossi Muller era um moleque que usava apenas uns moletons largos que o escondiam, já eu sou um homem que usa ternos caros. Tem uma puta diferença.

— Cem milhões? — Noah ficou até pálido. — Logan do céu!

— Quando o assunto é algum de vocês, eu não economizo. Sabe disso — argumentei com o meu neném, que não era mais neném.

— Continuando… Ele demorou apenas um dia para descobrir o certificado de óbito de uma garotinha chamada Emma Rose Sinclair, filha de Hugo e Irina Sinclair. — *É cabeludo, pode engolir em seco mesmo porque, enquanto você estava indo, eu fui e voltei umas dez vezes.* — Sua irmã.

— Ela nunca foi minha irmã, meu pai só quis esconder a garota por medo do escândalo. Eu tinha quatorze anos quando ela nasceu — explicou, mordendo os lábios de uma maneira ansiosa. — Inclusive, foi por isso que eu fui parar naquele colégio interno.

— Tudo fez muito sentido quando descobrimos sobre ela, mas o que me chamou atenção foi a data do óbito e o fato de não existir um corpo. Pelo que entendi, a hipótese era de afogamento no lago da sua propriedade. Mas por que não existia um corpo?

— E por que existia um jazigo com o nome dela? — Lancei um olhar de advertência ao Matteo, que nem ligou para mim. Era ali que a parte de “crimes” ficaria um pouco pior.

— Vocês invadiram a minha casa? — Sebastian perguntou, perdendo a paciência.

Matteo e aquela língua dele ainda iriam nos foder.

— A gente não, foi tudo o Ossi. — Dei um sorrisinho nervoso para tentar aliviar o clima. — Abra sua mente, Seb. Fomos geniais.

— Continua, Logan… Só continua.

— Então, daí, tudo ficou muito confuso. Por que você esconderia uma irmã? Por que ninguém nunca ouviu falar em Emma Rose? Ela faleceu no mesmo dia do Callum, e você não disse nada… Por quê? — Fiz um gesto teatral com as mãos.

— Foi, então, que o nosso investigador achou uma pista curiosa. Um documento de uma espécie de pré-adoção no nome de Sebastian Clove Sinclair como o pai de uma menina, que tinha nascido em sete de outubro. — Matteo, agora parecia orgulhoso. — Foi lógico. Entendemos que você teve uma filha e que seus pais assumiram com ela.

— Mas, então, por que você ainda escondia isso da gente? Por mágoa? Por culpa? Surgimos com a possibilidade de você ser o culpado pela morte dela de alguma forma, e seu pai usar isso contra você. Ficamos com isso em mente por um tempo…

— Até que achamos o nome da ex-governanta da residência dos Sinclair e, quando fomos investigar, ela tinha saído do país com um bebê. — Matteo se remexeu na cadeira, meio desconfortável. — Um bebê com a mesma data de nascimento da Emma Rose.

— Achamos onde ela morava e conseguimos a foto de uma garotinha de cabelos negros e olhos azuis. Ela é a cara da sua mãe, Seb — expliquei com calma. — Mas era uma coisa muito louca para realmente ter acontecido, então ficamos um tempo digerindo a informação.

— Até que finalmente conseguimos quebrar o extrato bancário do seu pai. Foi a parte mais difícil para o Ossi, mas rolou. O senhor

Hugo Sinclair mandava quinhentos mil dólares todos os meses para sua ex-governanta. Por que mandar tanto dinheiro para uma mulher que foi responsabilizada pelo sumiço de Emma Rose?

Eu havia tido um pai psicopata, mas o Sebastian… Esse teve um pai cruel e ambicioso. Um verdadeiro narcisista.

— Ossi descobriu que a governanta morreu no Natal do ano passado e, quando foi até sua casa conversar com a filha mais velha dela, que agora cuidava da Aimée, descobriu todo o plano do seu pai — Matteo finalizou a fala já quase ofegante.

— Esse criminoso teve acesso à minha filha?

Lógico que ele iria colocar defeito. Óbvio.

— Não sou burro, Sebastian! Tudo o que ele fez está guardado e selado com provas. Qualquer gracinha desse imbecil, ele vai preso. Por anos. — Rolei meus olhos.

Quem ele pensava que eu era? Um amador?

— O Ossi só queria a grana, Seb. Ele era o menor dos nossos problemas — Matteo falou, tentando deixar subentendido que o maior problema da história toda era o pai daquele ingrato.

— Quando ele conversou com a filha da sua ex-governanta, entendemos que ela queria dar a criança logo e seu pai que não deixava. Ossi disse que era do FBI e mostrou algumas provas a ela. — Pensando bem, havia partes na história das quais eu não me orgulhava tanto. — Então, ela simplesmente abriu a boca. Contou que a menina deveria voltar para casa com oito anos, que esse sempre foi o combinado. Inclusive, Aimeé sempre soube que não era daquela família. Ela cresceu sabendo quem era o pai dela e o porquê estava longe.

— Ela fala que foi separada de você por causa de um rei mau que sempre quis muito dinheiro. Uma fofa... — Matt estava até com os olhos brilhando ao falar da criança.

— Para resumir a história, quando você veio à Paris, eu ofereci dinheiro para ela passar a guarda e todos os documentos da Aimeé para você e a fiz assinar um contrato de confidencialidade. — Era bem naquela parte que eu sinto meu peito queimar de orgulho. — Seu pai não sabe, mas Aimée, agora é sua filha registrada.

— Aimée Rose Sinclair — Noah pronunciou. — Essa parte eu sei.

— Ele não sabe de nada? Não é possível.

— Aquele bundão fez tudo tão porcamente que levamos apenas sete meses para desmascará-lo e, no seu *e-mail*, já tem uma pasta com todas as provas do que ele fez, então, qualquer gracinha dele…

— Ele vai preso — Matteo completou. — Você está a salvo, Seb. Você e sua filha agora estão juntos e poderão curtir o resto da vida assim.

— Mas como vocês a registraram?

Para que saber dos detalhes sórdidos?

— Algo que envolveu uma assinatura sua e um documento.

— Logan, eu não assinei nada. — Cruzou aqueles braços enormes, já se preparando para brigar comigo.

— Eu assinei — murmurei, dando de ombros. — Sou seu amigo há quase uma década, conheço sua letra.

— Meu Deus, você fraudou a minha assinatura?

— Seb, ele fez o que tinha que fazer para ter sua filha de volta. — Noah me defendeu. — Relaxa. Seu pai não jogava com coisas

dentro da lei, e tivemos que jogar o jogo dele.

— E ganhamos. — Matteo comemorou. — Nós ganhamos daquele pau no cu.

— E meu pai realmente não sabe de nada... Porque, se soubesse, já teria me ligado. — Sebastian se soltou na cadeira, relaxando pela primeira vez desde que começamos a conversar. — Vocês conseguiram.

— Nós conseguimos. — Matteo sorriu para o amigo.

— Ela está a salvo? — Seb quis ter certeza.

Aproveitei para pegar o documento no qual a filha da governanta passava a menina para ele.

— Aqui, Seb. Neste documento diz que ela é sua. Você é o pai dela para todos os efeitos legais.

— Eu não falo isso com frequência, mas preciso dizer... Vocês são os melhores amigos que eu poderia querer e não me arrependo de ter insistido tanto para entrar no coração de vocês. Amo vocês. Nunca vou conseguir pagar pelo que fizeram por mim.

Sebastian se declarando? Essa era nova para mim.

— Amo você, capitão. E acredite em mim quando eu falo que faria qualquer coisa por algum de vocês. Na próxima vez, confie em nós. Somos sua família e faríamos o impossível para te ver bem e feliz — disse ao meu amigo, já sentindo a garganta arder.

E foi assim que cada um de nós entendeu que, mesmo com nossas personalidades distintas e um futuro que tinha tudo para nos separar, não nos separaríamos.

Éramos família.

Éramos para sempre.

Isabella Azzaro-Gauthier

— *Bella, eles são completamente loucos!* — Jordan pareceu conter uma risada no fundo de sua garganta, depois que eu contei sobre todos os detalhes do plano mirabolante dos meninos para pegar Aimée de volta.

Fiz questão de fazer uma chamada de vídeo com ela logo que Logan me disse que havia descido até o restaurante do hotel com os meninos para explicar ao Sebastian todo o rolo no qual eles haviam se metido.

— Eles são! E a melhor parte foi ver o Sebastian achando que estava enganando todo mundo, mas no fim das contas, quem foi enganado foi ele.

Quem era o bonzão agora?!

— *Ainda estou em choque com tudo o que rolou. Não imaginava que vocês seriam capazes de realmente salvar a garotinha.*

— Somos super-heróis, não sabia?

No entanto, eu realmente pensava que cada um de nós havia sido salvo de alguma forma.

Logan dizia para mim que estava fazendo tudo aquilo pelo Sebastian por amor e também por gratidão, e eu não podia esperar menos do meu marido, pois com ele, as coisas eram assim. Tudo o que poderia fazer por aqueles que amava, ele faria.

Para mim, tinha sido me dar o emprego dos sonhos. Para o filho, uma família. E para o amigo, a filha.

Logan era precioso e foi por isso que batalhei tanto por ele.

— E como está sendo lidar com uma criança? — perguntei, sondando um pouco minha amiga.

— *Ela está dormindo há alguns minutos. É igualzinha ao Sebastian, protetora, desconfiada e muito esperta.* — Os olhos dela brilharam. — *Me chama de namorada do papai.*

— E o Seb? Ainda está em choque?

— *Ele parece meio perdido ainda, mas acho que, depois de conversar com os meninos, tudo irá se esclarecer. Mas com a menina, é ótimo. Ele a colocou na cama e tudo…*

Por que eu sentia que ela estava meio tensa com tudo aquilo?

— O que está se passando nessa cabecinha paranoica, JJ? Nem ouse mentir para mim. Me poupe a fadiga — alertei, conhecendo bem a amiga que eu tinha.

— *A vida dele vai mudar muito agora, Bella. Estou com alguns receios, confesso.*

Ah, eu a entendia. Também teria alguns receios.

— Você pegou o mais maduro e centrado dos reis. Se fosse qualquer um dos outros, eu diria que tinha motivos concretos para se preocupar, mas é o Sebastian. O cara que te levou para casa depois de tudo que rolou, o mesmo cara que deu um sermão ao Noah cada vez que ele fez uma merda com a Liz. Pensando bem, ele é o cara que dá sermão sempre que o nosso adolescente interior dá as caras.

Sebastian bem que podia me escutar falando dele daquele jeito, só para morder aquela língua grande e se sentir culpado por todas as vezes que tinha enchido a porra do meu saco.

Mimada, sim. Injusta, nunca.

— *Não sei…* — murmurou de um jeito inseguro.

— Você sabe, sim. — Era a hora de ser a melhor amiga daquela garota confusa. Alguém precisava enfiar umas verdades na

cabecinha dela. — O Sebastian gosta muito de você. Fez algo por você que não faria por mais ninguém. Olha tudo que ele estava vivendo e, ainda assim, te levou para Paris. E outra, você já o viu correr atrás de mulher? Nunca vi esse garoto pedir alguém em namoro, mas ele pediu a você. Então, para de surtar por coisas que não existem antes que comece a boicotar uma das coisas que você mais queria na vida.

— *Bella…*

— Oi?

— *Eu já falei que amo você?*

Aquela garota era incrível mesmo. Uma pena que não conseguia ver isso direito.

— Não, mas se serve de consolo, eu amo você demais também. Formamos uma boa dupla, você não acha?

— *Acho.* — JJ soltou uma risadinha. — *Você também é, sabe? Um dos meus maiores sonhos. Sempre quis ter uma amiga.*

— Estarei sempre aqui por você, ok?

Sempre.

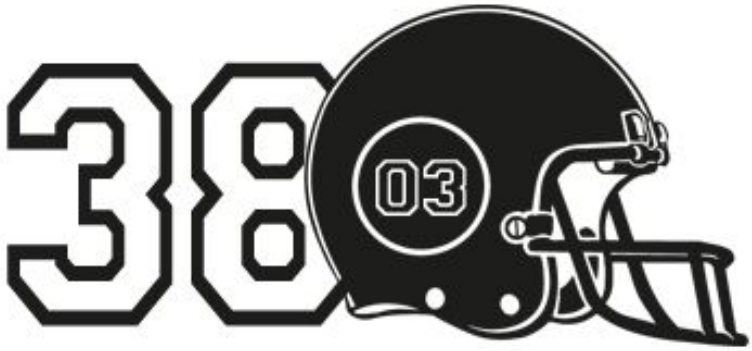
— *Obrigada por isso.*

— Às vezes, acho que sou eu que tenho que te agradecer — murmurei, pensativa.

Jordan não via, mas a real, era que nossas vidas eram muito melhores com ela por perto. Inclusive, às vezes, até esquecia que ela não esteve sempre ali.

Ela era a pessoa que faltava na nossa enorme família.

Agora, estávamos completos.



PASSADO

Sebastian Sinclair

Deveria ser um dia normal, mas não era. Eu sabia que não era.

Estava esperando muitas coisas naquela reunião com o meu pai. Gritos, brigas… O nosso normal quando o assunto era o meu futuro, mas nada me preparou para as palavras que ele proferiu.

— Eu precisava de um plano, você não queria ser o que foi feito para ser — argumentou com certa frieza, como se isso explicasse tudo.

Como se fizesse algum sentido.

— Não tem perdão para o que vocês fizeram — falei com um fio de voz, pois, no mesmo dia em que eu tinha ganhado minha filha novamente, perdi meus pais.

Porque sim, naquele momento, eu os estava enterrando, mesmo que ainda estivessem vivos.

Minha mãe chorava ao lado do meu pai, parecendo se desesperar a cada passo da nossa conversa.

— Fizemos tudo para o seu bem, meu filho.

— Foi tudo para o seu próprio bem! — berrei, ainda sentado naquela sala que, por tantas vezes, tinha brincado de carrinho sobre o tapete. Na mesma sala que eu tinha cuidado da minha filha em todos os fins de semana que pude. — Vocês me mandaram para aquele colégio interno de merda sem que eu pudesse passar minhas semanas com ela. Passei doze meses da vida da minha filha vendo-a somente aos fins de semana e depois, quando eu finalmente a tive para mim, vocês a arrancaram de um jeito tão sujo, tão perverso!

Não tinha perdão para o que eles fizeram comigo.

E, mesmo se tivesse, eu jamais seria capaz de fazê-lo.

— Eu chorei a morte dela nos seus braços, mãe... Como você pôde fazer isso comigo?! — Na minha pergunta estava embutida uma mágoa e um desespero que achava que nunca havia sentido na minha vida.

Eu tinha vivido praticamente a minha adolescência inteira me lotando de culpa e de mágoa por uma morte que nem aconteceu. Porra, eu chorava por uma perda que sequer existiu... Quer dizer, existiu, já que eu perdi a infância da minha filha por causa deles.

— Não grite com a sua mãe, Sebastian! — meu pai gritou com aquela voz grossa que sempre impôs respeito, mas que agora, eu não sentia nada além de ódio por ele.

— Quem é você para me dar ordens? Você me culpou pela morte dela, seu canalha! Você disse que tudo aquilo só estava acontecendo porque eu fui relapso e imaturo. Desde então, eu vivo

em uma constante onda de medo e cuidado com os outros porque fiquei completamente obcecado pela ideia de que eu poderia tê-la salvado se tivesse sido melhor.

Minha mão foi de encontro à mesinha de centro, fazendo um estrondo difícil de não ser escutado.

— Eu odeio vocês!

— Meu filho... — Minha mãe tentou me chamar, mas eu estava tomado por um ódio, um rancor, que eu jamais pararia para escutá-la.

Ela tinha sido conveniente a tudo o que aconteceu.

Ela tinha sido cúmplice.

Que ela se fodesse também!

— Você não tem mais filho. Não era a porra do negócio que vocês queriam? Então, ótimo! É sobre negócios que vamos tratar, mas não esperem mais de mim o respeito e o amor de um filho. Isso, vocês nunca mais vão ter.

— Você não está sendo justo, Sebastian! — Minha mãe continuou. — Fizemos o melhor para você. Pode não ver agora, mas foi o melhor.

— Eu era o pai dela — berrei, como se isso, por si só, explicasse tudo.

E explicava.

— Já disse para parar de gritar com a sua mãe.

Ele ainda não havia entendido, não é? Eu já não era mais o seu cachorrinho que iria fazer tudo o que ele mandasse.

Eu só queria a minha filha, apenas isso.

— Quero minha filha. Só quero ela, seu merda!

— Já disse o que tem que fazer para tê-la novamente — lembrou-me, abraçando a esposa. — E não se esqueça de que, qualquer gracinha dos seus amigos, sua preciosa garotinha estará perdida para sempre.

— Por que está fazendo isso?!

Eu era o filho dele, como ele era capaz de fazer aquilo comigo?

— Aquela empresa é a minha vida, Sebastian. A nossa vida. Você não entende agora, mas com o tempo, irá entender que a Sinclair Inc é tudo. Sempre será tudo.

Sempre soube do amor dele por aquela empresa. Meu pai tinha se tornado CEO aos quarenta anos, logo depois que seu pai faleceu, e viveu para transformar a Sinclair Inc no que ela era atualmente.

Era quase uma obsessão.

A ambição do meu pai virou doença, e minha mãe o apoiou porque amava o marido mais do que qualquer outra coisa.

Eu iria fazer o que eles queriam.

Eu daria meu futuro nas mãos deles em troca de ter minha filha comigo.

Eu desistiria da minha paixão pela minha filha... Pois, no fim das contas, era isso o que bons pais faziam.

Era isso o que o meu pai deveria ter feito por mim e não o fez.

Ainda me lembrava do choque que havia sentido quando soube de tudo que meus pais fizeram. E o mais louco era que eu havia conseguido guardar tamanho segredo por tanto tempo, que nem sabia como não explodi.

Por medo, desisti do futebol. Por amor, segui as regras do jogo do meu genitor, mas agora, eu não tinha mais o porquê fazer isso.

Ela estava ali. Meus amigos tinham feito com que ela estivesse.

Não era irônico que eu tivesse me recusado a procurar por eles, mas que, no final das contas, eles tinham me ajudado mesmo assim?

Se eu fosse pensar racionalmente, deveria estar puto. Aqueles três loucos cometeram crimes por mim. Eles correram risco de ser presos, mas eu os entendia. Faria o mesmo por eles.

Eu faria tudo por eles.

Observá-la brincar com Matteo e sorrindo como se aquela menina nunca tivesse sido arrancada de mim, fazia qualquer coisa que eu tivesse vivido valer a pena.

— Dá um nervoso, né? — Noah comentou, chegando ao meu lado e observando aquele pequeno caos que se formava ainda no quarto do hotel.

— Sim. Ela está tão grande.

Meu neném risonho e fofinho havia dado lugar a uma menina observadora e um pouquinho sarcástica.

— Acho que ela é do tamanho do Thommy, e é dois anos mais nova. Acho que puxou a você. — Noah me olhou do jeito que sempre fazia quando tentava arrancar algumas coisas de mim. — Como está se sentindo?

— Para ser sincero, eu estou aliviado. Mas, ao mesmo tempo, com medo. Parece que entrei em um sonho do qual não quero sair nunca mais. É a minha garotinha que está ali na sala brincando. A garotinha que eu enterrei e pela qual chorei por anos de saudade.

Eu tenho tantos planos, ao mesmo tempo que não sei o que fazer agora.

— Acho que você precisa de um tempo para entender tudo o que aconteceu. Foi uma enxurrada de emoções no mesmo dia. É tudo demais. Um namoro, uma filha, amigos loucos... — Sorriu, me roubando um sorriso também.

— Não tem como agradecer ao que vocês fizeram por mim. Sério.

— Me agradeça quando sua preciosa filha for a alguma festa e meu precioso filho for junto para ajudar a protegê-la. — Logan passou o braço pelos meus ombros, dando aquele sorrisinho que sempre me irritava.

— Aimée não vai à festa alguma — contrariei, já me irritando ao imaginar aquele projeto de garota querendo sair para as festas da faculdade.

Um coração acelerado e as vistas escurecendo? Então, era assim que era o início de um infarto?

— Vou sim! — gritou o serzinho que não tinha coragem de pedir uma água, mas de falar sobre festas, não tinha o menor pudor.

— Eu quero só ver como vai negar alguma coisa a ela — Jordan passou por nós murmurando com um copo de água nas mãos. — Sua água, gatinha. Não pode passar tanto tempo sem tomar água.

Aimée tomou a bendita água sem reclamar, mas só pelo jeitinho que limpou a boca e se virou para o Matteo — que, esse sim, faria qualquer merda para se manter o favorito dela —, eu já sabia que iria fazer algum pedido inusitado.

— Quem é Thommy? E por que ele vai ter que cuidar de mim, tio Matt?

Tão bonitinha com aquele sotaque todo misturado.

— Thommy é o filho do tio Logan. Ele tem dez anos, e provavelmente, vocês serão muito amigos — Matteo respondeu.

— Quer falar com ele? Podemos ligar. Ele está louco para te conhecer, não fala de outra coisa com a mãe. — Logan, ansioso como sempre, não deixou nem que ela respondesse e já sacou o celular, começando a chamada com o projetinho de príncipe encantado.

— Ele é bem animado — Aimée comentou com Matteo, fazendo o emocionado soltar uma risadinha cúmplice.

— Ele é o mais animado.

— Filho, tem uma pessoa aqui que quer te conhecer!

Pelo barulho que Thomas fez, ele estava mesmo animado com aquele encontro. Muito mais animado que a minha garotinha.

Era como ver Logan e eu em miniatura.

— *Ela já está aí? Cadê?*

Não era ele que tinha vergonha de conversar com outras crianças?

— Estou aqui. — Aimée se sentou ao lado do Logan, completamente envergonhada, mas deu um jeitinho de sorrir para o moleque que mais parecia ter ganhado o melhor presente de Natal.

— Ah, oi... — Toda a euforia do Thommy parecia ter dado lugar a vergonha. — Então, você que é a filha do tio Seb.

— É... Acho que sim.

— Certo, então... Te vejo quando chegar aqui. — Ele pareceu pensar um pouco e logo soltou. — Ei, qual é a sua coisa preferida

no mundo?

Ela pensou. Pensou e pensou mais um pouquinho... E, quando abriu a boca, fez meu coração quase parar.

— Meu pai. — Seu rosto foi tomado por uma vermelhidão engraçadinha, e ela nem conseguiu me olhar em seguida.

Meu pai...

Porra!

— Tá, mas, tipo... Princesas e essas coisas, você não gosta? — o moleque perguntou, sem se dar conta da emoção que a resposta dela provocou em todos.

— Gosto muito de princesas. Todas elas — murmurou, ainda envergonhada.

— Então, tudo bem. Vou arrumar tudo para você, não se preocupe. E, ah, já falei para minha mãe te matricular na mesma escola que a minha, para você não precisar estudar sozinha. Vou cuidar de você. — Ele pensou um pouco antes de falar, mas logo soltou. — Sabe? Tipo um irmão mais velho.

— Não é curioso que com a Emma, ele nunca teve esse tipo de comportamento? — Noah murmurou para mim, mas nem consegui responder.

Não ligava para nada, só para aquela bendita resposta.

Eu era a coisa preferida dela no mundo. Eu... O papai dela.

— Tudo bem, Thommy. — Ela sorriu, um pouco mais confiante. — Acho que sempre quis ter um irmão mais velho.

— Vem logo, tá? Estou esperando você.

E assim, ele simplesmente desligou a chamada.

Muito filho do Logan mesmo.

E da maneira mais simples, exatamente como as crianças deveriam ver o mundo, aqueles dois fizeram uma amizade.

E eu só podia torcer para que fosse tão bonita e sincera quanto à minha e do pai dele.

— Vocês estão fodidos. — Matteo soltou uma gargalhada, mas logo ela morreu por conta do sermão que escutou a seguir.

— Falou palavrão, tio Matt. Que feio! — bradou, do mesmo jeitinho que eu fazia.

Aquela garotinha... Por que eu sentia que ela me faria pagar por todos os meus pecados?



FAMÍLIA

Jordan Joy Lewis

— Então, como foi em Paris? — minha psicóloga perguntou enquanto eu bebia um copo de água para tomar tempo.

— Acho que podemos dizer que foi uma semana de descobertas. — Tantas, que eu me sentia até zonza. — Sebastian tem uma filha.

— Uma filha?

— Sim, uma linda menina de oito anos que ele achou que estava morta por muito tempo. — Respirei fundo antes de proferir as palavras que eu não queria que mais ninguém escutasse. — É uma longa história que não quero falar agora, porque estou me sentindo muito culpada por causa de um sentimento que está me corroendo.

Minha psicóloga não perguntou nada, ela esperou que eu tivesse coragem de dizer.

— Estou com inveja dele... Estou morrendo de inveja por uma coisa que eu não deveria estar. É confuso porque também me sinto

feliz, mas poxa, por que eu também não posso ter essas reviravoltas na minha vida? Por que essa não pode ser minha história também? Eu queria uma segunda chance. Eu queria poder ter minha família de volta.

— Talvez a sua segunda chance não envolva o seu passado, Jordan.

— Não quero esse papo motivacional hoje, ok? Não quero escutar que, cada vez que eu abro os olhos, tenho uma nova chance de viver minha vida e ser feliz. Porra, eu queria a minha mãe. Eu finalmente estou namorando e eu não tenho mais a minha mãe para contar. Não tenho mais um pai para colocar medo no meu namorado. Entende? Eu não tenho mais! — confessei, exasperada.

— E o que você tem, Jordan?

Porra, o que eu tinha?

A pergunta me fez parar e refletir.

O que eu tenho?

Eu tinha uma melhor amiga que chamou meu namorado no canto e disse que, se ele me magoasse, seria um homem morto. Eu tinha um irmão que havia dado um berro ao telefone quando eu contei que fui pedida em namoro pelo cara dos meus sonhos. Aparentemente, agora eu tinha amigas que me recebiam em casa com um jantar prontinho e faziam questão de perguntar os detalhes de cada parte da minha experiência.

Eu não os tinha mais, porém, por mais que fossem insubstituíveis, eu tinha novas pessoas.

Para ser realista, eu tinha uma nova vida.

Constatar tudo isso me fez chorar.

Chorar de um jeito dolorido e sentido.

Não um choro de saudade, mas um choro de culpa.

Eu estava vivendo, e eles não estavam mais ali.

Eu estava vivendo, mesmo eles não estando ali.

— Eles nunca vão voltar. — Solucei, sentida. — Eles nunca vão voltar, e eu ainda estou aqui.

— O que está sentindo em relação a isso?

— Culpa... — Encarei os olhos da minha terapeuta, querendo que ela fizesse toda aquela ebulição de sentimentos parar. — Eu me sinto culpada porque estou vivendo, e eles não estão. Eu me sinto culpada quando não me lembro deles em momentos felizes e me sinto ainda mais culpada quando vejo que gosto da minha vida, mesmo eles não estando aqui. Eu sinto saudade da minha antiga vida, mas também gosto da nova… Gosto de uma vida em que eles não existem mais, quão horrível eu sou?

Quão fodida tinha que ser uma pessoa para gostar de uma vida onde seus pais não existiam mais?

— Então é por isso que você se pune toda vez que está começando a sair do seu processo de luto, não é? Você tenta se matar, não por falta de amor-próprio, mas porque sente culpa de estar vivendo, mesmo sem uma parte daqueles que ama — conclui de uma forma firme, mas calma.

Suas palavras me roubaram o fôlego e tiraram um pouco das lágrimas que restavam em meus olhos.

— Não — tentei negar, mas no meu íntimo, sabia que ela estava certa.

— Você mesma disse que sente culpa por viver uma vida plena e feliz porque seus pais não estão aqui, Jordan. Acho que esse pensamento é digno da nossa atenção.

— Mas ninguém vive uma vida plena sem aqueles que ama!

— Ninguém vive uma vida plena sem se amar. Agora, sem as pessoas, vivemos e com o tempo, até nos acostumamos. Isso é um processo natural da vida. Luto é o tempo que levamos para entender que nossos amados se foram, mas nós não. Luto é o processo pelo qual precisamos passar para entender que a morte do outro não é a nossa. E, como nós não morremos, continuamos a viver. Você vai formar sua própria família, vai se formar e arrumar um emprego, vai ser feliz, mesmo tendo passado por todas as tragédias. Você vai viver, pois é isso o que fazemos quando superamos algo, seguimos em frente. E é isso o que, inclusive, faz você querer morrer. Sempre quer parar sua vida quando percebe que está seguindo em frente.

Tudo que ela falou fez tanto sentido que senti meu coração acelerar e as lágrimas voltarem a cair. Se eu fosse parar para pensar, era sempre um círculo vicioso, em que eu voltava para o mesmo lugar, já que não me deixava seguir em frente.

— Eu não quero esquecê-los...

— Você não vai esquecê-los. Seguir em frente nunca é esquecer, e sim honrar. — Devia ter feito uma careta confusa, porque a terapeuta sorriu, compreensiva, antes de continuar falando. — Honramos aqueles que já foram quando continuamos a viver a vida que eles não podem mais. Honramos nossos pais quando damos valor a vida que eles nos deram. Honramos a vida deles ao vivermos a nossa do melhor jeito que conseguimos. Amor não prende, amor liberta. Amor quer o bem. Se os ama tanto, não é ceifando sua vida que irá provar isso. É justamente ao contrário.

O mais engraçado de tudo é que não era a primeira vez que eu tinha escutado tudo aquilo. Não era nem a primeira vez que algum terapeuta tinha me dito palavras tão duras e verdadeiras como aquelas.

Mas algo, naquele momento, estava diferente.

Algo, naquele momento, me fez escutar.

Achava que não era apenas o Sebastian, mas também era a Aimée, que veio à minha cabeça. O jeito que Sebastian sorria para ela, me lembrava de como meu pai sorria para mim. O jeito que ele cuidava dela, me lembrava de como fui cuidada um dia.

Sebastian e Aimée me lembraram de uma coisa importante: meus pais nunca iriam se sentir amados pela Jordan que eu havia me tornado. Acreditava até que eles não me reconheceriam, pois preferiam ficar infelizes a me fazerem infeliz.

Era o que Seb mostrava quando estava com a filha. Ele preferia morrer a vê-la morta.

Acabar com a minha vida não iria fazer apenas a dor parar, mas também iria fazer minha vida acabar. Parecia óbvio, mas não era. Nenhum deles tinha morrido querendo que eu fizesse o mesmo. Nenhum deles queria que minha vida acabasse.

Se fosse para ser honesta, eu nem queria que minha vida acabasse.

Eu gostava dela.

Eu gostava até mesmo antes do Sebastian ressurgir.

Vim para Crownford justamente para findar meu final feliz e entrei em mais uma sequência de autodestruição ao perceber que tinha chances de ser feliz. Ao perceber que eu até teria outra família.

Nunca foi por falta de amor, foi por culpa, por dor.

— Callum disse na carta do Logan uma coisa que eu nunca tinha entendido, mas acho que agora, eu entendo. — Limpei minhas lágrimas, tentando me recompor. — Nunca é por falta de amor. Às vezes, é por sentir dor demais.

— Você ainda sente muita dor, JJ? — perguntou-me de uma forma doce, mas me dando tempo para pensar.

Eu sentia saudade da minha antiga casa, mas gostava de dormir enrolada nos braços do Sebastian. Eu sentia saudade de falar com Callum, mas adorava gargalhar com Isabella e Mike. Eu sentia saudade dos meus almoços em família, mas adorava passar um tempo com a família Azzaro. Eu sentia saudade da minha antiga vida, e achava que iria sentir para sempre, mas precisava ser honesta e dizer que, apesar de tudo, eu gostava da minha vida agora.

Ela não era dolorida. Pelo contrário, ela era feliz.

— Sinto muita saudade. E é dolorido, mas apesar de tudo, eu me sinto bem aqui, com meus amigos e com meu irmão. Acho que estou feliz... — Sorri em meio às lágrimas, sentindo uma coisa nova, a qual não estava me permitindo sentir há muito tempo.

Finalmente, eu entendi o que haviam me falado muitas vezes: a maior honra, que eu poderia dar àqueles que já foram, era viver uma vida que eles fariam de tudo para me dar.

Eu estava vivendo.

Estava adorando.

Eu sabia… Eu sentia… que eles estavam felizes por mim.

A primeira mudança na nossa rotina era que agora, Sebastian não me pegava mais na terapia e nem estudava comigo à tarde. E

estava tudo bem. Era bom passar um tempo sozinha, limpar a cabeça e ver que eu ainda era capaz de fazer coisas básicas, como dirigir.

No fim das contas, me sentia um pouco melhor ao perceber que não me sentia desolada nem abandonada por não ter mais os olhos de Sebastian em mim durante as tardes.

Era um alívio cuidar de mim mesma.

Quando entrei em casa, já passava das oito da noite, e todo mundo estava com a sua própria família. E as crianças estavam dormindo, já que fazia dois dias que não dormiam bem.

Thommas e Aimée haviam se conhecido e, como todas as crianças, pareciam que nunca mais iriam se desgrudar. Além disso, o fuso horário estava pegando todo mundo, então estávamos sofrendo um pouco.

Subi direto para o meu quarto e aproveitei para mandar uma mensagem para o Mike, dizendo que a terapia, daquela vez, parecia estar fazendo efeito. Havia entendido aquela máxima de: às vezes, não era o que as pessoas nos diziam, e sim quando.

Finalmente, eu estava preparada para escutar tudo aquilo que escutei e muitas coisas pareciam acalmar meu coração, que sempre queria parar de bater de tanta saudade.

— Já estava pegando o celular para te ligar. Demorou. Foi tudo bem? — Seb me perguntou, assim que abri a porta, deixando o celular de lado.

Ele já estava pronto para dormir, com a calça de moletom cinza e sem camisa, e os seus cabelos soltos, do jeito que eu gostava.

— Precisei dar uma volta, a sessão hoje foi intensa demais — murmurei, fechando a porta. — Acha melhor dormir com ela fechada? A Aimée não acordou ontem de madrugada, mas hoje, pode ser que acorde. Uma casa nova, ainda está assustada.

— O Matteo e a Zoe estão dormindo no quarto dela, então está tudo bem. Você está bem, princesa?

— Estou — não menti pela primeira vez em muito tempo. — Estou muito bem, o que é meio estranho de dizer. Mas acho que entendi muitas coisas hoje.

— Quer falar comigo sobre isso?

— Você já se sentiu culpado por estar vivendo sem a Aimée? — perguntei, tirando meus coturnos pesados dos pés.

— Por muito tempo — respondeu-me, se sentando na cama e me dando sua total atenção.

— Acho que eu sempre boicotei minha felicidade. Acho que, sempre que estou seguindo em frente, dou um jeito de retornar ao fundo do poço porque me sinto culpada de viver uma vida boa e feliz, na qual meus pais não existem mais.

— Eu sempre achei que nunca seria feliz sem a minha filha.

— Eu sempre achei que nunca seria feliz sem minha família, mas sabe… Eu sou. Eu morro de saudades deles e sempre fico olhando para o céu quando algo acontece comigo, mas no fim das contas, preciso assumir para mim mesma que gosto da minha vida, que gosto do futuro que venho arduamente batalhando para ter. — Engoli em seco antes de tirar minha blusa e seguir em frente. — Eu gosto de mim. Sinto que a cada dia, vou reencontrando partes de mim que deixei naqueles velórios e não posso me deixar desmanchar por culpa.

Rapidamente tirei minha calça e peguei uma blusa do meu namorado, que estava largada na nossa escrivaninha, vestindo-a.

— O maior ato de amor-próprio que alguém pode ter é se aceitar como é. — Seb sorriu orgulhoso de mim. — Acho que, aos poucos, você está se encontrando.

— Aos poucos, eu estou me olhando. E me ajudou muito ver a Aimée e você juntos.

— Ah é? Por quê? — Sebastian quis saber, puxando-me para seus abraços e nos cobrindo com uma coberta.

Naquela noite, eu não queria sexo. Queria carinho e, mesmo que eu não tivesse falado nada, ele sabia.

— Porque me lembrou do meu pai, da minha família. Me lembrou que meus pais nunca iriam querer que eu vivesse uma vida miserável. Partiria o coração deles me ver em um hospital porque eu queria morrer. A verdade é que antes, eu pensava sim em morrer. Passei uma fase na adolescência na qual eu realmente me odiava. Mas nunca fiz isso, pois tinha onde me agarrar.

— Hoje você tem onde se agarrar.

— Essa “eu” não precisa mais se agarrar em nada. Eu simplesmente quero viver, sinto até que preciso. Meus pais vivem através de mim e do meu irmão, e Callum nunca será esquecido, pois eu estou aqui, pensando nele, sentindo muita saudade dele... — Agarrei-me ao Sebastian e soltei um suspiro audível. — Eu amaria que eles estivessem aqui, amaria ter a oportunidade que você teve, mas estou cansada de viver em um passado que não volta. Estou cansada de sofrer por uma coisa que não tem solução. Eles se foram, Seb. E está na hora de entender isso. Está na hora

de aceitar que eu nunca os esquecerei, e que sempre sentirei saudade. Está na hora de entender que eu vivo bem com saudades.

— Meu Deus, acho que nunca te vi sendo tão positiva — o engraçadinho ainda brincou.

— Um mês tomando os remédios, né? Eles finalmente estão fazendo efeito.

— Falando nisso, você precisa tomar os seus dois da noite em vinte minutos.

Poderia pedir para que ele deixasse comigo essa parte dos medicamentos agora, mas não iria. Gostava de ser cuidada por ele. Queria ser cuidada por ele.

— Tudo bem. — Beijei seus lábios antes de proferir as palavras que precisavam ser ditas. — Seb, eu amo muito você, mas preciso te dizer que hoje, eu entendi que viveria sem você. Que eu viveria sem qualquer um na minha vida. Estou te dizendo isso porque está tudo bem se tudo ficar demais.

— Odeio quando faz isso.

— Isso o quê?

— Duvida do que eu te falo. Não vou a lugar algum, não vou te deixar. Para de dizer essas coisas.

— Está tudo bem, não estou te dizendo que vai, estou dizendo que pode. Eu escolho viver com você, escolho seguir te amando, mas não é isso que me mantém respirando.

— O que te mantém respirando, JJ? — perguntou baixinho, me arrancando uma risadinha.

— O mesmo que mantém você… — Fiz suspense por um momento. — Meus pulmões, ué.

Aquilo nos fez rir.

Rir daquele jeito que doía a barriga.

Rir daquele jeito que só gente apaixonada fazia.

— Eu amo sua versão depressiva, amo sua versão rabugenta, amo sua versão obstinada, mas sua versão feliz... Nossa, Jordan, essa eu idolatro! — Sebastian segurou meu rosto entre suas mãos e me fez encarar seus lindos olhos escuros. — Eu não posso dormir mais um dia ao seu lado sem que saiba que eu amo você e fico feliz que consiga viver sem mim, mas eu não consigo, ok? Minha felicidade depende da sua. Meu coração bate melhor quando você está por perto. Porra, Jordan… Eu genuinamente amo você de um jeito que nunca imaginei que poderia amar uma mulher.

Eu sempre quis escutá-lo dizendo que me amava.

Mas aquilo foi melhor do que qualquer sonho que eu já tinha tido.

— Eu te amo, Seb. Meu coração também bate melhor com você por perto.



PROLE

Sebastian Sinclair

Aquela era apenas uma quarta-feira normal. Eu acordaria cedo, faria o meu pré-treino para tomar junto à minha mulher e depois iria fazer um *cardio* para enfim, ir para a faculdade e resolver o resto do meu dia.

Mas não era uma quarta-feira normal.

Era o primeiro dia da minha filha na escola e eu precisava confessar que nenhum livro sobre paternidade havia me preparado para isso.

Depois de dois dias inteiros com ela, percebi o quanto eu perdi. Por mais que ela fosse uma criança fácil e bastante obediente, Aimée, em muitos momentos, não falava nada, não pedia nada. Sempre estava assimilando o que estava acontecendo na vida dela.

Por mais que, na sua fala, ela parecesse ter mais do que oito anos, eram em pequenas ações que eu via o quanto ainda era muito

pequena para tudo o que estava vivendo.

Havíamos passado aqueles dias tentando arrumar nosso sono. Ela já mudou de fuso horário duas vezes, e nós mudamos uma. Estava todo mundo morto e cansado, então o foco tinha sido isso. Mas naquele dia, eu precisava conhecer mais dela, passar mais tempo com ela, então aproveitei para arrumar uma nova rotina.

Antes eu conseguia acordar às seis da manhã e fazer tudo o que eu tinha que fazer, porém, a partir de hoje, tanto eu quanto a Jordan tínhamos acordado às cinco para conseguirmos fazer nosso *cardio* antes mesmo da minha menina acordar.

Depois de um banho rápido com a minha mulher, passei um pente nos cabelos e os deixei soltos para que secassem e finalmente, fui acordar a garotinha que agora, dormia no antigo quarto de Noah.

Isabella disse que não o tinha decorado porque não sabia do que ela gostava, mas logo isso seria providenciado.

Abri a porta com o máximo de cuidado possível, encontrando Aimée enroladinha em sua coberta e parecendo tão pequena em sua cama, mas era apenas uma impressão. A garota era mais nova que Thomas e já era do tamanho dele.

Tinha certeza de que seria uma mulher alta, tipo a Zoella. Tipo a mãe biológica dela.

Chegando perto da cama, sorri ao observar como ela dormia agarrada a um ursinho de pelúcia velho e surrado, que tinha vindo dentro de uma de suas malas.

No minuto em que fui acordá-la, seus lindos olhos turquesa se abriram e em seguida, um sorriso bonito, que mostrava as covinhas, me fizeram sorrir também.

— Bom dia, estrelinha.

— Bom dia, papai. — Nada se comparava a emoção de ser o pai de alguém. Nada. — Às vezes, quando eu te vejo, fico achando que eu estou em um sonho.

— Sabia que eu também tenho essa mesma sensação? — devolvi, sentando ao seu lado, na beirada da cama. — Sabe que eu nunca te esqueci, né?

— Nunquinha? — Sentou-se, mostrando o pijama de bichinhos que usava.

Nossa, ainda era muito louco vê-la tão grande daquele jeito.

— Nunquinha. — Ajeitei sua franja, tentando arrumar um tempo para organizar meus pensamentos. — Eu sempre dizia que por você, eu me perderia, eu me encontraria e por nós, eu conquistaria o mundo.

— Você pode me explicar? Acho que não entendi isso muito bem. — A pronúncia do inglês era perfeita, mesmo que, por alguns momentos, seu sotaque russo aparecesse.

— Eu falava isso para mim mesmo, para sempre me lembrar que tudo o que eu fazia, tudo o que eu conquistava, era por nós.

— Tia Lilly dizia que você sempre me amou muito e que ela nunca havia escutado um choro mais triste do que o seu quando falaram que eu estava morta. — Engoli em seco com suas palavras. — Ela dizia que tinha certeza de que você, assim que soubesse que eu estava viva, iria me encontrar.

— Eu iria. Estava fazendo de tudo para te ter comigo o mais rápido possível.

Não contei a ela que desisti da minha carreira por ela, nem mesmo do plano do meu pai. Ela era o meu bebê e eu queria

protegê-la de tudo que não consegui nos seus primeiros anos de vida.

— Tia Lilly . — Tia Lilly era minha antiga governanta e foi engraçado ouvir o apelido, já que eu a chamava assim também. — Ela me mostrava suas fotos no celular e às vezes, eu a via com álbuns da família dela e quis fazer o meu também. Hoje, depois da escola, posso te mostrar. Mas só quero que você saiba que eu também nunca me esqueci de você. Nunca esqueci que eu tinha um pai.

Oito anos.

Eu precisava me lembrar de que ela só tinha oito anos.

Por que ela não parecia ser uma criança?

Ela se levantava, arrumava a própria cama e ficava quietinha esperando alguém chamá-la para fazer alguma coisa. Isso não era uma coisa normal. Ou era? Thommy parecia ser mais neném com essa idade.

— Eu quero ver nosso álbum sim. Mas, me conta, como a Tia Lilly te tratava? Ela era legal? — Pelos seus olhos pude ver que era um assunto delicado.

— Ela era legal, mas sempre me dizia que não era da família. Ela não era minha mãe, nem a Glenn era minha irmã. Você era minha família, mesmo que não soubesse que eu estava viva.

Seus ombros se recolheram um pouco, e logo entendi que aquilo mexia muito com ela. Mais do que ela gostava de demonstrar.

Não conhecia direito minha filha, mas podia jurar que ela queria tanto que eu gostasse dela que, no fundo, ela só não queria causar problema.

— Você sabe que eu te amo, né? — Mesmo não sabendo qual era sua cor preferida, nem mesmo as comidas que amava comer. — Sabe que eu vou ser seu pai para sempre e vou cuidar de você agora, mesmo não tendo ficado com você por muito tempo, né? Quero que você brinque, faça amigos, vá à escola… Eu não vou a lugar algum.

— Acho que não estou entendendo você muito bem — murmurou, meio envergonhada.

— Só quero que saiba que eu te amo, que sempre te amei e sempre vou te amar, apesar de qualquer coisa. Ser seu pai sempre foi o meu melhor sonho e devo dizer que não vou ser bom em tudo, mas sempre vou dar meu melhor para você, ok?

— Você já me ama? — Seus olhinhos se encheram de água, e eu acreditava que os meus também. — Ninguém nunca disse que me amava antes.

Eu havia dito várias vezes, mas ela não se lembrava. E esse era apenas mais um motivo pelo qual eu nunca iria conseguir perdoar meus pais.

Olha quanta coisa eu havia perdido dela.

Porra, ela sabia quem eu era, sabia meu nome, mas cresceu sem saber que era amada. Cresceu não sabendo como era ter um pai.

— Eu te amo mais do que qualquer coisa no mundo, minha filha — afirmei, limpando suas lágrimas. — Estarei sempre aqui ao seu lado.

— Até mesmo quando eu não merecer?

— Até mesmo quando você não merecer.

— Tia Lilly dizia que eu era muito teimosa. — Talvez fosse algo de família. — Que não sabia fazer nada direito e que você sempre foi muito bravo, por isso iria brigar comigo se eu não aprendesse a fazer as coisas direito. Mas você não é bravo, né? Te acho tão bonzinho.

— Com você, eu sempre vou ser bonzinho.

Ela me tinha enrolado em seus dedos, mas ainda não sabia disso.

— Te amo também. — Abraçou-me em um rompante. — Te amo, te amo, te amo!

Ela deu pequenos beijinhos no meu rosto, me fazendo gargalhar e abraçar aquela pequena criatura.

Quando eu a abracei, tive a sensação de que carregava o mundo inteiro ali, em meus braços.

Era tão forte, tão perfeito.

O pensamento em ver a barriga de Jordan crescer e ter algo assim com ela me fez ter um vislumbre do paraíso.

Jordan e Aimée se davam bem, e minha mulher parecia amar crianças, mas a garota era minha filha, então era óbvio que era desconfiada e não se dava para todo mundo.

Ela não destratava ninguém, mas também não amava logo de cara.

Queria dizer, menos o Matteo... Esse, ela tinha amado logo de cara.

— Vamos nos arrumar para você ir para escola. Thommy falou que vai cuidar de você lá por mim, tudo bem?

— Thommy é tipo meu primo? Já que ele é filho do tio Logan…

Bom, eles não eram realmente primos, mas pensando bem, era como se todos fôssemos uma família, então fazia sentido.

— Podemos dizer que sim.

— Legal! Sempre quis ter um irmão mais velho.

E lá estava a criança que eu sabia que ela era. Confusa, espontânea, engraçadinha.

— Ele é sua família, então acho que tudo bem dizer que é tipo um irmão mais velho para você. — Tirei minha estrelinha da cama e a levei até o banheiro no colo.

Aquela foi a primeira manhã que eu fiz um rabo de cavalo em alguém e vesti um uniforme. Aquela foi a primeira manhã em que deixei minha filha no ônibus da escola e a vi acenar nervosa para mim. E aquela foi a primeira manhã em que percebi que tinha tudo de mais precioso do universo comigo.

Eu sempre fui um cara de muitas mulheres, mas hoje, eu era só de duas.

Jordan e Aimée eram tudo o que eu poderia querer e por mim, tudo estava bem se as tivesse comigo.

Meus músculos doíam de uma maneira deliciosa enquanto eu treinava incansavelmente com Matteo a nossa troca de passes.

E o mais louco era que, depois de uma única semana, minha vida nem parecia mais a mesma.

Sempre achávamos que para nossas vidas mudarem, precisávamos de tempo, mas o que ninguém tinha me contado era que a quantidade de tempo era relativa.

Pouco. Muito. Dias. Semanas. Ou anos.

Não importava.

O que importava mesmo era como você se sentia no presente, e eu agora, nem parecia mais o mesmo da semana anterior.

Meu humor tinha melhorado, minha mente tinha se aliviado, e eu estava focado em ter a vida que eu sempre quis. A vida que meu pai lutou para arrancar de mim.

E depois que o treinador Zion brigou comigo, eu voltei a treinar como treinava antes, e essa foi minha sorte. Estava completamente preparado para os nossos próximos jogos.

Seríamos campeões. Não tinha nenhuma dúvida sobre isso.

— Nossa, que saudade que eu estava de você virado no capeta desse jeito — Matteo berrou, com um sorriso no rosto, ao tirar seu capacete. — Não errou nenhum passe hoje.

— Eu nunca erro. — Pisquei, já esperando Zion vir passar as próximas orientações para a gente.

— Azzaro e Sinclair, ótimo treino! — O treinador chamou nós dois com os dedos, e logo fomos de encontro a ele. — Espero que não faça nenhuma merda nos próximos jogos.

Tão educadinho o nosso treinador.

— Não tenho dúvidas de que será a nossa melhor temporada — Matteo disse, com aquele sorriso convencido de sempre.

Como Zion era marido de Donatella, uma das irmãs do Matteo, era claro que ele já sabia de tudo que havia se passado comigo nos últimos dias.

Ao contrário dos Sinclair, os Azzaro não tinham segredos uns dos outros.

— É a sua chance, garoto. Não desperdice isso. — O tom dele era sério, mas vi que escondia uma certa euforia.

A real era que até eu estava eufórico.

Eu realmente tinha uma chance. Precisava fazer uma boa temporada e chamar a atenção dos olheiros para finalmente viver uma das minhas paixões.

Porra, eu iria mesmo viver isso?

— Não vou.

— Ele não vai. — Matteo piscou para mim e o que eu vi ali, aqueceu minha alma.

Meus amigos estavam fazendo tudo por mim. Eles nunca haviam desacreditado e nem desistido. Nem mesmo quando eu desisti.

Eu havia feito tudo por eles e agora, via que eles também faziam de tudo por mim. Cada um tinha sua vida, seus projetos, mas uma coisa que nunca iria acabar era a nossa força em conjunto.

Éramos um time.

Um bom time.

Um time que eu nem sonharia ser merecedor de ter.



BRIGAS

Sebastian Sinclair

Tinha um motivo para que os *quarterbacks* fossem, em sua grande maioria, as estrelas de um time de futebol americano. Nós éramos o coração do time. Nossa responsabilidade era ditar o ritmo do ataque, além de conduzir todas as jogadas.

Um mau *quarterback* podia fazer um time bom se transformar em um desastre.

Foi natural para mim, começar a treinar nessa posição, nem mesmo me lembrava de ter treinado em outra a partir do Ensino Médio.

Fazia aquilo há um bom tempo, tinha treinado pesado para me tornar o que era agora — um dos melhores *quarterbacks* da nossa liga —, então é por isso que, mesmo com aquele maldito relógio mostrando que nosso tempo estava acabando, eu sabia como nos tiraria daquela situação de merda que o jogo tinha virado.

Por duas falhas grotescas da nossa defesa, estávamos empatados, coisa que eu não queria que acontecesse. Eu havia dito que seríamos campeões invictos, e assim seríamos.

Iria deixar os Kings com boas memórias e eternizado do jeito que deveria ter sido desde sempre.

A defesa daqueles caras era tão boa que estávamos sofrendo para realizar jogadas relativamente simples, então eu sabia que precisava diferenciar.

Matteo e Logan estavam muito bem marcados, assim como Kyle e Dominic.

Respirei fundo antes de gritar para eles:

— Jogada 8, meninos!

E recebi em resposta um olhar emputecido do meu golden.

Eu sabia. Mas um pouco de loucura nunca tinha matado ninguém.

Após o apito do juiz, finalmente recebi a bola em mãos e me afastei dos meninos, atento para ver quem estava livre.

Ou, pelo menos, fingindo que estava olhando porque, na verdade, eu só estava pensando em qual área seria melhor para correr e, em uma fração de segundo, optei por ir pelo lado do Matteo e Logan. Se eles tinham sido capazes de me devolver minha filha, também seriam capazes de segurar aqueles brutamontes por mim.

Corri como um louco, me esquivando de quem quer que estivesse no meu encalço. Minhas coxas doíam, meus pulmões, então, nem se fala. Mas eu corri.

Corri pensando que era o primeiro jogo que minha filha estava vendo na vida dela. Corri pensando que minha mulher precisava sentir orgulho de mim, assim como eu sentia dela. Corri pensando

que eu, finalmente, podia fazer isso com um futuro brilhante à minha frente.

Corri.

Corri pra caralho até que senti uma dor filha da puta nas costelas e a grama úmida pregar na minha cara.

É... Talvez, meus melhores amigos servissem para cometer crimes, e não para parar brutamontes.

— Sai desse chão, seu corno! *Touchdown*! — Matteo gritou, tirando-me do chão, e eu fui capaz de sentir minhas costelas novamente.

Porra, dessa vez, doeu de verdade.

Aquilo iria ficar roxo no dia seguinte.

— Podia ter segurado a defesa deles. — Sorri, abraçando Matteo, e logo em seguida, fui atingido pelo restante do time. — Vamos ganhar essa porra!

Quando estava voltando para o nosso banco, já que agora seria a vez do time adversário atacar, encontrei minhas duas garotas vibrando por mim e, sem nenhum pudor, mandei um beijo para elas e fiz um coração com as mãos, inevitavelmente roubando algumas gargalhadas dos três idiotas que eu chamava de melhores amigos.

— Como era que ele dizia mesmo? — Noah perguntou, colocando o capacete e se preparando para fazer o *fieldgoal*.

— *“Jamais vou usar coleira!”* — Matteo me imitou de um jeito caricato.

Eu os odiava.

Puta que pariu, que carma ruim ser melhor amigo daqueles três patetas.

— Qual será a cor que ele vai escolher? Eu voto em verde! — Logan continuou, mas para minha surpresa, não foi ele quem deu a cartada final...

Foi a porra do meu treinador.

— Não tenho dúvidas de que será verde e ainda com strass!

Filho da puta.

— Não via você jogando daquele jeito há meses. — Hero se sentou ao meu lado no vestiário, observando a baderna dos meninos, que comemoravam a nossa vitória e a classificação para a semifinal do campeonato nacional.

— Estou focado. Falei que seríamos campeões e seremos — afirmei, retirando minha blusa suada e aproveitando para ver o hematoma nas minhas costelas.

— O que uma boceta não faz com um homem! — Brian brincou, mas supus que estava querendo perder os dentes.

Tinha gente que não sabia mesmo o momento de ficar calado.

— Primeiro, que Jordan não é só uma boceta e segundo, que a próxima vez que eu te escutar falando sobre a minha mulher, arranco seus dentes fora.

Moleque sem-noção do caralho.

— Muito rendido, puta que pariu — Hero me zoou, levando o time inteiro a rir também. — Quem te viu, quem te vê, hein, capitão!

O homem que não sossegava com apenas uma mulher, agora não só está rendido, como também está cadelando por ela.

— Ele não fica uma gracinha apaixonado? — Matteo ajudou a tirar com a minha cara.

— Ele ainda rosna, pessoal. Tipo um cachorrinho marcando território — o próprio golden falou isso.

— Vão se foder! — Mostrei o dedo do meio para todos aqueles vermes, mas no fundo, sabia que eles estavam certos.

Eu estava mesmo rendido por aquela mulher.

Completamente louco por ela.

— Não, capitão. Quem parece fodido aqui é você — Kyle falou de um jeito sarcástico, que me fez cerrar o maxilar.

Por que todos eles tinham que ser tão insuportáveis?

Nem me propus a responder, minha atenção se voltou inteiramente para o meu celular.

Era o número *dele* aparecendo ali na tela.

Do meu pesadelo particular.

Minha respiração falhou, mas tentei controlar. Estava no meio de todo mundo e não queria fazer nada que me colocasse em uma situação constrangedora.

Não sabia o que fazer, muito menos o que falar.

E se ele tiver descoberto sobre a Aimée?

E se ele conseguir tirá-la de mim?

E se...

Quando neguei a ligação, uma mensagem logo subiu na tela:

Hugo Sinclair:

Quando vai entender que tudo foi para o seu bem?

Sua mãe sente falta de você, ela já perdeu mais de dez quilos porque não consegue comer, nem dormir direito. Tenha piedade dela, meu filho.

Sua mensagem só me deixou mais puto.

Ninguém havia tido piedade de mim e da minha garotinha perdida.

Eu não teria misericórdia deles.

Odiei Jordan por anos por ter machucado meu melhor amigo, imagina o que eu era capaz de fazer com alguém que machucou a minha filha.

Meu pai sabia muito bem o filho que havia criado. Sabia que eu não iria deixá-los participarem da minha vida nunca mais.

Se ele foi capaz de tudo por causa daquela merda de empresa, eu seria capaz de tudo para salvar o meu bebê.

Até mesmo de foder com eles de volta.

Em vez de responder ao meu genitor, mandei mensagem para uma pessoa que sempre tinha estado na minha vida, de uma forma ou de outra.

Uma amiga que ainda não sabia sobre a existência da minha filha.

Sebastian Sinclair:

Preciso te contar um segredo.

Harmony Healy:

Qual? Que finalmente esse coração gelado está batendo por alguém?

Sebastian Sinclair:

Isso não é segredo... Inclusive, estou finalmente namorando.

Harmony Healy:

É um milagre! Deve ser por isso que ando escutando os anjos do céu cantando.

Sebastian Sinclair:

Engraçadinha... É sério, preciso que conheça alguém.

Harmony Healy:

Eu já conheço a Jordan da época da escola e posso jurar que ela não gostava muito de mim.

Sorrio, lembrando que minha princesa sempre foi ciumenta e realmente não gostava muito da ruiva, mas hoje em dia, tudo isso era bobagem.

Só existia ela para mim.

Meu mundo era todinho dela.



— Acho que a tia Jordan está meio chateada com o senhor — minha filha sussurrou para mim enquanto eu a cobria para que finalmente aquele dia acabasse.

— Também estou achando, filha — confidenciei o fato que havia me deixado com a barriga gelada a noite inteira. — E não precisa me chamar de senhor, papai já está ótimo.

Depois do jogo, todos tínhamos vindo jantar em casa em comemoração, mas o bico da minha querida namorada estava lá também, bem presente.

— O que você fez de errado dessa vez?

Era impressão minha ou ela não estava do meu lado nessa?

— Como assim *dessa vez*? Papai é um cara muito legal, nunca faz nada de errado. — justifiquei, pegando seu bichinho de pelúcia e colando ao lado do seu rostinho, que era onde ela gostava que ficasse.

— A tia Bella disse que você sempre faz coisa errada e a fez chorar. Não pode fazer sua namorada chorar, papai. É feio.

Arqueei minhas sobrancelhas, querendo berrar para que Isabella mantivesse aquela língua dentro da boca.

— Mas não foi porque eu quis. Na verdade, nem sei bem o que eu fiz.

O jeitinho que Aimée me olhou já me mostrava que eu era um imbecil.

Porra, mas eu realmente não fiz nada de errado!

— Então, descobre logo, porque a tia Jordan é muito legal e eu gosto dela. — Foi de um atrevimento que chegou a me faltar palavras.

— Vou descobrir, ok? — Beijei sua testa e já me levantei da cama. — Precisa que eu fique aqui para você dormir?

— Na verdade, eu quero a tia Bella hoje.

Tia Bella?

— Já cheguei! — anunciou uma Isabella muito animada, de pijama de princesas e tudo mais.

Era carma.

Certeza.

— Está tudo bem, papai. Vai lá e faz as pazes com ela — mandou em mim, como eu fazia com todo mundo à minha volta.

E o pior? Eu obedeci.

Fui para o meu quarto, já me preparando para escutar por alguma coisa que eu não fazia ideia do que fosse.

Por que as mulheres tinham que ser daquele jeito? Eu era um ótimo namorado. Deveria dizer que era o melhor que já conheci? Porque eu era.

Fazia café da manhã, ia a todos os treinos, ajudava em tudo. Porra, eu até a comia com carinho e paciência de vez em quando.

Eu era ótimo!

Quando abri a porta, dei de cara com minha mulher deitada na cama com aquela cara de quem tinha comido e não tinha gostado, olhando para o próprio celular como se ali tivesse algo muito interessante.

Odiava joguinhos, então não enrolei. Fui direto ao ponto.

— O que eu fiz de errado?

— Não fez nada.

Porra, como aquele tipo de coisa me irritava.

— Olha, tudo bem se você não quiser falar, ok? Mas me dar esse tratamento de silêncio e ficar achando que eu tenho que ficar igual a um otário tentando descobrir o que tem de errado é algo que não vou aceitar. Sempre fui honesto com você, espero a mesma reciprocidade.

Minhas palavras duras pareceram acender fogo dentro dela.

Ótimo, então iríamos queimar.

— Primeira coisa, não estou entendendo o porquê está sendo grosso.

— Porque você está fazendo com que eu me sinta mal por uma coisa que nem sei o que é. Sabe como é agoniante? —

retruquei, retirando a camiseta e aproveitando para entrar no banheiro.

— Eu só não quero falar.

— Acho justo você não querer falar, mas então, diga isso com todas as letras. Odeio joguinhos, não faça isso comigo.

Eu era um cara transparente e gostava que fossem assim comigo.

Enquanto eu escovava os dentes, vi que minha marrenta se mexeu na cama, incomodada com os próprios pensamentos e provavelmente puta consigo mesma por estar sendo imatura em um momento que deveria estar feliz por mim.

Eu tinha jogado como nunca naquela noite. Era para estarmos fodendo, não brigando.

Quando terminei de me limpar, senti suas mãos em minha barriga, me abraçando por trás.

— Eu fiquei com ciúmes, ok? Eu vi uma notificação da Harmony no seu celular e dei uma pirada por isso... — murmurou relutante contra minhas costas.

Ciúmes?

Por que tal sentimento sempre estava na mente dela?

— O que eu preciso fazer para você entender que não existe competição? Que eu escolhi *você*?

Porra, não sabia nem se existia outra escolha para mim, já que tudo o que eu via era ela.

— É ainda um processo para eu entender tudo isso, ok? Tem esses breves momentos em que eu sinto que posso perder tudo e fico assustada. Além disso, por que você ainda precisa manter contato com uma garota pela qual já foi apaixonado? — ela disse

tudo tão rápido, se atropelando nas palavras, que eu mal consegui entender.

Puxei Jordan até a cama, fiz com que ela sentasse e, antes de qualquer coisa, entreguei o meu celular na mão dela. Não tinha nada a esconder, absolutamente nada.

— Não quero ver nada, Seb. Eu não iria gostar que olhasse as minhas coisas.

— E eu não quero que você fique assim a cada vez que a Harmony me mandar mensagem, porque ela vai mandar, querida. Ela é minha amiga há anos, mas é só isso. Eu não tenho vontade nenhuma de ficar com ela — expliquei com firmeza, esperando que ela entendesse que se eu quisesse ficar com a Harmony, teria ficado. — Eu não parei um casamento por ela.

— Você não pararia um casamento por ninguém, Seb. Esse não faz o seu estilo.

— Eu pararia por você — confessei sem vergonha nenhuma, agachando à sua frente. — Eu dei um chilique hoje no meio do vestiário por sua causa. Sabe quantas vezes eu fiz isso por alguém? Nenhuma.

— Ainda é difícil entender o quanto você me quer quando não me quis por tanto tempo, tá bom? Foram anos vendo você apaixonado por ela, anos vendo você ficando com todas aquelas garotas. Se, hoje em dia, você não gosta de ver nenhum cara em cima de mim, saiba que passei por isso por anos! E eu não gostava.

Eu respirei. Muito fundo. Tão fundo quanto foi possível.

Paciência. Agora eu precisava ter uma puta paciência com ela.

— Não consigo provar que eu pararia um casamento por você porque o único homem que vai colocar uma aliança no seu dedo

sou eu, mas preciso que entenda de uma vez por todas que te escolhi. Que estou te escolhendo sempre.

— Por que é tão importante para você ainda falar com a Harmony? — perguntou-me, mostrando que aquela adolescente que morava dentro dela ainda se ressentia por não ter sido a escolhida naquela época.

— Porque ela é o meu Callum — expliquei da melhor maneira que eu conseguia. — Porque ela é uma amiga de longa data. Eu tinha dezesseis anos, Jordan, nem sabia o que era amor. Tudo o que eu queria era uma mulher perfeita para ficar comigo e construir um conto de fadas. Mas eu era um tonto, um idiota, pois sempre foi você, a mulher perfeita para construir o meu conto de fadas.

Onde estava o Matteo para bater palminhas para mim?

— Olha, eu não sou bom nessas coisas... Meu negócio nunca foi palavras, e sim ações, mas preciso que saiba que tudo que eu faço por você, nunca fiz por ninguém, nem mesmo pelos três patetas que chamo de melhores amigos. Não tem nada no mundo que eu não faria para ter você. — Cheguei mais perto dos seus lábios e deixei que meus olhos se conectassem com os dela. — E eu fiz, não vê? Eu realmente fiz de tudo para ter você. Estou aqui, ajoelhado nesse chão... Acha que eu já liguei o suficiente para ficar ajoelhado por alguém? Nunca.

— Desculpa por ser tão insegura...

— Acho que você não tem como controlar certas coisas, mas precisa conversar com sua psicóloga sobre isso. Também não acho saudável eu ter que parar de falar com alguém porque você não gosta.

Ela pareceu concordar.

— Não é saudável. Se fosseo contrário, eu viraria um demônio para cima de você.

— Eu contei para ela sobre a Aimée. Ainda não tinha contado — admiti, tentando explicar toda a situação. — Meu pai me mandou uma mensagem, e eu não quis responder. Então, aproveitei para falar com ela.

— Ela vem conhecer sua garotinha quando?

— Ela não vem, e eu provavelmente não vou, então não sei. Quando tiver que acontecer, vai acontecer — respondi, já me levantando do chão.

— Ela não é o seu Callum. Ele viria correndo para cá e, ainda por cima, iria querer me socar por ter escondido dele algo desse porte.

— Harmony é muito ligada ao marido e, assim como você, ele é ciumento.

— Diz como se você fosse um cara supercalmo e tranquilo — desdenhou, voltando para o seu lugar na cama. Mas eu tinha outros planos.

Não tinha como parar casamentos nem mesmo mudar o passado, mas eu conseguia comê-la com tanta força e surrar aquela bunda de um jeito tão gostoso, que ela iria entender que era minha, assim como eu era dela.

Quando menos esperava, eu me aproximei da mesa de cabeceira e abri minha gaveta de objetos, tirando de lá uma venda, uma algema e meu lindo e abençoado chicote.

Antes de ir para cama, tranquei a porta do quarto e coloquei minha camiseta no vão de baixo, fechando qualquer abertura. Sempre fiz isso para nunca ser escutado de forma alguma. Era por

isso que jamais passei qualquer vergonha, ao contrário de Logan, que nunca teve pudor nem cuidado algum enquanto fodia.

Quer dizer, até que se tornou pai. Daí, aprendeu a ser mais esperto.

— O qu-que está fazendo? — perguntou, logo ficando com a respiração mais ofegante.

Ela sabia que eu não iria ser mais tão bonzinho com ela.

— O que você acha?

— Pensei que não fodia quando estava com raiva — argumentou, mas já soltando suas tranças, que tanto me agradavam.

— Não estou com raiva, quem estava bravinha hoje era você.

— Você vai me bater com o chicote? — Parecia mais ansiosa do que com medo. Talvez, um misto das duas coisas.

— Vou. — Com apenas um olhar, ordenei que ela se despisse. — Vou surrar sua bunda gostosa toda vez que tiver esses pensamentos irritantes.

— Vai me punir porque eu sinto ciúmes de você?

Ah, ela está rindo? Vamos ver se ela vai rir amanhã, na hora em que for sentar.

— Vou — não expliquei mais nada, apenas observei enquanto ela arrancava a camisola que vestia, deixando os seios expostos para mim. — O que pensa sobre ser vendada?

— Interessante. — Seu colo subia e descia tão rapidamente, e seus seios já estavam tão pontudos, que quase mandei que ficasse de quatro ali mesmo, apenas para eu comer aquela mulher como ela merecia.

Mas não fiz isso.

Naquela noite, ela precisava chorar de tanta dor que iria sentir.

— Vou te dizer como as coisas vão funcionar. — Peguei a desgraçada pela nuca e a trouxe para perto de mim. — Primeiro, vou surrar essa linda bunda, depois, vou meter em você até que esteja exausta... Mas, o mais importante, minha princesa, é que vou gozar nessa boceta, uma coisa que eu nunca fiz com absolutamente ninguém.

— Mas e a mãe da sua filha?

Como ela me irritava, puta que pariu.

— Camisinhas estouram. Camisinhas na mão de adolescentes, que mal sabem o que estão fazendo, dá merda — justifiquei rapidamente, aproveitando para vendar a mulher dos meus sonhos mais sórdidos. — Hoje você vai ser meu brinquedinho. Inclusive, não quero escutar nada de você. Um pequeno murmúrio, e vai ficar sem gozar por duas semanas.

— Você não...

— Shiu, não mandei falar — murmurei com a voz rouca em seu ouvido. — Agora, eu sou o seu mestre e te quero bem caladinha. Entendido, desgraçada?

— Sim, mestre...

Tão boa garota, caralho!



SENSAÇÕES

Jordan Joy Lewis

Não via nada. Nem mesmo uma claridade de luz.

De bruços na cama, apenas com a calcinha no corpo, eu estava entregue a ele de um jeito muito vulnerável. Meus outros sentidos estavam aguçados, mas o que mais me dava frio na barriga era não saber o que ele iria fazer a seguir.

Sim, ele iria me surrar, mas quando? Já fazia vários minutos que eu estava ali, e Sebastian não fazia nada, não falava nada. E eu só sabia que ele estava ali por causa da sua respiração, que eu conseguia ouvir perfeitamente ao suspirar.

— É uma pena que esteja vendada. Eu iria adorar te ver chorando novamente, querida — murmurou, e logo em seguida, estalou o chicote na minha bunda. Primeiro, me assustando, posteriormente, me fazendo sentir uma ardência muito maior do que os seus tapas provocavam.

— Caralho, Sebastian...

Mais uma vez, senti o peso do seu chicote.

E porra, como doía!

— Mestre. Para você, é mestre — ralhou, estalando outra vez o chicote em mim, mas agora, não na mesma região de antes. Ele parecia saber exatamente como fazer porque, ao mesmo tempo em que doía muito, minha boceta se contraia em resposta.

— Perdão, mestre.

Arfei. Mais uma vez, o chicote foi sentido, porém dessa vez, foi mais fraco e muito perto da minha boceta.

Quando vi, estava mordendo o travesseiro e tentando não gritar, pois a dor se alastrou por cada célula do meu corpo, fazendo minha cabeça parar. Nenhum pensamento vinha, era um grande silêncio.

A pulsação que eu sentia lá embaixo era algo tão único, que eu não conseguia pensar em nada que já tinha vivido como aquilo. Mesmo sendo dolorido, eu quase abri a boca pedindo por mais, mesmo sabendo que não deveria. Que não podia.

Sem que eu precisasse falar nada, senti minha calcinha ser colocada de lado e um dedo grande e quente entrar sem pedir licença, me fazendo morder de novo a porra do travesseiro.

Como era gostoso.

— Já está toda melada para mim, não é, sua desgraçada? Percebe como seu corpo já sabe ficar pronto para o dono dele? — Seu hálito chegou bem perto do meu ouvido lentamente, me arrepiando inteira. — Seu corpo é meu para usar, não é?

— Sim, mestre... Ele é todo seu.

O riso que ele soltou só me fez sentir ainda menor em suas mãos.

Quando estávamos em cena, eu me transformava em sua propriedade e me sentia bem com isso. Gostava de ser dele, confiava a ele muito mais do que meu corpo. Quando estávamos em cena, eu confiava até minha mente a ele.

Mais um dedo entrou em mim, arrancando um gemido dos meus lábios.

Em ritmo lento, ele ia estocando em mim ao mesmo tempo em que sua língua lambia vergão por vergão que seu chicote havia deixado na minha bunda. Eu não conseguia ver nada, mas conseguia imaginar a cena tão direitinho, que tive que me segurar para não gozar.

— Não se mexa... O único lugar que seu clitóris irá roçar é em mim.

Obedeci imediatamente, parando um movimento que eu nem havia percebido que estava fazendo.

Antes que eu me desse conta, sua língua desceu até meu cu, me atormentando. Meus mamilos sensíveis suplicavam por alívio, assim como meu clitóris, mas permaneci parada e calada, mesmo que lágrimas saíssem dos meus olhos.

Tudo era demais.

As estocadas dos dedos de Sebastian começaram a ficar mais fortes e sua língua começou a descer até minha boceta, que àquela altura, fazia até um barulho molhado de tão encharcada que estava.

No momento em que todos os meus músculos começaram a se contrair e aquela tontura gostosa, que apenas um orgasmo era capaz de me dar, começou a aparecer, ele parou. Simples assim.

Nada de dedos. Nada de língua. Nada de toques.

Algumas lágrimas começaram a molhar a venda porque eu precisava de alívio. O chicote doía bem menos do que aquilo.

— Eu sei. Essa boceta está doendo, não está? — questionou com calma, e pelo que pude escutar, ele estava tirando a cueca. — Vou dar um jeito nisso, mas já vou te adiantar que não vou ser cuidadoso, muito menos romântico. Vou te mostrar como eu era bonzinho com você.

Em um puxão, minha calcinha foi rasgada e logo tirada do meu corpo, me assustando. E, sem que eu me recuperasse, senti suas pernas abrindo as minhas e seu pau entrando em mim de uma maneira muito mais brusca do que eu estava acostumada.

Doía pra caralho, mas me empinei mais para recebê-lo em mim, pois por mais que doesse, também me aliviava. Precisei morder o travesseiro com força para não soltar um grito quando Sebastian arremeteu tão fundo que suas bolas bateram na minha boceta.

Seu peitoral estava inteiro encostado nas minhas costas e seus dentes fincaram no meu pescoço. E daí, tudo ficou demais para que não escapasse nada dos meus lábios. À medida que Sebastian ia empurrando em mim, meus mamilos e clitóris roçavam na cama, causando uma espiral de prazer tão potente que eu chegava a palpitar em volta do seu pau.

O orgasmo que começou a ser construído antes, veio no mesmo momento, muito mais potente, mas assim como da outra vez, ele parou.

O infeliz parou!

— Mestre... — choraminguei, quase pedindo piedade àquele sádico do caralho.

— Não mandei falar nada! — Tão cruel. — Vai aguentar tudo que eu vou fazer com você, te avisei que não seria nada carinhoso.

E, quando toda a iminência do orgasmo se dissipou, ele voltou a meter em mim com tudo. Eram enterradas tão fortes e profundas, que eu chegava a senti-lo no fundo da minha boceta, se era que isso fosse possível.

— Esse caralho de boceta gostosa me faz ficar tão louco, que eu nem consigo pensar direito. — Suas mãos entraram no meu couro cabeludo, virando meu rosto para ele sem cuidado nenhum. — Você é perfeita, sua cadela!

Assim como entrou, ele saiu de mim de supetão e me virou na cama, como se eu fosse um objeto com o qual ele estava adorando brincar. E porra, como eu estava adorando ser o objeto dele.

Minhas mãos foram presas à cabeceira da cama com as algemas e, após ter feito isso, sua língua acariciou um dos meus mamilos, desviando a minha atenção do seu pau, que já entrava em mim novamente.

Eu não via nada e agora, até mesmo minhas mãos estavam imóveis, o que me causou um certo tipo de frisson. Meu grito foi abafado por sua língua, que me consumiu em um beijo voraz, como seu pau, que me dominava e consumia, tomando tudo o que via pela frente.

A sensação que eu tinha era que aquele cretino estava em todos os lugares e que eu só queria mais e mais.

— Agora pode roçar essa boceta em mim — comandou, fazendo nossas pélvis se chocarem. E eu, que já estava tão sensível, comecei a chorar porque meu corpo inteiro começou a se contorcer de uma forma imensamente dolorosa.

Sebastian metia cada vez mais forte e, quando achei que ele iria parar, como havia feito nas outras vezes, ele não o fez. Pelo contrário, começou a meter mais rápido e bem mais forte, me jogando de um precipício sem nenhuma misericórdia.

Chorei, me contorci e fui levada ao limite, até que senti algo quente escorrer dentro de mim, o que só fez tudo ficar ainda mais intenso.

Porra...

Uau.

Completamente usada.

Ele saiu de mim, mas segurou minhas pernas abertas, me fazendo soltar um grunhido de dor quando tocou minha boceta sensível e pegou tudo o que escorria de mim, empurrando de volta para dentro.

— Quero minha porra dentro de você. É bem aqui que ela pertence.

E eu poderia jurar que era capaz de gozar de novo apenas com a voz dele.

A venda foi tirada e meus braços, liberados, mas eu ainda não conseguia me mover. Tudo tinha sido intenso demais e meu orgasmo me deixou exausta.

— Você está bem, amor? — perguntou, usando aquela palavrinha que, em sua boca, se transformava na melhor coisa que eu já tinha ouvido.

— Perfeita. — Estava flutuando. — Mas minha bunda dói.

— Vamos cuidar disso no banho.

E, assim como em todas as vezes em que nós tínhamos uma sessão, ele cuidou de mim como se eu fosse uma pedra preciosa.

Eu era fodida como uma puta e cuidada como uma princesa.

Era o melhor dos dois mundos.



Foi com a bunda dolorida que eu fiz o terceiro gol seguido na partida de estreia do meu time no campeonato.

Era aquela máxima: na hora em que estava gozando, eu não estava pensando nas consequências que aquilo tudo daria, mas agora, era tudo o que eu conseguia pensar. Ou melhor, sentir.

Puta que pariu, que dor!

Na hora de comemorar o golaço de falta que fiz, corri para a arquibancada e mandei beijinhos para o cara responsável pelas minhas dores que, para o seu desespero, só fez a torcida gritar ainda mais. Era o mínimo que ele merecia depois de quase me deixar sem andar.

Um pouco de vergonha não o mataria. E, pelas suas bochechas rosadas, era exatamente o que ele queria naquele exato momento, morrer de tanta vergonha.

Sofra um pouquinho, mestre...

Não sabia o que doía mais, para ser sincera, se era a boceta ardida ou a bunda lotada de hematomas. E o pior era que ninguém podia ver a minha situação no vestiário porque estava simplesmente inaceitável.

Imagina as fofocas depois?

Capitã do time de futebol feminino tem vergões na bunda depois de começar a namorar o capitão do time de futebol americano.

Não me parecia uma coisa boa.

Voltamos ao jogo focadas, mas tudo estava sob controle. Tinha feito todos os três gols que nos levaram para a nossa primeira vitória e sentia uma paz de espírito, mas precisava confessar que não estava tão confiante quanto gostava de mostrar. As meninas eram boas, mas não eram ótimas. Era um risco entrarmos em campo e tudo dar errado. Contudo, não tinha dado. O jogo desandou da maneira mais morna e fácil possível.

Sem emoção, sem contra-ataques, apenas um joguinho ridículo pelo qual tivemos que passar para chegar à tão sonhada final. Mas, de uma coisa serviu: eu consegui ver que as minhas meninas estavam bem treinadas e, com a minha velocidade no ataque, o grupo inteiro parecia estar animado e empenhado, coisas que elas não eram antes.

A chance de sermos campeãs era bem pequena, quase uma utopia, porém a parte mais legal do futebol era saber que não vivemos de números nem de porcentagem, tudo era uma questão de estar bem quando precisávamos e nos empenhar jogo a jogo para fazermos nosso melhor.

Não tinha dúvidas de que havíamos dado o nosso melhor naquele dia.

— Acho que esse foi o jogo mais emocionante que eu já joguei na vida! — Layla praticamente berrou no meu ouvido, mas sustentei um sorriso acolhedor.

— Falei para você que tínhamos potencial. Confie em mim, eu nunca erro.

— Somos boas, mas nossa, com você, nosso ataque está de outro nível. Nunca sonhei que seríamos possíveis campeãs, mas acho que realmente temos chances.

Seu braço passou pelos meus ombros, e saímos caminhando juntas.

Eu não era amiga de nenhuma das minhas colegas de time, mas não seria por isso que eu esnobaria ou trataria alguma delas mal, eu apenas não me abria ou falava sobre minha vida pessoal.

Tudo era sobre o futebol e para o futebol.

Nunca fui uma pessoa muito aberta e, depois que tudo aconteceu na minha vida, acabei escolhendo a dedo quem entrava na minha vida. Menos Isabella Azzaro, essa acabou entrando sem ser convidada mesmo e, por ali ficou. Não que eu estivesse reclamando, ela era a melhor amiga que alguém poderia querer.

Inclusive, quando estava saindo do campo, mandei um tchauzinho para a doidinha que estava segurando um cartaz que dizia: *Minha melhor amiga é a melhor.* Era legal ver todos ali, desde o meu namorado e melhor amiga, até os pais do Matteo. Fazia anos que eu não tinha uma plateia tão grande gritando por mim, ficando feliz por mim.

Sorri.

Estou segura, papai e mamãe. Podem ficar em paz.

E, pela primeira vez, quando eu olhei para o céu e conversei com eles, não senti vontade de morrer... Eu senti vontade de viver.



PRINCESA

Sebastian Sinclair

Quando perguntei à minha filha o que ela queria fazer no seu aniversário, pensei que ela responderia algo relacionado a uma grande festa, princesas e todo esse tipo de coisa, mas a única coisa que Aimée pediu foi que a levasse para comer hambúrguer da América — palavras dela, não minhas —, porque ela sempre viu em filmes e queria saber como era.

Foi ali que eu percebi que queria dar a ela uma festa, que talvez, aquele fosse um sonho meu, e não dela. Então, depois do aval da minha pequena majestade, resolvi falar com a maior entendedora de contos de fadas que eu conhecia para finalmente organizarmos uma festa para a minha criança.

Zoella parecia mais animada que a minha própria filha por aquela festa e disponibilizou sua casa para que fizéssemos o evento. Sim, evento. Já que aquilo que estava vendo com meus

próprios olhos, não poderia ser chamado de nada menos do que um evento.

A casa da Zoe era imensa, quase do tamanho da minha em Nova Iorque, e logo na entrada, você percebia que algo estrondoso iria acontecer.

No hall de entrada, tínhamos uma decoração inteira de a Bela e a Fera; rosas penduradas no teto que caíam em volta de pequenas luzinhas, além claro, de uma mesa de presentes com louças típicas do filme.

O quintal era enorme, mas chegava a ficar pequeno com a quantidade de brinquedos que Zoella havia colocado ali. Tínhamos até mesmo um carrossel bem ao lado do que parecia ser um castelo de princesas inflável, enorme. Tão enorme que tinha cinco caras tentando ajudar a desenrolá-lo.

— Precisei pedir uma mãozinha para o pessoal do seu time com o pula-pula, porque os meninos estão ocupados demais organizando a mesa do bolo — Zoe me explicou, chegando perto com um sorriso tão orgulhoso no rosto, que chegou a aliviar o meu coração.

Era bom vê-la feliz.

— E, obviamente, os meninos aceitaram. Até porque, quem recusaria algo à mulher do Matteo, não é mesmo?

Ninguém seria louco de fazer aquilo. De todas as mulheres dos meninos, Zoella era a que tinha o namorado mais bravinho e também a que mais participava das coisas do time, logo era a mais conhecida. Não foi a primeira vez que a vi pedindo algo para os garotos, e eles cedendo sem nem mesmo hesitar.

Ok, eu admitia. Eu também nunca hesitava para fazer alguma coisa para ela.

— Em defesa deles, eu pedi de um jeito muito convincente. — Soltou uma risadinha. — Disse que era para a filha do capitão, então não tinha como dizer não.

— Ninguém pirou em saber que eu tenho uma filha?

Convenhamos que era uma notícia e tanto.

— Como disse o Hero, de todo mundo daquele campus, você era o com mais chances de ter um filho espalhado por aí. Já notou a quantidade de mulheres que você ficou ao longo dos anos?

Que filhos da puta. Falavam aquilo, mas esqueciam de olhar para o próprio umbigo.

De santo naquele time, só o Noah, e olhe lá.

— Muito engraçadinho. Mas eu sempre me cuidei muito bem, ok? Só tenho a Aimée mesmo.

— Se eu fosse ela, iria pirar com uma festa desse tamanho. — Os grandes olhos azuis de Zoe chegaram a brilhar. — Nunca imaginei que você seria tão bom pai, mas você é ótimo.

— Estou tentando dar o meu melhor. Ela merece.

Era impressão minha ou o Noah estava saindo de fininho com a Liz? Viu como não tem um santo dentro daquele time? Emma tinha três meses, e aquele idiota já estava todo serelepe com uma garota que, até ontem, era uma adolescente.

E era por causa de coisas como essa, que eu iria ter rugas antes dos quarenta.

Falando nisso, cadê as crianças?

— Onde estão as crianças? — perguntei, olhando de um lado para o outro, tentando achar os miniterroristas que estavam fazendo

nossa casa parecer um lixão.

Sempre disse que quando tivesse meus filhos, eu seria diferente. Teríamos horários rígidos, alimentação regrada e claro, regras sobre brinquedos e esse tipo de coisa. Contudo, tudo isso aí não passava de uma grande bobagem.

Aimée chegava cansada do colégio e a única coisa que eu conseguia mandá-la fazer era tomar um banho e comer uma refeição decente... E só.

Eu reconhecia que era um problema, mas também sabia que era rendido nela. Cedia a qualquer biquinho ou choro magoado.

— Estão na cafeteria com a Grace e o Giovanni. Sabe como eles são, estão amando ter essa quantidade de crianças para cuidar. — Zoella suspirou ao observar Matteo carregando um pedaço enorme de algum brinquedo, que eu não fazia ideia de qual seria. — Imagina ter os bebês daquele homem.

— Nem começa. Você ainda tem mais quatro anos de faculdade de psicologia para fazer — bradei, já sentindo minha testa suar.

Por que ninguém naquela família podia ser bonzinho?

Do jeito que meu carma era ruim, Aimée iria me arrumar um traste e ainda me obrigar a gostar do cara.

Falando em traste...

— Kyle, para de fumar perto da mesa de doces.

Onde estava o Noah para dar um pouco de senso ao amiguinho dele?

Ele gritou um “foi mal” e logo apagou aquela bomba de câncer que insistia em colocar para dentro de si.

Vai ser burro assim lá na casa do caralho!

— Você é muito mandão, não sei como não desconfiei que já era pai — Zoella murmurou com aquele bico que sempre fazia quando era contrariada.

Pois que ficasse com bico, ela nem tinha idade para ter um filho.

Liz também não tinha, mas me escutou? Não escutou. Agora, vivia dormindo mal e tinha até um anel no dedo anelar aos vinte anos.

Sabe que dia eu deixaria minha menininha colocar um anel de noivado aos vinte anos? Nunca! Jamais! Nem por cima do meu cadáver!

— Sem bebês para você até se formar. E eu diria o mesmo à Liz, caso ela já não tivesse um.

— Acho engraçado que para a Isabella, você não fala nada. — Cruzou os braços, fazendo aquela birra que sempre dava certo com o Matteo, mas que comigo não funcionava.

— A Isabella é incorrigível.

— Disse o cara mais correto que nós conhecemos — rebateu, irônica. — A coitada da Jordan tem razão quando diz que para aguentar você, só ela.

— Ela fala mesmo isso? — Achei fofo, precisava confessar.

— Fala. Você gosta mesmo dela, não é, capitão?

— Não, Zozo... Eu amo aquela garota.

Falando nisso, onde será que ela estava?

— Mas, tia Jordan, você não acha que é melhor o vestido da Cinderela? — minha menina perguntou, completamente alheia à minha observação.

— Gatinha, eu acho que todos ficaram lindos em você.

Ah, então, era isso o que ela tinha passado a tarde inteira fazendo? Procurando vestidos de festa para minha filha? Muito, mas muito perfeita.

Jordan sempre amou moda e roupas, e eu via que ela estava amando brincar de fada madrinha com a pequena garota que, com os dias, andava cada vez mais se apaixonando por ela.

Assim como eu, Aimée não era fácil de agradar, mas Jordan era boa com desafios, então, com calma e paciência, ela vinha conquistando a garotinha. Ontem mesmo, ela havia pedido para dormir com a Jordan no quarto.

Não eu ou a Bella ou o Matt... Mas a JJ.

Observando as duas sorrindo enquanto Aimée experimentava as roupas, senti meu coração se apertar como se fosse uma toalha retorcida e a boca amargar ao pensar que aquela era para ser a mãe dos meus filhos. Que ela sempre foi a pessoa perfeita para algo tão grande assim, mas na época, eu era um garoto idiota.

Pensar na mãe da minha estrelinha ainda me causava um certo tipo de ansiedade porque, por mais que antes, ela não quisesse a filha, ficava imaginando se, hoje em dia, ela poderia querer. E, por mais que Jordan e eu nunca falássemos sobre isso, eu sabia que seria algo difícil dentro do nosso relacionamento.

Aimée nunca perguntou da mãe, mas eu sabia que esse momento iria chegar e simplesmente não tinha certeza do que iria

dizer. Há quase uma década, ela desistiu da minha menina, mas não sabia se ainda queria continuar desistindo dela.

Fui tirado dos meus pensamentos quando meu telefone tocou mais uma vez com mais mensagens do meu pai.

Mas, daquela vez, ele me assustou de verdade.

Daquela vez, me deu vontade de chorar.

Hugo Sinclair:

Você a achou, não foi?

Há quanto tempo está me fazendo de bobo, Sebastian? Isso terá consequências.

Sebastian Sinclair:

Qualquer merda que você faça contra ela, e o seu nome estará em todos os jornais do país. Quer ficar conhecido como sequestrador de criancinhas?

Hugo Sinclair:

Você não seria louco.

Sebastian Sinclair:

Por ela, eu faço qualquer coisa, e você sabe disso. Então, leia essa mensagem muito bem antes de fazer qualquer bobagem. Não mexa com a minha filha, muito menos com as pessoas que eu gosto. Tenho provas contra você que podem não apenas te fazer ir para a cadeia, como levar a Sinclair INC à falência. Assim como você, eu também consigo ser cruel.

Hugo Sinclair:

Eu sou seu pai.

Sebastian Sinclair:

Não. Você não é.

E o pior foi escrever a mensagem sabendo que aquilo era verdade. Ele não era mais o meu pai. Assim como o Logan e o Noah, eu não tinha mais uma família e, por mais que me doesse, jamais a teria de volta.

Queria que os meus genitores fossem se foder!

— Papai? — Aimée chamou minha atenção, me fazendo guardar o celular às pressas. — O que acha de eu ir vestida de Tiana?

— Acho que está perfeita, filha.

Ela estava sempre perfeita.

Notando meu olhar meio perdido, Jordan tentou me perguntar silenciosamente o que havia acontecido, mas respondi sem som que não podia falar naquele momento. Achava até que não queria.

Aquele era o primeiro aniversário que eu passaria ao lado da minha filha. Seria, inclusive, a primeira festa de aniversário dela.

Meu pai não iria conseguir estragar aquilo. Eu não iria deixar.



Parado e observando todas aquelas pessoas — a família de Matteo, o pessoal do meu time, meus amigos e, hoje em dia, as pessoas que eu considerava minha família —, tive certeza de que era um cara de sorte.

Eu tinha tudo o que poderia querer bem ao alcance das minhas mãos, já a garota, que estava parada há uns cinco minutos

olhando para as estrelas, não tinha.

Ela estava falando com os pais ou Callum, e fazia isso sempre que estava feliz ou tinha algo para contar. Era bonito ver como ela se conectava com eles em um âmbito muito maior do que eu imaginava que fosse possível.

Ficava pensando se eu tivesse encontrado com Jordan quando ainda achava que minha filha estava morta. Provavelmente, não seríamos saudáveis um para o outro.

Assim como ela, eu não havia lidado com o meu luto muito bem, eu apenas mentia melhor.

Cheguei por trás dela e a puxei para os meus braços, me permitindo olhar também para as estrelas junto a ela.

— O que está contando para eles? — sussurrei em seu ouvido, percebendo como sua pele sempre se arrepiava com um simples ato meu.

— Que eu nunca vi uma criança tão feliz antes... E que entendi como era legal ter um pai que fazia o mundo por você, porque eu tive um também. — Sua voz embargou, mas percebi que ela conseguiu segurar o choro na garganta. — Aimée me perguntou hoje se um dia, ela iria me amar como ama você. Acho que hoje, ela percebeu que a maioria das crianças tem mães, e ela não tem.

Ela tinha uma mãe, porém uma que não a queria.

Nunca quis.

— E o que você respondeu? — perguntei, beijando seu pescoço.

— Que eu não sabia, mas que estava tudo bem se ela não conseguisse. Que eu poderia ser tipo a fada madrinha dela. — Jordan soltou uma risadinha meio engraçada, mas logo prosseguiu.

— Ela disse que tudo bem, que sempre quis ter uma fada madrinha e, logo em seguida, me pediu uma casa da Barbie, porque, já que eu era uma fada madrinha, tinha que dar coisas para ela.

Não consegui conter minha própria risada.

— Ela é muito engraçada.

— Ela é perfeita, Seb. — Jordan respirou fundo e voltou a olhar para o céu. — Precisei vir conversar com a minha mãe, pois nunca soube lidar com uma criança antes. Por mais que sempre quis ter uma para mim, nunca pensei em namorar com um cara que já tivesse filhos.

— E o que ela te disse sobre isso?

Vamos lá, sogra. Seja boazinha.

— Que eu sempre fui a melhor em tudo que me propus ser e que seria também a melhor madrasta para aquela garotinha.

— Você vai ser a melhor madrasta para aquela garotinha.

Até porque, era apenas ela que eu queria.

— Eu sei. Mike disse a mesma coisa. — Sorriu, observando o irmão conversando com Zachary, o irmão de Zoella. — Ele parece feliz, não parece?

— Ele parece apaixonado.

— Ele está lutando contra. Disse para mim hoje enquanto eu via os vestidos, que está indo com calma. Que ele e Zach só foram a quatro encontros e que, ao contrário de mim, ele não quer ser tão intenso.

Qual é, Mike? Não vai colocar coisas na cabecinha paranoica da minha mulher.

— Não somos intensos, somos destinados. É diferente.

— Então, foi o que eu falei para ele. Como ele não consegue ver que Zachary está louco por ele?

Porque teimosia é de família, querida. Você mesma vive desconfiada dos meus sentimentos por você.

— Pai! — Um grito inconfundível me chamou, e eu olhei imediatamente. — Vem brincar? Vem, tia Jordan!

Ela praticamente ordenou. E nós? Bom, nós obedecemos.

Aimée estava com o vestido que havia escolhido e brincava com Thommy — que havia se negado a se vestir de príncipe e optou por ser o dragão da festa — no pula-pula em formato de castelo.

— Filha, para eu entrar aí, vou precisar tirar os sapatos.

Tanta burocracia... Ela poderia me dar esse desconto.

— São só uns tênis, tio Seb! Vem! — Thommy se agitou, colocando a cabeça para fora do brinquedo.

— É, pai. Vem! O Thommy sabe dar um mortal para trás, sabia?

Claro que ele sabia. Aquele menino era encapetado igualzinho à mãe dele.

— Eu também sei — afirmou Jordan, já arrancando os sapatos e entrando naquele brinquedo com uma facilidade que só me arrancou uma risada.

— Você vem, né? — Aimée me perguntou, com aquele biquinho que me fazia derreter todo por ela.

O que eu poderia fazer? Até tentava falar alguns nãos, mas quando via, já estava fazendo o que ela queria.

— Claro, estrelinha. Vou só tirar meus sapatos.

E assim, eu o fiz.

Até porque, o que eu não fazia para ver as minhas garotas felizes?



MELHORES AMIGOS

Jordan Joy Lewis

— Então, quer dizer que seus tempos de amante acabaram e agora, começaram os tempos de covarde? — Isabella, sem papas na língua, perguntou para o coitado do meu irmão que estava tentando fugir do “Assunto Zachary” há pelo menos, uma semana.

— Eu só fui amante uma única vez — Meu irmão rebateu, brincando com a que parecia ser também sua melhor amiga.

Ele sempre amou pegar o que era meu, impressionante.

— Uma única vez e que ficará marcada pelo resto da nossa existência — retrucou, se ajeitando à mesa da cafeteria de sua família enquanto esperava seu café esfriar. — Mas não foge do assunto. Por que está fugindo desse jeito do Zachary?

— Não estou fugindo...

— Não? Vejamos. Você aceitou sair com ele, está dormindo com ele há semanas e, magicamente, decidiu que não queria algo sério no momento, sendo que ter um cara como ele sempre foi tudo

o que pediu ao universo — pontuei, tentando não deixá-lo fugir do óbvio.

Eu boicotava minha felicidade tentando me matar, já meu irmão boicotava a dele tentando acabar com qualquer resquício de felicidade que poderia vir a ter. Hoje em dia, com toda minha dor presente, mas não turvando minha visão, eu via que meu irmão não tinha saído ileso de todo o nosso passado.

Mesmo que ele nunca quisesse ter morrido, também não aceitava de bom grado estar vivendo. Provavelmente, era por isso que tinha aceitado, sem hesitar, parar com toda a vida dele para que eu vivesse a minha.

— Eu não posso me dar ao luxo de ter um cara na minha vida agora. Zachary fala em casar e ter filhos... É lógico que ele fala, já tem um diploma e uma herança milionária. Eu ainda não estou nesse patamar, trabalho em uma cafeteria fazendo doces e, com todo respeito à empresa dos seus pais, Bella, mas esse não é o trabalho dos meus sonhos. Eu quero ser cirurgião, é o que sempre quis ser.

— Não entendi o que isso tem a ver com um relacionamento com o Zach — Bella o confrontou, cerrando os olhos. Ela também estava preocupada com aquele fujão covarde.

— Eu não quero depender dele, não quero conquistar nada por causa de um namorado que, para ser honesto, nem sei o porquê gosta tanto de mim. — Nossa, parecia até que era eu falando aquela frase, mas não era. — Além do mais, meu histórico para relacionamentos é um fracasso total. Não acham justo eu querer tirar um tempo para mim?

— Eu acharia justo se essa não fosse claramente uma tentativa de boicotar sua própria felicidade — contrapus, deixando meu café quente na mesa. — Mike, eu sei o que está sentindo. Nós perdemos muito, nossos pais, nosso dinheiro, o Callum..., mas você não acha que está na hora de lidar com isso? Digo, realmente lidar com isso encarando a verdade. Nosso dinheiro vai voltar. Mas eu jogo futebol feminino e, mesmo que ganhe razoavelmente bem por causa dos patrocínios, ainda assim, tenho um chão até ficar com uma vida estabilizada. E sua faculdade, meu caro, só daqui a dois anos. Você vai ficar esperando esse tempo todo para ser feliz?

O que eu havia entendido naqueles últimos tempos foi que sempre estávamos esperando para sermos felizes. Quando ganharmos dinheiro, quando passarmos no vestibular... Quando... Quando... Quando...

Mas e o agora? Por que não podíamos dar um jeito de sermos felizes agora?

No fim das contas, não foi o que nossa mãe nos ensinou? Que a cada passo da jornada, poderíamos ser felizes e realizados de alguma forma?

Uma vez, quando eu tinha perdido um jogo importante na escola, voltei para casa chorando e angustiada, pois achava que não era boa o suficiente para aquilo e tudo mais, e quando minha mãe chegou em casa do trabalho e me viu, desatou a falar como sempre fazia, propondo-se a ajudar minha cabecinha confusa a se esclarecer.

“*É o processo que faz você ser feliz. Seus treinos, sua alimentação... A vitória tem um gosto bom por, no máximo, cinco minutos, mas a caminhada dura horas, então, em vez de querer*

apenas ganhar, queira fazer o seu dia a dia ser uma eterna vitória. É cruel com você mesma se quer definir seu desempenho apenas por esses míseros segundos de vitória. Você vale mais do que isso."

Meu pai era o cara das vitórias e minha mãe, a mulher das derrotas. Ambos faziam um bom time, e nossa, como eu sentia falta deles... Como eu sentia falta de me lembrar deles, não de uma maneira dolorosa, mas de uma maneira calma. De uma maneira que me fizesse reviver os seus sentimentos.

— Meu Deus, você está falando igualzinho à nossa mãe. — Os olhos dele se encheram de lágrimas não derramadas, me gerando um aperto dolorido na garganta. — Enquanto você falava, lembrei de como ela mandava a gente ser feliz durante o processo, e não apenas na chegada.

— Ela parecia ser uma mulher inteligente — Bella comentou, apertando a minha mão e mostrando que estava ali por mim.

— Ela era a melhor mãe que eu poderia ter... — murmurei para a minha melhor amiga, sentindo algumas lágrimas teimosas caírem pelo meu rosto.

— Como mãe, eu posso dizer que ela estava certa. — Sra. Azzaro parou ao nosso lado e se permitiu alisar um pouco o rosto do meu irmão. — Não adianta nada você ficar esperando conquistar suas coisas para achar um amor.

— Mas. e se ele me magoar? E se ele quebrar o meu coração?

— Isso, ele vai poder fazer com você tendo ou não um diploma na universidade — Sra. Azzaro contrapôs, sentando-se ao lado dele. — Eu entendo suas preocupações. De verdade, eu entendo, mas acho que elas não condizem com a realidade. Você trabalha,

ganha um salário consideravelmente bom, não é rico, mas também não está passando necessidade.

— Mas *ele* é rico! — Mike não pareceu comprar muito nossas explicações.

— E daí? — Isabella indagou com firmeza. — Você deixaria de namorar com alguém que não tivesse tanto dinheiro quanto você quando era rico?

— Claro que não, mas eu me conheço. Sei que não vou ser um idiota escroto se a pessoa não tiver tanto quanto eu.

Ele não confiava no Zach, esse era o problema.

— Você não confia no Zach, essa é a grande questão — Isabella falou, como se lesse meus pensamentos.

— Eu o conheço há o quê? Dois meses? É lógico que não confio nele.

Encolhi-me um pouco, um tanto desconfortável, pois quem era a pessoa naquela mesa que havia se entregado de bandeja em um relacionamento, onde não tinha dinheiro e muito menos uma saúde mental decente?

Euzinha.

— E você não deveria confiar cegamente nele, ninguém confia cegamente em ninguém. Confiança é algo que se conquista dia após dia. Precisamos sempre ser observadores das ações das pessoas, até mesmo daquelas que amamos, já que, no fim das contas, meu caro, a única pessoa que realmente pensa em você é você mesmo — Sra. Azzaro foi a única que conseguiu rebater meu irmão.

Realmente, o quanto a maturidade de uma mãe era necessária não estava escrito.

— O que está tentando me dizer?

— Estou tentando te dizer que o que você quer, simplesmente não existe. Essa coisa do tempo certo, da condição certa... Concordo que seria muito melhor se você já tivesse conquistado suas coisas, mas acho uma tremenda de uma burrice, querer que sua vida esteja perfeita para ter um relacionamento. Sim, você não confia cegamente nele, e acho que nem deveria.

— Mas você não confia no seu marido? — Mike perguntou, meio embasbacado.

— Eu confio no meu marido, mas porque ele não me dá nenhuma preocupação. Giovanni nunca tentou fazer algo contra mim ou contra os meus filhos, suas palavras são iguais às suas ações. Ele é um homem coerente e não é minha cabeça apaixonada que pensa assim, é a racional. Vocês, jovens, acham que encontrar um amor é querer transar o tempo todo ou, sei lá, receber presentes e ter alguém que fala as coisas certas, mas não é apenas sobre isso. Amor é também observar se aquela pessoa é para você, se ela é digna de ter você como parceiro. Amor é também se cuidar, sabe? E isso o que você está fazendo não é se cuidar, é se boicotar. É completamente diferente.

Touché, Sra. Azzaro.

— Ainda não entendo...

Caralho, Michael, até eu entendi!

— O Zachary é esnobe? — Sra. Azzaro questionou, olhando diretamente para o meu irmão. — Ele gosta de te controlar por causa do dinheiro? Já tentou te humilhar porque você ainda não conquistou as coisas que quer?

— O quê? Claro que não! O Zach é ótimo. Inclusive, ele aceita sair para restaurantes mais baratos para que eu possa pagar.

Mamãe ficaria tão puta com ele se escutasse aquilo. Ela nunca gostou que fôssemos pessoas covardes.

— Ele não te dá indício algum que não seja confiável. Mas isso não quer dizer, meu caro, que com o tempo, ele não possa se mostrar o oposto. Um relacionamento é feito de momentos e precisamos lidar com eles quando acontecerem. Por isso, eu digo sempre que não podemos ser cegos diante do óbvio. Eu não aceito mentiras, muito menos manipulações. Achamos que, depois que estamos com alguém, tudo simplesmente vai ficar bem, mas não vai. Relacionamento precisa de cuidados, com você e com o outro. Precisa de diálogo e, para ser honesta, precisa de uma pitada de desconfiança, pois as pessoas mudam. A vida nos muda. Você está certo em não confiar cegamente nele e ver que está em uma posição vulnerável perante a ele, porém não acho que isso seja motivo para você terminar com o Zach. Não acho mesmo.

— Ainda estou chocada que você não confia cegamente no meu pai... — Isabella parecia quase ofendida. — O homem lambe o chão que você pisa, mãe!

— Não sou desconfiada do seu pai até o momento que ele não aja de uma forma que provoque a minha desconfiança. Amar alguém não é a mesma coisa que ser cega, minha filha. Você acha que, se o Logan começasse a sair de casa e voltar às três da manhã, você não iria começar a desconfiar de alguma coisa? — tentou explicar para a filha como se ela tivesse cinco anos. — Dizem que o amor nos deixa cegos, mas isso é coisa de quem não tem amor-próprio. Para quem tem, o amor só nos deixa mais ligados.

Temos que perceber se a pessoa está nos fazendo bem, se está nos tratando bem... Basicamente, se ela está fazendo aquilo que foi acordado previamente. Eu entrei em um relacionamento baseado no diálogo e no respeito. Qualquer coisa fora disso, estou fora, mesmo amando muito o seu pai.

— Então, eu deveria dar uma chance para ele e ver o que isso pode dar? E se ele começar a me machucar e ir embora? — Mike mexeu os dedos de uma maneira ansiosa sobre a mesa, ainda não comprando muito todo aquele discurso.

— Irmão, sendo bem honesta com você. A vida ainda vai te machucar muito. A vida nos machuca e ponto-final. Olha para a senhora Azzaro, ela é casada, tem cinco filhos que idolatra e, no ano passado, viveu um inferno por causa da irmã dela — relembrei de uma das coisas mais desoladoras que Sebastian havia me contado sobre os amigos. Agora, eu olhava para Noah e Liz com outros olhos. O sorriso de ambos valia muito. — Nada é uma constante na vida e nada é uma garantia de para sempre. Nós sabemos disso como ninguém, mas me deixa te perguntar uma coisa, você apagaria todo o tempo que tivemos com aqueles que já foram, apenas para aliviar a tristeza da partida deles?

— Não, lógico que não — respondeu-me rapidamente.

— Foi o que eu aprendi ao longo dos últimos meses, sabe? Temos saudades porque era muito bom, e olha que nem chegava perto de parecer um conto de fadas... Então, por que não criar mais memórias? Saudade não mata, memórias boas não matam, o que nos mata é uma vida cercada de arrependimento e culpa. Isso mata, isso destrói... Você sempre disse para mim que havia vivido o que viveu com o Callum e, por isso, tinha a consciência limpa. Imagine

não ter a consciência limpa na sua história com o Zachary? Irmão, ele não dá indício algum de ser um cara ruim. Nada. Zero. Ele faz tudo por você, e você deveria notar o jeito que ele te olha. Ninguém nunca te olhou assim, nem mesmo o Callum.

Permiti-me pegar na mão de Mike e fazê-lo olhar dentro dos meus olhos.

— Ele é o seu cara. *Eu* sou a desconfiada aqui, e pode deixar que, qualquer coisa errada que ele vier a fazer, estarei atenta. Mas até então, ele está sendo ótimo para você.

— Estou tão orgulhoso de você, irmã. Nem parece a garotinha assustada que eu tive, por tantas vezes, que salvar.

E o mais incrível foi que só quando percebi que eu tinha que salvar a mim mesma, que consegui crescer.

— Nossa, eu estou até sem palavras. Nunca vi você sendo tão positiva. Achei incrível, pode continuar. — Bella me abraçou, também orgulhosa.

— Acho que nos últimos dias, eu entendi melhor tudo isso, sabe? Essa coisa sobre a felicidade estar na caminhada, e não na chegada. Isso vale para as pessoas também. Ninguém é eterno. Não sabemos como ou quando as pessoas se vão, e é por isso que temos que aproveitar o presente, pois é a única coisa que temos. Então, em vez de chorar porque eles se foram, eu preciso curtir quem está aqui. Preciso curtir que *eu* ainda estou aqui. Finais fazem parte do processo e, por mais que doam, por mais que, nossa, às vezes fazem a gente perder os sentidos... Fazem parte da vida. Eu tenho muito medo de perder vocês e tenho muitos receios em relação ao Sebastian, mas para ser honesta, tenho ainda mais medo de ficar no fundo do poço novamente, inconformada com fatos

que simplesmente não irão mudar. Minha vida não é perfeita, nunca vai ser, mas ela também não é feita apenas das derrotas. Você também não deveria se privar de ter um bom relacionamento só porque perdeu demais. Aprenda com seus erros, veja o que pode melhorar e tente novamente. No esporte é assim, por que não seria também na vida?

— Quem diria que você ainda me daria conselhos sobre relacionamentos? — Mike brincou, mas pude ver no brilho dos olhos de todos naquela mesa, que eu finalmente tinha dado a eles certo alívio.

Mesmo que ninguém falasse, sempre existiu uma onda de preocupação em cima de mim, e eles tinham razão. Eu não era confiável e nem tinha atitudes de uma pessoa saudável, então eles precisavam se preocupar muito. Mas, com o tempo e com o tratamento, as coisas realmente estavam melhorando. Eu queria que melhorassem. Não era fácil, ainda tinha dias que era muito difícil. Ainda sentia saudade dos meus pais e do meu melhor amigo, e achava que iria sentir para sempre, mas não deixava mais a saudade me parar.

Não deixava mais que ela me consumisse.

Porque eu queria viver.

Quando sentia que tudo estava ficando demais e que eu iria paralisar pela dor da saudade, olhava para as estrelas e pedia para que tudo parasse.

Que minha dor parasse.

Que minhas lágrimas se secassem.

Que meu coração sobrevivesse.

Precisava continuar sobrevivendo porque, no fundo da minha alma, sabia que aquela dor, um dia iria acabar e eu iria conseguir ser feliz completamente.

Eu merecia, sabe? Ser feliz...

Eu também merecia.

Hoje eu sabia disso perfeitamente.

— Ligue para o Zach, Mike. Me deixa ter orgulho de você também — pedi como a irmãzinha mais nova e mimada que eu era.

E pelo sorriso dele, era o que ele iria fazer logo mais.

Assim que ele parasse de chorar.

Finalmente, vi meu irmão aliviado.

Finalmente, o vi respirar como há anos, ele não respirava.

Eu, genuinamente, não queria mais morrer... E achava que deveria ser por isso que também estava chorando.



VESTIÁRIO

Sebastian Sinclair

Nunca tinha saído de nenhum treinamento mais cedo. Já treinei doente, machucado... Treinei, inclusive, depois de dois dias após ter voltado de Paris com uma namorada em um braço e uma filha, que estava desaparecida, no outro.

Eu era um cara focado e relativamente frio.

Mas, quando ela me olhava, eu mudava completamente.

O que antes era gelo, havia se transformado em um vulcão diante do seu olhar, que me tentava a cada passo que eu dava.

Estava desfocado, eletrizado. E, para ser sincero, estava começando a ficar puto porque ela não podia ter esse tipo de poder sobre mim. Não dava. O que eu iria fazer durante um jogo quando ela me olhasse com desejo, praticamente me pedindo para subjugá-la daquele jeito?

— Preciso ir ao banheiro, treinador.

Precisava dar um jeito naquela mulher e ensiná-la a ter modos.

— Faltam dez minutos para o treino acabar — o treinador me avisou, mas eu já estava ocupado demais dando um comando silencioso para JJ me encontrar na porra do vestiário.

Assim que entrei naquele lugar, a encontrei parada perto da parede com uma cara de quem tinha feito merda e sabia disso, mas que iria gostar de tudo o que eu iria provocar nela.

— Sabe como é difícil treinar com você praticamente me implorando para que eu te coma? — bradei, já tirando minha blusa suada e sentindo cada parte do meu corpo pulsar por ela. — Tire a roupa.

— Mas, Seb... — arfou, olhando para os lados e tentando me dizer que aquele lugar não era propício para as coisas que eu queria fazer com ela.

— É um limite para você? Porque, se for, nós vamos para o meu carro, e eu te como lá mesmo.

Não interessava o lugar, eu só tinha que estar enterrado naquela boceta gostosa logo. Se bem que, naquele dia, eu queria ver aquela boca engolindo meu cacete. Tinha certeza de que seria maravilhoso ver as lágrimas e a saliva dela escorrendo enquanto tentava me levar até a garganta.

— Seu treino está acabando — argumentou, mas já tirando o vestidinho preto que usava junto e os seus *Vans* da mesma tonalidade. — Confio em você, mas não me deixa fazer barulho.

— Não sou louco de dividir seus gemidos com mais ninguém.

Nunca seria capaz de fazer algo como Logan e Isabella fizeram.

Não servia para dividir o que era meu.

Observando aquele monumento de mulher, me questionei o que eu tinha feito para merecer algo tão bom quanto ela na minha vida. Jordan era deslumbrante e a melhor parte de tudo, era que ela era apenas minha.

Eu a puxei pelo punho até o chuveiro mais perto, já com o pau completamente endurecido, e liguei a água antes mesmo que ela falasse alguma coisa.

Não era romântico, era voraz.

Quando tomei seus lábios, senti um alívio momentâneo da queimação que minha pele vinha enfrentando, contudo durou pouco. Logo, minha língua parecia pouco para tomar o que era preciso dela.

Não acreditava que estava prestes a comer aquela pequena provocadora no vestiário do meu time. Ao contrário de Matteo, eu nunca fui muito fã das fodas em público, entretanto, Jordan tinha esse poder sobre mim. Ela me deixava louco, completamente fora das minhas razões.

— Quero que me chupe — ordenei, finalizando nosso beijo e observando cada gota de água que caía em cima da sua pele sedosa e quente, que havia sido colocada no mundo apenas para me atormentar. — Quero que me leve inteiro na boca. Acha que consegue?

Beijei seu pescoço, tomando controle de sua nuca para que ela ainda não se movimentasse.

— Quero ver se sua boca é tão gostosa quanto a sua boceta.

Sem ter que pedir duas vezes, Jordan se ajoelhou no chão, tirando os olhos de mim e os levando para onde ela tanto queria. Segurando meu pau com as mãos, sua língua deu uma bela

lambida da ponta até a base, me provocando e atiçando, como se eu precisasse disso. Não falei nada, deixei que ela conduzisse meu prazer do jeito que sabia.

A língua quente e molhada circulou a cabeça do meu pau, me fazendo segurar suas tranças involuntariamente, tentando de alguma forma, ter algum controle da situação, já que eu parecia completamente fora de mim.

Pouco a pouco, a desgraçada foi me engolindo, sentindo com calma até que ponto conseguia me receber. Foi quase uma tortura porque minha vontade era socar meu pau até sua garganta sem nenhuma pena. Mas não o fiz, me controlei, inspirando o ar abafado do chaveiro com calma e expirando.

Quando chegou ao seu limite, ela voltou com a boca chupando e melando tudo, mas logo em seguida, me engoliu novamente.

Era um trabalho quase meticuloso. Ela ia até o seu máximo para depois, voltar tudo.

— Tenta engolir tudo — pedi com a voz baixinha. — Eu sei que você consegue, querida.

Jordan pareceu assustada com meu pedido, mas assim ela o fez, tentou me chupar mais, engasgando-se no processo, mas não desistindo.

Ainda era calmo e tranquilo.

Eu só estava começando.

No momento em que ela quase chegava na base, sua garganta travava e ela fazia ânsia de vômito, sendo forçada a parar de engolir meu pau.

O boquete dela era sensacional, mas estava claro para mim que ela ainda não sabia fazer uma boa garganta profunda. Bom, eu

não iria me opor a ensiná-la.

— Caso queira que eu pare, dê três tapas na minha perna que eu paro, ok?

— Ok, mestre — sussurrou, já com a boca inchada de tanto chupar.

— Vou te ensinar a me engolir inteiro. Eu sou grande, mas cabe, ok?

Ela acenou com a cabeça, logo abrindo a boca e me dando total liberdade para que eu fizesse o que eu tanto queria.

Tão boa garota...

Segurando seu maxilar, dei uma ordem silenciosa para que ela abrisse ainda mais aquela boca gostosa e comecei a me encaixar ali. Ao sentir sua garganta se fechando, respirei fundo e não saí.

— Respira pelo nariz e relaxa a garganta. — Ela era tão obediente, que seu corpo fez o que eu mandei sem ter que precisar falar suas vezes. — Isso, boa garota.

Ainda de forma lenta, eu saía de sua garganta e voltava, até o máximo que ela conseguia. De forma gradual, fui aumentando o ritmo e me permitindo fodê-la do jeito que tanto queríamos. Quanto mais sua garganta relaxava, mais eu conseguia entrar e quanto mais eu entrava, mais prazer eu sentia.

Meus gemidos ficaram presos dentro da minha garganta, fazendo com que os sons, que saíam de mim, soassem mais animalescos do que gostaria de admitir, mas eu simplesmente não conseguia parar.

Eu só queria mais dela, de nós... Porra, eu queria tudo!

Meus movimentos foram ficando mais rápidos, levando-a ao limite, mas nunca chegando até o fim. Não queria que ela se

machucasse.

Observei a mão dela ir até o meio de suas pernas, tentando aliviar a pulsação que provavelmente sentia bem no seu clitóris, mas Jordan ainda precisava de uma punição severa por me tentar em um ambiente público.

— Não se toque. Não vai gozar com seus dedos. — Ela iria gozar comigo enfiado em sua boceta e apenas assim. — Mãos para trás, querida. Quero você bem quietinha enquanto eu fodo sua boca.

E assim eu fiz, sem misericórdia daquela vez. Enterrei-me em sua boca macia, usando aqueles lábios gostosos como eu tanto sonhava, me permitindo tanto, que lágrimas começaram a cair dos seus olhos e saliva de sua boca.

Ela se doou para mim e, quanto mais eu via que ela estava entregue, mais meu orgasmo vinha de forma violenta. Não me segurei. Acreditava que, nem se eu quisesse, conseguiria. Deixei o orgasmo vir tão arrebatador quanto o amor que eu sentia por ela.

Dos meus pés até o último fio do meu cabelo, fui tomado por uma sensação quase torturante de prazer, expelindo jatos de porra por toda sua boca e até mesmo seus lábios, não saindo dali até que ela tivesse tomado tudo que eu tinha dado a ela.

Com a respiração descompassada, observei com calma aqueles lábios grossos e bonitos sujos com minha porra. Aquele corpo todo necessitado e sensível, louco para que eu o tivesse. E foi o bastante para que meu pau não cedesse, já pronto para mais uma.

Beijei seus lábios, sentindo meu gosto neles e sabendo que, pouco a pouco, eu tomava tudo aquilo que sempre foi meu e que eu

cuidaria com a minha vida a partir daquele momento. Eu tomava tudo o que eu podia, seus gemidos, seu tesão, seu amor.

Nosso beijo não era calmo, chegava a ser violento.

Éramos sempre violentos.

Mordi seus lábios, finalizando o beijo, e a virei de um jeito que ficasse com o rosto nos azulejos e com a bunda empinada para mim.

— Se estivéssemos em casa, eu iria comer o seu cu. Mas não quero que grite aqui, então, apenas por isso, vou ter misericórdia — falei, segurando sua nuca com firmeza enquanto encaixava meu pau em sua boceta. — Não vou tapar sua boca, quero ver você se esforçar para controlar esses gemidos.

Como eu sempre fazia, fui entrando com calma e com cuidado porque ela sempre sentia um pouco de dor para me receber. Mas isso logo passava, dando lugar ao prazer que eu gostaria que ela sentisse.

Minhas estocadas eram curtas, e eu fiquei mais concentrado em seu clitóris por um tempo até sentir que os seus músculos estavam relaxados e completamente abertos para mim.

O jeito que ela mordeu a própria mão foi um sinal de que eu estava no caminho certo. Jordan gostava de intensidade, e não de velocidade, o que eu conseguia lidar muito bem.

Rebolando com o pau inteiro enfiado em sua boceta, fui massageando seu clitóris e depositando vários beijos em suas costas, sentindo seu gosto que tanto me deixava louco e permitindo que ela fosse ao orgasmo sem demorar muito.

Não tínhamos muito tempo, e eu realmente não queria que ninguém entrasse ali com ela gozando comigo. Tinha que ser antes.

Quando senti que meu pau estava cada vez mais lambuzado com seus fluidos, comecei a aumentar um pouco a velocidade dos meus dedos, o que deixou Jordan cada vez mais tensa e agitada.

Eu já a conhecia bem demais para saber que ela estava gozando. E gozando forte.

Voltei atrás na minha decisão de não ajudá-la com seus gritos e tapei sua boca rapidamente enquanto as estocadas ficavam mais fortes.

Vê-la gozando me levou para o meu próprio orgasmo, e mesmo que eu ainda quisesse prolongar, não consegui segurar todo o tsunami que me afogou naquele orgasmo longo e intenso, que parecia ter limpado qualquer pensamento ou preocupação da minha mente.

Não existia mais nada nem ninguém, além de mim e de Jordan dentro daquele cubículo.

Quando tirei meu pau de dentro dela, observei meu esperma escorrer para fora e, daquela vez, deixei com que caísse no chão e lambuzasse suas pernas, marcando-a inteiramente.

Queria fazer como um desafio pessoal gozar em todas as partes daquela garota. Boca, boceta, peitos, pernas, bunda... Eu queria marcar tudo como um lunático obcecado, mas estava tomando cada vez mais consciência de que era isso o que eu era quando se tratava dela.

— Você me deixa louco, porra! — grunhi, recebendo-a em meus braços, completamente exausta por tudo que fizemos.

— Você também me deixa louca. Não estava aguentando mais te observar naquela arquibancada e não te ter dentro de mim.

A minha vontade era de tomá-la novamente, contudo eu sabia que não dava tempo, então apenas mordi seu lábio inferior e deixei com que ela se lavasse.

— Achei bonitinho o esforço para não fazer nenhum barulho, mas deixar o vestido e os tênis jogados na frente do armário do Sebastian, não foi a coisa mais inteligente a se fazer, né? — uma voz zombeteira falou, bem na porta do chuveiro onde estávamos.

— Logan! — JJ ralhou, mortificada, me levando a gargalhar.

Melhor ele do que qualquer um dos outros.

— Vocês têm dois minutos para sair daí! O treino já acabou. E, ah, antes que eu me esqueça, paguei minha dívida com você, Seb.

E assim, eu escutei o loiro sair do banheiro com um assobio tranquilo de quem já tinha participado de orgias demais para se importar com algum casal fazendo sexo perto dele.

— Que dívida que você tinha com ele? — JJ quis saber, com aquele olhar assustado de quem tinha sido pega fazendo algo que não deveria.

— Algo que o envolvia fodendo com Isabella escondido e deixando as roupas no meio da sala do nosso antigo apartamento — expliquei, sem dar maiores detalhes por causa do nosso tempo.

— É... Não posso julgá-la.

— É... não pode.



CARROSSEL

Jordan Joy Lewis

Os dias andavam tão cansativos, que nós mal tínhamos tempo para respirar. Nossa rotina, que antes já era pesada por causa dos treinos, aulas e trabalhos, agora, era ainda mais agitada porque tínhamos uma garotinha de oito anos para dar conta.

Ela não era tão dependente como a filhinha de Liz e Noah, mas ainda era uma criança e precisava de orientação para muitas coisas.

Era interessante como, no passar dos dias, Aimée foi ficando cada vez mais à vontade com todos nós e foi se mostrando mais. Ela não era uma menina que precisava de muito, mas eu já havia notado que amava fazer refeições em família e ficava meio magoada quando o tio Matt não passava em casa para vê-la. Inclusive, Sebastian estava começando a ficar preocupado com o apego da menina ao Matteo, já que era de conhecimento público que o famoso príncipe iria fazer medicina na segunda etapa da sua

formação e, pelos rumores, iria mesmo para Stanford. Ou seja, do outro lado dos Estados Unidos.

Bom, esse era um problema que todos nós teríamos que lidar daqui uns meses, mas não agora.

Nunca imaginei que no auge dos meus vinte e dois anos, eu estaria sabendo tanto sobre desenvolvimento infantil e pensando em um futuro no qual seria madrasta de uma adolescente, mas pensava. Cada vez mais, Aimée ia fazendo parte dos meus pensamentos e projetos de uma maneira que eu não esperava.

Sebastian tinha muitas chances de ser *draftado* pelo Miami Dolphins, time do coração da Zoella e que o deixaria muito próximo de todos que ele mais amava, enquanto eu ainda era uma incógnita e iria para onde me quisessem, mas andava alimentando uma esperança de ser contratada pelo Orlando Pride, um time que ficava ali na Flórida e, ainda por cima, a três horas de distância de Sebastian.

Não seria uma rotina fácil, mas eu sabia, desde o momento em que escolhi ser jogadora de futebol profissional, que não teria uma vida muito confortável em relação às outras pessoas. Sebastian e eu provavelmente viveríamos de uma forma muito diferente de Noah e Liz, ou até mesmo de Logan e Isabella.

Se tudo desse certo, nosso relacionamento seria baseado em uma constante ponte aérea e choques de agenda seriam inevitáveis.

Pensar no futuro sempre deixava com que o medo cutucasse meu coração, tentando me fazer boicotar tudo o que estava construindo. Seria bem difícil, mas era um fato que não seria impossível.

Faríamos ser possível.

— Tia Jordan, você tem que ir naquela montanha-russa com a gente. Sério! Até o meu pai gritou. — Aimée me tirou dos meus pensamentos, correndo até mim, que esperava na saída do brinquedo do parque de diversões da cidade.

Era noite de sexta-feira e, em vez de irmos a alguma festa da faculdade, decidimos que seria melhor passar um tempo com ela, já que durante a semana, as coisas estavam um pouco tumultuadas.

— Seu pai gritou? De medo? Não acredito! — brinquei, fingindo estar desacreditada, o que roubou um sorriso daquele homem bonito.

Ele vestia uma camiseta branca, uma calça preta e estava com aquele ar de homem, que poderia acabar com a minha vida, ao chegar perto da gente.

— Ele gritou, ainda segurou minha mão e disse que tinha medo de altura!

Uma pequena dedo-duro.

E, observando seu rostinho, que tinha o maxilar marcado como o do pai, assim como a boca, percebi que eu andava cultivando um sentimento diferente por ela.

Eu não era mãe da Aimée e, para ser honesta, achava que esse nunca seria o meu papel, mas podia admitir para mim mesma, que amava aquela garotinha e estava feliz em fazer parte da vida dela de alguma forma.

— Ei, eu tenho direito de ter meus medos! — O bundão chegou até a fazer um biquinho ao se defender.

— Heróis não têm medo de nada, papai — argumentou, pedindo colo com os braços. — E você sabe que é o meu herói, né?

Ah, como eu me lembrava de ver meu pai daquele jeito também, como se ele fosse a melhor coisa do mundo. Sempre o achei o homem mais lindo e o mais forte de todos. Meu pai era tudo para mim, e via que Aimée se sentia da mesma forma em relação ao pai dela.

— Eu sou mesmo, um herói que não vai deixar ninguém fazer mal a você — prometeu, ao levar a garotinha, montada em seus ombros, até o próximo brinquedo, segurando-a com uma das mãos e entrelaçando nossos dedos com a outra.

Seb parecia feliz, mesmo que ainda ficasse preocupado com os possíveis próximos passos do pai. Quando ambas estávamos em seus braços, ele não parecia precisar de mais nada.

— Agora vou naquele aviãozinho ali! — Aimée falou, animada.

— Aquele lá, você vai ter que ir sozinha, filha — Sebastian explicou, mas pela feição dela, não estava dando a mínima.

— Tudo bem, vou assim mesmo.

E assim ela foi. Como não tinha muita fila, Aimée logo foi a próxima, e não era que aquele pequeno projeto de princesa encantada não tinha medo mesmo de altura?

— Ela é muito destemida! — Sebastian comentou. — Vai me dar trabalho na adolescência, sinto isso nos meus ossos.

— Ainda faltam alguns anos, capitão, fica tranquilo. Acho que ela vai ser muito melhor do que eu fui.

Ainda me lembrava de como minha mãe ficava puta, já que, com uns quinze anos, eu já me metia em festas que não deveriam ser para mim.

— Espero que ela seja bem melhor do que nós dois — enfatizou, se descuidando completamente do fato de que eu não era

a mãe dela e ela não tinha motivos para me puxar em nada. — Às vezes, eu me pego desejando ter tido um filho com você.

— Eu não conseguiria...

— Ser mãe dela?

— Não... — Respirei fundo, olhando a pequena garota que gargalhava no brinquedo. — Perdê-la. Eu simplesmente não conseguiria passar por uma coisa dessa.

— Fico pensando se a Sabrina gostaria de saber que a filha não morreu, que ainda está aqui. Aimée nunca perguntou sobre ela, mas sei que, uma hora ou outra, ela vai, então preciso começar a refletir sobre isso.

A mãe da Aimée existia e estava por aí, em algum lugar do mundo, vivendo uma vida onde achava que a filha, que havia tido na adolescência, estava morta.

— Acho que você tem que contar. — Ele não pareceu gostar muito da ideia. — Assim que resolver tudo em relação ao seu pai, você tem que contar para ela e deixar que ela decida se quer participar da vida da menina ou não.

— Você se incomodaria com isso? — sondou-me, tentando tirar mais alguma informação de mim.

— Se ela quiser o pai da filha dela, além de querer a própria filha, sim, eu vou me incomodar. Mas caso isso não aconteça, viveremos maravilhosamente bem. Sei bem o meu papel nesta história e estou confortável nele.

— E qual é o seu papel?

— Sou sua, amor. — Beijei seus lábios de forma suave. — Sou sua mulher, madrasta da Aimée, e meu papel é fazer parte da pequena família de vocês e ajudar em qualquer coisa que eu puder.

— Então, finalmente você entendeu o que significa para mim? — insinuou, beijando meu pescoço e, logo em seguida, minha bochecha.

— Sim. Eu sinto que você me ama e isso me basta.

— Eu amo você, querida. Amo tanto que acho que nem sei mais como viveria sem você.

As palavras eram tão fortes que fizeram meu estômago se revirar de um jeito bom.

— Você viveria sem mim, mas a melhor parte é que escolhe todos os dias não viver — suspirei quando suas mãos chegaram até minhas costas, me puxando mais para ele. — E eu amo você, amor. Amo muito você.

— Vocês podem parar de se beijar agora? É meio nojento! — Aimée chegou perto da gente com aquela carinha de nojo, que apenas as crianças conseguiam fazer.

— E você dizendo que a adolescência dela vai demorar, amor — Seb falou, risonho, ao arrumar a franjinha da filha. — O que vamos fazer agora?

— O que você acha de comer um algodão-doce?

Podíamos comer aquela bomba de açúcar? Claro que não.

Comemos do mesmo jeito? Obviamente.



Sebastian Sinclair

Não existia alguém no mundo tão bom em resolver problemas como Giovanni Azzaro. O homem sabia ser frio e sentimental de um jeito quase único, o que fazia com que ele fosse o colo perfeito para que corrêssemos quando alguma coisa dava merda.

Eu mesmo estava atolado em uma merda gigantesca e, em vez do que fiz em um primeiro momento, resolvi que eu precisaria de ajuda para terminar de solucionar tudo.

— Então, ele te mandou essas mensagens e sumiu? — Giovanni me perguntou, sentado em sua velha poltrona que ficava em sua sala de tv.

— Sim, mas sei que ele está fazendo alguma coisa. Porque meu pai é assim, faz as coisas calado, sem alarde.

— Seu pai não está muito doente, Seb?

— Ele está doente há muito tempo, entretanto, confesso que parei de acompanhar sua saúde desde que vim para cá. — Pensando bem, eu estava tão ansioso para sair de Nova Iorque e me afastar de todas aquelas memórias, que nem liguei muito para quão debilitado ele estava. Meu pai sofria de esclerose múltipla há alguns anos, mas a doença sempre foi muito bem controlada por conta dos tratamentos de ponta que fazia. — Meu pai já usava cadeira de rodas e estava bem mais cansado do que antes, mas não acho que ele esteja perto de morrer.

— Acho que você tem que ir vê-lo com os próprios olhos. Algo me diz que ele não está bem e é por isso que está calado.

Tradução: ele tinha ido atrás e já estava sabendo de detalhes sobre o estado de saúde do meu pai.

— Seu pai é um cara orgulhoso e, pelo que eu sei, muito ambicioso, Sebastian. Acha mesmo que, se ele estivesse em condições, teria sido pego tão facilmente? Ele não foi pego por anos. Estamos falando de um homem que falsificou a morte de uma criança.

— Então, sua teoria é que, na verdade, ele não está bem e por isso, ainda não fez nada? — questionei, meio incrédulo.

Meu pai sempre foi um cara esperto e, por essa razão, eu nunca quis bater de frente com os seus planos. Ele era implacável nos negócios e muito frio para tomar decisões. Não tinha dúvidas de que o mesmo cara que havia sido capaz de sumir com a própria neta, também seria capaz de muito mais coisas.

Mas então, por que ele não fazia mais nada?

— Existem momentos que temos que bater de frente com nossos demônios, Sebastian. Você tem que ir lá e ver com seus próprios olhos tudo o que está acontecendo com a sua família. Além disso, não tenha medo dele. Hugo não pode fazer mais nada contra você. Sua fraqueza é a sua filha, e ela está bem e já está sob sua guarda.

Estava ali uma mentira.

Aimée era sim, minha fraqueza, mas não era a única. Se ele fizesse algo com a Jordan, eu iria matá-lo.

Estava cansado de pensar sobre meu pai, de planejar o que iria fazer com ele. Queria respostas, queria mais do que tudo que ele me deixasse em paz.

Já sabia o que eu tinha que fazer.

— Vou pedir para os meninos irem comigo até Nova Iorque porque vou precisar de reforços. Meu pai é o único que sabe entrar na minha cabeça, sempre conseguiu tudo de mim. Não posso mais deixar isso acontecer — murmurei para o patriarca dos Azzaro, tentando me preparar para tudo o que eu viveria a seguir. — Quero que ele pague por tudo o que fez comigo.

— Vai entregá-lo para a justiça?

— Eu não faria isso com a minha filha. Uma denúncia, e ela seria a maior prejudicada. Eu vou querer aquela empresa. Não quiseram tanto que ela fosse minha? Pois então, ela vai ser.



NOVA IORQUE

Sebastian Sinclair

Aqueles garotos eram tudo o que eu havia pedido a Deus nos meus dias mais sombrios. Ainda não sabia o que havia feito para merecê-los, pois eu tinha os meus defeitos e, geralmente, tais defeitos me fizeram ser sozinho por grande parte da minha vida.

A verdade era que pessoas tão fechadas quanto eu normalmente se isolavam para resolver seus problemas e isso só acabava afastando as pessoas. Ellie Hughes foi um exemplo disso, ficamos muito amigos enquanto estávamos tendo um rolinho e continuamos amigos depois que acabou, mas assim que tudo aconteceu na minha vida, simplesmente nos afastamos. Ao contrário dos meninos, ela não teve muita paciência para esperar que eu resolvesse os meus dilemas, e tudo bem, ela não tinha que lidar comigo sendo chato e grosseiro.

Ao contrário de Ellie, os meninos permaneceram. Achava, inclusive, que nunca cogitaram se afastar. Todos eles sabiam que

era uma fase e que logo tudo se resolveria. Bom, eles não só sabiam disso, como fizeram de tudo para resolver para mim.

— Então, você colocou todos nós dentro deste avião, mas não diz exatamente o que está pensando. — Matteo parecia genuinamente confuso. — Estou ficando cansado de ter que estudar neste cubículo que mal cabe minhas pernas.

Matt seguia firme no seu sonho de se tornar médico, e estávamos muito perto da temida semana de provas, então ele deveria estar na biblioteca, e não aqui comigo.

Mesmo assim, ele estava ali. Nem precisei pedir duas vezes.

— Meu pai já sabe que a Aimée está comigo, e quero descobrir o que ele está aprontando. Anda muito quieto... Um Hugo quieto é um Hugo fazendo alguma merda muito grande.

Se ele fizesse alguma coisa contra minha filha, juro por Deus, achava que eu era capaz de fazer atrocidades.

O que Hugo não percebia era que éramos feitos do mesmo material, apenas amávamos coisas — e pessoas — diferentes.

A prioridade dele era a empresa, já a minha, era as minhas garotas e os meus amigos. Se ele era capaz de qualquer coisa por aquela merda de patrimônio, deveria suspeitar que eu era capaz de qualquer coisa para manter os meus são e salvos das garras dele.

— Você acha que a doença dele progrediu? — Logan me questionou, tentando tirar de mim qualquer informação que eu pudesse estar escondendo.

— Provavelmente, mas meu pai nunca precisou ser saudável para fazer alguma coisa. Além do mais, ele é assistido pelos melhores médicos e tem mais alguns anos de vida.

Meu pai não estava tão mal, ele apenas queria que pensássemos que estivesse mal.

Eu o conhecia bem demais, mas ele ainda não sabia disso.

Minha conversa com Giovanni me abriu os olhos para muitas coisas e, como eu ainda era responsável por alguns assuntos do time Sinclair na Golden Rush, tinha ido atrás de algumas informações sobre o nosso ilustre presidente. E, aparentemente, ele ainda trabalhava de segunda à sexta, das oito até à meia-noite, assim como sempre tinha feito, e comparecia a todas as suas reuniões.

Ele não estava morrendo, ele estava tramando. Eu sabia. Tinha certeza.

— Você está muito quieto, Sebastian. Que porra está pensando? — Logan me pressionou, agora mais nervoso do que antes.

— Confiem em mim, eu só preciso que vocês não me deixem ser bonzinho com ele, nem cair na rede de controle que ele sempre exerceu sobre mim.

— É muito estranho ver que alguém no mundo te controla — Noah comentou, cutucando aquela calça de linho que, até então, não saía mais do corpo dele.

Noah era um cara metódico e quando gostava de alguma coisa ou de alguém, seguia com aquilo sem querer outra coisa além. Isso valia para calças, amigos e também mulheres.

— Quem você acha que me ensinou a controlar tudo na vida?

Como dizia meu pai: "*se quiser que algo seja feito do seu jeito, as coisas precisam ser ordenadas por você.*"

Bom, era exatamente isso o que eu estava fazendo.

As coisas iriam sair do meu jeito. Não tinha outra opção.



Querido Sebastian,

Olhando para o meu escritório, fico me lembrando de quantas coisas vivenciei estando aqui. A ligação de sua mãe contando que estava grávida ou até mesmo quando minha secretária me avisou que ela estava entrando na maternidade e que eu deveria ir até lá. Eu não fui. Tinha uma reunião com os novos acionistas e fiz sua mãe passar por um trabalho de parto complicado sozinha.

Me deixe te dizer uma coisa: assim como você, eu fui criado para me sentar nessa cadeira, mas ao contrário de você, eu me apaixonei pela ideia de ser o CEO da Sinclair. Meu pai nem teve que me convencer. Desde os quatorze anos, eu ando por esses corredores, sonhando em transformar o nosso nome em um império, e eu o fiz. Hoje nossa empresa é uma das maiores do mundo e nos faz ser uma das famílias mais poderosas do planeta Terra.

É um bom feito. Estou satisfeito com ele.

Isso não quer dizer que eu não tenha cometido meus erros. Acho que o primeiro deles foi ter me casado com uma mulher que eu não amava, mas sim uma que era certa para mim. Sua mãe era filha de um diretor prestigiado da empresa, e sempre pareceu certo, mas não era.

Eu não a amava como ela me amava. Na verdade, eu amava outra pessoa. Uma mulher que foi minha paixão por anos e a qual eu nunca ousei escolher porque seus avós jamais iriam aceitar.

Nossa governanta, a mulher que aceitou fazer loucuras por mim, era também minha maior loucura.

Como eu a amei. Era um amor que eu nunca vivi com mais ninguém, nem mesmo com você. E, mesmo assim, eu quebrei o coração dela em milhares de pedaços, colocando-a para viver uma vida onde era telespectadora da minha, apenas porque eu não sabia deixá-la ir.

As coisas sempre foram do meu jeito, e até mesmo minha morte será assim.

Eu sei que perdi. Seus amigos conseguiram fazer algo que eu jamais achei que iriam fazer: descer até o meu nível. Não posso dizer que você não tem bons amigos. Nos meus cinquenta e quatro anos, nunca vi amigos tão leais quanto os seus.

Passei dias pensando no que eu poderia fazer para ter o que queria. Foram dias tentando acertar um plano para você sucumbir aos meus caprichos, mas ontem à noite, quando recebi uma foto do meu investigador, eu percebi que não queria mais fazer isso.

Minha neta tem um bom pai, e o jeito que você olha para a sua maior loucura, me lembra a mim com a sua idade, completamente apaixonado por uma mulher que nunca seria minha. Isso me gerou um misto de sentimentos que

agora, enquanto eu escrevo esta carta, consigo ver que é o gosto da perda.

Com você adolescente e sendo um pai irresponsável que mal conseguia limpar uma fralda, era fácil me convencer de que eu estava fazendo o melhor. Ela seria criada por uma mulher íntegra e muito melhor, e ainda, de quebra, viveria longe da elite novaiorquina que você tanto odiava. Era fácil aliviar minha consciência, mesmo que tudo não passasse de mentiras bobas que eu contava a mim e à sua mãe, para que conseguíssemos dormir melhor.

Não que tivesse adiantado. Ninguém dorme bem sabendo que o filho está chorando desolado no quarto ao lado porque fez uma coisa horrível, mas assim como eu, você não poderia viver seu grande amor por causa da empresa e dos seus pais.

Sempre foi o que eu pensei. Até ver aquela foto, até finalmente realizar que você estava conseguindo o que eu nunca consegui, até entender que genuinamente perdi... Não quero mais ganhar nada de você, quero apenas que fique em paz.

Então, estou te deixando em paz.

No momento em que você ler esta carta, provavelmente estará com a cabeça cheia demais para pensar racionalmente em qualquer coisa, mas não se deixe levar pelas emoções. Não fui um bom pai, mas sei que te ensinei muito por todos esses anos. Seja frio. Não chore por mim, mesmo que sinta culpa. Não estou me matando por sua causa, estou me matando porque minha vida não tem mais

sentido. O amor da minha vida já se foi, o futuro dessa empresa também... E além de tudo, eu tenho uma doença que com os anos, só vai me deixar cada vez pior. Não tem mais nada que me prenda aqui.

No meu testamento, verá que eu deixei com sua mãe todos os nossos bens materiais e, com você, a nossa empresa. Faça o que quiser com ela. Ao contrário de mim, você viverá todas as paixões que cruzaram o seu destino e, graças a Deus, eu não estarei aqui para ver.

Veja a minha morte como um presente. Finalmente, você poderá dormir sabendo que mais ninguém te quer mal.

Se vale de alguma coisa algum conselho meu, não deixe aquela garota ir embora. Nem que pareça errado, nem mesmo se ela não for quem você idealizou em um primeiro momento. Nunca amamos alguém como amamos a nossa primeira mulher.

Seu coração sempre baterá por ela. Sempre.

E, ah, antes que eu me esqueça, estou te deixando ter tudo. Depois de vinte e dois anos, finalmente você terá tudo. O futebol, a sua filhinha e esta empresa.

Seja feliz, Sebastian.

Seja tudo o que eu não fui.

Se cuide,

Hugo Sinclair.

Eu relia aquela carta como se, dali, fosse sair uma explicação plausível para tudo que encontrei quando entrei na sede da Sinclair Inc. Pelos olhares de todos, eu já sabia que algo estava errado.

Ninguém olhava para o herdeiro de um império com pena, muito pelo contrário, eu sempre fui olhado com respeito ou inveja.

Não precisei de muito para entender o que estava acontecendo.

Ele tinha morrido.

Achava que nunca tinha entrado naquele escritório com tanta raiva na minha vida, mas foi só me deparar com aquela merda de envelope, que toda a raiva desapareceu, e eu só fui capaz de ficar desolado.

Mesmo ele me mandando não chorar, não consegui me conter. As lágrimas caíam dos meus olhos sem nenhum controle. Eu nem mesmo gostava dele, mas estava me sentindo extremamente chocado diante de tudo que estava acontecendo.

Ele havia se matado.

Simples assim.

— Sebastian? — Logan ainda me chamava, entretanto, minha cabeça estava tão longe, que eu não conseguia me concentrar.

Ele havia desistido, porra!

Não acreditava que ele tinha feito isso comigo. Não acreditava que ele tinha feito isso com a minha mãe.

— Preciso ir ver a minha mãe.

O coração dele podia não ter batido por ela, mas o dela sempre bateu por ele. Foi por isso que minha mãe fazia tudo que ele queria e como queria.

Então, eu entendi... Ela só queria ser amada por um homem que apenas a via como uma coisa, um objeto para um fim.

Quando tentei levantar da cadeira, fui puxado para baixo, o que só me emputeceu mais.

— Preciso ver a minha mãe, caralho! — berrei, completamente tomado por uma fúria que há anos não sentia.

A fúria da perda.

Eu odiava aquele homem. Não queria nada com ele.

Mas, ainda assim. Mesmo contra tudo que eu pensei que sentiria quando ele se fosse...

Eu estava sofrendo.

— Sebastian, você precisa se acalmar, porra! — Logan gritou, me pegando pelas bochechas numa tentativa desesperada de me trazer para a realidade.

— Eu... Eu... Vocês... — Eu não conseguia falar. Foi como se todas as palavras tivessem sumido da minha boca.

Eu tinha visto Logan sofrer quando o Callum se matou, convivi com a minha própria cabeça enquanto realizava que minha filha estava morta. Porra, eu já tinha perdido gente na minha vida.

Por que estava daquela maneira? Por que todos os meus órgãos pareciam estar se retorcendo enquanto minha cabeça tentava compreender o que realmente havia acontecido?

Ele morreu.

Ele morreu e não se despediu.

Ele morreu e não se desculpou.

Ele morreu... e me deixou com a porra da empresa!

Aquele filho da puta ganhou, no fim das contas, pois algo que eu nunca quis, foi parar nas minhas mãos do mesmo jeito. Mesmo que eu quisesse tomá-la dele, gostaria tanto que ele visse aquela merda virar pó diante dos seus olhos.

Ele não deixou que eu me vingasse dele.

Ele não me deixou em paz, apenas deu paz à própria consciência.

Filho de uma puta!

— Estamos aqui, Seb — Noah pegou na minha mão, murmurando baixinho perto de mim. — Está tudo bem, você tem a nós.

— Eu não queria ganhar nada — suspirei, derrotado e tentando controlar uma dor que eu não sabia de onde vinha. — Eu só queria a minha filha... Eu não queria nada disso...

Não queria uma guerra sem fim.

Não queria...

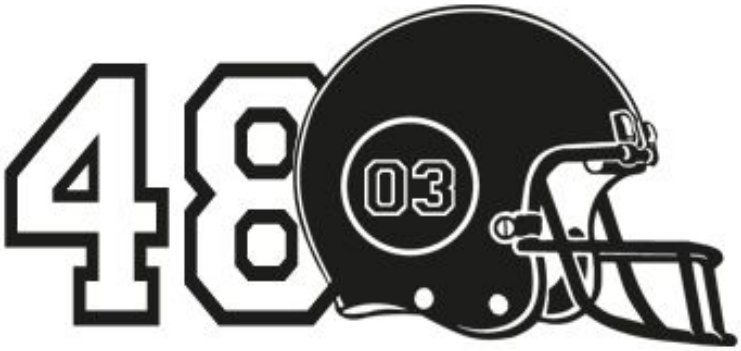
Porra, tudo estava tão confuso!

— Eu quero a Jordan... — pedi, parecendo um garotinho acuado. Perdido. — Traz a Jordan para mim, Logan.

— Vou mandar o avião para ela agora mesmo — avisou, já sacando o celular do bolso.

Ela sabia o que eu sentia.

Ela entendia.



URGÊNCIA

Jordan Joy Lewis

Às vezes, quando estávamos desolados demais, pedíamos coisas para o Universo que nem mesmo nos lembrávamos, mas eu me lembrava exatamente de quando havia pedido por uma amiga, que me amparasse e me desse o sentimento mais reconfortante que poderia sentir.

Queria alguém que limpasse minhas lágrimas no dia do meu casamento, que me desse bons conselhos e não entrasse nas minhas nóias junto a mim, porque Deus sabia como eu podia ser noiada em certos momentos. Sonhava com uma amiga que gostasse de fazer compras como eu e que amasse passar as tardes no shopping. Queria, além de tudo, uma amiga que me entendesse nos momentos tristes e também nos de irritação. Queria poder olhar para a arquibancada dos meus jogos e ver mais pessoas, além do meu irmão. Queria ter amigas que fizessem parte do meu coração de uma maneira genuína e familiar.

Não saberia dizer quando aconteceu, mas em dado momento, percebi que estava cercada por três garotas que me amavam de maneira genuína e que estavam, sem brincadeira nenhuma, em todos os meus jogos e sempre que eu precisava ao meu lado.

Nossas conversas sempre haviam sido rasas até um momento em que não eram mais, e o que antes, era moldado com desconfiança e medo, passou a ser um lugar de apoio e sinceridade.

Eu era mais apegada à Isabella. Tínhamos uma identificação muito maior, mas isso não queria dizer que não era amiga de Zoe e Liz. Hoje eu via que formávamos um conjunto que, de uma forma maluca, se encaixava perfeitamente.

Era como se cada um dos nossos defeitos nos fizessem ser perfeitas umas para as outras.

— Você tem noção do que foi chegar no quarto e ver o Sebastian de cuequinha branca? — Isabella gargalhava, fazendo todas nós gargalharmos junto.— Ele era realmente um puto!

— Um puto que até você usou — comentei, ainda rindo e imaginando a cena do todo poderoso Sebastian Sinclair, usando uma cueca branca e esperando o casal do ano chegar no quarto para fazer um ménage.

— Apenas a Liz pode dormir tranquila sabendo que o homem dela foi apenas dela. — Zoe lançou um olhar cúmplice para melhor amiga, que ficou com as bochechas vermelhinhas de vergonha.

— Eu não tenho problemas com o passado do Logan, até porque, santa eu nunca fui.

Daria o meu rim esquerdo para ter visto Isabella em seus tempos de solteira. Ela, aparentemente, fazia jus ao apelido que

Logan deu para ela.

— Eu era ciumenta quando comecei a namorar o Matteo, mas hoje em dia, passou. Acho que me sinto segura com ele.

Estava ali uma coisa que havia mudado conforme os dias foram passando: meu ciúmes.

Fui notando, pouco a pouco, que eu não precisava me preocupar. Sebastian estava comigo porque queria e reafirmava essa escolha diariamente, pois me amava.

Não era pena, não era remorso, era amor. Um amor que, por muito tempo, eu achei que seria impossível que ele sentisse por mim, mas ele sentia. Dava para ver nos olhos dele que sentia isso no fundo da sua alma.

— Eu não gosto muito de pensar no passado do Sebastian, mas confesso que estou bem mais tranquila em relação a isso. Acho que gosto de saber que, por mais que não tenha sido a única na vida dele, fui a primeira em muitas coisas. Isso me basta.

— Ele não ama ninguém como ama você. — Liz se jogou ao meu lado na cama e me puxou para deitar a cabeça em seu colo. De todas nós, ela sempre foi a mais carinhosa. — Sempre soube que quando Sebastian se apaixonasse, seria épico. E foi. Observar como, aos poucos, ele foi se rendendo a você, me mostrou que é algo verdadeiro e genuíno.

— Amor raramente tem lógica e, se formos parar para analisar, vocês não tinham nenhuma. Mas, no fim, são perfeitos um para o outro. — Zoe se aconchegou no colo da cunhada e, sem cerimônia nenhuma, posicionou a mão de Isabella em seu cabelo, em um pedido silencioso por carinho.

Liz era a mais carinhosa, já Zoe, a mais carente. E era exatamente por isso que elas eram perfeitas uma para a outra.

— Toda a minha relação com o Sebastian foi intensa... Do primeiro momento em que eu o vi até hoje em dia, percebo o quanto caímos de cabeça na nossa relação. Às vezes, tenho medo de tudo estar indo rápido demais, mas acho que as coisas certas para nós são assim. Simples.

— Eu me casei com quatro meses de namoro — Bella comentou, tentando tirar qualquer paranoia da minha cabeça. — Liz engravidou com três meses de relacionamento e Zoella está namorando há quase dois anos, e todo mundo sabe que meu irmão só irá fazer o pedido quando ele se formar na faculdade de medicina. Não existe regra. A vida não tem um jeito certo, ela só acontece.

— E eu gosto de cada uma das nossas histórias de amor. Elas não são muito convencionais, mas, enfim, são bonitas. Tudo aconteceu como tinha que acontecer.

“Amor fati é algo como amor ao destino. Basicamente, é não querer nada de diferente do que se é ou se tem naquele momento. É uma atitude de aceitar seu passado e presente, não de uma maneira rasa, mas sim amando quem se é aqui e agora, e entendendo que tudo o que viveu te ajudou a estar aqui hoje.”

Callum me explicava enquanto estava deitado na minha cama, depois de mais uma das festas que costumávamos ir.

“*Será que ainda vamos experimentar o que é o amor fati, JJ?”*

Acreditava que, se ele não tivesse desistido, teria sentido o gosto do que eu sentia naquele momento. Eu aceitava a minha história. Mais do que isso, eu amava a minha história e me

orgulhava da pessoa a qual eu havia me transformado ao longo da jornada.

Perder-me foi importante. Não ter conseguido desistir, crucial. Eu precisava entender que a vida que tive, havia acabado, mas isso não queria dizer que a minha vida inteira havia tomado o mesmo rumo. Eu era mais do que o meu passado, mais do que as minhas perdas.

Eu era… eu.

A imperfeita e feliz, eu.

— Para onde sua cabeça foi, amiga? — perguntou, se atentando às pequenas lágrimas que se formavam em meus olhos.

— Eu amo a minha história... Gosto de como me apaixonei vendo uma foto dele e passei anos desejando algo que nunca sonhei que poderia ter. Gosto de como transformei meu amor em ódio e como esse ódio me queimou por anos. Gosto da luta que precisei travar para sair do cárcere em que minha própria cabeça me colocava e gosto de tudo isso porque, no fim, gosto muito de mim. Eu sou uma pessoa muito foda. Meus pais estariam orgulhosos pra cacete de tudo o que eu vinha conquistando.

Mesmo eu ainda sentindo muita falta dos meus pais, sabia que não havia nada que eu poderia fazer em relação à morte deles.

Morte era um fato imutável na maioria das histórias. Sebastian vivia um sonho que todo mundo que perdia alguém tinha, mas que, na maioria das vezes, não era possível.

Na minha história, o milagre não estava na volta daqueles que, hoje, moravam nas estrelas, mas em como eu havia conseguido viver, mesmo que eles não estivessem mais ali. Meu milagre era

feito a cada vez que eu respirava, e não que fazia meu coração parar.

Meu milagre era seguir em frente.

Eu os perdoava por não terem lutado por mim.

Não guardava rancor por meu pai não ter ido ao médico quando ficou doente. Não guardava mágoa por Callum não ter suportado os próprios pensamentos e sentimentos.

Eu os perdoava por não terem se salvado como eu me salvei.

Quando consegui perdoá-los, percebi que me perdoava também por tudo o que já havia feito contra mim mesma e agradecia.

Sim, agradecia, pois foi por passar por tudo aquilo que agora, eu era quem era.

E eu amava quem eu era.

— Tenho certeza de que eles estão, amiga — Bella disse de um jeito carinhoso.

— Eles iriam amar vocês, principalmente minha mãe. Ela sempre me dizia que eu tinha que arrumar um grupo de amigas, que era uma das melhores experiências do mundo.

— Ela tinha um grupo de amigas? — A boca de Zoe se abriu em um sorriso bonito, que chegava até os olhos e formava aquelas ruguinhas fofas.

— Tinha! Inclusive, elas se reuniam toda quarta-feira e, quando mamãe se foi, as suas amigas ajudaram a organizar todo o enterro. Minha mãe foi muito amada.

Os dois tinham sido.

— Você também é... — Liz murmurou baixinho, como sempre fazia quando estava falando dos seus próprios sentimentos.

— Eu sou. Acho que isso dá uma puta paz para os meus pais. De onde quer que eles estejam, sabem que eu estou feliz e, hoje em dia, construí uma família por mim mesma. Ela não é perfeita nem convencional, mas é uma família. Vocês nunca me abandonariam e nunca me deixariam ficar sozinha no mundo... Sinto isso nos meus ossos e acho que eles sentem também.

— Eles sentem. Não tenho dúvidas — Bella concordou comigo, tentando esconder as poucas lágrimas que brotavam em seus olhos.

— E pensar que nós já pensamos em desistir dessa vida... — Zoella enrolou uma das minhas tranças no dedinho. E, vendo-a desse jeito, nem parecia que era quase vinte centímetros mais alta do que eu. Era um bebê grande. — Olha que final feliz bonito perderíamos...

É... Quantas coisas perderíamos.

Quantos sorrisos, quantos abraços, quanto amor...

Quando estávamos desolados, tendíamos a achar que iríamos ficar daquele jeito para sempre, mas se tinha uma coisa que o luto havia me ensinado, foi que, assim como a vida não era eterna, o nosso sofrimento também não era.

Fomos retiradas da nossa bolha de felicidade com uma ligação no celular de Isabella.

Pelo rosto dela, eu já sabia... Alguém tinha morrido.



Nova Iorque sempre foi o plano de fundo de uma das minhas melhores memórias, mas também o palco para minhas piores dores. Sebastian sabia como era, tinha vivido as piores coisas que alguém poderia viver ali também.

Por mais que hoje, Aimée estivesse ali, Emma Rose havia sido enterrada naquela cidade. Seb não falava sobre a dor de ter perdido boa parte da infância da filha, mas eu sabia que isso ainda o atormentava. Cada vez que ele percebia não saber algo sobre ela, parecia que seu coração sofria um solavanco, então não me impressionava que Logan tivesse me trazido diretamente do aeroporto para a antiga casa de Sebastian e que ele estivesse há uma hora olhando para o jazigo de alguém que nunca havia morrido.

— Para todos os efeitos, ele matou o meu bebê... — murmurou, não segurando nenhum tipo de emoção. Ele parecia tão confuso com aqueles olhos perdidos e opacos. — Meu pai acabou com a minha vida quando fez aquilo comigo, sabe? Não sou um cara muito desesperado, sei como ninguém, fingir que não sinto nada, mas em síntese, ele acabou comigo quando Emma se foi. Eu não cuidei dela por anos, não fui o pai dela por anos... Eu chorei em cima deste jazigo oco por anos, e ele deixou. Aquele filho da puta me ajudou a escolher as tulipas que, hoje, estão aqui!

O jazigo era bonito, feito em mármore branco e estava entalhado o nome de Emma Rose ao lado de uma foto dela ainda pequenininha.

Realmente, nada do que o pai de Sebastian havia feito foi justo.

— Aquele idiota me culpou pela morte dela! Ele me fez morrer em remorso por anos! E sabe o que é pior? Ele, finalmente, conseguiu me quebrar. — Um soluço exasperado saiu por seus lábios e seu rosto se converteu em uma feição contorcida, de quem estava prestes a chorar tudo o que nunca havia chorado antes. — Eu deveria ter tido o direito de berrar na cara dele que o odiava. Meu pai me devia, pelo menos, o direito de odiá-lo por toda a minha vida, mas agora, ele se foi...

Eu queria os meus pais para amar, já Sebastian queria o dele para odiar.

— Estou com tanta raiva dele. — E, pelo jeito que cerrava os punhos, pressionando os dedos até que ficassem brancos, só mostrava como ele estava pronto para acabar com tudo. — Era o meu direito!

— A primeira coisa que eu pensei quando meu pai morreu foi me questionar quem me levaria ao altar. — Parecia a coisa mais estúpida a se dizer, mas eu sabia o que meu namorado estava passando. Eu o entendia como ninguém. — Um pensamento ridículo, afinal, meu pai tinha acabado de morrer por algo que eu nem mesmo sabia o que era naquele dia.

Seb limpou os olhos com pressa, prestando atenção em mim, instantaneamente.

— Eles sonham muito por nós... Meu pai queria que eu fosse a melhor jogadora do mundo e toda essa coisa, mas olhe em volta... Agora, ele não está aqui para me ver ser a melhor. Eu vou suprir as expectativas dele, porém, ele não supriu a minha. Ele não vai me levar ao altar. Isso dá raiva. Muita raiva.

— Eu só...

— Você só queria ter o poder de machucar o seu pai, assim como ele te machucou. Eu entendo, amor. Eu te entendo de uma maneira quase trágica, mas a verdade é que você vai ter que odiar alguém que já não está mais aqui, assim como eu tenho que amar alguém que também não está.

E de amor e ódio, nós entendíamos como ninguém, não é?

— Pelo que entendi, minha mãe o encontrou sentado na cadeira do escritório dele aqui em casa pela manhã... Ele tomou várias pílulas. — O jeito que ele me olhou, arrepiou meu corpo inteiro de um jeito ruim. — Ele se matou do mesmo jeito que você tentou tantas vezes.

— Eu nunca mais vou fazer aquilo.

Eu não queria mais fazer aquilo.

— É uma promessa?

— É além de uma promessa. É uma certeza, amor — garanti, me permitindo passar a mão em seu rosto e limpar suas lágrimas. — Realmente estou bem.

Não ficaria bem o tempo todo, mas eu sabia que não queria mais morrer.

Eu queria viver.

A morte deles ainda me doía, mas era uma dor quase sagrada. Havia dores que precisávamos que ficassem ali, para que nos lembrássemos dos momentos bons que tínhamos vivido.

Não queria que a saudade passasse, não queria me esquecer deles. Sempre que olhasse para o céu, eles estariam lá e, no momento certo, sabia que iríamos nos encontrar.

— Meu pai me deixou uma carta.

Lógico que tinha deixado. A maioria deles sempre deixava.

— Você já leu? — perguntei, sentindo uma fisgada no meu coração por vê-lo sofrendo tanto.

— "*Veja a minha morte como um presente. Finalmente, você poderá dormir sabendo que mais ninguém te quer mal."* — recitou as palavras que fizeram minha garganta arranhar por estar prendendo o choro tão fortemente. — A redenção dele foi morrer em meu nome. Até mesmo morrendo, esse filho da puta foi capaz de me fazer sentir essa maldita culpa.

— Nada disso foi por sua causa — reafirmei rapidamente, mas vi que ele não acreditava em mim. — Não foi, amor.

— Eu não queria nada disso... Meu plano era simples. Eu pegaria essa empresa a troco de não expor meu pai para a imprensa e venderia parte por parte dela, para que ele sentisse a dor que eu senti quando vi o caixão da minha filha descer nesta vala.

— Ele nunca sentiria a mesma coisa que você, porque um homem como o seu pai, não sente nada. Tudo o que seu pai queria era controlar tudo e todos, como se vivesse em um jogo de xadrez.

— E como alguém que já sabia que iria perder, ele desistiu.

A queda do rei no xadrez sempre vinha ou em um xeque-mate, ou por desistência. Hugo Sinclair caiu porque havia desistido, ele não era um homem que aguentava perder.

— Obrigado por vir, querida — murmurou, me puxando para os seus braços fortes, mas ao contrário do que eu sempre sentia, percebi que, daquela vez, quem estava sustentando o nosso abraço era eu. — Eu te amo.

— Eu também te amo, amor... Você nunca mais estará sozinho.

— Eu sei. — Beijou meus cabelos, meus olhos e, em seguida, minha testa. — Nunca mais estaremos sozinhos porque temos um ao outro, e isso é o suficiente para mim.

E eu acreditei.

Precisava confessar que era um sentimento interessante perceber que, assim como eu precisava dele em momentos de caos, ele também precisava de mim.

Éramos o suficiente um para o outro.

Éramos a família um do outro.



AMANHECER

Sebastian Sinclair

Acordei com o corpo quente de Jordan praticamente inteiro em cima de mim. Ela era do tipo que amava dormir de conchinha, agarrada, e eu amava que ela se sentisse segura para fazer isso comigo todas as noites.

O rosto bonito e angulado agora estava sereno e calmo, mas já fazia algumas semanas que eu notava que Jordan estava mais tranquila. Provavelmente, tanto os remédios quanto a terapia a estavam ajudando muito, além disso, ela estava tendo uma rotina controlada e saudável, o que contribuía ainda mais para o seu tratamento.

Depressão não era uma brincadeira. Agora eu sabia que as palavras de alguém com essa doença eram sempre verdadeiras e que, se Jordan não se cuidasse, poderia mesmo morrer. Não sabia se meu pai tinha depressão como ela ou se tinha outra coisa, mas a grande verdade era que perdê-lo daquela forma me deu pânico.

Eu quase perdi a Jordan... Se não tivesse chegado no momento certo naquele dia, ela poderia não estar mais ali em meus braços e porra, constatar isso chegava a ser doloroso.

Hoje, eu percebia que, talvez, eu sempre tivesse sido apaixonado por ela, mas meu ego nunca tinha me deixado ver as coisas claramente.

Ela roubou uma parte de mim no momento em que colocou seus olhos nos meus e começou a fazer da minha vida um inferno. Éramos jovens demais para entender o que estávamos sentindo e o que deveríamos fazer com aquilo.

Alguns casais eram como Liz e Noah, que começavam permeados por amor desde o início, e outros eram como Jordan e eu, permeados por confusão e ódio. E não me arrependia do nosso passado, mas admitia que teria sido mais fácil viver com ela na minha vida.

Hoje, era mais fácil tê-la comigo.

O jeito que minha mão se encaixava na dela e nossas respirações ficavam no mesmo ritmo, mostrava que éramos perfeitos um para o outro. Como rivais, éramos tóxicos, mas, como um time, éramos incríveis.

Ela sabia jogar comigo e tinha tudo o que queria de mim em todas as vezes, mas era sempre para o nosso bem.

Quando recebi a notícia do meu pai, tudo o que eu queria era ela, seu abraço e seu carinho. Eu precisava dela para chorar e também para clarear a minha cabeça, pois ainda havia muito em jogo. Meu pai tinha ido, mas certos problemas seguiam ali e precisavam ser resolvidos o quanto antes.

Sentindo suas unhas passarem pelo meu peitoral e recebendo beijos em meu pescoço, fui retirado dos meus pensamentos conflitantes, para ser colocado em uma névoa de tesão que sempre me envolvia quando o assunto era aquela mulher.

Eu amava passar meu tempo conversando com ela ou fazendo qualquer outra coisa, mas era quando eu a estava fodendo que me sentia em paz com o resto do mundo.

— Acordou cedo, amor... — balbuciou, mordendo minha orelha de forma leve. Apenas me provocando para obter alguma reação.

Mas, naquela manhã, eu não queria que ela chorasse, queria que ela gritasse.

— Acho que me acostumei a esse horário. — Puxei a minha camiseta que ela usava até seu quadril, sentindo sua pele se arrepiar em antecipação. — Acordou com tesão, princesa?

— Uhum... — confirmou, rendida, já beijando meu pescoço enquanto colocava seus dois joelhos em volta do meu quadril, se abrindo inteiramente para mim.

Segurando sua nuca, puxei seu rosto até o meu e tomei seus lábios em um beijo calmo e apaixonado. Minha língua deslizava pela dela, causando um tipo gostoso de frenesi, que percorria meu corpo inteiro até que chegasse no meu pau.

Naquele momento, eu não era o mestre dela, era apenas o seu namorado.

Naquele momento, eu só queria mostrar para a Jordan como eu a amava usando o meu corpo, para que ela entendesse de uma vez por todas que eu sempre seria dela. Eu podia ser meio lento quando o assunto era sentimentos, mas para mim, era mais do que claro, que ela era o grande amor da minha vida.

Ela era o meu presente e o meu futuro.

Ela era a futura mãe dos meus filhos.

Ela era a minha futura esposa.

Mesmo que ainda não soubesse disso exatamente.

Tocando em seu mamilo e torcendo-o apenas um pouco, puxei seu lábio inferior, encerrando o nosso beijo e pronto para me deparar com aqueles olhos que sempre me cativaram, mesmo quando eu ainda não sabia que os amava.

Descendo minha mão vagarosamente até o meio das suas pernas, senti cada mísero toque de pele reverberar em meu coração teimoso.

Ela me acalmava como ninguém. Jordan me tinha de um jeito que, às vezes, chegava a me assustar, mas eu não conseguia parar.

Não queria que parasse.

— Você está me olhando como se eu fosse seu mundo inteiro, mestre...

Eu sabia. Era do mesmo jeito que ela sempre me olhou e ainda me olhava.

Diziam que os olhos eram a janela da nossa alma, e pelo que eu via refletido nos olhos dela, enxergava que nossas almas queimavam pelo sentimento que morava em nossos peitos.

Éramos muito mais do que parceiros... Éramos destinados.

Tudo o que eu tinha vivido, tudo o que eu era... Tudo foi me construindo para, um dia, ser dela.

E hoje, eu era.

Completamente dela.

— Você é o meu mundo inteiro, querida... E não me chame de mestre. Hoje eu não vou te foder. — Passei meus dedos por sua

boceta, tendo apenas uma calcinha de renda entre minha pele e a dela. — Hoje eu vou fazer amor com você.

— Oh... — Um gemido baixo escapou de seus lábios, e seus olhos queimaram mais, mas o corpo todo relaxou, instantaneamente.

Ela confiava em mim e nas minhas palavras para saber que, naquele momento, teríamos apenas prazer um com o outro, e não punições.

Amo vê-la amarrada em nossa cama e com a bunda surrada. Gostava ainda mais quando tinha que puni-la, mas não era sempre que eu iria gostar de fazer essas coisas. Às vezes, eu só queria me entregar a ela do jeito que ela se entregava a mim.

O poder que Jordan tinha sobre mim era algo louco e quase divino.

Eu me submeti a ela no momento em que meu dedo tirou sua calcinha do caminho, e encontrou sua lubrificação e seu clitóris pulsando.

— Tira a sua blusa, querida. Quero foder você sem nada no caminho — pedi, apenas observando-a enquanto ela tirava a peça, me mostrando os peitos pequenos e redondos que cabiam perfeitamente na minha boca.

Sem esperar nem um segundo a mais, abocanhei um mamilo, pirando em seus gemidos quando circulei minha língua por ele, ao mesmo tempo em que enfiei meu dedo do meio em sua boceta quente e melada, estimulando-a do jeito que ela gostava.

Mordisquei, chupei e mamei até sentir seu corpo amolecer e tremer um pouco em cima de mim. Suguei o outro mamilo, ao mesmo tempo em que meu segundo dedo entrou nela, abrindo um

pouco mais de espaço em sua musculatura fechada, que sempre nos dava trabalho para relaxar.

Ela ainda sentia dores para me receber e já até tinha marcado médico para entender melhor o que acontecia com ela, pois não era normal aquelas dores na penetração, que sentia toda vez que íamos transar.

Com paciência, fui penetrando-a com calma, em ritmos curtos, até que notei sua cabeça indo para trás e um gemido alto soando dos seus lábios enquanto suas paredes apertavam meus dedos.

— Caralho, Sebastian... — gemeu sôfrega, quase como se estivesse implorando. — Entra em mim? Por favor... Preciso de você, amor.

Não esperei nada para tirar meus dedos de dentro dela e abaixar minha cueca, tendo meu pau, que chegava a estar com a cabeça brilhante com todo o pré-sêmen que já escorria de mim, livre para que enfim, eu a comesse.

— Pode sentar, princesa.

Segurei meu pau na posição em que ela precisava, para apenas descer seu corpo e se encaixar perfeitamente em mim.

E foi exatamente o que ela fez.

Com calma, me engolindo centímetro por centímetro, sua boceta foi me cobrindo, me tomando, me aliviando e me torturando ao mesmo tempo. O prazer era tanto, que eu sentia meus olhos se revirarem e minhas coxas se contraírem em uma tentativa quase juvenil para que eu não gozasse tão rápido.

— Caralho, que boceta gostosa! — murmurei, tomando coragem para olhar aquela cena gloriosa que era ela em cima de

mim. Tomando conta de tudo. — Rebola, vai. Me faz gozar desse jeito.

Com a boca semiaberta, Jordan gemia ao passo que rebolava comigo enterrado profundamente nela. O jeito que se mexia era perfeito para que seu clitóris fosse estimulado sem que eu precisasse tocá-la.

Arrebatado pela paixão que nos consumia, tomei sua boca, entrando com minha língua nela e puxando seus braços para trás, apenas para que ela tivesse mais ajuda ao continuar naquele ritmo gostoso de subida e descida, que estava nos deixando completamente loucos.

Fui surpreendido quando meu pau saiu de dentro de sua boceta e Jordan soltou seus braços das minhas mãos, virando-se e me deixando com uma visão torturante de sua bunda enquanto me tomava novamente.

A visão do meu pau entrando nela, ao mesmo tempo em que sua cara de safada me observava sobre o ombro, foi o bastante para que me deixasse completamente fora de mim.

Bati em sua bunda sem muita força, apenas para atiçar ainda mais o seu desejo, e deixei que ela conduzisse o ato como queria. Ela rebolava, gemia, jogava a cabeça para trás, mas eu conhecia bem o corpo da minha mulher. Sabia que ela gostava de ter o clitóris estimulado para gozar.

Notando que meu corpo já estava no limite, me sentei na cama, colando suas costas no meu peito, e toquei seu clitóris em movimentos circulares enquanto ela quicava, tornando nossos gemidos ainda mais altos e estrangulados.

Virei seu rosto para mim, beijando sua boca e sentindo minhas bolas se apertarem, ao anunciarem que eu iria gozar em poucos segundos.

Era o paraíso quando eu sentia sua boceta me apertar no mesmo instante em que eu jorrava minha porra para dentro dela.

— Goza comigo... — pedi, ofegante. — Goza pra mim.

E, assim como se tivesse um botão que a fizesse me obedecer mesmo quando não quisesse isso, ela o fez. Estremeceu em meu colo, deixando que um grito rouco ecoasse em nosso quarto de hotel, me roubando o resquício de autocontrole que eu tinha e provocando um orgasmo potente, que me fez fechar os olhos e apenas sentir a enxurrada de sentimentos e sensações que meu corpo experimentava naquele momento.

— Eu te amo... — sussurrei em seu ouvido, ainda dentro dela. — Eu te amo para sempre. Você é tudo o que eu preciso, JJ.

— Eu te amo... — ela murmurou em resposta, completamente sem forças. — Eu te amo demais.



A casa na qual eu havia crescido era tão grande e suntuosa como se poderia imaginar. Os jardins imensos e bem cuidados só mostravam que quem morava ali tinha muita grana.

Prometi a mim mesmo que só voltaria ali quando tivesse minha filha de volta, mas não imaginei que meu pai não estaria mais ali dentro.

Mas ela ainda estava.

Minha mãe era a senhora bonita e de cabelos negros, perfeitamente pintados, em seu vestido preto, igualmente perfeito, parada ao meio da porta de entrada, me esperando com lágrimas nos olhos.

Lágrimas que eu não seria capaz de secar. E ela sabia disso.

Irina Sinclair conhecia muito bem o filho que havia criado, e mesmo que eu fosse bonzinho com quem eu amava, não conseguia perdoar a traição dela. Nunca conseguiria. Essa seria uma mágoa a qual eu levaria em meu coração até que ele parasse de bater.

Segurando a mão de Jordan, me aproximei da minha mãe. Percebi que ela olhava para mim e para minha namorada com um misto de ansiedade e medo, como se não conseguisse evitar as esperanças que floreavam seu sangue.

Uma pena que elas seriam frustradas naquele dia.

Onde ela estava quando eu chorava até dormir por causa da Aimée?

Onde ela estava quando eu quis morrer por culpa de ter perdido a minha filha?

Onde ela estava quando eu fui embora daquela cidade, apenas para não ter que lidar com os sofrimentos que tinha vivido naquela casa?

Eu me lembrava muito bem de tudo e achava que ela se lembrava também.

— Seb... Meu filho... — balbuciou, abrindo os braços, para os quais eu amava correr quando era criança.

Foi interessante observar que aquela mulher sempre me amou e me quis quando era conveniente. Ela precisava de um filho troféu

para que fosse a mãe perfeita, para que tivesse a família perfeita.

Que se fodessem suas esperanças e expectativas! Eu a queria bem longe de mim e da minha família.

— Vamos entrar — eu apenas disse, seco e sem derrubar uma única lágrima. Não iria me permitir chorar mais por aqueles filhos da puta.

Não tinha vocação para ser o cara que tentava a todo custo ser amado, nunca fui assim.

Quando eu dei as costas para eles, jurei para mim mesmo que, para mim, eles estavam mortos. Eles não tinham mais um filho, tinham um negócio. Era assim que eles me tratavam, então seria assim que seriam tratados.

Fomos levados pela nova governanta até a sala de estar gigante, onde Aimée e eu constávamos brincar. E, quando chegamos ali, percebi que nada havia mudado.

Era a mesma casa, os mesmos problemas, as mesmas imperfeições.

Do lado de fora, pareciamos perfeitos, mas por dentro, éramos tão quebrados quanto qualquer família fodida que tinha pelo mundo.

— Eu o encontrei sentado no escritório... Roxo — murmurou, observando um porta-retrato de nós três em um dos meus primeiros campeonatos de futebol americano. — Ele raramente conseguia dormir uma noite inteira, então não estranhei que não estivesse mais na nossa cama.

— Mãe...

— Ele não me deixou uma carta... — Seus lábios tremeram, e Jordan parecia querer chorar junto com a minha mãe. — Ele não me deixou nada, apenas um inventário multimilionário e uma família

quebrada. — Quando seus olhos azuis, idênticos aos da minha filha, se viraram para mim, notei ali que estava de frente para uma mulher profundamente apaixonada por um homem que nunca a havia correspondido. — Ele foi o meu mundo por anos, Sebastian... Eu dei tudo o que ele quis. Você, minha vida, minhas escolhas... Mas nem mesmo em sua morte, ele se importou comigo.

— Ele nunca te mereceu, mãe — disse com honestidade.

— Ele nunca me mereceu, assim como eu nunca te mereci. Todo aquele show de horrores para quê? Seu pai achou que poderia controlar o seu futuro, mas vejo que não adiantou nada. Seu sofrimento não valeu de nada. — Limpou as lágrimas de um jeito polido, sem estragar sua maquiagem. — E o pior? É que eu deixei. Eu participei de cada etapa da escolha dessa vida que estou vivendo agora.

— Você sempre soube que ela estava viva? — perguntei, apenas querendo ter minha última conversa com ela, já que a resposta, eu já sabia.

— Sempre. Eu também queria que você tivesse aquela empresa. — Um suspiro lamurioso saiu por seus lábios, mas logo ela prosseguiu: — Eu criei você para ser herdeiro da Sinclair. Era o seu destino.

— Pais não podem moldar o destino de seus filhos, mãe. Não é assim que as coisas funcionam — devolvi, calmo.

Era interessante como a morte do meu pai havia me pegado de surpresa. Cheguei a ficar desesperado, mas naquele momento, eu já estava completamente certo do que iria fazer dali para frente.

Minha vida continuaria. Sem eles e sem aquela herança que tanto me fez mal ao longo dos anos.

Eu não me culparia por suas escolhas e nem sofreria por sua falta.

Nada do que aconteceu foi culpa minha e eu entendia isso perfeitamente.

— Você nunca será capaz de me perdoar, não é?

— Você se perdoa, mãe? Se perdoa por ter escutado meu choro enquanto aquele caixão branco e pequeno descia até uma vala e não ter feito nada? Se perdoa por ter entregado minha filha nas mãos da amante do seu marido, apenas para que eu virasse a pessoa que vocês queriam? — Pelo encolher de ombros dela, eu a tinha atingido em cheio. — Você se perdoa?

— Não... Nunca vou ser capaz de me perdoar.

— Você não me merece... Nem ele me merecia. Pais devem proteger e zelar pelos seus filhos, e o que vocês fizeram comigo..., com a neta de vocês, não tem a menor chance de ter perdão.

— Agora a empresa é sua — disse baixinho, ainda chorando e abraçada a si mesma. — Você vai ficar com ela?

— A empresa é realmente importante agora? Não vai perguntar da sua neta? Não vai perguntar de mim? Não vai se ajoelhar neste chão, me pedindo perdão por tudo o que me fez?

Não era possível que ela fosse tão fria assim.

— Nada que eu fizer ou falar irá adiantar, meu filho... Eu fiz. Eu pedi para a amante do seu pai cuidar daquela menina. Eu criei o plano todo — confessou, me roubando o fôlego. — Não sou uma vítima e prefiro que tudo se encerre hoje, para que eu consiga viver livre dessas mentiras, do que continuar embolada em uma história na qual nunca teve a mínima chance de final feliz.

— Você nunca me amou, mãe? — Meu questionamento fez meu estômago se retorcer e a mão pequena de Jordan me apertou, tentando me dar forças para a grande verdade que iria ser jogada na minha cara.

— Amei. Eu ainda te amo. Meu problema sempre foi amar mais o seu pai.

E assim, tudo estava às claras.

Irina amava Hugo, mas esse amava Lilith, que amava Hugo, contudo nunca poderia tê-lo.

E eu? Bom, eu era apenas uma peça de um jogo do qual nunca quis participar.

— Você algum dia me quis?

— Seu pai precisava de um herdeiro...

— Então, você fez um — concluí baixinho, tentando não me abalar por toda aquela merda.

— Mas você sempre foi a minha melhor decisão... Tive muitas erradas pela vida, mas você, meu filho, sempre foi um acerto. — Irina limpou os olhos, ajeitando a postura, e seu sorriso esmagou um pouco o meu coração. — Você merecia mais do que eu te dei, e concordo que nada do que fiz tem perdão. Conheço você, conheço seu coração... No momento em que seu pai contou sobre Aimée, eu sabia que tínhamos te perdido. Na verdade, no momento em que aquela menina foi dada como morta, eu soube que não tinha mais filho.

— Sabe, eu tenho amigos que também têm pais de merda e sempre os julguei por quererem tanto um amor que os fazia tão mal... Mas não sou eles.

Não iria mais me importar com o amor dela, nem com a memória de quando ela beijava meus olhos, dizendo que me amaria para sempre.

— Eu vou sair por aquela porta tendo a ciência de que meus pais nunca me mereceram. Que você e meu pai foram dois filhos da puta egoístas que, a todo momento, só pensaram em si mesmos. — Tudo o que eu falava naquele momento era para o meu pai também escutar. Era o que ele merecia depois de tudo. — A empresa será fundida com a Tremblay, mas antes disso, todas as minhas ações serão divididas em quatro partes. Uma será minha, outra de Matteo Azzaro, outra de Logan Gauthier e outra de Noah Thompson. Porque eles sim, são a minha família e merecem uma parte de tudo o que é meu.

— Você vai vender a nossa empresa?! — Encarou-me boquiaberta, muito mais assustada do que quando eu havia dito que nunca iria perdoá-la.

— Não, mãe. Eu vou doá-la. — Dei a facada final, pois eu sempre soube que não era bonzinho como os meus amigos.

Logan virava uma massa de manobra nas mãos do pai, Noah foi até o inferno e voltou e, ainda assim, foi correndo para Nova Iorque para dizer aos filhos da puta que o criaram, que ele não iria doar o próprio rim ao seu genitor.

Mas eu não era eles.

Eu queria que eles sentissem metade do desespero que eu senti.

Eu queria que eles sentissem como era perder um filho.

Ela havia feito o plano.

Ela me queria como herdeiro.

Pois, então...

— Você não pode!

— Eu posso fazer o que eu quiser. Meu pai deixou a empresa para *mim* — desdenhei. — *Eu* sou o herdeiro.

— Está fazendo isso apenas para nos punir!

— Sou filho de dois narcisistas, mamãe. Acha que eu fui criado para ser bonzinho? — Meu sorriso era tão raivoso, que minhas bochechas chegavam a doer. — Passei cinco anos vivendo um inferno. Você não tem mais marido, não tem mais filho... Adiantou alguma coisa essa paixão desmedida, além de toda a ambição?

Ela não me respondeu.

Não existia resposta para a nossa história.

Não existia final feliz.

Não existia redenção.

— Você perdeu, Irina. — Seu nome em meus lábios fez os olhos dela se fecharem. — Você perdeu tudo. Espero que tenha valido a pena.

Antes de ir embora, olhei em volta, me segurando para não chorar, mas logo me senti pronto para seguir em frente.

Queria ser feliz.

Queria ter minha filha sem medo de que iria perdê-la.

Queria passar meu tempo com a Jordan.

Queria jogar e seguir minha verdadeira vocação.

Queria viver.

Estava pronto para viver.

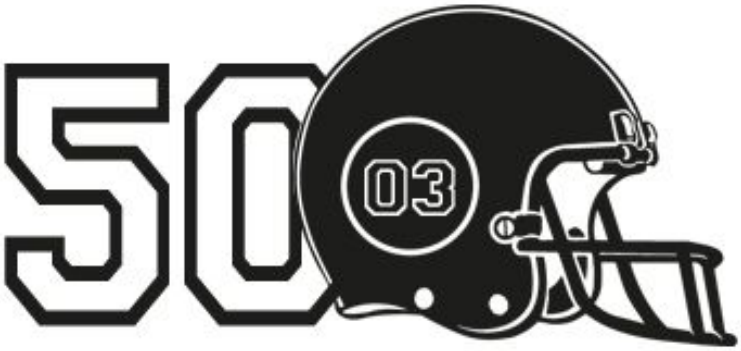
Minha mãe não falou mais nada, assim como Jordan, e eu saí da casa da minha antiga família calado, digerindo tudo o que tinha acabado de viver.

E foi só quando passamos do portão, que Jordan me fez uma única pergunta:

— Como está se sentindo?

— Livre.

Pela primeira vez na vida, eu me sentia livre.



INTEIROS

Matteo Azzaro

Eu iria sentir falta da minha casa quando estivesse em Stanford.

Não teria mais os churrascos do meu pai aos fins de semana, nem o tormento das minhas irmãs nos domingos de filme. Iria sentir falta das brigas pelo banheiro e da casa cheia e barulhenta. Iria sentir falta dos meus amigos e dos nossos momentos juntos. Achava que iria sentir falta até mesmo das festas nas quais eu sempre odiei ir.

Como tinha escutado uma vez na amada série da minha namorada, “o carrossel nunca para de girar e a vida nunca para de acontecer”, então tínhamos que seguir em frente para conquistarmos novas coisas e vivermos novas oportunidades.

Ainda tínhamos um pouco mais de quatro meses até nossa formatura e cabia a nós vivermos nossos últimos momentos juntos em uma mesma cidade e curtirmos a vida de jovens por mais algum tempo.

Tudo bem que os três palhaços que eu chamava de melhores amigos já não viviam como jovens há um tempo, mas ainda assim, tudo seria diferente depois da nossa formatura.

Sebastian e Jordan se tornariam atletas profissionais, Logan e Isabella se mudariam para Nova Iorque para que o loiro assumisse integralmente a empresa gigante de sua família, e Noah e Liz eram os únicos que estavam decididos a permanecer em Crownford até que a pequena Emma já estivesse maior.

Cada um estaria em um canto dos Estados Unidos, mas eu sabia que nossa irmandade seguiria intacta. Éramos família, um tipo de família que nunca se romperia ou se afastaria.

Quando entrei na cozinha da minha casa, tomei um susto ao ver o meu loiro beijando... uma loira?

Mas que porra é essa?!

Perto do final feliz, o Logan viria cagar com tudo?

— Solta essa loira, seu filho da puta!

Parti para cima dele, sem esperar nem um segundo a mais, porém quando ambos se viraram em minha direção gargalhando, quase infartei.

Isabella tinha pintado o cabelo.

— Você achou mesmo que eu iria trair a sua irmã dentro da casa dos pais dela, seu idiota?

Tá, ele tinha um ponto, mas em minha defesa, foi assustador pra caralho.

— E eu lá ia saber que essa menina tinha pintado o cabelo?!

— Gostou? — perguntou, ainda rindo de mim. E olha como ela era ingrata. Eu já estava pronto para brigar pela honra dela, mas

recebi em troca apenas gargalhadas e zoação. — Você é uma figura mesmo, Matt.

— Por que pintou esse cabelo?

Não que tivesse ficado ruim, só que era diferente vê-la daquele jeito.

— Porque o meu filho pediu para ter uma mamãe que parecia com ele. Então, como não posso mudar de rosto, decidi pintar o cabelo — explicou simplesmente.

Nunca imaginei que minha irmã se tornaria tão boa mãe, mas ela era perfeita para a família que estava construindo com o nosso golden.

— Eita, porra! — Sebastian se assustou no mesmo segundo em que entrou na cozinha. — Pintou o cabelo?

— Não, é peruca — Isabella respondeu séria, mas logo Jordan interferiu com uma gargalhada.

— Vocês dois precisam parar de se implicar! — Ela abraçou a amiga e, logo em seguida, abraçou todos nós em cumprimento. — Logan, chamei meu irmão para vir também, mas ele disse que estava com vergonha porque vocês dois nunca conversaram sobre aquele assunto. Sabe como ele é.

— O amante está com vergonha de ter sido amante?

O tempo passava, nós amadurecíamos, mas uma coisa nunca mudava: o Logan sempre seria um cara sem-noção.

— Liga para ele e diz que está tudo bem, pelo amor de Deus! Nem o Zachary o aguenta mais choramingando por esse assunto.

Era bem esquisito conhecer Jordan mais afundo. Eu poderia jurar que aquela mulher era a versão feminina do Sebastian e nada tirava isso da minha cabeça.

— Vou ligar para ele — o loiro pegou o telefone e foi falar com o Mike em nossa sala, logo se retirando. — *Amante, fiquei sabendo que está querendo me evitar apenas porque roubou o meu namorado de adolescência há uns anos e...*

— Ele é muito sem-noção — Seb comentou comigo enquanto observava Isabella e Jordan conversarem animadas sobre o cabelo novo da minha irmã. — Cadê o Noah e a Liz?

— Estavam se arrumando para vir. — Olhei em volta, procurando minha princesa, mas não a encontrei em lugar algum. — Cadê a Aimée? Se você a deixou em casa, pode tratar de ir buscá-la.

— Ela está com os seus pais e o Thommy. Aparentemente, eles foram fazer compras. — Meus pais e a mania deles de raptar as crianças e não as deixarem para mim. Que coisa chata! — Não precisa desse bico, já, já, eles estão chegando.

— Zoella está atrasada porque, aparentemente, a chapinha dela quebrou, e sabe como ela é... Não sai sem se arrumar nem fodendo. Aimée e Thommy não estão aqui, Emma também não... A pergunta que fica é: como não ficar com bico?

— Cara, você tinha que arrumar um filho para você e parar de querer os nossos.

Sebastian Sinclair tinha sido abduzido e trocado por uma versão mais legal, e ninguém me avisou? O que era isso?

— Primeiro, que eu não sou burro de ter filho na faculdade. — Quem ele achava que eu era? Um irresponsável? Eu era um príncipe, e príncipes tendiam a ser perfeitos. — Segundo, que eu não preciso ter filho agora justamente porque tenho os de vocês.

— Quem diria que o nosso emocionadinho, na verdade, seria o último a se casar e ter filhos? — Noah complementou, entrando na nossa cozinha, já segurando algumas coisas para o nosso churrasco.

Meu Deus, às vezes, ele parecia mais filho do meu pai do que eu.

— Para você ver como esse apelido é infundado. Vocês que são emocionados — pensei um pouco antes de falar. — Eu sou perfeito, e vocês sabem disso.

Todos na cozinha começaram a gritar e contrariar, me mandando ir à merda, mas eu apenas ri, observando cada um ali.

Mais um almoço de domingo nos Azzaro.

A final do nosso campeonato seria em uma semana.

Estávamos nervosos.

Estávamos felizes.

Estávamos inteiros.



Zoella Harlow

— Então, quer dizer que o seu irmão e o Mike realmente estão namorando? — Matt me perguntou enquanto fazia carinho nas

minhas costas de forma preguiçosa. Tínhamos acabado de finalizar mais uma temporada de *Grey´s Anatomy* na casa do meu pai.

— Firmes e fortes. Agora eu sou praticamente cunhada da JJ! Não é legal?

Eu realmente estava adorando aquilo.

Todas as nossas famílias eram ligadas de alguma forma, o que significava um Natal imenso e lotado de gente. Um verdadeiro paraíso para mim.

— É ótimo, meu anjo — concordou docemente, e em seguida, beijou meus lábios. — Está animada para a final do nosso campeonato?

— Vocês vão ganhar, não tenho dúvida! O Sebastian está uma máquina.

Eu acompanhei todos os jogos daqueles meninos, e não tinha como eles não vencerem. Simplesmente não tinha.

Eu ainda iria mais longe e afirmaria que, daquela vez, eles ganhariam facilmente.

— Vai ser o meu último jogo — comentou, com um certo pesar. — Não é muito louco que, depois de quatro anos, esse será o meu último jogo?

— É mais louco pensarmos que, nessa mesma época do ano, no ano que vem, estaremos cada um em um canto...

Constatar tal fato ainda doía muito em mim.

Stanford sempre foi um assunto difícil dentro do nosso relacionamento. Claro que eu nunca impediria Matteo de realizar seu maior sonho, mas era difícil ter que viver em um relacionamento a distância por um ano inteiro.

Eu gostava da nossa rotina em Crownford e adorava como o nosso grupo de amigos era unido. Tinha medo daquelas mudanças e no que elas acarretariam.

— Vou sentir falta de vocês enquanto eu estiver lá.

— Vou sentir muita falta de você, Matt...

Iria doer tanto, mas eu tinha certeza de que seria bom a longo prazo.

— Eu não posso prometer que as coisas não mudarão, mas tenha certeza de que meu amor por você nunca irá mudar. Eu te amo infinitamente e passarei por todas as fases ao seu lado. — E eu acreditava nas suas palavras com todo o meu coração. — Você precisa de mais um tempo com a sua família e finalizar sua faculdade. Mas será apenas por um tempo.

— Será estranho estudar em uma universidade na qual você e os meninos não estarão mais — Iria sentir falta de vê-los no time. — Promete que sempre nos reuniremos nas férias de verão para ficarmos juntos?

— Todos nós?

— Sim. Todos nós.

— Anjo, somos uma grande família com vários sobrenomes, vamos nos reunir em todos os feriados e em todas as férias. Vamos criar nossos quatro filhos com os filhos desses sem-noção. Distância para uma família nunca representa nada — afirmou o mimado Matteo Azzaro, aquele que sempre teve tudo o que quis e quando quis.

E a melhor parte de tudo era que eu sabia que seria exatamente daquela forma. Dentro do nosso conto de fadas, as coisas sempre aconteciam da maneira que nós queríamos, então

tinha certeza de que ainda seríamos muito unidos e realmente nos veríamos sempre.

Até porque, Logan Gauthier era dono de uma empresa de aviões — e agora, até mesmo de carros, já que Sebastian Louco Sinclair havia dado uma parte da empresa dele para o melhor amigo e ainda o deixado responsável pela administração dela.

— Você já assinou os papéis que o Sebastian te entregou na semana passada?

— Sim. Aparentemente, agora somos ricos! Todos nós. — Matteo parecia mais aliviado. Sem o problema do dinheiro na jogada, ele poderia se concentrar mais nos estudos e não se desdobrar para fazer tantas atividades extracurriculares para ajudar com seus custos. — Eu não queria, mas sabe como o Sebastian é... Se ele diz que algo será de uma forma, é porque será e pronto.

— Agora você é dono de um quarto da Sinclair? — murmurei em seus lábios, querendo ter mais um pouco dele.

— Agora eu sou dono de um quarto da Kings, uma holding que gere a Sinclair e a Azzaro Company. — Então, eles gerariam as cafeterias e a empresa de carros? Inusitado. — Sebastian e eu só fazemos parte do conselho da empresa, quem vai gerir tudo de fato é o Logan e o Noah.

— Realmente estamos virando adultos, não é?

— Levando em conta que temos amigos que já são até casados e com filhos, acho que sim, meu anjo. Estamos virando adultos — concluiu, beijando a pontinha do meu nariz.

— Estou adorando viver todas as coisas com você, sabia?

Eu ainda o amava do mesmo modo que há dois anos.

O meu coração sempre bateria por Matteo Azzaro.

— Eu te amo, meu anjo.
— Eu também te amo.



AMADA

Aimée Rose Sinclair

Eu sonhei por muito tempo em como seria minha vida com o meu papai. Tia Lilly dizia que ele era um homem bom e que sempre cuidaria de mim, e para a minha surpresa, ela não estava mentindo.

Meu pai sempre conversava comigo quando chegava dos treinos e fazia questão de fazer os meus deveres de casa junto comigo, além de me colocar na cama e sempre contar alguma historinha para eu dormir. Ele era gentil e, com o tempo, estava aprendendo tudo sobre mim. Até mesmo coisas que eu nem sabia que eram importantes, tipo que eu tinha alergia a amendoim e não podia de jeito nenhum nadar sem estar com os cabelos presos porque, senão, tínhamos que passar horas desembaraçando-o, e eu odiava.

Ele me levava para fazer compras e adorava me ver na arquibancada quando estava jogando. Ele também tinha me dado de presente a tia Jordan, que não era minha mãe, mas era como se fosse. Thommy me disse que algumas pessoas tinham mães que

não eram as que haviam nos guardado na barriga por nove meses. Bom, achava que isso era legal, já que a minha mãe de barriga nunca me quis, e por mais que meu pai tivesse me falado que, se eu quisesse, ele poderia tentar entrar em contato com ela, eu não queria.

Meu coração, às vezes, doía quando eu pensava na minha mãe, mas passava quando a tia Jordan fazia meu café da manhã e ajudava a arrumar o meu cabelo. Ela ia em todos os meus treinos de balé com o meu pai e até brigou com a diretora na semana passada, quando eu voltei chorando da escola porque um menino havia dito que eu era mentirosa.

Percebi que o que eu tinha vivido mais parecia um filme do que a vida real de alguém, mas jurava que não era filme. Eu realmente tinha crescido longe do meu pai, na Rússia, e fui resgatada por três príncipes encantados. E morava mesmo em um quartinho e nunca tinha escutado um “eu te amo” até aquele ano.

Essa era a minha vida, mesmo que não parecesse.

Colei a última foto no *scrapbook*, aproveitando para observar todas aquelas histórias que eu acompanhei dos meus quatro príncipes encantados. Tio Matteo foi o primeiro que eu achei no *Instagram* e foi por ele que eu consegui ter mais informações sobre o meu pai.

Tia Lilly, um dia, me mostrou um álbum de família que ela tinha, e foi assim que eu decidi que tinha que ter um para mim também. Que, mesmo que eles não soubessem que eu estava por ali, eu sabia que eles eram a minha família.

Nunca contei para o meu pai, mas antes de dormir, eu sempre dava boa noite para todos eles e pedia a Deus para que eles fossem

me buscar logo. Não queria mais viver longe. Eu os amava, mesmo que não os conhecesse.

— Por que está aqui em cima, estrelinha? — papai me perguntou, sentando-se ao meu lado na minha cama de princesas, que a tia Bella havia me dado na semana passada. — Hm, está fazendo um álbum.

— Lembra que eu te contei sobre isso? — Olhei para o meu pai, que era, de longe, o homem mais lindo do mundo.

Sempre soube que ele era uma pessoa boa, mas ele era muito melhor do que eu imaginava, e tinha certeza de que iria passar o resto da minha vida coladinha nele.

Nele e na tia Jordan.

— Sim, claro que me lembro.

Ele sempre se lembrava do que eu falava.

— Estava faltando o seu final feliz. — Sorri, olhando para a foto dele e da tia Jordan se beijando na final do campeonato de futebol americano, no qual eles foram campeões.

Tá, a parte do beijo foi meio nojenta, mas eles eram fofos juntos, e ela fazia o meu pai feliz, então eu ficava feliz também.

— O meu final feliz? — Papai parecia confuso, mas não tinha problema. Ele, às vezes, era meio lentinho.

— É. Todo mundo teve um final feliz. Tio Matteo achou a tia Zoe, tio Logan e tia Bella construíram uma família, e o tio Noah e a tia Liz também. Você sempre quis ser campeão, não é? Faltava isso para que tudo ficasse completo.

Meu pai sorriu, arrumando minha franja e parecendo um pouquinho emocionado com as minhas palavras, mas agora, quem estava confusa era eu. Por que ele estava chorando?

— Meu final feliz não era o campeonato, filha — contrariou, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Ah, não?

— Não. Meu final feliz era você. — Talvez, agora quem estivesse querendo chorar era eu. Adorava quando ele falava que me amava, era bom saber disso, mesmo que eu não entendesse o porquê. — Você e a tia Jordan são as coisas mais preciosas da minha vida e, mesmo que eu ame muito o futebol, nada é melhor para mim do que vocês duas. Meu dia é melhor porque eu tenho vocês no fim dele, entende?

— Então, quer dizer que, no seu conto de fadas, você tem duas princesas?

Nossa, que sortudo!

— Eu tenho duas princesas lindas e que me fazem muito feliz.

— Ah, agora nós temos uma família também. Inclusive, eu tenho avós, sabia? O Thommy disse que me empresta os dele.

Thommy sempre me emprestava as coisas que eu não tinha, tipo avós, mãe e até mesmo o cachorro. Ele era o meu melhor amigo. Até tinha me feito assinar uma folha dizendo que seríamos melhores amigos para sempre e, que mesmo quando eu encontrasse o meu príncipe encantado e ele, a princesa dele, ainda seríamos melhores amigos. E, por mim, tudo bem. Desde que o meu príncipe encantado fosse loiro, eu estava de acordo.

— Nós temos uma família grande e ela sempre estará aqui para você, mesmo quando nos mudarmos para Miami, depois da formatura do papai, no ano que vem.

Ai, aquele assunto não... Era ruim pensar que eu sentiria saudade do meu tio favorito e não veria o Thommy todos os

dias. Até mesmo a tia Jordan não moraria com a gente durante a semana... Seria um saco.

— Temos mesmo que nos mudar, papai?

— O papai precisa trabalhar. Já conversamos sobre isso.

Ele tinha me explicado como seria o trabalho dele e que a tia Jordan iria nos ver toda semana por um tempo, até que eles conseguissem arrumar dois clubes na mesma cidade. Mas o pior nem era isso, era o tio Matteo que iria se mudar para o outro lado do país e só iria nos visitar aos feriados. Um saco!

— Vou sentir saudade de todos eles... — murmurei, olhando para o lugar da foto que faltava, que eu colocaria quando a tia Jordan conquistasse o seu campeonato.

Faltava pouco, ela teria mais dois jogos apenas e conquistaria o terceiro campeonato nacional para finalmente se tornar profissional. Ela parecia feliz, sabe?

Às vezes, eu observava a tia Jordan tomando alguns remédios, e meu pai a levava para terapia toda semana porque sua cabecinha, em alguns momentos, ficava muito triste com ela — ou, pelo menos, foi isso o que me explicou —, mas ela estava indo bem. Era divertido ver como o meu pai sempre ficava bobão perto dela.

— Está tudo bem, eu vou sentir muita falta deles também, mas a vida, às vezes, funciona desse jeito. De vez em quando, somos obrigados a viver longe de quem amamos para realizar alguns sonhos.

Bom, eu só precisava saber de uma única coisa.

— Você vai ficar feliz em Miami, papai?

— Sim, filha… Eu vou ficar muito feliz jogando futebol, tendo você e a nossa grande família. — Percebi quando ele olhou para o

meu álbum, notando algumas anotações. — E você vai ficar feliz?

— Eu vou matar minha saudade de algum jeito, eu acho. Só não quero sentir saudade de você porque cansei de sentir por todos aqueles anos. — Entreguei o álbum para ele, ficando um pouquinho nervosa, já que o papai tinha mãos grandes, e eu não queria que ele rasgasse nada. — Toma cuidado porque deu muito trabalho para fazer.

Ele sorriu, folheando as páginas e ficando emocionado cada vez que lia algumas das minhas anotações.

— Sua letra é tão bonita. — Não contei que tia Lilly me fazia treinar caligrafia, já tinha percebido que ele ficava triste quando eu contava esse tipo de coisa. — Então, quer dizer que nos via como príncipes encantados.

— Ah, sabe como é... Vocês são tipo isso.

— Não somos perfeitos — suspirou, limpando os olhos. — Mas te amamos muito. Todos nós te amamos muito, filha.

— Eu sei que amam. E sobre ser perfeito, está tudo bem não ser, é mais legal desse jeito.

Gostava da minha vida. Da loucura, da gritaria, até mesmo gostava da saudade que eu iria sentir porque agora, já sabia que tinha como matá-la.

Nunca mais estaria sozinha e achava que aquele era o melhor Natal que eu poderia pedir.

— Feliz Natal, papai.

— Feliz Natal, estrelinha.

— Por que ainda me chama assim? Eu nunca estive nas estrelas, papai.

Ele beijou minha testa, me abraçou e, só então, me respondeu.

— Mas quando pensava que estava nas estrelas, eu conversava com você ao te chamar assim. Me acostumei. E agora é legal, sabe? Tenho uma estrela para chamar de minha.

Bom, acreditava que éramos dois, então.

Minha família era lotada de estrelas e, mesmo que eu não precisasse pedir por mais nada, eu olhei para o céu e fiz o mesmo pedido que o tio Matteo me contou que fazia quando era da minha idade.

Quero um príncipe encantado. Loiro, de olho azul… Ah, se ele for cantor, melhor ainda. Outra coisa, ele não precisa ser perfeito. Já notei que as pessoas mais divertidas não são.

— Fazendo um pedido? — papai perguntou, curioso. — Posso saber qual era?

— Ah... Se realizar, eu te conto.

Mas eu sentia que realizaria.

E, pelo que conhecia do meu pai, ele não iria gostar nadinha disso.



PREPARAÇÃO

Jordan Joy Lewis

QUATRO MESES DEPOIS

Por que toda vez que precisávamos fazer um delineador, ele nunca dava certo?!

Meu Deus, eu estava acostumada com aquilo, não era possível que justo naquele dia, no dia da nossa formatura, o bendito não iria funcionar.

— Então, como foi que meu irmão te pediu em namoro? Aquele menino nunca me conta nada direito. — Zoella estava curiosa enquanto segurava uma taça de champanhe e tinha seu cabelo escovado pela Stella, a irmã mais velha do clã Azzaro.

— Seu irmão gosta de perturbar, isso sim! — Mike riu, mas eu sabia que ele era bonzinho, então logo abriu o bico. — Como você sabe, eu era um cara complicado de se relacionar, tinha um passado difícil e, mesmo que quisesse muito namorar o Zach, tinha medo. Ele era mais velho e vivia a profissão dos meus sonhos,

então foi difícil no começo... Ele me pediu em namoro uma vez, mas eu neguei. Não queria me envolver.

— Ele foi covarde — Isabella sibilou a verdade mais verdadeira de todas.

— Exato... Mas, depois que a Bella me falou que eu estava sendo covarde, entendi que não dava mais para viver de passado. Seu irmão era o meu presente, e eu estava perdidamente apaixonado por ele.

— Então, você se declarou?! — Antonella perguntou, animada.

De todos os Azzaro, ela parecia ser a mais romântica. Fazia sentido, já que era escritora de romances.

— Sim! Eu o convidei para ir até a praia e lá, me declarei e o pedi em namoro. — Os olhos de Mike brilhavam ao falar de Zach. — E bom, aqui estamos hoje.

— Vocês são perfeitos um para o outro! — Zoe disse, feliz e agitada na própria cadeira.

— Você e Mike tem uma história parecida com a minha e do Harry. Ele era viúvo quando me conheceu e tinha uma dificuldade enorme de lidar com o seu passado. — Por incrível que parecesse, Stella se mostrava ser a irmã mais calma de Matteo.

— Eu achava que tinha superado os meus traumas, até encontrar o Zachary e ver que muitas feridas ainda estavam em abertas.

Realmente tinha sido uma luta, mas finalmente, Mike também estava fazendo terapia.

— Harry não tinha apenas traumas, ele ainda estava preso àquele casamento, sabe? Ele amou e foi amado por sua esposa. E

nossa, como foi ruim ficar naquela relação com alguém que parecia não me querer...

Se ter um amor não correspondido já era difícil, imagina ter alguém no meio das suas pernas, te beijando, mas dizendo que não te ama de jeito nenhum?

— Como você casou com ele? — Minha pergunta escapou dos meus lábios sem controle nenhum.

— Porque minha irmã é iludida! — Bella brincou, fazendo Stella olhar feio para ela.

— Na verdade, um belo dia, quando acordei na cama dele e dei de cara com o porta-retrato da falecida na mesa de cabeceira, entendi que meu lugar não era ali. Não tem nada pior para nós, do que nos forçarmos a ficar na vida de pessoas que não nos querem ali. Então, eu fui embora e, bom, terminei com ele, e ficamos separados por meses. Quatro, para ser mais exata.

— Mas ele voltou para buscar a garota dele meses depois. — Antonella parecia animada com aquela parte específica.

— É, ele até voltou, mas tinha quatro irmãos da garota para encarar, além de um futuro sogro e sogra que não gostavam nadinha dele — Donatella inteirou, entrando na sala, onde havíamos montado uma espécie de estúdio para que nos arrumássemos para a formatura.

— Ele ficou uns três meses tentando me reconquistar de todas as formas. Flores, cafés, caronas no trabalho... Até falar com o meu pai na cafeteria, ele falou, mas foi só em uma noite, quando eu saí correndo de um bar depois de quase beijar um cara só para atacá-lo, que finalmente voltamos.

— Calma, essa parte aí eu não sei! — Zoella praticamente gritou, incrédula. — Preciso dos detalhes.

— Eu tinha saído com a minha melhor amiga para um barzinho depois do expediente e claro que encontrei com Harry lá. Eu sentia tanto rancor dele que, quando vi, estava quase beijando um outro cara apenas para machucá-lo. Aquilo doeu em mim, pois eu não queria machucá-lo de verdade, eu o queria. — Stella chegava a suspirar pensando na sua história com o marido.

— Viu como ela é iludida?! — Bella cochichou ao meu lado, onde também fazia sua própria maquiagem.

— Não sou iludida porque, na mesma hora em que eu saí do bar, ele veio atrás de mim, e nós nos beijamos na chuva! — É, até eu cheguei a suspirar. — Foi bem lindo...

— Eu amo essa história! — Liz disse, ao entrar na sala segurando Emma, que agora já se debatia em seu colo.

A garotinha, que antes amava colo, agora gostava de andar e chorar pedindo pelo pai dela.

Aimée era louca pelo Sebastian, mas Emma era obcecada pelo Noah. O coitado nem conseguia comer direito, porque ela sempre o queria.

— Titia! — Escutei um berro que quase fez meu coração parar. — Não quero esse vestido!

Tinha que ser chata para roupa igual a mim?

— Já estou indo! — berrei de volta, largando o delineador na mesa e indo para o quarto de Aimée, subindo os degraus da escada de dois em dois.

Ela era uma boa garota, não dava trabalho na escola e gostava de sempre estar a um passo de tudo e todos. Depois de um

tempo, percebemos que Aimée precisava de acompanhamento psicológico, então a colocamos para fazer terapia e vinha sendo bom. Ela gradativamente estava ficando mais à vontade e nem chorava mais quando errava algum trabalho da escola.

Assim como pai, Aimée era muito perfeccionista.

Quando cheguei ao seu quarto, encontrei a pequena usando o vestido azul que havíamos escolhido tempos atrás, com uma cara emburrada, prestes a chorar.

— Ei, o que aconteceu?

— Não quero esse vestido! — anunciou, brava, começando a derramar algumas lágrimas. — Não estou bonita.

— Mas, querida, você está linda!

— Não estou, não. — Derrubou mais algumas lágrimas, cruzando os braços, e mesmo eu não sabendo o que fazer, senti que ela precisava de um abraço.

— Vem aqui? — Abri meus braços para ela, me oferecendo para confortar sua angústia. Ela sabia que podia confiar em mim.

Sempre poderia.

Aimée suspirou e me abraçou, ainda chorosa. Percebi que ela estava magoada com algo muito maior do que um simples vestido, do qual não gostava, naquele dia.

— Aconteceu alguma coisa? Sabe que pode falar sobre tudo comigo, não sabe? — murmurei contra os seus cabelos.

— Não quero morar longe de você... — Seu choro ficou ainda maior, e aquilo cortou o meu coração. — Você não é minha mãe, e agora vai embora e morar longe de mim e do meu pai.

Na semana passada, eu havia assinado um contrato com o time de Orlando e finalmente dado início à minha carreira

profissional no futebol.

— Olha para mim... — pedi com cuidado para aquela garotinha que tinha entrado na minha vida como um furacão e, em seis meses, mudado absolutamente tudo o que eu conhecia sobre o mundo. — Eu nunca vou me afastar de você, irei te ver todos às segundas e terças. Lembra daquele filme que assistimos no outro fim de semana?

— Lilo e Stitch? — lembrou enquanto limpava suas lágrimas com as mãos.

— Isso! Lembra do lema deles? Ohana quer dizer família...

— E família quer dizer nunca abandonar ou esquecer — completou, após suspirar e engolir em seco.

Eu a amava. De coração.

Aimée tinha uma parte única de mim, mesmo que ainda não entendesse isso direito.

— Somos a família uma da outra. Isso quer dizer que eu amo você e que, sempre que precisar de mim, eu estarei aqui por você e para você. É para sempre, Aimée... Eu prometo.

— Você me ama? — Ela parecia surpresa com a minha declaração.

— Eu te amo muito.

— Tia Jordan... — Abraçou-me de novo, agora de uma forma ainda mais forte. — Eu queria te chamar de mamãe..., eu posso?

Nossa... Ela não fazia ideia de como eu queria aquilo.

— Pode, amor. Você pode me chamar de mamãe porque você é a minha filha.

Em nossos corações, éramos mesmo mãe e filha.

Olha, mãe! Eu me tornei uma mãe... Espero que esteja orgulhosa.

— Eu te amo, mamãe... — Seu abraço ficou ainda mais apertado, como se isso fosse possível. — Eu sempre quis ter uma mãe.

E foi bem ali que eu entendi o que era a felicidade.

Ela não estava em momentos de vitória ou em campeonatos, estava nos braços daquela garotinha, no som que ela fazia quando me chamava de mamãe, na maneira como eu me sentia quando ela estava por perto.

Aimée era a minha felicidade.

Ela era, no fim das contas, a melhor coisa que Sebastian já havia me dado.

Éramos completos com ela.

Éramos... família.



FORMATURA

Jordan Joy Lewis

Era interessante como nosso coração conseguia pulsar, mesmo sentindo saudade. Como nosso pulmão seguia buscando por ar, mesmo que estivéssemos sozinhos. Como nosso estômago pedia por comida, mesmo que não tivéssemos quem fazer para nós.

A vida não parava por que aqueles que amávamos tinham ido.

Os sorrisos não cessavam.

O frio na barriga não morria.

Os desejos não paravam de florescer.

Depois de muitos anos, eu finalmente entendi tudo isso.

Eu continuava, mesmo que eles não tivessem continuado.

Estava ali. Viva, pulsando, amando.

Hey, mãe… Hoje eu me tornei mãe. Aimée é uma linda garotinha de oito anos que tenta ser mais adulta do que dá conta,

mas que no fundo, só quer ser amada. Sabe, eu não sei ser mãe, mas acho que vou tirar de letra. Eu tive você, não tem como eu não ser boa.

— Falando com as estrelas, JJ? — Logan me perguntou, com aquele sorriso bonito que sempre estava estampado em seus lábios hoje em dia, ao se aproximar.

Era bom vê-lo tão feliz... Logan não era só o sobrevivente da sua história, era o protagonista principal que teve um lindo final feliz.

— Com a minha mãe — confessei, deitando minha cabeça em seu *smoking* bonito.

A formatura estava linda, e eles estavam absolutamente divinos em suas becas algumas horas atrás, mas agora, era hora de festejar.

— Ainda sente muita saudade deles, né?

— Todos os dias, todos os momentos... Mas acho que vou sentir para sempre, sabe? Acho que a cada passo que eu der, vou sentir que algo está faltando. Mas tudo bem, quero que continue assim. Se hoje falta, é porque um dia existiu, e eu sou grata por tudo o que eles fizeram por mim.

Logan pegou a minha mão e deu um beijinho nela de forma fraternal.

Ele era sempre tão carinhoso com todos. Logan era um achado para aqueles que o cercavam.

E como eu era grata a ele. Como era feliz por ter tido o seu perdão.

— Achei bonito o jeito como você pensa. Eu também demorei para pensar dessa forma , mas hoje em dia, deixo que a saudade machuque um pouquinho meu peito, mas ao mesmo

tempo, que a felicidade das memórias alimente um pouquinho minha alma. Acho que eu entendi, sabe? Saudade não mata, mas também não morre com o tempo.

— Apenas aprendemos a conviver.

E mesmo que fosse uma merda, era exatamente isso.

Era assim que seguíamos em frente após uma perda. Doloridos, mas vivos.

Era como se fôssemos cristais que, depois de um grande trauma, tínhamos sido estilhaçados após uma queda brutal e dolorosa. Mas, juntando caquinho por caquinho, íamos nos colando novamente. Nunca seríamos iguais a antes, mas isso não queria dizer que não éramos inteiros.

Nós éramos imperfeitamente inteiros.

— Estou muito orgulhoso de você... E mais orgulhoso ainda que esteja deixando seu coração descansar com o Seb. Vocês dois merecem muito esse relacionamento.

— Às vezes, eu pareço estar sonhando. Ele me ama tão bem, que chego a ficar emocionada.

Ser amada por ele me acalmava.

— É bonito como se reconstruíram juntos. No fim das contas, o Callum estava certo. Vocês dois nasceram um para o outro.

— Ele sempre estava certo...

Ambos sorrimos.

— Obrigado, JJ.

— Pelo o quê? — minha pergunta soou de forma genuína.

— Por não ter me deixado uma carta, por não ter virado uma estrela.

Suas palavras criaram lágrimas nos meus olhos.

— O mundo é um lugar ainda melhor comigo aqui — afirmei, fazendo Logan chorar de felicidade ao me abraçar.

Porque o mundo era um lugar melhor com Callum, mas ele não conseguiu ver isso a tempo de permanecer.

Eu não queria mais ir.

Eu queria ficar.

E, mesmo nos dias ruins, eu me agarrava à crença de que, em algum momento, iria conseguir sentir a esperança e a felicidade de estar ali.

Tristeza passava, morte não.

Nossa segunda chance só existia se estivéssemos ali para vivê-la.

E finalmente, eu estava vivendo a minha.



Sebastian Sinclair

No momento em que vi Jordan naquele vestido verde, caminhando ao lado das amigas — que, por sinal, estavam usando vestidos igualmente lindos, das cores que representavam seus contos de fadas —, eu soube que aquele era o dia no qual eu precisava fazer o pedido de casamento a ela.

Estávamos namorando há seis meses, e eu sentia no meu coração que aquele era o momento certo. Havia comprado o anel para ela há algumas semanas, mas esperei... Eu queria que fosse perfeito. Nada de um pedido feito no quarto ou algo brega, como um piquenique na praia.

Éramos nós.

Merecíamos algo tão incrível quanto a nossa história.

Pedi para que os meninos pegassem suas garotas e as levassem para o jardim do grande salão de festas da faculdade, onde acontecia nosso baile de formatura, e eles já estavam lá, todos conversando e esperando secretamente que eu fizesse o pedido.

— Por que estamos todos vindo aqui para fora? — Jordan me perguntou, fazendo um contato visual com a melhor amiga, mas sem sinal de alguma resposta, já que ninguém ali daria.

— O quanto você acha que eu te amo? — perguntei, após parar com a minha garota no meio daquele local lindo, que estava lotado de pequenas luzes pelas árvores.

Meu coração estava acelerado, ansioso diante da loucura que eu iria cometer por ela.

Mais uma de tantas.

— Eu acho que sou o grande amor da sua vida, Seb — respondeu, tentando segurar o sorriso que queria se formar em seus lábios.

Errado.

Ela era mais do que aquilo. Ela era o meu mundo inteiro.

— Você é a pessoa com a qual eu quero passar o resto da minha vida. Você é tudo que eu queria, acho que sempre quis... — Todo aquele ciúme, preocupação e até mesmo implicância. Tudo

aquilo já era amor, mesmo que não parecesse. — O que diferencia um amor para a nossa vida toda de qualquer outro tipo de amor é a escolha de permanecer e fazer dar certo... E eu quero dar certo com você.

— Nós damos certo, amor. — JJ parecia um tanto confusa com o que eu estava falando, mas logo ela entenderia.

Ajoelhei-me, pegando do meu bolso a caixinha com a esmeralda mais linda do mundo, e finalmente proferi a frase que treinei milhões de vezes em frente ao espelho:

— Quero que sejamos certos um para o outro sempre, todos os dias... Quero que saiba que nossa casa sempre será nossa, que nossa vida sempre será juntos, que seremos eternamente a família um do outro. Eu te amo mais do que poderia imaginar que um dia amaria uma mulher. Você faz parte de mim, da minha alma. É como se eu tivesse encontrado a parte do meu coração que nem sabia que estava perdida. Com você, eu me sinto completo. Eu amo você, eu pertenço a você... — Minha voz falhou um pouco assim que eu vi os olhos marejados de Jordan derrubarem algumas lágrimas e sua mão segurar seus lábios trêmulos. Tão linda, tão minha. — Você me dá a honra de ser o seu marido? Você me dá a honra de ser o seu para sempre?

— Sim! — Tirando a mão da boca, ela disse quase alto demais. Jordan abriu um sorriso tão grande que me fez sorrir também. — Sim! Sim! Sim!

Com a mãozinha esticada para mim, eu a segurei com cuidado e coloquei o anel em seu dedo anelar. E talvez, tenha sido bem naquela hora que realizei o que tínhamos feito.

Jordan e eu tínhamos nos encontrado em um mundo tão grande e assustador... Contra todas as possibilidades, contrariando tudo o que fosse lógico ou racional, nos esbarramos e permitimos que nossas almas se fundissem uma na outra. E agora, estávamos fadados a percorrermos todo o restante da nossa jornada juntos.

Levantei-me, mas não dei tempo para ela dizer algo, apenas beijei sua boca de maneira apaixonada, roubando alguns gritos animados e eufóricos dos nossos amigos.

Porra, eles estavam ali por mim... Eles sempre estiveram, mesmo quando eu não merecia. Eles aguentaram o meu pior lado, e eu os presentearia com o melhor de mim para sempre.

Eles haviam me dado minha filha e acreditava que, de alguma forma, haviam dado também a minha mulher.

— Já chega de beijo, né, papai! — Aimée puxou a aba do meu terno, chamando a nossa atenção.

— Pronto, pronto... Já parei! — Finalizei o beijo com Jordan, risonho.

Ela era realmente uma coisinha ciumenta.

— Agora nós vamos ser realmente uma família, mamãe!

Meu Deus, mamãe?!

Aquilo era um sonho.

— Somos, meu amor... — Jordan pegou Aimée no colo de um jeito engraçado, porque minha filha já era alta e pesada para a idade, e bom, Jordan era muito pequena. — Ela me pediu para ser mãe dela hoje à tarde, acredita?

O jeitinho que Jordan estava emocionada, me emocionou também.

— Vocês são o que tenho de mais precioso. — Beijei a testa de ambas. — Eu amo vocês.

— E nós amamos você, papai!

E foi assim que comecei a parte mais feliz da minha história.

Era apenas o começo de tudo, mesmo que parecesse o final.

Sempre fui um cara perfeccionista, mas foi com aquelas duas lindas garotas que entendi que o melhor tipo de amor era o imperfeito.

Eram os amores imperfeitos que faziam nossas almas reviverem e nossos corações acalmarem.

Eram os amores imperfeitos que nos faziam felizes para sempre.

EPÍLOGO



Sebastian Sinclair

UM ANO DEPOIS

Estou nervoso para um caralho! Achava que estava mais nervoso para o meu casamento do que estive para a minha estreia na NFL.

Mas como não estar? Jordan quis um casamento digno de uma princesa, na igreja e com tudo o que tínhamos direito, e agora, eu só conseguia pensar que ela estava quase duas horas atrasada.

Nenhuma das madrinhas tinha chegado, nem mesmo Aimée estava ali...

Será que elas fugiram? Será que Jordan viu que eu sou um babaca e decidiu que não quer mais se casar comigo?

Não era possível que ela tivesse demorado quase dois anos para perceber que eu era um idiota. Mas eu melhorei, nem ligava mais quando os meninos diziam que eu era o cachorrinho dela e que, se eu pudesse, andaria até de coleira.

Até porque, eu não iria brigar com a verdade, né? Não era burro a esse ponto.

— Meu Deus, homem, você vai infartar desse jeito. Relaxa! — implicou Logan Azzaro-Gauthier, o mesmo que havia se casado em um ato de loucura em plena Las Vegas.

— Não tem como relaxar quando sua noiva está duas horas atrasada — sibilei baixinho, tentando não chamar a atenção dos duzentos e cinquenta convidados presentes naquela capela em um sábado de verão.

Duzentas e cinquenta pessoas. Eu nem sabia que conhecíamos tanta gente.

Todos estavam ali, desde os meus amigos que moravam em outros estados — como Tyler Blossom e Rebecca Wilson com seus companheiros, e Harmony com o marido, Joshua —, até mesmo colegas que quase não víamos mais, como Ellie com o namorado, Roman e Athena. Meus novos colegas de time também estavam presentes e, claro, toda a família Azzaro também.

Porra, e se eu fosse largado no altar na frente de todas aquelas pessoas? Não era possível... Jordan jamais faria isso comigo.

Ela tinha amado planejar aquele casamento.

Ela tinha pensado em cada detalhe do que estávamos vendo na capela naquela manhã. Das tulipas brancas até o tapete persa que estava no caminho que ela iria fazer até mim.

Eu tive que me batizar na igreja católica para realizar o sonho dela. Inclusive, foi só quando estávamos organizando o casamento, que eu descobri que Jordan era católica. Então, assim, não tinha como ela ter desistido.

Simplesmente não existia tal possibilidade.

— Você vai passar mal desse jeito, cara! — comentou o mais lento do nosso grupo. Afinal, Noah já bateria a marca de dois anos de noivado e ainda não tinha passado por tamanho martírio.

— Quando for a sua vez, a gente conversa, neném — murmurei discretamente, sorrindo para Athena, que para a surpresa de todos, estava namorando ninguém menos do que Hero, nosso ex-companheiro de time e agora baterista e líder da The Galaxy of Chaos.

A banda, até então, tinha um contrato milionário com a gravadora Themores e era a grande aposta de sucesso para os próximos anos. Aliás, eles já tinham começado a abrir alguns shows de bandas maiores ali nos Estados Unidos. Não tinha dúvidas de que estávamos participando do começo de algo estrondoso, algo muito maior do que qualquer coisa que já tínhamos visto antes.

— Mas o Noah tem razão, você vai passar mal. E está suando como um porco. Sossega! — Foi a vez do emocionado mais lento de todos os lentos, que eu já tinha visto na vida, falar.

— Você é outro que não pode falar nada. Vai pedir a Zoella em casamento quando? O pai dela é louco de deixar você namorar com aquela garota por tanto tempo sem uma aliança no dedo.

Ainda mais nervoso, passei o lenço na minha testa e o guardei novamente no meu bolso do terno em seguida.

— Jordan é doida por se casar com você... Como pode alguém ser tão insuportável? Me diz! — Matteo rebateu perto do meu ouvido.

— Vocês também acham que ela pode ter desistido? — Finalmente, me virei para os meus padrinhos de casamento, tentando não surtar.

Mas a verdade era que eu estava surtando.

— Lógico que não! — Logan tentou me acalmar, fazendo os outros dois concordarem.

— Ela não gostou do penteado e fez a mulher mudar tudo de última hora. Essas coisas demoram — Noah me explicou, como se eu tivesse doze anos.

— É a cara dela me fazer infartar porque não gostou do maldito penteado... Quem liga para isso? Me diz! Ela seria a mulher mais perfeita do mundo, mesmo se usasse uma melancia na cabeça.

— Ainda é muito estranho te ver falando coisas assim... — Matteo balbuciou, parecendo ter sido pego de surpresa. — Cadê o homem antirelacionamentos que eu conheci?

— Conheceu você e sua família de malucos, e finalmente entendeu aquele negócio sobre encontrar o amor que foi destinado a nós... O problema é que o amor que foi destinado a mim está atrasado há duas horas bem no dia do nosso casamento, porra! — sussurrei de volta.

Quando chegássemos naquele hotel para a nossa lua de mel, meu chicote iria ficar bem feliz em encontrar a bunda daquela desgraçada do caralho.

Onde ela estava? Eu só queria me casar!

— Que bonitinho ele todo ansioso — Logan brincou, mas logo se aprumou, olhando mais adiante. — Fica na posição certa, capitão. O amor da sua vida chegou.

Ao invés de aquilo me acalmar, só me deixou ainda mais nervoso.

As portas da igreja foram abertas e a marcha nupcial começou. De uma forma harmônica, a música tradicional foi dando lugar à música romântica *Young and Beautiful*, da Lana Del Rey, a escolhida de Jordan para se entregar inteiramente a mim.

Porra, poderia esquecer qualquer sessão de BDSM, qualquer jogo... Qualquer merda.

Era ali, naquele exato momento, que tudo na minha vida havia feito sentido.

Eu havia nascido para ser dela.

Eu havia sido feito para amá-la.

Aimée entrou primeiro, espalhando flores pelo caminho e, enfim, Jordan apareceu. Linda, com um véu enorme e um vestido digno de princesa, como ela tanto queria.

Meu coração acelerou e as lágrimas caíram pelo meu rosto sem que eu notasse.

Minhas mãos suavam.

Meu coração batia tão forte, que eu quase podia senti-lo contra o meu peito.

Sentia tudo.

Sentia demais.

Sentia tanto, que comecei a ver círculos pretos em minha visão.

Ah, não... Mas não é possível.

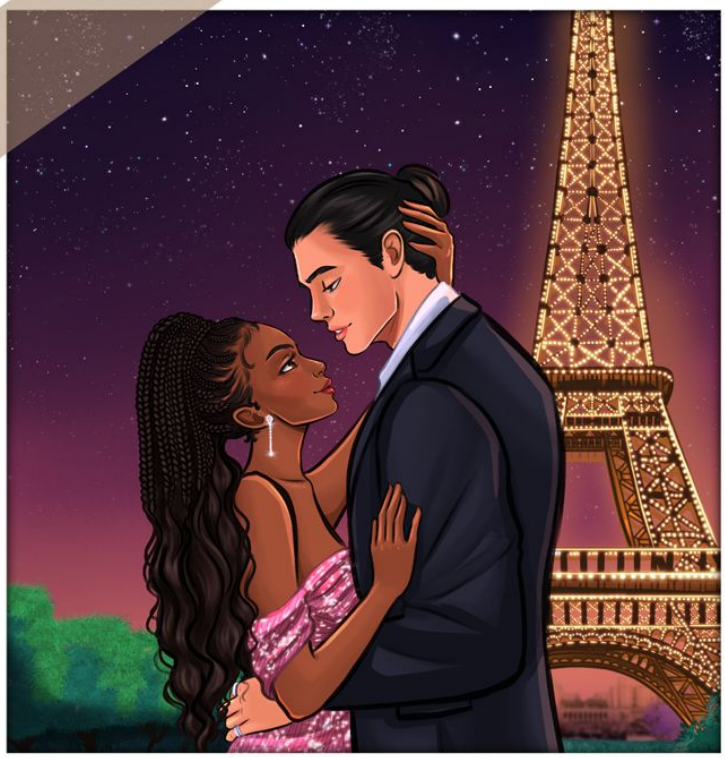
— Meninos... — Eles nunca iriam me deixar em paz depois daquilo. — Me segurem, porque eu vou desmaiar.

Foi a única coisa que eu consegui dizer antes de tudo ficar escuro.

Que bom que eu já tinha entendido que as melhores histórias sempre eram imperfeitas, pois não tinha dúvidas de que eu tinha acabado de acabar com a perfeição do meu casamento.

Mas tudo bem.

Minha noiva sabia lidar com momentos imperfeitos, ela havia superado todos eles como ninguém.





A linha de sucessão



Aimée Rose Lewis-Sinclair

18 ANOS
OITO ANOS DEPOIS DO FINAL DE PERDIDOS

Nova Iorque era a minha terra natal, e ainda tinha alguns fantasmas que vagavam por aquelas ruas. Não que aquele fosse um dia bom para pensar na mulher que não me quis, não era.

Eu finalmente estava vivendo o meu sonho. Depois de ter passado anos convencendo meu pai que meu lugar era nas passarelas, eu tinha conseguido o meu primeiro contrato com uma grande agência novaiorquina. O que era perfeito, já que Thomas, meu primo e melhor amigo, também morava por ali e ofereceu para dividir seu apartamento comigo, o que só me ajudou com o meu pai.

Sr. Lewis-Sinclair era um homem protetor e muito chato quando se tratava da minha vida, então era óbvio que, quando Thomas disse que ficaria de olho em mim, ele se tranquilizou um pouco mais diante de toda aquela história.

O que meu pai não sabia era que Thomas e eu devíamos uma espécie de lealdade um ao outro, assim como ele dividia com os meus tios. Éramos parceiros no crime. Inclusive, era por isso que estávamos naquela festa, no apartamento do grande astro da banda The Galaxy of Chaos.

Como o *quarterback* mais famoso da atual liga dos Estados Unidos, Thommy tinha muitos contatos, e foi assim que conseguimos um convite para estar ali naquela noite.

— Essa sua obsessão ainda vai nos colocar em problemas! — o menino loiro, que tinha mais do meu tio Logan do que ele gostava de admitir, me avisou, preocupado.

Ele sabia o que eu tinha ido fazer ali e não estava gostando nadinha daquilo.

Kyle Ettore era tudo o que eu queria, e nada e nem ninguém me faria desistir de tê-lo.

— Não vai, não. Tudo vai dar certo, Thommy, relaxa — falei, já olhando de um lado para o outro, tentando achá-lo no meio de todas aquelas pessoas.

— Ele tem a idade do seu pai, Aimée — Ele não cansava de me lembrar daquele detalhe.

— Meu pai me teve com quatorze anos, Thomas. Ninguém deveria ter filhos nessa idade, esse argumento não cola comigo.

Kyle sempre dizia que ainda não tinha encontrado uma musa para suas músicas. A verdade era que a musa dele sempre tinha sido a cocaína. A droga era a grande paixão dele e isso, ele nunca tinha escondido de ninguém.

Kyle era obcecado por pó.

Já eu, era obcecada por ele.

Porra, eu pareço uma louca pensando esse tipo de coisa...

Mas esse era o problema. Eu estava louca, completamente pirada por aquele homem que parecia ter sido feito para mim. Eu sentia isso.

Eu mal sabia explicar, entretanto, tinha certeza de que era real.

— Seu pai vai te colocar de castigo até o fim da vida se descobrir que você está com esse cara. O Kyle é um problema com o qual você não consegue lidar, estrelinha.

— Talvez, eu consiga.

Talvez, *só eu* consiga.

Quando olhei para esquerda, o achei. Sentado no sofá, o homem loiro que tinha uma barba cerrada, que parecia não ser feita há alguns dias, estava todo de preto, com a roupa social, e tinha um violão nas mãos.

Poderia jurar que nunca tinha encontrado um homem tão perfeito como ele.

Uma casca perfeita com um interior tão podre quanto o meu.

Apenas com um gesto de cabeça, Kyle me chamou para perto dele. Eu sempre soube que ele se interessaria por mim, não tinha como não ser desse jeito.

— Quantos anos você tem, garota com olhos de estrelas?

Então, Thommy tinha sumido para mim.

O mundo inteiro tinha sumido.

Por um segundo, parecia só existir ele e eu.

— Dezoito — murmurei, perdendo completamente minha falsa confiança de segundos atrás.

— Não está mentindo para mim, não é?

O sotaque texano com aquela voz rouca e grossa parecia ser capaz de entrar no meu corpo, atiçando cada molécula que compunha meu ser.

— Não, juro. Fiz dezoito no dia sete de outubro.

— Bom... Vem aqui, olhos de estrela. Quero ver o que você esconde mais de perto.

Olhos de estrela...

Era um apelido estranho, mas não consegui perguntar nada. Eu mal conseguia falar. Quando dei por mim, estava sentada de lado no colo dele, olhando seus olhos azuis tão de perto e tendo sua boca ao meu alcance com um simples movimento.

Aquilo realmente estava acontecendo?

— Sua boca é tão bonita... Eu odiaria que ela contasse mentiras — murmurou contra os meus lábios.

— Não vou mentir para você... — Ofeguei, sentindo minha calcinha molhar pela excitação que eu já sentia.

— Mas eu vou. — Sua mão foi para o meu cabelo, me puxando para mais perto dele. — E minha primeira mentira será fingir que eu não sei que você é filha dos dois melhores jogadores de futebol que esse país já viu... Vou fingir que não sei que você já tentou entrar no meu camarim duas vezes em um prazo de seis meses... Vou fingir que você não será um problema para mim... Vou mentir para caralho, Aimée Lewis-Sinclair. Inclusive, vou mentir que eu te conheci e que você esteve sentada no meu colo.

Tive que respirar fundo para não gemer ali, bem no meio de todas aquelas pessoas.

— Então, antes que eu faça qualquer coisa com você, estou te dizendo que nossa história não será composta de amor. Ela sempre

será composta de mentiras.

E foi assim que Kyle me avisou que eu iria sofrer por ele, que eu iria acabar comigo estando com ele.

Mas, em vez de me levantar, eu fiquei.

Em vez de fugir, eu o abracei.

Em vez de fazer o certo, eu o beijei.

Foi exatamente assim que começamos a composição das nossas mentiras.



Thomas Azzaro-Gauthier

28 ANOS
OITO ANOS DEPOIS DA HISTÓRIA DE AIMÉE

Minha cabeça doía.

Meu corpo doía.

Meu pau, então… Nem se fala.

Peguei meu telefone, que vibrava sem parar sobre a mesa de cabeceirar, e gemi ao constatar que era minha mãe.

Ela já tinha me ligado quatro vezes.

Porém, eu não conseguiria falar com ela daquele jeito. Tinha cinco mulheres na minha cama naquele momento. Eu era sem-

noção, mas não tanto. Jamais falaria com a minha mãe ainda estando no meio de uma suruba.

Desliguei a ligação, como se não tivesse medo de morrer, e me levantei, olhando para as mulheres que ainda dormiam na cama imensa que tinha no meu quarto. Suas bundas estavam marcadas, assim como seus pulsos.

Porque era assim que eu gostava de foder. Com várias. E com comando.

Saí do quarto para preparar um café porque, além de tudo, elas precisavam de um *aftercare* decente, além claro, de mostrar que eu era exatamente como a mídia me pintava.

Um príncipe.

Diferente do comum, mas ainda assim, um príncipe.

Ainda estava com sono, então fiz tudo meio no automático. Coloquei o café na cafeteira e quebrei alguns ovos para preparar a omelete, fingindo que não estava vendo minha mãe e meu pai sentados na mesa de jantar do meu apartamento.

Não tinha como eles terem voltado mais cedo das férias por minha causa, certo? Além do mais, eles tinham mais dois filhos para cuidar.

Aquilo só podia ser alucinação.

— Gosto sempre de me lembrar que você me pediu para ser sua mamãe... Se lembra, amor, de como ele era uma gracinha naquela época?

É... Não era alucinação, eles realmente estavam ali.

— Custava atender as ligações da sua mãe, meu filho? Eu estava tão feliz jogando poker com os seus tios, e olhe só, estou aqui nesta cidade que eu nem gosto, tendo que brigar com você...

Já que agora, você decidiu que não vai mais para nossa casa de férias.

Meu pai parecia mais cansado, mas também, com tantas empresas para gerir, três filhos para criar e uma mulher que ele mimava sempre que podia... Não tinha como não estar cansado.

— Gente, fazem uns quinze anos que vamos para as nossas casas de praia. Eu não aguento mais. Neste ano, eu vou para as Maldivas, e vocês não vão me convencer do contrário.

Depois que meu pai inventou aquela história de um condomínio na praia, onde ficaríamos todos reunidos por uns dois meses por ano, todo e qualquer planejamento de viagens de férias tinha ido pelos ares.

Todos eles sempre queriam ficar juntos, e porra, eu já tinha crescido. Queria fazer outras coisas.

— A Emma vai apresentar o namorado para a família — mamãe falou, como se não estivesse me contando a maior loucura daquele ano. — Achei que gostaria de saber que sua protegida está com alguém.

— Não está, não. Ela me contaria.

Certo? Lógico que ela me contaria.

Ela não seria louca de começar a namorar sem me avisar.

— Por que te contaria? Você não a vê há o quê? Uns dois anos?

Já fazia todo aquele tempo?

— Quatro anos. Na última vez que Thommy participou das nossas férias, ela não foi porque estava fazendo intercâmbio na Inglaterra, lembra?

Não podia ser...

— Não faz quatro anos que eu não converso com a minha ratinha.

Ou fazia?

Quando tinha sido mesmo que eu mandei mensagem para ela pela última vez? Meu Deus. Meu pai tinha razão quando falava que eu era desligado como o tio Noah.

— Lógico que faz! Você nem foi ao aniversário de dezoito anos da menina, seu ingrato! — mamãe não falou... Ela berrou.

Estava tão puta comigo, que eu não sabia como não tinha tacado aquela bolsa da *Prada* na minha cabeça.

— Ela já tem dezoito anos?!

Porra, não era possível.

— Logan, conversa com o seu filho antes que eu o mate?! — mamãe suplicou para o marido, falando bem sério.

— Thommy, depois que ganhou seu terceiro *Super Bowl*, você ficou bem distante... Se te vemos umas quatro, cinco vezes por ano, é porque viemos até Nova Iorque para isso. Não sei se aconteceu alguma coisa, mas estamos realmente preocupados, meu filho.

Tinha acontecido várias coisas, mas nada que justificasse o meu sumiço.

A verdade era que eu tinha que admitir que a fama mexeu com a minha cabeça. Todo aquele dinheiro, mulheres e festas... Tudo aquilo me deslumbrou.

— Eu vou melhorar. — Era uma promessa. Suspirei. — E vou arrumar minha mala para ir com vocês.

Precisava resolver aquela história de namoro.

Além do mais, eles eram minha família...

Quando as cinco garotas saíram do quarto, recebi olhares com o mais puro ódio da minha mãe, mas ela não disse nada.

Meu problema tinha só começado. E era bom que eu limpasse minha barra logo, porque eu andava sendo um belo de um pau no cu há alguns anos.

Mas, porra, namorado?!

Ela era só um bebê.

Ou, pelo menos, era até uns anos atrás.

Agradecimentos

Eu tentei escrever esses agradecimentos tantas vezes, mas ele simplesmente nunca saía. Acho que ao escrevê-lo, vou realizar que essa série realmente acabou e que eu cometi um monte de loucuras que nunca imaginei que cometeria.

Porque, sim, escrever é uma loucura para mim.

Bruna Moresco foi uma adolescente difícil de lidar. Notas ruins, rejeitada, ansiosa, depressiva, diagnosticada com TDAH, faladeira, engraçada, festeira, companheira, reclusa, brava, arrogante. E triste... Muito, mas muito triste.

Tão triste que, por um tempo, eu achei que ela nunca mais fosse ser feliz.

Estão notando semelhanças? Hahaha! Eu já fui eles. Na verdade, acho que ainda sou um pouco de todos eles.

Quando pensei no nome dessa série, pensei literalmente em mim e na minha necessidade latente de ser amada com as minhas imperfeições. E olha... Elas são inúmeras. Hoje em dia, não sou tão difícil de lidar, mas sei que não sou tão amável quanto eu gostaria.

Eu ainda não presto atenção no que as pessoas estão falando quando mexo no meu celular. Eu ainda tenho crises de ansiedade que me fazem pensar em coisas ruins por horas. Eu ainda tenho dias em que luto para sair da cama e tomar um mísero banho. Eu

ainda choro de saudade do meu pai como uma garotinha. Eu ainda corro para o colo da minha mãe quando tudo dá errado. Eu ainda acredito no amor e vivo sonhando com amores impossíveis.

Eu ainda sou eu, mas agora, eu gosto muito de mim. E não sou mais triste. Muito pelo contrário, eu sou muito feliz!

Sim, eu ainda faço terapia toda segunda-feira e tomo remédios diariamente. Eu ainda tenho crises e momentos terríveis, mas sou bem feliz. Tipo, genuinamente.

Eu gosto das minhas imperfeições porque eu aprendi a gostar de cada parte zinha que me compõe.

Então, antes de mais nada, eu agradeço à menina que eu fui, à adolescente difícil e imperfeita que, por muito tempo, achou que o mundo seria melhor sem ela.

Pequena Bru, a vida é difícil. Um saco, às vezes, é verdade. Mas, sabe, ela melhora. Todos aqueles professores, que diziam que você não seria nada, estavam errados. Você se formou na faculdade de psicologia que tanto queria e foi uma ótima psicóloga até que descobriu que era uma ótima escritora. Você encontrou o príncipe encantado dos seus sonhos, e juro para você, ele é bem melhor do que um dia poderíamos sonhar. Você tem amigas incríveis e que, mesmo você sendo ansiosa e um pouco surtada, ficam do seu lado independentemente de qualquer coisa. Você não chora mais tanto pelo papai, a não ser quando conquista alguma coisa muito foda, daí, você olha para as estrelas e sorri, sabendo que ele está orgulhoso. Inclusive, sabe aquele medo que você tinha de nunca dar orgulho à mamãe? Ele nunca se concretizou. Ela ama a gente e indica nossos livros para qualquer um que vê pela frente. Tudo isso que você viveu se transformou, de alguma forma, em

palavras e elas ajudam pessoas. Tudo valeu a pena. Suas lágrimas, seus medos, suas dúvidas… Tudo valeu a pena. Então, obrigada por não ter desistido da gente. Se hoje a Bruna Pallazzo existe, é por sua causa. Eu amo você, de verdade. Eu amo toda a vida que estamos criando... É uma delícia vivê-la.

Ao meu pai, que infelizmente não está aqui para ler minhas palavras, eu agradeço por tudo. Os dezesseis anos ao seu lado me marcaram de um jeito, que acho que nunca vou conseguir expressar em palavras o quanto eu amei e sigo amando com você. Um dia, você me disse que eu iria poder ser o que eu quisesse, que você sempre estaria do meu lado me apoiando e fazendo de tudo para que eu alcançasse meus objetivos. Não tenho dúvidas de que está cumprido sua promessa. Eu te amo imensamente e não se preocupe, eu fiquei bem... Eu aprendi a viver sem você, mesmo que ainda tenha dias que eu mal consiga respirar por sentir tanta saudade. Saudade não mata e, como você me disse em sonho, eu ainda tenho muito para viver. Estou vivendo, pai. Estou cumprindo com todas as suas promessas, mesmo que não esteja mais aqui para realizá-las. Estou honrando você, mesmo que não esteja mais aqui. Te amo. Te amo. Te amo! Obrigada por tudo. Você foi o melhor pai, mesmo sendo o mais imperfeito.

À minha mãe, a mulher que me ensinou a escutar o amor no silêncio, a mesma que já teve que fazer tanto por mim, que acho que até chegou a perder as forças por breves momentos. Acho que eu nunca cheguei a me desculpar por ter te dado tanto trabalho. Eu sei, ser minha mãe, por vezes, foi difícil, mas espero que tudo tenha valido a pena. Que todas as horas de medo e preocupação, e até mesmo de brigas, tenham realmente valido a pena. Para mim,

valeu. De todos que já passaram na minha vida, você foi a única que verdadeiramente confiou em mim desde sempre, que me aceitou e me apoiou, mesmo quando nem tinha motivos para isso. Obrigada por me amar incondicionalmente. Se hoje eu escrevo sobre amores incondicionais é porque vi em você, o amor em sua forma mais pura. Eu te amo imensamente. Incondicionalmente. Eternamente. Sem você, eu não seria eu. Me sinto honrada por ser sua filha, é um privilégio dividir esse elo com você.

Ao meu noivo, eu sei que amar alguém como eu requer doses de paciência e persistência que muitos não têm. Não que eu precise que mais alguém me ame, eu não preciso. Eu sonhava com você quando eu tinha doze anos – eu sei, Matteo Azzaro, as pessoas não entendem pessoas como nós –, olhava para as estrelas e ficava horas imaginando onde o amor da minha vida estaria e o que ele estaria fazendo como seria seu rosto, seus gostos. Quando eu te vi, simplesmente soube e você também, mas eu estava estilhaçada em um milhão de pedacinhos e acabei te cortando um pouco no processo, mas tudo bem, porque você se mascarou para mim por algum tempo até que tivesse coragem de me mostrar que era tão envenenado quanto eu. Nos perdemos um no outro da maneira mais bela que pod íamos. Nos apaixonamos de verdade, com todos os clichês que eu gostaria de viver. Eu amo suas covinhas, você ama meus cachos. Eu amo seu carinho, você ama minha risada. Eu amo o seu silêncio, já você precisa da minha gritaria. Obrigada por viver um “felizes para sempre” imperfeito comigo. Não é fácil me dividir com a escrita, mas é aquela coisa sobre o amor incondicional. A gente se aceita em todas as nossas fases. Te amo desde o primeiro olhar e vou te amar para sempre.

Aos meus leitores. Puta merda, vocês existem. Tipo, meu Deus do céu, vocês realmente gostam do meu trabalho e gostam do que eu escrevo. Bom, primeiramente, preciso agradecer por vocês me darem um emprego. Tipo, de verdade, é meio estressante eu passar horas olhando para uma tela de computador e falando com gente que não existe? Sim. Mas eu juro para vocês que é o melhor trabalho que eu poderia ter. Obrigada por cada avaliação. Obrigada por cada DM. Por cada surto. E por cada lágrima também, porque preciso ser honesta em dizer que as provoquei com intenção, tá? Não se enganem pela carinha de neném. Obrigada por embarcar nessa jornada comigo, e espero sempre honrar a confiança que vocês depositam em mim. Saibam que a cada palavra que eu coloco no papel tem muita dedicação. De coração: Amo vocês!

À minha dupla de jornada. Lembra quando eu te mandei mensagem falando que queria escrever um livro e você me perguntou sobre a história? Lembra de quando eu passei horas e mais horas te mandando áudios sobre essa série. Você escutou todo o meu sonho, e acreditou nele tanto quanto eu. Nossa história é tão imperfeita quanto os amores que eu escrevo, e sabe por que eu estou te dizendo isso? Para deixar claro que eu me orgulho de tudo que construímos. Nossas imperfeições transformaram nossa amizade em uma fortaleza, e eu amo que tenhamos sido capazes de fazer algo tão especial em um universo tão difícil quanto o nosso. Com passados tão complexos como os que carregamos. Você é um ser humano incrível, Tatiane. Mesmo que se esqueça disso, estou sempre aqui para te lembrar que você vale a pena. Que eu aprecio a pessoa que você se tornou e é. Obrigada por absolutamente tudo que fez por mim. Por todas as ideias de cenas que eu já escrevi. Por

me escutar falando de trabalho vinte e quatro horas por dia. Por ser sincera em suas colocações e principalmente, por torcer tanto por mim. Só eu sei a quantidade de coisas que você fez pelo Brunaverso. Vídeos. Post. Betagem. Horas e mais horas de chamada de vídeo para que eu escrevesse mesmo estando tendo crises de ansiedade. Viu? Eu vejo o seu amor em forma de gestos, espero que sempre entenda o meu em forma de palavras. Eu te amo. Sempre será eu por você e você por mim. É uma honra ser sua melhor amiga.

Gabi. Minha marida. Meu presente precioso que eu tenho tanta gratidão por guardar. Você é um achado e espero que compreenda isso. Você chegou no meio de uma tempestade e ficou... Você ficou, sabe? E o melhor de tudo é que você me entendeu e foi minha razão sempre que eu precisei. Sempre fui como o Sebastian. Vejo as pessoas e simplesmente me apaixono por elas. Eu sempre sei que elas são para mim. Foi o que eu vi em você. Adoro nossas tardes no shopping falando sobre tudo e nada. Amo nossas trocas sobre o trabalho. Sou grata por todas as vezes que você me alivia com suas palavras sábias. E me sinto honrada por ser escutada por você. Espero que entenda que suas imperfeições só te fazem uma pessoa melhor. Obrigada por me deixar entrar em seu coração, e por se abrir para mim. Obrigada por dividir seu universo, e por construir algo tão foda junto comigo. Às vezes, sinto que somos peças de um quebra-cabeça que se encaixam perfeitamente. Você completa meus pensamentos, e dá voz às coisas que eu guardo lá no fundinho da minha alma. Tem pessoas que esbarramos, e tem pessoas que encontramos. E você foi um encontro. Eu te amo, marida. E ah, mesmo que sempre conversamos sobre como o para

sempre não existe e nada é eterno e toda essa bobagem, eu torço para que eu ainda fique velha escutando você contar alguma história que nasceu da sua cabeça.

‘’Eu também escrevo, sabe, mas tenho medo, porque não sei muito bem como fazer isso.’’ Você acreditou em mim, e me respondeu animada para que eu colocasse minhas palavras no papel o quanto antes. Você me ajudou a pensar nos títulos dos livros, e inclusive foi você que deu a ideia das texturas na capa. Sem você, eu não saberia colocar meu livro na amazon, e se não fosse pelo seu apoio no começo, eu nem saberia quem Bruna Pallazzo realmente era. Gêmea, eu sempre serei eternamente grata por tudo que fez por mim. E olha, que foram muitas coisas. Você foi uma das pessoas que mais teve impacto quando apareceu no meu caminho. Eu estava sozinha e você foi luz. Eu estava perdida e você me mostrou um caminho. Espero que um dia veja em você tudo que eu vejo, porque você é incrível. Te amo em todas as suas fases, e sei que você me ama em todas as minhas. Nosso tempo não é mais o mesmo, e Deus sabe como a loucura do nosso dia a dia é, mas espero que saiba que meu amor e gratidão por você seguirá intacto. Na imensidão desse mundo, não tenha dúvidas de que eu sempre estarei aqui para segurar sua mão. Te amo para sempre.

Meu pequeno e demonioco, Xuxu. Você é especial, sabia? Você aceita as pessoas pelo que elas guardam no coração e mesmo que não entenda isso, você é perfeita por tudo que te constrói. Eu amo seus áudios. Eu me divirto com as suas ideias. Eu sou mais feliz por poder ter você ao meu lado a cada mísero passo que dou. Você permanece de uma maneira linda na minha vida, e acho que preciso ser honesta em dizer que é sempre a pessoa que

me entende e não julga. Que pede desculpas e melhora. Você é tão incrível, que às vezes me pergunto o que viu em mim para ter coragem de abrir seu coração geladinho para mim. Obrigada por tudo. Obrigada por ser você. Te amo para caralho!

Tamires, você é um achado. Puta merda, como você é foda, garota. Chegou na minha vida e na minha história de um jeito quase meteórico. Foi um encontro de outras vidas, porque eu juro que sentia que já te conhecia perfeitamente e o mesmo valia para você. Obrigada por sua lealdade, e por me ensinar a sorrir em momentos de pura tensão. Obrigada por me acalmar quando tudo dá errado e por ler meus textos sendo uma das minhas maiores fãs. Eu sou mais feliz com você do meu lado. Obrigada por ter me escolhido. Como eu queria poder morar do seu ladinho só para poder te abraçar quando eu quisesse. Inclusive, estou morrendo de saudades. Você faz tudo ficar melhor, Tah. Te amo.

Hanna, minha assessora e meu bebê que eu peguei para criar, como sou grata por você. E nem digo por me entender na minha zona que eu chamo de agenda, ou por me organizar em meio ao caos. Agradeço por ser tão fã do meu trabalho e por ter se apaixonado por ele de um jeito tão lindo. Você diz que eu sou sua autora favorita e preciso ser honesta em dizer que te ter como leitora sempre será uma grande honra. Obrigada por entender meus sermões e puxadas de orelha. Eles sempre são para o seu bem. Obrigada por ter permanecido e ser tão leal. Você é maravilhosa, neném. Nunca se esqueça disso. Te amo.

Mah, e Aimée... Garotas, vocês foram um ar fresco para mim. Como eu sou grata por ter encontrado vocês nessa jornada louca que é a vida. Cada troca. Cada detalhe que vocês apontam. Cada

conselho. E principalmente, cada risada. Cada uma, em sua particularidade, faz da minha vida, um lugar melhor de se viver. Obrigada por aceitar todo o caos que vem junto com a Bruna Pallazzo, e todo o drama que vem junto com a Bruna Moresco. Eu aceito vocês do jeitinho que vocês são e agradeço a vocês por fazerem o mesmo comigo.

Às minhas betas e revisoras – todas elas... Sério, eu tenho uma imensidão de gente ao meu lado, e puta merda, como elas são incríveis! –, obrigada por tudo. Eu sei que esse livro foi intenso para todas nós. Ele tirou horas e mais horas da minha sanidade mental e vocês aguentaram tudo com perfeição. Obrigada por serem meu time maravilhoso. Obrigada pela paciência e dedicação. Vocês transformam minhas palavras imperfeitas em algo ainda mais incrível.

As minhas autoras favoritas, por terem tido a coragem de escrever e com isso me influenciaram a ter a mesma coragem. Vocês têm noção do impacto que tiveram na minha vida? Tem noção do impacto que vocês fazem na vida das pessoas. De alguma forma incrível, vocês mudam a vida de munda gente. Vocês mudaram a minha.

Por último, agradeço a todos aqueles que passaram na minha vida, e me ajudaram de alguma forma a Bruna Pallazzo a ser quem eu é hoje. De alguma forma, toda chegada e despedida me marcou e me ensinou de alguma forma. Obrigada por tudo, vocês sempre estarão marcados em mim.

Se estão se perguntando sobre o futuro do Brunaverso, não se preocupem. Isso foi apenas o começo. Tem muita história ainda por vir. Tantas que, às vezes, eu até me assusto com a quantidade.

Amores imperfeitos sempre será nossa casa, mas está na hora de viajar por aí... Nossa primeira parada será na Inglaterra, mais precisamente, na faculdade de Oxford. Dizem que por lá, vive um menino que acredita fielmente que nada, nem ninguém pode fazer a amizade que ele tem com a melhor amiga, terminar.

Nem mesmo uma noite louca onde ele acabou... Bem, de boca nela.

Ele acredita em para sempre, já ela, em destino.

Eles precisam de um final feliz.

Já sabem, né?

Com amor,

Bruna Pallazzo.

---

[1] Ele me trata como uma princesa, em italiano.